

HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

DE
PROFISSIONAIS A
EMPREENDEDORES

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

Tarcísio de Freitas

Vice-Governador

Felício Ramuth

Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação

Vahan Agopyan

CENTRO PAULA SOUZA

Diretora-Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretora-Superintendente

Emilena Lorenzon Bianco

Chefe de Gabinete da Superintendência

Armando Natal Maurício

Coordenadora da Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa

Helena Gemignani Peterossi

Coordenador do Ensino Superior de Graduação

Rafael Ferreira Alves

Coordenador do Ensino Médio e Técnico

Almério Melquíades de Araújo

Coordenadora de Formação Inicial e Educação Continuada

Marisa Souza

Coordenadora de Infraestrutura

Bruna Fernanda Ferreira

Coordenadora de Gestão Administrativa e Financeira

Magda de Oliveira Vieira

Coordenador de Recursos Humanos

Vicente Mellone Junior

Coordenadora da Assessoria e Inovação Tecnológica

Emilena Lorenzon Bianco

Coordenadora da Assessoria de Comunicação

Dirce Helena Salles

HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

DE PROFISSIONAIS A EMPREENDEDORES

Maria Lucía Mendes de Carvalho (org.)



São Paulo, 2023

HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: de profissionais a empreendedores

Coordenação Geral

Almério Melquíades de Araújo (Cetec)

Coordenação Geral de Organização

Lucília Guerra (Diretora da Cetec Capacitações)

Coordenação do projeto coletivo

Maria Lucia Mendes de Carvalho (Ceteccap, GEPEMHEP)

Organizadora

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Capa

Diego Pereira dos Santos
Marta Maria Mendonça de Almeida

Diagramação

Marta Maria Mendonça de Almeida

Impressão

Gráfica CS Ltda
Impresso em papel Offset 75g/m²

Ficha Catalográfica

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262

História oral na educação : de profissionais a empreendedores / Maria Lucia Mendes de Carvalho (organizadora). -- São Paulo : Centro Paula Souza, 2023. 428 p. : il. ; 22,5 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87877-48-8 (Impresso)

ISBN 978-65-87877-49-5 (Digital)

1. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. 2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 3. HISTÓRIA ORAL. 4. EMPREENDEDORES. I. Carvalho, Maria Lucia Mendes de (org.)

CDD 370.113

Sumário

Prefácio

Almério Melquíades de Araújo 9

Apresentação

Maria Lucia Mendes de Carvalho 11

Abertura Solene

Discurso I – *Maria Lucia Mendes de Carvalho* 15

Discurso II – *Lucília Guerra* 18

Sistematização do empreendedorismo nos currículos dos cursos técnicos do Centro Paula Souza

Gilson Rede 21

Centro Paula Souza e práticas educativas em prol do empreendedorismo

Maria Lucia Mendes de Carvalho 35

Empoderamento feminino no curso de Técnico em Agropecuária da Etec Orlando Quagilato

Janice Zilio Martins Pedroso..... 69

O Técnico em Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância na Etec Prof Matheus Leite de Abreu: história oral com alunos empreendedores

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva 89

Luan Rafael Castor Pinheiro: história de vida e o papel da Etec Cônego José Bento na sua atuação empreendedora

Julia Naomi Kanazawa 113

O empreendedorismo de sujeitos na trajetória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia, nos anos de 1980/1990

Maria Teresa Garbin Machado 131

De profissionais a empreendedores: histórias de vidas de ex-aluno de escolas técnicas profissionalizantes de Campinas

Américo Baptista Villela 157

História oral na educação: de profissionais a empreendedores da Etec Dona Escolástica Rosa

Marcia Cirino dos Santos 179

História oral na educação profissional e tecnológica: memórias de ex-alunos da Etec José Martimiano da Silva

Érika da Silva Bronzi Moura 193

A Etec Pedro Ferreira Alves na década de 1980 e o empreendedorismo feminino

Fábia Dovigo Pais 203

A contribuição do curso Técnico em Prótese Dentária na formação de alunos empreendedores	
<i>Jurema Rodrigues</i>	215
O curso Técnico Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (1975-1990):entrevista de história oral	
<i>Marlene Aparecida Guiselini Benedetti</i>	243
Relatos de história oral: egressos empreendedores da Etec Dr Júlio Cardoso	
<i>Joana Célia de Oliveira Borini</i>	263
Fatec Dr Thomaz Novelino: formando empreendedores em Franca	
<i>Liene Cunha Viana Bittar</i>	289
A importância do docente em Construção Civil na identificação profissional dos tecnólogos empreendedores	
<i>Maria Alice Pius</i>	301
História oral dos professores Luiz Antônio Koritiake e Bruno Vergilio, na Etec Fernando Prestes	
<i>Daniele Torres Loureiro</i>	317
Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004	
<i>Kelen Gracielle Magri Ferreira</i>	335

Etec Professor Camargo Aranha: minha escola do coração	
<i>Sibele Biondi Foltran</i>	359
Protagonismo discente e extensão: a trajetória de um aluno do IFSP	
<i>Fernanda Ferreira Boschini</i>	375
As narrativas como possibilidade de apropriações de um contexto histórico e práticas educacionais	
<i>Rosemeiry de Castro Prado</i>	
<i>Elaine Pasqualini</i>	
<i>Eunice Corrêa Sanches Belloti</i>	389
Políticas institucionais de internacionalização da educação profissional e tecnológica: um estudo a partir da história oral	
<i>Guilherme Antonio Bim Copiano</i>	
<i>Sueli Soares dos Santos Batista</i>	401
Sobre os autores	419

As entrevistas com professores que passaram por diferentes funções, como coordenação de cursos e de projetos na Etec e na Cetec e em direção de escola, são registros vivos de suas lembranças de acontecimentos que entrelaçaram sonhos individuais, ações empreendedoras que transformaram a oferta dos cursos e a estrutura das unidades escolares, avaliações críticas de fatos e decisões administrativas da instituição e as contribuições das parcerias com entes públicos e privados.

Os relatos revelam a paixão pelo trabalho docente na educação profissional, também a consciência de sua relevância para o futuro dos jovens e o aprimoramento de trabalhadores.

São histórias de vida, revelando o papel do fator humano, nos planos individuais e coletivos, para concretizar metas e atingir objetivos.

As falas das ex-alunas relatando suas trajetórias profissionais, são exemplos de empreendedorismo e de afirmação da competência feminina, em espaços que há poucas décadas lhes eram negados.

O reconhecimento da relevância do aprendizado no curso técnico para a superação das desconfianças, principalmente, em áreas com predominância masculina, confirma as pesquisas quanto a ser mais importante a formação técnica e profissional para as mulheres.

Na década de 1980, logo após a integração de 12 escolas técnicas, vinculadas à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – SEESP, ao Centro Paula Souza, já temos o registro de projetos interdisciplinares, que exploravam a criatividade e o espírito empreendedor dos alunos de diferentes cursos técnicos, e eram embriões dos trabalhos de conclusão de curso – TCC, que seriam institucionalizados em 2006.

As entrevistas e conversas, com professores, com ex-alunos, são muito mais que reminiscências, são registros da evolução do ensino público de São Paulo e inspiração para os professores e gestores de Etec e Fatec do Centro Paula Souza.

Almério Melquíades de Araújo
Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza
São Paulo, 26 de abril de 2023



Desde 2010, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) tem recebido apoio institucional para publicações produzidas a partir de palestras apresentadas em eventos temáticos, cujas pesquisas são realizadas por meio de projetos de horas-atividades específicas em “memórias” com professores que atuam em centros de memória institucionais, e que são coordenados na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec). Geralmente, esses professores-pesquisadores têm um sentido forte de pertencimento com a escola técnica ou com a faculdade de tecnologia, das quais são originários, e que poderá ser percebido durante a leitura dos artigos apresentados nesse livro sobre história oral na educação profissional e tecnológica de São Paulo.

O Centro Paula Souza é uma instituição pública paulista de educação profissional e tecnológica, pioneira na formação de tecnólogos, criada por decreto-lei em 6 de outubro de 1969 e, com as publicações do GEPEMHEP, deixa um legado sobre as contribuições e as transformações que ocorreram ao longo de mais de cinquenta anos, para o patrimônio histórico-educativo. Deixa um legado quem tem memórias, principalmente, através dos seus centros de memória e das narrativas autobiográficas coletadas por professores-pesquisadores, empregando como metodologia a história oral¹, e envolvendo como colaboradores docentes, discentes e gestores, que passaram pela instituição ou fazem parte do presente.

Essa obra é parte do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, proposto pela coordenação de projetos na Cetec, em junho de 2021, e realizado com a participação de professores-pesquisadores e de design convidados, com a intenção de conhecer a cultura e as práticas empreendedoras de profissionais formados pela educação profissional e/ou tecnológica, em diferentes regiões do estado de São Paulo.

Para compartilhar resultados desse projeto coletivo, do qual participaram professores-pesquisadores de onze centros de memória em escolas técnicas, de três acervos históricos institucionais, um de uma escola técnica, e outro de duas faculdades de tecnologia, e que estão localizadas em oito regiões administrativas do estado de São Paulo – Campinas (Campinas, Limeira, Espírito Santo do Pinhal e Mogi Mirim), Franca (Franca e Orlândia), São José do Rio Preto (São José do Rio Preto e Mirassol), São José dos Campos (Jacareí), Marília (Santa Cruz do Rio Pardo), Metropolitana SP (São Paulo), Ri-

¹ Consultar: Material didático institucional empregado no projeto coletivo sobre a metodologia de história oral na educação – <http://memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>

beirão Preto (Ribeirão Preto) e Baixada Santista (Santos) -, e que realizaram 64 entrevistas com ex-alunos e ex-professores, entre 2021 e 2022, foi organizado o **Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica**². Esse encontro foi promovido pelo Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão e pelo GEPEMHEP, entre 6 e 7 de outubro de 2022, no Centro de Capacitação do Centro Paula Souza, em São Paulo, no bairro de Santa Ifigênia, com o objetivo principal de apresentar palestras de estudos e pesquisas elaboradas a partir de entrevistas de história oral de vida, principalmente, com ex-alunos (as) que são ou tornaram-se empresários (as), e que foram concedidas a professores-pesquisadores³. Nesse encontro, profissionais de diferentes áreas do conhecimento (Figuras 1 e 2) discutiram as interfaces entre arquivos escolares e os documentos de registros de entrevistas, o que possibilitou a produção dessa obra.



Figura 1 – Participantes do Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica.
Fotografia: Antônio Martins Pedroso, em 06/10/2022.

2 Consultar: O Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica divulgado pelo link – <http://www.memorias.cpsctec.com.br/memorias2022/>

3 Consultar: Vídeos e documentos de registros de entrevistas de história oral com profissionais que se tornaram empresários (as) no link – <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaorailemp.php>



*Figura 2 – Participantes do Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica.
Fotografia: Antônio Martins Pedroso, em 07/10/2022.*

Como os temas principais do encontro foram a história oral e o empreendedorismo, convidou-se o Ms. Gilson Rede, diretor do Grupo de Formulação e Análises Curriculares na Cetec, para a palestra de abertura “Sistematização do empreendedorismo nos currículos dos cursos técnicos do Centro Paula Souza”. Dos vinte artigos apresentados, quatorze são de professores-pesquisadores, que são ou foram curadores em centros de memória institucional, sendo que destes, doze fazem parte do projeto coletivo; outros três, têm acervos históricos em escola técnica e em faculdades de tecnologia. Outros dois artigos, um é de mestre e orientadora da Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa do Centro Paula Souza, e o outro de instituição parceira, o Instituto Federal de São Paulo – IFSP.

É importante finalizar essa apresentação, agradecendo aos professores-pesquisadores que, em sua maioria, promoveram o bem-estar do GEPEMHEP ao manter o foco e realizar todas as ações propostas para o projeto coletivo.

Maria Lucia Mendes de Carvalho
São Paulo, 27 de abril de 2023

DISCURSO I

○ Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica é o primeiro promovido pelo Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) do Centro Paula Souza, que acontece entre 6 e 7 de outubro de 2022, de forma presencial, no Centro de Capacitação, em um ano comemorativo, o do jubileu de prata do projeto Historiografia das Escolas Técnicas mais Antigas do Estado de São Paulo.

Esse projeto, que foi proposto na Coordenadoria de Ensino Técnico, atual Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), coordenada pelo professor Almério Melquiades de Araujo, e sob a responsabilidade da professora Julia Falivene Alves, envolveu professores-coordenadores de 11 escolas técnicas, criadas entre as décadas de 1910 e 1930, com a intenção de realizar levantamento documental em arquivos escolares sobre as origens e evoluções dessas instituições, de forma a preservá-los, tornando-os documentos de arquivos permanentes. Nesse projeto, contaram com a assessoria de pesquisadoras do Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação/USP, em 1997. No ano seguinte, e por quatro anos, o apoio da FAPESP possibilitou criar os primeiros oito centros de memória em escolas técnicas da instituição, gerando duas publicações sobre documentos textuais, iconográficos e museológicos existentes nessas escolas técnicas. Lembrando que, em 1994, escolas centenárias foram transferidas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para o Centro Paula Souza e, portanto, um momento propício para salvaguardar documentos da história da educação profissional e da história institucional paulista.

O estímulo para realizar entrevistas de história oral, coletando depoimentos de ex-alunos, ex-professores e funcionários, acontece desde o projeto de parceria do CMEFEUSP/CPS com o apoio da FAPESP – Pesquisa sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais. Mas, a partir do programa Memórias proposto na Cetec em 2009, envolvendo professores-pesquisadores atuantes em centros de memória, com apoio de projetos de horas atividades-específicas na Cetec, decidiu-se oferecer capacitações denominadas Clubes de Memórias para discutir referenciais teóricos e o emprego da história oral

como metodologia de pesquisa. Em 2013, um procedimento foi estabelecido durante uma capacitação, por meio do material didático produzido “História oral na educação: memórias e identidades”, e criado com o apoio do Programa Brasil Profissionalizado, uma parceria firmada entre o Governo Federal com o Estado de São Paulo, oferecendo um curso com especialista no Centro Paula Souza.

É importante destacar que, desde 2016, há necessidade de incluir na documentação de registros de entrevistas, além dos termos de cessão dos direitos autorais e de autorização para uso de imagem, definidos institucionalmente, em 2013, o termo de consentimento livre e esclarecido, elaborado a partir de projetos propostos e inscritos na Plataforma Brasil. Em seguida, por essa plataforma, são indicados Comitês de Ética como avaliadores desses projetos, emitindo pareceres técnicos que devem ser citados para publicações científicas, por tratar-se de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. Esse procedimento possibilita atender à Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, implementada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Em 2021, foi proposto para o GEPEMHEP, o projeto coletivo História Oral em Educação: de profissionais a empreendedores, com duração de dois anos, iniciado em junho, e inscrito na Plataforma Brasil pela coordenadora do projeto, acompanhado das inscrições individuais de professores-pesquisadores, que aceitaram o convite de participação no projeto. Nesse mesmo ano, foram realizadas entrevistas de história oral de vida com ex-alunos, que são ou tornaram-se empresários, com a intenção de conhecer a cultura e as práticas empreendedoras de profissionais formados pela educação profissional e/ ou tecnológica, em diferentes regiões do estado de São Paulo.

Neste encontro, professores-pesquisadores, em sua maioria, curadores em centros de memória institucional, apresentam resultados das entrevistas com ex-alunos que se tornaram empresários, buscando compreender os processos que levam o sujeito a empreender as inovações na sociedade e no mundo do trabalho, possibilitando identificar os diferentes cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no país.

Com a realização deste evento, pretende-se que o Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica seja o primeiro de uma série, com a intenção de estimular professores a desenvolver projetos de pesquisa sobre a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural histórico-educativo e da ciência e tecnologia existentes em escolas técnicas e faculdades de tecnologia, e a empregar a metodologia da história oral, associada à cultura escolar, como categoria de investigação, de modo a tecer a história institucional, e difundir seus estudos em centros de memória ou acervos escolares, para professores e estudantes de graduação e pós-graduação institucional, e de outras instituições parceiras, que atuam com história da educação profissional e tecnológica.

Nesta ocasião especial, quando temos a oportunidade de compartilhar resultados de nossos projetos de pesquisas anuais, sou grata pela presença de todos e de todas neste encontro em prol da história da educação profissional e tecnológica.

Bom evento e muito obrigada!

Maria Lucia Mendes de Carvalho
Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação
Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP)/Cetec Capacitações
São Paulo, 6 de outubro de 2022

DISCURSO II

Bom dia a todos e todas!

Gostaria de cumprimentar, primeiramente, o Prof. Almério Melquíades de Araujo, aqui presente, e agradecer o apoio para estarmos aqui neste encontro, quando celebramos mais um momento de reflexão sobre a trajetória da Educação Profissional no Estado de São Paulo.

Agradeço especialmente à Profa. Maria Lucia Mendes de Carvalho, que coordena este projeto de memórias. É um trabalho bastante complexo e que impõe a dificuldade de buscar informações, objetos, relatos para que a história seja contada, registrada e exposta para conhecimento de todos.

O tema deste encontro História Oral na Educação – De Profissionais a Empreendedores nos remete ao Empreendedorismo presente nas carreiras e como consolida sua importância como parte das competências essenciais ao desenvolvimento profissional daqueles que buscam qualificação.

Ao longo de sua história, o Centro Paula Souza, sempre esteve atento às tendências de mercado e como associar competências essenciais para a formação de profissionais.

Há alguns anos, junto ao desenvolvimento técnico e científico, o Centro Paula Souza incluiu as competências empreendedoras como fundamentais para a formação de profissionais capacitados para enfrentar os desafios propostos pelo mundo do trabalho.

Neste encontro poderemos conhecer os trabalhos de 21 unidades, entre Escolas Técnicas e Faculdades de Tecnologia e um trabalho do Instituto Federal de São Paulo. Essas contribuições são essenciais para que se conheçam as práticas que esses centros de formação realizam e como entregam para o mercado de trabalho profissionais de excelência.

A excelência é traduzida pela demonstração, por parte do estudante, de um conjunto de competências que envolvem o desenvolvimento técnico e humano, capaz de se expressar de forma autônoma, empreendendo em favor do seu próprio crescimento e dos locais onde poderão aplicar suas habilidades profissionais.

As competências empreendedoras são de extrema importância e, para que se consolidem como diretrizes da formação profissional, houve um cuidadoso estudo para que esta estivesse presente nos currículos do Centro Paula Souza.

Atualmente, a partir da reforma do Ensino Médio, as práticas empreendedoras ganharam destaque, por serem consideradas estruturantes para a formação dos jovens. Na proposta do Centro Paula Souza se apresenta como

Laboratório de Práticas de Empreendedorismo. Essa concepção colabora com a ideia de experimento, pois entendemos o valor da prática para a aprendizagem significativa, algo bastante presente na educação profissional e que foi absorvida por toda a proposta do Ensino Médio.

Para nos apoiar nessa reflexão histórica, gostaria de agradecer a gentileza do Prof. Gilson Rede, diretor de departamento do Grupo de Formulação e Análises Curriculares, que poderá trazer as ações de sistematização do tema nos currículos, de modo a garantir que este fosse trabalhado em todas as habilitações profissionais.

Não é tarefa simples, mas já se provou essencial para a formação profissional contemporânea.

O projeto Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, que abraça o evento que estamos abrindo, é responsável por garantir que as trajetórias e inovações empreendidas pelo Centro Paula Souza sejam registradas. É de suma importância que, em um país sem memória, seja garantido o registro e a socialização de boas práticas, para que docentes e estudantes usufruam e ampliem o alcance dessas ações.

Quero agradecer por este trabalho que, em sua essência, tem uma característica igualmente empreendedora.

Desejo a todos que aproveitem as reflexões deste encontro, divulguem as ações realizadas pelas instituições que hoje contribuirão conosco e ampliem em seus contextos para novos e produtivos trabalhos.

Bom evento a todos.

Lucília Guerra
Diretora do Centro de Capacitação Técnica,
Pedagógica e de Gestão
São Paulo, 6 de outubro de 2022

Sistematização do empreendedorismo nos currículos dos cursos técnicos do Centro Paula Souza

Gilson Rede

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Tema amplo e gerador de diversas discussões, o empreendedorismo vem sendo analisado há bastante tempo pela sociedade. Embora seja, em linhas gerais, associada ao mundo dos negócios, à abertura de empresas ou à geração de lucro, a prática do empreendedorismo é multidisciplinar, podendo envolver, de fato, a criação de empreendimentos, mas também, pode ser difundida em várias esferas, como a educacional, principalmente a de nível médio.

É razoável essa associação do empreendedorismo ao mundo dos negócios, tendo em vista como o assunto é difundido pelos principais veículos de mídia, digital ou impressa. Segundo o Portal G1 – Empreendedorismo (2022), pode-se dizer que empreendedorismo é um conjunto de atitudes de pessoas que querem levar soluções inovadoras para mercados e sociedade, desenvolvendo com isso negócios e empresas.

Para Hashimoto (2017), o papel do empreendedor não se limita à criação de negócios, compreendendo, também, a implantação de métodos de produção, a abertura de um novo mercado, a busca por alternativas de materiais e a promoção de mudanças estruturais na organização.

Em um conceito mais sintético, Dornelas (2017) define empreender como sendo o ato de realizar sonhos, transformar ideias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade. O mesmo autor, em 2018, estabeleceu algumas diretrizes em relação ao perfil empreendedor que se deseja formar em estudantes, destacando algumas características, como o apetite por correr riscos calculados:

[...] algumas características ou traços empreendedores quase sempre são citados por pesquisadores como bastante comum aos empreendedores. Assumir riscos calculados é uma delas e que acaba por contrariar o mito de que os empreendedores são loucos pelo risco. [...] sabem que, se não arriscarem, dificilmente conseguirão grandes resultados. Por isso, buscam definir es-

estratégias para calcular e minimizar o risco, mesmo sabendo que eliminá-lo é tarefa impossível. (DORNELAS, 2018, p. 33)

Outros autores, como Rosa (2015), abordam o tema empreendedorismo de forma mais lúdica e introduzida nos processos das empresas, fazendo menção à capacidade de criar e inovar, inclusive atuando como funcionário de uma organização:

Empreendedores são pessoas criativas, determinadas e visionárias. Mas será que a única opção para os empreendedores é abrir um negócio próprio? Não necessariamente. As empresas também precisam de profissionais com atitudes empreendedoras: que geram valor, constroem parcerias, têm iniciativa e querem se aperfeiçoar. Há empregados que encaram suas tarefas como se fossem donos. (ROSA, 2015, p. 65)

Tajra (2014) reforça a ideia de que as pessoas podem ser empreendedoras sem serem empresárias ou proprietárias de estabelecimentos industriais e comerciais:

Uma pessoa empreendedora é aquela com atitude focada para resultados, inovações e realizações. O empreendedorismo está relacionado à atitude, à postura pessoal e à maneira como o indivíduo se comporta diante das situações com que lida em seu dia a dia. Ser empreendedor é ter entusiasmo e energia para desenvolver as ideias e transformá-las em ação. (TAJRA, 2014, p. 11)

Sob o ponto de vista da inovação, Cruz (2011) a destaca como pressuposto para ações de empreendedorismo, porém, reitera a visão errônea que a maioria das pessoas tem a respeito disso:

Nosso país tem exemplos importantes de inovação, mas empresas que inovam ainda são uma minoria. Um dos motivos é essa ideia errada, que confunde inovação com pesquisa e desenvolvimento (P&D). Para muitas pessoas, a inovação é uma atividade incerta, em que se colocam grandes volumes de dinheiro e nunca se sabe quando (e se) haverá algum resultado. (CRUZ, 2011, p. 19)

No que tange ao empreendedorismo voltado à Educação Profissional (EP) de nível médio, vários aspectos centrais devem ser considerados. O avanço da economia, a desregulamentação dos mercados, a automação industrial, os adventos tecnológicos e, principalmente, as mudanças no mundo do trabalho, demandam necessidades específicas de formação profissional, como consta do relato de Vasconcelos:

As necessidades do mundo produtivo estão diretamente relacionadas às transformações sociais, políticas e econômicas e, por conseguinte, provocam instabilidades na área da educação. [...] Com o surgimento e a difusão de novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho, com vieses conjunturais ou estruturais, constata-se a importância da educação profissional, e uma correspondente necessidade da elevação dos níveis de qualificação profissional dos trabalhadores [...]. (VASCONCELOS, 2012)

Muitos educadores ressaltam a importância da educação empreendedora quando da oferta de cursos técnicos de nível médio. A diretora-superintendente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), Laura Laganá, destaca como as características inerentes aos jovens pode favorecer o empreendedorismo:

Os jovens, em geral, têm características muito favoráveis ao empreendedorismo. São abertos a novas oportunidades e diferentes estilos de vida, têm maior flexibilidade e facilidade para aprender novas tecnologias, além de coragem para arriscar, o que é importante na condução de um negócio. A educação formal para o empreendedorismo permite organizar e otimizar essas características, especialmente no caso dos jovens, que têm pouca ou nenhuma experiência prática. Em sala de aula, eles podem ser instrumentalizados para utilizar suas habilidades da melhor maneira possível e colher resultados num prazo menor, correndo menos riscos. (LAGANÁ, 2018)

Igualmente àquilo desenvolvido pelas instituições de ensino junto aos estudantes, a educação empreendedora praticada pelos professores é uma importante ferramenta, pois pelo seu intermédio, é possível proporcionar aprendizagem ativa e significativa, como demonstra os relatos de uma experiência ocorrida em uma instituição federal de ensino no estado do Rio Grande do Norte:

[...] o empreendedorismo passa não só a constar como disciplina obrigatória ou optativa nas grades curriculares dos mais diversos cursos de ensino superior, ensino médio e educação básica, mas chega também na atuação do docente enquanto empreendedor, ou seja, por meio de metodologias próprias, esses conhecimentos são transmitidos de forma dinâmica e instigante denominada educação empreendedora. (GOMES; SILVA, 2018)

Reina e Santos (2017) alertam para a necessidade de criterioso planejamento por parte das instituições de ensino para oferta do empreendedoris-

mo como elemento transversal no currículo, tendo em vista as necessidades de capacitação docente e da iniciação dos estudantes em relação ao tema:

O que é que pode mudar nas escolas, caso o empreendedorismo seja, de fato, mais um tema transversal no currículo de ensino? Será que os professores estão preparados para tal realidade? Como as escolas trabalharão essa temática, com transversalidade ou ações no contraturno? Será que a escola suporta mais esse desafio? Para equilibrar essa carga, não seria interessante trabalhar os traços comportamentais desde cedo, mas deixar as funções de negócios para o ensino médio técnico? (REINA; SANTOS, 2017)

Sob o prisma curricular, o empreendedorismo é abordado de forma transversal nos currículos da EP de nível médio pelo Ceeteps. Quando da elaboração dos planos de curso, o Grupo de Formulação e Análises Curriculares (Gfac), departamento cuja missão constitui-se no estudo e na análise de currículos escolares, bem como na sua elaboração e atualização contínuas, realiza análises sobre os perfis empreendedores das diversas habilitações profissionais ofertadas, em todas as suas modalidades, resultando em um trabalho sistematizado e consolidado junto às Escolas Técnicas (Etecs).

As ações voltadas ao empreendedorismo tiveram início em 2014, pelo Grupo de Empreendedorismo (GE) do Gfac, com o desenvolvimento da proposta de inclusão do tema “empreendedorismo” nos cursos em formulação/reformulação de todos os eixos tecnológicos. Esse processo vem acontecendo, desde então, com o foco no desenvolvimento de competências empreendedoras pelos estudantes, que são importantes para a formação do profissional contemporâneo. Em publicação sobre os resultados de destaque dos trabalhos voltados ao empreendedorismo, Araújo e Demai (2019) fazem menção à importância dessa frente:

Como suporte ao desenvolvimento dessas competências, o projeto Empreendedorismo implementa e capacita os docentes no uso de um conjunto de metodologias ativas e ferramentas de criatividade e modelagem de projetos e negócios, que estruturam o planejamento, a visão sistêmica, a integração social, a tomada de decisão e a autoavaliação dos alunos, permitindo aos docentes avaliarem, junto com os discentes, o processo de resolução de problemas. (ARAÚJO; DEMAI, 2019, p. 70)

Em relação às práticas de empreendedorismo voltadas à Educação Básica, o governo do estado de São Paulo publicou, em 2015, um documento intitulado “Empreendedorismo: Plano Estadual de Educação Empreendedora – material de apoio ao Currículo da Educação Básica”, onde foram instituídas diretrizes para a difusão da temática a estudantes desse nível de ensino, com

base na lei sob nº 15.693, de 3 de março de 2015. Destacam-se as justificativas de implementação do plano, que contemplam, entre alguns pontos, a necessidade de geração de oportunidades para os estudantes:

O início do século XXI é marcado pelos desafios de formação para cidadãos engajados nos contextos social, econômico e tecnológico, que exigem novas atitudes e valores frente aos cenários que se revelam para os estudantes da educação básica. O dinamismo da sociedade exige que esses estudantes possuam proficiências desenvolvidas em habilidades relacionadas ao empreendedorismo, atitudes e comportamentos inovadores, identificação e uso de oportunidades, trabalho em equipe, criação de projetos e atitudes e comportamentos que contribuam para o desenvolvimento da sociedade. Assim, considera-se fundamental [...] a importância do empreendedorismo na geração de oportunidades para o desenvolvimento de capital humano, imprescindível ao aperfeiçoamento da sociedade democrática [...]. (SÃO PAULO, 2015, p. 11)

Marcovitch e Saes (2020) ressaltam o caráter emancipatório do Plano Estadual de Educação Empreendedora, indicando sua importância como instrumental que possibilita o desenvolvimento integral dos estudantes:

Conforme o detalhamento do plano, ao confrontar os objetivos e habilidades que o compõe, é visível a preocupação dos gestores de atuarem em duas direções. Se de um lado o Plano Estadual de Educação Empreendedora torna-se um instrumento de disseminação de temas e problemas relacionados ao empreendedorismo, por outro lado, há um foco fundamental na construção de habilidades e na formação dos alunos. Nessa segunda acepção, o empreendedorismo é menos um sonho de autorrealização, de realização de trajetórias de sucesso individual, mas torna-se um instrumento para a ampliação dos olhares dos jovens, colocando-os como protagonistas, como seres pautados com responsabilidade social. (MARCOVICH; SAES, 2020, p. 5)

Mesmo se mostrando relevante, a difusão do empreendedorismo na educação básica constitui-se um enorme desafio, haja vista as diversas dificuldades enfrentadas pelos sistemas de ensino, principalmente no período pós-pandemia da Covid-19. Isso não se restringe em nível nacional, havendo exemplos importantes ao redor do mundo:

A escolha pela atuação empreendedora, no nível básico de educação, não é tão simples quanto parece, porque países que já atuam

com essa abordagem educacional há décadas, a exemplo da Finlândia, ainda não estabeleceram um padrão institucional para observar práticas e resultados, de acordo com a instituição de ensino e os profissionais que lideram esse processo, principalmente os professores. Observa-se também a busca constante por parcerias entre instituições, comunidade, empresas locais, governo e familiares, para que, juntos, promovam situações de aprendizagem mais verdadeiras, realizando uma análise sistêmica com os alunos, a fim de lhes possibilitar a vivências de desafios capazes de desenvolver a aprendizagem de habilidades empreendedoras, por meio de disciplinas ou por métodos e projetos. (CARVALHO et al, 2022, p. 9)

Em 2018, por intermédio da Resolução do Ministério da Educação CNE/CEB sob nº 3, de 21 de novembro, que atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, foram instituídos eixos estruturantes para a organização dos itinerários formativos – “Investigação Científica”, “Processos Criativos”, “Mediação e Intervenção Sociocultural” e, por fim, “Empreendedorismo”. Em relação a este eixo, o normativo indica como pressuposto a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias (BRASIL, 2018).

A Portaria sob nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018, que estabeleceu os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio, destaca o eixo estruturante “empreendedorismo” e os seus objetivos:

[...] tem como ênfase expandir a capacidade dos estudantes de mobilizar conhecimentos de diferentes áreas para empreender projetos pessoais ou produtivos articulados ao seu projeto de vida. [...] Para participar de uma sociedade cada vez mais marcada pela incerteza, volatilidade e mudança permanente, os estudantes precisam se apropriar cada vez mais de conhecimentos e habilidades que os permitam se adaptar a diferentes contextos e criar novas oportunidades para si e para os demais.
[...] Objetivos:

- Aprofundar conhecimentos relacionados ao contexto, ao mundo do trabalho e à gestão de iniciativas empreendedoras, incluindo seus impactos nos seres humanos, na sociedade e no meio ambiente;
- Ampliar habilidades relacionadas ao autoconhecimento, empreendedorismo e projeto de vida;
- Utilizar esses conhecimentos e habilidades para estruturar

iniciativas empreendedoras com propósitos diversos, voltadas a viabilizar projetos pessoais ou produtivos com foco no desenvolvimento de processos e produtos com o uso de tecnologias variadas. (BRASIL, 2018)

Ao analisar as legislações dos últimos anos, percebe-se que o tema “empreendedorismo” ganhou relevância e foi instituído como diretriz quando da oferta de cursos do nível médio. No âmbito Ceeteps, inicialmente, o GE focava seus estudos na concepção do empreendedorismo como componente curricular, sendo sua estrutura praticamente idêntica em todos os cursos oferecidos, independentemente do perfil profissional estabelecido no currículo. Essa estruturação, inegavelmente, trazia a vantagem de garantir a padronização do assunto, sendo possível atribuir aulas a professores pesquisadores do tema e com formação na área de gestão e negócios, pois nele eram abordados conhecimentos sobre plano de negócios, inovação, pesquisas de mercado, criação de empresas, dentre outras bases tecnológicas.

Como muitos cursos ofertados pelo Ceeteps não apresentam perfil profissional de conclusão voltado para abertura de empresas, tal prática se mostrou inadequada para uma série de habilitações profissionais, sugerindo maior pertinência caso a difusão do tema fosse feita transversalmente nos planos de curso, abolindo a hipótese de ser um componente curricular específico, que geralmente remete ao mundo empresarial.

Em 2014 e 2015, com o intuito de tornar possível o desenvolvimento de indicadores para sistematizar o empreendedorismo nos currículos, foram utilizados software de computação cognitiva e estudos baseados na análise das soft skills aplicadas aos planos de cursos em vigência, além de organizadas reuniões de validação com as equipes de especialistas em currículos e setor produtivo, chegando-se a um conjunto de 46 atribuições empreendedoras, explicitadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Atribuições empreendedoras – currículos dos cursos técnicos do Ceeteps

1.	Demonstrar impulso para sistematizar.
2.	Problematizar situações.
3.	Procurar pessoas para trabalhar em equipe.
4.	Estabelecer debate de ideias.
5.	Construir redes de contatos.
6.	Reconhecer cenários vigentes.
7.	Estruturar modelos de negócios.

8.	Organizar projetos.
9.	Elaborar projeções e estimativas.
10.	Estruturar planos de negócios.
11.	Demonstrar capacidade de argumentação e persuasão.
12.	Organizar equipes de planejamentos.
13.	Estabelecer metas estratégicas.
14.	Delegar tarefas de acordo com as capacidades das equipes.
15.	Gerenciar ideias divergentes e convergentes.
16.	Identificar problemas e necessidades que geram demandas.
17.	Procurar oportunidades e nichos de ação inovadora.
18.	Sugerir a criação de novos produtos, serviços ou processos.
19.	Explorar novos nichos ou tendências.
20.	Demonstrar persistência na realização de tarefas.
21.	Apresentar autoconfiança na execução de processos.
22.	Agir com iniciativa em assumir compromissos.
23.	Planejar ações mais eficazes.
24.	Analisar métodos de execução mais econômicos.
25.	Mapear problemas e dificuldades nas etapas de execução dos processos.
26.	Demonstrar comprometimento com equipe e trabalho.
27.	Aplicar princípios motivacionais.
28.	Reconhecer necessidades de intervenção na execução dos processos.
29.	Sugerir melhorias incrementais nos processos.
30.	Organizar procedimentos de maneira diversa ao usual, visando melhor eficiência.
31.	Correlacionar e combinar soluções diferentes para problemas operacionais.
32.	Mediar conflitos.
33.	Analisar os prós e contras de uma situação.
34.	Procurar ser objetivo e claro ao falar.
35.	Avaliar cumprimento de processos.
36.	Analisar resultados.
37.	Elaborar comparativos de metas e resultados.
38.	Elaborar planos de contingência.
39.	Gerenciar conflitos.

40.	Elaborar procedimentos de feedback.
41.	Sugerir conjunto de ações corretivas.
42.	Aplicar princípios de exigência de qualidade e eficiência.
43.	Sugerir melhorias incrementais em procedimentos de controle.
44.	Elaborar novas práticas para otimização dos resultados.
45.	Propor diferentes modelos qualitativos de acompanhamento e intervenção.
46.	Aplicar métodos de benchmarking para melhoria de resultados.

Fonte: Elaborado pelo autor, em 2022

A partir dessas análises, as atribuições empreendedoras passaram a ser selecionadas quando da elaboração curricular, em conformidade com o perfil profissional de conclusão. Os professores responsáveis por projetos de elaboração e reformulação curriculares do Gfac, em conjunto com o GE, passaram a investigar a acurácia das competências empreendedoras aos perfis profissionais de formação instituídos para os cursos técnicos dos diversos eixos tecnológicos.

Em uma segunda etapa, foram realizadas reuniões com cada grupo de pesquisas de elaboração curricular, com o objetivo de estabelecer um filtro e desenvolver um conjunto descritivo de atribuições com ênfase em ações práticas, que elencaram as ações que consideravam mais empreendedoras para o perfil de conclusão.

O principal produto dessa análise foi o estabelecimento dos perfis empreendedores para cada curso oferecido. Essas informações passaram a ser prescritas nos currículos, facilitando a operação dos planos de curso por parte da equipe gestora das Etecs e, principalmente, pelos docentes.

No total, foram três perfis empreendedores definidos pelo GE e instituídos nos currículos. O primeiro, denominado “interno”, possui como foco as atribuições comportamentais e o intraempreendedorismo, destacando-se a capacidade de integração em equipes de trabalho, a busca pela otimização das atividades do cotidiano e a análise dos recursos empregados em suas tarefas. Segundo Cardoso (2021), este tipo de perfil não demonstra competência para gerenciar projetos ou ser um profissional autônomo, mas favorece os planejamentos táticos, contribuindo com ideias operacionais que podem melhorar processos.

O segundo perfil, denominado “intermediário”, é caracterizado por demonstrar atribuições voltadas tanto ao intraempreendedorismo, ou seja, atitudes empreendedoras praticadas dentro das organizações, quanto ao empreendedorismo voltado à implantação de novos negócios. De acordo com Cardoso (2021), o perfil intermediário contempla capacidade de tomada de decisões táticas, gerenciamento de processos e projetos, organização de equipes, estabelecimento de redes de contatos e implantação de inovações na melhoria de processos ou em novas formas de resolver problemas e

desenvolver produtos. Possui, ainda, capacidade para desenvolver trabalho autônomo, gerindo equipes pequenas.

Por fim, o estudo evidenciou a existência de um terceiro perfil empreendedor, chamado de “externo”, que é mais associado à vontade de abrir novos negócios, em ambientes e cenários complexos:

O perfil externo se caracteriza pelas atribuições voltadas para a abertura de novos negócios, em processos de gestão completos. É caracterizado pela capacidade de analisar os cenários mercadológicos vigentes, perceber tendências, explorar novos mercados produtivos, criar negócios inovadores a partir de modelagem ou plano de negócios. É um perfil versátil para montar reuniões para captação de verbas e investidores, desenvolvendo produtos e marcas orientadas para um rápido crescimento exponencial e negócios escaláveis. (CARDOSO, 2021)

A partir das definições de cada perfil, estes passaram a compor o plano de curso, de forma complementar ao perfil profissional de conclusão. A seguir, um exemplo de plano de curso do Ceeteps (Técnico em Recursos Humanos), que descreve o perfil do aluno concluinte almejado e, também, o perfil empreendedor:

Quadro 2 – Perfis profissional de conclusão e empreendedor do Técnico em Recursos Humanos – Ceeteps

Perfil profissional de conclusão

O Técnico em Recursos Humanos é o profissional que organiza a rotina diária da gestão de pessoas e auxilia no processo de recrutamento e seleção de pessoal. Elabora documentos administrativos, confere frequência, benefícios concedidos, afastamentos, férias e transferências de funcionários. Realiza contratação e registro de funcionários conforme a legislação trabalhista e efetua lançamentos de folha de pagamento. Presta informações sobre direitos trabalhistas. Apoia processos de treinamento, capacitação e desenvolvimento de colaboradores. Contribui para o crescimento das organizações por meio da construção de relações éticas com seus colaboradores.

Perfil Empreendedor

É o profissional que apresenta um perfil empreendedor intermediário e, por atuar na área de Recursos Humanos, caracteriza-se por demonstrar atribuições tanto voltadas para o intraempreendedorismo quanto para o empreendedorismo externo, direcionadas para a condução de novos negócios e organização e melhoria de processos internos e gerenciais. Contribui para o controle da vida funcional, assim como para o desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores. Sugere melhoria nos processos administrativos da gestão de pessoas, atuando de maneira colaborativa com objetivo de otimizar o uso de recursos disponíveis.

Fonte: Elaborado pelo autor.

(CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA, 2022, p. 13)

A análise desses dois perfis denota que as atribuições descritas são inter-relacionadas, não havendo sobreposição de tarefas e responsabilidades, mas sim uma complementação quando da indicação das atividades a serem desenvolvidas por determinado profissional – no exemplo citado, o Técnico em Recursos Humanos.

(IN) CONCLUSÕES

A transposição do tema Empreendedorismo para os currículos desmistifica, em boa parte, a máxima de que empreender é “abrir empresa”, “implantar negócios” ou “ganhar dinheiro”. Quando se fala de educação, a reformulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já considera o empreendedorismo como um dos quatro eixos estruturantes dos itinerários formativos constantes do documento, corroborando a ideia da educação empreendedora como formadora de cidadãos aptos a enfrentar os diversos desafios do mundo do trabalho, independentemente da formação.

É inegável que os perfis profissionais propostos pelo Gfac são mais facilmente identificados em cursos do eixo tecnológico Gestão e Negócios, composto por cursos como Técnico em Administração, em Marketing e em Recursos Humanos, porém, em habilitações profissionais de outras áreas como Informação e Comunicação e Produção Cultural e Design, também é possível detec-

tar um perfil empreendedor e, conseqüentemente, direcionar no currículo as possibilidades que existem para que tais características sejam desenvolvidas.

O trabalho do GE – Gfac é baseado em constante pesquisa, para compreensão das novas tendências sobre o Empreendedorismo. Elementos que modificam incessantemente a forma de se trabalhar, como tecnologias, legislações, desenvolvimento de modelos de negócios, entre inúmeros, são sempre analisados de forma a moldar os novos perfis profissionais que o mundo do trabalho requer.

Este ensaio não teve a presunção de esgotar o tema, tampouco delimitar o assunto e resumi-lo à implantação de um novo negócio ou, ainda, formar empreendedores quando da execução de cursos técnicos. O que se pretendeu foi proporcionar uma reflexão sobre a necessidade de difusão de práticas empreendedoras para a vida e para o mundo do trabalho, tendo em vista as novas demandas dos setores produtivos e da sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Almério M. de; DEMAI, Fernanda M. (orgs.); **Currículo escolar em laboratório: a Educação Profissional e Tecnológica**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2019.

BRASIL. **Portaria nº 1.432, de 28 de dezembro de 2018**. Estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-MEC-1432-2018-12-28.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECEBN32018.pdf. Acesso em: 21 mar. 2023.

CARDOSO, Luciano C. Indicadores de empreendedorismo no sistema formal do Ensino Médio e Técnico. In: MARTINS, Denise Maria; GHENO, Simoni Maria. **1º Workshop do CPS: empreendedorismo e empregabilidade do egresso**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2022.

CARVALHO, Gustavo D. G. de et al. Educação empreendedora no ensino básico: identificando desafios a partir de uma análise bibliométrica e da revisão sistemática. In: **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. São Paulo, v.11, n.2, maio/agosto de 2022.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. Unidade de Ensino Médio e Técnico. **Plano do curso Técnico em Recursos Humanos**. Publicado em abril de 2022.

CRUZ, Renato. **O desafio da inovação**: a revolução do conhecimento nas empresas brasileiras. São Paulo: Senac, 2011.

DORNELAS, José. **Fazendo acontecer**: poderes empreendedores. São Paulo: Empreende, 2017.

DORNELAS, José. **Introdução ao empreendedorismo**: desenvolvendo habilidades para fazer acontecer. São Paulo: Empreende, 2018.

GOMES, D. C.; SILVA, L. A. F. Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. In: **Revista Holos**, ano 34, vol. 01, 2018. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5264/pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito empreendedor nas organizações**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

LAGANÁ, Laura M. J. **Educação empreendedora contribui no surgimento de profissionais qualificados**. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2018/05/educacao-empreeendedorora-pode-contribuir-para-o-surgimento-de-profissionais-mais-qualificados-diz-especialista.html>. Acesso em: 11 out. 2022.

MARCOVITCH, Jacques; SAES, Alexandre M. Educação Empreendedora: trajetória recente e desafios. In: **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. São Paulo, v.9, n.1, p. 01-09, janeiro de 2020.

PORTAL G1 – EMPREENDEDORISMO. **O que é empreendedorismo?** Especialistas respondem. Disponível em: <https://g1.globo.com/empreendedorismo/noticia/2022/05/26/o-que-e-empreeendedorismo-especialistas-respondem.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

REINA, Fábio Tadeu; SANTOS, Roberto Augusto dos. Educação empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. In: **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.13, n.1, p. 147-163, jan./jun. 2017. ISSN: 1517-7947. Disponível em: <https://doi.org/10.26673/rtes.v13.n1.jan-jun2017.10.9592>. Acesso em: 12 out. 2022.

ROSA, Cláudio Afrânio. **Guia essencial para novos empreendedores:** descoberta. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2015.

SÃO PAULO. Governo do Estado. **Empreendedorismo:** Plano Estadual de Educação Empreendedora – material de apoio ao Currículo da Educação Básica. 2015. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1275.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SANTA CATARINA. **Mas afinal, o que é empreendedorismo?** Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>. Acesso em: 19 set. 2022.

VASCONCELOS, Alexandre Meira et al. Educação Profissional e educação empreendedora: uma reflexão crítica dos aspectos teóricos e metodológicos. In: **Revista E-Tech – tecnologias para competitividade industrial**, Florianópolis, n. especial, Educação, p. 1-14, 2012.

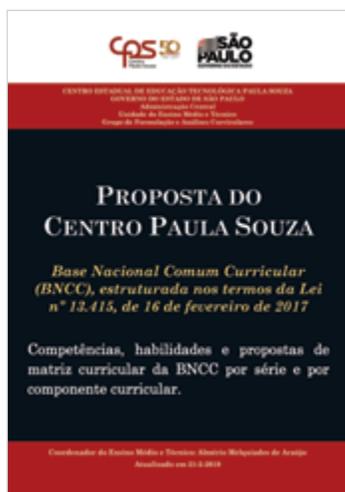
TAJRA, Sanmya Feitosa. **Empreendedorismo:** conceitos e práticas inovadoras. São Paulo: Érica, 2014.

Centro Paula Souza e práticas educativas em prol do empreendedorismo

Maria Lucia Mendes de Carvalho
Unidade de Ensino Médio e Técnico/GEPEMHEP

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta práticas escolares e pedagógicas relacionadas ao “empreendedorismo” realizadas no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), a partir de pesquisa documental no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica (CMEPTCPS). A proposta dessa pesquisa surgiu a partir de dois documentos institucionais publicados, recentemente. Na Figura 1, o elaborado pela Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico (Cetec) para implantar reformulação curricular a fim de atender à Base Nacional Comum Curricular. (ARAUJO, 2019) Enquanto, o da Figura 2, foi publicado pela Assessoria de Inovação Tecnológica, criada por Deliberação CEE-TEPS nº 3 de 30 de maio de 2008, e denominado “Boas práticas em empreendedorismo e inovação no ecossistema da Inova CPS”. (BIANCO; GHENO, 2020)



Figuras 1 e 2 – Publicações institucionais do Centro Paula Souza, em 2019 e 2020.
Fonte: CENTRO PAULA SOUZA, 2022.

Baseando-se nesses dois documentos institucionais publicados e pensando em contribuir para atingir os objetivos ODS da Agenda 2030/ONU, que apresenta no artigo 8º “Trabalho decente e crescimento econômico” e no artigo 9º “Indústria, inovação e infraestrutura”, é que decidiu-se propor um projeto buscando testemunhos de ex-alunos que se tornaram empreendedores, compreender os processos no mundo do trabalho e coletar indícios, a fim de verificar as possibilidades de atingir esses objetivos neste país.

Com a intenção de estimular o protagonismo juvenil, propôs-se a realização de um projeto coletivo na Cetec, denominado “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, que envolveu professores-pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), a fim de identificar e difundir trajetórias sociais e profissionais de ex-alunos (as) da educação profissional e/ou tecnológica que se tornaram empreendedores. Para elaborar o projeto coletivo realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória sobre o conceito de empreendedorismo, propondo como metodologia da pesquisa a história oral, e como categorias de investigação, a cultura escolar e as práticas escolares e pedagógicas.

Para convidar e envolver professores no projeto coletivo, foram realizadas duas capacitações na Cetec, por meio dos Clubes de Memórias XXXVI, em 2021, e XXXIX, em 2022, com os objetivos de: na primeira, fornecer subsídios a professores sobre o emprego da história oral em projetos de história da educação profissional e tecnológica, apresentando a proposta do projeto coletivo, com vistas a realizar entrevistas com ex-alunos (as) que se tornaram empresários (as), de modo a compreender os processos que levam o sujeito a empreender; na segunda, após a aceitação de dezoito professores-pesquisadores, a maioria curadores em centros de memória institucional, que se inscreveram no projeto pela Plataforma Brasil, incluiu-se uma capacitação reflexiva, com leituras antecipadas de textos filosóficos de Jacques Rancière (2007) relacionados com ensino e aprendizagem, além de apresentar artigos sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e documentos de antecedentes históricos sobre empreendedorismo no Centro Paula Souza.

Como resultado da pesquisa, em andamento, esse trabalho apresenta documentos institucionais de antecedentes históricos e recentes sobre as práticas escolares e pedagógicas de empreendedorismo, além de difundir as entrevistas de história oral realizadas por 16 professores-pesquisadores com 51 ex-alunos e/ou professores que se tornaram empresários. Nora (2010) diz que um dos principais entraves que impossibilitam a consecução de um ensino de qualidade, configura-se pela inexistência de um trabalho voltado para a valorização da memória coletiva e a identidade cultural, dificultando a preparação de grande parte dos alunos para atuar criticamente frente às mazelas da sociedade. (NORA, 2010 *apud* COSTA, 2013, p.25)

PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS: arquivos, cultura escolar e história oral

Uma pesquisa bibliográfica exploratória sobre a proposição de práticas empreendedoras e o conceito de empreendedorismo na educação, foi realizada antes de apresentar aos professores a proposta do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” no Clube de Memórias XXXVI denominado “História oral e o mundo empresarial”, uma capacitação para formação continuada de docentes no Centro Paula Souza, que aconteceu em 16 de março de 2021, online, com a intenção de empregar como metodologia da pesquisa a história oral, e como categorias de investigação, a cultura escolar e as práticas escolares e pedagógicas em projetos de pesquisa sobre a história da educação profissional e tecnológica.

Nesse Clube de Memórias XXXVI foi apresentado o material didático que se emprega no GEPEMHEP para realizar entrevistas de história oral na educação (CARVALHO; RIBEIRO, 2013), fornecendo subsídios para elaboração de uma atividade não presencial “entrevista com ex-aluno (a) que se tornou empresário (a), de modo a compreender o processo que levam o sujeito a empreender” proposta realizada entre 17 de março e 27 de abril de 2021, com as orientações a seguir:

Realizar uma entrevista de história oral com ex-aluno (a) empreendedor (a), gravada em vídeo, de acordo com o roteiro a ser definido coletivamente neste evento, transcrever e encaminhar como documento de registro de entrevista do GEPEMHEP (padronizado), incluindo os termos de autorização de imagem e de cessão de autoria. Durante a seleção do ex-aluno (a) a ser entrevistado (a), é importante conhecer a sua trajetória social e profissional antes da entrevista, realizando pesquisa documental que possibilite identificar o sujeito e/ou empreendimento. Esse conhecimento facilitará a comunicação e o relacionamento entre entrevistado (a) (colaborador) e entrevistador (a). No primeiro contato, geralmente telefônico ou por e-mail, para conversar e envolver o colaborador (a) para participar desse projeto coletivo, concedendo uma entrevista (em época de pandemia – online), é fundamental demonstrar a importância do sujeito para a história institucional, tendo como motivação registrar a sua história de vida, a fim de difundir-la para jovens do ensino profissional e tecnológico, dando a conhecer aspectos pessoais e socioeconômicos no cotidiano de um (a) empreendedor (a). É nesse momento de conversa, que poderão surgir comentários sobre cursos, professores, colegas de turma, fotografias, cadernos e livros de estudos, medalhas e troféus, que poderão ser solicitados para serem apresentados durante a entrevista, e, portanto, filmados. Trata-se de

valorizar o arquivo pessoal desse profissional para a história da educação profissional e tecnológica. (CARVALHO, 2021)

Durante o Clube de Memórias XXXVI, na roda de conversas, foi apresentado e discutido com os participantes um roteiro de entrevista de História Oral, que acordado, ficou definido para ser empregado na atividade não presencial, e que posteriormente, nas entrevistas de história oral de vida de ex-alunos(as) pelos professores-pesquisadores envolvidos no projeto coletivo de pesquisa, apresentado a seguir:

Roteiro para condução de entrevista de história oral de vida.

Bom dia. Eu, nome do entrevistador (a), agradeço o(a) senhor (a), citar o nome completo do (a) colaborador (a), estar concedendo essa entrevista, hoje que é dia x de xxx de 2021, local ou online, para o Centro de Memória (nome da escola ou faculdade), em (nome da cidade), e que será difundida no Programa “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza (site de memórias). Gostaria de iniciar perguntando:

1. O (A) senhor (a) poderia nos contar sobre a sua origem familiar e social para essa entrevista de história oral de vida?
2. Na visão do senhor (a) quais foram as motivações e os valores que o (a) levaram a empreender?
3. O (A) senhor (a) recebeu estímulo familiar para empreender? Quais foram?
4. Como surgiu a oportunidade do senhor (a) se tornar um (a) empresário (a)?
5. O (A) senhor (a) teve dificuldades para definir o ramo de negócio?
6. O (A) senhor (a) poderia nos contar como foi esse processo de empreendedorismo no seu negócio, desde o início até atingir as suas expectativas?
7. O (A) senhor (a) atuou como profissional no mercado de trabalho antes de empreender? Se sim, em quais ramos de negócios, e por quanto tempo?
8. Que características ou qualidades pessoais o senhor (senhora) acredita que tem e que o (a) levaram a se tornar um (a) empresário (a)?
9. O (A) senhor (a) poderia nos contar no que o ensino técnico (ou tecnológico) contribuiu para adquirir competências profissionais e habilidades gerenciais (gestão administrativa e de pessoal).

10. O (A) senhor (a) se recorda de alguns professores que foram marcantes na sua formação técnica (ou tecnológica)? Se sim, poderia nos contar suas lembranças sobre eles nessa fase de vida estudantil.
11. O que o (a) senhor (a) considera que deveria ter sido oferecido na educação profissional (ou tecnológica) que faltou na sua formação e vivência enquanto empreendedor?
12. Para finalizar, pergunto ao senhor ou a senhora se relações com políticas locais contribuem para desenvolver e/ou sucesso do seu empreendimento?

Dos 31 professores participantes do Clube de Memórias XXXVI somente 24 realizaram as entrevistas de história oral com ex-alunos (as) que são empresários (as), no formato online, devido ao isolamento da Pandemia do Covid-19, e que se considerou como resultados exploratórios do projeto coletivo apresentado durante essa capacitação.

Foram 31 professores convidados a participarem do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, mas somente 16 aceitaram o convite, a maioria, curadores em centros de memória institucional, que se inscreveram no projeto pela Plataforma Brasil, inserido pela coordenação do projeto coletivo, e registrado como CAAE 48473721.4.0000.8125, com duração de dois anos, iniciado em junho. Também convidamos dois colaboradores, um de design e, o outro, de informática, curador digital do site de memórias do Centro Paula Souza. Após a aprovação do projeto por um comitê de ética indicado pela plataforma, com o Parecer nº 4.813.867/21, deu-se início a realização de entrevistas de história oral de vida para o projeto coletivo.

Santos e Fonseca (2021) ressaltam a importância de entrevistas para completar lacunas em fontes documentais:

[...] Um aspecto que consideramos central para o crescimento das pesquisas compreende um esforço urgente de identificação, reunião, preservação e acesso a fontes documentais existentes em arquivos de instituições, tais como arquivos públicos, centros de memória, universidades e associações. Ao lado dos acervos institucionais, os arquivos pessoais de profissionais, gestores, pesquisadores e docentes da área podem servir como fontes inéditas e de valor incalculável para os avanços de uma historiografia da arquivologia brasileira. Outro recurso que pode contribuir nesse esforço é a realização de entrevistas com esses mesmos atores, as quais podem completar lacunas, revelar visões sobre os problemas enfrentados e até mesmo apontar a existência de fontes desconhecidas. [...] (SANTOS; FONSECA, 2021, p.6)

Para Costa, Barros e Carvalho (2011) “[...] a pesquisa histórica contribui para desnaturalizar ideias e conceitos vinculados às organizações e aos indivíduos nas organizações, desvelando discursos hegemônicos e formações ideológicas, como é o caso do tema empreendedorismo. [...]”. (COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011, p. 181)

Quanto à temática “empreendedorismo” localizou-se uma política pública de educação profissional e tecnológica, a Resolução CNE/CP 3, de 18 de dezembro de 2002, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia, no artigo 2º, e que já destacava a necessidade de desenvolver nos estudantes a capacidade empreendedora:

Os cursos de educação profissional de nível tecnológico serão designados como cursos superiores de tecnologia e deverão: I – incentivar o desenvolvimento da capacidade empreendedora e da compreensão do processo tecnológico, em suas causas e efeitos; II – incentivar a produção e a inovação científico-tecnológica, e suas respectivas aplicações no mundo do trabalho; III – desenvolver competências profissionais tecnológicas, gerais e específicas, para a gestão de processos e a produção de bens e serviços. (BRASIL, 2002)

Saes e Marcovitch (2020) constataram em suas pesquisas, que os termos empreendedor e empreendedorismo, fazem parte da educação e dos projetos de vida dos cidadãos, há duas décadas:

Em 2015, o Estado de São Paulo deu um passo concreto no sentido de instituir um plano de educação empreendedora em sua rede de ensino. Por meio da Lei 15.693/2015, foi criado o Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE), tendo como objetivo inserir a temática do empreendedorismo nas escolas de ensino fundamental, do ensino médio e técnico do Estado de São Paulo. A lei foi fruto tanto de experiências prévias de projetos de ensino empreendedor existentes em alguns municípios do Estado de São Paulo, como também do trabalho da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, que se beneficiou do apoio e das atividades de instituições parceiras, como o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e o Sebrae-SP (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo). [...]. (SAES; MARCOVITCH, 2020, p.2-3)

Em 2015, um Plano Estadual de Educação Empreendedora, foi elaborado na gestão do secretário José Renato Nalini, produzindo um Material de Apoio ao Currículo da Educação Básica (Lei nº 15.693, de 03 de março de 2015) a fim

de promover a discussão nas escolas sobre o que é: Empreendedorismo? Empreendedor? e Educação Empreendedora? (SÃO PAULO, 2015) A leitura desse documento possibilitou identificar os membros da “Comissão Técnica do Plano Estadual de Educação Empreendedora – PEEE (Resolução SE 40 de 13/08/2015 alterada pela Resolução SE 48 de 10/08/2016), que o elaboraram: Herbert Gomes da Silva (Coordenador), Ana Joaquina Simões Sallares de Mattos Carvalho (Coordenadora)”, e entre os participantes uma representante do Centro Paula Souza, a professora Ivone Marchi Lainetti Ramos que atuou na Cetec.

Ao constatar que a Coordenadoria do Ensino Médio e Técnico participou da elaboração do Plano Estadual de Educação Empreendedora, em 2015, retomou-se a pesquisa documental no acervo do CMEPTCPS por dispor de documentos históricos da administração central, a fim de localizar documentos e publicações relacionadas às práticas empreendedoras promovidas no Centro Paula Souza.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUCIONAL E O EMPREENDEDORISMO: antecedentes históricos

O Centro Paula Souza, surgiu com a denominação Centro Estadual de Educação Tecnológica São Paulo (CEETSP), por meio do Decreto-Lei de 6 de outubro de 1969, quando era governador do estado de São Paulo, o advogado, empresário e político Roberto Costa de Abreu Sodré. (CARVALHO, 2019)

Em 1970, a instituição iniciou oferecendo cinco cursos técnicos de nível superior, três de Construções Cíveis, nas modalidades: Edifícios; Movimento de Terra e Pavimentação; e Obras Hidráulicas; e dois, em Mecânica, nas modalidades: Desenhista Projetista e Oficinas (SÃO PAULO, 1974) Nesse mesmo ano, na instituição ocorreu uma articulação para sua transformação em órgão mantenedor, a partir da integração da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, com os cursos de nível superior oferecidos no CEETSP, por meio do Processo CEE nº 305/70, que foi aprovado pelo Parecer CEE 681/72, em 22 de maio de 1972. (SÃO PAULO, 1972)

Em 1973, por meio do Decreto Estadual nº 1418 de 10 de abril, no governo de Laudo Natel, a instituição passou a ser denominada Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (SÃO PAULO, 1973), uma homenagem do Conselho Deliberativo à memória do professor Antônio Francisco de Paula Souza, considerando que a instituição surgiu no Edifício Paula Souza, que pertenceu a Escola Politécnica de São Paulo, e da qual esse mestre foi fundador e, também, um incentivador do ensino técnico e tecnológico. Durante os primeiros dez anos do CEETSPS, a Faculdade de Tecnologia São Paulo ocupou esse edifício (Figuras 3 e 4) que, posteriormente, passou a ser só da Administração Central, até que essa foi transferida para as instalações da atual sede, na Rua dos Andradas, 140, no Bairro de Santa Ifigênia, em junho/2013.



Figuras 3 e 4 – Anfiteatro de Química e salão no terceiro andar do Edifício Paula Souza, s/d.
Fonte: Biblioteca Nelson Vieira Alves na Fatec SP, em 05/05/2016

Quanto a produção de pesquisa na instituição, consta no Regimento do Centro Paula Souza de 1981, no capítulo II, artigo 37, que “A pesquisa, no CEETEPS, terá como função específica, a busca de novos conhecimentos, métodos e técnicas, e deverá ser entendida como indispensável recurso da educação, para o desenvolvimento da tecnologia”. Enquanto no artigo 38, consta que:

Artigo 38 – O CEETPS incentivara a pesquisa por todos os meios ao seu alcance, tais como:

- I. Formação de pessoal em cursos próprios ou em outras instituições;
- II. Concessão de auxílios para execução de projetos específicos;
- III. Realização de convênios com entidades nacionais ou estrangeiras;
- IV. Intercâmbio com instituições científicas, estimulando os contatos os entre pesquisadores e o desenvolvimento de projetos em comum;
- V. Divulgação dos resultados das pesquisas realizadas em suas Unidades;
- VI. Promoção de congressos, simpósios e seminários para estudos e debates.

(SÃO PAULO, 1981)

Quanto a documentação localizada no CMEPTCPS, constatou-se que desde a década de 1990, o Centro Paula Souza incentiva estudantes a serem empreendedores e inovadores, conforme fontes documentais primárias e secundárias localizadas em centros de memória, acervos escolares e arquivos pessoais de docentes.

Em 2021, localizou-se no CMEPTCPS um catálogo de treinamento “Formação de Jovens Empreendedores”, de uma parceria com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (SEBRAE-SP), e que no primeiro ano dessa parceria, dois professores estiveram envolvidos nesse projeto, Carlos Augusto de Maio e Ivone Marchi Lainetti Ramos, ambos da Escola Técnica Estadual (Etec) de São Paulo, e que participaram da primeira fase, em 1997.

Consta nesse catálogo (Figura 5) que o SEBRAE-SP criou o “Programa Paulista de Criação, Desenvolvimento e Consolidação de Empresas de Base Tecnológica” (Parceria CEETEPS, SEBRAE e UNIEMP), e que na primeira etapa, o SEBRAE em convênio com a UNIEMP (Fórum Permanente das Relações Universidade Empresa) e a Escola de Novos Empreendedores da UFSC, desenvolveu o material didático, do qual participaram desse projeto 30 unidades do CEETEPS para formar professores multiplicadores e ampliarem o projeto de treinamento dos alunos com 230 horas (CEETEPS, 1997).

O Quadro 1 apresenta os temas com cargas horárias durante a realização desse treinamento, em 1997.

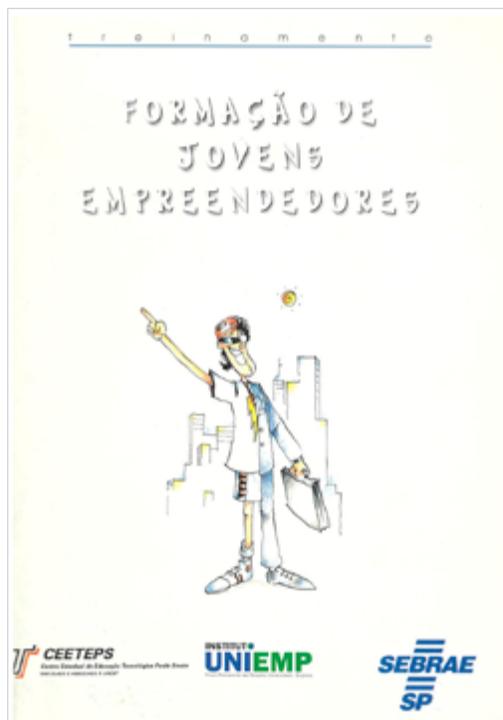


Figura 5 – Catálogo da parceria institucional para formação de jovens empreendedores, em 1997.

Fonte: CEETEPS, 1997.

Quadro 1 – Curso para Formação de Jovens Empreendedores no Centro Paula Souza, em 1997.

CURSOS EM TRÊS MÓDULOS (230 HORAS)
Treinamento Motivacional
O Empreendedor (20 horas) Ciclo de vida das pequenas empresas (20 horas) Desenvolvimento comportamental
Planejamento do Negócio
O Ambiente empresarial (30 horas) O produto e o processo (30 horas) Finanças e Custos (30 horas) Elaboração do plano de negócios (20 horas)
Constituição da Empresa
Aspectos legais(20 horas) Aspectos tributários e trabalhistas(20 horas) Simulação empresarial (20 horas)

Elaborado pela autora, em 2022.

Fonte: CEETEPS, 1997.

Durante pesquisa documental no CMEPTCPS, localizou-se outro documento (Figura 6) que traz um relato do superintendente Marcos Antonio Monteiro, informando que o Convênio com o SEBRAE/UNIEMP possibilitou na segunda fase, o envolvimento de 55 unidades, entre escolas técnicas e faculdades de tecnologia, envolvendo 3850 alunos, 110 professores multiplicadores e 52 municípios, em 1998. (CEETEPS, 1999, p. 11).

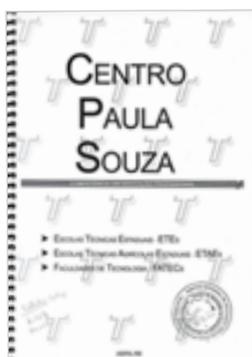


Figura 6 – Relatório CEETEPS da gestão Marcos Antonio Monteiro, de 1998.

Fonte: CEETEPS, 1999.

Em 1998, a professora Ivone Marchi L. Ramos ingressou na Cetec, como professora responsável para implantação da segunda fase dessa parceria, relatando que: “O objetivo do projeto Formação de Jovens Empreendedores é formar, desenvolver e consolidar nos alunos a cultura empreendedora, incentivando-os a pensar e agir como empreendedores.” (RAMOS, 1998, p.39)

Ao apresentar o catálogo do curso de Formação de Jovens Empreendedores a professora Julia Naomi Kanazawa na Cetec, que é curadora do Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em Jacareí, esta informou que a escola dispunha de vários exemplares de apostilas fornecidas aos estudantes durante esse curso, em 1998, e que ao concluir o curso, essas eram devolvidas a instituição. Nesse ano, a escola técnica participou da segunda fase do projeto, coordenado pela professora Ivone Marchi na Cetec.

Julia Naomi Kanazawa doou ao CMEPTCPS, dois exemplares, volumes um e três (Figura 7).



*Figura 7 – Apostila do curso de Formação de Jovens Empreendedores, volume, de 1998.
Fonte: CEETEPS, 1998a.*

Ivone Marchi L. Ramos, como professora responsável pela implantação da segunda fase do projeto de formação de jovens empreendedores, publicou um artigo na Revista Synthesis (Figura 8), organizada pela Coordenadoria de Ensino Técnico do Centro Paula Souza, relatando que:

Por meio da disseminação de conhecimentos sobre planejamento e gestão empresarial, cria-se o estímulo ao desenvolvimento do seu potencial. [...] Trata-se de um projeto amplo, que vai além do conhecimento básico de gerenciamento empresarial, incluindo também formação de incubadoras, centros de negócios e criação de empresas júniores (3º grau) e jovens (2º grau). As aulas são ministradas por professores da própria Unidade, capacitados em treinamento de 40 horas organizado pelo CEE-TEPS – SEBRAE-SP. Todo o material didático, incluindo vídeos e software utilizados nos cursos, foi desenvolvido em convênio firmado entre o SEBRAE-SP e o CEETEPS. (RAMOS, 1998, p.39)

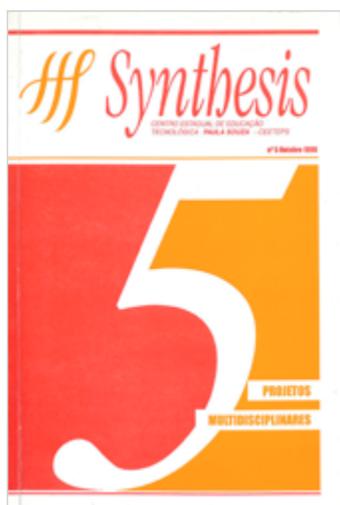


Figura 8 – Artigo sobre a parceria Centro Paula Souza e SEBRAE, segunda fase.
Fonte: Ramos, 1998.

Ivone Marchi Ramos (1998, p. 41) relata que a criação de Empresas Jovens dentro das escolas técnicas, possibilitou a participação dos alunos na prestação de serviços à comunidade, dentro da área de sua formação. A partir da leitura desse artigo, deu-se continuidade a busca de documentos relacionados a essa parceria no CMEPTCPS, encontrando um documento sobre “As propostas do CEETEPS” (Figura 9) com prefácio do coordenador da Cetec, Almério Melquíades de Araújo, do qual destaco:

[...] O Decreto nº 2208/97, que regulamentou as mudanças propostas pela nova LDB (artigos 30 e 42 da Lei nº 9394/96), deu início a mais uma etapa do Ensino Profissional no Brasil, provocando transformações curriculares no ensino técnico e mé-

dio. O CEETEPS, após a divulgação e a discussão (Ofícios CETEC nos 353/97, 368/97, 369/97 e 373/97) de suas propostas para o Ensino Técnico, o Ensino Médio e o Sistema de Avaliação nas ETEs e ETAEs e posterior aprovação pelo Conselho Deliberativo (Reuniões do Conselho Deliberativo do CEETEPS de 27/10/97 e 25/11/97), vem oferecer esta publicação para a orientação dos professores na elaboração e no desenvolvimento de seus Planos de Ensino e na construção do Plano Pedagógico da Unidade. (CEETEPS, 1998b, p.5)

Lembrando que, em 1998, o Centro Paula Souza já havia incorporado as escolas técnicas estaduais a sua rede, passando de 14 unidades para 99 escolas técnicas, devido às transferências ocorridas entre secretarias estaduais. Portanto, esse documento da Figura 9, apresenta como seriam reformuladas as estruturas dos cursos técnico e médio para atender a LDB nº 9394/96, propondo que desenvolvessem com os estudantes projetos multidisciplinares, e valorizando a prática de aprender e ensinar por meio do desenvolvimento de projetos de pesquisas, além de instruir sobre os sistema de avaliação do estudante, da elaboração dos Planos de Ensino e da construção do Plano Pedagógico na unidade escolar, apresentando entre os objetivos gerais, os descritos a seguir, relacionados com o mundo do trabalho e o espírito empreendedor:

1. Promover a transição entre a escola e o mundo do trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos e habilidades gerais e específicas para o exercício de atividades produtivas;
2. Promover a construção de competências que contemplem habilidades, conhecimentos e atitudes que atendam às demandas do setor produtivo e das relações sociais; [...]
3. Discutir as transformações do trabalho no mundo atual e compreender os impactos dessas transformações na vida do trabalhador, no sistema de relações sociais e no mundo do conhecimento; [...]
4. Buscar a superação da dicotomia trabalho manual/intelectual no cotidiano do curso, através das razões sociais que a explicam e de uma prática pedagógica emancipadora;
5. Promover o ensino baseado nos preceitos da ética e da integridade humana, estimulando o desenvolvimento do senso crítico, da cooperação, da iniciativa, da liderança e do espírito empreendedor; [...] (CEETEPS, 1998b, p. 8-9)



Figura 9 – Propostas da Coordenadoria de Ensino Técnico sobre a implantação da Lei 9394/96.
Fonte: CEETEPS, 1998b.

Outro documento localizado no CMEPTCPS, foi a publicação institucional “Uma década de projetos – metodologia, valores, práticas coletivas”, organizada pelo professor Antônio Luís Rizzo, em 2005 (Figura 10), que traz o depoimento do Diretor Nilson Robson Guedes Silva, da Etec Deputado Salim Sedeh, sobre a Empresa Jovem, e que é resultado do projeto de parceria entre o Centro Paula Souza e o SEBRAE-SP, ao narrar que:

[...] O funcionamento da Empresa Jovem “Sedeh-com – Comunicação Visual” na ETE Deputado Salim Sedeh, da cidade de Leme-SP, foi uma experiência que beneficiou todos os envolvidos no projeto. Desde o nascimento da ideia, a comunidade escolar mostrou-se entusiasmada em levá-lo adiante. Durante todos os cinco anos de seu desenvolvimento, a Empresa Jovem manteve contatos intensos com a comunidade externa da escola, oferecendo seus serviços na área de comunicação visual e inserindo no mercado de trabalho novos profissionais com experiência e competência. [...] Foi grande o número de empresários que procuraram a escola, após a instalação da Empresa Jovem, em busca de estagiários, provocando maior abertura no mercado de trabalho aos nossos alunos. No tempo de funcionamento da Empresa, até o ano 2002, 62 alunos fizeram estágio, dos quais 41 foram encaminhados para o mercado de trabalho e 21 dedicaram-se integralmente aos estudos. [...] (SILVA, 2005 *apud* RISSO, 2005, p. 69-70)



Figura 10 – Traz relato de funcionamento da Empresa Jovem na Escola Técnica, de 1998 a 2002.
Fonte: SILVA, 2005.

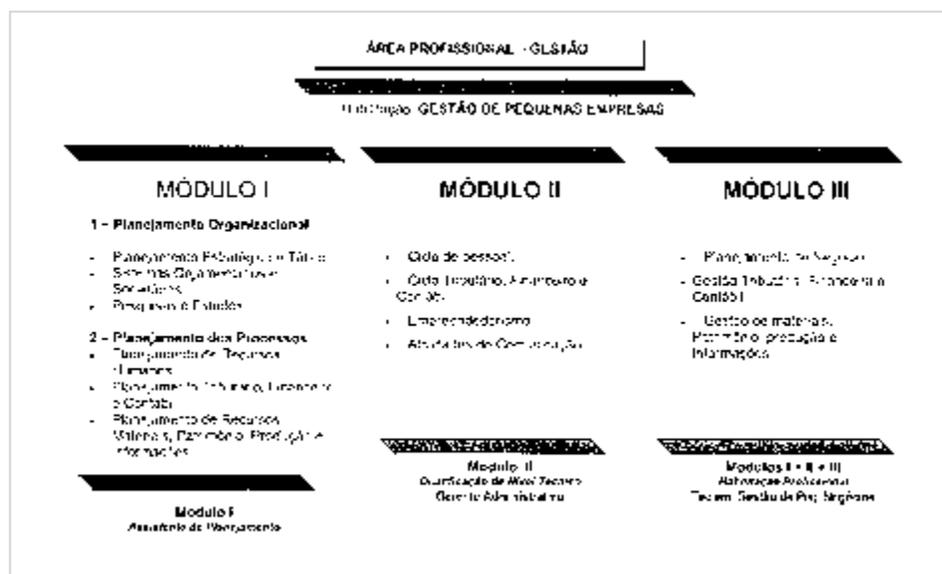
Em 2006, uma parceria entre o Governo do Estado de São Paulo – por meio do Centro Paula Souza – e a Fundação Roberto Marinho, criaram o TELECURSO TEC, um programa de formação técnica e qualificação profissional, na modalidade híbrida, composto por 3 cursos técnicos, com o objetivo de “Colaborar com o desenvolvimento do país por meio da qualificação profissional e cidadã de jovens adultos trabalhadores” e de 800 horas cada curso. (SÃO PAULO, 2006, p.3) O documento elaborado sobre essa parceria com o Centro Paula Souza (Figura 11), traz na justificativa, que:

O modelo quase-centenário de educação profissional implementado em escolas com os seus laboratórios, oficinas, salas ambientes e com seus calendários e horários rígidos, por sua vez, tem se mostrado insuficiente e até inadequado, para atender ao volume e às peculiaridades das solicitações: trabalhadores em regime de turno ou que dependem do calendário agrícola, cidadãos com as mais diversas dificuldades para frequentar regularmente uma escola etc. Além disso, ainda predomina nos centros de educação profissional uma didática da exposição de dados e informações e de demonstrações de técnicas e habilidades apoiados em manuais e em livros específicos. Hoje mais de $\frac{3}{4}$ dos alunos de cursos técnicos tem mais de 18 anos e sua maioria tem alguma ocupação formal ou informal. [...]”. (SÃO PAULO, 2006, p.7)

Quanto as atribuições das instituições parceiras na criação do TELECURSO TEC, consta que:

[...] No modelo proposto, cabe ao Governo do Estado de São Paulo elaborar o conteúdo, administrar os cursos, avaliar e certificar os alunos, sempre através do Centro Paula Souza ou de seus parceiros devidamente autorizados. Cabe à Fundação Roberto Marinho desenvolver o material didático, criar e gerenciar o ambiente virtual, capacitar os professores/tutores e administrar o sistema de tutoria e capacitar os educadores que irão atuar no programa. O Comitê Gestor, integrado por um representante do Governo do Estado de São Paulo e um representante da Fundação Roberto Marinho, é responsável pela direção geral dos trabalhos, que em níveis executivos serão desenvolvidos pelo Comitê Pedagógico, formado por representantes da Fundação Roberto Marinho e do Centro Paula Souza. O Comitê Pedagógico é o responsável direto pela implementação da metodologia e das diretrizes educacionais, supervisão geral e gerenciamento de todo o programa. Cabe também a este último orientar a produção de todos os materiais e recursos utilizados na implementação dos cursos. “(SÃO PAULO, 2006, p. 51)

A Figura 12 traz a matriz curricular do curso “Gestão de pequenas empresas” elaborada pelo Centro Paula Souza para o projeto de parceria com a Fundação Roberto Marinho. Enquanto, que a Figura 13 apresenta a primeira publicação impressa produzida por essa Fundação, para os três cursos técnicos oferecidos de Educação à Distância: Administração, Gestão de Pequenas Empresas, e Secretariado, em 2006. Nessa publicação, constam como autoras Andrea Cecilia Ramal e Silvana Ana Ramal na ficha técnica, e no expediente os professores que participaram do projeto de parceria: José Vitório Saciclotto, Sandra Regina Tonarelli Rodrigues e Soely Farias Martins, como Assistentes Técnicos de Direção, e Júlia Falivene Alves e Renato Nogueira Saldini, como supervisores de conteúdo.



Figuras 11 e 12 – Documento “TELECURSO TEC” apresenta a origem e a matriz curricular do curso de “Gestão de Pequenas Empresas” para a Educação Profissional à Distância. (SÃO PAULO, 2006)

Fonte: Arquivo Pessoal Júlia Falivene Alves, no CMEPTCPS, em 2022.



Figura 13 – Publicação do Telecurso Tec – módulo um. (RAMAL; RAMAL, 2006)
Fonte: Arquivo Pessoal Júlia Falivene Alves, no CMEPTCPS, em 2022.

Durante uma entrevista de história oral de vida com a professora Julia Falivene Alves, que atuou na Coordenadoria de Ensino Técnico, entre 1992 e 2011, para o projeto “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, ao ser questionada sobre a produção do material didático do TELECURSO TEC, relatou:

Mas nenhum de nós do Centro Paula Souza foi escolhido para escrever. A Andreia Ramal tem aparecido bastante na televisão, no programa da Fátima Bernardes, ela é uma educadora muito boa, e ela foi contratada como consultora para escrever. Ela participava dos encontros, e ela já tinha ideia de como seria um livro que fizesse o aluno trabalhar sozinho, e para alguma coisa importante. Por exemplo: começa trabalhado com uma historinha assim: – Uma padaria está com problema e daí vem uma discussão sobre aquele problema da padaria. Daí vem perguntinhas, assim: – o seu dia a dia tem muitas atividades? – quantas pessoas precisam participar de algum modo para que essa atividade aconteça? E daí transporta para a vida real do aluno. Daí todos os capítulos têm essas seções. Tem uma seção, por exemplo, aqui: – Descreva ou desenhe em um quadro, no seu bloco de notas, o processo envolvido na compra de um pão na padaria, todo o processo, indique os envolvidos em cada etapa. Vai lendo e vai fazendo o aluno pensar.

É um livro bem dinâmico, faz o aluno ir e voltar, e não é só isso, para cada capítulo tem vídeo. O vídeo é uma pessoa entrevistando um empresário, uma secretária, uma visita na padaria de Conto, famosa. [...] (ALVES, 2014)

A seguir, apresento documentos institucionais relacionadas à cultura escolar⁴ e as práticas escolares e pedagógicas⁵ de empreendedorismo e inovação implementadas e/ou promovidas pelo Centro Paula Souza.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INSTITUCIONAL PARA FORMAÇÃO DE EMPREENDEDORES

Durante pesquisa bibliográfica, localizou-se a publicação “Inovação e empreendedorismo. Experiências pedagógicas registradas nas etecs” (Figura 14), produzida a partir de uma capacitação de formação continuada de professores, que aconteceu na Coordenadoria de Ensino Técnico, sob a responsabilidade da professora Martha Regina Lucizano Garcia, entre 12 de abril e 14 de junho de 2012, com o objetivo de “gerir as políticas de inovação e empreendedorismo das Escolas Técnicas do Centro Paula Souza, desenvolvendo e internalizando ferramentas de gestão do processo de inovação e criando oportunidades para que as atividades de ensino e pesquisa [...]”. (SILVA, 2012) Essa publicação traz 20 artigos de professores sobre práticas escolares e pedagógicas de inovação e empreendedorismo, e no prefácio denominado “A contribuição do Ensino Técnico para a inovação no trabalho”, a visão do coordenador do ensino técnico, Almério Melquíades de Araujo, ao relatar que:

O processo de inovação na produção de objetos e serviços se apoia na imaginação, na memória e na intuição, qualidades humanas que se desenvolvem a partir das condições sociais e culturais em que cada um está inserido. O Ensino Técnico, nos últimos cem anos, tem buscado, nem sempre de forma contínua, construir e desenvolver currículos que reflitam a necessidade de formar profissionais aptos a executar e melhorar produtos e serviços, individual e coletivamente. Isto tem exigido da Escola Técnica uma atenção permanente ao que se passa em seu entorno, no que diz respeito às incorporações tecnológicas nos processos produtivos

4 A cultura escolar empregada nessa pesquisa como categoria de investigação é definida por Julia (2001, p. 10) como: “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem à transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas coordenadas a finalidade que podem variar segundo as épocas [...]”

5 Gvirtz (2005, p. 25) conceitua as práticas discursivas escolares como produções da escola e as práticas discursivas pedagógicas produções sobre a escola.

e nas relações sociais. É essa intenção, difícil e complexa, que permite a atualização dos currículos e, para seu desenvolvimento adequado de infraestrutura e professores atualizados. Repetindo Paulo Freire: “Só há inovação quando a relação de tensão entre a rotina que te puxa para a repetição e a ousadia que te empurra para a transformação parteja o novo”. Nesta direção, o Centro Paula Souza, nos últimos doze anos, tem dividido com instituições públicas e privadas a responsabilidade da construção e da avaliação de seus cursos técnicos. Será muito difícil formar profissionais criativos se a escola não ultrapassar o limite de seus muros e, restringir suas reflexões e ações pedagógicas às salas de aula e laboratórios. Os professores do Ensino Técnico, na sua maioria, profissionais com formação e experiência nas mais diferentes áreas, transformam suas vivências em processos didáticos práticos e criativos. [...] (ARAÚJO, 2013 *apud* GARCIA, 2013, p. 4)

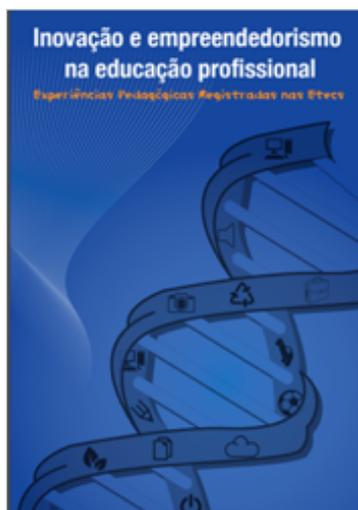


Figura 14 – Práticas escolares e pedagógicas empreendedoras promovidas pela Cetec, em 2013.
Fonte: CENTRO PAULA SOUZA, 2023.

Uma parceria entre o Centro Universitário FEI e o Centro Paula Souza, propiciou a criação do Prêmio FEI Inova Paula Souza que resultou em publicação (Figura 15) organizada por Edson Sadao Iizuka (2015), trazendo no prefácio da superintendente Laura Laganá, que:

[...] Unidos pela vontade de estimular cada vez mais o espírito empreendedor nas Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), lançamos

o Prêmio FEI Inova Paula Souza, como forma de reconhecer a capacidade dos professores em trazer novas experiências de ensino e manter sempre acesa a chama da inovação entre os jovens. O que temos nesta publicação é o resultado do esforço de nossos educadores em querer fazer cada vez mais, melhor e diferente. É uma honra para o Centro Paula Souza contar com profissionais da mais alta competência em temas tão presentes no mundo contemporâneo, como sustentabilidade, empreendedorismo e inovação. O prêmio também é uma forma de retribuir o empenho de nossos educadores em assumir o desafio de aprimorar constantemente sua prática pedagógica. Esse é o espírito do professor do século XXI. [...] (LAGANA *apud* IIZUKA, 2015, p.9)



Figura 15 – Práticas escolares empreendedoras realizadas em escolas técnicas.
Fonte: IIZUKA, 2015.

A partir dessa publicação apresentada na Figura 15, o Inova Paula Souza passou a oferecer ensino à distância por meio da Escola de Inovadores, em 2015. Uma outra publicação do Inova, mais recente, traz um artigo de Volpi Junior et al. (2020), que discorre sobre as capacitações oferecidas para promover a cultura empreendedora ao registrar que,

[...] A disseminação da cultura empreendedora e de inovação ocorre por meio de capacitações de docentes e discentes, ações diversas em parceria com as comunidades locais, e atividades que motivem a inovação e o empreendedorismo, pela aplicação de ferramentas oferecidos pela Inova CPS. O empreendedorismo enriquece a

educação, traz mais qualidade ao processo ensino-aprendizagem fazendo com que ele se renove. O professor é empreendedor porque inova, trabalha métodos e atividades originais, assumindo possíveis riscos em relação ao ensino. [...] (VOLPI JUNIOR; SILVA; RONQUI; MEIRA, 2020. In: BIANCO; GHENO, 2020, p. 95)

Uma outra publicação de Marcovitch e Saes (2018) contém um capítulo denominado “Empreendedorismo e inovação: a experiência do Inova Paula Souza”, e este composto de três artigos de colaboradores do Centro Paula Souza, dois professores das faculdades de tecnologia de São Carlos e de Jahu, além de uma proposta da coordenação de empreendedorismo institucional (Quadro II). A leitura desses artigos indica uma reestruturação no Inova, propondo a ampliação da equipe de coordenadores de projetos no Inova, que aconteceu a partir de 2018, e que possibilitou uma articulação maior entre esses coordenadores e empresários locais nos municípios, visando oferecer capacitação por meio dos cursos da Escola de Inovadores.

Quadro 2 – Publicações de professores de faculdades de tecnologia institucional sobre “Empreendedorismo e inovação: a experiência do Inova Paula Souza”

TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO
Concepção de um Negócio Tecnológico	Alfredo Colenci Neto	Faculdade de Tecnologia de São Carlos
Capacitação em Inovação e Empreendedorismo	Francienne Hernandes Moreira	Faculdade de Tecnologia de Jahu
Desenvolvimento de Ideias Empreendedoras	Rui Dezani	Coordenação de Empreendedorismo

Fonte: MARCOVITCH; SAES (2018, p. 5).

Simoni Maria Gheno (2022), gestora do Inova CPS na Assessoria de Inovação Tecnológica, em publicação recente, apresenta um histórico breve sobre a Escola de Inovadores,

[...] A Escola de Inovadores é um curso de extensão, gratuito, criado em 2015, o qual visa fornecer ferramental básico de empreendedorismo e inovação para alunos, ex-alunos do CPS ou de qualquer instituição de ensino público ou privado de nível mé-

dio, médio-técnico ou superior, bem como empreendedores da região. [...] O projeto piloto do curso foi implantado na Fatec São José dos Campos, no 2º semestre de 2015. Em 2016, o curso atendeu a 3 unidades: Fatec São José dos Campos, Fatec Jahu, Fatec Praia Grande. Em 2017, cinco unidades do CPS foram atendidas: Fatec São José dos Campos, Fatec Jahu, Fatec São Carlos, Fatec Pindamonhangaba e Fatec Sertãozinho. O curso cresceu de forma a atender 16 unidades em 2018, mas seu crescimento exponencial aconteceu mesmo em 2019 [...] (GHENO, 2022. In: MARTINS; GHENO, 2022, p. 16)

A instituição também contribui para difundir práticas e eventos sobre o protagonismo juvenil, requerido pela BNCC apresentada em 2017 (BRASIL, s/d), como os roteiros pedagógicos com itinerários formativos para o Novo Ensino Médio (ARAUJO, 2020; SERAFIM et al, 2021) e promove eventos, como a Feira de Empreendedorismo, que acontece anualmente na Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba:

Empreender pode ser uma boa alternativa também para quem está iniciando a vida profissional. Para apresentar cases de sucesso e abrir os olhos de estudantes para possibilidades no mundo dos donos do próprio negócio, a Faculdade de Tecnologia do Estado (Fatec) Itaquaquecetuba realiza nesta sexta-feira (6) a segunda edição da Feira dos Empreendedores (CENTRO PAULA SOUZA, 2020)

Em junho de 2021, iniciou-se o projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” com 17 membros do GEPEMHEP, que realizaram ainda neste ano, entrevistas de história oral de vida indicadas no Quadro III e difundidas no site de memórias institucional, no link percurso histórico (CENTRO PAULA SOUZA, 2022) Como essa pesquisa está em andamento, e este trabalho trata-se de um levantamento documental institucional sobre práticas educativas em prol do empreendedorismo, essas entrevistas serão discutidas em outro momento.

Quadro 3 – Professores-pesquisadores e entrevistadores de ex-alunos (as) de escolas técnicas e faculdades de tecnologia, de diferentes cursos, durante o ano de 2021.

REGIÃO ADMINISTRATIVA	INSTITUIÇÃO MUNICÍPIO PROFESSOR PESQUISADOR	CURSO TÉCNICO OU TECNOLÓGICO DE EX-ALUNOS (AS) ENTREVISTADOS (AS)
Campinas	Etec Bento Quirino Campinas Américo Baptista Villela	Química Desenho e Tecnologia Eletrotécnica Contabilidade
	Etec Trajano Camargo Limeira Marlene Guiselini Benedetti	Desenhista de Ferramentas e Dispositivo
	Etec Dr. Carolino da Motta e Silva Espírito Santo de Pinhal Kátia Vargas Abrucese	Agropecuária
	Etec Pedro Ferreira Alves Mogi Mirim Fábia Dovigo Pais	Secretariado Mecânica Administração e Informática
Franca	Etec Dr. Júlio Cardoso Aparecida Helena Costa	Calçados Mecânica Administração Marcenaria
	Etec Dr. Júlio Cardoso Joana Célia de Oliveira Borini	Informática Eletrotécnica
	Fatec Dr. Thomaz Novelino Liene Cunha Vittar Bittar	Gestão de Produção Industrial
	Etec Prof. Alcídio de Souza Prado Orlandia Maria Teresa Garbin Machado	Informática Processamento de Dados Contabilidade

REGIÃO ADMINISTRATIVA	INSTITUIÇÃO MUNICÍPIO PROFESSOR PESQUISADOR	CURSO TÉCNICO OU TECNOLÓGICO DE EX-ALUNOS (AS) ENTREVISTADOS (AS)
São José do Rio Preto	Etec Philadelpho Gouvêa Netto São José de Rio Preto Jurema Rodrigues	Edificações Construção Civil
	Etec Prof. Matheus Leite de Abreu Mirassol Sueli Mara Oliani Oliveira Silva	Agropecuária
São José dos Campos	Etec Cônego José Bento Jacaré Júlia Naomi Kanazawa	Agropecuária Ginásio Agrícola Rede de Computadores
	Etec Cônego José Bento Jacaré Carolina Cardoso de Oliveira	Agropecuária
Marília	Etec Orlando Quagliato Santa Cruz do Rio Pardo Janice Zilio Pedroso	Agropecuária
Metropolitana SP	Fatec de São Paulo São Paulo Maria Alice Pius	Edifícios Obras Hidráulicas
Ribeirão Preto	Etec José Martimiano da Silva Ribeirão Preto Érika da Silva Bronzi Moura	Nutrição e Dietética Cozinha
Baixada Santista	Etec Dona Escolástica Rosa Santos Márcia Cirino dos Santos	Nutrição e Dietética Administração

Fonte: elaborado pela autora (CENTRO PAULA SOUZA, 2022).

Em 2021, a Cetec publicou “Os Itinerários Formativos no Ensino Médio”, como orientações gerais, da qual destaco as “práticas de empreendedorismo” como contribuição para implementação da BNCC (BRASIL, s/d) nas escolas técnicas,

Este componente curricular tem como foco principal desenvolver atitudes e competências empreendedoras que possibilitem aos estudantes alinhar sonhos, intuição e criatividade com planejamento, pesquisa e investigação, para que possam resolver problemas, reconhecer oportunidades, enfrentar adversidades e, o mais importante, para que sejam agentes de transformação para uma sociedade melhor. No Centro Paula Souza, o componente curricular de Práticas de Empreendedorismo é pensado além do empreendedorismo como negócio, a fim de que abarque o empreendedorismo de forma sistêmica. [...] (SERAFIM et al., 2021, p.18)

Em 19 de março de 2022, os participantes do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, se encontraram no Clube de Memórias XXXVII, capacitação oferecida pela Cetec/CPS e denominada – “Círculo da emancipação”: entre aprender e compreender – onde discutiu-se na oficina de leitura um artigo publicado sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a fim de compreender a relação da educação profissional com o mundo do trabalho. Esse artigo de Silva e Freitas (2020) relaciona a BNCC com a arte neoliberal de governar a educação no Brasil, segundo os autores:

[...] O que chamamos de neoliberalismo levou essa relação ao extremo, produzindo uma sociedade espelhada no modelo-empresa, cuja lógica está pautada no investimento perene no capital humano, na competitividade, na liberdade e na (hiper) responsabilização individual. Podemos notar a relevância da educação nesse processo. Não seria exagero afirmar que, numa lógica de empresariamento social, a educação seja um espaço de competências para ‘a eficácia’, a ‘eficiência’, a ‘inovação’, a ‘flexibilidade’, a ‘iniciativa’ (ser ‘proativo’), a ‘criatividade’, a ‘disposição em assumir risco’, etc” (GADELHA, 2015, p. 351 *apud* SILVA; FREITAS, 2020, p. 5)

Durante a oficina de leitura no Clube de Memórias XXXVII, dei destaque a citação a seguir, retirada do documento da BNCC (BRASIL, s/d) que traz o registro de “uma postura empreendedora” a ser desenvolvida com a juventude,

[...] preparação básica para o trabalho e a cidadania, o que não significa a profissionalização precoce ou precária dos jovens ou o atendimento das necessidades imediatas do mercado de trabalho. Ao contrário, supõe o desenvolvimento de competências

que possibilitem aos estudantes inserir-se de forma ativa, crítica, criativa e responsável em um mundo do trabalho cada vez mais complexo e imprevisível, criando possibilidades para viabilizar seu projeto de vida e continuar aprendendo, de modo a ser capazes de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores. Para tanto, a escola que acolhe as juventudes precisa se estruturar de maneira a [...] prever o suporte aos jovens para que reconheçam suas potencialidades e vocações, identifiquem perspectivas e possibilidades, construam aspirações e metas de formação e inserção profissional presentes e/ou futuras, e desenvolvam uma postura empreendedora, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral. (BRASIL, s/d, p.465-6)

Nessa citação da BNCC (BRASIL, s/d, p. 465-6) observa-se que cabe a escola se estruturar de modo a oferecer aos jovens suporte para que identifiquem suas vocações, perspectivas e possibilidades para desenvolverem uma postura empreendedora.

No Centro Paula Souza, entre 31 de agosto e 01 de setembro de 2021, aconteceu o “1º Workshop do CPS: Empreendedorismo e Empregabilidade do egresso”, coordenado pela vice superintendente, Emilena Josimari Lorenzon Bianco, do qual destaco a Tabela 1 apresentada pela Simoni Maria Gheno (2022, p. 18), que nesse evento apresentou um histórico sobre os resultados obtidos na Escola de Inovadores, e que devem estar relacionadas com as práticas escolares e pedagógicas implementadas, entre os anos de 2019 e 2020, e que indica quantas turmas foram abertas oferecendo cursos de extensão sobre ferramentas básicas de empreendedorismo e inovação, quantos projetos foram inscritos e quantos foram selecionados para participarem desses cursos, e dos que participaram nesse período, quantas empresas foram formalizadas, por meio do cadastro nacional de pessoa jurídica (CNPJ) criados durante ou após participação nesses cursos, e destas empresas, quantas tiveram origem em projetos incubados ou acelerados. A Escola de Inovadores também incentiva a participação em eventos externos, sendo que alguns desses projetos foram premiados, inclusive no exterior, e alguns troféus encontram-se no centro de memória institucional (CMEPTCPS).

Os dados apresentados na Tabela 1 indicam que não basta oferecer cursos de extensão para estimular uma postura empreendedora, embora a educação seja imprescindível, é preciso dispor de políticas públicas: industrial, de revisão tributária, econômica e de estímulo ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, pois estas são fundamentais para retomada do desenvolvimento deste país.

Tabela 1 – Dados da escola de inovadores nos anos de 2019 e 2020

INFORMAÇÕES GERAIS	2019	2020	2021 1
Turmas abertas	91	104	83
Projetos selecionados	1689	2362	2011
Participantes selecionados	2416	3075	2622
CNPJs criados durante ou após o Programa	106	105	andamento
Projetos Incubados/Acelerados	42	27	andamento
Projetos que participam de eventos externos	74	37	andamento

Fonte: Inova CPS

Fonte: (GHENO, 2021, p. 18. In: MARTINS; GHENO, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado parcial da pesquisa, o trabalho apresenta documentos institucionais relacionados as práticas escolares e pedagógicas para o empreendedorismo, que foram localizados no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica (CMEPTCPS), a partir de 1997, ou que estão disponíveis *online* por serem exclusivamente nato digital.

É importante destacar que os primeiros cursos oferecidos na instituição em 1997, surgiu de um convênio do Governo do Estado de São Paulo com o SEBRAE, envolvendo o Centro Paula Souza para implementar práticas escolares e pedagógicas na formação de jovens empreendedores. Inicialmente, participaram docentes de 30 escolas técnicas para formar multiplicadores, nesse curso com 230 horas. Numa segunda etapa, em 1998, o número de escolas técnicas envolvidas passou a 55, mas o curso teve sua carga horária reduzida para 40 horas, sendo transferida a sua gestão para a Unidade de Ensino Médio e Técnico, com o ingresso da professora Ivone Marchi Ramos, como coordenadora desse projeto.

A partir desse convênio CPS/SEBRAE, documentos foram localizados durante pesquisa bibliográfica, referentes à continuidade da instituição em capacitações e publicações relacionadas com o empreendedorismo e inova-

ção, envolvendo estudantes e professores em práticas escolares e pedagógicas, e assim confirmando as pesquisas realizadas por Marcovith e Saes (2018, 2020) e o envolvimento da instituição na construção de políticas públicas estaduais implementadas pelo governo do estado de São Paulo para formação de jovens empresários.

Quanto ao desenvolvimento do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, do qual a autora é proponente e coordenadora, destaco que até o momento as entrevistas de história oral foram realizadas com 51 ex-alunos que se tornaram empresários, concedidas à 16 professores-pesquisadores, em 2021, envolvendo 12 escolas técnicas e 2 faculdades de tecnologia, e que os vídeos produzidos foram editados e com os documentos de registros dessas entrevistas, difundidos no site de memórias institucional, no link percurso histórico. Sobre a importância da preservação dessa memória escolar, Bruno Marcelo de Souza Costa (2013, p. 24) relata que, “Num tempo veloz e fugaz, em que a alienação, o isolamento e o silenciamento das experiências, nos forçam a perder nossa memória coletiva, lembrar e compartilhar memórias é uma ação rebelde que adquire um caráter de resistência política: a memória compartilhada é uma forma de não sucumbir ao esquecimento que o tempo acelerado da vida social nos impõe. [...]”.

Finalizo esse trabalho, com uma reflexão de Helena Gemignani Peterossi, coordenadora da Unidade Pós-graduação, Extensão e Pesquisa do Centro Paula Souza sobre empreendedorismo e o mundo do trabalho, em evento institucional recente, sobre essa temática:

[...] O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS, ao organizar o 1º Workshop de Empreendedorismo e Empregabilidade” iniciou um caminho de discussões e reflexões para repensar o papel social, econômico e cultural do trabalho e da formação profissional. Os textos reunidos neste livro foram construídos pelos autores a partir de sua participação nesse evento, e incorporam tanto suas apresentações individuais, quanto os debates que se seguiram. No seu conjunto revelam a preocupação com o desafio de como, num mundo com menos trabalho formal, resgatar o significado e o propósito das práticas educacionais. (PETEROSI, 2022, p. 8-9. In: MARTINS; GHENO, 2022).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Julia Falivene. **Entrevista concedida à professora Maria Lucia Mendes de Carvalho em 5 de outubro de 2014**. Projeto História Oral na Educação: memórias do trabalho docente do Centro Paula Souza. Vol. 2. Disponível em: http://memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEmtd_JFRA2014.pdf Acesso em: 27 fev. 2023.
- ARAUJO, Almério Melquíades de. (org.) **Proposta do Centro Paula Souza. Base Comum Curricular (BNCC), estruturada nos termos da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2019.63p.
- ARAUJO, Almério Melquíades de. (org.) **Roteiros Pedagógicos. Ensaios de itinerários formativos para o segundo ano do ensino médio: Uma proposta para a parte diversificada da nova Base Nacional Comum Curricular**. São Paulo: Centro Paula Souza. 2020. 98p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 3, de 18 de dezembro de 2002**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. Disponível em: http://memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/legislacao/2002ResolDiretrizesCursosTecLegisla_rede_resol03.pdf. Acesso em: 26 fev. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. s/d, 600p. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 24 mar. 2022.
- BIANCO, Emilena Lorenzon. GHENO, Simoni Maria. Inova CPS. **Boas práticas em empreendedorismo e inovação no ecossistema Inova CPS**. São Paulo: CPS, 2020. 160 f. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/2020InovaCPS.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.
- CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Cinquentenário do Centro Paula Souza. Documento em destaque: discurso da “Aula inaugural do Centro Estadual de Educação Tecnológica”. **Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, v. 5, p. 1-10, e019040, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/12617/800>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CENTRO PAULA SOUZA. Memórias e história da educação profissional e tecnológica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2022. 1 **sítio eletrônico**. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. SEBRAESP. Instituto UNIEMP. **Formação de Jovens Empreendedores**. 1997. Acervo do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/arquivos/1997CatalogoFormaJovensEmpreendedoresNR336.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. SEBRAESP. Instituto UNIEMP. **Formação de Jovens Empreendedores**. Apostila. Volume 3. 1998a. Acervo do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, em 2022.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. Coordenadoria de Ensino Técnico. **As propostas do CEETEPS**. 1998b. 18p. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/1998PropostasCEETEPSNR285CMEPTCPS.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA. **Relatório CEETEPS da gestão Marcos Antônio Monteiro**. 1999. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/1999CentroPaulaSouzaBreveRelatoNR332CMEPTCPS.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP 3, de 18 de dezembro de 2002**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia. 2002

COSTA, Alessandra Mello da. BARROS, Denise Franca. CARVALHO, José Luís Felício. A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo. **RAC**, Curitiba, v. 15, n.2, art. I, pp. 179-197, mar./abr. 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 22 mar. 2022.

COSTA, Bruno Marcelo de Souza. **A Escola como espaço de memórias e formação de identidade(s)**. Programa de Pós-graduação Comunicação, Linguagem e Cultura – UNAMA n.2, 2013, p. 22-26. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/778/355>. Acesso em: 27 ago 2022.

IIZUKA, Edson Sadao (org.). **Experiências inovadoras de ensino e aprendizagem**. Prêmio FEI Inova Paula Souza: 1ª Edição 2014-2015. São Paulo: Centro Universitário FEI; Centro Paula Souza, 2015. 272p.

GARCIA, Martha Regina Lucizano (org.). **Inovação e empreendedorismo na educação profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. 82p. Disponível em: http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/2013ebook_inovacaocetec.pdf. Acesso em: 26 fev. 2023.

GHENO, Simoni Maria. A vivência macro no CPS e a relação com projetos inovadores. In: MARTINS, Denise Maria. GHENO, Simoni Maria (orgs.). **1º Workshop do CPS: Empreendedorismo e Empregabilidade do egresso [recursos eletrônico]** São Paulo: Centro Paula Souza, 2022, p.11-22. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/2022ebookEmpreendedorismoINOVACPS564969-10-workshop-do-cps-649695.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GVIRTZ, Silvina. **Do currículo prescrito ao currículo de classe: um olhar sobre os cadernos de classe**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

JULIA, D. A. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, p.10. 2001.

MARCOVITCH, Jacques. SAES, Alexandre Macchione. **Pioneirismo e educação empreendedora: projetos e iniciativas**. São Paulo; Com-Arte, 2018, 224p.

MARTINS, Denise Maria. GHENO, Simoni Maria (orgs.). **1º Workshop do CPS: Empreendedorismo e Empregabilidade do egresso [recursos eletrônico]** São Paulo: Centro Paula Souza, 2022, p.11-22. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/2022ebookEmpreendedorismoINOVACPS564969-10-workshop-do-cps-649695.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

PETEROSI, Helena Gemignani. Introdução. In: MARTINS, Denise Maria. GHENO, Simoni Maria (orgs.). **1º Workshop do CPS: Empreendedorismo e Empregabilidade do egresso [recursos eletrônico]** São Paulo: Centro Paula Souza, 2022, p.7-9. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/arquivos/2022ebookEmpreendedorismoINOVACPS564969-10-workshop-do-cps-649695.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

RAMAL, Andrea Cecilia; RAMAL, Silvana Ana. **Telecurso TEC**. Cursos Administração, Gestão de Pequenas Empresas, Secretariado e Assessoria. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, módulo um, xxp.

RAMOS, Ivone Marchi Lainetti. Projeto formação de jovens empreendedores. **Revista Synthesis**, n.5, outubro, 1998, p.39-41.

SAES, Alexandre Macchione; MARCOVITCH, Jacques. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, 2020.

SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. FONSECA, Vitor Manoel Marques da Fonseca. Apresentação do dossiê “História da arquivologia no Brasil: instituições, atores e dinâmica social”. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.34, n.1, jan./abr. 2021, p.6-9.

SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação. **Parecer nº 681/72 de 22 de maio de 1972**. Aprova-se a integração em uma Faculdade com o nome de Faculdade de Tecnologia de S. Paulo, os cursos de nível superior, mantidos pelo CEET de S. Paulo, figurando este como órgão mantenedor. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CEE-SP_PAR_681_305_1970.pdf. Acesso em: 19 nov. 2021.

SÃO PAULO. Governo do Estado. **Decreto nº 1418, de 10 de abril de 1973**. Dá denominação ao Centro Estadual de Educação Tecnológica e altera a constituição de seus cursos. Disponível em: <http://www.memorias.cpsetec.com.br/publicacoes/legislacao/Decreto1418abr101973CentroPaulaSouza.pdf>

SÃO PAULO. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE nº 1.104/74 de 25 de maio de 1974**. Reconhecimento dos cursos ministrados pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Disponível em: http://www.memorias.cpsetec.com.br/arquivos/CEE-SP_PAR_1104_8_1973.pdf

SÃO PAULO. Governo do Estado. **Decreto nº 17.027, de 19 de maio de 1981**. Aprova o Regimento do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Disponível em:

SÃO PAULO. Governo do Estado. Centro Paula Souza. Fundação Roberto Marinho. **Telecurso TEC**. Diretrizes Metodológicas e Estruturais. Arquivo pessoal Júlia Falivene Alves no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica. 2006. 55p.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. Secretário de Estado da Educação. Empreendedorismo. **Plano Estadual de Educação Empreendedora**. Material de Apoio ao Currículo da Educação Básica. 2015. 29p. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1275.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SERAFIM, Ariane Francine; JOVANELLI, Artur Clayton; ANTONIO, Davi Gutierrez; SOLGON, Gabriela Carvalho. **Os Itinerários Formativos no Ensino Médio**. Orientações gerais. São Paulo: Centro Paula Souza. 2021. 21p.

SILVA, Nilson Robson Guedes. Funcionamento da Empresa Jovem na Escola Técnica. In: RISSO, Antonio Luís. **Uma década de projetos, metodologia, valores, práticas coletivas**. Centro Paula Souza. Campinas: Editora Komedi, 2005, p. 69-70.

SILVA, Mozart Linhares da. FREITAS, Josí Aparecida de. A Base Nacional Comum Curricular e a Arte Neoliberal de governar a educação no Brasil. **Educativa**, Goiânia, v. 23, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/8097>. Acesso em: 19 nov. 2021.

O empoderamento feminino no curso de Técnico em Agropecuária da Etec Orlando Quagliato

Janice Zilio Martins Pedroso
Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato.
Programa de Pós-Graduação em Educação/UENP

INTRODUÇÃO

O curso Técnico em Agropecuária foi instalado na Escola Técnica Estadual (Etec) Orlando Quagliato desde o ano de sua implantação, em 6 de novembro de 1970, pelo Decreto Estadual nº 52.553/70, que instituiu a criação da Escola Técnica Estadual, iniciativa que se deu pela necessidade de pessoal qualificado para assessoramento técnico agrícola por conta do desenvolvimento da agricultura e pecuária no Estado de São Paulo.

A primeira turma de Técnico em Agropecuária era constituída por alunos do sexo masculino de diversas localidades, incluindo vários Estados da Federação Brasileira. Juntamente com instalação do curso de Técnico em Agropecuária, criou-se também o curso de Economia Doméstica destinado às mulheres.

Dessa forma, o aluno do sexo masculino fazia Agropecuária e as alunas do sexo feminino se inscreviam para o curso de Economia Doméstica. Assim, o ensino agrícola por muito tempo atendeu exclusivamente ao público masculino e as mulheres eram preparadas para os afazeres domésticos, culinários, o cuidado da casa e dos filhos, constituindo o reflexo de uma sociedade patriarcal.

Com o passar dos anos esse panorama vem sendo modificado, ou seja, é muito comum vermos mulheres se destacando no ramo do agronegócio e empreendendo na área agrícola. Este trabalho tem o intuito de apresentar a quantidade de mulheres que concluíram os cursos agrícolas desde a primeira turma, em 1977, até o ano de 2021, a partir da análise documental nos livros de registros de diplomas da Etec Orlando Quagliato, dentro desse período, identificando a participação feminina no estudo do Técnico em Agropecuária, e ainda apresentar o desdobramento pós-curso, ou seja, o rumo que as egressas que foram entrevistadas, entre os anos de 2021 e 2022, tomaram após concluir o curso.

Nesta linha de raciocínio observa-se o gradual empoderamento das mulheres nas atividades laborativas da área rural, quebrando de modo progressivo o paradigma de que o labor no campo estaria reservado aos homens.

AS MULHERES NAS TURMAS DE AGROPECUÁRIA

A história aponta vários momentos em que as mulheres foram excluídas da sociedade. Muitas vezes, elas mesmo interiorizaram uma visão de si mesma de inferioridade, submissão e dependência ficando no plano doméstico, na criação dos filhos e submissa ao marido.

As sociedades agrícolas não se desenvolveriam sem a participação das mulheres. Por muito tempo elas desenvolveram seu trabalho sem reconhecimento e remuneração. Elas eram vistas como ajudantes de seus maridos e sempre desenvolveram trabalhos auxiliares. (PERROT, 2007)

Essa cultura do passado, levou as mulheres apenas à relação doméstica e de submissão no âmbito familiar e sem poder participar das decisões pré-determinadas por uma sociedade conservadora.

No decorrer da história, muitas mudanças ocorreram na vida do campo, dentre elas destaca-se que as mulheres foram aprendendo a trabalhar com a terra e a gerenciar o negócio rural para o sustento de sua família. (PERROT, 2007)

Aos poucos elas foram ganhando seu espaço no meio rural, e mesmo tendo contribuído socialmente e economicamente, elas sofreram muita resistência pois, sua imagem sempre foi associada à fragilidade. (AUAD, 2003)

O Decreto-lei nº 9.613 de 20 de agosto de 1946, que instituiu a Lei Orgânica do Ensino Agrícola e o estabelecimento das normas e bases de organização do ensino, não proibiu a inserção de mulheres nos cursos agrícolas, porém em seu artigo 52º, observou-se algumas restrições especiais às mulheres:

1. É recomendável que os cursos do ensino agrícola para mulheres sejam dados em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
2. Às mulheres não se permitirá, nos estabelecimentos do ensino agrícola, trabalho que, sob o ponto de vista de saúde, não lhes seja adequado.
3. Na execução dos programas, em todos os cursos, ter-se-á em mira a natureza da personalidade feminina e o papel da mulher na vida do lar.
4. Nos dois cursos de formação do primeiro ciclo, incluir-se-á o ensino de economia rural doméstica.
5. Além dos cursos de e (sic) continuação para mulheres que trabalhem na agricultura e destinados a dar-lhes sumário ensino de um ofício agrícola, ministrarão os estabelecimentos de ensino agrícola a mulheres que trabalharem nas lides do lar cursos de continuação de economia rural doméstica para ensino rápido e prático dos comuns misteres da vida doméstica rural. (BRASIL, 1946)

Embora não houvesse impedimento para que as mulheres estudassem no curso agrícola, o próprio decreto recomendava que o ensino para as mulheres fosse dado em estabelecimentos exclusivos femininos, separadas do público masculino, o que inviabilizava sua participação, tendo em vista a baixa demanda para formação de turmas.

Outro fator limitante era o foco na vida do lar, ou seja, às mulheres estavam sujeitas a restrições e limitações de uma sociedade composta por tradição patriarcal e machista, colocando como prioridade para o sexo feminino os afazeres domésticos.

O “interesse” das mulheres no curso agrícola somente floresceu 24 anos após a instalação da escola, sendo que a primeira turma mista de Técnico em Agropecuária iniciou-se, em 1995, e foi concluída, em 1997. Dentre os 53 formando, 12 eram mulheres e dentre elas, 4 residiam na cidade de Ourinhos e as demais eram da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo.

Após a primeira turma, a escola passou a receber mulheres de várias localidades nas turmas agrícolas anualmente, ainda com poucas mulheres em alguns anos.

Com o passar dos anos, os cursos da área agrícola passaram por estruturas e modificações nas grades curriculares e nomenclaturas. O Quadro 1, apresenta a participação das mulheres nos cursos da área da agricultura e pecuária, localizadas no livro de registro de diplomas na Secretaria Acadêmica da unidade escolar.

Notamos que em alguns anos, os cursos foram sendo alternados entre Agropecuária, Agricultura, Pecuária, Agricultura Familiar e Produção Agropecuária, todos na área agrícola, atendendo assim a demanda que o sistema econômico, predominantemente rural, reclamava na atividade laborativa rural.

É possível observar que apenas nos anos de 2002 e 2003, não houve mulheres concluintes e que a partir de 2012, houve uma constância no número de mulheres que procuraram pelos cursos na área agrícola.

Aline Buzzo da Costa (Figura 1) que estudou na Etec entre os anos de 1998 e 2000, relatou em sua entrevista que foi a primeira mulher que ficou no alojamento da escola aos finais de semana, pois até então não era uma prática da instituição:

[...] quando eu cheguei na escola e teve o primeiro empecilho, porque eu não sabia e, também não fui comunicada, que a escola não aceitava que meninas ficassem alojadas no final de semana. [...] Aí eu levei um choque muito grande, porque eu já tinha estudado uma semana e quando chegou na sexta-feira que a gente foi almoçar a dona Madalena pegava o nome de quem que ia ficar de final de semana na escola. Daí eu dei meu nome. Ela falou: – não, meninas, não ficam. Aí eu falei, meu Deus! Mas eu não moro aqui! Eu falei para ela, eu moro há mais de 3000 quilômetros! Não tem

como, eu não tenho como ir embora e voltar! E foi aquela discussão assim e tal, aí acabou que, depois de muita conversa, me deram uma... um voto de confiança, né? [...] E acabou que eu fui ficando, ficando e fiquei os quatro, cinco anos na escola. Final de semana aí só ficava eu de menina na escola. (COSTA, 2022, p. 4)

Quadro 1 – Relação de alunos concluintes dos cursos da área agrícola, entre 1997 e 2021.

ANO	CURSO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
1997	Agropecuária	41	12	53
1998	Agropecuária	48	11	59
1999	Agropecuária	43	8	51
2000	Agropecuária	32	2	34
2001	Agropecuária	31	3	34
2001	Pecuária	26	4	30
2002	Agricultura	40	-	40
2002	Pecuária	37	-	37
2003	Agricultura	33	2	35
2003	Pecuária	1	-	1
2004	Agricultura	36	1	37
2004	Pecuária	2	-	2
2004	Agropecuária	4	-	4
2004	Agricultura	31	1	32
2005	Agricultura	9	-	9
2005	Pecuária	33	8	41
2006	Agricultura	44	5	49
2006	Pecuária	29	2	31

ANO	CURSO	HOMENS	MULHERES	TOTAL
2006	Agricultura Familiar	6	1	7
2007	Agricultura	65	3	68
2007	Pecuária	37	1	38
2008	Agricultura	48	18	66
2009	Produção Agropecuária	22	3	25
2009	Agricultura	3	-	3
2009	Agricultura Familiar	1	-	1
2010	Agricultura	1	-	1
2010	Produção Agropecuária	46	4	50
2011	Agricultura	2	-	2
2011	Agropecuária	60	7	67
2012	Agropecuária	43	12	55
2013	Agropecuária	38	12	50
2014	Agropecuária	46	14	60
2015	Agropecuária	36	10	46
2016	Agropecuária	42	15	56
2017	Agropecuária	47	13	60
2018	Agropecuária	48	18	66
2019	Agropecuária	55	20	75
2020	Agropecuária	32	11	43
2021	Agropecuária	38	18	56

Fonte: Secretaria Acadêmica.
(ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO, em 2022)



Figura 1 – Aline Buzzo da Costa.

Fonte: Arquivo pessoal de Aline Buzzo da Costa, em 2022.

O depoimento de Aline Buzzo da Costa egressa, aponta que mesmo ela morando no alojamento durante a semana, nos finais de semana havia proibição, ou seja, nenhuma mulher até então havia permanecido no alojamento no período em que não havia aulas na escola. Essa foi a sua primeira dificuldade ao estudar no curso agrícola.

Atualmente o alojamento da Etec Orlando Quagliato é dividido em blocos: masculino e feminino. Cada unidade possui três cômodos, sendo uma sala, um quarto e um banheiro privativo. O alojamento tem capacidade para receber 220 alunos e no ano letivo de 2022, está ocupado por 104 alunos, sendo 35 do sexo feminino e 69 do sexo masculino.

Delimitada a participação numérica das mulheres no setor agrícola avançamos o trabalho no sentido de mostrar como o empreendedorismo se desenvolveu nesse período, dentro da instituição, e a veia empreendedora das mulheres no ramo econômico agrícola, tema que será abordado no tópico seguinte.

EMPREENDEADORISMO: COMO SE DESENVOLVEU?

O termo empreendedorismo foi utilizado na Idade Média para definir os indivíduos que gerenciavam projetos de produção, utilizando os recursos que tinham disponíveis. Os profissionais que realizavam acordos contratuais e assumiam riscos, eram os empreendedores no século XVII. Houve no século XVIII a diferenciação entre empreendedor e capitalista por causa do processo de industrialização que acontecia no mundo. No final do século XIX e início do XX, gerentes e administradores foram confundidos com empreendedores. (DORNELAS, 2005)

Atualmente, segundo o SEBRAE, o termo empreendedorismo “é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade”. Também está relacionado a um “negócio, um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças reais e impacto no cotidiano das pessoas”. (SEBRAE, 2022)

O empreendedorismo nem sempre esteve presente na Etec Orlando Quagliato. Os relatos de professores e alunos egressos e a análise das matrizes curriculares do curso de Técnico em Agropecuária, apontam que o componente curricular “Empreendedorismo” não fazia parte do curso. O egresso Oliveira Basilio Bassetto Junior (Figura 2) que estudou no curso de Técnico em Agropecuária, no período de 1985 a 1987, relata que quando foi empreender na área agrícola, sentiu dificuldades ao abrir seu negócio:

[...] mas o que me fez falta como profissional hoje e como empreendedor hoje, é trabalhar melhor a disciplina, trabalhar melhor a disciplina no sentido do planejamento, como me organizar dentro de um planejamento, como me organizar dentro de uma agenda de trabalho, metas, estabelecimento de metas, como olhar para meta e partilhar ela em pedacinhos pequenos pra poder ir atingindo isso. [...] E outra coisa que eu não aprendi, nem na escola agrícola e nem em casa, e depois a gente aprende com um custo alto isso, é uma Gestão Financeira, é como lidar com o dinheiro. (BASSETTO JUNIOR, 2021, p. 6)



Figura 2 – Oliveira Basilio Bassetto Junior.
Fonte: Arquivo pessoal de Oliveira Basilio Bassetto Jr., em 2021.

Observamos na fala de Oliveira Basílio Basseto Jr. (2021), que mesmo desenvolvendo vários conhecimentos e habilidades na sua formação, ele ainda sentiu dificuldade ao montar seu próprio negócio, principalmente na área financeira e no estabelecimento de metas dentro de um ramo de negócio. A partir da década de 90, a instituição passou a introduzir essa base aos alunos nos cursos que promovia. E não foi diferente na área da agropecuária.

Edvaldo Haroldo Nicolini (Figura 3), professor da Etec e ex-diretor da instituição, em entrevista concedida à autora em 2021, nos relata o projeto Jovem Empreendedor promovido em parceria com Sebrae na unidade de ensino na década de 90:

E houve realmente uma pré-disposição da instituição, do Centro Paula Souza, em investir numa qualidade de educação tecnológica importante. Então assim, eu peguei muito dessa ideia né. Então por exemplo assim, eu fiz um projeto junto com outros professores aqui da Etec que era o jovem empreendedor. Era um projeto do Sebrae, junto com o Centro Paula Souza. Foi feito nas escolas né, que era justamente para transmitir essa ideia do empreendedorismo. Hoje tá até na moda, mas lá em 99, era um embrião. Era uma coisa nova. Então a gente passou. Eu participei disso, foi um projeto muito interessante, os alunos gostavam muito das aulas, das dinâmicas, dos encontros, o projeto não era aula, eram os encontros que a gente fazia com os alunos, então foi muito legal. Foi o primeiro grande projeto assim que eu me lembre que eu gostei muito. (NICOLINI, 2021, p. 8)



Figura 3 – Edvaldo Haroldo Nicolini.

Fonte: Arquivo pessoal de Edvaldo Haroldo Nicolini, em 2021.

O professor Edvaldo Haroldo Nicolini (2021) nos relata sua vivência e experiência em participar desse projeto, que pode contribuir com o desenvolvimento dessas habilidades empreendedoras na formação dos alunos.

A egressa Aline Buzzo da Costa (2022), que estudou nesse período na escola agrícola, nos conta como foi sua experiência ao participar desse projeto:

[...] E aí eu lembro que também a gente teve um curso do Sebrae de Empreendedorismo. Foram alguns meses aquele curso. Me lembro muito bem disso, mas o que aconteceu? Nesse período, que eu fiquei na escola, eu acabei ficando responsável por alguns setores, e isso você acaba que compreendendo mais alguma coisa sobre ser proprietário, ser responsável, ter dinâmicas de tocar um comércio, uma empresa. (COSTA, 2022, p. 5)

Observamos nos depoimentos, a preocupação da instituição em firmar parcerias para a proposição desse projeto, já que o curso não contemplava diretamente esse conhecimento.

A matriz curricular (Figura 4) do curso de Técnico em Agropecuária (Habilitação Profissional Plena de Técnico em Agropecuária) da primeira turma com mulheres matriculadas, entre 1995 e 1997, era composta pela parte comum e parte diversificada. Na parte comum, os alunos tinham as seguintes matérias: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Matemática, Inglês, Educação Artística e Educação Física. A parte diversificada era composta por: Desenho Topográfico, Topografia, Administração e Economia Rural, Agricultura, Aplicação Técnica em Agricultura, Culturas, Prática em Projetos Agrícolas, Zootecnia, Aplicação Técnica em Zootecnia, Criações, Prática em Projetos Zootécnicos, Irrigação e Drenagem e Construções e Instalações. Contemplando a base comum e a parte diversificada, ainda havia as matérias de livre escolha, sendo elas: Industrialização Agropecuária, Mecânica Agrícola, Cooperativismo, Sociologia e Extensão Rural, além do Ensino Religioso. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO, 2022a)

A base comum contemplava os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Física, Química, Biologia, Matemática, Inglês, Espanhol, Educação Artística e Educação Física. Na parte diversificada foram assim divididas: Agricultura Orgânica; Cooperativismo, Associativismo e Economia na Agropecuária; Ética Organizacional, Extensão e Trabalho Rural; Microbiologia e Botânica Agrícola com Práticas em Olericultura e Especiarias; Gestão Ambiental, Instalações Rurais, Mecânica e Mecanização Agrícola; Nutrição Animal, Alimentos e Alimentação com Prática e Reservas Forrageiras em Animais Monogástricos; Fitossanidade e Proteção de Plantas com Práticas em Culturas Perenes, Paisagismo e Silvicultura; Nutrição Vegetal, Adubos e Corretivos com Práticas em Culturas Anuais; Levantamento e Representação Topográfica; Planejamento e Desenvolvimento do TCC em Agropecuária; Plano de Negócios Agropecuários; Reprodução e Seleção Animal com Práticas com

Animais de Pequeno Porte; Sanidade e Bem-estar Animal com Práticas em Pastagens e Animais Ruminantes, Saúde e Segurança no Trabalho Rural; Uso Sustentável da Água e do Solo e Viveiricultura e Cultivo Protegido. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO, 2022b)

CEETEPS
CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA "PAULA SOUZA"
Vinculado e Afiliado à UNESP
COORDENADORIA DO ENSINO TÉCNICO
ETAB "MÁRIA JOAQUINA DO ESPÍRITO SANTO"
Rua. Eng. João Baptista Cabral Rezende, km 33 - 18900-000 - Santa Cruz do Rio Pardo (SP)

HABILITAÇÃO PROFISSIONAL PLENA DE TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA

L E G I S L A Ç Ã O	MATERIAS / COMPONENTES CURRICULARES	TRAT MET	PERÍODO INTEGRAL				
			MÓDULO 36 SEMANAS			AULAS	C.HOR TOTAL
			1995	1996	1997		
F D E P A R T E C O M U N	PORTUGUÊS Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	D	3	3	3	9	304
R E S C F E 0686	ESTUDOS SOCIAIS História	D	2	2		4	72
	Geografia	D	2	2		4	72
C I Ê N C I Á S	Física	D		3		3	108
	Química	D	3			3	108
	Biologia	D	3	2		5	180
S O C I E D A D E	MATEMÁTICA	D	3	3	2	8	288
L Í N G U A E S T R A N J E I R A M O D E R N A	Inglês	D	2			2	72
	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	D	2			2	72
A R T E	Sub-Total de Horas da Parte Comum		20	15	5	40	1.440
7	EDUCAÇÃO FÍSICA	A	3	3	3	9	304
1	TOTAL DE HORAS DA PARTE COMUM		23	18	8	49	1.704
P A R T E D I V E R S I F I C A D A	MÍNIMO DESENHO E TOPOGRAFIA Desenho Topográfico Topografia		2			2	72
		D		2-3		5	180
I B E R A R I O S	ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA RURAL	D		2	2-1	5	180
	AGRICULTURA	D	3-1			4	144
E I F 4572	Agricultura	D	3-1			4	144
	Aplicação Técnica em Agricultura	D				4	144
C U L T U R A	Culturas	D		3-1	3-1	6	288
	Prática em Projetos Agrícolas	D		5	5	10	360
Z O O T E C N I Á	Zootecnia	D	3-1			4	144
	Aplicação Técnica em Zootecnia	D	4			4	144
C R I A Ç Õ E S	Criações	D		3-1	3-1	6	288
	Prática em Projetos Zootécnicos	D		5	5	10	360
2	IRRIGAÇÃO E DRENAGEM	D			1-1	2	72
9	CONSTRUÇÕES E INSTALAÇÕES	D			2-1	3	108
2	TOTAL DE HORAS DO MÍNIMO PROFISSIONALIZANTE		8-10	10-15	11-15	86	2.464
A L I N E A C O	INDUSTRIALIZAÇÃO AGROPECUÁRIA	D			1-2	3	108
	MECÂNICA AGRÍCOLA	D			2-2	4	144
L E I N O 5663/71	COOPERATIVISMO	D	2			2	72
	SOCIOLOGIA E EXTENSÃO RURAL	D			2	2	72
2	TOTAL DE HORAS DAS MATÉRIAS DE LIVRE ESCOLHA		2		3-4	11	396
2	TOTAL DE HORAS DA PARTE DIVERSIFICADA		20	26	36	82	2.880
2	CARGA HORÁRIA DA PARTE COMUM E DIVERSIFICADA		43	40	40	129	4.564
2	CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO		43	40	40	129	4.564
2	ENSINO RELIGIOSO		1	1	1	3	36

Santa Cruz do Rio Pardo, 22 de Julho de 1.996. PELA HOMOLOGAÇÃO. HOMOLOGO.




Leni de Oliveira
 Leni de Oliveira
 DI. DIR. DE ESCOLA
 29. 14.059.352

Paulo Roberto de Oliveira
 Paulo Roberto de Oliveira
 Assel. Téc. Dir. G. ED. 2.757.91
 Matéria de Licenciatura Excepc. - MAT/SP
 Resp. Grupo de Sup. Escolar
 Registro nº 20.603
 02/06/96

Figura 4 – Matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Técnico em Agropecuária, de 1995 a 1997.
Fonte: Secretaria acadêmica.
(ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO, em 2022a)

Com o passar dos tempos as matrizes curriculares foram sendo alteradas e organizadas de acordo com as políticas estabelecidas. A matriz da última turma de concluintes, entre 2019 e 2021, também foi organizada em componentes da base comum e parte diversificada, conforme Figura 5.

Observamos que as matrizes curriculares foram sendo modificadas para atender cada vez mais a evolução da sociedade, do agronegócio na modernidade e as políticas públicas. Na primeira turma o componente curricular Cooperativismo esteve agrupado nas matérias de livre escolha, ou seja, o aluno fazia a opção por cursá-la ou não. Na matriz curricular da última turma concluída, os componentes curriculares Cooperativismo, Associativismo e Economia na Agropecuária já estão presentes dentro da parte diversificada, como componentes obrigatórios. Notamos também a inserção do componente Plano de Negócios Agropecuários, inserido no primeiro ano.

Atualmente com a reformulação das matrizes curriculares a partir da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), o curso de Técnico em Agropecuária contempla em sua base o eixo estruturante empreendedorismo que tem como ênfase “expandir a capacidade dos estudantes de mobilizar conhecimentos de diferentes áreas para empreender projetos pessoais ou produtivos articulados ao seu projeto de vida”. (BRASIL, 2021)

Os itinerários formativos associados às competências gerais da BNCC, apresentam habilidades que devem ser desenvolvidas no eixo estruturante empreendedorismo na formação técnica e profissional:

- Avaliar as relações entre a formação escolar, geral e profissional, e a construção da carreira profissional, analisando as características do estágio, do programa de aprendizagem profissional, do programa de trainee, para identificar os programas alinhados a cada objetivo profissional.
- Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos sobre o mundo do trabalho para desenvolver um projeto pessoal, profissional ou um empreendimento produtivo, estabelecendo objetivos e metas, avaliando as condições e recursos necessários para seu alcance e definindo um modelo de negócios.
- Empreender projetos pessoais e produtivos, considerando o contexto atual, regional, nacional e/ou global, o próprio potencial, as características dos cursos de qualificação e dos cursos técnicos, do domínio de idiomas relevantes para o mundo do trabalho, identificando as oportunidades de formação profissional existentes no mundo do trabalho e o alinhamento das oportunidades ao projeto de vida. (BRASIL, 2021, p.14)

Observamos que cada vez mais há a preocupação em preparar o aluno para o mundo do trabalho, para que ele possa ser dono do seu próprio negócio, empreender na área agrícola e/ou prosseguir seus estudos em nível superior. Dessa forma, o Centro Paula Souza, busca articular as necessidades da sociedade e os anseios das pessoas que procuram pela instituição, que desejam crescer e desenvolver suas habilidades de modo significativo.

MATRIZ CURRICULAR – 2019							
Unidade Escolar	ETEC ORLANDO QUAGLIATO	Código	084	Município	SANTA CRUZ DO RIO PARDO		
Eixo Tecnológico	RECURSOS NATURAIS						
Curso	Habilitação Profissional de TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO (Perfil: Rural)					Plano de Curso	228
<small>Lei Federal n.º 7.099, de 20-12-1996, Lei Federal n.º 12.741/2008, Resolução CNE/CES n.º 1, de 3-12-2010, Resolução CNE/CES n.º 5, de 20-9-2012, Resolução CNE/CES n.º 2, de 30-1-2012, Resolução CNE/CES n.º 4, de 13-7-2010, Resolução SE n.º 78, de 9-11-2008, Decreto Federal n.º 7.524, de 23-7-2004, Plano de Curso aprovado pela Portaria Letec - PSA, de 20-9-2011, publicada no Diário Oficial de 13-9-2011 - Poder Executivo - Seção I - página 14.</small>							
Componentes Curriculares	Carga Horária em Horas-aula				Total	Carga Horária em Horas	
	1ª SÉRIE	2ª SÉRIE	3ª SÉRIE	4ª SÉRIE			
	2019	2020	2021				
Língua Portuguesa, Literatura e Comunicação Profissional	160	160	160	480	640	434	
Língua Estrangeira Moderna - Inglês e Comunicação Profissional	80	80	80	240	320	212	
Língua Estrangeira Moderna - Espanhol	-	-	80	80	80	71	
Arte	120	-	-	-	120	86	
Educação Física	80	80	80	240	320	212	
Aplicações Informáticas	80	-	-	-	80	71	
História	80	80	80	240	320	212	
Geografia	80	80	80	240	320	212	
Filosofia	80	80	80	240	320	212	
Sociologia	80	80	80	240	320	212	
Matemática	80	80	80	240	320	212	
Química	80	80	80	240	320	212	
Bioquímica	80	80	80	240	320	212	
Biotecnologia	120	200	160	480	640	434	
Agricultura Digital	80	-	-	-	80	71	
Cooperativismo, Associações e Economia na Agropecuária	80	-	-	-	80	71	
Etica Organizacional, Cidadania e Trabalho Rural	80	-	-	-	80	71	
Morfologia e Botânica Agrícola com Práticas em Olerícolas e Espaleras	120	-	-	-	120	136	
Reprodução e Seleção Animal com Práticas com Animais de Pequeno Porte	120	-	-	-	120	136	
Gestão Ambiental	-	80	-	-	80	71	
Instalações Rurais, Manutenção e Manutenção Agrícola	-	80	-	-	80	71	
Nutrição Animal, Alimentos e Alimentação com Práticas em Recursos Zootécnicos e Alimentos Manufaturados	-	120	-	-	120	136	
Nutrição Vegetal, Adubos e Correlatos com Práticas em Culturas Anuais	-	120	-	-	120	136	
Plano de Negócios Agropecuários	-	80	-	-	80	71	
Processamento de Produtos Agropecuários	-	120	-	-	120	136	
Saúde e Segurança no Trabalho Rural	-	80	-	-	80	71	
Fitossanidade e Proteção de Plantas com Práticas em Culturas Perenes, Semprenes, Pastagens e Silvicultura; levantamento e Representação Topográfica	-	-	120	120	240	164	
Saneamento e Saneamento Ambiental com Práticas em Pastagens e Áreas Rurais	-	-	80	80	160	112	
Solo (Sustentabilidade do Solo e da Água)	-	-	80	80	160	112	
Vinculação e Cálculo Profissional	-	-	80	80	160	112	
Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Agropecuária	-	-	80	80	160	112	
	TOTAL GERAL DO CURSO				6400	6400	4240
Componentes curriculares de Formação Profissional com ações integradas práticas (20% da carga horária prática)	1ª Série	Agricultura Digital; Aplicações Informáticas; Microbiologia e Biotecnologia Agrícola com Práticas em Olerícolas e Espaleras; Reprodução e Seleção Animal com Práticas com Animais de Pequeno Porte					
	2ª Série	Instalações Rurais, Manutenção e Manutenção Agrícola; Nutrição Animal, Alimentos e Alimentação com Práticas em Recursos Zootécnicos e Alimentos Manufaturados; Processamento de Produtos Agropecuários; Saúde e Segurança no Trabalho Rural					
	3ª Série	Fitossanidade e Proteção de Plantas com Práticas em Culturas Perenes, Semprenes, Pastagens e Silvicultura; levantamento e Representação Topográfica; Planejamento e Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Agropecuária (liberdade de classes em formato); Saúde e Segurança Animal com Práticas em Pastagens e Áreas Rurais; Saneamento e Saneamento Ambiental; Vinculação e Cálculo Profissional					
Certificados e Diplomas	1ª Série	Sem certificação escolar					
	2ª e 3ª Série	Certificação Profissional Técnica de Nível Médio de AGENTE DE PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA					
Observações	1ª e 2ª Série: Habilitação Profissional de TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA						
	A carga horária descrita neste gradativo é seguida com possibilidade de obtenção de classes em formato, conforme o Item 4 do Plano de Curso. Trabalho de Conclusão de Curso: 120 horas. A distribuição de Componentes Curriculares da Base Nacional Comum, da Parte Especificada e da Formação Profissional consta do Plano de Curso e atende à legislação. Carga horária semanal mínima: 40 horas-aula integradas (Teoria-aula de 50 minutos).						
Data: 10/12/2021 Assinatura: Rui F. Oliveira Diretor de ETEC Assinatura: [Assinatura] Assinatura: [Assinatura] Assinatura: [Assinatura]							

Figura 5 – Matriz curricular do Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, entre 2019 e 2021. Fonte: Secretaria Acadêmica. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO, em 2022b)

Assim, a carga horária do curso atual, está voltada “ao desenvolvimento de competências para a solução de problemas, com o uso de metodologias diversificadas e que propõem ao estudante uma atitude protagonista” (ARAÚJO, 2019, p.10), propondo uma educação ressignificativa.

Com essa mudança na estruturação do curso e o crescimento das mulheres pela área agrícola, há necessidade de discorrermos sobre o empoderamento feminino no agronegócio, pois vem crescendo muito na atualidade, porém há muito o que conquistar ainda, tema esse que será assunto do próximo tópico.

EMPODERAMENTO FEMININO

Empoderamento segundo o dicionário on-line de português, é a “ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas” (EMPODERAMENTO, 2009–2022). Muitas mulheres precisam passar por esse processo para que se sintam fortes e capazes de fazer muitas atividades que a sociedade as exclui o que faz que muitas delas não acreditam na sua própria capacidade.

Fazer um curso técnico na área agrícola, onde a procura por muito tempo foi pelo público masculino já mostra a força das mulheres buscando algo que sempre almejavam e que muitas vezes foram excluídas.

Berth (2018) nos mostra que o processo de empoderamento deve buscar a coletividade e que deve ser desfrutado por todos os indivíduos:

O empoderamento é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. O empoderamento visa a estrada para contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser. (BERTH, 2018, p. 43)

A feminista Sanderberg (2006), nos remete a reflexão de que quando se trata do empoderamento feminino, resulta na própria libertação das mulheres:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (SARDENBERG, 2006, p. 2)

Com o processo de empoderamento, a mulher passa a reconhecer o seu lugar na sociedade, não só como mão de obra ativa no desempenho das atividades laborativas, mas como gestora do ambiente em que vive e está inserida, gerando desta forma, mudanças na sua posição social, econômica, cultural e política.

Mylene Crespe (Figura 6), egressa do curso de Técnico em Agropecuária, que atualmente desenvolve suas atividades coordenando projetos numa empresa que possui filial na Colômbia, nos conta como é gerenciar uma equipe de trabalho onde a maioria são homens, com costumes e cultura diferentes:

Hoje eu trabalho com pessoas de outra cultura, totalmente diferente de mim. Hoje pra eu me comunicar com eles e me expressar bem, eu tenho que falar uma outra língua; então pra mim é totalmente desafiador essa parte de motivação de pessoas porque eu acredito que a partir do momento que você trabalha numa liderança, você tem que motivar pessoas todos os dias e pra você motivar pessoas você tem que estar motivado também. Então é totalmente desafiador. [...] Então a palavra pra mim mesmo, que eu defino tudo isso é desafiador, porque é um desafio gigantesco, e ainda mais por a gente ser mulher. Hoje na equipe nós somos em 3 mulheres e a maioria homem. Em quantos que a gente está, vamos por aí 20 homens, 3 mulheres. É, a proporção é muito diferente né! E as mulheres fazem a diferença. A gente é muito detalhista, muito cuidadosa, é o jeito de falar, organizada, então é totalmente diferente trabalhar com mulher e trabalhar com homem, mas é muito bacana. (CRESPE, 2021, p. 10)



Figura 6 – Mylene Crespe.

Fonte: Arquivo pessoal de Mylene Crespe, em 2021.

Aline Buzzo da Costa (2022), também egressa do curso de agropecuária, relata sua experiência em atuar na área agrícola onde a maioria dos colaboradores são homens e quando se apresenta como a pessoa que vai desenvolver a atividade, muitas vezes ficam receosos e não dão credibilidade ao seu trabalho:

Então, eu só trabalho com homens, não é? Eu só trabalho com homens! Então você imagina que tem dias que eu rodo 600, 700 km para atender as empresas, vai de uma fazenda para outra, faz um círculo, né? Mas assim é... eu... quando eu estudava aí, eu também só trabalhava com homens, né? Então as pessoas, minhas colegas, as pessoas que me conhecem falam assim: você anda sozinha, né? Você roda tudo sozinha, como é que você... não é perigoso, né? Essas coisas, as pessoas, sempre tem esse... não é preconceito, né? Mas [...] toda essa época que eu trabalho, eu nunca tive... até porque a postura da mulher perante essa atividade ela tem que ser diferente, não é o fato de você ser mulher, você já parece ser mais frágil, certo? Então eu já chego com uma postura totalmente diferente pra pessoa. Então, imagina que eu dou curso de Motosserra, eu dou curso de Agrotóxico, a hora que “os caras” me vê lá, chegando na fazenda... o que que essa mulher entende de motosserra? Aí eles chegam lá, eles caem do cavalo, porque eles mal sabem que eu estudei numa escola agrícola... (risos). Então tem todo o preparo para isso, mas eu..., eu sempre mostro que eu sou uma pessoa séria, né. Não fico com sorriso na orelha também, né? Então você tem que ter uma postura como profissional para você passar o que você, no caso, foi ali para executar, né? Mas, muitas vezes eles acham que a gente não dá conta. Que eu não vou dar conta do que eu estou falando. Mas eu só trabalho com homens mesmo! Mas, eu nunca é... nunca tive nenhuma desavença, nunca tive nada, né? Inclusive trabalhei numa usina hidrelétrica que tinha mais de 5000 funcionários. Então dava os treinamentos, dava as palestras, então sempre assim, nunca deixei de passar qualquer coisa que não fosse o profissional que estava ali fazendo aquela atividade. (COSTA, 2022, p. 13-14)

Observamos em suas falas que as mulheres precisam se impor e continuar na luta por seus direitos, pois muitos homens se sentem desconfortáveis quando são liderados por mulheres. É através do empoderamento e sua participação em ambientes públicos e no meio agrícola, que será possível diminuir a desigualdade de gênero e a desvalorização do seu trabalho no meio rural, possibilitando que cada vez possam ocupar seu lugar como cidadãs e empreendedoras.

COM A PALAVRA AS EGRESSAS EMPREENDEDORAS

O mercado de trabalho vem sofrendo modificações em todas as áreas, inclusive no campo do agronegócio, o que anteriormente era dominado pelos homens, abre espaço para as mulheres que agora também contribuem com o crescimento desse setor. É comum vermos mulheres à frente de empresas e se tornando grandes líderes nesse mercado. Com as egressas entrevistadas no projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedoras”, registrado na Plataforma Brasil, CAAE: 48473721.4.0000.8125, e autorizado pelo Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer nº 4.813.867 (CARVALHO, 2021), não foi diferente. A partir de agora, trazemos as falas das alunas contextualizando a importância que a escola agrícola teve em sua formação para que elas exercessem suas profissões.

Mas, a minha escolha profissional hoje foi pelo que eu executava na escola agrícola, quando eu estudei aí. Então, o que eu aprendi aí é, eu trabalho com isso até hoje. E é muito interessante porque quando eu fiz a Faculdade de Engenharia de Pesca, eu tive a teoria lá. A prática eu já tinha da escola. E era interessante que você conseguia entender por que que lá, na prática fazia daquele jeito, mas eu não sabia o porquê que eu fazia, só fazia. Então, a escola, ela realmente assim foi um... um orientador profissional no que eu sou hoje. (COSTA, 2022, p. 5)

Aline Buzzo da Costa revela como desenvolveu as características empreendedoras na escola, aproveitando todas as oportunidades que surgiram no decorrer do curso:

[...] Então a gente levava o que a gente fabricava, linguiça, queijo, requeijão, doce nessa feira. Então, daí que vem o curso de empreendedorismo, que eu falei para você que eu fiz pelo Sebrae. É, então eu penso que a escola para mim, lógico, eu consegui agarrar todas as ferramentas que a escola me deu. Eu soube aproveitar disso. Então, hoje eu sou uma pessoa assim, que eu tenho uma empresa que eu atendo mais de 500 clientes, mas eu trabalho sozinha. Então, assim eu tenho capacidade para gerenciar isso, porque eu tenho essa base lá da escola. A gente trabalhava com muita coisa. (COSTA, 2022, p. 8)

Essas habilidades que lhe foram proporcionadas dentro do ambiente escolar, fizeram com que ela se tornasse uma empreendedora de sucesso na região do Mato Grosso, com capacidade de gerenciar projetos e pessoas.

Mylene Crespe conta como a escola ajudou a ter responsabilidade e como foi seu processo: “Você tá preparado pra encarar aquilo, porque a gente sabe

que o mercado de trabalho não é fácil hoje e a gente tem que estar preparado para isso. Então, realmente o pessoal que se forma lá, é diferente. É muito diferente.” (CRESPE, 2021, p. 7)

Aqui vemos como a escola foi um diferencial em sua formação. Assim, ela continua relatando como era gerenciar todos os setores em que atuava enquanto aluna da instituição:

[...] E aí tinha piscicultura, tinha a ovinicultura, tinha a parte da horta, tinha a parte de suínos, enfim, nossa tinha um monte de setores, e aí cada grupinho ficava responsável. E a gente fazia os horários, fazia o cronograma, então a gente tinha que seguir à risca como que se tivesse trabalhando, como se tivesse prestando serviço pra algum produtor, pra alguma coisa assim. Então a gente tinha aquela responsabilidade: de alimentar os bichos, de coletar as coisas da horta no horário certo, de colocar alimentação pras galinhas, de ver se tava tudo certo com as vacas porque tem ordenha lá, então assim, era uma responsabilidade muito muito grande realmente. (CRESPE, 2021, p. 6)

A partir de sua fala, podemos perceber como a escola desenvolveu dentre outras habilidades, a característica responsabilidade. Assim, os grupos comandavam diversos setores dentro da escola, o que possibilitava a tomada de decisões e elaboração de ações na implementação das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso Técnico em Agropecuária da Etec Orlando Quagliato ao longo do período analisado, passou por diversas mudanças obedecendo as políticas da época e a globalização.

O presente trabalho procurou analisar os períodos em que as mulheres estudaram no curso agrícola, a princípio só frequentado por homens, e como foi sua a entrada delas no mundo do trabalho, ocupado em sua maioria por homens.

Foi possível também refletir sobre a importância do empoderamento feminino na área agrícola e como elas estão buscando o seu espaço e mostrando que são líderes em seus locais de trabalho. As alunas egressas puderam contar sobre sua vivência no período que passaram pela instituição e depois como empreendedoras na área agrícola. Em vários momentos nas falas das entrevistadas, pudemos perceber que a essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das oportunidades.

O empreendedorismo também foi inserido na medida em que a sociedade foi evoluindo. As matrizes curriculares das primeiras turmas, não enfatizavam diretamente esse tema. Na década de 90, o tema foi sendo desenvolvido através de parcerias na ministração de cursos. Na atualidade, as

matrizes curriculares contemplam o empreendedorismo e através do ensino por competências os alunos são motivados e desafiados a desenvolverem características empreendedoras para que possam criar ações que transformem a si mesmo e a sociedade em que vivem.

Há muito o que avançar nessa temática, pois a luta para que as mulheres ocupem seus espaços é longa. Esperamos que cada vez mais a sociedade se torne mais igualitária e que as mulheres possam empreender lado a lado dos homens buscando conhecimento e inovação na área agrícola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Almério Melquíades de (org.). **Roteiros Pedagógicos Ensaios de itinerários formativos para o primeiro ano do ensino médio: uma proposta para parte diversificada da nova Base Nacional Comum Curricular**. 1. Ed. São Paulo: Centro Paula Souza, 2019.

AUAD, Daniela. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BASSETO JUNIOR, Oliveira Basilio. **Entrevista concedida à Janice Zilio Martins Pedroso, em 16 de abril de 2021**. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEpe_DocRE_OBBJ2021.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais Curriculares para a elaboração de itinerários formativos**. 2021. Disponível em: <https://novo-ensino-medio.saseducacao.com.br/wp-content/uploads/2021/08/Referenciais-Curriculares-para-elaboracao-dos-Itinerarios-Formativos.pdf> Acesso em: 5 set. 2022.

BRASIL. **Decreto-lei nº 9613 de 20 de agosto de 1946**. Institui a lei orgânica do ensino agrícola. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del9613.htm#:~:text=DEL9613%2D46&text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%209.613%2C%20DE%2020%20DE%20AGOSTO%20DE%201946.&text=Art.,profissional%20dos%20trabalhadores%20da%20agricultura. Acesso em: 26 ago. 2022.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho (coord.). **Projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais à empreendedores”**. Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. 2021. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoralemp.php>. Acesso em: 12 set. 2022.

COSTA, Aline Buzzo da. **Entrevista concedida à Janice Zilio Martins Pedroso, em 2 de agosto de 2022**. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEpe_DocRE_ABC2022.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

CRESPE, Mylene. **Entrevista concedida à Janice Zilio Martins Pedroso, em 23 de agosto de 2021**. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=176&vol=109>. Acesso em: 7 set. 2022.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Transformando ideias em negócios**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 9ª reimpressão. ISBN 853521500X

EMPODERAMENTO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. 7Graus. 2009-2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/empoderamento/> Acesso em: 7 set. 2022

NICOLINI, Edvaldo Haroldo. **Entrevista concedida à Janice Zilio Martins Pedroso, em 18 de agosto de 2021**. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEmtd_DocRE_EHN2021.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO. Secretaria Acadêmica. **Alunos concluintes dos cursos da área Agrícola, entre 1997 e 2021**, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO. Secretaria Acadêmica. **Matriz Curricular Habilitação Profissional Plena de Técnico em Agropecuária**. Homologada pelo Grupo de Supervisão Escolar, em 02 de outubro de 1996, em 2022a.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO. Secretaria Acadêmica. **Matriz Curricular Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio**. Homologada Supervisão Educacional, em 19 de dezembro de 2018, em 2022b.

PERROT, Michelle. **Minha história de Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. Tradução de Ângela M. S. Corrêa.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Decreto Lei nº 52.553/70 de 06 de novembro de 1970**. Cria colégios Técnicos na rede estadual de ensino e dá providências correlatas. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1970/decreto-52553-06.11.1970.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **O que é empreendedorismo?** Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empendedorismo#:~:text=Empendedorismo%20%C3%A9%20a%20capacidade%20que, impacto%20no%20cotidiano%20das%20pessoas>. Acesso em: 10 set. 2022.

O Técnico de Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância na Etec Professor Matheus Leite de Abreu: história oral com alunos empreendedores

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva
Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a cultura escolar do curso Técnico em Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância e as entrevistas de história oral cedida à autora que foram realizadas com os alunos egressos empreendedores, Dalila de Souza Silva e Thiago Soares, formados respectivamente, em 2005 e 2011, pela Escola Técnica Estadual (Etec) Professor Matheus Leite de Abreu (Figura 1), de Mirassol, em São Paulo.



Figura 1 – Fachada da Etec Professor Matheus Leite de Abreu.

Fonte: Acervo Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon, em 2022.

As entrevistas contextualizadas com a cultura escolar do período cursado por cada aluno entrevistado fazem parte do projeto coletivo “História

oral na educação: de profissionais a empreendedores” proposto no Grupo Estudos e Pesquisas Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza, tendo como procedimentos de produção de dados a realização de entrevistas de história oral de vida, de modo a relacionar as experiências pessoais e profissionais à escolha do curso profissional e as práticas docentes que os estimularam a empreender.

O trabalho de recolhimento, seleção de dados e fatos históricos iniciou-se por meio do método da história oral com os ex-alunos citados, pesquisa no sistema informatizado da Diretoria de Serviços e Secretaria Acadêmica, documentos encontrados no arquivo permanente, como: livro ponto docente, livro ata do conselho de escola, livro ata de reuniões, plano escolar e fotos.

Por meio das pesquisas realizadas e dos relatos apresentados foi possível conhecer as ferramentas da Pedagogia da Alternância, a grade curricular, o corpo docente e perfil discente de cada época, a trajetória pessoal, educacional e profissional de cada aluno empreendedor, as relações com políticas públicas locais, como se tornaram empresários a partir das competências adquiridas durante o estudo, as motivações e os valores que contribuíram para o sucesso profissional e as lembranças vivenciadas nas épocas em que frequentaram a instituição.

CURSOS SOB A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA DA ETEC PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU

A Etec Professor Matheus Leite de Abreu apresenta cursos voltados para a Agropecuária desde a sua criação, em 26 de abril de 1963, por meio do Decreto nº 7.887, até o presente momento. Os cursos sob a Pedagogia da Alternância funcionaram no período de 1998 a 2014, os quais receberam diferentes nomenclaturas (Quadro 1), sendo objeto de nosso estudo duas distintas épocas, de 2003 a 2005, com a Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – Sistema Alternância, cursado pela ex-aluna Dalila de Souza Silva; e de 2009 a 2011, com a Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (Modalidade Alternância), cursado pelo ex-aluno Thiago Soares.

Os ex-alunos citados para a composição deste estudo foram indicados pelos professores da instituição, Joaquim Dias Júnior⁶ e Leônidas Márcio Teixeira⁷. As entrevistas seguiram as normas e procedimentos estabelecidos para a metodologia de História Oral do GEPEMHEP. (CARVALHO; RIBEIRO, 2013)

6 Engenheiro Agrônomo e Especialista em “Nutrição Mineral de Plantas e Agricultura Orgânica”. Professor do Ensino Técnico na Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol/SP, desde 1988.

7 Professor com formação em Estudos Sociais/Geografia; História; Pedagogia; Ciências Jurídicas e Sociais. Professor do Ensino Médio e Técnico na Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol/SP, desde 1990.

Quadro 1 – Cursos Técnicos em Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância.

CURSOS SOB A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	PERÍODO
Curso Médio Técnico em Agropecuária em Concomitância com a Alternância	1998 a 2002
Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – sistema alternância	2001 a 2006
Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Produção Agropecuária, sob a Pedagogia da Alternância, com ênfase em Plasticultura	2005 a 2008
Ensino Médio Integrado à Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Produção Agropecuária	2007 a 2010
Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (Modalidade Alternância)	2009 a 2014

Fonte: Elaborado pela autora, em 2022.

CONHECENDO AS FERRAMENTAS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

O princípio educativo da Pedagogia da Alternância consistia em estabelecer um elo entre a escola e a família, e tinha como objetivo “dar meios para que o jovem seja um empreendedor do meio rural, criando suas próprias condições de trabalho em sua comunidade, a partir da vivência que ele tem e do conhecimento que ele é capaz de gerar”. (CHAVES, 2000. p. 41)

De acordo com o Plano Plurianual de Gestão (PPG)⁸ que apresenta a proposta de trabalho da Etec elaborado para o período de 2010 a 2014, que:

⁸ De acordo com o disposto no Capítulo II do Regimento Comum das Escolas Técnicas do Ceeteps, o Plano Plurianual de Gestão – PPG apresenta a proposta de trabalho da Etec. Conta, como eixo norteador, com o Projeto Político Pedagógico – PPP, no qual são explicitados os valores, as crenças e os princípios pedagógicos da escola. A concepção coletiva dos projetos a serem desenvolvidos parte, necessariamente, do PPP, dos objetivos e metas estabelecidos por meio da análise dos contextos interno e externo, da reflexão sobre o instituído e da escola almejada pela comunidade. O Plano Plurianual de Gestão tem uma vigência de cinco anos, com replanejamento, no mínimo, anual. A atualização anual, com inclusão de novos projetos, garante o horizonte permanente de cinco anos. (CENTRO PAULA SOUZA, 2022)

A Pedagogia da Alternância parte do princípio de que seu aluno é um jovem integrado em uma família e em uma comunidade, possuindo as mesmas, um evidente valor educativo. Visando viabilizar esse princípio, o curso foi estruturado para funcionar num centro educativo – escola – e no meio socioprofissional – família e comunidade. [...] Possibilita trabalhar de forma interdisciplinar com Temas Geradores ou temas de estudo: em cada etapa da formação são selecionados temas de estudo condizentes com as situações que fazem parte da vida do alunado, que serão tanto mais atraentes, quanto mais significativas e úteis para o aluno. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU, 2010)

A metodologia utilizada nesta modalidade de ensino constituía-se pelas ferramentas da sessão-escola/sessão-família, visitas às famílias, Plano de Estudo, Plano de Curso, caderno da realidade, visitas e viagens de estudo, estágios e convivência, além de que para ingresso no curso era necessário processo seletivo para os alunos que tivessem concluído o Ensino Fundamental ou equivalente e que residissem em propriedade rural.

Uma das ferramentas mais marcantes utilizadas nessa pedagogia, que consistia na divisão do aprendizado em dois períodos e locais diferentes, a sessão-escola e sessão-família, havendo um revezamento dos alunos: enquanto uma turma permanecia na sessão-escola, a outra turma estava na sessão-família, e assim sucessivamente, integrando a realidade do aluno e o aprendizado escolar. No período de 1998 a 2009 foram oferecidas 70 vagas para os anos iniciais, no qual a turma era dividida em duas classes com 35 alunos cada, e o revezamento acontecia quinzenalmente.

De 2008 a 2014, ocorreu uma redução na quantidade de dias, o sistema passa de quinzenal para semanal, sendo oferecidas 35 vagas para os anos iniciais, onde todos os alunos ficavam uma semana na sessão-escola e a outra na sessão família. De acordo com o Ofício CETEC/Grupos nº 703/2008, encontrado nos arquivos digitais da Secretaria Acadêmica, a Alternância neste período, já se encontrava funcionando de forma semanal, o aluno permanecia uma semana na escola e outra na propriedade rural:

O trabalho com a Alternância tem como marco inicial o conhecimento empírico do aluno, suas experiências desenvolvidas no âmbito do trabalho familiar, em atividades da agropecuária. O processo que se desenvolve na escola busca fundamentar esse conhecimento, aprofundando-o e colocando-o em bases científicas, de modo que “retorne” de modo mais produtivo sob a forma de aplicação prática à comunidade, à propriedade familiar onde se insere o aluno. O conhecimento empírico trazido pelo aluno é

trabalhado na escola, discutido e sistematizado entre seus pares. Numa segunda etapa é trabalhado nas salas de aulas e nos laboratórios, oficinas, aulas práticas para ser reelaborado com fundamentação e linguagem adequada. (CENTRO PAULA SOUZA, 2008)

Para estabelecer uma comunicação entre os pais e a escola, o professor visitador exercia um papel fundamental na construção do diálogo com a família e, também, acabava por conhecer a realidade dos alunos. As visitas aconteciam quando o aluno estava na sessão-família, as informações coletadas eram inseridas em relatórios, sendo apresentados nas reuniões de planejamento para analisar o contexto observado para devidas adequações ao ensino:

[...] O material coletado nas visitas realizadas às famílias é fundamental para se fazer uma contextualização adequada do ensino, geradora de maior impacto sobre a qualidade do ensino. Estas informações trazem para o corpo docente a perspectiva dos professores sobre a realidade do jovem. É uma janela para se enxergar o mundo do aluno com olhos de professor, identificando-se as oportunidades de aprendizagem significativa para a formação integral deste jovem. (CHAVES, 2000, p. 94-95).

O Plano de Estudo consistia numa ferramenta didática utilizada para integrar as duas sessões, os alunos durante a sessão escolar por meio da mediação dos professores, definiam e elaboravam perguntas sobre um “tema gerador”, tais perguntas eram respondidas durante a sessão familiar, e assim na sessão escolar seguinte, as respostas eram discutidas. Este processo participativo criava elos necessários à interdisciplinaridade, pois direcionava os conteúdos curriculares para o mesmo objetivo, o tema gerador, podendo ser variável durante o ano. Segundo Chaves (2000):

[...] Na prática funcionava da seguinte forma: Define-se um tema gerador a ser trabalhado com uma série durante um certo período de tempo (variável de um semestre a um ano). Ainda na sessão escola, os alunos elaboram com os professores perguntas relacionadas ao tema gerador (é o Plano de Estudo). Estas perguntas são respondidas junto à família e, na sessão escola seguinte, as respostas são discutidas. Os professores, com base nas respostas obtidas, reveem o plano de curso anual e ajudam os alunos a elaborar novas questões do plano de estudo para a quinzena seguinte. [...] o tema gerador ajuda o professor a construir essa visão de conjunto, na medida em que “desencadeia os conteúdos das disciplinas numa mesma direção” [...] conseguem criar os elos necessários à interdisciplinaridade. (CHAVES, 2000, p. 100-101)

As folhas de observação eram um acessório utilizado para registrar as perguntas e respostas do Plano de Estudo.

O Plano de Curso funcionava como eixo central de todos os componentes curriculares da área comum e técnica, considerado pelos professores como “orgânico”, segundo Chaves (2000) “um curso orgânico significa uma organização do conteúdo curricular de modo a integrar as diferentes disciplinas, encontrando nelas as matérias que podem ser combinadas para se construir uma visão harmônica do aprendizado”.

O caderno da realidade do curso compreendia um portfólio com o registro de todas as etapas realizadas no Plano de Estudo. Segundo Chaves (2000), o caderno da realidade

[...] contém uma cópia do Plano de Estudo de cada período estabelecido. [...] as respostas que o aluno obteve, passadas a limpo, em redação final; a síntese das colocações em comum; desenhos que ilustram o tema; gráficos; tabelas de leituras relacionadas ao Plano de estudo, pesquisas, folhas de observação, constituindo-se num instrumento de sistematização da vida diária do aluno. (CHAVES, 2000, p.117)

As visitas e viagens de estudo eram ferramentas utilizadas para estimular o aprendizado dos alunos sobre conhecimentos distantes do ambiente escolar.

Os estágios aconteciam durante a sessão-família, e era considerado um complemento do curso, que sem a sua conclusão o aluno não poderia se habilitar. Segundo Chaves (2000, p. 117), “considera-se os estágios como elemento importante do desenvolvimento institucional, incluindo como parte do planejamento estratégico da escola”.

A última ferramenta a ser citada é a convivência em Internato, os chamados “Serões”. A escola desde o curso de Iniciação Agrícola instalado, em 1965, funciona com sistema de internato. No período da Alternância, os serões eram desenvolvidos por professores responsáveis no período noturno durante as sessões-escola, no qual organizavam atividades diversificadas como o reforço escolar, esportes, encontros religiosos, palestras, campeonatos, entre outros.

HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA – ÊNFASE EM PLASTICULTURA – SISTEMA ALTERNÂNCIA: A ALUNA DALILA DE SOUZA SILVA

A Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – Sistema Alternância funcionou no período de 2001 a 2006, e a aluna Dalila de Souza Silva iniciou seus estudos em 2003 e formou-se em 2005.

Por meio dos arquivos virtuais da secretaria acadêmica foi possível perceber a procedência dos alunos matriculados no curso: 98,5% oriundos de municípios paulistas como Adolfo, Cajobi, Cândido Rodrigues, Catiguá, Icém, Ipiruá, Jaci, Mirassol, Monte Verde Paulista, Nova Granada, Olímpia, Palestina, Santa Adélia, São José do Rio Preto, Severínia, Tanabi, Uchoa; e 1,5% da cidade de Frutal em Minas Gerais.

A HISTÓRIA ORAL COM A EX-ALUNA DALILA DE SOUZA SILVA

A entrevista com a ex-aluna Dalila de Souza Silva (Figura 5) ocorreu em 11 de agosto de 2022, de forma presencial, no Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon da Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol/SP.

De acordo com a transcrição da entrevista, foi possível delinear sua trajetória pessoal, educacional e profissional: “Dalila de Souza Silva, nascida em 19 de março de 1988, na cidade de São José do Rio Preto/SP. Filha de Alzira Souza e Cícero Domingos da Silva. Formada em Medicina Veterinária pela UNIRP – Centro Universitário de Rio Preto, em São José do Rio Preto/SP, em 2010, e no curso “Habilitação Profissional de Técnico em Agropecuária – ênfase em Plasticultura – Sistema Alternância” pela Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol/SP, em 2005. Microempreendedora individual em São José do Rio Preto, desde 2011, onde atua como médica veterinária.



Figura 5 – Dalila de Souza Silva durante entrevista de história oral, em 2022.
Fonte: Acervo Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon, em 2022.
Fotografia: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, em 11/08/2022.

Silva (2022) relata que tomou conhecimento da escola por intermédio de seus tios que moravam em Mirassol, e se encantou logo ao chegar, pois sempre gostou muito de natureza e animais, relata também sobre sua vocação para a veterinária e as dificuldades que passou durante o curso:

[...] eu vim passear em Mirassol na casa de uns tios, e meu primo falou assim: aí vamos conhecer a escola agrícola? Aí eu falei assim, ah vamos! E eu sempre gostei muito de natureza, muito de animal, muito de ver e sempre quis ser veterinária, e aí eu cheguei aqui e aí eu me encantei, liguei para minha mãe e falei: mãe eu quero estudar aqui e na época era esquema de alternância. Ela falou assim: mas, como que você vai estudar aí? Eu não tenho como te mandar todo dia pra aí, né? Aí eu falei não, já arrumei tudo, vou ficar na casa da tia Neide, e aí ela conversou com os meus tios e os meus tios, não! vamos e eu lembro que a gente não tinha dinheiro nem para matrícula, e assim era bem pouquinho e aí meu tio falou assim: não! eu dou dinheiro da matrícula! E, aí eu comecei a estudar aqui. [...] tinha um sistema de cooperativa, né, e acho que no meio do segundo ano, as coisas começaram a ficar ainda mais difíceis do que já era, ela (a mãe) perdeu um dos empregos, e aí assim era um valor bem pouquinho que a gente pagava de cooperativa que era para almoçar na escola, tomar café da manhã e almoçar, e aí foi quando o Kim fez uma visita pra gente, né!? Eu falei que não ia continuar porque não tinha como, meus tios trabalhavam né!? Não tinha como voltar pra casa todo dia pra almoçar, e aí eu ficava os 15 dias aqui, na verdade eu ficava uma semana, e ia embora de final de semana [...] aí eu me tornei bolsista [...] até quando eu me formei aqui. (SILVA, 2022)

Com relação às lembranças dos professores que marcaram a sua formação, cita: Geraldo Aparecido Borges Júnior⁹, Joaquim Dias Júnior e Neuza Aparecida Ramos¹⁰:

[...] eu lembro muito da dona Neuza [...] Ela sempre associava assim [...] tem a forma empírica e tal, e aí a gente associava com a forma técnica que a gente aprendia, então assim, sempre foi muito agregante, né? O seu Geraldo sempre trazia né, eu sempre gostei muito de poesia e ele trazia poesias do campo, por mais que os meninos falavam, ah! poesia! Sempre tinha um ou outro que

9 Professor com formação em Letras. Professor do Ensino Médio na Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP, no período de 1996 a 2020.

10 Professora com formação em Estudos Sociais, Geografia, História e Pedagogia. Professora do Ensino Médio na Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP, no período de 1994 a 2013.

gostava e eu gostava bastante, então assim, aí essa época o Kim foi em casa [...]. (SILVA, 2022)

A respeito das vivências, motivações e o caminho até a faculdade, recorda que:

[...] apesar de ter também o ensino técnico, o ensino fundamental que a gente aprende aqui é diferenciado das escolas públicas [...] aqui, por exemplo, a gente se ajudava muito! Enquanto alunos, muitas vezes a gente tinha dúvida, e a gente esclarecia a dúvida da matéria que a gente tinha pesquisado nos 15 dias que a gente “tava” fora (sessão-família) e entre a gente. Eu lembro que eu tinha um amigo, o coroinha ele era muito inteligente, o coroinha e o Paulinho e aí a gente conversava muito e aí eu falava assim: ó, eu pesquisei tal coisa, escrevi isso, mas eu não entendi! Aí ele vinha, falava duas palavrinhas e o professor só vinha e complementava, e isso era muito importante assim, porque te desenvolvia um pesquisar, você procurar mais [...] então eu acredito que assim, ter conseguido uma boa nota num teste que é tão grande como o Enem, é, foi devido é claro, devido aos nossos esforços como aluno também, porque conta muito, mas também devido ao respaldo que a gente tinha dos professores aqui dentro, né, não só na parte teórica, técnica, também como na parte do ensino fundamental [...] Aí eu consegui, eu tive 96% de aproveitamento no ENEM, e aí eu pude escolher qual faculdade que eu queria [...] mas eu sempre quis veterinária e aí eu entrei pensando em animal de grande porte, né, porque a gente tinha bastante convivência aqui na época, tinha três ou quatro vaquinhas, mas eu tinha convivência, tinha coelho, tinha na época, cunicultura, tinha as poedeiras, tinha a suinocultura, e era tudo muito aproveitante assim sabe? [...] a gente conseguia fazer compostagem, fazer adubo com biodigestor, falo gente! isso é tão antigo e é tão básico né? [...] Fazer adubo com biodigestor e isso sem falar que é renovação, né? Da nossa matéria prima, de tudo aquilo que a gente, que a gente tem, mas aí por fim entrei na faculdade, acabei sendo puxada pelos peludinhos então assim, minha especialidade é: pequenos animais, é gato e cachorro. [...] o aluno faz muito a escola, eu falo que a gente que tem que batalhar pelo o que a gente quer em tudo, né, na vida, o que a gente quer de conhecimento, e conhecimento é uma coisa que nunca ninguém tira de você. (SILVA, 2022)

Relata as competências estudadas e o caminho percorrido desde quando iniciou no ramo da telefonia até se tornar uma microempreendedora individual:

Porque eu aprendi muito no ramo de telefonia também, eu falo assim, que a bagagem que o curso técnico te dá, de vivência, de experiência, por que eu lembro que o Sebrae vinha muito, fazia muito trabalho de empreendedorismo, né!? Da gente pesquisar, fazer pesquisa de mercado, entender o que o mercado precisava, sempre teve muito presente aqui na escola e eu acho que isso ajudou muito, assim, e aí por fim consegui esse emprego na telefonia fiquei seis meses, e aí eu comecei atender em domicílio [...] comecei a trabalhar na área de veterinária, na verdade, não era bem na área, consegui num Pet shop como banhista e aí eu atendia no pet shop como banhista, aí essa dona do pet shop me indicou pro um outro pet pra fazer serviços veterinários. Eu ia de moto táxi na época [...] distribui milhares de cartões e atendia, fazia medicação que tinha que fazer, se precisasse de uma internação de alguma coisa, eu fiz contato com algumas clínicas que eu tinha feito estágio ao longo da vida, da vida acadêmica, e encaminhava para as clínicas, mas aí eu atendia e voltava de ônibus [...] e devagarzinho, fui, comprei meu primeiro carro [...] E assim, eu falo que foi muito difícil o início, mas depois foi deslanchando, depois foi crescendo também, né!? Assim esse cuidado com o pet, eu falo que em 10 anos, comecei a trabalhar tem 12 anos [...] hoje eu moro numa casa num condomínio, então assim, eu consegui com o meu estudo, com a minha luta, mudar de padrão de vida eu consegui deixar de ser uma menina pobre, preta da favela, eu fico até arrepiada, para ser uma médica veterinária respeitada e conhecida tanto pelos clientes, quanto pelos profissionais, então assim eu falo hoje, hoje dificilmente você fala pra algum veterinário em Rio Preto, dos mais conhecidos, ah a doutora Dalila, ah, já ouvi falar, eu conheço, então assim, eu tenho um coleguismo e tenho admiração, tanto dos meus colegas profissionais, quanto dos meus clientes e isso pra mim é muito prazeroso. (SILVA, 2022)

Por meio da entrevista com a ex-aluna Dalila, hoje uma Médica Veterinária de sucesso no seu empreendimento, vemos a confirmação da importância de um ensino de qualidade e o comprometimento de professores com o aprender além dos limites físicos da escola; buscado o conhecimento empírico dos alunos e familiares em consonância com o aprendizado acadêmico, levando em consideração os fatores socioeconômicos do aluno. Criando assim possibilidades para o crescimento do aprendizado e conseqüentemente para a busca de uma carreira de sucesso.

Demonstra também que a ferramenta didática utilizada pela instituição cumpriu seus objetivos, trazendo a realidade do aluno para dentro da escola, e

com isso ajudando e proporcionando meios para o aprendizado mais adequado e incentivando a empreender.

HABILITAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO DE TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO (MODALIDADE ALTERNÂNCIA)

A Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (Modalidade Alternância) funcionou no período de 2009 a 2014, e tinha a duração de três anos, onde ao final do curso recebia um único diploma, conforme a Figura 6:



Figura 6 – Diploma da Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do aluno Thiago Soares.

Fonte: Secretaria Acadêmica. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU, 2022).

De acordo com a grade curricular homologada abaixo (Figura 7) atendida as exigências do Decreto Federal nº 5.154 de 23 de julho de 2004 da LDB nº 9394/96, o curso era dividido em Ensino Médio e Formação Profissional. Os componentes curriculares do Ensino Médio que compunham a Base Nacional Comum eram diversificados por área de Conhecimentos: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa e Literatura, Artes e Educação Física), Ciências Humanas e Suas Tecnologias (História e Geografia), Ciências da Natureza, Matemática e Suas Tecnologias (Matemática, Física, Química e Biologia) e Parte Diversificada (Língua Estrangeira Moderna – Inglês, Filo-

sofia e Sociologia); e os componentes curriculares da Formação Profissional eram: Produção Vegetal; Produção Animal; Planejamento e Administração Rural; Informática, Aplicativos e Banco de Dados; Cooperativismo e Associativismo, Processamento de Produtos Agropecuários e Agroindustriais; Projetos e Instalações Rurais; Manejo e Uso do Solo; Viveiricultura e Cultivos Protegidos; Agropecuária Sustentável; Gestão da Empresa Rural; Localização Espacial e Interpretação de Imagens e Planejamento e Desenvolvimento de Conclusão de Curso (TCC) em Agropecuária.

Conforme arquivo virtual com as atribuições de aulas de 2009 a 2011, o corpo docente era formado por professores dos componentes curriculares do Ensino Médio e da Formação Profissional: Alexandre Benfati, Álvaro Migas Stefani, Ana Carolina Lisboa Martins, Cahina de Camilo Silva, Deborah dos Santos Souza Macedo, Geraldo Aparecido Borges Júnior, Joaquim Dias Júnior, José Roberto da Silva, José Octávio Julião Michelini, Kátia Cristina Silva Paulo, Luiz Antônio Fernandes de Mello, Maria Izabel Gleriani, Neuza Ramos, Omar Antônio Scriveranti, Paulo Antônio Sacchi, Rosângela Rita de Cássia Tenani Marques, Roseli Marino Amado Fernandes, Sérgio Marcelino de Oliveira e Sueli Mara Oliani Oliveira.

Por meio dos arquivos virtuais da secretaria acadêmica foi possível perceber o perfil dos alunos matriculados na 1ª série, em 2009 (Quadro 2), que foram admitidos após exame do Vestibulinho, todos provenientes de propriedades rurais situadas no estado de São Paulo nos municípios de Adolfo, Bebedouro, Borborema, Buritama, Catanduva, Catiguá, Guapiaçú, Ibirá, Mendonça, Mirassol, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Nova Aliança, Nova Granada, Novo Horizonte, Orindiúva, Paraíso, Potirendaba, São José do Rio Preto, Tabapuã e Taquaral; além de que 94% dos alunos residiam na escola no sistema de internato.

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Sousa
 Gabinete de Estudos de São Paulo
 Praça Cel. Fernando Faria, 19 - São Paulo - CEP: 05344-800 - São Paulo - SP

FIXO TECNOLÓGICO: Recursos Naturais
Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio
(MODALIDADE ALTERNATIVA)

LEI Nº 10.709, DE 10 DE ABRIL DE 2003, alterada pela Lei Nº 12.033, DE 24 DE ABRIL DE 2009, alterada pela Lei Nº 12.796, DE 20 DE ABRIL DE 2013, alterada pela Lei Nº 13.005, DE 8 DE ABRIL DE 2014, alterada pela Lei Nº 13.409, DE 10 DE ABRIL DE 2017, DE 13/04/2018, Resolução CNE/CEB Nº 12, DE 26/07/08, Deliberação CEE 79/2008, 881, Resolução CEE 08/2009 e 04/2008.
 Plano de Curso aprovado pelo Conselho de Administração do Centro Técnico e Técnico nº 23, de 05/11/2005, publicado no DOE de 24/02/2016, nº 101-1-01.

Estrutura Curricular	Área de Conhecimento	Componentes Curriculares	1º SEMESTRE		2º SEMESTRE		3º SEMESTRE		Total H/A		
			2009		2010		2011				
			CH	Aulas Semanais	CH	Aulas Semanais	CH	Aulas Semanais			
Estrutura Curricular Bases Nacionais/Comuns	Língua Portuguesa e Matemática	Língua Portuguesa e Matemática	160	5	160	5	120	4	440		
		Artes	80	2	-	-	-	-	80		
		Educação Física	80	2	80	2	80	2	240		
		Ciências Humanas e Sociais	80	2	80	2	80	2	240		
		Tecnologias	80	2	80	2	80	2	240		
		Geografia	80	2	80	2	80	2	240		
		Historia	120	6	120	4	120	4	360		
		Matemática	80	5	80	3	80	3	240		
		Musicalidade	80	3	80	1	80	1	240		
		Outras Tecnologias	80	3	80	1	80	1	240		
Total da Base Nacional Comum			840		790		720		2350		
Parte Diversificada	Língua Portuguesa (Letras) - Inglês	Língua Portuguesa (Letras) - Inglês	80	2	80	2	80	2	240		
		Filosofia	40	1	40	2	40	1	120		
		Psicologia	40	1	40	1	40	1	120		
Total da Parte Diversificada			160		160		160		480		
Total Ensino Médio			1000	11	950	78	880	27	2830		
Formação Profissional	Produção Vegetal	Produção Vegetal	120	4	120	5	120	6	360		
		Produção Animal	120	5	120	4	120	6	360		
		Planejamento e Administração Rural	80	2	-	-	-	-	80		
		Informática, Aplicações e Banco de Dados	80	2	-	-	-	-	80		
		Cooperativismo e Associativismo	80	2	-	-	-	-	80		
		Processamento de Produtos Agropecuários e Agroindustriais	-	-	80	2	80	2	160		
		Projetos e Instalações Rurais	-	-	80	2	80	2	160		
		Manejo e Uso do Solo	120	4	-	-	-	-	320		
		Maneiras e Cultivos Protecionistas	-	-	-	-	80	3	80		
		Agropecuária Sustentável	-	-	80	2	80	2	160		
		Leitura de Imagens Rurais	-	-	80	2	80	2	160		
		Localização Geográfica e Interpretação de Imagens	-	-	120	4	-	-	320		
		Planejamento e Desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Agropecuária	-	-	-	-	80	3	80		
		Total da Formação Profissional			600	18	680	32	720	39	2000
		Total Geral do Curso			1600	29	1630	110	1600	66	4830

1º ano - 1ª Qualificação
 2º e 3º anos - 2ª Qualificação Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária
 4º e 5º anos - 3ª Qualificação Profissional Técnica de nível médio de Técnico em Agropecuária

DATA: 26.05.09
 ASSINATURA: 26.05.09


 Manoel Roberto de Aguiar
 Diretor de Ensino Técnico - ETEC


 Afonso Carlos de Castro
 Centro Paula Souza - CETEC
 Superintendente Educacional - Gestão Pedagógica - Região 1 São José do Rio Preto

Figura 7 – Imagem da grade curricular homologada.
Fonte: Secretaria Acadêmica. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU, 2022)

Quadro 2 – Relação dos alunos matriculados em 2009.

Nº	NOME DO ALUNO
1	Afonso Renato Pedroso
2	Allan Bernardo de Oliveira (remanejado para 1º Regular 16/03/09)
3	Adailton Ferreira Figueiredo

Nº	NOME DO ALUNO
4	Adolfo Júnior Cazimiro
5	Anderson Cleber Varoti
6	Ariel Vinícius Coradini
7	Bruno Henrique Castanheira (Transferido em 26/05/09)
8	Carlos César Martins Júnior
9	Carlos Henrique Moreira Duarte
10	César Santos Bongarti
11	Daiane Silva Ribeiro
12	Deyvid Aparecido Colombo Celestino
13	Diego Donizetti Fidelis
14	Edir Siviero Júnior
15	Giovani Aparecido Lopes
16	Guilherme Aparecido Forte
17	Jackson Mariano Bacco
18	João Antônio de Carvalho
19	José Carlos Souza Moreira
20	José Lucas Gregorio Dias
21	Kaique Venícius da Silva
22	Lázaro Elias Gonçalves de Oliveira
23	Luiz Antônio Regino Júnior
24	Luis Henrique de Almeida Fachini (Transferido em 14/04/09)
25	Maikon Goularte da Silva
26	Matheus Henrique de Oliveira Rodrigues (Retido final 2009. Solicitou transferência 02/02/2010)
27	Matheus Júnior dos Santos

Nº	NOME DO ALUNO
28	Mauro Vitor Martins
29	Maycon Giovani da Cruz (Concluiu c/ PP e solicitou transferência)
30	Paulo Sérgio Zotesso
31	Rafael Rodrigo Cazimiro
32	Thiago Soares
33	Bruno Vinício Soares (matriculado em 09/03/09 – Transferido em 08/05/09)
34	Douglas Machado da Costa (matriculado em 16/03/09 – Transferido em 12/05/09)
35	Jefferson Rodrigo Gabriel de Lima (matriculado em 25/03/09)
36	Marcos Venâncio Pereira Vilela (matriculado em 30/03/09 – Remanejado p/ 1º Regular 01/06/09)
37	Anderson Donizete Teodoro (matriculado em 22/04/09 – Transferido 13/05/09)
38	Caio César Oliveira da Silva (matriculado em 22/04/09)

Fonte: Secretaria Acadêmica. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU, 2022)

Ao final de 2009, dois alunos foram remanejados para a primeira série da Habilitação Profissional de Técnico Em Agropecuária Integrado Ao Ensino Médio, curso ministrado na própria instituição, e sete alunos foram transferidos para outras escolas. No final do ano letivo permaneceram matriculados 29 alunos. No ano de 2010, foram matriculados mais três alunos, finalizando o ano letivo com 32 alunos.

Em 2011, oito alunos foram transferidos, sendo 24 alunos concluintes, conforme Quadro 3:

Quadro 3 – Relação dos alunos formados em 2011.

Nº	NOME DO ALUNO
1	Adailton Ferreira Figueiredo
2	Adolfo Júnior Cazimiro

Nº	NOME DO ALUNO
3	Anderson Cleber Varotti
4	Ariel Vinícius Coradini
5	Arthur Henrique Duarte Santos
6	Caio César Oliveira da Silva
7	Carlos Henrique Moreira Duarte
8	César Santos Bongarti
9	Deyvid Aparecido Colombo Celestino
10	Edir Siviero Júnior
11	Giovani Aparecido Lopes
12	Guilherme Aparecido Forte
13	Jackson Mariano Bacco
14	Jefferson Rodrigo Gabriel de Lima
15	João Antônio de Carvalho
16	José Carlos Souza Moreira
17	José Lucas Gregorio Dias
18	Kaique Venícius da Silva
19	Lázaro Elias Gonçalves de Oliveira
20	Luiz Antônio Regino Júnior
21	Matheus Júnior dos Santos
22	Paulo Sérgio Zotesso
23	Rafael Rodrigo Cazimiro
24	Thiago Soares

Fonte: Secretaria Acadêmica. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU, 2022).

A HISTÓRIA ORAL COM O EX-ALUNO THIAGO SOARES

A entrevista com o ex-aluno Thiago Soares (Figura 8) realizada em 08 de abril de 2021, aconteceu por meio da Plataforma Teams dada à situação de isolamento social imposto pela Pandemia de Covid 19.



Figura 8 – Thiago Soares em entrevista de história oral, em 2021.

Fonte: Acervo Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon, em 2022.

Fotografia: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, em 08/04/2021.

De acordo com o registro da entrevista hospedado no site Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza, foi possível perceber sua trajetória pessoal, educacional e profissional: “Thiago Soares. Nascido em 18 de julho de 1994, na cidade de Catanduva/SP. Filho de Paulo Eduardo Soares e Sirlei Azevedo, casado com Carla Gouvêa. Formado em Medicina Veterinária pela UNIRP – Centro Universitário de Rio Preto, em São José do Rio Preto/SP, em 2017, e no curso Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio (Modalidade Alternância) pela Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP, em 2011. Sócio proprietário do Pet Shop e da Clínica Veterinária Doutor Thiago Soares na cidade de Ibirá, desde o final de 2017, onde atua como médico veterinário”. (SOARES, 2021)

Durante a entrevista, Soares relata sua adaptação no internato escolar, pois quando iniciou seus estudos em 2009, morava na cidade de Ibirá a 50 km de Mirassol, por esse motivo, não era possível seu deslocamento diário para casa, assim ficou alojado durante a semana da sessão-escola, relata também a transição da adolescência para a vida adulta:

[...] No começo eu relutei um pouco em ir, porque sair de perto dos pais, ir pra um lugar diferente, menor de idade, sem dinheiro, né? Mas, aí quando eu fui para escola e vi todo o suporte tanto pessoal que a escola nos dá e tanto profissional, não queria mais voltar. Entendeu? Era alternância chegava à sexta-feira não queria vim embora para casa queria continuar aí! [...] os professores, os diretores, até as faxineiras, as cozinheiras ensinam a gente a ser humano, a ver a vida de uma forma diferente, porque a gente entra aí tudo criança, mas a gente sai adulto, porque aí onde ensina às vezes o que os pais deixam de ensinar, e falam às verdades que às vezes os pais não falam para gente. (SOARES, 2021)

Com relação as suas lembranças e os professores que marcaram a sua formação, narra que teve muito contato com a professora Engenheira Agrônomo Cahina de Camilo Silva, orientadora do seu Trabalho de Conclusão de Curso, com professor Zootecnista José Octávio Julião Michelini¹¹, no qual mantém amizade até os dias atuais, o professor de Biologia Sérgio Marcelino de Oliveira¹² que além de professor no ensino técnico, também foi professor de Microbiologia na graduação da faculdade de medicina veterinária, além dos professores Joaquim Dias Júnior, Engenheiro Agrônomo e Álvaro Migas Stefani¹³, Médico Veterinário. A respeito as competências, vivências e motivações que contribuíram para sua formação, recorda que:

[...] durante a Etec, durante o curso técnico em si a gente sempre via muito a parte agrária em relação à parte pecuária e a parte agrônoma digamos assim, a parte agrícola, e foi aonde eu sempre tive mais conhecimento, mais afinidade com animais, e na época teve vários professores importante que me orientaram e aí eu prestei vestibular e entrei na medicina veterinária, me formei em bacharel em medicina veterinária, graças a Deus e o nosso estudo e estamos aí. [...] O professor Álvaro que dava as aulas da parte, da parte pecuária foi de muito conhecimento, né? Passou muita coisa para gente legal, em relação à pocilga, ao projeto da ordenha que tinha, foi muito legal, os manejos de bezerro, as aulas, eu falo que se a gente pudesse voltar no tempo e escutar as aulas de professores que são grandes mentores pra gente é uma coisa inestimável, por que quarenta minutos de aula que o professor

11 Zootecnista e Licenciado em Pedagogia. Professor do Ensino Técnico da Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP, desde 2007.

12 Professor com formação em Ciências Biológicas e Mestre em Biologia Celular e Estrutural. Professor do Ensino Médio da Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP, no período de 2007 a 2014.

13 Médico Veterinário e Zootecnista. Professor do Ensino Técnico da Etec Professor Matheus Leite de Abreu em Mirassol, SP desde 1989.

está te passando, o conhecimento que ele tem de uma forma muito fácil de você entender e compreender, às vezes ele põe até uma passagem da vida dele, uma experiência sobre o assunto que ele teve, isso a gente não consegue ter essa informação, essa dedicação com o livro, o livro é essencial pro nosso dia a dia, e o médico veterinário, eu tenho muitos estudos pela frente, não paro, todo dia a gente tá vendo uma bula, tá vendo um artigo científico, uma novidade no mercado, então a gente não pode ficar para trás. (SOARES, 2021)

Relata o caminho que percorreu até se tornar um empresário por meio da instalação da Clínica Veterinária Doutor Thiago Soares, na cidade de Ibirá, em 2017:

Durante a minha graduação eu tive a oportunidade de ser funcionário da instituição em que me formei da Unip, então fui funcionário no hospital veterinário e isso me deixou muito mais confortável e muito mais experiente em relação a ter contatos com pessoas, clientes, com pais de animais, porque hoje em dia o pet é um membro da família, a gente ter que tornar, o pet hoje em dia é um membro da sua família e isso foi o diferencial que eu tive, de saber conversar, de não ter medo do que a reação de um tutor de animais, por que o conhecimento a gente sabe, a gente forma com o conhecimento, a gente faz prova, faz trabalho, faz pelo TCC, mas a experiência prática, isso você consegue aprender e agregar o valor durante o seu trabalho, mas como eu tinha esse diferencial, então, não quero ser funcionário, quero ser o meu patrão, quero trabalhar da minha firma e ser responsável pelos meus atos na parte veterinária, e foi aonde me tornei um empresário, montei uma clínica aqui em Ibirá, próximo à Mirassol e graças a Deus a gente teve uma resposta, um feedback ao mercado de trabalho, aos clientes muito boa. (SOARES, 2021)

O relato do ex-aluno Thiago Soares, deixa transparecer a importância dos conhecimentos acadêmicos que ele teve no Curso técnico e também ressalta o apreço por todo o corpo docente e de funcionários, com os quais teve contato no seu tempo de internato, que com eles e a vivência com os professores, aprendeu com a experiência de vida de cada um, com conselhos, que nas palavras dele: “ensina a gente a ser humano, a ver a vida de uma forma diferente, porque a gente entra aí tudo criança, mas a gente sai adulto”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma Instituição de Ensino não é feita apenas de sua estrutura física e ferramentas pedagógicas disponibilizadas aos seus alunos, suas normas e currículos. Ela é fruto da dedicação de cada docente, diretor, funcionários e alunos que por ali passaram, deixando suas experiências profissionais e pessoais. Ela também está na memória dos seus ex-alunos, como guias para seus futuros profissionais e pessoais. Ela é feita dos alunos que hoje usufruem desse conhecimento, resultado da cultura escolar do curso Técnico em Agropecuária, que cria e disponibiliza horizontes para os novos empreendedores.

Através da Alternância conseguiu estabelecer um elo profícuo entre família e escola, estabelecendo uma base para o estudo, onde o aluno pode alcançar, após o curso técnico novas oportunidades, instigando o espírito empreendedor.

Assim sendo, o registro desse trabalho proporcionou dados para a materialização histórica da cultura escolar do curso Técnico em Agropecuária em épocas diferentes, onde os entrevistados relataram suas lembranças vivenciadas no período em que frequentaram a instituição e a contribuição da formação técnica para o sucesso empresarial alcançado, preservando a memória e a história da educação profissional técnica da Etec Professor Matheus Leite de Abreu.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=58C28967B18BC95534748230382E9775.proposicoesWebExterno2?codteor=106035&filename=LegislacaoCitada+-PL+7375/2002>. Acesso em 24 ago. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004 da Lei 9394/96.** Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/decretos/Decreto_5154-2004.pdf. Acesso em: 14 set. 2022.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação:** memórias e identidades. São Paulo: Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

CENTRO PAULA SOUZA. **Ofício Circular 703, CETEC/Grupos, de 02 de setembro de 2008**. Arquivo permanente da Secretaria Acadêmica da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Plano Plurianual de Gestão 2008**. São Paulo. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/planoescolar/> Acesso em 14 de set. 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Plano Plurianual de Gestão 2022**. São Paulo. Disponível em: <https://haecetec.cps.sp.gov.br/ppg/>. Acesso em: 04 ago. 2022.

CHAVES, Ana Paula Pacheco et al. **Retrato falado da alternância: Sustentando o Desenvolvimento Rural através da Educação**. São Paulo. Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Imprensa Oficial. 2000.180p.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU. **Plano Escolar**. Mirassol, São Paulo. 2005. Arquivo permanente da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR MATHEUS LEITE DE ABREU. **Plano Plurianual de Gestão**. Mirassol, São Paulo. 2010. Arquivo permanente da Secretaria Acadêmica, em 2022.

SÃO PAULO. **Decreto nº 7.887, de 26 de abril de 1.963**. Cria Escolas de Iniciação Agrícola nos Municípios de Eldorado Paulista, Franca, Guaimbé, Igarapava, Jaú, Miguelópolis, Mirassol, Pederneiras, Santa Rita Do Passa Quatro, São Simão e Vera Cruz. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1963/lei-7887-26.04.1963.html>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

SILVA, Dalila de Souza. **Entrevista concedida à Sueli Mara Oliani Oliveira, em 11 de agosto de 2022**. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=213&vol=104>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SOARES, Thiago. **Entrevista concedida à Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, em 08 de abril de 2021**. Disponível em: http://www.memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/percurso/HOEpe_DocRE_TSo2021.pdf. Acesso em: 29 jul. 2022.

Luan Rafael Castor Pinheiro: história de vida e o papel da Etec Cônego José Bento na sua atuação empreendedora

Júlia Naomi Kanazawa
Escola Técnica Estadual Cônego José Bento
Unidade de Ensino Médio e Técnico

INTRODUÇÃO

No ano de 2021 foram realizadas pela docente curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual (Etec) Cônego José Bento três entrevistas de história oral de vida com ex-alunos da Etec Cônego José Bento, localizada em Jacareí/SP, que se formaram nos cursos Técnico em Agricultura e Técnico em Redes de Computadores e se tornaram empreendedores, para o projeto coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”¹⁴. O projeto visava conhecer a cultura e as práticas empreendedoras de profissionais que se formaram em escolas técnicas e faculdades de tecnologia mantidas pelo Centro Paula Souza, uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo que administra uma rede de escolas técnicas e faculdades de tecnologia em diferentes municípios do Estado, e compreender os processos que levaram os sujeitos a empreender, as inovações na sociedade e no mundo do trabalho, e identificar os diferentes cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no país.

A partir do exame de uma dessas entrevistas, realizada com ex-aluno Luan Rafael Castor Pinheiro, se questionou sobre a origem e implantação do curso Técnico em Redes de Computadores na instituição, o turno em que ele foi oferecido na época em que Pinheiro estudou, a organização curricular do curso, quem foram os professores e qual era a realidade escolar da época.

Com a finalidade de entender o papel da instituição escolar Cônego José Bento e do curso na sua formação e atuação profissional e empreendedora, se buscou neste trabalho traçar a história de vida do ex-aluno e recuperar a origem e implantação do curso na escola, sua organização e a realidade escolar do período em que o aluno estudou. Para tanto, além da entrevista, foi necessário

14 Cadastrado na Plataforma Brasil, CAAE: 48473721.4.0000.8125, e autorizado pelo Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer nº 4.813.867 em junho de 2021.

efetuar uma pesquisa documental e coletar dados em livros ponto, guardados no arquivo histórico da escola; trabalho de conclusão de curso, arquivado na Biblioteca escolar; plano de curso e atas de conselho de classe, conservados na Secretaria Acadêmica; e planos de trabalho docente, fotografias e demais documentos, preservados no Centro de Memória Etec Cônego José Bento (Figura 1); assim como investigar leis, decretos e sites institucionais.



Figura 1 – Sala de mobiliário de artefatos de direção da escola.
Fotografia: Julia Naomi Kanazawa, em 23/06/2022.

Para traçar a história de vida de Luan Rafael Castor Pinheiro com base na sua entrevista e reconhecer a sua experiência individual, associada ao contexto, se recorreu ao método biográfico, defendido na historiografia por pesquisadores como Levi (2006), Loriga (2011) e Nosella e Bufa (2013).

Levi (2006) propõe abordagens na perspectiva, dentre elas, da biografia e contexto, quando a especificidade da biografia é conservada, mas o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade da trajetória (LEVI, 2006, p. 175); e a biografia e os casos extremos, quando a biografia no permite esclarecer o contexto, percebido por meio de suas margens (LEVI, 2006, p. 176).

No seu livro “O pequeno X: da biografia à História”, Loriga (2011) chama a atenção para a valorização do homem comum, personagens anônimos, que fazem parte da construção do processo histórico. X, para a autora, é a con-

tribuição pessoal, o interesse do indivíduo, o caminho e a própria escolha; aspectos relevantes que influenciam o curso da história e devem estar presentes nas discussões e debates historiográficos, e legitimados no âmbito do conhecimento histórico.

As trajetórias de ex-alunos, para Nosella e Buffa (2013),

é um recurso metodológico importante para se compreender as necessidades que a sociedade, em uma dada época, tem de determinados profissionais como, também, a própria inserção desses profissionais na sociedade. Somente dessa forma é possível avaliar o significado social da escola. (Nosella; Buffa, 2013, p. 70)

Assim, privilegiou-se a história de vida de Luan Rafael Castor Pinheiro no presente trabalho, mas, também se recuperou e retratou o contexto escolar e social no qual o indivíduo se encontrava inserido na época em que estudou e atuou como profissional e empreendedor.

Espera-se, com este estudo, contribuir para a escrita da História da Educação Profissional e salvaguarda e preservação da memória e da história da educação profissional e tecnológica.

LUAN RAFAEL CASTOR PINHEIRO: HISTÓRIA DE VIDA

Luan Rafael Castor Pinheiro (Figura 2) nasceu em Jacareí, São Paulo, em 3 de agosto de 1993, atualmente é casado e mora na sua própria casa. Sua mãe se chama Adriana Aparecida Castor, é natural de Cruzeiro e empregada doméstica; seu pai se chama Enéas Silva Pinheiro, natural de Jacareí e é ajudante geral numa fábrica.



Figura 2: Luan Rafael Castor Pinheiro.

Fotografia: cedida pelo entrevistado à pesquisadora em 23/11/2021.

Adriana Aparecida Castor veio para Jacareí bem jovem, juntamente com sua avó, que havia se separado. Aqui ela conheceu seu pai e se casaram, mas quando Pinheiro tinha apenas um ano eles se separaram. Desse modo, ele não teve muito contato presencial com seu pai. Segundo ele, “Eu venho de uma família de mulheres fortes, então, assim, é. É, fui criado praticamente assim pela minha mãe, com a força da minha mãe e ela que incentivou a gente a tudo assim.” (PINHEIRO, 2021)

Pinheiro sempre estudou em escolas públicas em Jacareí, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Começou na Escola Municipal de Ensino Fundamental Barão de Jacareí, onde cursou até a quarta série; depois foi para a Escola Estadual Dr. Pompílio Mercadante e fez o Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Quando estudava na Escola Municipal Barão de Jacareí, morava no Jardim Esperança, bairro distante da escola. Depois quando foi para a Escola Estadual Dr. Pompílio Mercadante, residia no bairro Campo Grande.

Nos dois últimos anos estudou em dois períodos, de manhã, fazia o técnico Redes em Computadores na Etec Cônego José Bento e, à noite, o Ensino Médio. Para se locomover, no final do Ensino Médio, se deslocava de bicicleta para a Etec Cônego José Bento e para a Escola Estadual Dr. Pompílio Mercadante. Quanto à alimentação, tomava café em casa e geralmente não comia devido à sua condição financeira. Dessa forma, utilizou muito pouco a cantina da Etec.

A opção por estudar na Etec foi devido a origem humilde de sua família e “sua mãe sempre deixou bem claro para ele e seus irmãos que, se quisessem ascender na vida ou crescer de alguma forma, tanto para mim como pra minhas irmãs, teriam que estudar” (PINHEIRO, 2021). Desse modo, sempre estava atrás de algum curso, alguma coisa para estudar extra curricularmente, pois sempre gostou de aprender.

Quando o curso Técnico em Redes foi divulgado no município, e levando em conta que já gostava de computadores e desejando aprofundar o seu conhecimento, foi em busca de informações, se inscreveu, prestou e foi aprovado no vestibulinho, e ingressou no primeiro semestre de 2010 na Etec Cônego José Bento.

A concluir o curso de Redes, no primeiro semestre de 2011, entrou na Fatec de São José dos Campos, onde fez parte da primeira turma do curso Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Para o deslocamento até a Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos, o trajeto ficou mais longo, distante cerca de trinta quilômetros ou mais de sua residência. Ia de ônibus, além de contar com muita carona, pois o acesso à Fatec era horrível na época.

Eu, eu fui pioneiro assim na Fatec, eu fui, eu sou da primeira turma de Análise de Desenvolvimento e Sistemas lá de São José. Então, a gente não tinha, não tinha uma infraestrutura boa mesmo

assim lá, prá, de locomoção, etc. Hoje já tem outros acessos, já tem mais ônibus etc. Mas, é, eu andei bastante de ônibus, viu? Chegou uma época da minha vida que eu gastava umas quatro, cinco horas de ônibus por dia aí. (PINHEIRO, 2021)

Para as despesas de transporte, nos primeiros seis meses até um ano da faculdade, sua mãe o ajudava, assim como seu pai. Como logo conseguiu emprego, sua remuneração bancava as despesas com o transporte e demais custos. Também recebeu a ajuda da Prefeitura de Jacareí por um determinado tempo e contou bastante com ajuda de pessoas, que lhe davam carona.

No período que estudou na Etec não trabalhava, pois sequer tinha dezoito anos, mas atuava “por conta, fazendo algumas manutenções de micro, formatação, coisas pequenas. Então, alguém precisava, tinha algum problema, máquina lenta, eu ia lá fazer manutenção, fazia limpeza de equipamento”. (PINHEIRO, 2021)

Já na Faculdade, quatro meses depois, no final de 2011, e com dezoito anos completados em agosto, conseguiu o seu primeiro emprego como suporte em uma empresa. Quando estava no terceiro semestre, conseguiu um estágio numa empresa chamada Epssoft Sistemas na área de desenvolvimento, e ela vendia um produto que era relacionado ao seu TCC da Escola Agrícola.

Ela vendia um produto de telefonia que tinha uma URA, URA é aquela, quando você liga por exemplo no banco, clique um para falar com a atendente, tal. Isso é uma, uma URA. Eles tinham uma URA, que tinha um programa que rodava por trás. Então, é, é, curiosamente eu entrei nesse, nessa empresa, fui logo de cara trabalhar algo que tinha me relacionado na, na Etec, né, que foi o meu Trabalho de Conclusão de Curso. (PINHEIRO, 2021)

Trabalhou na empresa, se desenvolveu, cresceu muito profissionalmente, entre infraestrutura e desenvolvimento de softwares, área que seguiu atuando posteriormente como empreendedor.

Em 2014, se tornou sócio fundador da empresa Super Client Solutions, que atendia a Sonda IT, de São José dos Campos, prestadora de serviços da Empresa Brasileira Aérea, Embraer. Trabalhou nessa empresa um ano, um ano e pouco, quando começou a migrar de área, porque

Isso nem sabia. Quando a gente começa a fazer, pensa que TI é uma coisa só. A gente não entende os subsistemas que existem ali dentro. Então, é, eu parti de uma área, que é infraestrutura, né, que é uma rede de computadores, eu fui para uma área de desenvolvimento, que é área de desenvolvimento de softwares. (PINHEIRO, 2021)

Desde então, seguiu trabalhando e não parou mais, sempre na área de redes, infraestrutura e desenvolvimento.

No depoimento concedido em 23 de novembro de 2021 para a pesquisadora, Pinheiro reconheceu a importância da Etec Cônego José Bento, do curso Técnico em Redes de Computadores e dos professores na sua atuação como empreendedor, assuntos que serão tratados nas seções a seguir.

Etec CÔNEGO JOSÉ BENTO E O CURSO TÉCNICO EM REDES DE COMPUTADORES

Quando Pinheiro ingressou na instituição Cônego José Bento para cursar o Técnico em Redes de Computadores, recém implantado na escola, ela já possuía uma longa trajetória, desde 1935, quando foi criada pelo governador Armando de Sales Oliveira no dia 5 de julho de 1935, pelo Decreto nº 7.319, com a finalidade de formar operários agrícolas no curso de Iniciação Agrícola. (ESTADO DE SÃO PAULO, 1935) Denominada de Escola Profissional Agrícola Industrial Mista, foi a segunda das escolas profissionais de ensino técnico agrícola a ser criada no Estado de São Paulo, no âmbito do plano de expansão do ensino profissional elaborado pela Superintendência do Ensino Profissional e Doméstica. Neste plano foram instituídas as três primeiras escolas agrícolas industriais mistas, localizadas em Espírito Santo do Pinhal, em 1935, em Jacareí, em 1935, e em São Manuel, em 1939.

No decreto de criação já estava previsto um espaço para a instalação da escola, uma chácara localizada no bairro Avareí, local onde ainda se encontra situada a escola. A chácara de propriedade do Bispado de Taubaté, desde 1912, compreendia uma área de 32 a 35 alqueires. No dia 7 de fevereiro de 1936, firmou-se um contrato de trinta anos entre o Governo do Estado de São Paulo e o Bispado de Taubaté, onde se estabelecia, dentre outras cláusulas, que o segundo cedia o uso e desfrute gratuito da propriedade para o primeiro. A cláusula VIII previa que, no final do prazo da cessão, o imóvel seria restituído ao Bispado com todas as benfeitorias, tendo o Governo do Estado direito de renovar o contrato pelo mesmo prazo estipulado. (Contrato entre partes, 7 fev. 1936)

Após a celebração do contrato, no dia 10 de julho de 1936, Fernão Leme Paes Zamith, juntamente José Minervini, técnico da Superintendência da Educação Profissional e Doméstica, veio para Jacareí preparar o terreno para o início das atividades administrativas e escolares. Chegando a cidade traçaram com o prefeito Hélio Navarro da Cruz e demais membros do diretório municipal do Partido Constitucionalista Paulista as diretrizes para o início do funcionamento da Escola Profissional. No dia 12 de julho de 1936 começaram os trabalhos de limpeza com uma turma de trabalhadores braçais.

O artigo 2º do decreto da criação da escola explicitava que: “A escola terá a mesma organização da Escola Profissional Agrícola-Industrial de Espírito Santo de Pinhal (ESTADO DE SÃO PAULO, 1935), criada pelo Decreto n. 7.073.

Tal organização contemplava a fazenda, composta de campo-escola e campos experimentais, onde seriam desenvolvidas várias culturas de forma racional; os laboratórios para estudos e pesquisas necessários para o domínio da agricultura, da zootecnia e da veterinária; as oficinas e as seções de máquinas agrárias, mecânica agrícola, tecnologia e criações.

Por falta de instalações adequadas para as práticas educativas, as aulas na Escola Profissional Agrícola Industrial Mista de Jacareí só se iniciaram em setembro de 1937. Algumas edificações foram sendo construídas entre 1936 e 1937, como os pavilhões do aviário, dos parques de recreio, dos laticínios, da mecânica, da ferraria e da carpintaria, com uma verba recebida da Superintendência, no início de 1937. (ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA INDUSTRIAL MISTA DE JACAREI, 1937, p. 6)

No ano de 1940, pelo decreto nº 11.588, em 19 de novembro, a escola recebeu o nome do Cônego José Bento na sua denominação. O patrono da instituição, era natural de Jacareí e passou sua infância em companhia da avó, na propriedade agrícola que ela possuía no município. Concluiu sua formação acadêmica na cidade de São Paulo e ordenou-se sacerdote pelo Bispado do Rio de Janeiro. Vigário, prestou serviço nas paróquias de Santa Izabel e Nossa. Sra. Imaculada Conceição, posteriormente, solicitou sua remoção para a cidade de Caçapava onde ficou por alguns anos. Retornou a Jacareí e recebeu, por doação, um sítio distante, aproximadamente 3 quilômetros do centro da cidade e onde, em 1885, fundou o Colégio São Miguel, o “Coleginho”, como era chamado. Ali acolheu os meninos órfãos, abandonados que viviam nas ruas da cidade em plena miséria. Deu-lhes abrigo e alimentação, ministrou ensino religioso, ensinou a ler e a escrever e, preocupado com eles na fase adulta, ensinou-lhes também os ofícios de alfaiate, pedreiro e sapateiro. (ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA INDUSTRIAL MISTA DE JACAREI, 1940)

No segundo semestre de 1946 a instituição passou por uma reorganização, subordinando-se em caráter experimental à Diretoria Geral do Departamento do Serviço Social, da Secretaria da Justiça, pelo Decreto-lei nº 15.934, de 9 de agosto de 1946. Professores, alunos e funcionários foram transferidos para outras instituições e Arnaldo Laurindo, na época diretor da escola, seguiu para a Superintendência do Ensino Profissional.

Pelo Decreto-lei nº 16.809, de 29 de janeiro de 1947, a nova organização e a subordinação se tornaram definitivas. A escola passou a chamar-se Escola de Menores Abandonados anexo ao Instituto de Menores Abandonados do Estado de São Paulo, recebendo exclusivamente alunas encaminhadas pela Diretoria Geral do Departamento do Serviço Social do Estado. Nesse período, a direção da instituição foi entregue a uma freira, Irmã Zoé. (LAURINDO, 1961, p. 281)

Em 1947, com Adhemar Pereira de Barros no governo do Estado de São Paulo e, em atendimento aos apelos dos munícipes, a escola retornou à sua antiga organização, com frequência mista e vinculada à Superintendência do Ensino Profissional e Doméstica do Estado de São Paulo, conforme Decreto

-lei nº 17.327 de 26 de junho de 1947 (ESTADO DE SÃO PAULO, 1947). As meninas internas foram transferidas para outros estabelecimentos do Serviço Social. Os antigos alunos e funcionários foram relatados pelo Decreto-lei nº 17.400, de junho de 1947 e a direção passou a ser exercida, em comissão, por Fernão Paes Leme Zamith. (LAURINDO, 1961, p. 281-282)

Com a Lei Orgânica do Ensino Agrícola, em 1947, e por meio do Decreto nº 17.698, de 26 de novembro de 1947, o Governo do Estado de São Paulo aprovou a Consolidação das Leis e demais normas relativas ao ensino. Com o Decreto os estabelecimentos de ensino agrícola passaram a ser administradas pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. A escola, no entanto, continuou sob a jurisdição da Secretaria da Educação até 1956, oferecendo o curso de Iniciação Agrícola.

Em 1954, pela Lei nº 2.561, de 12 de janeiro de 1954, as escolas de Jacareí, de Pinhal e a de São Manuel foram transformadas em Escolas Agrotécnicas para atender às normas da Lei Orgânica Federal do Ensino Agrícola, porém continuaram vinculadas a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. A instituição de Jacareí passou a intitular-se Escola Agrotécnica Cônego José Bento.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a instituição escolar, além do curso de Iniciação Agrícola, ofereceu os cursos de monitor agrícola e de especialização agrícola, destinados aos professores normalistas e também o ensino primário rural de 1ª a 4ª série do antigo primário para os que residiam próximo à Escola ou em bairros ao redor, em uma sede anexa. Em 1961, com a promulgação da Lei nº 4024/61, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as antigas escolas de iniciação foram agrupadas como ginásios agrícolas e as agrotécnicas como colégios agrícolas, ministrando apenas as três séries do segundo ciclo e conferindo diploma de técnico agrícola.

Em decorrência desta lei, em 1963, o Ensino Técnico Agrícola paulista retornou à jurisdição da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. No mesmo ano, o Decreto Estadual nº 42.151, de 5 de julho (ESTADO DE SÃO PAULO, 1963), transferiu as escolas agrícolas e toda a Diretoria do Ensino Agrícola da Secretaria da Agricultura para a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. A partir deste momento o ensino agrícola brasileiro e o paulista se integraram legalmente aos demais ramos de ensino, considerando-o não somente prático e utilitário, mas preparando as novas gerações das zonas rurais para a conquista de padrão de vida mais alto e digno.

Deste modo, no dia 30 de abril de 1964, pelo Decreto nº 43.263, a instituição passou a denominar-se Ginásio Agrícola Estadual “Cônego José Bento”, cuja formação se daria em quatro anos e nesta modalidade contemplou alunos em regime de internato e externato, oriundos do ensino primário. (ESTADO DE SÃO PAULO, 1964)

Em 1968, atendendo aos dispositivos da LDB nº 4024/61, o governo do Estado de São Paulo, pela Lei nº 10038/68, dispôs sobre a organização do

sistema de ensino do Estado de São Paulo, estabelecendo que a educação de grau médio tem, entre outros, o fim de dar formação profissional no segundo ciclo e pré-profissional no primeiro ciclo e também que o segundo ciclo se diversifica em colégio secundário, colégio normal e colégio técnico, que compreende os ramos comercial, agrícola e industrial.

Desta forma, no dia 20 de janeiro de 1969, pelo Decreto nº 51.293, a instituição transformou-se em Colégio Técnico Agrícola Estadual “Cônego José Bento”. Até 1975, o Colégio ofereceu as modalidades de Ginásio e Colégio concomitantemente, sendo o último voltado para a formação em Técnico em Agricultura.

No ano seguinte, pela Resolução nº 14, de 21 de janeiro de 1976, passou a chamar-se Escola Estadual de 2º Grau “Cônego José Bento” (Agrícola), ofertando a formação em Técnico em Agropecuária.

Na década de 1990, ocorreu a transferência da escola para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), autorizada pelo Decreto nº 37.735, de 27 de outubro. Em 31 de maio de 1994, pelo Decreto nº 38.703, passou a se chamar Escola Técnica Agrícola Estadual (ETAE) Cônego José Bento e em 8 de dezembro de 1999, pelo Decreto nº 44.500, intitulou-se Escola Técnica Estadual (ETEC) Cônego José Bento.

Atualmente, como Etec Cônego José Bento, integra a rede de escolas técnicas do Ceeteps, autarquia do Governo do Estado de São Paulo, criada por Abreu Sodré em 1969, que administra 224 escolas técnicas e 75 faculdades de tecnologia.

Durante décadas a escola ofereceu o curso técnico relacionado ao ensino agrícola; nos anos de 1990 iniciou sua expansão ofertando outros cursos, como Técnico em Florestas, Técnico em Administração e Técnico em Meio Ambiente. Entre os anos de 2010 e 2011, quando Luan cursava o Técnico em Redes de Computadores, a Etec Cônego José Bento oferecia as seguintes modalidades de ensino: Ensino Médio e Ensino Técnico em Administração, Agrimensura, Logística, Meio Ambiente e Química.

O curso Técnico em Redes de Computadores havia sido implantado no segundo semestre de 2009 na Etec Cônego José Bento, dentro do eixo tecnológico Informação e Comunicação, e o ingresso ao curso se deu por meio de processo seletivo para alunos que tivessem concluído, no mínimo, a primeira série do Ensino Médio. (CENTRO PAULA SOUZA, 2009, p. 6) Estruturado em módulos e constituídos por componentes curriculares com cargas horárias teórica e prática, o curso foi distribuído em três semestres. O aluno que cursasse o Módulo I se habilitaria em Qualificação Técnica de Nível Médio de Auxiliar de Informática; aquele que cursasse os Módulos I e II concluiria a Qualificação Técnica de Nível Médio de Auxiliar Técnico em Redes de Computadores; e ao que completasse os três módulos, receberia o Diploma de Técnico em Redes de Computadores, desde que tivesse concluído, também, o Ensino Médio. (CENTRO PAULA SOUZA, 2009, p. 15)

No ano em que Pinheiro iniciou o seu curso, em 2010, ele estudou no período diurno; juntamente com mais 41 alunos. Ao final do primeiro semestre, dois alunos cancelaram as suas matrículas, três trancaram e um desistiu, conforme indica a ata (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2010).

A sua turma teve pouquíssimas aulas teóricas e quase todas aconteciam no laboratório, o que fez muita diferença, pois “A gente conseguiu ter uma qualidade de ensino muito grande, ah, também por causa dos equipamentos que ajudaram, assim. A gente conseguia ter muito conteúdo prático ali. Isso ajudou muito, com certeza”. (PINHEIRO, 2021)

Segundo Pinheiro (2021), os instrumentos, equipamentos, que utilizou para realizar as aulas práticas foram importantes, suficientes para a sua formação, pois “O laboratório atendia a gente 100%. As máquinas eram muito boas, ajudava bastante, assim. No começo do, do curso eu não tinha equipamento em casa, não tinha um notebook prá usar. O equipamento ali da aula era mais do que suficiente pra atender as necessidades do dia a dia.”.

O laboratório de informática, recém-instalado, se localizava num dos cômodos do prédio que abrigou, no passado escolar, os dormitórios o refeitório e a cozinha; dispunha de bons equipamentos; e quase todas as aulas aconteciam nesse lugar, segundo Pinheiro (2021)

Olha, na época a gente tinha um laboratório muito bom, né. Era, eu fui, eu fui da segunda turma de Redes, né. E, e aquele prédio ali, se não me engano, era todo novo. Era bem recente, aonde, onde tá biblioteca, do lado da quadra. É, era tudo novo, o laboratório era muito bom, as máquinas eram muito boas prá época. (PINHEIRO, 2021)

O corpo docente, sob a coordenação de Kleber Gelli, descrito no plano de curso, na época (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO 2011), era constituído por dez professores que ministravam os diversos componentes do currículo do curso, conforme indicam os Quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1 – Docentes e disciplinas que lecionavam no módulo I do curso Técnico em Redes de Computadores no primeiro semestre de 2010.

MÓDULO I 2010	
Patrícia Moreno Simões	Gestão de Sistemas Operacionais
Patrícia Moreno Simões	Instalação e Manutenção de Computadores
Amita Murali krishna Amita Morales Krishna e Kleber Gelli	Lógica de Programação
Flavio Guardia	Aplicativos Informatizados
Marcelo Augusto Ramos dos Santos	Tecnologia e Linguagem em Banco de Dados
Elisiane Alves de Oliviera	Inglês Técnico Inglês Instrumental Aplicado em Informática
Elisiane Alves de Oliviera	Linguagem, Trabalho e Tecnologia
Levi Pinto de Miranda Júnior	Organização Empresarial

Elaborado pela pesquisadora.

Fonte: ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2010a.

Quadro 2 – Docentes e disciplinas que lecionavam no módulo II do curso Técnico em Redes de Computadores no segundo semestre de 2010.

MÓDULO II 2010	
Kleber Gelli	Sistemas Operacionais para Rede I
Patrícia Moreno Simões	Análise e Projetos de Redes
Flávio Guardia e Patrícia Moreno Simões	Instalações e Dispositivos de Redes
Patrícia Moreno Simões	Redes de Computadores
Marcelo Guido	Eletrônica Digital
Patrícia Moreno Simões	Planejamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Redes de Computadores

Elaborado pela pesquisadora.

Fonte: ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2010a.

Quadro 3 – Docentes e disciplinas que lecionavam no módulo III do curso Técnico em Redes de Computadores no primeiro semestre de 2011.

MÓDULO III 2011	
Kleber Gelli	Sistemas Operacionais para Redes II
Antonio Egydio São Thiago Graça	Programação para Redes de Computadores
Antonio Egydio São Thiago Graça Segurança de Redes	Segurança de Redes
Márcia Maria de Carvalho Oliveira	Ética e Cidadania Organizacional
Antonio Egydio São Thiago Graça	Tecnologias de Redes
Antonio Egydio São Thiago Graça	Redes sem Fio
Marcelo Guido	Desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Redes de Computadores

Elaborado pela pesquisadora.

Fonte: ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO, 2011.

Pinheiro (2021) se lembrou, na entrevista, dos seus professores, especialmente Marcelo Guido e Amita Morales Krishna. Para ele,

com relação aos professores. eu peguei alguns professores muito competentes e alguns mestres e hoje alguns são até doutores. É, é, tenho alguns professores que me marcaram muito. O próprio Marcelo Guido é um cara que, é, foi um professor que prá mim, é, é, ensinava e conseguia passar o ensinamento de uma matéria que não era tão, tão trivial assim, tão, tão simples, é, prá gente. Passava um conteúdo, ensinava de uma forma, assim, muito didática. E, também teve uma outra professora que, que, depois até encontrei ela na faculdade, tive aula com ela na faculdade também, que foi a Amita, a Amita Morales Krishna, É, foi assim, uma professora que me ensinou, assim, é, muito na área de programação, que, que é prá onde migrei, que foi prá área de programação. (PINHEIRO, 2021)

ATUAÇÃO EMPREENDEDORA LUAN RAFAEL CASTOR PINHEIRO

A atuação empreendedora de Luan teve origem na empresa da área de desenvolvimento que ele trabalhava, a Epssoft Sistemas, cuja sede se localizava em São Paulo e vendia um produto relacionado ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido na Escola Agrícola. O TCC, elaborado em conjunto com seus colegas, Gisele Francisco Torres, Lohan Paulino Dantas, Raíssa de Holanda Ventura e Thiago Rodrigo dos Santos, foi um dos fatos que mais marcantes no curso Técnico, segundo Pinheiro (2021), pois conseguiu reunir os conceitos que tinha estudado e os canalizou em um projeto.

O nosso TCC foi sobre Voz por IP, VOIP, que é um jeito de fazer ligação hoje pela internet, que a gente faz hoje facilmente aí, que nem agora, o zoom, ou, ou o whatsapp, por exemplo. E, na época isso era muito embrionário, né, ainda eram bem novo assim. E, a gente conseguiu fazer, configurou um ambiente todo, que, que usava routers para fazer a ligação, a gente configurou os servidores, configuramos os serviços todos, é. Fizemos até chamadas ao vivo durante a apresentação, foi bem legal. (PINHEIRO, 2021)

Em 2014, a Epssoft, que tinha um núcleo em São José dos Campos, resolveu abrir um escritório para lançar um novo produto. Nesse momento se iniciou a trajetória de empreendedorismo de Pinheiro (2021),

Porque aí que entro como sócio dessa empresa, como sócio-fundador. E, a partir daí começa a desenvolver um produto novo. Desacoplamos de uma empresa, que tinha uma história, para abrir uma startup de desenvolvimento de produto. (PINHEIRO, 2021)

A firma do qual se tornou sócio fundador se denominou Super Client Solutions e, um ano depois de funcionamento no Jardim Aquarius, em São José dos Campos, Pinheiro passou a se responsabilizar por toda parte de infraestrutura, de desenvolvimento da empresa e até hoje cuida dos servidores. Os saberes nesse campo ele credita à Etec Cônego José Bento e aos professores, e principalmente às aulas práticas, das quais ele se identificava bastante e acabaram proporcionando uma boa experiência.

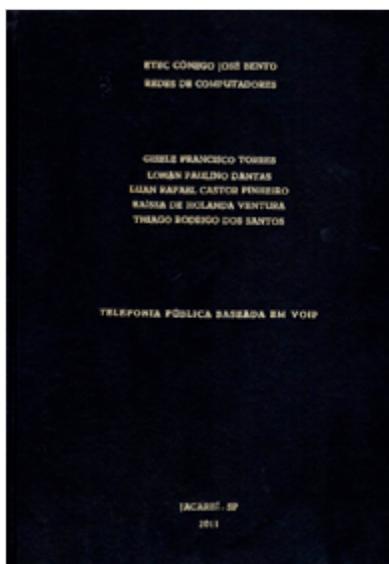


Figura 1 – Capa do TCC *Telefonia pública baseada em VOIP*, 2011.
Fonte: Acervo da Biblioteca da Etec Cônego José Bento, em 2022.

Para ele, a Super acabou virando uma empresa formadora, pois teve bastante gente que passou por lá, se desenvolveu e foi trabalhar em outros lugares. Porém, diante da pandemia e das medidas de isolamento que começaram a vigorar no início de 2020, entregou o imóvel e todos os colaboradores, cinco, começaram a trabalhar em sistema de home office.

Atualmente, continua como sócio da empresa, cuidando dos servidores e dando consultoria, mas decidiu-se afastar, pois recebeu uma proposta para trabalhar como desenvolvedor de integrações. Ele se sente realizado e grato com a atuação como empreendedor. Tecnicamente sabe que ainda tem muito a evoluir e o seu nível de conhecimento credita muito à Fatec e à Etec, que foram essenciais na sua formação.

Pinheiro (2021) atuou e continua atuando como empreendedor, mas na época da sua formação a educação empreendedora não fez parte do currículo do curso Técnico em Redes de Computadores.

No Centro Paula Souza, o incentivo à cultura de inovação e do empreendedorismo se constituiu a partir de 2010, com

a Agência de Inovação e Empreendedorismo, o Inova Paula Souza, órgão responsável da instituição por programas de incentivo à cultura de inovação e ao empreendedorismo, seus objetivos é possível listar, por exemplo, a ampliação da interação do Centro Paula Souza com empresas, a disseminação da cultura da inova-

ção e de novos modelos negócios, como as startups, e, acima de tudo, a preocupação em aumentar o impacto da instituição no desenvolvimento econômico e social dos municípios do Estado de São Paulo (MARCOVITCH; SAES, 2020, p. 2-3).

Com a criação do Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE), por meio da Lei nº 15.693/2015, que visa inserir a temática do empreendedorismo nas escolas de ensino fundamental, do ensino médio e técnico do Estado de São Paulo, “o Centro Paula Souza se tornou uma instituição fundamental para a disseminação da temática, por meio da inclusão de disciplinas de empreendedorismo no currículo da maioria de seus cursos” (MARCOVITCH; SAES, 2020, p. 2-3).

A instituição escolar Cônego José Bento participa do Inova São Paulo desde 2014 e também vivenciou práticas empreendedoras por meio conhecimento histórico e cultural sobre o empreendedorismo no Brasil, em 2016, coordenadas pelos professores Elisiane Alves de Oliveira e João Geraldo dos Santos Júnior (MARCOVITCH; SAES, 2018, p. 127-134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Luan Castor Santana Pinheiro, ex-aluno do curso Técnico em Redes de Computadores da Etec Cônego José Bento, foi selecionado para este estudo que abordou a sua trajetória e recuperou a história da instituição escolar e do curso Técnico em Redes de Computadores: origem, forma de ingresso, currículo e professores.

Pinheiro nasceu em Jacareí e foi criado pela sua mãe, pois ela se separou do seu pai quando tinha apenas um ano de idade. Sempre estudou em escolas públicas e para ele o Centro Paula Souza proporcionou muito em termos de estudo.

Quando o curso Técnico em Redes de Computadores foi implantado na escola no segundo semestre de 2009 e oferecido, inicialmente, no período diurno, a instituição escolar possuía uma longa existência, recebeu variadas denominações e foi administrada por diferentes secretarias e diretores, além de ter formado centenas de alunos.

A escola desempenhou papel fundamental na formação e atuação profissional e empreendedora do ex-aluno Pinheiro e cumpriu sua função social na medida em que inseriu o estudante socialmente no mundo do trabalho e no empreendedorismo.

Como empreendedor Pinheiro gostou muito de formar pessoas, de ajudá-los e crê que conseguiu devolver um pouco do que recebeu para aqueles que passaram pelo seu “time”. No entanto, acredita que ainda tem muito a contribuir para a sociedade.

REFERÊNCIAS

CENTRO PAULA SOUZA. **Plano de Curso do Técnico em Redes de Computadores**, 2009. Acervo da Secretaria Acadêmica da Etec Cônego José Bento.

CONTRATO ENTRE PARTES. 7 de fevereiro de 1936. Acervo do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA INDUSTRIAL MISTA DE JACAREI. **Relatório, elaborado por Mário França à Superintendência da Educação Profissional e Doméstica, 1937**. Acervo da Fundação Cultural de Jacarehy José Maria de Abreu/Prefeitura Municipal de Jacareí.

ESCOLA PROFISSIONAL AGRÍCOLA INDUSTRIAL MISTA DE JACAREI. **Boletim informativo em homenagem à Cônego José Bento**. 1940. Acervo do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO. **Ata do Conselho**, 2010. Acervo da Secretaria Acadêmica da Etec Cônego José Bento.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO. **Planos de trabalho docente Técnico em Redes de Computadores**. 2010a. Acervo do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CÔNEGO JOSÉ BENTO. **Planos de trabalho docente Técnico em Redes de Computadores**. 2011. Acervo do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº. 7.319, de 5 de julho de 1935**. Cria uma Escola Profissional Agrícola-Industrial Mista em Jacarehy. Acervo do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto-lei nº 17.327, de 26 de junho de 1947**. Dispõe sobre transferência da Escola Profissional Agrícola-Industrial Mista Cônego José Bento, de Jacareí, para a Superintendência do Ensino Profissional da Secretaria da Educação. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1947]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1947/decreto.lei-17327-26.06.1947.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto-lei nº 17.400, de junho de 1947**. Relota cargos na Escola Profissional Agrícola Industrial Mista “Conêgo José

Bento” de Jacaréí”. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1947]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto-17400-08.07.1947.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 17.698, de 26 de novembro de 1947.** Aprova a Consolidação mandada elaborar pelo Decreto n. 17.211, de 13 de maio de 1947. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1947]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1947/decreto-17698-26.11.1947.html#:~:text=Decreto%3A,ano%2C%20que%20a%20%20C3%AAste%20acompanha>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto Estadual nº 42.151, de 5 de julho de 1963.** Transfere a administração da Diretoria do Ensino Agrícola da Secretaria da Agricultura para a Secretaria da Educação. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo [1963]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1963/decreto-42151-05.07.1963.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 43.263, de 30 de abril de 1964.** Altera denominação de escolas de nível médio, da Diretoria do Ensino Agrícola, da Secretaria da Educação. Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1964]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1964/decreto-43263-30.04.1964.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 51.293, de 20 de janeiro de 1969,** pelo decreto n. 51.293. Dispõe sobre transformação e mudança de denominação de estabelecimento de ensino da Diretoria de Ensino Agrícola da Secretaria da Educação. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1969]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1969/decreto-51293-20.01.1969.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 37.735, de 27 de outubro de 1993.** Autoriza a transferência das Escolas Técnicas Estaduais para o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – CEETPS e dá providências correlatas. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1993]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1993/decreto-37735-27.10.1993.html#:~:text=Artigo%201.%20BA%20%2D%20Fica%20autorizada,Centro%20Estadual%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Tecnol%C3%B3gica%20%22>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 38.703, de 31 de maio de 1994.** Altera denominação de unidades escolares a que se referem os anexos I e I do Decreto nº 37.735, de 27 de outubro de 1993: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1994]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1994/decreto-38703-31.05.1994.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 44.500, de 8 de dezembro de 1999.** Altera a redação do dispositivo do Decreto 38.703, de 31/05/1994. São Paulo: Diário Oficial do Estado de São Paulo, [1999]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1999/decreto-44500-08.12.1999.html>. Acesso em: 6 set. 2022.

LAURINDO, Arnaldo. **Cinquenta anos de ensino profissional no Estado de São Paulo (1911-1961).** São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andriolli S/A, v. 1, 1962.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da história oral.** 8ª. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

MARCOVITCH, Jacques; SAES, Alexandre Macchione. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Rev. Empreendedorismo Gest.** Pequenas Empres. São Paulo, v.9, n.1 p. 01-09, jan. 2020. Disponível em: https://regepe.org.br/regepe/article/view/1776/pdf_1. Acesso em 6 set. 2022.

MARCOVITCH, Jacques; SAES, Alexandre Macchione (orgs.). **Pioneirismo e educação empreendedora:** projetos e iniciativas. Ebook, São Paulo: Com-Arte, 2018. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/192/174/818>. Acesso em 22 jun. 2022.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições escolares:** por que e como pesquisar. 2ª. ed., Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

PINHEIRO, Luan. **Entrevista concedida à Júlia Naomi Kanazawa, em 23 de novembro de 2021.** Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=163&vol=108> Acesso em: 23 mar. 2023.

TORRES, Gisele Francisco et al. **Telefonia pública baseada em VOIP.** Trabalho de Conclusão de Curso, 2011. Acervo da Biblioteca da Etec Cônego José Bento.

O empreendedorismo de sujeitos na trajetória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, de Orllândia, nos anos de 1980/1990

Maria Teresa Garbin Machado
Professora pesquisadora

INTRODUÇÃO

Ao apresentar narrativas de ex-alunos que construíram perfis empreendedores, da Escola Técnica Estadual (Etec) Professor Alcídio de Souza Prado, de Orllândia/SP, este trabalho tem, como pano de fundo, a trajetória histórica da escola das décadas de 1980 e 1990, época que contempla a vida escolar dos entrevistados.

A Etec Professor Alcídio de Souza Prado (Figura 1), por meio da atuação de seu Centro de Memória (Figura 2), se fez presente no projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza (GPEMHEP). No referido projeto, foi desenvolvido em diferentes regiões do estado de São Paulo, iniciativas representativas de aplicação da história oral, por meio de entrevistas gravadas em vídeo, das narrativas de histórias de vida de ex-alunos.



Figura 1 – Fachada da Escola Técnica Estadual Professor Alcídio de Souza Prado.
Fonte: Centro de Memória, 2022.

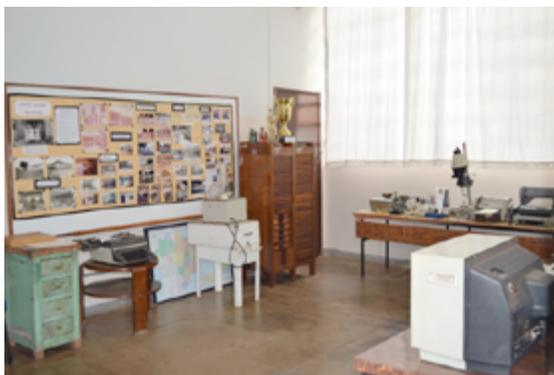


Figura 2 – Centro de Memória da Etec Alcídio, em 2022.
Fonte: Centro de Memória, 2022.

No início do recorte cronológico considerado, em 1980, a unidade escolar tinha a denominação de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado. Instalada em 1949 como Curso Prático Profissional, passou por várias denominações: Escola Artesanal em 1954, Escola Industrial em 1963, e Ginásio Industrial de Orlandia em 1965. O nome de seu patrono, Professor Alcídio de Souza Prado, incorporado em 1968, acompanhou as denominações seguintes. Na época, o curso ginásial industrial, extinto em 1978, proporcionou grande visibilidade à escola perante a cidade e região. Na memória de sujeitos que o vivenciaram, permaneceu por meio de lembranças das aulas práticas, exposições de trabalhos dos alunos, colações de grau nos finais de ano, e desfiles comemorativos. (ETEC ALCÍDIO, 2022)

Em 1976, devido à implantação da Lei nº 5.692/71, o Ginásio Industrial teve sua denominação alterada para Centro Estadual Interescolar. Instalado em um prédio recém-inaugurado, e conforme a implantação da setorização da rede física das escolas estaduais, tornou-se o único reduto do segundo grau na cidade. Ao receber alunos e professores do Instituto de Educação local, transformado em escola de primeiro grau, em 1976 chegou a ter 1.137 alunos. Em 1978, novamente sua denominação foi alterada para Escola Estadual de Segundo Grau. (MACHADO, 2014)

Por ter recebido o curso Normal, substituído pelo curso de Magistério, a escola passou a oferecer o primeiro grau, inserido como campo de estágio do curso citado. Por conta disso, em 1980, recebeu a denominação de Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado, que permaneceu até 1989, quando foi substituída por Escola Técnica de Segundo Grau. Finalmente, em 1994, ao ser incorporada à rede de escolas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, tornou-se Escola Técnica Estadual Professor Alcídio de Souza Prado, também conhecida como Etec Alcídio, denominações que prevalecem até os dias de hoje. No cenário da edu-

cação nacional em cada época, a unidade escolar cristalizou sua identidade e valores no ensino profissional paulista, tendo como missão, a formação de profissionais para o mercado de trabalho. (MACHADO, 2007, 2014)

No contexto atual, o mercado de trabalho, entre outras necessidades, privilegia o trabalhador com competências, habilidades e atitudes voltadas e inerentes ao perfil empreendedor. Para Franco e Gouvêa (2016), embora não se possa contar ainda com uma definição específica em relação ao empreendedorismo, o senso comum, de que seja restrito à criação de novos negócios, deu lugar a um significado mais abrangente, envolvendo um conjunto de práticas apropriadas para garantir a geração de riqueza e um melhor funcionamento àquelas sociedades que o apoiam e o praticam. De qualquer forma, são necessárias múltiplas abordagens para a compreensão e sustentação do termo empreendedorismo. Nesse sentido, em 2015, o Estado de São Paulo instituiu um plano de educação empreendedora em sua rede de ensino, por meio da Lei nº 15.693/2015, ao criar o Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE), voltado para a inserção da temática do empreendedorismo nas escolas de ensino fundamental, do ensino médio e técnico do estado de São Paulo. (MARCOVITCH; SAES, 2020)

Acompanhando a iniciativa estadual, o Centro Paula Souza tornou-se uma instituição fundamental para a disseminação desta temática, ao incluir disciplinas de empreendedorismo no currículo da maioria de seus cursos, além de constituir, em 2010, a Agência de Inovação e Empreendedorismo, o Inova Paula Souza, responsável pela instituição de programas de incentivo à cultura de inovação e ao empreendedorismo. Entre seus objetivos é possível listar, por exemplo, a ampliação da interação do Centro Paula Souza com empresas, a disseminação da cultura da inovação e de novos modelos de negócios como as startups, e, acima de tudo, a preocupação em aumentar o impacto da instituição no desenvolvimento econômico e social dos municípios paulistas. (MARCOVITCH; SAES, 2020)

Croce (2017) elencou quatro pontos que caracterizam a educação empreendedora: gestão participativa de pessoas com liderança situacional, metodologias ativas de ensino por projetos, entendimento do meio social no qual a instituição está inserida, e diálogo do setor produtivo em relação a parcerias com a instituição. A análise dos dados de seu trabalho foi efetuada perante uma amostra quantitativa e qualitativa de alunos e equipe escolar, de cursos técnicos noturnos da Etec Rocha Mendes, de São Paulo. Os resultados obtidos demonstraram que há percepção do ser empreendedor para gestores, docentes e discentes, havendo uma situação transicional, da unidade escolar, de um ensino tradicional para um ensino empreendedor com metodologias ativas, e da gestão de pessoas tradicional, para uma mais humana, embora existam possibilidades de melhoria em ambos os aspectos. Quanto ao diálogo com o setor produtivo, foi verificada uma lacuna a ser preenchida em estudos posteriores. Para Croce (2017), a educação empreendedora deve ser desenvolvida na

construção do perfil dos alunos da educação profissional e tecnológica, para que as necessidades do mercado de trabalho sejam devidamente atendidas.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho, ao apresentar histórias de vida de ex-alunos que se tornaram empreendedores, tem como principal objetivo contribuir para a pesquisa das instituições escolares, e da educação profissional e tecnológica no estado de São Paulo. Ancorado na História Cultural, tem como metodologia a história oral e a pesquisa em fontes primárias, para que a construção documental tenha como horizonte a pluralização do conhecimento e a diversificação de interpretações sobre fatos e eventos históricos.

Carvalho e Ribeiro (2013) alertam para que a história oral não seja somente voltada a registros de visões unilaterais, uma vez que não compreende somente a produção de documentos a partir de entrevistas, e sim de forma bem mais complexa e completa, quando apoiada na prática de documentação construída em projetos. Estas narrativas de histórias de vida, que corroboram e complementam fontes documentais a respeito de uma mesma realidade, tornam possível o resgate da história vivida na escola, identificando sujeitos, espaços e práticas escolares e pedagógicas, em diferentes épocas.

Na construção do cenário histórico inserido no recorte cronológico considerado, foram consultadas várias fontes documentais primárias, como prontuários de alunos, fotografias, livros de Registro de Matrículas e Planos de Ensino Anuais. Até 1981, registros escolares da equipe escolar e alunos eram realizados em livros próprios, com finalidades específicas e escrita manual.

Para registros posteriores, foram consultados os Planos Escolares anuais, correspondentes ao atual Plano de Gestão Escolar (PPG), dos anos de 1981 a 2000, depositados em armários do Arquivo da Secretaria Acadêmica. Inicialmente datilografados, com cópia em carbono e gráficos construídos em papel milimetrado de forma manual e com lápis coloridos, os planos escolares foram gradativamente tendo sua apresentação modificada para impressão matricial, até adquirirem um formato mais atualizado. Com numeração nas páginas em sua maioria, foram acondicionados em fichários diversos. Grosso modo, os planos escolares da década de 1980/1990 apresentavam a seguinte organização:

- Ficha Cadastral da Escola: denominação, endereço, entidade mantenedora, Regimento Escolar/ Identificação da unidade escolar/ Raio X da escola,
- Diagnóstico: características da comunidade, clientela escolar e recursos disponíveis/ Recursos: humanos, financeiros, físicos e materiais,

- Objetivos e Metas da Instituição Escolar / Prioridades do trabalho da equipe escolar / Metas Ceeteps / Proposta pedagógica da escola/ Competências a serem formadas,
- Organização Geral da Escola: administrativa, didática (quadros curriculares, calendário, organização das classes, das turmas de educação física, estágio supervisionado do curso de Magistério, verificação do rendimento escolar, matrícula e adaptação de alunos), Informações complementares (convênios em instituições, encargos educacionais, prontuários de professores e alunos) / Diagnóstico da realidade escolar,
- Programação das Atividades Curriculares: Atividades-Fim / Propostas, Objetivos, Metas, Indicadores, Avaliação,
- Projetos Especiais: Atividades-Meio,
- Termo de Aprovação do P.E.

Para este trabalho, os Planos Escolares Anuais foram visitados sob três aspectos, a saber: 1. Organização ou agrupamento por classes/ Denominações da capacidade física e organização das classes/ e Quadro de agrupamento de alunos; 2. Relação de habilitações e ato legal de funcionamento; 3. Horário de funcionamento das classes.

Torna-se relevante enfatizar que muitas incoerências foram encontradas nas fontes consideradas, tanto em quantidades de alunos (consideradas pelas matrículas iniciais de cada ano), como desencontros entre os três aspectos considerados, em um mesmo ano escolar. Também merece atenção as dificuldades de identificação de habilitações ou cursos das classes, uma vez que, em muitos casos, estas eram rotuladas apenas como 1ª série, por exemplo, sem qualquer outra especificação,

Ressalvas feitas, o cenário escolar, do período cronológico elencado para este trabalho, encontra-se representado, em alguns aspectos, pelo Quadro 1.

Quadro 1 – Cursos oferecidos na Escola Alcídio e alunos formados em diferentes habilitações, entre 1979 e 2000

ANO	DENOMINAÇÃO DA ESCOLA	CURSOS	TOTAL ALUNOS
1979	Escola Estadual de Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado	2º grau, Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério, na área de Pré-Escola, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º, Habilitação Plena de Técnico em Mecânica	548

ANO	DENOMINAÇÃO DA ESCOLA	CURSOS	TOTAL ALUNOS
1980	Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado	2º grau, Magistério, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º, Habilitação Plena de Técnico em Mecânica	558
1981		1º grau (duas classes de 1ª. série), 2º grau, Magistério, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º, Habilitação Plena de Técnico em Mecânica	554/ 556
1982		1º grau (duas classes de 1ª série), 2º grau, Magistério, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º, Técnico em Mecânica	390
1983		1º grau (1ª, 2ª e 3ª série), 2º grau, Magistério, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º	567
1984		1º grau (1ª a 5ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Formação Profissionalizante Básica: Setor 1º, 2º, 3º	648
1985		1º grau (1ª a 6ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, 2º Grau, Habilitação Profissional Parcial de Desenho Mecânico, Pré-profissionalizante de Mecânica Geral, Vestuário e Acessórios, Artes Aplicadas e Desenho Mecânico	747
1986		1º grau (1ª a 7ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Parcial de Desenhista Mecânico, Pré-profissionalizantes de Mecânica Geral, Vestuário e Acessórios e Trabalhos Artísticos de Utilidade Doméstica	754
1987		1º grau (1ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Habilitação Profissional Parcial de Desenhista Mecânico, Pré-profissionalizantes de Mecânica Geral, Vestuário e Acessórios e Trabalhos Artísticos de Utilidade Doméstica	786

ANO	DENOMINAÇÃO DA ESCOLA	CURSOS	TOTAL ALUNOS
1988		1º grau (1ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Pré-Profissionalizante em Mecânica Geral, Vestuário e Acessórios, e Serviços Gerais de Escritório	902
1989	Escola Técnica Estadual de Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado	1º grau (5ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Hab. Prof. Plena em Contabilidade, Pré-Profissionalizante em Mecânica Geral, Vestuário e Acessórios, e Serviços Gerais de Escritório, Qualificação Profissional Corte e Costura e Mecânica Geral	846
1990		1º grau (1ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Processamento de Dados, Cursos pré-profissionalizantes: Serviços Gerais de Escritório, Vestuário e Acessórios, e Mecânica Geral, Qualificação Profissional de Computação, Vestuário e Acessórios, Mecânica Geral	1193
1991		1º grau (5ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Processamento de Dados, Cursos pré-profissionalizantes: Serviços Gerais de Escritório, Vestuário e Acessórios, e Mecânica Geral e Trabalhos Artísticos de Utilidade Doméstica, Qualificação Profissional de Computação, Vestuário e Acessórios, Mecânica Geral	1356
1992		1º grau (6ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Processamento de Dados, Habilitação Profissional Parcial de Desenho de Arquitetura, Curso pré-profissionalizante de Serviços Gerais de Escritório, Qualificação Profissional de Computação e Mecânica Geral	1031

ANO	DENOMINAÇÃO DA ESCOLA	CURSOS	TOTAL ALUNOS
1993		1º grau (7ª a 8ª série), 2º grau- Inciso III, Magistério, Habilitação Profissional Plena em Contabilidade e Processamento de Dados, Habilitação Profissional Parcial de Desenho de Arquitetura, Qualificação Profissional de Computação, Mecânica Geral e Desenho de Arquitetura	1048
1994	Escola Técnica Estadual de Segundo Grau Professor Alcídio de Souza Prado (ETE)	Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Processamento de Dados e Enfermagem, Habilitação Profissional Parcial de Desenhista Mecânico e Desenhista de Arquitetura, Qualificação Profissional de Mecânica Geral, Processamento de Dados e Desenhista de Arquitetura	782/792
1995		Habilitação Profissional Plena em Contabilidade, Processamento de Dados e Enfermagem, Habilitação Profissional Parcial de Desenhista Mecânico e Desenhista de Arquitetura, Qualificação Profissional de Mecânica Geral, Processamento de Dados e Mecânica Geral	740
1996		Habilitação Plena de Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade e Enfermagem, Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade e Enfermagem, Habilitação Parcial de Programador de Microcomputador e Desenhista Mecânico, Qualificação Profissional de Técnico em Processamento de Dados, Mecânica Geral	767
1997		Habilitação Plena de Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade e Enfermagem, Habilitação Parcial de Programador de Microcomputador e Visitador Sanitário, QP – Habilitação Profissional Plena de Técnico em Processamento de Dados e Contabilidade, QP- Habilitação Profissional Parcial de Auxiliar de Enfermagem, e QP de Mecânica Geral	830

ANO	DENOMINAÇÃO DA ESCOLA	CURSOS	TOTAL ALUNOS
1998		Ensino Médio- Área de Administração e Saúde, Habilitação Plena de Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade e Enfermagem, Habilitação Parcial de Programador de Microcomputador e Visitador Sanitário, Habilitação Profissional de Técnico em Processamento de Dados e Contabilidade, QP – Habilitação Profissional Plena de Técnico em Contabilidade, Processamento de Dados, QP- Habilitação Profissional Parcial de Auxiliar de Enfermagem, QP de Auxiliar de Enfermagem e Qualificação Básica (QB) de Máquinas Operatrizes	766
1999		Ensino Médio (área da Saúde e de Administração), Habilitação Plena de Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade e Enfermagem, Habilitação Parcial de Programador de Microcomputador e Visitador Sanitário, Técnico em Processamento de Dados, Contabilidade, Enfermagem e Informática, Supletivo de Ensino Fundamental (5ª a 8ª. série) e de Ensino Médio (1º a 3º Ciclo), QP de Auxiliar de Enfermagem, e QB de Mecânico de Manutenção de Máquinas.	763
2000		Habilitação Profissional Plena de Técnico em Enfermagem, Habilitação Profissional de Técnico em Contabilidade, Enfermagem, Administração e Informática, Ensino Médio- Área de Administração e Saúde, Qualificação Profissional de Auxiliar de Enfermagem, Qualificação Básica – Torneiro Mecânico, Supletivo de Ensino Fundamental Fase II – 5ª. a 8ª. série e de Ensino Médio (1º a 3º Ciclo)	716

Fonte: Elaborado pela autoria, em 2022.

Algumas observações se fazem necessárias:

1. Quanto às fontes primárias, como em 1979 e 1980 não havia o Plano Escolar, os dados foram coletados no Livro de Matrículas, no Resumo de Matrículas do 2º Grau (GINÁSIO INDUSTRIAL, 1975), em 1979 às f. 141v, 151; em 1980 às f. 161.
2. Em 1980 foi instalado o 1º grau, com uma classe de 1ª série, que não consta do Resumo de Matrículas e do total de 558 alunos, somente de 2º grau.
3. Em 1981 foram visitadas duas fontes primárias, o Livro de Matrículas do 2º Grau (GINÁSIO INDUSTRIAL, 1975), nas f. 179v, 180, 180v., e o Plano Escolar de 1981 (ESCOLA ESTADUAL, 1981), sendo que há uma diferença de dois alunos no total deste ano, de uma fonte para outra.
4. Embora não conste no quadro de agrupamento de alunos (p. 32), há uma observação no Plano Escolar de 1982 (ESCOLA ESTADUAL, 1982), que nos últimos três anos funcionaram, além do curso pré-profissionalizante de Mecânica Geral, o curso de Vestuário e Acessórios, ausente nos quadros de alunos dos anos citados.
5. No ano de 1983 funcionaram os cursos pré-profissionalizantes de Ajustador Mecânico (Módulo I) com 51 alunos e Torneiro Mecânico (Módulo II), com 42 alunos, ambos de manhã e noite, que não constam do Demonstrativo da capacidade física e organização das classes (p. 34) do Plano Escolar O curso pré-profissionalizante de Vestuário e Acessórios não funcionou neste ano, devido à insuficiência de alunos (ESCOLA ESTADUAL, 1983).
6. Os dados constantes no quadro foram coletados nas Denominações da capacidade física e organização das classes (p. 33), do Plano Escolar de 1984 (ESCOLA ESTADUAL, 1984). Os cursos pré-profissionalizantes oferecidos foram de Mecânica Geral, em continuidade, e Vestuário e Acessórios, reativado neste ano, que não aparecem no quadro acima. O 2º grau passou a ser oferecido nos termos do Inciso III, artigo 7, da Deliberação CEE 29/82.
7. O quadro de Demonstração da capacidade física e organização das classes (p. 34), do Plano Escolar de 1985 (ESCOLA ESTADUAL, 1985) não discrimina as classes de 2º grau, embora seja suposto que as séries iniciais seriam de Inciso III, e somente as séries terminais seriam de Formação Prof. Básica- Setor Primário e Secundário.
8. O quadro de Denominação da capacidade física e organização das classes do Plano Escolar de 1986 (ESCOLA ESTADUAL, 1986) encontra-se nas f. 20.
9. O quadro de Denominação da capacidade física e organização das classes (s/n), do Plano Escolar de 1987 (ESCOLA ESTADUAL, 1987)

- não consta no quadro (ou não foi identificada) a Pré-profissionalização de Serviços Gerais de Escritório.
10. O quadro de Demonstração da capacidade física e organização das classes (p. 37), do Plano Escolar de 1988 (ESCOLA ESTADUAL, 1988). Não constam no quadro (ou não foram identificadas) Qualificação Profissional (QP) de Corte e Costura e Mecânica Geral.
 11. O quadro de Denominação da capacidade física e organização das classes do Plano Escolar de 1989 (ESCOLA TÉCNICA, 1989), encontra-se na p. 36.
 12. O quadro de Denominação da capacidade física e organização das classes (p. 36) do Plano Escolar de 1990, (ESCOLA TÉCNICA, 1990) encontra-se na p. 36.
 13. O quadro de Demonstração da capacidade física e organização das classes, do Plano Escolar de 1991 (ESCOLA TÉCNICA, 1991) encontra-se na p. 33.
 14. No quadro de Demonstração da capacidade física e organização das classes (p. 34), do Plano Escolar de 1992 (ESCOLA TÉCNICA, 1992), a Habilitação Parcial de Desenho de Arquitetura que aparece, não apresenta a grade curricular.
 15. No quadro de Demonstração da capacidade física e organização das classes (p. 40), do Plano Escolar de 1993 (ESCOLA TÉCNICA, 1993) há a Habilitação Parcial de Desenho de Arquitetura, embora sua grade curricular não consta. Os cursos de 1º grau, 2º grau- Inciso III, Magistério e QP de Desenhista de Arquitetura estão em extinção.
 16. Plano Escolar de 1994 (ESCOLA TÉCNICA, 1994) apresentado com capa de fichário, sem numeração e em impressora matricial, apresenta a introdução do curso de Habilitação Profissional Plena de Enfermagem. Foram extintos os cursos de 1º grau, 2º grau- Inciso III, e Magistério, sendo que os cursos em funcionamento e fundamentação legal estão na capa do Plano Escolar.
 17. No Plano Escolar de 1995 (ESCOLA TÉCNICA, 1995) apresentado com capa de fichário e em impressora matricial, a organização geral da unidade encontra-se na f. 27.
 18. No Plano Escolar de 1996 (ESCOLA TÉCNICA, 1996) apresentado com capa de fichário, tem o curso de Habilitação Parcial de Desenhista Mecânico em extinção, a organização geral da unidade encontra-se na f. 43.
 19. No Plano Escolar de 1997 (ESCOLA TÉCNICA, 1997), apresentado com capa de fichário, o quadro de agrupamento de alunos encontra-se na f. 46.
 20. No Plano Escolar de 1998 (ESCOLA TÉCNICA, 1998), apresentado em capa de fichário, o quadro de agrupamento de alunos encontra-se na p. 47.

21. No Plano Escolar de 1999 (ESCOLA TÉCNICA, 1999), apresentado em capa de fichário, o quadro de agrupamento de alunos encontra-se na p. 108, no qual não consta a classe de Supletivo de Ensino Médio, por ser descentralizada, com 40 alunos.
22. No Plano Escolar de 2000 (ESCOLA TÉCNICA, 2000), apresentado em capa de fichário, o quadro de agrupamento de alunos encontra-se na p. 89.

Em atendimento ao principal objetivo deste trabalho, quanto a ex-alunos que apresentam perfis empreendedores, foram entrevistados três alunos, e duas alunas.

As entrevistas de histórias de vida escolar e profissional ocorreram em ambiente cordial, com narrativas espontâneas, sem um roteiro pré-estabelecido, uma vez que, conforme Carvalho e Ribeiro (2013), ao ter maior liberdade para dissertar, o entrevistado ou “colaborador” vivência, por meio de narrativas pessoais, suas impressões, sentimentos e sonhos, enquanto o pesquisador deve ouvir atentamente e interferir o menos possível.

Para transformar uma entrevista em documento, um protocolo foi obedecido. Após a gravação em vídeo, foi realizada a transcrição dos diálogos, ou seja, o registro por escrito, de palavra por palavra, do que foi dito. Os aspectos legais envolveram a anuência do colaborador no sentido de que o documento final possa ser universalizado e disponível para pesquisas, por meio de Termo de Cessão de Direitos Autorais e de Autorização para uso de Imagens. (CARVALHO; RIBEIRO, 2013)

No caso deste trabalho, as histórias de vida tiveram seu foco no empreendedorismo, mas é incontestável o valor de tais documentos, que podem ser revisitados inúmeras vezes, devido ao registro de múltiplos aspectos abordados, seja no registro das impressões pessoais como alunos ou empreendedores, ou quanto a múltiplos aspectos implícitos da própria escola, como pano de fundo dos relatos. Seguem a seguir, breves apresentações dos entrevistados-colaboradores:

- Ana Maria de Sousa Pereira de Freitas (Figura 3), microempreendedora e proprietária da Casa Flora Floricultura (em funcionamento desde 2000), estudou na Etec Prof. Alcídio de Souza Prado de 1984 a 1991, no 1º grau, e no Técnico em Processamento de Dados, de 1995 a 1997. Nos anos finais do 1º grau (1990 e 1991) concluiu os cursos de Proteção contra Incêndio e Salvamento, Pintura e Artesanato, e Noções Gerais de Escritório e Datilografia. Formada em Pedagogia, tem especialização em Educação Especial e Inclusiva, com ênfase em Deficiência Intelectual e Múltipla. A entrevista foi realizada na Sala de Coordenação da Etec Alcídio, com suporte

técnico oferecido pelo professor Job Brandão Júnior, em 18 de agosto de 2022, a partir das 18 horas, com a duração de 55 minutos e dez segundos. (FREITAS, 2022)



Figura 3 – Ana Maria de Souza Pereira de Freitas.
Fonte: FREITAS, 2022.

Ana Paula Lázaro Gheleri (Figura 4), proprietária da Papelaria Paula (em funcionamento desde 2001), foi aluna da Etec Professor Alcídio de Souza Prado no 1º grau, de 1984 a 1992, e na Habilitação Plena de Técnico em Processamento de Dados, concluída em 1995. Também fez os cursos de Datilografia, Pintura e Artesanato e de Redação. Possui curso superior incompleto de Ciência da Computação. A entrevista foi realizada na Sala de Coordenação da Etec Alcídio, com suporte técnico oferecido pelo professor Job Brandão Júnior, em 17 de agosto de 2022, a partir das 18 horas, com a duração de 19 minutos e 09 segundos e de 21 minutos e 15 segundos, devido a interrupção de energia elétrica. (GHELERI, 2022)



Figura 4 – Ana Paula Lázaro Gheleri.
Fonte: GHELERI, 2022.

André Luís Parreira (Figura 5), empresário da Paz Transporte e Turismo, fundada em 1987, que atua no ramo de transportes de passageiros, oficina e comércio de peças. Também advogado, atuou como vereador em três mandatos na cidade de Orlandia. Estudou na Escola Alcídio ao longo de 11 anos, concluindo nesta escola o ensino de primeiro grau em 1993 e o segundo grau em 1996, e de forma concomitante, o Técnico em Processamento de Dados. Também concluiu os cursos profissionalizantes de Mecânica, Marcenaria e Datilografia. A entrevista foi realizada de forma remota, pela plataforma TEAMS, em atendimento ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, sendo que o entrevistado se encontrava em sua empresa, e a entrevistadora em sua residência, ambos em Orlandia, em 19 de novembro de 2021, a partir das 19 horas, com a duração de 45 minutos e 46 segundos. (PARREIRA, 2021)



*Figura 5 – André Luís Parreira.
Fonte: PARREIRA, 2021.*

Gustavo Haddad de Souza (Figura 6), formado em Habilitação Profissional Plena de Técnico em Contabilidade pela Etec Professor Alcídio de Souza Prado. Diplomado em 1998, é proprietário da empresa Gustavo Haddad Assessoria Contábil SS Ltda., que está há 11 anos de mercado, atuando na área de contabilidade geral e assessoria contábil para pessoas físicas e jurídicas. A entrevista foi realizada de forma remota, pela plataforma TEAMS, em atendimento ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, sendo que o entrevistado se encontrava em sua empresa, e a entrevistadora em sua residência, ambos em Orlandia, em 1º de novembro de 2021, a partir das 10 horas, com a duração de 1 hora, 50 minutos e 02 segundos. (SOUZA, 2021)



Figura 6 – Gustavo Haddad de Souza.
Fonte: SOUZA, 2021.

Rangel Dal Piccolo Ribeiro (Figura 7), empresário e proprietário do veículo de comunicação Jornal Novacidade, fundado em 2002. Kursou Habilitação Plena de Técnico em Contabilidade, pela Etec Professor Alcídio de Souza Prado, de 1995 a 1997. Em seguida, kursou por dois anos o curso superior de Ciência da Computação, e em 2003 se formou na área de Publicidade e Propaganda, onde teve a ideia de criar o jornal impresso Novacidade. A entrevista foi realizada de forma remota, pela plataforma TEAMS, em atendimento ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19, sendo que o entrevistado se encontrava em sua empresa, e a entrevistadora em sua residência, ambos em Orlândia, em 1º de novembro de 2021, a partir das 19 horas, com a duração de 1 hora, 02 minutos e 44 segundos. (RIBEIRO, 2021)



Figura 7 – Rangel Dal Piccolo Ribeiro e esposa.
Fonte: RIBEIRO, 2021.

Como pode ser observado, dois entrevistados (André e Ana Paula) frequentaram integralmente e concluíram o 1º e 2º grau na Etec Alcídio, junta-

mente com vários cursos pré-profissionalizantes ou de qualificação básica. Ana Maria completou o 1º grau, cursou o 2º grau com habilitação para o Magistério em outra escola da cidade, retornando à Etec Alcídio, na qual concluiu o curso de Técnico em Processamento do Dados. Rangel cursou Habilitação Plena de Técnico em Contabilidade, e Gustavo, o Técnico em Contabilidade.

Quanto às diferentes modalidades e níveis de ensino oferecidas, alguns aspectos merecem ser pontuados. Conforme Araújo (2005), a universalização do ensino técnico obrigatório no 1º e 2º grau, imposta pela Lei nº 5.692/71, na década de 1980, devido à inexistência de instalações e de recursos humanos, levou a uma situação enganosa, mesmo após sua revogação, que se arrastou até meados de 1990. Em seguida, o Decreto Federal Nº 2.208/97, que separou o Ensino Médio do Ensino Técnico, causou um impacto quanto ao aumento da oferta de matrículas e diversidade de cursos. Essa última, direcionada no sentido de otimizar as instalações das escolas técnicas, buscou o devido atendimento aos diversos arranjos produtivos locais e respectivas demandas sociais. Finalmente, para o Centro Paula Souza, o ano de 1998 foi um marco na definição institucional, com a política de ampliação da oferta de educação profissional de qualidade e diversidade, para a melhoria de competitividade de produtos e de serviços oferecidos em todo estado de São Paulo. (ARAÚJO, 2005)

Durante as entrevistas concedidas pelos ex-alunos mencionados, alguns recortes de falas espontâneos foram destacados, que seguem a seguir:

- Quanto à escola:

Então o Alcídio no ensino fundamental foi crucial, tanto para a minha alfabetização, como para os anos seguintes, que são os anos que a gente começa a adquirir os conhecimentos gerais. (FREITAS, 2022)

Alcídio para mim é minha segunda casa, eu entrei em 1984, eu tinha de seis para sete anos [...] foram 11 anos muito bem vividos, tomei muita chuva vindo para a escola, porque eu não faltava, era uma coisa que eu prezava, eu vinha todo santo dia, doente ou não, para eu faltar era porque tinha acontecido alguma coisa, eu gostava muito de vir estudar. (GHELERI, 2022)

Foi um período muito gostoso da minha vida, uma etapa muito boa, e tive este prazer enorme de ter o Alcídio como minha segunda casa, porque este período todo, desde o primeiro ano, a primeira série, até o terceiro colegial, na época, todo ele completo, eu fiz no Alcídio. (PARREIRA, 2021)

- Quanto à rotina escolar, instalações e professores:

Na hora do recreio, a merenda era fantástica [...] a biblioteca, ela era também pra mim como se fosse uma casa, vou falar na linguagem popular, eu era uma rata de biblioteca. (FREITAS, 2022)

Naquela época, a gente tinha de ir lá na biblioteca, buscar o livro, folhear o livro, mas era gostoso [...] acho que a gente estudava até melhor do que hoje no celular, a gente aprendia mais. (RIBEIRO, 2021)

[...] bastante máquinas (computadores), então a gente usava, e tivemos a felicidade de ter ótimos professores. (PARREIRA, 2021)

Tinha duas salas, e era tudo novo, o computador tinha tela verde, era monocromática, [...] eu não tinha computador, 90% não tinha computador, era muito caro [...] quando tinha aula era só festa, mas quando tinha de fazer prova no computador, eu tremia. (GHELERI, 2022)

Eu não perdia nenhum desfile, Sete de Setembro, eu estava em todos. Eu amava quando tinha ensaio com a fanfarra, de sábado [...] festa junina não perdia nenhuma, então eu era bem presente. Era uma euforia na escola (os desfiles), porque todo mundo queria participar. (GHELERI, 2022)

Lembro da viagem para São Paulo, visitas à Coca-Cola [...] tinha umas gincanas, a minha sala ganhou a gincana, acho que foi no 8º Ano. Tenho uma lembrança também de um teatro apresentou [...] eu era a bruxa [...] tenho amizade com a fadinha até hoje, inclusive ela é uma fada mesmo. (FREITAS, 2022)

Uma das coisas que sinto muita falta, que hoje vejo muito pouco, são as atividades extra aula. Eram as gincanas, os jogos interclasses. Eu me lembro, muito gostoso que era, os portões eram abertos na escola (PARREIRA, 2021)

No Alcídio [...] tive uma sorte muito grande também de pegar um uma linha de professores, aqui não estou querendo florear não, mas eu tenho que ser bem honesto, que sabiam que estavam falando, com embasamento teórico, experiência de vida, e traziam você para uma relação de amizade mesmo. (SOUZA, 2021)

Tenho grandes lembranças daí, dos professores, da hora do intervalo, da cantina. (RIBEIRO, 2021)

- Quanto às atividades extracurriculares:

D. Ana Maria (Ana Maria F. de A. Boldrin) deu aula de Artesanato e Pintura [...] foi excelente, para minha vida eu aproveitei demais, amo fazer artesanato até hoje. (FREITAS, 2022)

A gente pintava os vasos, a escola fazia uma feira e vendia. Os meninos da Marcenaria faziam uns tratorzinhos [...] eu ficava toda e toda porque aí eu vinha com minha mãe, e ela comprava o vaso. (GHELERI, 2022)

A Gorete (Gorete Aparecida Ferreira) deu aula para a gente, de datilografia (Curso Pré-profissionalizante de Serviços Gerais de Escritório), fez bastante diferença, lá na frente. (FREITAS, 2022)

Tinha o curso de Redação, que a D. Vera (Vera Aparecida Benini) dava à noite, se não me engano eu estava na 7ª série [...] eu acho que não teve outro curso que eu não fiz. Fiz todos que tinha. (GHELERI, 2022)

Fui da turma da Datilografia e da Marcenaria, que o professor era o Ninão (Luís Carlos Trombeta), na Marcenaria, o Anderson (Anderson Maurício), na Tornearia. (PARREIRA, 2021)

- Quanto às contribuições da escola na formação dos perfis empreendedores

E aí fez a primeira grande diferença, o curso que fiz com a Gorete, de datilografia, porque eu tinha de digitar muito rápido, o atendimento tinha de ser bem primoroso. (FREITAS, 2022)

Tinha aula da D. Ana Maria, eu não perdia nenhuma aula dela, eu agreguei na loja [...] como um diferencial, o artesanato voltado para área pedagógica, hoje eu trabalho com decoração de sala de aula. [...] mais na área infantil [...] para crianças de cinco, sete anos, as que estão sendo alfabetizadas, mesmo, sabe? [...] Hoje eu entreguei um boi-bumbá, para atividade do folclore. (GHELERI, 2022)

A parte do Processamento de Dados me ajudou muito depois, [...] na parte política, e mesmo da empresa, me ajudou demais, esta questão do curso técnico. (PARREIRA, 2021)

Acho importante colocar que [...] o Alcídio foi voltado para cursos técnicos, então ali fez muitos profissionais, mesmo que não

tenham ido para o ensino superior [...] os que estão trabalhando no hospital, com o curso de Enfermagem [...] que decidiu a vida de muita gente ali. (PARREIRA, 2021)

Estou na área da Comunicação e da Imprensa, e por ter feito Contabilidade, que não tem nada a ver [...] mas na área de Comunicação e Exatas, acho que os dois acabam interligando, porque se sou empresário, tenho de administrar a empresa, né? O empresário sempre vai precisar de fazer muita conta, o ativo e o passivo, aí (risos). (RIBEIRO, 2021)

- Quanto a aspectos voltados à trajetória empreendedora

A primeira vez que abri a porta, eu disse, isso aqui vai ser uma floricultura. Não tinha mercadoria [...] não conhecia nada de plantas, quem conhecia era meu marido (Edmar Pereira de Freitas), e ele não podia parar de trabalhar com a manutenção, e eu disse: coragem, aprenda e toca, vai ter de dar certo [...] uma moça de Ribeirão me deu um curso a respeito de embrulhos, de arranjos, e a gente começou devagar [...] e aos poucos as coisas foram meio que, de maneira natural e vagarosa, se encaminhando. (FREITAS, 2022)

Eu lembro que a primeira venda quem fez fui eu, eu vendi uma caixa de canetinhas, imagina duas pessoas que nunca venderam nada, eu e meu irmão pareciam duas crianças. (GHELERI, 2022)

Sempre trabalhei com minha família, desde a época do Alcídio [...] e aí, conforme a gente foi pegando experiência de vida, com a escola, com os colegas, com os professores, fui assumindo algumas funções na empresa, tomando conhecimento, a vida vai ensinando a gente. Minha família é uma família política, meu pai, minha irmã tinham sido vereadores, eu também fui vereador, mais votado por duas vezes, depois decidi [...] suspender um pouco a minha vida política. Hoje são 120 ônibus trabalhando, [...] com 200 funcionários mais ou menos, incluindo a parte rural, que a gente tem uma diversificação da parte agrícola, a parte de transportes, e na loja de peças. (PARREIRA, 2021)

Meu pai era professor, mas também era contador, trabalhei com ele uns 3, 4 anos mais ou menos, depois ele veio a falecer, e assumi e me apaixonei por esse universo da contabilidade, de escritório, de serviços [...] nós não deixamos de estudar um único dia, eu posso dizer que a maior realização é trabalhar naquilo que

gosta [...] sou proprietário de um escritório de contabilidade, são oito famílias que vivem diariamente daqui e que fazem com que o dia a dia na contabilidade seja muito gratificante. (SOUZA, 2021)

E aí eu descobri que a minha profissão exigia que eu estudasse, [...] a legislação ao mesmo tempo que dava o direito de exercer atividade com esse curso, ela também cobrava muitas obrigações com o Conselho Regional e com o Conselho Federal de Contabilidade. É que eu tenho direito, eu também tenho dever. Onde está o alicerce, e o alicerce profissional, o que fez com que fosse um alicerce pessoal, principalmente nesse um ano e meio, que eu tive de embasamento teórico, e construção de laços lá no Alcídio foi fundamental na minha vida, [...] aconteça o que acontecer, ninguém me tira aquela carteirinha do CRC, onde está a formação no Alcídio. (SOUZA, 2021)

Meus pais eram comerciantes, então não tem nada a ver com a minha área, e outros meios de comunicação, outros jornais, tinha alguns que me auxiliavam, mas eram praticamente concorrentes. Não conhecia muita gente na cidade, teria de ir de porta em porta, ir conquistando... (RIBEIRO, 2021)

Hoje, além do Facebook, do Instagram, eu trabalho em cima do LinkedIn, é mais profissional [...] passo as vagas de emprego. São praticamente quatro ferramentas, além do site Portal de Notícias, o jornal impresso acabei deixando para trás. Tenho tudo gravado, em HD, desde a época que comecei, em 2002, faz 20 anos. Inclusive estou com novos projetos, para o ano que vem, na área de TV. Quero, mais para frente, criar um bando de dados [...] pensando daqui 30, 40, 50 anos, está tudo registrado, [...] é a memória da cidade, independente do jornal. (RIBEIRO, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Franco e Gouvêa (2016) enfatizam a atividade empreendedora como uma ação coletiva, mais plural do que singular, construída aos poucos, levando em conta fatores externos, como a família, as redes e o papel dos modelos provenientes do meio. Sendo assim, a escola pode ser um dos fatores determinantes no preparo do perfil empreendedor, tecendo interrelações entre educação profissional, empregabilidade e empreendedorismo.

Considerando que, nas décadas de 1980 e 1990, não existiam nos cursos, em geral, componentes curriculares direcionados à formação do perfil

empreendedor, de uma forma implícita, o cenário escolar apresentou constantes situações mutáveis, levando em conta mudanças diversas no ambiente escolar ocorridas nas alterações de denominações (EPPSG, ETESG e ETE), de Secretarias de Estado (da SE da Educação para SE da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico), e na integração na rede das Escolas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Ao proporcionar constantes desafios e mudanças de atitudes, em detrimento a situações confortáveis e rotineiras, pode ter provocado uma instabilidade favorável, quanto à formação de futuros perfis empreendedores.

Quanto aos cursos profissionais oferecidos, foi criado um maior leque de possibilidades ao serem consideradas a diversidade e tipos oferecidos, diante das condições e aspirações dos alunos, seja nos períodos de funcionamento, áreas de conhecimento e tipos (Habilitação Plena, Habilitação Parcial, Técnico, Pré-profissionalizante, Qualificações Profissionalizante e Básica), sempre no sentido de atendimento às necessidades do mercado de trabalho locais.

Um dos aspectos mais relevantes do perfil empreendedor se refere à capacidade de identificar oportunidades e de enfrentamento de dificuldades, que transparece nas falas dos entrevistados, apresentadas a seguir:

Além de dificuldades citadas, como a sazonalidade, que prejudica a demanda na época do inverno, e a localização, considerada inicialmente como inapropriada, por estar longe do centro da cidade, o desafio da colocação de flores à venda pelos supermercados, que por conta do preço mais viável, trouxe uma instabilidade econômica na Floricultura Flora, que levou ao abandono de atividades como produção de embrulhos e ramalhetes, e ao direcionamento de atividades de jardinagem, inclusive com a instalação de viveiro, para atendimento à demanda considerada por Ana Maria, como o lado mais bruto de uma floricultura.

Apesar do baque provocado por dois assaltos em sua papelaria, Ana Paula perseverou e decidiu que sua papelaria deveria oferecer algum diferencial, além da oferta de mercadorias, então agregou o artesanato (aprendido na escola, conforme afirmado por ela) em atividades pedagógicas, e o oferecimento de serviços de xerox, fotocópias, encadernação e plastificação para confecção de apostilas para professores. Estas impressões coloridas e em preto e branco proporcionaram atendimento às professoras durante a pandemia da COVID-19, que não tinham como realizar as impressões nas escolas. As atividades eram enviadas por WhatsApp, e a papelaria trabalhou de portas fechadas, superando as dificuldades impostas nesse momento.

Também a diversificação de atividades possibilitou, à empresa de transportes do ex-aluno André, uma razoável estabilidade econômica, durante a suspensão de aulas de 2019 e 2020, e consequente interrupção no transporte de alunos. As atividades da empresa foram mantidas, em parte, devido aos serviços de oficina e de venda de peças específicas para veículos de transporte em geral.

Para Rangel, a migração definitiva para o jornal online, e o consequente fechamento do jornal impresso, foi estimulada como um “boom e uma visão para frente”, em março de 2020, por conta do isolamento social deste momento.

Em contrapartida, como um fator de estabilidade, pode ser pontuado que, dos cinco entrevistados, quatro tiveram aporte familiar, na decisão de iniciar ou prosseguir uma atividade empreendedora, exceto o entrevistado Rangel, que iniciou uma empresa ligada às comunicações, enquanto sua família tinha atividades comerciais. O entrevistado André prosseguiu em uma empresa familiar já constituída, a entrevistada Ana Paula, juntamente com seu irmão, foi incentivada pelo pai, quanto ao início da montagem da papelaria, Ana Maria assumiu a floricultura já existente, em parceria com seu marido, e Gustavo deu continuidade ao trabalho do pai, falecido precocemente, no escritório contábil.

Embora muitas outras facetas possam ser apreciadas, torna-se imprescindível salientar que todos os entrevistados deixaram transparecer, em suas falas, o contentamento em participar deste projeto, como uma forma de registrar lembranças felizes no ambiente escolar, de usufruir do privilégio de compartilhar trajetórias de vida nos cenários escolares históricos das décadas de 1980 e 1990, e de agradecer aos professores, para os quais não foram poupados elogios, e à equipe escolar em geral.

Ao encerrar este trabalho, seguem algumas falas dos entrevistados, relacionados às atividades empreendedoras:

A pessoa quer ser empreendedora, tem que correr atrás, entendeu? Sempre estar estudando, ter uma visão do que vai acontecer daqui para frente, não pode ter medo de fazer, pode errar, pode acertar. (RIBEIRO, 2021)

E então se você tem essa coragem de arriscar e ser empreendedor, você tem que saber os riscos que corre, mas dá para saber tudo? É impossível, então com seus erros, com essas situações, você vai crescer. (SOUZA, 2021).

Dificuldade todo mundo tem, você nunca pode desistir na primeira, ou na segunda, ou na terceira vez. (PARREIRA, 2021)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Almério Melquíades de. Este livro destina-se... [Orelha de livro].
HEMÉRITAS, Adhemar Batista, MAIA, Luís Carlos Zanirato. **Reflexos da Reforma da Educação Profissional nas Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo**. Campinas: Komedi. 2005. 664 p.

BALÚGOLI, João Paulo. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 19 de abril de 2021**. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=165&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: Memórias e Identidades**. Centro Paula Souza. São Paulo. 2013.

CROCE, Evelin Finke. **A educação profissional empreendedora – estratégias de gestão no ensino técnico de nível médio com foco no empreendedorismo – estudo de caso**. 162 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, (CEETEPS), São Paulo, 2017.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1981. s/n. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1982. 88 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1983. 103 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1984. 103 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1985. 97 f. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1986. 25 f. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1987. s/n. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1988. 85 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1989. 97 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1990. 69 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1991. 66 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1992. 54 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1993. 60 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1994. s/n. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1995. 96 f. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1996. 165 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1997. 232 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1998. 283 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 1999. 185 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Plano Escolar**. 2000. 132 p. Arquivo da Secretaria Acadêmica, em 2022.

ETEC ALCÍDIO – ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL PROFESSOR ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Histórico da Escola**. Disponível em: <<https://etecalcidio.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Hist%C3%B3rico-2022-Etec-Alc%C3%ADdio-de-Souza-Prado.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2022.

FRANCO, J. O. B.; GOUVÊA, J. B. A cronologia dos estudos sobre o empreendedorismo. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.5, n.3, 2016. Disponível em <<https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/360>>. Acesso em: 05 set. 2022.

FREITAS, Ana Maria de Souza Pereira de. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 18 de agosto de 2022**. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=204&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GHELERI, Ana Paula Lazaro. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 17 de agosto de 2022**. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=203&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GINÁSIO INDUSTRIAL ESTADUAL PROF. ALCÍDIO DE SOUZA PRADO. **Livro de matrículas e exames finais de 2º grau**. Orlandia.1975. 200 f.

MACHADO, Maria Teresa Garbin. **O ensino profissional estadual paulista dos anos de 1940 a 1970: trajetória na cidade de Orlandia**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP. 2014.

MACHADO, Maria Teresa Garbin. **Uma análise histórica do Ensino Profissional: do ensino artesanal à implantação do currículo por competências numa unidade da rede de ensino técnico estadual paulista**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, São Paulo.

MARCOVITCH, Jacques e SAES, Alexandre Macchione, – Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Rev. Empreendedorismo Gestão Pequenas Empresas | São Paulo**, v.9, n.1, p. 01-09, janeiro. 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1776>>. Acesso em: 05 set. 2022.

PARREIRA, André Luís. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 19 de novembro de 2021.** Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=165&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

RIBEIRO, Rangel Dal Picollo. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 1 de novembro de 2021.** Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=166&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SOUZA, Gustavo Hadadd de. **Entrevista concedida à Maria Teresa Garbin Machado em 1 de novembro de 2021.** Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=161&vol=107>. Acesso em: 15 mar. 2023.

De profissionais a empreendedores: histórias de vidas de ex-alunos de escolas técnicas e profissionalizantes de Campinas

Américo Baptista Villela
Escola Técnica Estadual Bento Quirino.
Museu da Cidade de Campinas

INTRODUÇÃO

A presente comunicação é resultado do desenvolvimento da pesquisa “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP) do Centro Paula Souza (CPS), sob coordenação da professora doutora Maria Lúcia Mendes de Carvalho, registrado na Plataforma Brasil, CAAE: 48473721.4.0000.8125, e autorizado pelo Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer nº 4.813.867. O objetivo da pesquisa, segundo a página do projeto na rede mundial de computadores, é:

[...] conhecer a cultura e as práticas empreendedoras, em diferentes regiões do estado de São Paulo, por meio de entrevistas de história oral com ex-alunos concedidas à professores-pesquisadores, a maioria, curadores em centros de memória institucional, a fim de identificar a importância de diferentes cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no país. [...] (CARVALHO, 2021)

Com relação ao objetivo do referido projeto devemos esclarecer que antes de “conhecer a cultura e as práticas empreendedoras”, tivemos o cuidado, na condução da pesquisa, de averiguar se elas existiam e como eram denominadas. Isto porque acreditamos que o ato de empreender – entendido enquanto inovação, superar desafios, aprender coisas novas, ter e colocar em prática novas ideias, reinventar-se enquanto trabalho produtivo – é inerente ao ser humano, porém aparece na história com diferentes denominações e conotações políticas. Em momento de hegemonia das ideias neoliberais, esse cuidado se faz necessário pois não podemos reforçar o

discurso do empreendedorismo como instrumento que “isenta o Estado da responsabilidade de garantir mínimas condições de vida para os trabalhadores, colocando-os como responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso, independentemente da importância das variáveis do contexto social.” (CARMO et. al, 2021, p.18). Essa realidade se torna mais evidente ao analisarmos a obra “Causa Mortis: o sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros cinco anos de vida” e verificarmos que, segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado de São Paulo (SEBRAE-SP), as causas do fracasso se relacionam com a ausência ou falha de planejamento prévio, falhas na gestão empresarial e no comportamento do empreendedor, ou seja, o fracasso ou sucesso é desenhado como sendo responsabilidade individual e não se relaciona com o contexto social em que a ação empreendedora se realiza. Isto posto, queremos destacar que não comungamos da opinião, hoje corrente, de que o empreendedorismo é a solução para todos os problemas vivenciados pela sociedade brasileira, mas ao mesmo tempo pensamos que devemos não incorrer no equívoco de “Jogar a criança fora com a água do banho” e reconhecer algumas das potencialidades do ato de empreender.

Assim, ao conduzirmos as entrevistas e analisarmos as memórias dos ex-alunos, muito mais do que destacarmos o empreendedorismo econômico clássico¹⁵, aquele que se avalia pelos lucros gerados e acumulados individualmente, buscamos analisar a existência de práticas que incentivassem as inovações para além das necessidades do mercado, focando nas necessidades da sociedade e outras formas de empreender tais como o social ou o verde. Por empreendedorismo social entendemos um projeto coletivo que produza bens e serviços à comunidade, tendo como foco a solução de problemas da comunidade, respeitando as pessoas em situação de risco social. Além disso, seu resultado não é avaliado em função do capital gerado ou acumulado, mas sim de seus impactos sociais que resultem em melhoria da qualidade de vida das pessoas participantes, atendidas e da coletividade onde o empreendimento se realiza. Nesse sentido, é preciso ter claro, como destaca Oliveira (2004), que o empreendedorismo social não pode ser confundido com a responsabilidade social do empreendedor, pois enquanto o primeiro tem como foco a solução de um problema social, o segundo se apresenta como uma política compensatória que, não poucas vezes, apenas mitiga problemas decorrentes da atividade desenvolvida. Por empreendedorismo verde ou ambiental entendemos as atividades que oferecem produtos ou serviços que preservam o meio ambiente e que surjam a partir dessa finalidade, não se confundindo com a responsabilidade ambiental empresarial que surge das cobranças dos mercados que exigem das empresas, que solucionem os problemas ambientais que elas, em sua atividade cotidiana, causam ou podem causar.

15 Consultar: FRISO; SAMBIASE, 2021.

A pesquisa se realiza a partir de uma metodologia qualitativa através da análise das memórias dos ex-alunos constituindo-se, portanto, em estudos de casos que se relacionam com a história de vida e as lembranças dos entrevistados. Os resultados apresentados nesse artigo foram construídos a partir de entrevistas de história oral realizadas pelo pesquisador com alunos egressos da Escola Técnica Estadual (Etec) Bento Quirino (Figura 1) e da Etec Conselheiro Antonio Prado, ambas situadas no município de Campinas. Sendo assim, somos forçados a reconhecer que esses resultados são parciais e podem não estar em consonância com as pesquisas desenvolvidas em outras regiões do estado de São Paulo que apresentam características econômicas, sociais, ambientais e políticas específicas. Ainda é preciso observar que esses resultados foram obtidos através de entrevistas com ex-alunos do sexo masculino e que a pesquisa ainda se desenvolve para incorporar as ex-alunas. Essa situação se deve a maior facilidade em se encontrar ex-alunos com disposição para compartilhar suas experiências, enquanto as ex-alunas apresentaram maior resistência. Essa resistência também cresce conforme se recua no tempo o que pode ser um indicativo das mudanças sobre a percepção que as próprias mulheres têm de sua inserção no espaço público. As ex-alunas que estudaram nos anos 1950 e 1960 não demonstraram interesse em participar dando seus depoimentos, alegando que tinham vergonha em se expor. Talvez esse seja um fator para compreender a resistência/dificuldades em se localizar ex-alunas dispostas a compartilhar suas vivências e lembranças.



Figura 1 – Vista aérea da Etec Bento Quirino.
Fotografia: Gabriel Silveira Meirelles.

APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

O conjunto dos entrevistados estudaram em um período compreendido entre 1962 e 2006, quando o primeiro entrevistado concluiu seu curso de Desenho de Arquitetura, junto a então Escola Industrial Bento Quirino, e encerra-se em 2006, quando o último entrevistado se formou já na atual Etec Bento Quirino. O entrevistado que estudou durante a década de 1970 frequentou o Colégio Técnico de Campinas (COTICAP), atual Etec Conselheiro Antonio Prado. São pessoas de diferentes idades, etnias e classes sociais e mantêm uma relação afetiva com as unidades escolares onde estudaram, mesmo vivendo diferentes experiências e situações. A seguir uma breve apresentação dos entrevistados.

José Roberto Camargo de Souza (Figura 2) é advogado e trabalha na Secretaria Estadual de Saúde do Mato Grosso do Sul. Nascido em 26 de dezembro de 1945, natural de Campinas, São Paulo, onde iniciou os estudos no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora tendo se transferido para a Grupo Escolar Castorina Cavalheira e, posteriormente, a Escola Guimarães Rosa, em Ribeirão Preto, na qual concluiu o curso primário. Fez o concurso de Admissão para o Ginásio que iniciou na Escola Otoniel Mota, também em Ribeirão Preto, onde iniciou o curso de Desenho de Arquitetura na Escola Industrial de Ribeirão Preto, o qual veio a ser concluído na Escola de Desenho e Tecnologia, que funcionava junto a Escola Industrial Bento Quirino, em Campinas, no ano de 1962.



*Figura 2 – José Roberto Camargo de Souza, em 2021.
Fonte: SOUZA, em 2021.*

Arquimedes dos Santos Filho (Figura 3) é aposentado e nasceu em 24 de novembro de 1956, sendo natural de Campinas, estado de São Paulo. Aos sete anos ingressou no Grupo Escolar Adalberto Nascimento tendo concluído o ginasial na Escola Estadual Barão de Ataliba Nogueira. Em 1971, foi aprovado no concurso de admissão, iniciando os estudos na atual Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado (ETECAP) na qual se tornou Técnico em Química. Ainda como estudante criou uma fórmula inovadora para combater as pragas

de ratos que infestavam fazendas e granjas da cidade de Campinas. Estagiou na Gessy Lever no município de Valinhos e, após formado, trabalhou na Rhodia onde exerceu funções de liderança e chefia.



Figura 3 – Arquimedes dos Santos Filho, em 2021.
Fonte: SANTOS FILHO, 2021.

Renato Nogueira Saldini (Figura 4) é professor da Etec Bento Quirino e titular do Sistema Sítio de Ensino. Nasceu em Campinas, no dia 23 de maio de 1968, fez o curso Técnico em Contabilidade na ETESG Bento Quirino, atual Etec Bento Quirino, e formou-se em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Em 19 de agosto de 1992, foi um dos criadores da CONTPLAN – Contabilidade e Planejamento Empresarial – na qual atuou como contador. Além disso, exerceu diferentes funções de gestão da escola na qual é professor, tais como Coordenador da área de Gestão e Direção da unidade escolar, bem como funções na administração central do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza contribuindo, entre outros projetos, para a implantação do Telecurso TEC em parceria com a Fundação Roberto Marinho.



Figura 4 – Renato Nogueira Saldini, em 2021.
Fonte: SALDINI, 2021.

Rafael Solinski (Figura 5) nasceu em 16 de março de 1988, natural de Valinhos, no estado de São Paulo. Possui graduação em Ciência da Computação pela Faculdade Anhanguera de Valinhos, em 2012, especialização em Gestão em Tecnologia da Informação pela Faculdade Anhanguera de Valinhos, em 2015, técnico-profissional pela ETE Bento Quirino, em 2006, e mestrado profissionalizante em Engenharia Elétrica e Telecomunicações pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 2014. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Matemática da Computação. Como profissional, após atuar na empresa Robert Bosch nas áreas de engenharia de projetos avançados e aplicações especiais de segurança eletrônica e ser gerente da América Latina da Divisão de Sistemas de Segurança Eletrônicos para projetos avançados e aplicações especiais, resolveu criar sua própria empresa: a Solinski Corp.



*Figura 5 – Rafael Solinski, em 2021.
Fonte: SOLINSKI, 2021.*

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Sobre a metodologia empregada na produção das entrevistas

Inicialmente era informado ao ex-aluno os objetivos do projeto, a metodologia a ser utilizada (CARVALHO; RIBEIRO, 2013), e qual era o resultado esperado; por fim era questionado se teria interesse em participar como depoente. Após essa apresentação do projeto, caso houvesse a anuência do mesmo era elaborado e encaminhado ao futuro depoente um roteiro de entrevista sobre o qual ele poderia se manifestar, propondo mudanças. O próximo passo era marcar um dia e horário para a realização de uma reunião virtual entre o pesquisador e o depoente na qual seria gravada uma entrevista. Estas foram gravadas em audiovisual através da plataforma Zoom em

função da pandemia de Covid – 19 e do isolamento que essa nos impôs. Nas entrevistas tivemos como objetivo observar como a cultura da inovação esteve presente na vida escolar dos depoentes, bem como outros aspectos da vida cotidiana nas escolas onde estudaram, tais como relação com os professores, colegas, tipo de formação etc. Após essa etapa foi realizada uma transcrição da entrevista e esta era submetida a apreciação do depoente para que novamente ele pudesse propor alterações ou modificações. Dando prosseguimento ao processo foi produzido um Documento de Registro de Entrevista com os seguintes campos:

- a. Tipo de entrevista: se era história oral de vida ou outra modalidade;
- b. Nome e instituição do entrevistador: informava o nome e a instituição a qual estava ligado o entrevistador;
- c. Levantamento de dados preliminares: onde foram obtidas as informações que nortearam a confecção do roteiro;
- d. Local da entrevista: é apontado o local onde a entrevista se realizou. No caso das entrevistas dessa etapa do projeto foram realizadas virtualmente em função dos motivos já apresentados;
- e. data: data em que a entrevista foi realizada;
- f. Técnica de gravação: é apontada a forma como a gravação foi realizada. Se em áudio ou em audiovisual etc.;
- g. Duração da entrevista: o tempo de duração da gravação;
- h. Transcritor: quem realizou a transcrição;
- i. Número de páginas: é apontado o número de páginas do Documento de Registro de Entrevista;
- j. Sinopse: um breve resumo do conteúdo da entrevista;
- k. Transcrição da entrevista: transformação dos sinais sonoros em um texto escrito o mais próximo possível da narrativa do depoente;
- l. Dados biográficos do entrevistado: uma pequena biografia do depoente com foto;
- m. Dados biográficos do entrevistador: uma pequena biografia do entrevistador com uma foto;

Após elaborada a ficha, a mesma, era enviada ao depoente que novamente poderia sugerir alterações, e após a revisão e anuência, o depoente enviava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, referente ao projeto coletivo, que permitia a publicação da entrevista no site de memórias e história da educação profissional e tecnológica.

Metodologia de análise das entrevistas sob a ótica da história oral de vida

A primeira observação a ser realizada é perceber que há diferentes tipos de memórias e de lembranças. Há a memória histórica que é aquela que se relaciona com o exercício do poder através de seus monumentos, museus e memoriais tradicionais, que buscam construir uma narrativa historiográfica linear e progressiva na qual o presente se apresenta como o resultado natural do passado em uma forma melhorada. Nesse processo, os conflitos, as contradições, são silenciadas, e o curso do processo histórico se apresenta como a lâmina d'água de um tranquilo rio caudaloso que caminha rumo ao oceano. Trabalhar com história oral de vida pode reforçar o caminho anterior através da reunião de depoimentos que reafirmem a história oficial ou, como pretendemos nesse trabalho, jogar luzes sobre esses silenciamentos entendendo que, como afirma Pollack (1989)

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLACK, 1989, p.5)

Nesse sentido, ao trabalhar com as lembranças dos ex-alunos pretendemos recuperar visões e percepções de mundo que possam nos trazer a realidade de um curso d'água caracterizado pela existência de corredeiras, barragens e cachoeiras que são as manifestações das expectativas e frustrações dos agentes históricos que vivenciaram o processo, dando voz àqueles que normalmente são silenciados pela documentação oficial. Para tanto, é preciso observar que as lembranças também são profundamente influenciadas pelo tempo presente em que se realiza o registro e, sendo assim, são como as ondas do mar na praia a reescrever o passado sobre uma maré diferente da do tempo em que a experiência se realiza. As lembranças nos comunicam não apenas pelas palavras, mas também, e talvez principalmente, pelos silêncios, pela voz embargada ou até mesmo, por que não, por aquela lembrança revelada após o encerramento da gravação pois o depoente não queria publicizar uma determinada experiência¹⁶. Dessa forma, são indícios que nos permitem reconstruir um conhecimento sobre o passado mais rico e plural do que aquele expresso pela memória histórica baseada em documentos-monumentos salvaguardados nos museus e arquivos oficiais ou espalhados pelas ruas da

16 Sobre esse aspecto, o autor deste trabalho optou por preservar o silêncio pretendido pelo depoente por entender que há um compromisso ético e que deve ser garantido ao depoente o sigilo sobre as informações que o mesmo não possuía interesse em ver publicadas.

cidade e dos edifícios escolares. Não queremos com isso dizer que são mais verdadeiros ou mais próximos do real, apenas reconhecer que esses indícios nos oferecem elementos para problematizar a história oficial e trazer novos elementos para a análise do nosso passado.

APRESENTANDO OS RESULTADOS INICIAIS DA PESQUISA

Sobre os cursos, a carreira acadêmica e profissional dos depoentes

O primeiro dado que as entrevistas nos trazem é a existência de diferentes formas de organização, grades curriculares e níveis de qualificação dos cursos oferecidos nestas unidades escolares.

O primeiro dos depoentes, o Sr. José Roberto de Souza Camargo, realizou o curso de Desenho de Arquitetura, entre 1960 e 1962, que veio a ser concluído na Escola de Desenho e Tecnologia, que funcionava junto a Escola Industrial Bento Quirino. A escolha do curso se deve ao fato do ex-aluno gostar de Desenho, enquanto a escolha da escola, se deve a transferência do pai ferroviário para Campinas, já que ele foi iniciado em Ribeirão Preto. Esse curso embora tivesse duração de três anos não garantia a certificação de nível secundário ou técnico, mas habilitava o concluinte para a realização de pequenos projetos. A escola de Desenho e Tecnologia de Campinas foi fundada por Joaquim Olavo Sampaio, em 1941, segundo Batistoni (2020). O fundador era professor da Escola Industrial Bento Quirino, da disciplina de Desenho Arquitetônico, mas não há nos arquivos do Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” documentos da escola de Desenho e Tecnologia, o que demonstra que elas compartilharam o espaço físico, porém possuíam administrações separadas e autônomas.

O Jornal Correio Paulistano, de 14 de fevereiro de 1928, assinala, em sua página 3, que “foi assignado contracto entre o governo e os srs. Eharhardt, Joaquim Olavo Sampaio e dd. Ilze Forster e Celina Monteiro Peixoto, para a Escola Profissional Mixta “Bento Quirino” de Campinas” o que revela que com a incorporação da escola pelo governo do Estado de São Paulo, o Sr. Joaquim Olavo Sampaio se torna professor da Escola Profissional Mista Bento Quirino.

Posteriormente, o depoente revela que fez o curso científico, que garantia certificação para prosseguimentos de estudos em nível superior, na escola Aníbal de Freitas, concluído em 1968, e que se formou em Direito com quase 50 anos.

Durante a sua vida profissional trabalhou como projetista autônomo, depois se tornou eletricitista na Cia. Paulista de Força e Luz da qual se transferiu para “CEMAT, hoje ENERSUL, como técnico especializado”. (CAMARGO, 2021, p.4) Segundo seu depoimento, “eu me formei em advocacia com quase cinquenta” (p.8) de idade quando passou a atuar como advogado “na

Secretaria de Estado de Saúde. Trabalho na área de pareceres técnicos de, e, e, na área jurídica da secretaria.” (p.5) Ou seja, ele transitou por diferentes áreas do mercado de trabalho sempre sendo sujeito das suas escolhas. Inclusive associando habilidades do Direito, sua última formação, com habilidades do Desenho de Arquitetura, quando atuou na “Fundação Palmares e depois INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – onde trabalhou com a regularização das terras de comunidades Quilombolas” (p.12) Vemos que a sua formação foi contínua e ele se reinventando em cada momento de sua vida. Nesse sentido, essa trajetória o aproxima do empreendedorismo social ao buscar resolver problemas como concentração fundiária e equacionar o reconhecimento de comunidades quilombolas.

Os depoentes que estudaram nas décadas de 1970 e 1980 já tiveram a oportunidade de cursar o curso técnico e secundário de forma integrada o que lhes permitiu acesso ao ensino superior após a conclusão dos cursos.

O depoente Arquimedes dos Santos Filho ingressou na atual ETECAP – Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado, em 1971, após aprovação no concurso de Admissão para realizar o curso Técnico em Química. A opção pelo curso técnico em química foi influenciada por um amigo que lhe informou sobre as demandas do mercado de trabalho por esta ocupação. O curso tinha duração de três anos e garantia certificação equivalente ao ensino de Segundo Grau permitindo prosseguimento de estudos em nível superior. Ainda estudante ele realizou estágio na Gessy Lever, em Valinhos, e posteriormente, se tornou “Auxiliar de Laboratório” na escola onde havia estudado até ser contratado pela Rhodia como Técnico em Química. Trabalhando na empresa, seu depoimento revela que:

[...] ingressei em uma Faculdade em Itatiba, se eu não me engano era São Francisco, e lá eu comecei a fazer um curso de Engenharia Mecânica Operacional. Bom, Engenheiro Mecânico Operacional, ele é uma graduação pouco inferior ao Engenheiro Mecânico Pleno, e a Rhodia me abriu oportunidades para vários cursos, lá dentro da Rhodia, onde fui tendo promoções e onde observei que era melhor eu continuar me dedicando a Rhodia, devido ao campo do mercado de trabalho e salário que eu continuei tendo na Rhodia cada vez melhor e um engenheiro mecânico operacional formado em Itatiba não ia me dar o retorno para o que eu estava precisando. (SANTOS FILHO, 2021, p.4)

A empresa oferecia oportunidades educacionais que atendessem melhor as expectativas profissionais do funcionário, enquanto trabalhador qualificado para a empresa, embora ele tivesse, inicialmente, manifestado interesse por outra área como engenharia mecânica operacional. Ainda segundo seu depoimento,

[...] nos anos oitenta, a Rhodia pediu para que eu fizesse um curso de Administração de Empresas para que eu pudesse agir na parte de unificação de todos os laboratórios da empresa. Era outra atividade, ainda como Técnico Químico, mas ia entrar a parte administrativa de todos os laboratórios. Isto foi uma coisa a mais que eu fiz, fiz a faculdade, de oitenta e quatro até oitenta e sete. (SANTOS FILHO, 2021, p.5)

Ou seja, a carreira acadêmica do entrevistado acabou sendo definida pela empresa na qual, o mesmo, trabalhou.

Já Renato Nogueira Saldini iniciou o curso Técnico em Contabilidade, em 1984, também com duração de três anos, o que lhe permitiu exercer a profissão de Contador. A este respeito esclarece em seu depoimento:

[...] o que mais me chamou a atenção foi o curso de Contabilidade. De verdade, naquela idade, né, com 14 (quatorze), 15 (quinze) anos, eu não sabia direito o que era o curso, mas eu sabia que eu queria um curso profissionalizante, que podia fazer diferença na minha vida, porque assim, minha família muito simples, e eu já tinha na cabeça que eu ia precisar de uma profissão. Não tinha nenhum tipo de, eh, ainda na minha cabeça não passava fazer uma faculdade. (SALDINI, 2021, p.4)

Ele declara que optou pela Contabilidade mesmo sem saber direito do que se tratava. Ele revela que: “[...] uma intervenção de um professor que trouxe essa possibilidade pra gente, dizendo que o curso técnico [...] poderia proporcionar pra gente uma renda, né, [...], caso a gente quisesse fazer uma faculdade, que era uma coisa, [...] que tava longe da minha condição financeira.” (SALDINI, 2021p.04) Após formado, ele começou a trabalhar em um escritório o que ainda não lhe garantia as condições financeiras necessárias para custear os estudos em uma universidade particular. Nesse momento, uma professora da escola na qual ele havia estudado, ficou doente, contribuindo para ele se tornar professor nessa escola. Ao mesmo tempo ingressou no curso de Ciências Contábeis oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, quando abriu seu próprio escritório de Contabilidade. Atuou durante 20 anos como Contador autônomo, mas em paralelo manteve seu vínculo com a educação atuando como Professor, Coordenador de curso, Diretor de escola e membro da administração central do Centro Paula Souza. Sobre esse período seu depoimento nos informa:

Ai, ainda mesmo professor do Bento Quirino, né? Como diretor do Bento Quirino, trabalhei uma época também no Centro Paula Souza, fiquei uma época longe da escola porque eu trabalhei lá em

São Paulo, na CETEC, junto com o professor Almério, em alguns projetos, entre eles o TELECURSO TEC, que era uma parceria com a Fundação Roberto Marinho. Nessa época, eu acabei adquirindo, comprando a Escola do Sítio em Campinas. Que é uma escola que já vinha desde 1976, muito antiga, que já tinha um histórico de ser uma escola libertária desde aquela época. Foi fundada por um grupo de profissionais e professores da UNICAMP, né? Era um grupo mesmo, de fato, segundo a história tinha mais de 15 (quinze) pessoas que se juntou, era quase que uma cooperativa, e montaram com sonhos, uma escola diferente, né? Então, a partir, há 12 anos atrás, eu acabei assumindo, comprando, adquirindo essa escola, sai da área contábil. (SALDINI, 2021, p.10)

Ou seja, ele se reinventou enquanto profissional abandonando suas áreas iniciais, a saber Contador e Professor, para se tornar gestor de uma unidade educacional na qual ele se realiza e tem “prazer em trabalhar”.

Rafael Solinsky estudou na Etec Bento Quirino, entre 2003 e 2005, tendo cursado o Ensino Médio e o curso Técnico de Eletrônica modular. Nesse sentido, se faz necessário esclarecer que após a reforma do ensino técnico promovida pelo Decreto Federal Nº 2.208/97, o ensino técnico-profissional passou a ser ministrado “para alunos matriculados ou egressos do ensino médio” e, portanto, eram cursos separados e complementares e não mais integrados. Assim, o ensino técnico-profissional passa a ter como público-alvo alunos egressos do ensino médio, muitos dos quais já inseridos no mercado de trabalho, ou para alunos do ensino médio que poderiam, no contraturno, realizar o curso técnico-profissional. Essa última foi a situação vivenciada pelo depoente, o qual justifica a escolha da escola por ter uma imagem positiva, da mesma, em virtude de ser uma escola aberta ao diálogo entre professores e alunos. Após obter a formatura do ensino médio e a formação de técnico-profissional revela que:

Após o curso técnico eu ingressei na Unicamp, em Campinas, na Faculdade Estadual de Campinas, na Unicamp, no curso de Matemática Aplicada, ahn, e continuei a minha carreira. Fiz Matemática aplicada depois Ciência da Computação, depois um mestrado em Matemática Teórica, mestrado em Engenharia de Telecomunicações, e mais alguns MBAs. Até porque, ahn, chegou num ponto da minha carreira profissional que eu vinha sempre na técnica, gerente técnico, cientista de desenvolvimento, cientista chefe de desenvolvimento, e chegou um ponto que eu quis diversificar e caminhar mais na parte gerencial, mas o curso técnico como base ajudou em tudo. (SOLINSKY, 2021, p.5)

Ainda realizando o curso na Unicamp, Rafael Solinsky revela que em função de problemas pessoais teve que paralisar os estudos e iniciar um trabalho como Professor de Informática para “sustentar minha família”. Nesse momento, ele consegue uma bolsa integral para fazer o curso de Ciência da Computação. Foi durante a realização desse curso que ele ingressou no programa de estágio da empresa Robert Bosch e, após formado, foi efetivado. Trabalhando na Bosch, ele foi galgando posições até atingir a função de

[...] gerente da América Latina da Divisão de Sistemas de Segurança Eletrônicos para projetos avançados e aplicações especiais. Passado um tempo, nessa área, nessa vaga, ahn, eu senti a necessidade de me desligar da Bosch e criar a minha própria empresa. Não porque eu tivesse qualquer problema com a Bosch, mas porque eu queria voltar também, sair um pouco de segurança eletrônica que é maravilhoso, mas é um ramo limitado até certo ponto e voltar a engenharia. Voltar à engenharia, voltar ao desenvolvimento, voltar à Matemática, e assim foi o que eu fiz. Ahn, eu pedi minha demissão da Bosch em 2013 (dois mil e treze) para 2014 (dois mil e quatorze), e abri minha empresa, Solinski Corp., que começou como uma empresa de consultoria. (SOLINSKY, 2021, p.9)

Ele prossegue o depoimento, afirmando que a empresa prosseguiu como consultoria, mas ampliou seu leque de atuação atingindo áreas como “sistemas de segurança, eletrotécnica e telecomunicações, telemática.” Esse percurso ele reconhece que não foi sem percalços ou como ele mesmo definiu muito estressante, preocupante, mas no final houve uma situação que ele considera de sucesso tendo em vista o crescimento da empresa.

A análise dos depoimentos revela que os alunos do ensino profissional, independentemente de sua modalidade e qualificação, apontam a necessidade e o interesse em formação continuada em virtude das transformações do mercado de trabalho. As inovações sejam elas procedentes de mudanças tecnológicas ou mesmo de opções de vida dos depoentes enquanto trabalhadores demonstram que empreender – entendido enquanto inovação, superar desafios, aprender coisas novas, ter e colocar em prática novas ideias, reinventar-se enquanto trabalho produtivo – sempre estiveram presentes. Observando as lembranças dos depoentes se torna evidente que o ritmo dessas transformações viveu uma aceleração nos anos mais recentes, mas nem por isso a velha imagem do trabalhador de uma única empresa ou que exerce uma única função sobrevive as lembranças das vivências desses ex-alunos.

Sobre a Inovação

A análise das entrevistas nos leva a pensar que o motivo inicial da escolha por um curso profissionalizante ou técnico está relacionada com a produção da sobrevivência através da obtenção de um emprego com boa remuneração, porém a sequência de vida dos depoentes nos leva a reconhecer como apontou Renato Saldini que:

A vamos fazer, como foi dito para mim: “Faz lá um curso para você ter uma profissão e se garantir.” Não é só isso. Ele vai oportunizar, como eu já falei, uma série de questões que, em um primeiro momento, a gente não percebe. Depois com o amadurecimento, com a idade chegando, você olhando para trás, você vai ver que valeu muito a pena. a. Nem todo mundo aproveita da maneira, da maneira que é para ser aproveitado. Dá o valor que é pra ser dado, mas, no meu caso especificamente, eu recomendo que se faça um curso técnico, eh. O curso técnico, a própria história dizia que era para quem não ia fazer faculdade, né? Américo, e isso mudou bastante. (SALDINI, 2021, p.16)

Ou seja, embora houvesse, talvez ainda haja, uma mística de que o aluno dos cursos técnicos/profissionalizantes não deva se dedicar ao ensino superior, os depoimentos desvelam que todos os ex-alunos entrevistados obtiveram uma formação de nível superior e, em muito, atribuem esse fato aos anos e conhecimentos adquiridos nesses cursos. Mais do que isso, revelam que entre a pretensão inicial e o sucesso obtido em suas vidas profissionais e acadêmicas estão a capacidade e vontade de se reinventar enquanto profissional.

O depoimento do ex-aluno José Roberto Souza Camargo revela que o mesmo ao se formar começou a atuar como autônomo, realizando projetos de desenhos de arquitetura, porém ao ser contratado como eletricista da Cia. Paulista de Força e Luz e ir trabalhar na área técnica da referida empresa, os conhecimentos adquiridos no curso profissionalizante de Desenho foram extremamente úteis para o exercício da sua função:

Comecei a trabalhar como autônomo, Desenhista, tal, ah, até que eu fiz a minha inscrição junto a Prefeitura como Desenhista autônomo, fiz alguns projetinhos e aí em 1968 (mil novecentos e sessenta e oito) eu entrei na Companhia Paulista de Força e Luz, mas como eletricista. Trabalhei como Eletricista até 1970 (mil novecentos e setenta). Aí me transferiram para a área técnica, e aí que a gente vai ver, ah, ah, ah, grande contribuição que a escola, que eu chamava Bento Quirino, que era na rua Culto à Ciência, em termos de conhecimento técnico, como exemplo saber escala,

saber situação, desenho de ruas, desenho de galpões, eh. Muitas coisas eu usei com o aprendizado que eu tive na escola Bento Quirino com esse curso de Desenho Arquitetônico. (CAMARGO, 2021)

Mesmo hoje em dia, ele atuando como advogado, em tom jocoso, relembra:

Esses dias, eu trabalho hoje na Secretária de Saúde, mas eu tava fazendo um, uma espécie de, de, de inspeção numa área onde houve um acidente e eu tinha que desenhar uma curva na rua, e eu fui fazer isso aí manualmente. Cheguei na área técnica e perguntei: “Vocês têm curva francesa, aí? Os caras ficaram dando risada. Rrsrs. Isso aí não existe mais. (CAMARGO, 2021, p.4)

ou quando aponta

Eu morava na Rua das Nações 53 (cinquenta e três), eu já estava morando em Campinas há algum tempo e necessitava fazer um, um anexo na casa que meu pai havia comprado, e eu desenhista que fiz o anexo e o projeto. Eu fiz o projeto que dura até hoje, eu olho com carinho e isso aqui é graças a escola Bento Quirino que eu pude fazer isso aí pro meu pai. Atender um pedido do meu pai. Então eu só tenho a agradecer. (CAMARGO, 2021, p.6)

São situações que nos fazem refletir sobre a importância da educação e dos conhecimentos profissionalizante/técnico na vida de uma pessoa para além das necessidades imediatas do mercado de trabalho e do capital e sim para a sua vida e realização pessoal.

As lembranças de Arquimedes dos Santos Filho nos revelam o que poderia ser um modelo das práticas do empreendedorismo econômico clássico, a partir do modelo educacional adotado pelas escolas profissionalizante/técnica e se utilizando da estrutura escolar. Nesse sentido, ele articula uma resposta a um problema apresentado pela atividade profissional do pai através do desenvolvimento de um produto que demonstrava boa aceitação no mercado:

[...] fiquei muito feliz com a minha formação, me formei lá, e durante esse período todo, meu pai trabalhava com dedetização, faltava para ele um produto que além da dedetização pudesse matar os ratos, que era um problema na época em granjas, muito problemático. Ai, eu, na escola de química, com todo equipamento, material e produtos mergulhei em uma pesquisa e consegui sucesso. Ali, o meu produto conseguiu fazer com o que rato comesse, não fizesse mal nem as galinhas, nem à cachorros, devido a concentração do produto e com um ingrediente que eu adicionei

que era casca de banana, seca, o cheiro ficava parecendo cheiro da rata no cio, então atraía demais os ratos. Eles largavam o queijo e comiam o produto que era misturado com açúcar cristal, uma série de coisas, além do princípio ativo. Esse produto foi um sucesso. [...] eu estava no segundo para o terceiro ano e usei o Laboratório de Analítica junto com esse meu professor para fazer essas pesquisas. Ele me ajudou muito nisso. Ai, depois de seis meses de testes com ratos, etc., nós chegamos a um baita produto. Inclusive, o problema do rato é que quando ele morria com outros produtos, o rato morria em alguns lugares, ele morria e ficava cheirando. Esse produto tinha um princípio ativo, que quando morria, ele secava o sangue do rato, depois que ele consumisse o produto e era transmissível pelo sexo. Então, quando um rato macho comia, ele infectava a fêmea e infectava os filhotes na amamentação. Todos eles faleciam, secando o sangue e não dando cheiro. Esse produto foi colocado no mercado e por problemas familiares e financeiros, entre meu pai que tava a frente do negócio e comigo, eu resolvi sair disso. (SANTOS FILHO, 2021, p.3)

Os problemas familiares e financeiros foram explicitados após o encerramento da gravação e de certa maneira refletem um problema muito comum para empreendedores, a saber, a gestão financeira da empresa/iniciativa.

A trajetória de Renato Nogueira Saldini e suas lembranças nos trazem as mudanças que ele vivenciou bem como uma percepção bastante apurada do papel da educação profissionalizante de nível técnico e da educação em geral. Após se formar como Técnico em Contabilidade, trabalhar como funcionário em um escritório de contabilidade, se tornar Professor, Coordenador e Diretor da escola onde havia se formado, ter realizado o curso superior de Ciências Contábeis, ele acabará por deixar a sua área de formação inicial para se tornar um gestor da escola que ele adquiriu. Assim, ele se refere a essa trajetória:

[...] como diretor do Bento Quirino, trabalhei uma época também no Centro Paula Souza, fiquei uma época longe da escola porque eu trabalhei lá em São Paulo, na CETEC, junto com o professor Almério, em alguns projetos, entre eles o TELECURSO TEC, que era uma parceria com a Fundação Roberto Marinho nessa época eu acabei adquirindo, comprando a Escola do Sítio em Campinas. Que é uma escola que já vinha desde 1976, muito antiga, que já tinha um histórico de ser uma escola libertária desde aquela época. Foi fundada por um grupo de profissionais e professores da UNICAMP, né? Era um grupo mesmo, de fato, segundo a história tinha mais de 15 (quinze) pessoas que se juntou, era quase que uma cooperativa, e montaram com sonhos, uma escola diferente, né?

Então, a partir, há doze anos atrás, eu acabei assumindo, comprando, adquirindo essa escola, sai da área contábil. Eu deixei a área contábil para me dedicar exclusivamente agora a educação. (SALDINI, 2021, p.10)

Percebe-se pelo depoimento, que ao longo de sua trajetória ele passou conceber o papel da educação para além da lógica do capital, assim como esta assumiu outra função para a sua realização profissional e pessoal. De Contador empreendedor, bem-sucedido, a sua face educadora prevaleceu ao adquirir uma escola, não apenas em função da mercantilização da educação, tão comum em dias atuais, mas sim em função de um projeto pedagógico que contemple as suas expectativas enquanto educador e gestor educacional.

Rafael Solinski, o mais jovem dos depoentes, tem suas lembranças e trajetória mais próximas ao empreendedorismo econômico clássico. Fez o Ensino Médio e o curso Técnico em Eletrotécnica, concomitantemente. Embora as metas das políticas educacionais do período em que estudou, propusessem que o aluno egresso das escolas técnicas devesse ingressar no mercado de trabalho, ele optou por ingressar na Universidade Estadual de Campinas onde iniciou os estudos no curso de Matemática Aplicada. Seu ingresso no mercado de trabalho foi motivado por problemas familiares:

[...] quando eu estava para me formar, eu estava fazendo, eh,... eu estava cursando Matemática Aplicada e já fazendo o mestrado junto para tirar tudo em cinco anos, compactar tudo em 5 (cinco) anos. O problema foi que, devido a uma questão familiar, toda a minha renda foi cortada e eu tive que cair no mundo profissional. Nessa linha, eu arranjei um emprego em uma escola de informática para dar aulas de informática e eu iniciei uma Faculdade de Ciência da Computação, que era algo que, daria maior teor profissional, maior esteio profissional, logo dinheiro, o que eu precisava para sustentar a minha casa, e, nisso, ahn, fiquei 6 (seis) a 8 (oito) meses dando aula de informática e comecei a cursar o Curso de Ciência da Computação. Uma faculdade paga, ahn, e como tinha, já tinha vindo da UNICAMP, já tinha um preparo muito elevado, um preparo bem alto em termos educacionais, fiz uma prova de bolsa, tirei 100% (cem por cento) [...]. (SOLINSKI, 2021, p.8)

Nesse relato podemos perceber a importância da formação técnica para ele: “[...] o curso técnico, [...], ele vai muito além de profissionalizar. Ele profissionaliza e ele educa um profissional, ele monta um profissional como um todo, inclusive nas relações interpessoais”. (SOLINSKI, 2021, p.4) Foi o curso técnico quem o preparou para as demandas da vida e não do mercado e o seu ingresso no curso de Ciência da Computação foi quem abriu

novas portas para o seu desenvolvimento profissional. A este respeito, seu depoimento esclarece:

[...] estava cursando uma faculdade gratuita e dando aulas de informática para pagar as coisas de casa. Foi aí que eu me inscrevi em um processo de estágio da empresa Robert Bosch e consegui passar nesse processo de estágio. Dentro desse processo, segui o curso de ciência da computação e me formei na ciência da computação e no estágio, terminei o estágio e consegui uma vaga como efetivo na Robert Bosch. A partir daí, eu tinha 24 (vinte e quatro) anos de idade, ahn, a Bosch, naquela época, tinha um projeto para, eh, ela tinha uma ideia de implantar no Brasil uma unidade de engenharia de projetos avançados e aplicações especiais de segurança eletrônica. Eu pleiteei essa vaga e consegui uma vaga de gerente nessa área. Então, na Bosch eu fui gerente da América Latina da Divisão de Sistemas de Segurança Eletrônicos para projetos avançados e aplicações especiais. Passado um tempo, nessa área, nessa vaga, ahn, eu senti a necessidade de me desligar da Bosch e criar a minha própria empresa. (SOLINSKI, 2021, p.8-9)

O ingresso na Robert Bosch como estagiário, depois funcionário e gerente, e mesmo prosperando na empresa e tendo benefícios como “[...] cartão corporativo, praticamente sem limite, secretária, orçamentos, toda uma estrutura corporativa [...]” (SOLINSKI, 2021p.10) ele optou por criar a sua própria empresa, a Solinsky Corp. Ele reconhece que houve momentos difíceis, em especial nos primeiros tempos de funcionamento da empresa, quando “[...] olha pra você, na mesa da sua sala, da sua cozinha com um notebook, e você fala: Meu Deus, será que eu fiz a escolha certa?” (SOLINSKI, 2021p.10), mas aponta que valeu a pena. Para ele:

A empresa foi decolando, foi trilhando seu caminho. Chega uma hora em que as coisas engrenam e aí o caixa engrena, o RH engrena e tudo funciona, mas no começo é um ato de coragem, um pouquinho de loucura e esperança. Rsrssrs (SOLINSKI, 2021, p.10)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essas considerações finais apontando que elas são considerações finais desta etapa da pesquisa, pois o projeto ainda se encontra em desenvolvimento. A continuidade da pesquisa nos legou um questionamento: buscar entender as causas da resistência ou maiores dificuldades em se encontrar alunas para compartilhar suas experiências. Assim, nesse artigo trabalhamos com uma análise inicial dos depoimentos de alunos, que fre-

quentaram cursos profissionalizantes, em Campinas, em suas diferentes modalidades e formas organizacionais.

Uma primeira constatação é que estes alunos tiveram que se reinventar enquanto profissionais ao longo de sua carreira. Desenhista de Projetos, Eletricista, Advogado foram as ocupações do ex-aluno José Roberto Camargo de Souza. Arquimedes dos Santos Filho foi Técnico em Química, Gerente de Departamento de uma grande indústria da área e representante comercial. Renato Nogueira Saldini foi Contador, Professor, criou seu escritório de contabilidade e hoje é responsável pela gestão de uma escola. Rafael Solinski, estagiário, Cientista da Computação, Gerente de Divisão de uma grande empresa multinacional, até que resolveu criar sua própria empresa na área de tecnologia da informação. Na totalidade dos depoimentos o aspecto financeiro dos empreendimentos/empresas em que estiveram envolvidos não alcança papel de destaque, muito embora também não sejam desconsideradas. O maior destaque destas lembranças é a percepção de que a escola e a formação ocorrida durante as experiências de vidas foram determinantes. Assim, Arquimedes dos Santos Filho, resume essa percepção:

Eu acho que a gente não pode nunca separar o que você aprendeu na escola, com a educação que você tem na sua casa, com o que você aprendeu na rua. Para mim é uma somatória que você tem que equalizar essas informações que você tem, mas senão fosse a escola de química, os professores que eu tive, eu não teria a formação que eu tenho. Senão fosse minha vida na rua, o que eu passei, também não teria a formação que eu tenho, mas falar assim um pouco de cada um, eu acho que o fundamental é você estar em uma escola boa, que você queira apreender com bons professores e com um material, com um local adequado. (SANTOS FILHO, 2021, p.5)

O que a maior parte dos depoentes confirmam, a partir de sua experiência escolar.

Outro aspecto a se destacar é a relação afetiva que a memória destes ex-alunos mantém com as unidades escolares. José Roberto Camargo de Souza, assim se refere a escola: “[...] eu sempre chamo de Bento Quirino porque é muito querido por mim. [...]. A escola que é de meu coração, a escola Bento Quirino de Campinas. [...]. (SOUZA, 2021, p.5) Rafael Solinski pensa que “[...] a Escola Técnica Estadual Bento Quirino, o nosso famoso Bentão, palavra que a gente fala com tanto carinho, com tanto amor, de quem foi aluno, quem passou por lá” (SOLINSKI, 2021, p.3), já Renato Nogueira Saldini afirma que embora tenha tido outras oportunidades como docente, optou por permanecer “[...] porque o Bento Quirino era uma escola que eu sempre adorei desde quando eu pus os pés lá. A gente criou um amor, né? [...]. (SALDINI, 2021, p.8)

REFERÊNCIAS

BATISTONI FILHO, Duílio. Aspectos Arquitetônicos da Igreja de Nossa Senhora das Dores. 2020. Disponível em: <https://ihggcampinas.org/2020/07/16/aspectos-arquitetonicos-da-igreja-de-nossa-senhora-das-dores/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

CARMO, Luana Jéssica Oliveira, ASSIS, Lilian Bambirra de, GOMES JUNIOR, Admardo Bonifácio, TEIXEIRA, Marcella Barbosa Miranda – O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, nº 1, Rio de Janeiro, jan./mar. 2021, p.18–31, Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/HY7NpJpmW6vh6sKX3YdCrSd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.

CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História oral na educação: memórias e identidades**. Cetec Capacitações. Centro Paula Souza, São Paulo, 2013, Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/historiaoral.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2022.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho (coord.). **Projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais à empreendedores”**. Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. 2021. Disponível em: <http://memorias.cpscetec.com.br/historiaoralemp.php>. Acesso em: 12 set. 2022.

FRISO, Isabela Ferreira. SAMBIASE, Marta Fabiano. Empreendedorismo Social e Clássico: Reflexões do Modelo de Negócio. In: SILVA, Clayton Robson Moreira da (org.). **Administração: Ciência e Tecnologia, estratégias e estudos organizacionais**. Ponta Grossa, PR, Atena, 2021. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/empreendedorismo-social-e-classico-diferencas-voltadas-ao-modelo-de-negocio>. Acesso em: 6 jun. 2022.

OLIVEIRA, Edson Marques. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Rev. FAE**, Curitiba, v.7, n.2, p.9–18, jul./dez. 2004. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/416>. Acesso em: 6 jun. 2022.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p.3–15. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819737/mod_resource/content/1/POLLAK%2C%20Michael%20%E2%80%93%20Mem%C3%B3ria%2C%20esquecimento%2C%20sil%C3%A2ncio.pdf. Acesso em: 7 jun. 2022.

SALDINI, Renato Nogueira. **Entrevista de história oral concedida à Américo Baptista Villela, em 7 de outubro de 2021**, curador do Centro de Memória da Etec Bento Quirino, em Campinas. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=160&vol=103>. Acesso em: 6 jul. 2022.

SANTOS FILHO, Arquimedes. **Entrevista de história oral concedida à Américo Baptista Villela, em 22 de abril de 2021**, curador do Centro de Memória da Etec Bento Quirino, em Campinas. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=136&vol=101>. Acesso em: 6 jul. 2022.

SEBRAESP. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Causa Mortis: o sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros cinco anos de vida**. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/\\$File/5712.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/333000e30d218194165cd787496e57f9/$File/5712.pdf). Acesso em: 6 jun. 2022.

SOLINSKI, Rafael. **Entrevista de história oral concedida à Américo Baptista Villela, em 22 de abril de 2021**, curador do Centro de Memória da Etec Bento Quirino, em Campinas. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=155&vol=103>. Acesso em: 6 jul. 2022.

SOUZA, José Roberto Camargo de. **Entrevista de história oral concedida à Américo Baptista Villela, em 22 de abril de 2021**, curador do Centro de Memória da Etec Bento Quirino, em Campinas. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=140&vol=103>. Acesso em: 6 jul. 2022.

História oral na educação: de profissionais a empreendedores da Etec Dona Escolástica Rosa

Marcia Cirino dos Santos
Escola Técnica Estadual Dona Escolástica Rosa

INTRODUÇÃO

A História Oral como metodologia para compreender as práticas escolares e pedagógicas nas instituições escolares, contribui para os estudos e pesquisas sobre as memórias e a história da educação profissional. No Centro Paula Souza, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) faz uso desta metodologia na maioria dos projetos de História da Educação Profissional e Tecnológica (CARVALHO; RIBEIRO, 2013). A qualidade do conhecimento histórico depende da relação dos historiadores com suas fontes. Para esse trabalho foram coletados depoimentos de ex-alunos empreendedores da Escola Técnica Estadual (Etec) Dona Escolástica Rosa, situada na cidade de Santos/SP.

O Instituto Dona Escolástica Rosa foi inaugurado em 1º de janeiro de 1908, surgindo como uma obra de benemerência, destinada a abrigar meninos pobres e órfãos da cidade, que deveriam receber educação, cultura e uma profissão, como determinava o testamento de João Octávio dos Santos, o idealizador desse projeto, e oferecendo os cursos de Tipografia e Encadernação, Mecânica, Marcenaria, Colchoaria, Sapataria, Alfaiataria e Carpintaria. (MORAIS, ALVES, 2002, p. 193-195)

A partir de 1933, passou a ser responsabilidade do Governo do Estado e, três anos depois, começou a admitir alunos externos, inclusive meninas. A EEPSP Escolástica Rosa, atuando como escola profissionalizante, mas a partir de 12 de fevereiro de 2003, com o Termo de Cooperação Técnico Educacional, celebrado entre a Secretaria da Educação e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), a escola se transformou em escola técnica estadual, e em 20 de janeiro de 2004, por meio do Decreto nº 48.456, o Ceeteps (autarquia vinculada à Unesp), incorporou a Etec Dona Escolástica Rosa. Atualmente essa escola oferece os cursos técnicos de Administração, Comércio Exterior, Logística, Nutrição e Dietética, Segurança do Trabalho, e o Ensino Médio Integrado ao Técnico, além de classes descentralizadas com os cursos de Administração, Logística e Portos (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DONA ESCOLÁSTICA ROSA, 2022).

Em 1992, por meio da Resolução SC nº 02/92 de 25 de janeiro de 1992, a Escola Estadual de Segundo Grau Dona Escolástica Rosa, situada à Av. Bartolomeu de Gusmão n.º 111 (Figura 1), foi tombada pelo CONDEPASA, órgão de Defesa do Patrimônio Cultural e Histórico de Santos (SANTOS, 2016). E com a Resolução SC nº 63/13, de 07 de agosto de 2013, houve a deliberação do tombamento do conjunto de edificações da Escola Técnica Estadual Dona Escolástica Rosa, antigo Instituto Escolástica Rosa, no município de Santos, pelo CONDEPHAAT, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo. (SÃO PAULO, 2016)



Figura 1 – Fachada do edifício antigo da Etec Dona Escolástica Rosa, em 2018.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O antigo prédio da Etec Dona Escolástica Rosa, localizado na Avenida Bartolomeu de Gusmão, 111, no Bairro da Aparecida, foi desocupado em 31 de dezembro de 2018, devido a finalização do contrato com o locatário e por problemas estruturais (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DONA ESCOLÁSTICA ROSA, 2019) e, no dia 07 em março de 2019, passou a funcionar em um outro imóvel locado, desta vez à Avenida Senador Feijó nº 340/350 – térreo, terceiro e quarto andares (Figura 2).



Figura 2 – Fachada da atual Etec Dona Escolástica Rosa, em 2022.
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

O presente trabalho tem por objetivo resgatar e eternizar a história de sucesso de alguns ex-alunos/empresários da Etec Dona Escolástica Rosa, com a utilização da metodologia da História Oral de Vida e divulgar os depoimentos desses sujeitos envolvidos no projeto de pesquisa coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, aprovado por um comitê de ética com o Parecer 4.813.867/2021.

Com resultado desta pesquisa, pretende-se conhecer e difundir a cultura e as práticas empreendedoras de profissionais formados pela Etec Dona Escolástica Rosa, e apresentar suas histórias de sucesso nas áreas escolhidas, para assim contribuir na construção do aperfeiçoamento da educação profissional oferecida e no desenvolvimento empresarial do país. Sendo a Etec Dona Escolástica Rosa uma escola centenária, e localizada no litoral do Estado de São Paulo, atrai muitos alunos da região e está comprometida em preservar a sua memória institucional.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICO DA PESQUISA: MEMÓRIA, EMPREENDEDORISMO E HISTÓRIA ORAL

A memória (do latim *memoria*) é a faculdade psíquica através da qual se consegue reter e (re)lembrar o passado. A palavra também permite referir-se à lembrança/recordação que se tem de algo que já tenha ocorrido, e à exposição de factos, dados ou motivos que dizem respeito a um determinado assunto. (CONCEITO DE, 2016)

Segundo Le Goff (LE GOFF, 1994 *apud* SILVA; SILVA, 2015, p. 277) a memória “é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História. (SILVA; SILVA, 2015, p. 277)

A memória para as instituições é muito importante, principalmente no que diz respeito a escola, para ajudar na construção do conhecimento. É um alicerce para a vida e deve ser preservada. “Preservar a memória institucional é manter a instituição viva e uma forma de fortalecer suas bases, para que essa memória seja preservada, é preciso conservar fotos, documentos, objetos e organizar os registros dos fatos”. (FUNDACENTRO, 2016)

Essa memória pode e deve ser preservada de diversas maneiras e para este trabalho foi empregada a metodologia da história oral, para assim contribuir com a preservação da memória da Etec Dona Escolástica Rosa, e posterior pesquisa de outros historiadores.

Quanto ao Empreendedorismo, “entrepreneurship” termo usado em inglês, refere-se a uma conotação prática, envolvendo atitudes e ideias,

significando em fazer coisas novas ou desenvolver maneiras novas de fazer as coisas. O termo Empreendedorismo teve início devido a necessidade de desenvolver a economia e com isso abrir novos caminhos, gerando e distribuindo riquezas e benefícios para a sociedade, não somente pelo estado como também pelas Organizações Não Governamentais. (ALVES, 2022, p.15)

Como descrito por Justus (2007, p. 50) o empreendedor tendo o objetivo de crescer, “é muito importante que tenha consciência de que só existe uma pessoa absolutamente responsável por sua carreira: você mesmo”.

A iniciação para a prática empreendedora envolve tanto o desenvolvimento da autoconsciência quanto o do know-how, ou seja, um autoaprendizado adquirido pela vivência e pela prática. “Empreendedores são as pessoas que fazem o empreendedorismo acontecer, quando percebem uma oportunidade de negócio e têm boas ideias para criar uma empresa e oferecer um produto ou serviço de interesse do consumidor”. (ALVES, 2022, p. 18)

São descritas 10 (dez) características importantes para ser um empreendedor, de acordo com SEBRAE (Serviços Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas):

1. Busca oportunidades e tem iniciativa;
2. Corre riscos calculados;
3. Exige qualidade e eficiência;
4. Persistência;
5. Comprometimento;
6. Busca de informações;
7. Estabelecimento de metas;
8. Planejamento e monitoramento sistemático;
9. Persuasão e rede de contatos;
10. Independência e autoconfiança (ALVES, 2022, p. 18-21)

Para a História Oral um dos conceitos utilizados na literatura é o de Meihy e Holanda (2014):

[...] é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos, conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2014, p. 15).

E para a realização do processo de história oral deve ter início com um projeto bem planejado para uma situação de pesquisa específica, e com isso necessita-se de um bom roteiro para o desdobramento do trabalho. Existindo para a realização da história oral a definição de cinco momentos principais, tais como: elaboração do projeto; gravação; estabelecimento do documento escrito e sua seriação (confeção do documento escrito); sua eventual análise; arquivamento; e devolução social.

- Elaboração do projeto – definir critérios de procedimento, inclusive da constituição do banco de dados, para as transcrições e transcrições. Coletar as entrevistas, e posteriormente o texto deve ser escrito e com a autorização do entrevistado;
- Gravação – a entrevista necessita ser previamente estabelecida, como sendo um documento materializado e o registro das entrevistas é a razão desta, como também para o seu arquivamento, pensando no destino dessas gravações, que devam ser mantidas e disponibilizadas para um futuro;
- Confeção do documento escrito – neste momento a gravação deve ser transcrita, tendo o cuidado da transposição do oral para o escrito. E, também a realização da transcrição documental;
- Análise – é o momento em que o texto escrito é analisado, em virtude da necessidade da realização da “edição” do texto;
- Arquivamento – nesta etapa tem-se os cuidados com a guarda e manutenção do material;
- Devolução social – o retorno aos grupos deve ser previsto e também a doação dos documentos gerados (MEIHY; HOLLANDA, 2014, p. 30-31).

HISTÓRIAS DE VIDA DE EX-ESTUDANTES EMPREENDEDORES

Para a construção da “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” da Etec Dona Escolástica Rosa, inicialmente foi realizada uma pesquisa documental nos acervos escolares, através deste levantamento foram identificados os alunos que se tornaram empresários após a formatura, a fim de convidá-los a participar dessa pesquisa.

Convidados diversos profissionais da Etec com alguma relação aos respectivos cursos técnicos, porém nem todos quiseram ou estavam disponíveis a participar destas entrevistas de História Oral, por este motivo a adesão foi pouca. Até o presente momento conseguiu-se 3 (três) ex-estudantes, para realizar as entrevistas por meio de gravações, algumas online devido à época da pandemia do Covid 19. Posteriormente, foram realizadas as transcrições e

requeridos os termos de autorizações de imagens, de cessão de autoria e de consentimento livre e esclarecido para a publicação.

MARIA DO SOCORRO GOMES: Técnica em Nutrição e Dietética e Técnica em Administração

Maria do Socorro Gomes (Figura 3), nasceu na Paraíba, e veio para a cidade de São Paulo com cerca de 2 anos de idade. Começou a trabalhar cedo devido às necessidades da família. Casou-se cedo também e, logo após a aposentadoria do esposo, veio morar em Santos, onde conseguiu fazer um curso Técnico em Contabilidade, que equivalia ao segundo grau completo, mas com a necessidade fez tentar empreender, por volta de 2004, logo após o fechamento da empresa em que trabalhava, vendendo acessórios finos adquiridos em feiras de negócios em São Paulo, pesquisando a respeito, logo começou a confeccionar as próprias peças e seguiu por alguns anos. Mas, por falta de preparo e conhecimentos não teve como consolidar o negócio.



*Figura 3 – Maria do Socorro Gomes¹⁷.
Fonte: CENTRO PAULA SOUZA, 2022.*

Gostando de cozinhar, Maria do Socorro Gomes, paralelamente a confecção de bijuterias, foi fazer bolos e doces para os amigos mais próximos. E se interessando mais pela culinária, se inscreveu na Etec Dona Escolástica Rosa, em 2017, no curso Técnico de Nutrição e Dietética, a princípio achando que se tratava de um curso voltado para culinária, mas foi surpreendida ao ver que o curso era um processo, de tudo que se deve saber, para empreender em várias áreas.

Para compreender o processo de empreendedorismo, continuou optando pela culinária e aperfeiçoando, fez mais um curso Técnico em Administração, em 2018, também pela Etec Dona Escolástica Rosa. O momento atual

¹⁷ Consultar entrevista: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=128&vol=99>
Acesso em: 06 set. 2022 (CENTRO PAULA SOUZA, 2022).

de pandemia do Covid – 19, fez continuar tentando administrar os dois processos, pois quando a situação melhora consegue vender mais acessórios, e quando piora vende comida (GOMES, 2021). Sempre teve vontade de voltar a estudar e se capacitar, tendo quase 60 anos, e enquanto estiver com saúde, não vai desistir, e se não der certo este vai tentar outro negócio. Toda a base adquirida até hoje vem do ensino técnico, que adquiriu com todas as aulas e procedimentos de higiene, segurança, ética, legislação, contabilidade, transporte, logística, administração e muitos outros ensinamentos que leva para a vida. Os cursos técnicos foram completos, porém pensou que deveria ter feito mais cedo, mesmo assim está plena por ter concluído estes, e quem sabe em breve fazer outros!

[...] Taxas altas de desemprego, entre outros fatores, têm feito com que muitas pessoas busquem o empreendedorismo como uma alternativa viável. Ter uma ideia brilhante, dirigida a um mercado que conhece muito pouco e em um ramo de atividade no qual nunca atuou profissionalmente é um tiro no pé, a Etec me deu suporte para não me empolgar e ter discernimento para não dar o passo maior que a perna, infelizmente as políticas locais não nos ajudam a abrir um negócio não é tão fácil assim, principalmente porque além de superar os desafios do mercado, precisamos arcar com a excessiva carga tributária, o excesso de burocracia, a lentidão da justiça, a dificuldade em encontrar mão de obra qualificada, entre outros fatores. [...]. (GOMES, 2022, p. 5)

Atualmente está cursando Serviço Social na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com a perspectiva de que as atividades empreendedoras promovam e gerem empregos, crescimento econômico, diminuição das desigualdades sociais e inovação, querendo:

[...] lutar por uma sociedade mais justa e igualitária, com a meta é tentar envolver-se ao máximo para que estas políticas públicas, que se possa ser viável a todos e que possamos diminuir a desigualdade social tão latente em nossa sociedade, falta muito, mas tenho certeza que a união faz a força! [...]
(GOMES, 2021, p. 5)

LEONARDO BARBOSA DELFINO: Técnico em Administração

Leonardo Barbosa Delfino (Figura 4), nasceu na cidade de Santos, seus pais foram bancários e atualmente estão aposentados. Em 2002, o pai fundou uma empresa de administração, onde também trabalhou por um tempo com

a elaboração de planilhas em excell, porém essa empresa teve que ser vendida em 2015. Segundo Delfino (2021)

[...] acho que empreender ou você nasce com essa vontade ou já tem um perfil de empreendedor que é mais arrogado, acho quando você tem medo dos riscos, acho que é um passo para você não empreender. Lembrando que empreendedorismo não é só abrir empresa, você também pode empreender numa posição, numa empresa em que você atue como colaborador moldando todo aquele cargo tornando mais eficiente visando de fato contribuir tanto financeiramente quanto operacionalmente naquela empresa. Empreendedor é preciso ter aquela vontade de abrir empresa de fato um CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), abrir um novo negócio. Ele tem que ter aquela vontade de fazer a diferença um propósito, algo de valor a oferecer, tem que ter um produto uma entrega de qualidade e aquele empreendedor quando segue três vertentes: entrega no prazo, preço justo e entrega com qualidade. [...]. (DELFINO, 2021, p. 3)



Figura 4 – Leonardo Barbosa Delfino¹⁸.
Fonte: CENTRO PAULA SOUZA, 2022.

O estudo do curso Técnico em Administração na Etec Dona Escolástica Rosa foi muito importante para aprender a trabalhar com a prática nas aulas, tirar do papel, conversar com o grupo, fazer entregas, a escola técnica treina muito para a prática profissional. Aprendendo muito sobre o balanço financeiro, toda a parte contábil que é muito importante, parte administrativa, liderança, trabalhar em equipe, marketing, toda a parte de formalização, parte jurídica etc. Ajudando a tomar decisões, a Etec foi fundamental para absorver as competências técnicas necessárias, inclusive as competências humanas também. Porém as principais foram as que ajudam a argumentar e abrir uma empresa, tudo certinho e com qualidade. A Etec foi básica por poder contar

¹⁸ Consultar entrevista: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=168&vol=110>
Acesso em: 06 set. 2022 (CENTRO PAULA SOUZA, 2022).

com os professores, da metodologia de ensino, dos trabalhos, da estrutura. Estudou sempre em escolas particulares, e se surpreendeu com a experiência sensacional da Etec Dona Escolástica Rosa.

No seu depoimento, Delfino informa que no curso técnico da Etec têm-se algumas matérias relacionadas ao empreendedorismo, como analisar o mercado mais a fundo, fazer análise de “SWOT” (técnica de planejamento estratégico utilizada para auxiliar pessoas ou organizações a identificar forças, fraquezas, oportunidades, e ameaças relacionadas à competição em negócios ou planejamento de projetos), a realização do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) como parte do Plano de Negócios (como conseguir verba, pagar a contabilidade mensalmente, administrar o capital de giro, contratar colaboradores e pagar tudo nos primeiros meses da empresa). Destacando, “então acho que precisa dar esse empurrãozinho, que é a gasolina para a Ferrari sair, como eu falo está criando Ferrari mais falta gasolina”. (DELFINO, 2021, p. 9)

Quando terminou o curso na Etec em 2014, começou a analisar o mercado, estudou muito, fez Graduação em Engenharia de Produção, em 2016, e nesse meio tempo, focou nos relacionamentos na cidade, importante para ver como o mercado estava atuando, quais são os pontos positivos e negativos, e o que estão mais buscando. Assim sendo, em 2019, fundou a “Criando Valor” junto com seu pai, após uma consultoria para um colega, uma Universidade sobre a realidade aumentada, realidade virtual, “gamificação”, tendo brechas no mercado que poderiam ganhar em potencial, e deu certo e assim mudou o rumo e hoje não faz mais consultoria, estão atuando mesmo em tecnologia. Delfino fez Pós-Graduação em Administração de Empresas, em 2021, e isso tornou mais fácil o lado do empreendedorismo.

No início do negócio não foi fácil empreender, pois as vezes desanimava obviamente, lidando com as pessoas não é fácil, “cada colaborador tem uma história, tem crenças, tem problemas, então sempre tem que saber jogar o jogo saber entender os problemas das pessoas, ser solidário por outro lado, saber também cobrar pelo serviço que tem que ser executado”. (DELFINO, 2021, p. 5)

Delfino (2021) relata que da sua geração para baixo, é muito ansiosa, quer tudo para ontem, então esse é um ponto, mas teve a experiência com seu pai e conseguiu entender melhor as coisas para ter mais calma no processo do negócio. Tem que correr para corrigir, principalmente com pessoas, mais isso faz parte, do empreender. Que não é fácil empreender, não se pode romantizar, porque é uma luta diária, mais é satisfatório, “porque quando se entrega um produto de qualidade o cliente fica feliz, consegue um retorno financeiro, que é de fato algo positivo, quando o mercado aceita e compra, então é uma satisfação”. (DELFINO, 2021, p. 6)

Participa do Núcleo Jovem da Associação Comercial de Santos, do Lide Futuro grupo de líderes empresariais, do Rotary Club de Santos que é o maior da América Latina, colunista na A Tribuna, tem uma ONG (Organização Não Governamental) chamada de Tripulantes do Bem, faz parte do Conselho da

Etec, faz parte da Associação Comercial de Santos Núcleo Jovem em parceria com o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas), para treinar jovens sobre empreendedorismo, tirar uma ideia do papel e direciona crédito a juros quase zero com parceiros, entre outros.

A empresa foi indicada ao prêmio Lide Baixada e Jovem Empreendedor do ano (2021), participou do prêmio “Eletromídia” em 2021, conseguiu o Certificado “Great Place to Work” (que significa lugar bom para trabalhar), uma empresa que faz auditoria, conversa com os colaboradores para ver se eles gostam e tal, certificado muito importante e difícil de conseguir e mostra que o ambiente de trabalho é bacana e é uma conquista também.

JANAYNA FARES DOS SANTOS: Técnica em Nutrição e Dietética, Técnica em Eventos e Pós-técnica em Organização de Eventos Corporativos

Janayna Fares dos Santos (Figura 5), nasceu na cidade de Santos, vindo de família humilde, que preservava a educação e ocupação nas mentes, incentivada sempre incentivou a buscar seus sonhos, motivada pelas mulheres da família e foi através dos estudos onde se encontrou.



Figura 5 – Janayna Fares dos Santos.
Fonte: CENTRO PAULA SOUZA, 2022.

Além do ensino regular, atividades culturais como o teatro, a música, a dança, a culinária, os trabalhos manuais e os esportes estavam sempre na sua rotina. Com o ensino médio completo e início da vida adulta, fez cursos de línguas, de informática e, também, os cursos técnicos: Nutrição e Dietética, na Etec Dona Escolástica Rosa, Técnica em Eventos e Pós-Técnico em Organização de Eventos Corporativos, na Etec Aristóteles Ferreira, ambos, em Santos, e que foram alicerces e construíram a sua formação profissional.

Janayna Fares dos Santos (2022) nos disse, que sempre gostou de organizar festas, comemorações familiares, participar na produção dos eventos escolares e de tantos outros momentos festivos, tudo muito informalmente. Trabalhou na área administrativa e financeira de empresas do comércio e es-

critérios, e no meu último emprego formal, foi que aprendeu sobre a abertura e administração de empresas, no qual poderia empreender, trabalhar com o que realmente gostava.

Durante a sua formação no curso Técnico em Eventos, no qual teve a tarefa de criar uma empresa de eventos, definindo identidade, valores, marca, logomarca, slogan, plano de negócios, enfim todo o planejamento de criação de uma empresa. Posteriormente, com a sua saída da empresa, em 2018, iniciou a jornada empreendedora, tornou-se MEI (Microempreendedor Individual) abrindo a empresa – “Degust’Art Eventos”.

Como toda abertura de negócio, têm-se dúvidas e questões protocolares que demandam tempo, e uma certa burocracia, mas com o auxílio do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) via internet, conseguiu arranjar a “Degust’Art Eventos” que surgiu na ideia de atividade em aula sair do papel. As referências dos empregos formais foram essenciais para continuar. Criar uma marca e a identidade dela pode parecer fácil, mas fazer que ela seja reconhecida e que o seu produto chegue até seu cliente alvo é bem mais difícil. O objetivo principal da **“Degust’Art” Eventos** é levar qualidade e excelência dos alimentos e bebidas para os eventos corporativos.

Os serviços foram surgindo e a sua empresa se destacando na atuação no ramo Alimentos e Bebidas para o perfil de eventos corporativos. Muitas empresas e buffets da região atende além dos corporativos, os eventos sociais (aniversários, casamentos, etc), que são os serviços mais requisitados, mas uma empresa focada somente para este tipo de cliente, são poucas as empresas na região. E assim um serviço que agregue ao cliente um resultado de sucesso é a meta da sua empresa. Hoje possui uma singela carteira de clientes, mas busca sempre inovar e oferecer o melhor em coffee breaks, brunchs, welcome coffees, cocktail partys e muito mais.

A formação técnica foi de extrema importância, pois nela além do conteúdo teórico, tem-se o prático real, que faz total diferença quando se busca o mercado de trabalho, sendo o colaborador ou proprietário. Segundo Santos (2022), nos cursos Técnico em Eventos e Pós-Técnico em Eventos Corporativos, mostraram realmente o que é ser um profissional do setor.

[...] Os projetos para desenvolvimento de empreendimentos tiveram um certo gás neste último ano devido a pandemia e suas consequências. Estes tipos de ações e participações estão mais perceptíveis agora, mas deveriam já ocorrer muito antes para assegurar o direito de cidadania ao Microempreendedor Individual. Ainda mais agora, mesmo com os incentivos mínimos, não temos certeza total de que podemos ter este suporte, a certeza que nosso setor tem, que se não buscarmos nós mesmos nos mantermos ativos e seguir dignamente com nossos negócios. Mas o importante é nunca desistir”. (SANTOS, 2022, p. 7)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professora-pesquisadora do Acervo de Memória da Etec Dona Escolástica Rosa, desde 2015, a história oral com as experiências de vida de ex-aluno, é de suma importância para a preservação da memória desta instituição visto que completou 104 anos de existência na formação de profissionais de várias áreas de estudo. Para este trabalho foi necessário inicialmente o levantamento de ex-alunos através de conversas com os coordenadores de cursos que após o término dos cursos se tornaram empreendedores de sucesso. Com as sugestões de nomes e contatos telefônicos, pode-se marcar as devidas entrevistas (online, devido a pandemia).

Foram realizadas 3 (três) entrevistas com ex-alunos de diferentes áreas dos diversos cursos técnicos (administração e nutrição) oferecidos pela Etec “Dona Escolástica Rosa”, registrando suas falas e transportando para a escrita afim de gerar fontes documentais.

Através dos relatos obtidos sobre as práticas escolares e perceber a importância do estudo do curso técnico na vida profissional desses empreendedores, para que pudessem optar pela carreira de sucesso e despertando para a cidadania, podendo ajudar a conhecer a trajetória da profissão dentro da instituição.

Na primeira entrevista com a Sra. Maria do Socorro Gomes, ela disse toda a base adquirida até hoje vem do ensino técnico, que adquiriu com todas as aulas e procedimentos de higiene, segurança, ética, legislação, contabilidade, transporte, logística, administração e muitos outros ensinamentos que leva para a vida. (Cursos Técnicos em Nutrição e de Administração).

Com o Sr. Leonardo descreveu que o estudo no curso Técnico em Administração foi muito importante para aprender a trabalhar com a prática nas aulas, balanço financeiro, parte contábil que é muito importante, administrativa, liderança, trabalhar em equipe, marketing, toda a parte de formalização, parte jurídica etc. Assim ajudou na tomada de decisões no decorrer da sua atividade profissional como empreendedor.

E por último, não menos importante a Sra. Janayna que sempre gostou de organizar festas, comemorações familiares e assim participando na produção dos eventos escolares e de tantos outros momentos festivos, abriu uma empresa de eventos em Alimentos e Bebidas, na qual descreve que a sua formação técnica foi de extrema importância, pois nela além do conteúdo teórico, tem-se o prático real, que faz total diferença quando se busca o mercado de trabalho, sendo o colaborador ou proprietário.

Por meio dessas entrevistas a comunidade interna e externa pode conhecer um pouco mais dos cursos e da sua importância na história e do patrimônio cultural na região. Portanto, na análise positiva desta pesquisa, percebe-se que o estudo técnico para os empreendedores foi de grande valia com utilização das competências e habilidades adquiridas para a expansão e sucesso na sua História de Vida e Profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre R. (org.) Pernambuco (Estado). Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. **Empreendedorismo e inserção no Mundo do Trabalho** / Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Estado de Pernambuco, organizado por Alexandre Rodrigues Alves. – Recife: SECTMA, 2009. v.2; p.: il. Disponível em: <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_ctrl_proc_indust/tec_autom_ind/empreend/161012_empreend.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica. **Sítio eletrônico**. São Paulo. 2022. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoralemp.php>. Acesso em: 6 de set. de 2022.

CONCEITO.DE. **Memória**. Disponível em: <<http://conceito.de/memoria#ixzz4EhkK6duC>>. Acesso em: 09 de jul. de 2016.

DELFINO, Leonardo Barbosa. **Entrevista concedida à Maria Cirino dos Santos, em 1 de dezembro de 2021**, em Santos/SP. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEpe_DocRE_LBD2021.pdf. Acesso em: 6 set. 2022.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DONA ESCOLÁSTICA ROSA. **Plano Pluri Anual de Gestão**. Santos/SP. 2019. Disponível em: Acervo da Coordenação Pedagógica. Acesso em: 05 de ago. de 2019

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DONA ESCOLÁSTICA ROSA. **Plano Pluri Anual de Gestão**. Santos. 2022. Disponível em: Acervo da Coordenação Pedagógica. Acesso em: 05 de ago. de 2022

FUNDACENTRO. Sítio eletrônico. **A importância da memória institucional**. Disponível em: <<http://www.fundacentro.gov.br/resgate-historico/a-importancia-da-memoria-institucional>>. Acesso em: 09 de jul. de 2016.

GOMES, Maria do Socorro. **Entrevista concedida à Maria Cirino dos Santos, em 18 de abril de 2021**, em Santos/SP. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoralemp.php>. Acesso em: 6 set. 2022.

JUSTUS, Roberto. **O empreendedor: como se tornar um líder de sucesso.** Roberto Justus com Sérgio Augusto de Andrade. São Paulo: Laurosse do Brasil, 2007.

MEIHY, José Carlos S. B. e HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** – 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal e ALVES, Julia Falivene (orgs). **Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo: Uma História em Imagens (Álbum Fotográfico).** São Paulo: Centro Paula Souza. 2002, p. 193-195.

SANTOS, Janayna Fares dos. **Entrevista concedida à Maria Cirino dos Santos, em 21 de dezembro de 2022,** em Santos/SP. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=212&vol=110>
Acesso em: 15 mar. 2023

SANTOS, Prefeitura Municipal de. **Relação dos bens tombados pelo CONDEPASA** (órgão autônomo e deliberativo que cuida do tombamento e da preservação dos bens culturais e naturais situados no município de Santos). Disponível em: <<http://www.santos.sp.gov.br/sites/default/files/conteudo/Resolu%C3%A7%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

SÃO PAULO, Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. **Decreto n.º 48.456, de 20 de janeiro de 2004.** Autoriza a transferência da Escola Estadual Escolástica Rosa, para o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – CEETEPS. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2004/decreto-48456-20.01.2004.html>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

SÃO PAULO, Secretaria da Cultura. **Bens Tombados pelo CONDEPHAAT.** Diário Oficial Poder Executivo – Seção I. de 21 de agosto de 2013, p. 47-49. Disponível em: <[http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SC%2062,%20de%2007-08-2013%20\(DOE%2021-08-13%20pgs.%2047-49\).pdf](http://www.cultura.sp.gov.br/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SC%2062,%20de%2007-08-2013%20(DOE%2021-08-13%20pgs.%2047-49).pdf)>. Acesso em: 09 jul. 2016.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. **Memória: dicionário de conceitos históricos.** 3ª Ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2015. p. 277. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_MEM%C3%93RIA.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016.

História oral na educação profissional e tecnológica: memórias de ex-aluno da Etec José Martimiano da Silva

Érika da Silva Bronzi Moura
Escola Técnica Estadual José Martimiano da Silva

INTRODUÇÃO

A formação profissionalizante durante o século XIX e no início do século XX foi direcionada a educação dos menos favorecidos, idealizada pela classe dominante o que pode ser visto nos projetos de lei e na evolução histórica. (VILLELA, 2021)

Ainda segundo Villela (2021, p. 21) “na retórica dos políticos e nos projetos de lei a escola profissionalizante surgia como benemerência de alguns, assistência social aos órfãos e desvalidos da fortuna para outros”.

Historicamente, durante a República, a educação passa a ser concebida como instrumento necessário e essencial para o desenvolvimento econômico, social e político de um país, capacitando os cidadãos para um trabalho mais exigente de formação técnica. (VILLELA, 2021)

Para Hobsbawm (1988) as escolas tanto as criadas pelo Estado como as criadas pelas classes dirigentes foram essenciais para o fortalecimento do ideal de educação universal, nesse novo contexto a educação profissionalizante não era mais voltada apenas para os desvalidos da fortuna, mas para controlar uma classe trabalhadora que mantinha a educação como expectativa para uma ascensão social. Essa ascensão combateria o ideário anarquista e socialista demonstrando que a educação poderia ser uma oportunidade para a ascensão social que obteria benefícios no mundo capitalista, nessa sociedade republicana. Colocando a educação como a chave para o sucesso e oportunidades.

Nos cursos de mestrado profissional se faz necessário que o professor desenvolva um produto e/ou um processo educacional, que deve ter formatos diferenciados, que se relacionam ao contexto no qual estão presentes e que sejam aplicados ao contexto real. Contudo, muitas vezes eles não resultam em inovações e não relacionam com os problemas enfrentados pela sociedade brasileira e nem mesmo com os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) preconizadas pela ONU (Organização das Nações Unidas) para serem atingidos pela Agenda 2030 no Brasil. (TEODORO, 2012; ONU, 2022)

Segundo a Organização das Nações Unidas os objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. (ONU, 2022)

Alguns autores como Moura, Lima Filho e Silva (2015) fazem questionamentos em relação a formação no Brasil se é possível oferecer uma formação ampla em uma sociedade capitalista periférica que ofereça processos formativos emancipatórios como o empreendedorismo. O empreendedorismo assume diversas definições; processo de destruição criativa através da criação de produtos e/ou métodos de produção ou processo de transformação dos sonhos em realidade; processo de transformar sonhos em realidade o que reflete na habilidade de criar algo a partir do pouco. Ao ver todas essas definições é possível compreender que elas perpassam no contexto de transformação do ambiente social e econômico onde o indivíduo empreendedor está inserido.

No sentido estruturante do trabalho é necessário considerar dois empreendedorisos; o que fomenta o capital e o que precisa ser ressignificado a partir das lutas históricas da classe trabalhadora. (TEODORO; NEVES; MARCUSSO, 2012, p. 5) No caso do empreendedorismo relacionado a classe de trabalhadores compreende aquele relacionado ao processo de criação a partir de uma visão geral do mundo e a capacidade de interpretá-lo e de buscar soluções possíveis para transformá-lo o que apresenta relação e sentido ao ensino na Educação Profissional e Tecnológica, contudo ainda não é amplamente trabalhado nos currículos dos diversos cursos Técnicos. O empreendedorismo nesse caso aparece como uma opção de gerar capital a um trabalho, como a expansão de um trabalho informal, como a flexibilização salarial, funcional, organizativa.

Como empresário o sujeito experimenta a sensação de liberdade, autonomia, evoca a criatividade, iniciativa, flexibilidade e desempenho. Contudo, ele pode ser levado ao caminho da sua própria destruição, pois a suposta liberdade anda ao lado de um trabalho totalitário, que pode associar-se a mais tempo de trabalho em uma espécie de servidão.

Desta forma, o empreendedorismo é ressignificado em um momento de contradições onde o trabalhador se coloca em uma situação de escolha entre: empreender ou ficar desempregado, realidade de muitos brasileiros que são levados a empreender sem conhecimento e nenhuma capacitação na área trabalhada. O ensino técnico profissionalizante deve ser considerado como um local onde gera conhecimentos, discuta e explore temas nesse sentido de fornecer ferramentas inerentes ao empreendedorismo. Segundo Teodoro, Neves e Marcusso (2012):

A escola, ao explorar os temas e as ferramentas inerentes ao empreendedorismo, deve optar por um enfoque crítico, ou seja, precisa instrumentalizar trabalhadores e trabalhadoras para o

empreendedorismo em uma sociedade que não é capaz de prover empregos dignos. É por meio da construção de novas sínteses e da ressignificação do trabalho do empreendedor que a EPT (Escola Profissionalizante Tecnológica) poderá construir uma abordagem emancipadora para a temática. Por fim, essa nova consciência, que contribui por meio da instrução tecnológica para um empreendedorismo e para um trabalho não alienado, pode configurar-se como a semente de uma formação integral, politécnica e unitária que cresce aproveitando-se das contradições do capitalismo. (TEODORO; NEVES; MARCUSSO, 2012, p. 5)

Desta forma, o objetivo do presente artigo é descrever através da análise de entrevista de história oral de vida de ex-aluno de cursos técnicos da Escola Técnica Estadual (Etec) José Martimiano da Silva, situada no município de Ribeirão Preto/SP as influências que o estudo técnico exerceu nas suas atividades profissionais como empreendedor.

METODOLOGIA

O artigo científico visa descrever a relação da escola e o empreendedorismo, destacando na visão do ex-aluno o protagonismo da escola.

Na metodologia do estudo foi realizada uma entrevista com ex-aluno de escolas técnicas, no caso o ex-aluno estudou em duas Etecs uma delas situada no município de São Joaquim da Barra/SP, e outra, em Franca/SP, atualmente é professor da Etec José Martimiano da Silva e já foi um empresário do município de Ribeirão Preto.

O contato inicial com o entrevistado foi por telefone, momento em que recebeu o convite para participar do estudo pela professora autora do presente trabalho. Posteriormente, foi agendada a entrevista realizadas pelo aplicativo Teams.

Em seguida, a entrevista foi agendada no local escolhido pelo entrevistado, e gravada utilizando o aplicativo Teams. Essa entrevista faz parte do projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores” realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza, do qual a autora faz parte, inscrito na Plataforma Brasil CAAE 4847321.4.0000.8125, com aprovação do Comitê de Ética da Faculdade Santa Marcelina de São Paulo, Parecer nº 4.813.867/21, e direcionado à Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica.

A entrevista foi semiestruturada, conduzida com base em perguntas previamente direcionadas e outras que surgiram no momento da entrevista, conforme discurso do entrevistado. Foi realizada a transcrição da entrevista e a análise da história de vida oral do ex-aluno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado desse trabalho científico é importante contextualizar historicamente a unidade escolar, posteriormente serão apresentados os resultados e discussões perante a entrevista realizada.

Inaugurada, em 1927, com o nome de Escola Profissional de Artes e Ofícios, a Etec José Martimiano da Silva teve iniciada sua construção em 1922. Sua execução fazia parte das comemorações da passagem do primeiro centenário da Independência do Brasil. Coincidentemente, neste ano, comemoramos o bicentenário da Independência de nosso país.



*Figura 1 – Escola Técnica Estadual José Martimiano da Silva.
Fotografia: Amanda de Paula Ferreira, em maio de 2017.*

O terreno para a construção da escola, que até hoje é conhecida por muitos com o nome de Industrial, foi doado pela prefeitura da cidade, que na época tinha como representante João Rodrigues Guião. A escritura de doação do terreno foi passada no Primeiro Tabelião em Ribeirão Preto, no dia 24 de março de 1926, e media 80 metros de frente por 150 metros de fundo.

Construída no período denominado Belle Époque pelo engenheiro Antônio Soares Romão, a Etec José Martimiano da Silva foi tombada, provisoriamente como patrimônio histórico pelo Conppac (Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural) em 2011. Atualmente, o projeto de restauração está em processo de licitação, já iniciado o trabalho de verificação de diferentes camadas em que já foi pintada a parede dos diversos ambientes.

Ao ser inaugurada, os primeiros cursos abrigados na instituição foram de Mecânica, Marcenaria, Fundição, Eletricidade, Desenho e Costura. Com a Revolução Constitucionalista de 1932, a escola cooperou com a fabricação de artigos como: quêpis, blusas, calças, ataduras e alimentação para voluntários.

Além de ter o registro de produção de materiais bélicos com fundição e preparo de granada, a marcenaria confeccionava cabos de madeira para fuzil e outros equipamentos bélicos.

Só em 1946 em homenagem ao seu idealizador, a Escola Industrial de Ribeirão Preto passou a ser chamada de José Martimiano da Silva.

A escola atualmente possui um corpo docente com cerca de 165 professores e 2253 alunos distribuídos em diversos cursos profissionalizantes, nas áreas de Gestão, Indústria, Saúde, Médio Integrado ao Técnico, Infraestrutura e Turismo. Todos com registros em seus respectivos conselhos.

A Etec José Martimiano passou a ser mantida pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, em 1994, antes pertencia à Secretaria Estadual da Educação. O Centro criado pelo governador Roberto Costa de Abreu Sodré iniciou suas atividades em 1970. Na época, a Instituição dedicava-se exclusivamente ao ensino superior quando, no início da década de 80 ampliou sua atuação, incorporando 12 unidades de ensino técnico de nível médio, as chamadas Escolas Técnicas Estaduais. Em 1994, foram incluídas outras 82 unidades, entre elas a José Martimiano da Silva.

Em relação ao objeto de estudo do presente artigo a entrevista realizadas com um ex-aluno, da área de Eletrotécnica. A seguir, será descrito o entrevistado e analisado seu discurso.

O entrevistado, professor Nivaldo Luis Badagnan (Figura 3), professor na Etec José Martimiano da Silva a mais de 46 anos na área de Eletrotécnica, já se aposentou há 8 anos. Mas, continua colaborando para o pleno funcionamento da nossa escola, atualmente como professor e membro da Associação de Pais e Mestres, como representantes de empresário da nossa cidade.



Figura 3 – Nivaldo Luís Badagnan.
Fonte: BADAGNAM, 2022.

O entrevistado Nivaldo Luís Badagnan (2022) em sua história oral de vida descreve detalhadamente como foi convidado para trabalhar na unidade escolar. Na época, ele estava terminando a graduação em Engenharia, foi abordado pelo Prof. Catita, diretor da unidade, com o convite para ministrar aulas na Etec José Martimiano da Silva, ele se disponibilizou, mas relatou que não tinha experiência. O professor falou que ele aprenderia e que teria o apoio do material didático utilizado na época, iniciando como professor-aluno.

A seguir, relato do entrevistado Badagnan (2022) que remete a esse momento:

[...] Como eu fazia curso no Moura Lacerda e morava a três quadras da escola para cima da Rua Tamandaré, um dia passando aqui pela manhã indo para a escola, o diretor na época senhor Catita me chamou eu estava descendo a rua com a régua T nas costas. Todo aquele equipamento. E o professor Catita me chamou perguntou se eu fazia engenharia ali no Lacerda, eu falei faço. Faço engenharia Civil aí e tal estou me formando. Não é interesse de você dar aula aqui na escola? – Eu nunca ministrei aula. Não tem problema não a gente te explica como é. – Mas eu não sou formado, sou aluno. Não tem problema agente te explica como é. Eu entrei como professor/aluno. A gente escolhia a aula junto com os professores da Secretaria da Educação. Tenho aula aí de “Organização e Normas”. Aí eu peço autorização na Secretaria da Educação e você pode ministrar as aulas sem problemas. – Eu falei: vamos lá. Aí eu fiquei umas duas semanas preparando as aulas de “Organização e Normas” ... Taylor sobre Ford, outro precursor que não me lembro agora, que falha a memória, sobre o desenvolvimento da indústria, da linha de produção da indústria principalmente da Ford. Como que houve a criação da linha de produção dos veículos e aí no segundo ou no terceiro dia apareceu uma apostila muito bem bolada, aí eu em cima da apostila comecei a dar aula, lá era anual passou um mês comecei a dar mais aulas e aí dessa época em diante eu parei a uns 15 anos atrás, que fiquei um ano e meio afastado porque eu tinha uma empresa. [...]
(BADAGNAN, 2022)

Durante a entrevista Nivaldo faz referência sobre sua formação e descreve sobre as escolas técnicas do interior do estado de São Paulo, apresenta referências importantes como a carga horária do curso, os cursos que a unidade escolar na época oferecia, os objetos que os alunos fabricavam na escola e com o dinheiro arrecadado da venda desses objetos era revertido em benfeitorias para a Etec. Em seguida, em sua entrevista, ele descreve a alimentação oferecida aos alunos, nessa fala observa-se que a grande maioria dos alunos

era de classe social baixa, pois segundo ele, muitos não tinham em casa refeições de qualidade como as oferecidas pela escola e que segundo a renda das famílias os alunos recebiam bolsas de estudo e para os alunos, cuja família residia em outro município tinham o alojamento, que em escolas agrícolas se mantem até os dias atuais. Falas que destacam esses pontos:

[...] Não eu estudei na escola. Na industrial de São Joaquim da Barra, certo. E depois, depois eu fiz técnico no colégio técnico de Franca, inclusive era período integral, que era a 4200 horas ao ano, você tinha que estudar de manhã e tarde; eu sei que a gente estudava de manhã e de tarde e tinha prática e de sábado ficava até meio dia. Aqui em Ribeirão não tinha colégio técnico. O primeiro colégio técnico que tinha foi o de Mococa. Mococa faz parte lá das 10 mais velhas do Centro Paula Souza. E nós pertencíamos a uma outra Secretaria já mudou várias vezes a Secretaria, Depois as escolas técnicas ... elas foram é, começaram a pertencer ao Centro Paula Souza. [...] (BADAGNAN, 2022)

[...] era o ginásio industrial na época os cursos eram de artes industriais. Industriais você envolvia toda a parte de elétrica, marcenaria, mecânica, incluía várias áreas. Então a gente fabricava móveis, fabricava brinquedo para crianças tipo esses tico-tico que você vai com o pé sentado ali do lado. Fábrica pirografo e vários equipamentos, muitos equipamentos tinha fatura de material era só pedir que ia. Comprava ferramentas não tinha falta de jeito nenhum e... com isso a gente fabrica vai nesses equipamentos e no final do ano tinha uma feira, o curso era anual e no final do ano tinha uma feira e esses equipamentos eram colocados à venda para a comunidade e com esse dinheiro que arrecadava voltava novamente para a instituição. [...] (BADAGNAN, 2022)

[...] de primeiro os colégios técnicos como era período integral de manhã, de tarde, e sábado até meio-dia eles ofereciam alimentação, alimentação boa e de qualidade tipo hotel 5 estrelas, é claro que não... não era um hotel 5 estrelas, mas um hotel 3 ou 4 estrelas não tinha refeição daquele jeito. Todo dia tinha arroz feijão uma coxa de frango uma carne, carne de boi é sobremesa de manhã tinha café leite pão leite com chocolate, pão com manteiga, pão com queijo e a noite tinha janta quer dizer 99% dos alunos que estavam ali comiam muito o melhor lá do que em casa. Além da refeição o que que tinha? Tinha uma bolsa que era um salário-mínimo. Não era a miséria de 100 conto era um salário-mínimo, o aluno que tinha um padrão de vida melhor ele recebia meio sa-

lário-mínimo que era para o da cidade dele porque tinha 5% dos alunos que eram de Franca o resto era de fora e era essa bolsa que ajudava tinha médico, tinha dentista na escola e até o médico era o Dr. Escolapo, Dr. Escolapo eu esqueço até hoje. eu ensino era de excelência isso. [...] (BADAGNAN, 2022)

A seguir, como forma de abordar os temas surgidos na entrevista semiestruturada, é apresentado o Quadro I, categorizando os temas retratados pelo entrevistado

Da transcrição da entrevista pode-se categorizar em cinco tópicos abordados pelo entrevistado: prestígio em estudar na escola Técnica, como conheceu a escola, incentivo da família, motivação.

Segundo André (1995) a metodologia utilizada em trabalhos de pesquisa com história oral de vida é adotada para conduzir as entrevistas e registrar depoimentos, os relatos das impressões e análise que eles fizeram. As trajetórias contadas, vivenciadas, e transcritas geram documentos que são objetos de estudo, em que se ouve a voz do outro e a partir dela constrói conhecimento e estabelece um debate rico de forma qualitativa e quantitativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado pode-se observar que a referida escola Etec José Martimiano da Silva e outras escolas técnicas pertencentes atualmente ao Centro Paula Souza são reconhecidas nos municípios do interior do estado de São Paulo pelo ensino de qualidade que oferecem. Atualmente continua sendo conhecida por muitos como colégio Industrial.

A Unidade Escolar nesse ano completou 95 anos realizando comemorações com alunos e docentes buscando sempre desenvolver no aluno um sintoma de pertencimento à escola.

O professor Nivaldo Luiz Badagnan durante a entrevista demonstrou orgulho por terem estudado na escola, relatam que os docentes sempre motivaram ao empreendedorismo e que algo que aproximava a teoria da prática profissional era que a grande parte dos docentes eram professores e atuavam no mercado de trabalho o que trazia ao aluno uma aproximação maior no mercado de trabalho.

Trabalhos como esse de história oral de vida são de grande importância para conhecer o perfil dos estudantes em diferentes décadas e de como a escola foi se modificando ao longo do tempo sempre buscando atender as exigências do mercado de trabalho que cada vez mais competitivo.

Quadro 1 – Categorização segundo temas recorrentes durante a entrevista

TEMA	ENTREVISTADO	ABORDAGEM
Prestígio em estudar na escola Técnica	BADAGNAN	Em sua fala o entrevistado relatou que fez a prova para entrar no “Industrial” que era algo que almejava muito, a escola não era localizada na cidade que residia, mas estava disposto a mudar de cidade para estudar, pois era uma oportunidade. Havia iniciado o Tiro de Guerra e teve que pedir autorização para mudar o tiro de Guerra de cidade para poder cursar Eletrotécnica no “Industrial”. A família ficou muito feliz pela conquista da vaga.
Como conheceu a escola	BADAGNAN	A escola era reconhecida por todos da cidade pela qualidade do ensino oferecido. Estudei no ginásio e posteriormente no curso Técnico
Primeira experiência profissional	BADAGNAN	Fiz estágio na Pirelli, uma grande empresa que pode me possibilitar experiência.
Incentivo da família	BADAGNAN	Relatou que sempre teve o incentivo da família, principalmente custeando os gastos que teve para estudar em uma cidade em que a família não residia.
Motivação	BADAGNAN	Os professores que ministravam aulas também eram empreendedores o que motivava ao concluintes abrir seu próprio negócio. [...] Oportunidade e garra. Se você for atrás das coisas as coisas acontecem. E como professor aqui montamos uma empresa de eletricidade e de TV a cabo. [...].

Fonte: Elaborado pela autora, em 2022.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Fundamentos da pesquisa etnográfica**. Etnografia da prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.
- BADAGNAN, Nivaldo Luis. **Entrevista concedida à professora Érika da Silva Bronzi Moura, em 16 de setembro de 2022**, em Ribeirão Preto/SP. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=231&vol=114>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- BELLOTTI, Eunice C. S. O projeto de memórias do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, suas concepções, fases e o resgate da história oral da Fatec Ourinhos. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org.). **Concepções, rupturas e permanências**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2021, p.445-459.
- HOBSBAUWM, E. J. **A era dos impérios**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Revisão técnica Maria Célia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KRÜGER, C.; MACIEL, J. S.; MINELLO, I. F.; COLETTTO, C. O Comportamento Empreendedor no Ensino Profissional e Tecnológico. Id on Line **Rev. Mult. Psic.**, v. 13, n. 44, p. 601-619, 2019 – ISSN 1981-1179. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 25 set. 2022.
- MOURA, D. H.; LIMA FILHO, D. L.; SILVA, M. R. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro**, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XBLGNcTcD9CvkMMxfq8NyQy/abstract/?lang=pt>. Edição eletrônica em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206313>. Acesso em: 25 set. 2022.
- Organização da Nações Unidas, Brasil. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável no Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 25 set. 2022.
- TEODORO, Eduani de Cássia Souza; NEVES, Rafael Felipe Coelho; MARCUSSO, Marcus Fernandes. **Empreendedorismo na educação profissional e tecnológica: a construção de um material educativo**. SciELO Preprints. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2779>. Acesso em: 25 set. 2022.
- VILLELA, Américo Baptista. Da oficina escola a escola oficina: os anos iniciais da escola técnica estadual Bento Quirino. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org.). **Concepções, rupturas e permanências**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2021, p. 21-49.

A Etec Pedro Ferreira Alves na década de 1980 e o empreendedorismo feminino

Fábia Dovigo Pais
Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves

INTRODUÇÃO

O tema desse estudo, História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores, tem uma estreita relação com o mundo do trabalho e se justifica através desse artigo, pois consistiu em pesquisar de forma generalizada os aspectos escolares do Ginásio Industrial Estadual Pedro Ferreira Alves, na década de 1980: os cursos, a grade curricular e outros elementos que nortearam as práticas pedagógicas na formação dos estudantes. Outra questão relevante é conhecer e compreender a relação da instituição de ensino com a cultura e as práticas empreendedoras de ex-alunos no município de Mogi Mirim, no Estado de São Paulo, com o objetivo de identificar a importância dos cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no Brasil.

A metodologia escolhida para ampliar as pesquisas neste artigo, tornando este trabalho completo em muitos aspectos, foi da História Oral, onde uma entrevista foi realizada com a ex-aluna Célia Regina Módena Montagnana, aluna concluinte do curso de 2º grau, no ano de 1982.

A História Oral pode ser definida como um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a cooperação de sujeitos considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos (CARVALHO; RIBEIRO, 2013), dessa maneira, vamos analisar os relatos e as ações da ex-aluna e buscar compreender como um curso técnico pode contribuir para a sua formação profissional proporcionando independência financeira e autonomia, principalmente numa época em que as mulheres eram relegadas em segundo plano, envolta a desempenhar o papel em atividades domésticas, sem muita voz ativa na sociedade.

O município de Mogi Mirim e a Escola Técnica

Célia Regina é nascida e vive até hoje em Mogi Mirim, município com forte contribuição dos imigrantes italianos para o seu desenvolvimento, com

aspecto urbano e economia bem diversificada. Esse município localiza-se a leste do Estado de São Paulo, com 499 quilômetros quadrados de território. A população estimada está próxima de 90 mil habitantes. O município é servido por três rodovias: A Rodovia “Adhemar Pereira de Barros” (SP-340) (Campinas-Águas da Prata), que possui pista dupla e serve de ligação de Mogi Mirim com Campinas, São Paulo e o Porto de Santos. A Rodovia “José Tosello” (SP-147), em pista dupla, faz a ligação do município com Itapira e Sul de Minas Gerais. No braço inverso, faz o elo entre Mogi Mirim e Limeira, alcançando a Rodovia Anhanguera. Por último, a Rodovia “Wilson Finardi” (SP-191) permite a ligação do município com Conchal e Araras, alcançando igualmente a Rodovia Anhanguera. Mogi Mirim possui dois Distritos Industriais. Ambos ficam a cerca de 40 minutos do Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas, e aproximadamente 150 quilômetros de São Paulo. Os parques são diversificados, com indústrias dos ramos metalúrgico, alimentício, de bebidas, calçados, equipamentos elétricos, hospitalares, fundição, peças sanitárias, filtros industriais e autopeças. O comércio de Mogi Mirim, tem caráter extremamente variado, com a oferta de enorme gama de produtos para as mais diversas finalidades. Além de estabelecimentos tradicionais, o comércio mogimiriano também incorpora lojas e magazines de destaque nacional, além de bancos e cinema. O setor agrícola também é importante, em razão de grandes plantações de mandioca e de laranja. Considerada como cidade simpatia, ainda conta com várias opções turísticas (Figuras 1, 2 e 3), e uma boa estrutura na gastronomia e hotelaria, conhecida na região como polo gastronômico. (MOGI MIRIM, 2022; BRASIL, 2022)



Figuras 1, 2 e 3 – Vista aérea do bairro Santa Cruz, conhecido como o local com o maior número de descendentes italianos; Igreja Matriz São José e antiga Estação Ferroviária, atual Espaço Cidadão.

Fontes: MOGI MIRIM, 2022; BRASIL, 2022.

Após conhecer esse contexto histórico municipal de panorama diversificado e urbano, precisamos destacar que com 58 anos de tradição e qualidade servindo a comunidade local e regional, se encontra a Escola Técnica Estadual (Etec) Pedro Ferreira Alves (Figura 4), que atualmente consta com cursos na área da Indústria, Gestão, Informática, Meio Ambiente e Saúde. Em 19 de junho de 1945, o então prefeito do município de Mogi Mirim, Pedro Ferreira

Alves, solicita a criação do estabelecimento de ensino na cidade. Em 1962 foi concluída a construção do prédio e no dia 12 de março de 1964, com a presença de alunos, funcionários, professores, pais e autoridades iniciaram as atividades escolares do ginásio com o primeiro curso profissionalizante da época, Curso Industrial Masculino, curso ginásial oficial, equivalente ao ginásio acadêmico, com 63 alunos divididos em duas turmas.



Figura 4 – Entrada da Etec Pedro Ferreira, portaria A, Rua Ariovaldo Silveira Franco, 237.
Fotografia: Fábria Dovigo Pais, em 17/08/15.

Antes de mais nada, devemos considerar que a Lei Nº 5692/71, causou um impacto social no Brasil e esse assunto não se esgota simplesmente aqui. Aprovada em 11 de agosto de 1971, unificou o antigo primário com o antigo ginásio, criando o curso de 1º grau de 8 anos e instituiu a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, visando atender à formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho. Além disso, a lei visava garantir a obrigatoriedade da educação dos sete aos 14 anos no ensino do 1º Grau e consequentemente o ensino do 2º Grau, ainda mantinha o Ensino Supletivo, com o objetivo de suprir a escolarização regular para os adolescentes e os adultos que não tinham concluído em idade própria. (SAVIANI, 2008) Outro aspecto social da década de 1970 foi a euforia nacionalista que modificava o modo de vida das pessoas e marcou uma tendência de comportamento antes não notado. A soma desses dois elementos, podem ser considerados como resultados impactantes no aumento da demanda de alunos matriculados no Ginásio Industrial “Pedro Ferreira Alves”.

Nesse cenário, a escola técnica de Mogi Mirim, oferecia o curso Técnico em Economia Doméstica e o Técnico em Secretariado, ambos os cursos voltados para uma demanda de um público feminino. Numa escola que tinha forte tradição do curso Técnico em Mecânica, ou seja, uma escola para homens.

As escolas não se fazem somente de estrutura de concreto armado e de interesses econômicos, seus personagens são indivíduos que buscam ir

ao encontro dos seus propósitos e são agentes transformadores da História. Elencar algumas perguntas iniciais será importante para saber: Quais as razões da ex-aluna ao ingressar na escola técnica? Qual a razão de ter optado pelo curso que concluiu? Qual a origem de sua família? Para compreender qual é o papel dessa mulher matriculada no curso profissionalizantes da época. Essas perguntas e outras observações citadas ao longo desse trabalho, que serão evidenciadas nesse estudo, e que se propõe a uma reflexão acerca do então Ginásio Industrial na cidade de Mogi Mirim e qual a sua relação com o empreendedorismo, tema tão discutido atualmente.

OS DISCURSOS SOBRE O EMPREENDEDOR E O EMPREENDEDORISMO

Segundo Hashimoto (2010), o primeiro uso do termo empreendedorismo foi usado por Richard Cantillon, em 1755, seguido de vários outros como; Joseph Schumpeter, em 1934; Arthur Cole, em 1959; Longenecker e Schoen, em 1975; Cunningham e Lischeron, em 1991; Omid Nodoushami, em 1999. Uma pesquisa realizada pela Babson College e London Business School, envolvendo 37 países, em 2011, coloca o Brasil, um dos líderes no empreendedorismo por necessidade. Hashimoto (2010) explica que esse empreendedor é aquele profissional que foi desligado da empresa e não encontra espaço no mercado de trabalho para se recolocar. Por mera necessidade de sobrevivência, resolve se arriscar num pequeno e novo empreendimento, mas o faz porque precisa não porque quer. Enfim, muito se tem escrito sobre empreendedorismo, e a quantidade de publicações nacionais e estrangeiras que abordam o assunto já mostra que pouco se pode agregar a definição e conceituação do termo. É preciso uma análise crítica sobre esses conceitos para permitir uma discussão que deve à construção de uma definição particular de significado do termo empreendedorismo.

Sendo assim, nesse trabalho não há intenção de maneira aprofundada discutir sobre os discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo, explicar os conceitos, definir as classificações, perceber a atuação no mercado econômico dos grandes monopólios ou pequenas empresas, discutir a perspectiva histórica do capitalismo, o quanto ser empresário no Brasil parece ser sinônimo de ganância, exploração e necessidade, refletir sobre os novos paradigmas de emprego no capitalismo atual, como aborda Costa; Barros; Carvalho (2011) e, sim observar e analisar o perfil de uma ex-aluna de escola técnica que, de profissional passou a ser empreendedora, se é que assim ela se definia na década de 1990, quando iniciou as atividades no seu próprio negócio. Compreender que habilidades e competências talvez tenha sido o que condicionou a ex-aluna tomar a atitude de iniciar os trabalhos no ramo que escolheu e descobrir o que de fato estimulou a sua atitude empreendedora.

DE PROFISSIONAL A EMPREENDEDORA: CÉLIA REGINA MODENA MONTAGNANA

Tomar a iniciativa para tudo na vida é sempre uma decisão difícil que envolve, entre outras coisas, motivação e vontade para fazer. Na vida empreendedora não é diferente, os empreendedores deparam-se com o desafio de mudar suas estratégias para que consigam encontrar novas ideias e oportunidades. Entre essas estratégias, a tomada de iniciativa é o ponto de partida para uma atitude empreendedora. E foi nesse momento que coube a historiadora pesquisadora ficar atenta, ao que motivou a atitude empreendedora da ex-aluna, pois se faz necessário relacionar o conteúdo dessas referências a outros documentos que poderão ser encontrados em diferentes locais de pesquisa, como: arquivos públicos, centros de documentação, museus, acervos de Secretarias Estaduais de Educação, acervos pessoais de ex-alunos e antigos professores. Neste aspecto, é preciso considerar que esse cruzamento acaba por imprimir certa complementaridade na documentação em análise. (FURTADO, 2012)

A História oral pode ser definida como um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a cooperação de sujeitos considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes à experiência de pessoas e de grupos (CARVALHO; RIBEIRO, 2013) e foi essa a metodologia escolhida para ampliar as pesquisas neste artigo, tornando esse trabalho completo em muitos aspectos, e uma entrevista foi realizada com a ex-aluna da Etec Pedro Ferreira Alves, Célia Regina Módena Montagnana (Figura 5), que cursou o ginásial e o 2º grau de Técnico em Secretariado, concluído no ano de 1982.



Figura 5 – Célia Regina Modena Montagnana.
Fotografia: Fábria Dovigo Pais, em 22/10/2021.

Célia Regina relatou que exerceu atividades em escritórios na área administrativa e financeira, no município de Mogi Mirim. Contou que é casada e mãe de duas filhas, e atualmente é proprietária da empresa Decore – Decoração de Festas. Começou as suas atividades no ano de 1998, envolvendo toda a sua família nas artes manuais de decorar eventos. Célia Regina demonstra ser atenta ao avanço da tecnologia nos tempos atuais e esclareceu sobre algumas dúvidas acerca das suas atitudes na empresa que é responsável.

Quando questionada sobre o que motivou a iniciar as atividades da empresa de decoração, em 1998, Célia Regina respondeu:

[...] Eu queria fazer algo que eu tivesse uma facilidade em fazer, que fosse vamos dizer assim o meu dom, algo que eu gostasse. Também, algo que eu fizesse no meu próprio lar, que eu não precisasse trabalhar fora, porque eu tinha duas meninas pequenas, e eu queria conciliar o trabalho da casa com o trabalho. [...] na minha vizinhança eu tinha duas amigas, vizinhas, que conciliavam o trabalho com as atividades da casa, então vendo isso, eu pensei, eu quero algo assim para mim também, para não ficar o dia todo fora de casa, e aí acabei misturando o trabalho com a casa [...] eu consegui as duas coisas, cuidar das filhas e da casa, e trabalhar com o que eu gosto [...]. (MONTAGNANA, 2021)

Diante desse relato podemos observar que a ex-aluna foi motivada pela necessidade de cuidar das filhas pequenas e da casa quando iniciou o seu negócio. Mas, o que mais poderia ter motivado essa mulher a iniciar o seu próprio negócio? A necessidade financeira de auxílio complementar a renda do marido? A necessidade de sentir independente e realizada profissionalmente, além do papel de ser mãe e esposa? Exercer um talento?

Talvez tenhamos a resposta ao que Célia Regina mencionou sobre a sua infância ter relação com o que ela faz atualmente:

[...] a minha família sempre foi muito voltada a fazer artesanatos de qualquer tipo, então quando eu era criança a minha mãe não me deixava assim à toa, brincando à toa. Era sempre fazendo alguma coisa voltada ao artesanato, e eu gostava, eu adorava! Então, era uma brincadeira! E o meu trabalho tem a ver com tudo isso. Começou muito artesanal o meu ramo, muito artesanal! A decoração de festa de vinte e poucos anos atrás era toda artesanal, era tudo de isopor, papel de tecido, pintado e desenhado a mão, esculpido. Hoje em dia não, hoje em dia está crescendo muito esse ramo, tem muitas empresas, então não é mais tão manual, mesmo assim, tem que ter sua criatividade, seu bom gosto, mes-

mo assim tem muita coisa manual, mas nada comparado ao que era antes. (MONTAGNANA, 2021)

E ainda veja o que ela relata quando questionada se considera uma empreendedora.

Com certeza! É uma empresa pequena, mas você tem todas as obrigações e cuidado como uma empresa grande. Você tem que administrar tudo da mesma maneira em pequenas proporções, mas é uma organização de uma empresa comum. (MONTAGNANA, 2021)

O perfil da empreendedora, suas competências, habilidades e conhecimentos

Muito se sabe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, referindo-se às novas qualificações requeridas no mundo do trabalho. As competências são, a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações e problemas. Trata-se de aprender fazendo. De acordo com Cardoso (2021),

Quando dizemos que uma pessoa é competente em algo, o que estamos querendo dizer com isso? Dizemos que uma pessoa competente tem de ser boa em alguma coisa. Ela faz algo com excelência. Mas fazer algo bem-feito significa ter qual competência? E como saber se uma pessoa competente possui também habilidade em algo? Competências e habilidades seriam, então, as mesmas coisas? Habilidade é nossa capacidade de adquirir prática na realização de alguma atividade. Toda habilidade requer treino, e o resultado é a capacidade de repetir e utilizar essa capacidade integrada a diferentes contextos. A habilidade em usar um tear, em trocar os pedais de um automóvel, em quicar a bola de basquete são exemplos de habilidades. Construir um perfil empreendedor não é difícil. Primeiro, porque nós, muito certamente, já possuímos algumas dessas características desenvolvidas ao longo do tempo. O que acontece é que geralmente não damos nomes às nossas capacidades; só saímos fazendo e não notamos todas as competências, habilidades e os conhecimentos que colocamos em prática para agir em nosso cotidiano. Conhecimento é diferente de simples informação. Estamos expostos a informações durante todo o dia, contudo, nem toda informação se torna conhecimento. Entretanto, quando as informações são

mobilizadas para um contexto específico, elas passam a se tornar conhecimento relevante. Portanto, podemos afirmar que conhecimento é informação mobilizada. (CARDOSO, 2021)

Então, como montar um perfil empreendedor? Ainda segundo, Cardoso (2021), “[...] em primeiro lugar, anotar suas competências. Afinal muitas vezes, não sabemos nomear uma capacidade nossa até alguém falar dela. Aí imediatamente nós reconhecemos que sabemos fazer aquilo”. Diante do exposto, qual é o perfil da ex-aluna empreendedora? Ficou evidente em seu relato que as atividades manuais de sua infância colaboraram para o desenvolvimento de suas competências e habilidades, na área que desejou seguir como profissional e empreendedora. Mas, afinal o que lhe conferiu o conhecimento?

Provavelmente o conhecimento que adquiriu enquanto cursou o ginasial, na década de 1970, uma vez que a sua grade curricular era composta, por Língua Portuguesa e Inglesa, Educação Artística e Física, História e Geografia, Educação Moral e Cívica e OSPB, Física, Biologia, Programas de Saúde, Matemática, Iniciação para o Trabalho ou Sondagens de Aptidão (Economia Doméstica) e Desenho Técnico.

Em seguida no curso de 2º grau, o Técnico em Secretariado, na década de 1980, onde os componentes curriculares eram divididos em: Educação Geral (Núcleo Comum) – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Inglesa, Educação Artística, História e Geografia, OSPB (Organização Social Política do Brasil), Educação Moral e Cívica, Matemática, Física, Química e Biologia, Programas de Saúde; Formação Especial (Parte Diversificada) – Técnicas de Redação em Língua Portuguesa, Programas de Informação Profissional, Contabilidade Geral, Inglês; Disciplinas Instrumentais – Língua Estrangeira Moderna Inglês e Matemática Aplicada; Mínimo Profissionalizante – Estatística, Mecanografia e Processamentos de Dados, Direito e Legislação, Psicologia, Organização e Técnica Comercial, Técnicas de Secretariado.

Acrescentando ainda que a aluna cursou um ano do 2º grau, o curso Técnico em Economia Doméstica, mas não concluiu e quando questionada se a escola técnica ajudou nas atividades profissionais que realiza atualmente respondeu:

[...] Pelas atividades de economia doméstica. Porque cada pessoa tem um dom, uma facilidade na vida, e acho que mesmo que essas aulas que eu não quis cursar no ensino médio, com a economia doméstica, mas as aulas que eu tive durante a 5ª série em diante, ajudou a despertar ainda a minha vocação. (MONTAGNANA, 2021)

Afinal, quem é ela no papel de empreendedora?

A história sempre foi contada por homens sobre outros homens, relegando a mulher a um papel coadjuvante com pouco destaque à participação

feminina na construção da História do Brasil, segundo a historiadora Mary Del Priore (2001). Tal observação poderá ser diferente no que diz respeito ao papel feminino no empreendedorismo?

Em entrevista, quando questionada se considerava uma empreendedora, Célia Regina respondeu:

Com certeza! É uma empresa pequena, mas você tem todas as obrigações e cuidado como uma empresa grande. Você tem que administrar tudo da mesma maneira em pequenas proporções, mas é uma organização de uma empresa comum. Todo o trabalho de quando a gente empreende, o resultado vem do nosso esforço. (MONTAGNANA, 2021)

Apesar de haver uma preocupação em oferecer uma educação de qualidade e mão de obra especializada com oferta maior aos homens, a escola técnica não deixou de oferecer uma qualidade de ensino ao público feminino. As aulas de Economia Doméstica, mesmo sendo uma sondagem para aptidão de trabalho no lar, contribuiu muito com a formação da ex-aluna, enquanto as atividades que levam a empreendedora administrar a sua empresa de decoração muitas vezes são atribuídas apenas ao público masculino.

Analisando os relatos obtidos com a ex-aluna, mulher que viveu a juventude nas décadas de 1970 e 1980, percebemos que a busca pela independência financeira e a autonomia se faz presente em suas escolhas, numa época, em que a atuação feminina está relegada em segundo plano, envolta a desempenhar o papel em atividades domésticas, sem muita voz ativa na sociedade. Na década de 1970, Eva A. Blay (1978), declarava que:

A literatura existente sugere que a diferenciação educacional influi sobre o modo como o trabalho se incorpora à vida da mulher: mulheres de nível universitário teria acesso a cargos mais bem remunerados, interessantes e criativos, o que as levaria a um maior empenho profissional. Mas até que ponto esta sugestão é válida para a realização a realidade brasileira? Distanciamos muito de uma posição valorativa quanto ao trabalho em si mesmo. Não se cuida propriamente de discutir se a emancipação feminina está condicionada ao desempenho de um papel ocupacional na estrutura econômica. Mas trata de investigar o que acontece com a personagem envolvida pela venda de sua força de trabalho neste momento da realidade brasileira. [...] A emancipação e a participação política são processos interligados à quebra do restritivo círculo doméstico, ruptura esta condicionada à plena participação econômica. Em que momento deste processo se encontra a mulher brasileira? (BLAY, 1978)

Com muita sensibilidade e cuidado podemos relacionar a declaração de Eva Blay, a escolha da ex-aluna. O fato de não ter cursado o ensino superior, e sim ter cursado o Técnico em Secretariado, pareceu ser o momento da oportunidade de trabalhar em um escritório. Mas, será que isso já bastava? Casada e com filhas pequenas, haveria outra solução para a busca de sua independência financeira, então, vislumbrou conciliar as duas atividades, a educação e cuidado com as filhas e as demandas do lar e a profissão. O quanto foi realmente importante para Célia Regina frequentar uma faculdade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi proposto no projeto de pesquisa “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores” e parece ter cumprido o seu objetivo apesar da pesquisa não se encerrar por aqui, pois diante dos relatos da entrevistada, das análises curriculares e documentos escolares, sabemos que irá colaborar com a consciência em salvaguardar a História daqueles que contribuíram para a formação de uma sociedade, da instituição de ensino e da cultura escolar. A maneira como está organizado e conservado os documentos das décadas de 1970 e 1980, na Etec Pedro Ferreira Alves, demonstra uma organização por pessoas que os guarda e mantém a preocupação em conservar os documentos escolares, possibilitando uma linha de pesquisa mais avançada com o intuito de compreender o perfil socioeconômico e o mundo do trabalho das famílias de Mogi Mirim e região e o impacto do ensino profissionalizante na vida dessas pessoas, e ainda compreender como as práticas pedagógicas educacionais contribuíram para um assunto tão atual como o empreendedor e o empreendedorismo num período tão singular na história do Brasil.

Certamente, o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Mogi Mirim, ampliou espaço em diferentes setores de uma economia diversificada contribuindo para empregar no mercado de trabalho, as moças das décadas de 1970 e 1980, que vislumbavam certas rupturas de comportamento, otimizadas com os rumos das mudanças e buscando mais independência financeira e autonomia, evidenciando uma emancipação feminina conciliando a vida do matrimônio e os filhos, enquanto algumas ainda se encontravam na representação feminina de serem bem aceitas na sociedade como boas mães e dona de casa.

Embora exista contraposição no papel feminino, o mais importante é perceber as variadas formas de representação feminina desse período, detendo um olhar sensível ao seu cotidiano e as expectativas que se tinha sobre as suas escolhas que poderiam ser assertivas ou não diante de um tempo de restrições ao universo feminino.

Ao longo da história vários discursos cercam o papel do empreendedorismo na sociedade capitalista ocidental e nesse conflituoso contexto históri-

co do século XXI afetado pela pandemia da Covid-19, o empreendedorismo é uma das alternativas para o enfrentamento de uma crise sanitária e econômica. Diante desse cenário adverso gerar novos negócios, inovar e buscar novas oportunidades se tornou necessário.

Para empreender, é necessário que os indivíduos possuam competências essenciais que lhes permitam ajudar os negócios a definirem, cumprir e superar metas. Assim, é essencial que uma pessoa empreendedora seja criativa; capaz de se comunicar bem; trabalhe em equipe; lidere de forma adequada e proativa; seja capaz de planejar e estabelecer metas de curto, médio e longo prazo; demonstre equilíbrio emocional e que se disponha a aprender sempre e ainda lidar com incertezas, ambiguidades e riscos.

Se não bastasse, ter que lidar com as incertezas de um negócio próprio, com a emancipação feminina e a conciliação das tarefas do lar, apesar do negócio da ex-aluna se demonstrar rentável, durante os 24 anos de atividades, ela nos relatou que o setor de seu negócio foi o mais afetado, principalmente no período mais grave das contaminações por covid-19, onde as festas foram interrompidas, para evitar as aglomerações e a propagação da doença. Na ocasião em que Célia Regina nos concedeu a entrevista, em 22 de outubro de 2021, ela comentou que aos poucos os eventos estavam sendo retomados e muito emocionada mencionou que estava muito feliz e otimista com os contratos que vinha fechando apesar da crise econômica que se destacou no país e no mundo.

REFERÊNCIAS

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. São Paulo: Editora: Ática. 1978. 294p.

BRASIL. Guia de Turismo. **sítio institucional**. Disponível em: <https://www.guiadoturismobrasil.com/gastronomia/3/SP/mogi-mirim/128/1>. Acesso em: 11 mai. 2022.

CARDOSO. Luciano Carvalho. **Desenvolvimento de competências para o mercado de trabalho**. São Paulo: Expressa, 2021.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

COSTA, Alessandra Mello da. BARROS, Denise Franca. CARVALHO, José Luís Felício. **A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do**

Empreendedorismo. **RAC**, Curitiba, v. 15, n.2, art. I, pp. 179-197, mar./abr. 2011. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/rac>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FURTADO. Alessandra Cristina. Arquivos, fontes e instituições: um itinerário de pesquisa sobre o arquivo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto/SP (1918- 1960). **Patrimônio e Memória**. São Paulo. UNESP, v. 8, n. 2. p. 186-209, jul.- dez., 2012.

HASHIMOTO. Marcos. **Espírito Empreendedor nas Organizações**. São Paulo, 2ª edição, Editora Saraiva, p.1.

MOGI MIRIM. Prefeitura. **sítio institucional**. Disponível em: <http://www.mogimirim.sp.gov.br/acidade>. Acesso em: 12 mai. 2022.

MONTAGNANA. Célia Regina Modena. **Entrevista concedida à Fabia Dovigo Pais, em 22 de outubro de 2021**. Disponível em: <http://memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=181&vol=113>. Acesso em: 17 mar 2023.

PRIORE. Mary Del. **História do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

SAVIANI. Demerval. O Legado Educacional do Regime Militar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.28, n. 76, p.291-312, set. 2008.

A contribuição do curso Técnico em Prótese Dentária na formação de alunos empreendedores

Jurema Rodrigues
Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto

INTRODUÇÃO

Este trabalho sobre a contribuição do curso Técnico em Prótese Dentária na formação de alunos empreendedores tem como objetivo discorrer sobre a importância das competências, habilidades e valores adquiridos ao longo do curso na formação da carreira profissional. De acordo com o Plano de Curso do Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária, eixo Ambiente e Saúde, do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, nº 419, página 8, vigência em 2021-2022, localizado no acervo digital da Secretaria Acadêmica da Escola Técnica Estadual (Etec) Philadelpho Gouvêa Netto, o Técnico em Prótese Dentária,

É o profissional que planeja o trabalho técnico-odontológico em consultórios, clínicas, laboratórios de prótese e em órgãos públicos de saúde. Confecciona e repara dispositivos e aparelhos protéticos e ortodônticos, próteses dentárias humanas e artísticas. Executa procedimentos odontológicos, sob supervisão do cirurgião-dentista, e procedimentos técnicos laboratoriais. Gerencia estabelecimentos laboratoriais de produção de peças protéticas, controla estoques e comercializa produtos e serviços. (CPS, 2021a)

O procedimento metodológico do estudo consiste em entrevista história oral com sujeitos escolares que se tornaram empresários; na pesquisa sobre a cultura escolar em documentos textuais e iconográficos existentes no centro de memória da escola técnica, nas investigações em acervos escolares, nos jornais locais e jornais da instituição, nos acervos pessoais dos entrevistados.

A história oral é bastante útil para a pesquisa sobre a dimensão sociocultural que cerca da identidade da instituição escolar. Com

ela será fundamental conhecer e caracterizar os sujeitos dessa história para que em um contato de entrevista possa-se ter acesso a suas percepções, motivos, ações, expectativas, realizações. Com a narrativa sobre essas experiências é possível construção de uma história de uma instituição que esboce ou delinheie a identidade cultural, educacional e profissional por ela representada. (RIBEIRO, 2011, p. 331)

Em 16 de fevereiro de 2022, a Etec Philadelpho Gouvêa Netto comemorou o trigésimo quinto aniversário do curso Técnico em Prótese Dentária, além da comemoração dos 35 anos da única escola que oferece o curso Técnico em Prótese Dentária, gratuito, no interior do estado de São Paulo.

O trabalho justifica-se pela relevância da preservação da memória escolar por meio das narrativas de história oral de alunos concluintes do curso em estudo, cujos relatos referem-se às experiências do passado enquanto estudantes, ao processo que os levaram a empreender, à trajetória das experiências profissionais como empreendedores.

Os relatos são de entrevistas de história oral realizadas pela professora Jurema Rodrigues, curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, com os empreendedores: João Luís Borges da Silva, aluno concluinte da primeira turma em 1988, protético, proprietário do Laboratório Borges de Prótese Dentária, em São José do Rio Preto/SP, desde 1997, entrevistado em 17 de junho de 2022; Flávio Sanches Magalhães Tunes, aluno concluinte em 1991, cirurgião-dentista, proprietário da Clínica Tunes Centro Integrado, em São José do Rio Preto/SP, desde 1998, professor da Instituição desde 28 de fevereiro de 2000, e entrevistado em 11 de abril de 2022; e Florisa Maria Nunes de Abreu Tunes, aluna concluinte em 1998, cirurgiã-dentista, professora da Instituição desde 22 de julho de 2002, sócia proprietária da Clínica Tunes Centro Integrado, São José do Rio Preto/SP, entrevistada em 11 de abril de 2022. Além de menções ao Wandelson Taveira Ferraz, protético, professor da Instituição de 1988 a 1995, proprietário do Laboratório de Prótese Dentária Wandelson S.C. Ltda, em São José do Rio Preto/SP, no período de 1974 a 2008, entrevistado em 11 de maio de 2022.

Assim, por meio do registro da trajetória das experiências profissionais dos empreendedores entrevistados, e o registro das competências e habilidades adquiridas integradas ao projeto individual e da sociedade, valorizam-se os aspectos da cultura escolar com a contribuição da formação profissional da Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária oferecida pela Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Assim, preserva-se a memória escolar, promove-se a educação profissional e tecnológica na construção e no desenvolvimento empresarial.

PERCURSO HISTÓRICO DO CURSO TÉCNICO EM PRÓTESE DENTÁRIA

Em 16 de fevereiro de 2022, comemorou-se o 35º aniversário do curso de Técnico em Prótese Dentária, pertencente à área da Saúde, pioneiro na educação pública do interior do estado de São Paulo, oferecido gratuitamente na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, de São José do Rio Preto, em São Paulo.

De acordo com publicação jornalística pertencente ao acervo do Centro de Memória, a Escola Técnica Estadual de Segundo Grau “Philadelpho Gouvêa Netto”, com o apoio da Associação Regional Odontológica e interesse da Entidade dos Protéticos do município e região, desde o início da década de 1980, solicitara a implantação do curso dentro das exigências da Lei Nacional nº 6.710, de 05 de novembro de 1979, que dispõe sobre a profissão de Técnico em Prótese Dentária. Entretanto, a autorização fora negada pela Coordenadoria do Ensino do Interior da Secretaria da Educação (Figura 1), mas incansavelmente, a comunidade continuou lutando a favor da implantação do curso, sendo preciso buscar apoio junto à Câmara Municipal, a fim de arrecadar doações de equipamentos e materiais necessários para equipar o Laboratório de Prótese Dentária para que o curso fosse autorizado.



Figura 1 – Educação nega curso de Prótese Dentária.
Fonte: JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO, 1982.

Após anos de reivindicações em prol da instalação do curso Técnico em Prótese Dentária, área da Saúde, a aula inaugural ocorreu, em 16 de fevereiro de 1987, para uma classe com 38 alunos matriculados, no período da tarde, em uma das salas de aula adaptada, no piso superior do bloco principal do prédio da escola. Para funcionamento do curso, foi preciso realizar instalações hidráulicas e elétricas na sala de aula adaptada para o funcionamento do laboratório, fato esse registrado na publicação jornalística (Figura 2), “Inaugurado curso de prótese dentária”, Diário da Região, São José do Rio Preto, São Paulo, em 17 de fevereiro de 1987.



Figura 2 – Inaugurado Curso de Prótese Dentária.
Fonte: JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO, 1987.

Em 01 de setembro de 1987, oficializou-se a autorização da implantação da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, pela Resolução S.E. nº 220 de 01 de setembro de 87. (SÃO PAULO, 1987) Localizada no acervo da Secretaria Acadêmica, a matriz curricular do curso técnico de 1987, era composta de três anos, sendo o primeiro ano básico, os demais profissionalizantes, mais o estágio obrigatório. Como a matriz curricular da 1ª série era composta somente por componentes curriculares da base comum, após a conclusão da primeira série, os alunos faziam a escolha do curso técnico, dando sequência às duas séries seguintes com componentes da base comum e de formação técnica. O curso técnico também possibilitava aos alunos concluintes da 3ª série ingressarem na segunda série para o cumprimento somente dos componentes específicos de formação profissional do curso.

Assim, em 16 de fevereiro de 1987, deu-se início à segunda série do curso Técnico em Laboratório de Prótese Dentária, e conseqüentemente, na classe havia alunos que cursavam todos os componentes da matriz curricular da base comum e todos os componentes de formação profissional técnica específicas da segunda série; como também havia alunos que só cursavam os componentes de formação profissional técnica específicas de Laboratório de Prótese Dentária, uma vez que já haviam realizados os componentes da base comum anteriormente.

Fato esse confirmado pelo formando da primeira turma, de 1988, João Luís Borges da Silva (Figura 3), pois cursou a segunda série em 1987, e a terceira série em 1988, com a realização do estágio obrigatório,

Foi tudo novo, inclusive para escola também, não tinha nem o laboratório montado ainda. Então, às vezes a carga horária que eu tinha feito não batia, tive que ter aulas assim esporádicas de Física, Português, Inglês ... A gente teve aula com um dentista (professor), que era o Dr. Eurípedes (cirurgião-dentista), e tinha dois (duas) auxiliares que eram protéticas, a Marta e a Rosana (professora, protéticas auxiliares). [...] Todo mundo estava empregado, mas a gente não tinha um laboratório (completo), a gente começou a ter muita teoria, inclusive “têm essas apostilas que eu te mostrei”, que o professor, Dr. Eurípedes passou, a gente fazia muito desenho. Parece que não, mas a primeira turma [...] teve dificuldade em ver a parte prática (em 1987), a gente se dedicou muito à teoria, isso ajudou muito também. (SILVA, 2022)

O formando da primeira turma, relatou também que no ano letivo de 1988, foi contratado o professor Wandelson Taveira Ferraz, técnico, protético e proprietário do Laboratório de Prótese Dentária Wandelson S.C. Ltda, em São José do Rio Preto, para ministrar as aulas de formação profissional.

Foi chamado um técnico (1988), que era muito conhecido na cidade, que era o professor Wandelson, se tornou o professor Wandelson [...] Ele foi muito bem-vindo, assim para todos, porque ele tinha experiência de laboratório, foi muito bacana, porque ele começou a montar o laboratório. A gente montou o laboratório que antigamente era na sala de aula mesmo, então a gente montou aquele laboratório, vivenciou aquilo e foi assim uma coisa muito importante para mim, principalmente, porque vi acontecer aquilo. E a gente além de ajudar a montar o laboratório, começamos a ter aulas práticas com um dos melhores protéticos da cidade, da região. [...] E no segundo ano em 1988 foi só prática, praticamente. (SILVA, 2022)



Figura 3 – João Luís Borges da Silva na cerimônia de formatura da 1ª Turma, em 1988.
Fonte: Acervo digital do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2022.

O professor Wandelson Taveira Ferraz relatou em entrevista de história oral que,

O primeiro ano do curso era só o básico das aulas, das aulas teóricas de Química, Física, Matemática [...] a partir do segundo ano que entrava na área específica da Prótese Dentária. No terceiro ano era obrigatório fazer no mínimo três meses de estágio. [...] Eu com a facilidade que tinha na época, porque conhecia todos os profissionais, todos os protéticos de Rio Preto, todos os laboratórios [...] ia de laboratório em laboratório, pedindo para colocar um aluno nosso nessa parte de estágio. (FERRAZ, 2022)

Em entrevista de história oral com Flávio Sanches Magalhães Tunes (Figura 4), formando da quarta turma, em 1991, cursante da segunda série, em 1990, e a terceira série, em 1991, mais o cumprimento do estágio obrigatório, relatou que,

O primeiro ensino médio era básico, era para todo mundo, era igual. E como eu tinha vindo do Colégio Alberto Andaló, eu tinha que escolher um vestibulinho para prestar [...] prestei em 1989. Entrei em janeiro de 1990 para fazer o curso de Prótese. [...] Os professores da área, da área de Prótese: era o professor Wandelson, a professora Rosana e tinha o professor Ângelo e os outros professores do Ensino Médio [...] quem cursava na época eram alunos que faziam Ensino Médio e tinham alunos que só faziam o curso Técnico. [...] Exemplo: segunda-feira na primeira e segunda aula era Português e Matemática e depois as outras aulas eram do Técnico. Então quem fazia o técnico, só vinham para as aulas técnicas. Eu no caso que estava fazendo o colegial junto, ficava

o período todo da tarde aqui na escola, e era semelhante ao No-votec, era meio período. [...] Quando eu entrei para fazer Prótese me apaixonei pela área e me senti realizado, tanto é que falo assim e foi aí que fui aprender a gostar de estudar, porque eu tinha prazer em estudar as matérias. [...] Foi muito, muito gratificante que arrumei estágio, na época a gente fez estágio, era um estágio obrigatório que a gente tinha que cumprir. (TUNES, 2022)



Figura 4 – Flávio Sanches Magalhães Tunes, formando da 4ª Turma, em 1991.

Fonte: Acervo digital do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2022.

Outro relato de entrevista de história oral que merece ser mencionado é de Florisa Maria Nunes de Abreu Tunes (Figura 5), aluna concluinte do curso em 1998,

Sai de Paulo de Faria vim para cá fazer o Ensino Médio Integrado ao Técnico em Laboratório de Prótese Dentária. [...] foi excelente porque consegui ter noção das várias práticas que era prótese na faculdade. [...] Quando eu fazia o Philadelpho na época de Prótese, fiz estágio, depois trabalhei no laboratório de prótese. (ABREU TUNES, 2022)



Figura 5 – Florisa Maria Nunes de Abreu Tunes, formanda da 11ª Turma, em 1998.

Fonte: Acervo digital do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2022.

O curso Técnico em Laboratório em Prótese Dentária seriado, mais a realização do estágio obrigatório, funcionou no período vespertino dos anos de 1987 até 1999. Desse modo, conforme acervo da Secretaria Acadêmica, a matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, nos anos de 1986 a 1994, era organizada em três séries, com carga horária total de 3024h, sendo 1980h da parte comum e 1044h da parte diversificada, mais estágio supervisionado de 320h. Nos anos de 1995 a 1997, a matriz curricular era organizada em três séries, 36 semanas, com carga horária total de 3360h, sendo 2200h da parte comum e 1160h da parte diversificada e estágio supervisionado de 320h.

Para as séries conclusivas dos anos de 1998 até 1999, a matriz curricular passou a 40 semanas, com carga horária total de 3408h, sendo 2088h da parte comum e 1320h da parte diversificada e estágio supervisionado de 320h, conforme acervo da Secretaria Acadêmica.

A Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária era composta por três séries, mais a realização do estágio obrigatório. O curso seriado funcionou no período vespertino dos anos de 1987 até 1999.

O Quadro 1 apresenta um levantamento da carga horária das matérias/componentes curriculares específicos da parte diversificada do curso seriado dos anos de 1987 a 1999. De acordo com esse levantamento, nota-se que entre 1987 e 1999, houve um aumento significativo da carga horária dos componentes curriculares da parte diversificada da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária (curso seriado).

A partir do ano de 1998, os cursos técnicos se adequaram à Lei Federal Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 e Decreto Nº 2.208, de 17 de abril de 1997, com isso a matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, curso seriado de três séries, com componentes da parte comum e da parte diversificada mais realização do estágio supervisionado obrigatório, passou a curso modular de 20 semanas, composto por três módulos mais realização do estágio supervisionado obrigatório, sendo oferecido para alunos cursando no mínimo a 2ª série do “Ensino Médio” (colegial) ou tê-lo concluído, com idade mínima de 16 anos completos. Além disso, ocorreu mudança do período de funcionamento do curso de vespertino passou para noturno.

Quadro 1 – Levantamento específico da parte diversificada da matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária – curso seriado (1987 a 1999)

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA 1987 A 1994	COMPONENTES CURRICULARES
180	Anatomia e Escultura Dental

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA 1987 A 1994	COMPONENTES CURRICULARES
144	Material de Prótese
144	Equipamentos e Instrumentos/instrumental
144	Prótese Dentária Total
144	Prótese Parcial e Removível
180	Prótese Fixa
144	Programa de Informação Profissional e/ou Organização e Normas e Segurança do Trabalho
TOTAL CH/HA: 1044	

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA 1995 A 1997	COMPONENTES CURRICULARES
200	Anatomia e Escultura Dental
160	Material de Prótese
160	Equipamentos e Instrumental
160	Prótese Dentária Total
200	Prótese Parcial e Removível
200	Prótese Fixa
80	Organização e Normas e Segurança do Trabalho
TOTAL CH/HA: 1160	

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA 1998 A 1999	COMPONENTES CURRICULARES
240	Anatomia e Escultura Dental
160	Material de Prótese
160	Equipamentos e Instrumental
200	Prótese Dentária Total
240	Prótese Parcial e Removível
240	Prótese Fixa
80	Organização e Normas e Segurança do Trabalho
TOTAL CH/HA: 1320	

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

Assim, a partir de 1998, a matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, curso modular, homologada em 20 de fevereiro de 1998, era composta de 20 semanas, com 1840 horas de carga horária total, sendo que os conteúdos profissionalizantes eram distribuídos em 1100 horas do currículo básico, 340 horas de disciplinas optativas, e carga horária de estágio supervisionado obrigatório de 400 horas.

O levantamento específico da parte diversificada, apresentado no Quadro 2, são dos componentes curriculares dos conteúdos profissionalizantes do curso modular de 1998. A partir de 1999, conforme acervo da Secretaria Acadêmica, a Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, curso modular, recebeu nova denominação, passou a Habilitação Profissional de Técnico Laboratório de Prótese Dentária, de acordo com a Lei Federal nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 e Decreto Federal nº 2.208, de 17 de abril de 1997. Desse modo, a matriz curricular Habilitação Profissional de Técnico Laboratório de Prótese Dentária, curso modular, homologada em 31 de março de 1999, era composta de 20 semanas, com carga horária total de 1900 horas, sendo que os conteúdos profissionalizantes eram distribuídos em 1160 horas do currículo básico, 340 horas de disciplinas optativas, e carga horária de estágio supervisionado de 400 horas

Quadro 2 – Levantamento específico da parte diversificada da matriz curricular da Habilitação Profissional Plena de Laboratório de Prótese Dentária, curso modular: I, II, III (1998)

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA (MODULAR) 1998	COMPONENTES CURRICULARES
180	Anatomia e Escultura Dental
140	Material de Prótese
140	Equipamentos e Instrumental
160	Prótese Total
180	Prótese Parcial e Removível
160	Prótese Fixa
140	Disciplinas Instrumentais
TOTAL CH/HA: 1100	

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

O Quadro 3 apresenta o levantamento dos componentes específicos da parte diversificada das matérias/componentes curriculares dos conteúdos profissionalizantes do curso modular de 1999 até 2000.

Quadro 3 – Levantamento específico da parte diversificada da Habilitação Profissional de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária – curso modular: I, II, III (1999 a 2000)

CH/HA – PARTE DIVERSIFICADA (MODULAR) 1999 A 2000	COMPONENTES CURRICULARES
180	Anatomia e Escultura Dental
140	Material de Prótese
140	Equipamentos e Instrumentos
180	Prótese Dentária Total
180	Prótese Parcial e Removível
200	Prótese Fixa
140	Disciplinas Instrumentais
TOTAL CH/HA: 1160	

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

Em 2001, conforme acervo da Secretaria Acadêmica, foram acrescentados os vocábulos: Área Profissional Saúde na matriz curricular da Habilitação Profissional de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária. Além disso, a carga horária do curso modular passou a 1500 horas no total, distribuídas em três módulos, logo, cada módulo com 500 horas, mais o cumprimento do estágio supervisionado obrigatório de 120 horas, permanecendo assim até o ano de 2007.

O levantamento de componentes específicos da formação profissional, referentes aos anos de 2001 a 2007, em conformidade com os Planos de Curso aprovados pelas Portarias do Coordenador do Ensino Técnico do Centro Paula Souza, é apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 – Levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação técnica da Habilitação Profissional de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária – curso modular: I, II, III (2001 a 2007)

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (MODULAR) 2001 A 2007	COMPONENTES CURRICULARES
180	Anatomia e Escultura Dental
60	Anatomia e Fisiologia da Cabeça

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (MODULAR) 2001 A 2007	COMPONENTES CURRICULARES
140	Material de Prótese
140	Equipamentos e Instrumental
60	Microbiologia e Parasitologia
180	Prótese Total
180	Prótese Parcial e Removível
200	Prótese Fixa

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOVÊA NETTO, 2022).

No início de 2008, ocorreu alteração na denominação da Habilitação Profissional de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária para Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Prótese Dentária, de acordo a Portaria do Coordenador do Ensino Técnico de 10 de janeiro de 2008, publicado no D.O. de 06 de junho de 2008, Seção I, pág.44, acervo da Secretaria Acadêmica.

No mesmo ano, outras mudanças significativas merecem registros, pois houve o acréscimo do quarto módulo na carga horária do curso, logo, ficaram os módulos I, II, III e IV, como também o acréscimo de componentes curriculares. Além da substituição do estágio obrigatório pela realização do TCC (Trabalho e Conclusão de Curso).

Com isso, a partir de 2008, a matriz curricular do curso modular passou a 2000 horas na carga total do curso, distribuídas em 200 horas-aula carga horária teórica e 1800 horas-aula carga horária prática, com os componentes curriculares distribuídos nos quatro módulos, logo, cada módulo com 500 horas, mais a realização de 120 horas de TCC. Cabe justificativa sobre a inclusão do quarto módulo, pois visou o aprimorando da qualificação do técnico a fim de melhor atender às necessidades do mercado de trabalho voltado à prática laboratorial de prótese odontológica. No segundo semestre de 2008, outras mudanças ocorreram como a substituição dos termos: Área Profissional Saúde, constantes na matriz curricular da Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Prótese Dentária, pelos termos: Eixo Tecnológico Ambiente, Saúde e Segurança, de acordo com Resolução CNE\CEB nº 3, de 09 de julho de 2008.

O Quadro 5 traz o levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação profissional, referente ao ano de 2011, em conformidade com os Planos de Curso aprovados pelas Portarias do Coordenador do Ensino Técnico do Centro Paula Souza.

Quadro 5 – Levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação técnica profissional da matriz curricular da Habilitação Profissional Técnica de nível médio de Técnico em Prótese Dentária – curso modular: I, II, III, IV (2011)

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (MODULAR) 2011	COMPONENTES CURRICULARES
100	Anatomia Dental I
100	Anatomia Dental II
50	Anatomia da Cabeça
50	Material de Prótese I
50	Material de Prótese II
100	Equipamentos e Instrumentos Protéticos
100	Prótese Parcial e Removível I
50	Microbiologia no Laboratório de Prótese
100	Prótese Parcial e Removível II
100	Prótese Parcial Fixa I
100	Prótese Parcial Fixa II
100	Prótese Total I
100	Prótese Total II
50	Oclusão I
50	Oclusão II
50	Prótese Buco-Maxilofacial
50	Prótese Integrada
50	Prótese Sobre Implante
50	Resina Fotopolimerizável I
100	Cerâmica
100	Ortodontia

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOVÊA NETTO, 2022).

No primeiro semestre de 2013, outras alterações, como a substituição dos termos: Eixo Tecnológico Ambiente, Saúde e Segurança pelos termos:

Eixo Tecnológico Ambiente e Saúde, de acordo com Resolução CNE\CEB nº 4, de 6 de junho de 2012.

Em 2014, no primeiro semestre, houve alteração na denominação da “Habitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Prótese Dentária” para “Habitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária”, de acordo com a Instrução 001/2014, Cetec, Grupo de Supervisão Educacional – Gestão Pedagógica, Região – São José do Rio Preto.

Um levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação profissional, referente ao ano de 2014, em conformidade com os Planos de Curso aprovados pelas Portarias do Coordenador do Ensino Técnico do Centro Paula Souza, é indicado no Quadro 6.

Mediante os dados expostos nesses quadros, referentes ao período de 2008 até primeiro semestre de 2020, houve aumento significativo da carga horária do curso modular e acréscimo de novos componentes curriculares devido à inclusão do quarto módulo na matriz curricular do curso modular a fim de melhor qualificação profissional.

No segundo semestre de 2020, conforme Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico nº 1903, de 07 de junho de 2020, publicado no D.O. de 08 de julho de 2020, Seção I, pág.39, acervo da Secretaria Acadêmica, houve alteração no número de módulos do curso, cuja duração de quatro passou para três módulos.

A justificativa sobre a mudança da duração do curso para três módulos foi uma estratégia para diminuição da evasão, sendo assim, reformulou-se a matriz dos componentes curriculares voltados à teoria e prática laboratorial da prótese odontológica para melhor atender o mercado de trabalho, e no lugar do quarto módulo, a instituição passou oferecer curso semestral de especialização.

Desse modo, a partir de 2021, a matriz curricular do curso modular, três módulos, passou a carga total para 1500 horas, sendo 250 horas-aula da carga horária teórica e 1250 horas-aula da carga horária prática, com os componentes curriculares distribuídos nos três módulos, logo, cada módulo com 500 horas, mais a realização de 120 horas de TCC, em conformidade com o Plano de Curso do Centro Paula Souza, Nº 469, aprovado pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico – 2044, de 31 de maio de 2021, publicado no D.O. de 01 de junho de 2021, Poder Executivo, Seção I, páginas 49-50.

O Quadro 7 traz o levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação profissional, referente ao ano de 2022, em conformidade com os Planos de Curso aprovados pelas Portarias do Coordenador do Ensino Técnico do Centro Paula Souza.

Quadro 6 – Levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação técnica profissional da matriz curricular da Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária – curso modular: I, II, III, IV (2014)

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (MODULAR) 2014	COMPONENTES CURRICULARES
100	Anatomia Dental I
100	Anatomia Dental II
50	Anatomia da Cabeça
100	Material de Prótese
100	Equipamentos e Instrumentos Protéticos
50	Microbiologia no Laboratório de Prótese
100	Prótese Parcial e Removível I
100	Prótese Parcial e Removível II
100	Prótese Parcial Fixa I
100	Prótese Parcial Fixa II
100	Prótese Total I
100	Prótese Total II
50	Oclusão I
50	Oclusão II
50	Prótese Buco-Maxilofacial
100	Prótese Integrada
50	Prótese Sobre Implantes
50	Resina Fotopolimerizável I
50	Resina Fotopolimerizável II
100	Cerâmica
100	Ortodontia

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

Quadro 7 – Levantamento específico de partes dos componentes curriculares da formação técnica profissional da matriz curricular da Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária – curso modular: I, II, III (2022)

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (MODULAR) 2022	COMPONENTES CURRICULARES
100	Anatomia Dental I
50	Anatomia Dental II
50	Anatomia da Cabeça
50	Materiais de Prótese
100	Equipamentos e Instrumentos Protéticos
50	Microbiologia no Laboratório de Prótese
100	Prótese Parcial Removível I
100	Prótese Parcial Removível II
100	Prótese Parcial Fixa I
100	Prótese Parcial Fixa II
100	Prótese Total I
100	Prótese Total II
50	Oclusão I
50	Oclusão II
50	Resina Fotopolimerizável

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

Após reivindicações, nova conquista para a gestão escolar, tendo em vista que no início do ano de 2021, foi implantado o curso do Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária (seriado), eixo tecnológico Ambiente e Saúde, no período diurno, com duração de três séries mais a realização do TCC, conforme o Plano de Curso do Centro Paula Souza, nº 419, aprovado pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio – 1992, de 21 de janeiro de 2021, publicado no D.O. de 30 de janeiro de 2021, Poder Executivo, Seção I, página 60, com vigência nos anos letivos de 2021 e 2022.

O Quadro 8 apresenta o levantamento da carga horária de parte dos componentes específicos da formação profissional, referentes aos anos de 2021 e 2022, em conformidade com os Plano de Curso aprovados pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza.

Desde o ano de 2021, a Instituição oferece o curso (seriado) do Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária, com duração de três séries mais a realização do TCC, no período diurno. Simultaneamente, a Instituição continua oferecendo a Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária, o curso (modular), de três módulos mais a realização do TCC, no período noturno.

Além disso, a partir de 2022, incluiu-se o oferecimento do curso semestral de Especialização na área de Prótese Dentária, no período noturno.

Quadro 8 – Levantamento específico de parte dos componentes curriculares da formação técnica profissional do curso Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária Seriado (2021 a 2022)

CH/HA – FORMAÇÃO TÉCNICA PROFISSIONAL (SERIADO) 2021 A 2022	COMPONENTES CURRICULARES
40 (1ª série)	Anatomia da Cabeça
40 (1ª série)	Equipamentos e Instrumentos Protéticos
80 (1ª série)	Material de Prótese
40 (1ª série)	Microbiologia no Laboratório de Prótese
120 (1ª série)	Anatomia Dental I
80 (2ª série)	Anatomia Dental II
40 (2ª série)	Oclusão I
80 (3ª série)	Oclusão II
80 (2ª série)	Prótese Parcial Fixa I
120 (3ª série)	Prótese Parcial Fixa II
80 (2ª série)	Prótese Parcial e Removível I
120 (3ª série)	Prótese Parcial e Removível II
80 (2ª série)	Prótese Total I
120 (3ª série)	Prótese Total II
40 (2ª série)	Resina Fotopolimerizável I
80 (3ª série)	Resina Fotopolimerizável I

Fonte: Secretaria Acadêmica (ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO, 2022).

CONTRIBUIÇÃO DA FORMAÇÃO DO CURSO TÉCNICO NA CARREIRA PROFISSIONAL

A Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária busca formar profissionais legalmente habilitados para o trabalho técnico-odontológico por meio da ligação da teoria com a prática, possibilitando ao futuro profissional adquirir a segurança necessária ao exercício de suas funções. Compromisso assumido desde a criação do curso, em 1987, para qualificar o profissional técnico, ministrar o ensino de melhor qualidade para que o estudante possa ser inserido no mercado de trabalho partindo de uma condição vantajosa e favorável, adquirir experiência e tornar-se um técnico confiável na sua especialidade. (JORNAL O MOINHO, 1989) Nesse sentido, a Instituição está preparada para oferecer a Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária, conforme Plano de Curso nº 469 (CPS, 2021b):

A ETEC 098 em São José do Rio Preto é a única escola que oferece o curso na região. Segundo levantamento dos últimos processos seletivos, o curso apresenta grande procura por estudantes do sexo feminino e masculino, pois procura capacitar e habilitar o aluno tanto para ser empregado pelos laboratórios e indústrias na área quanto para empreender através da montagem de novo laboratório ou atividade autônoma. A cidade de São José do Rio Preto apresenta apenas 18 laboratórios de prótese dentária registrados no Conselho Regional de Odontologia do Estado de São Paulo, sendo um laboratório para cada 22.955 habitantes da cidade. (CPS, 2021b. p. 8)

As competências, habilidades e valores adquiridos ao longo do curso Técnico em Prótese Dentária, contribuem para a formação e construção da carreira profissional, pois de acordo com o Plano de Curso Modular nº 469, esse

É o profissional que planeja o trabalho técnico odontológico, em consultórios, clínicas, laboratórios de prótese e em órgãos públicos de saúde. Confecciona e repara dispositivos e aparelhos protéticos e ortodônticos, próteses dentárias humanas e artificiais. Executa determinados procedimentos odontológicos, sob supervisão do cirurgião-dentista, e procedimentos técnicos laboratoriais. Gerencia estabelecimentos laboratoriais de produção de peças protéticas, controlando estoques e a comercialização de produtos e de serviços. Além de identificar as diferentes manifestações do comportamento humano, compreendendo suas próprias reações, das pessoas com as quais convive e trabalha, bem como dos clientes a seus cuidados, capacitando-o para uma

atuação voltada à qualidade no atendimento, às transformações no mundo do trabalho e à cidadania. (CPS, 2021b, p.13)

A contribuição da formação da Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária é ratificada nos relatos de 2022, por meio de entrevistas de história oral com alunos egressos. Segundo o relato de João Luís Borges da Silva (2022), concluinte de 1988,

Quando comecei a fazer o curso nem imaginaria que tinha habilidade para prótese dentária, mas acredito que qualquer pessoa que se dedicar, acho que consegue desenvolver um bom trabalho [...] na época que a gente começou não tinha nenhum laboratório. Hoje não, hoje... as pessoas que estão no Philadelpho que conheço já estão assim muito evoluídos. Os alunos hoje conseguem absorver muito mais recursos para entrar no mercado de trabalho. Os professores lá são muito bons que conheço e que são dentistas, a grade curricular de vocês lá hoje é muito melhor do que era quando iniciou. [...] É fundamental, não ter somente a teoria, mas também ter a prática e conseguir um estágio em algum laboratório. Hoje é muito mais fácil conseguir um estágio, todo laboratório precisa de uma pessoa. (SILVA, 2022)

De acordo com Flávio Sanches Magalhães Tunes (2022) concluinte em 1991,

Sou muito grato ao ensino que tive, sou muito grato ao Philadelpho, à escola por ter me proporcionado [...] Eu não gostava de estudar, minha ideia era fazer ensino técnico e parar, eu não queria fazer mais nada, mas me apaixonei tanto pela Prótese [...] Fiz estágio em um Laboratório com Marcio José Calvo, era técnico de prótese, era ceramista e tinha um laboratório aqui em Rio Preto [...] foi no terceiro ano de colegial [...] isso foi me enriquecendo, conteúdo que os professores passavam aqui, tanto é que foi muito gratificante que quando acabei esse ano, levei para o dono do laboratório meu convite de formatura . [...] Foi muito gratificante que ele pegou o convite de formatura na mão e falou assim [...] “A partir de agora você vai ser registrado e vai ser meu funcionário e você vai ganhar igual aos funcionários antigos”. Isso foi muito gratificante e a bagagem que eu tinha trazido da Etec e a bagagem dessa profissão, cheguei para fazer odontologia, assim com outra visão e aproveitei a faculdade muito mais que meus amigos. Enquanto meus amigos estavam aprendendo o que era dente, eu já dava risada porque até brincava, eu colocava o dente aqui nas costas e falava que dente que era e eles falavam: “Como que você

sabe?” Eu já tinha tato, já manuseava, então eu conseguia aproveitar muito a faculdade [...] fui um aluno que consegui extrair da faculdade muito mais do que meus amigos. (TUNES, 2022)

Outro relato é da egressa concluinte de 1998, Florisa Maria Nunes de Abreu Tunes (2022),

Para mim foi assim excelente o curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Laboratório de Prótese Dentária que fiz, depois consegui ingressar diretamente na faculdade, facilitou muito a minha vida na parte de que escolhi que era odontologia, isso me facilitou bastante, então foi maravilhoso na minha vida, foi algo que me alavancou para que eu conseguisse ter um bom desempenho na faculdade. [...] Da odontologia eu já fui para a área da docência. Terminei a parte da odontologia, fiz especializações na área de prótese, também na área de pedagogia, e já ingressei na docência da prótese aqui no Philadelpho. (ABREU TUNES, 2022)

CARREIRA PROFISSIONAL DE EMPREENDEDORES

A formação técnica com foco no desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras tem papel fundamental na construção da carreira profissional. De acordo com a proposta de Itinerários Formativos prevista pela Lei nº 13.415/17, Base Nacional Comum Curricular – Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, Currículo Paulista – Ensino Médio – EFAPÉ (SÃO PAULO, 2020),

Viver, aprender e se relacionar nesse novo contexto tem exigido, cada vez mais, maior autonomia e mobilização de competências dos sujeitos para acessar, selecionar e construir pontos de vista frente ao volume substancial de informações e conhecimentos disponíveis, para buscar soluções criativas e fazer escolhas coerentes com seus projetos de vida e com o impacto dessas escolhas. (SÃO PAULO, 2020, p. 23)

O estímulo ao empreendedorismo individual e a visão empreendedora na construção das competências e habilidades relacionadas ao empreendedorismo são desenvolvidos na formação técnica e profissional em convergência com o Plano de Curso nº 419 (CPS, 2021a)

(EMIFCG10) Reconhecer e utilizar qualidades e fragilidades pessoais com confiança para superar desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais, agindo de forma proativa e empreende-

dora e perseverando em situações de estresse, frustração, fracasso e adversidade. (EMIFCG11) Utilizar estratégias de planejamento, organização e empreendedorismo para estabelecer e adaptar metas, identificar caminhos, mobilizar apoios e recursos, para realizar projetos pessoais e produtivos com foco, persistência e efetividade. (EMIFCG12) Refletir continuamente sobre seu próprio desenvolvimento e sobre seus objetivos presentes e futuros, identificando aspirações e oportunidades, inclusive relacionadas ao mundo do trabalho, que orientem escolhas, esforços e ações em relação à sua vida pessoal, profissional e cidadã. (CPS, 2021a, p.2)

Em vista que o empreendedor age eficazmente diante do inesperado e do inabitual, superando a experiência acumulada transformada em hábito, mobilização também da criatividade e para uma atuação transformadora (CPS, 2021b, p. 97). Nessa premissa, percebe-se que os alunos egressos foram estimulados e motivados a empreender. Segundo o professor Wandelson Taveira Ferraz,

Tive grandes profissionais que hoje estão na área, inclusive dando cursos internacionais [...] muitos ex-alunos foram fantásticos e tive e tenho, hoje inclusive, proprietários de laboratórios de Rio Preto, vários deles alunos meus, que convivem na prótese hoje, vivem inclusive da prótese. Têm grandes funcionários e bastantes funcionários dos laboratórios grandes da cidade, pela capacidade, pelas condições que eles tiveram de fazer o curso. Então, foi gratificante para eles, para mim também. (FERRAZ, 2022)

O empreendedor João Luís Borges da Silva, aluno egresso de 1987, proprietário da empresa Laboratório Borges de Prótese Dentária desde 1997, relatou,

É fundamental você buscar outras especialidades, se profissionalizar ainda mais [...] foi ali que comecei a fazer uns trabalhos ainda melhor e me desenvolver ainda mais. Então é fundamental para o aluno terminar o curso e procurar uma especialização para se aperfeiçoar ainda mais. [...] Hoje estamos com vinte e sete funcionários [...] é fundamental você contratar uma pessoa que já fez o curso técnico, e como mostrei o laboratório, “você viu, todos os que trabalham aqui fizeram o curso técnico no Philadelpho”. Então é importante você pegar uma pessoa que já tem uma formação, e a escola nos ajuda muito [...] Todos os que trabalham comigo já fizeram Philadelpho [...] até o gerente para ter o conhecimento de prótese, para atender os clientes, para conversar com o cliente [...] para os alunos do Philadelpho que é uma escola tradicional desde 1987, deve acreditar no seu sonho, não desistir,

faça a conclusão do curso, procure um outro laboratório para se profissionalizar ainda mais, acredite em você. Que você consiga desenvolver um bom trabalho e que consiga uma empresa, uma empresa às vezes até maior que a minha. [...] Todos que trabalham aqui (Laboratório Borges), hoje são pais de família que ganham sustento através da prótese dentária. (SILVA, 2022)

Flávio Sanches Magalhães Tunes, empreendedor, proprietário da Clínica Tunes Centro Integrado desde 1998, egresso da turma 1991 e professor do curso da Instituição desde 2000, relatou que tem motivado seus alunos a desenvolverem competências do empreendedorismo individual e de visão empreendedora,

Como professores temos a capacidade de erguer um aluno ou de derrubar um aluno [...] ministro com prazer aquela aula, incentivando os alunos a aprender, incentivando os alunos a buscar o conhecimento [...] falo para meus alunos assim “Olha, em 1991 eu estava sentado numa cadeira onde vocês estão hoje, tenho clínica, sou professor, sou pai de família, realizado é, e vocês podem conseguir ganhar a vida. [...] Sinto realizado e tento passar para os alunos essa parte de empreender [...] empreender não só em dinheiro, com atitudes e com atos. [...] Empreendedor, eu me considero como sim, apesar de não ter nenhuma formação, de não ter feito nenhum curso sobre isso, acabo falando que acabei aprendendo isso na raça. Empreender na prática, na raça, de como se fosse um empreendedor. [...] Se você pensar um pouquinho diferente, você vai conseguir se destacar e pensar um pouquinho diferente é pensar em empreender. É pensar em crescer, é pensar nos detalhes, o que posso fazer para melhorar, o que posso fazer para crescer. (TUNES, 2022)

Outro relato que merece ser mencionado é da empreendedora Florisa Maria Nunes de Abreu Tunes, egressa de 1998, sócia proprietária da Clínica Centro Integrado Tunes, professora do curso da Instituição desde 2002, relatou que estimula e motiva seus alunos a empreenderem,

Empreendedorismo, estímulo sim, muito, gosto muito de contar (aos alunos): “Um dia eu estava aí no lugar de vocês” [...] “Vão ter os sonhos, independente se for da área de odontologia ou se for em outra área que escolherem. Um dia vão sair e podem estar aqui, no inverso, no meu lugar! E sempre falando para eles o quanto é importante a gente ter esse pensamento de empreendedorismo, que é extremamente importante agora na nossa vida. [...] A mulher é muito guerreira porque ela tem que ser mãe, em

primeiro lugar, ela tem que ser administradora da sua casa. E administradora do seu lar, vamos dizer assim da parte psicológica também [...] é realmente uma guerreira. No mercado de trabalho, pelo menos na minha área é um mercado de trabalho que valoriza a parte da odontologia, e têm muita, muita mulher trabalhando nessa área [...] realmente é uma área bem valorizada na área da mulher. Têm um potencial de crescimento enorme, elas têm uma qualidade de trabalho. [...] É importante ter mais conhecimento para empreender [...] ter todas as ferramentas que possam auxiliar para crescerem. (ABREU TUNES, 2022)

EMPREENDEDORES DA ÁREA DA SAÚDE BUCAL NA PANDEMIA COVID-19

No contexto do cenário da pandemia de Covid19, os profissionais, especialmente da área de prótese dentária foram muito afetados, passaram por períodos difíceis.

Foi muito difícil! Está sendo inclusive, porque os “resquícios” (desvios) dessa pandemia, ela continua, e principalmente na nossa área. “Senhora imagina”, dentista, ele tem contato direto com a boca do cliente. [...] Tem que ter abertura de boca para que seja feito o trabalho necessário. Então, isto afastou demais o cliente, e o dentista foi impedido de trabalhar com o cliente. O dentista sendo impedido de trabalhar com o cliente, o protético também fica [...] houve uma dificuldade muito grande, houve um afastamento muito grande e não tinha trabalho para trabalhar, nós ficamos dois anos e meio praticamente, fazendo muita pouca coisa. (FERRAZ, 2022)

O empreendedor da área da saúde bucal teve que reconhecer e utilizar suas qualidades e fragilidades para superar os desafios e alcançar objetivos pessoais e profissionais. Para Flavio Sanches Magalhães Tunes,

A área odontológica de prótese foi uma área que foi muito afetada, porque, porque nós vimos que esse vírus se passava pela respiração, se passava pelas gotículas da saliva, se passava ali pelo ar. [...] Fechamos o consultório até aprender sobre essa doença, até aprender como ter consciência, como lidar, como fazer isso, é como proceder com isso. [...] “Foi osso mesmo, de roer, vamos dizer assim.” [...] Hoje, graças a Deus, com o advento da vacina, todo mundo vacinado, fez com que essa doença se tornasse, está

se tornando, graças a Deus cada vez mais insignificante. Foi uma área muito afetada, e que a gente teve que parar, fazer conta, reverter ali para manter o seu negócio funcionando. (TUNES, 2022)

Diante da adversidade do cenário de pandemia Covid-19, é preciso agir de forma proativa, empreendedora, conforme testemunho de João Luís Borges da Silva,

O dentista, acho que é o primeiro da lista de contágio, os dentistas não estavam trabalhando, e os laboratórios sentiram muito, inclusive a gente perdeu até alguns funcionários, porque tinha que ficar fechado um tempo, depois a gente voltou bem... bem aos pouquinhos mesmo. Então ficamos dois anos assim com muita dificuldade. Esse ano 2022 que as coisas acho que normalizou, e estão voltando a crescer novamente. (SILVA, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática metodológica de entrevista de história oral com alunos egressos, utilizada nesse estudo, favorece a preservação da memória escolar por meio das narrativas das trajetórias estudantis de empreendedores.

As narrativas somadas à pesquisa escolar em documentos textuais e iconográficos existentes nos acervos escolares, no Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto e nos acervos pessoais dos entrevistados, contribuíram para o registro do percurso histórico do Curso Técnico em Prótese Dentária, de 1987 a 2022.

Os relatos da trajetória das competências e habilidades adquiridas durante a formação da Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária, como também os relatos das experiências profissionais dos empreendedores, integradas ao projeto individual e da sociedade, valorizam os aspectos da cultura escolar, servindo de estímulo e motivação para novos estudantes ingressarem no curso Técnico em Prótese Dentária da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, única escola que oferece curso gratuito no interior do Estado de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ABREU TUNES, Florisa Maria Nunes de. **Entrevista concedida à professora Jurema Rodrigues, em 11 de abril de 2022**, em São José do Rio Preto/SP. Acervo do Centro de Memória da Etec Phildelpho Gouvêa Netto, em 2022. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=199&vol=102>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto Federal nº 2.208, de 17 de abril de 1997**, que regulamenta o § 2º do Art.36 e os artigos 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1997/decreto-2208-17-abril-1997-445067-norma-pe.html>. Acesso em: 7 ago. 2022.

BRASIL. **Lei Nacional nº 6.710, de 05 de novembro de 1979**, que dispõe sobre a profissão de Técnico em Prótese Dentária. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16710.htm. Acesso em: 7 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio**. [18 de Fev.de 2020]. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/cahl/noticias/2220-coronavirus-o-que-voce-precisa-saber-e-fazer-como-prevenir-o-contagio>. Acesso em: 7 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV) Brasília: MS; 2020**. [10 de abril de 2020]. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/05/Protocolo-de-manejo-clinico-para-o-novo-coronavirus-2019-ncov.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2022.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB – Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 7 mai. 2022.

BRASIL. **Resolução CNE\CEB nº 03, de 09 de julho de 2008**, que dispõe sobre a instituição e implantação do Catálogo Nacional de Cursos técnicos de Nível Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb003_08.pdf.

BRASIL. **Resolução CNE\CEB nº 04, de 06 de junho de 2012**, que dispõe sobre alteração na Resolução CNE\CEB nº 03, de 09-07-2008, definindo a nova versão do Catálogo Nacional de Cursos técnicos de Nível Médio. Disponível em: http://www.gov.br/mec/pt-brseb-1/pdf/leis/resolucoes_cne/rceb004_12.pdf. Acesso em: 7 ago. 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Instrução 001/2014, CETEC, Grupo de Supervisão Educacional – Gestão Pedagógica, Região – São José do Rio Preto.** Dispõe sobre alteração da nomenclatura do curso para Habilitação Profissional de Técnico em Prótese Dentária. Acervo digital da Secretaria Acadêmica de 2014, em 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Plano de Curso da Habilitação de Técnico em Prótese Dentária, nº 419,** aprovado pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio – 1992, de 21 de janeiro de 2021a. Acervo digital da Secretaria Acadêmica de 2021, em 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Plano de Curso da Habilitação de Técnico em Prótese Dentária, nº 469,** aprovado pela Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico – 2044, de 31 de maio de 2021b, Acervo digital da Secretaria Acadêmica de 2021b, em 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Portaria do Coordenador do Ensino Técnico de 10 de janeiro de 2008.** Publicada no D.O. de 06 de junho de 2008, Seção I, pág.44. Dispõe sobre alteração da denominação do curso para Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Prótese Dentária. Acervo digital da Secretaria Acadêmica de 2008, em 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. **Portaria do Coordenador do Ensino Médio e Técnico nº 1903, de 07 de junho de 2020.** Publicada no D.O. de 08 de julho de 2020, Seção I, pág.39. Alteração no número de módulos do curso de quatro para três módulos., publicado no D.O. de 06 de junho de 2008, Seção I, pág.44. Acervo digital da Secretaria Acadêmica de 2020, em 2022.

COSTA, Alessandra de Melo; BARROS, Denise Franca; CARVALHO, José Luiz Felício. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea.** Rio de Janeiro; Curitiba, v. 15, n. 2, art.1, pp. 179-197, mar./abr.2011.

ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO. **Matrizes Curriculares da Habilitação de Técnico em Laboratório de Prótese Dentária, anos de 1987 a 2007.** Acervo da Secretaria Acadêmica de 2020, em 2022.

ETEC PHILADELPHO GOUVÊA NETTO. Acervo da Secretaria Acadêmica. **Matrizes Curriculares da Habilitação de Técnico em Prótese Dentária, Anos de 2008 a 2020,** Acervo da Secretaria Acadêmica de 2020, em 2022.

FERRAZ, Wandelson Taveira. **Entrevista concedida à professora Jurema Rodrigues, em 11 de maio de 2022,** em São José do Rio Preto/SP. Acervo do

Centro de Memória da Etec Phildelpho Gouvêa Netto, em 2022. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=202&vol=102>. Acesso em: 20 mar. 2023.

JORNAL DIÁRIO DA REGIÃO. Matéria jornalística. **Inaugurado o Curso de Prótese Dentária**, 17 de fevereiro de 1987. Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2022.

JORNAL O MOINHO. Matéria jornalística. **Educação nega Curso de Prótese Dentária**, Ano V, nº 12, abril de 1989. Acervo do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2022.

RIBEIRO, S. S. L. Por uma história da educação profissional: contribuições e desafios de pesquisas em história oral. In: CARVALHO, M. L. M. de (org.). **Cultura, Saberes e Práticas: Memórias e História da Educação Profissional**. São Paulo: Centro Paula Souza 2011, p. 321-336. Disponível em: http://www.cpsctec.com.br/memorias/arquivos/cultura_saberes_praticas.pdf. Acesso em: 18 ago. 2022.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista – Ensino Médio – EFAPE**. São Paulo: SEE- SP/UNDIME-SP, 2020. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wpcontent/uploads/2022/07/curriculo_paulista_etapa_Ensino_Medio_.pdf. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, João Luís Borges da. **Entrevista concedida à professora Jurema Rodrigues, em 17 de junho de 2022**, em São José do Rio Preto/SP. Acervo do Centro de Memória da Etec Phildelpho Gouvêa Netto, em 2022. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=200&vol=102>. Acesso em: 20 mar. 2023.

TUNES, Flávio Sanches Magalhães. **Entrevista concedida à professora Jurema Rodrigues, em 11 de abril de 2022**, em São José do Rio Preto/SP. Acervo do Centro de Memória da Etec Phildelpho Gouvêa Netto, em 2022. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=198&vol=102>. Acesso em: 20 mar. 2023.

O curso Técnico Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (1975-1990): entrevista de história oral

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti
Professora pesquisadora

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi escrito para o Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica, promovido pelo Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão e pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), realizado nos dias 6 e 7 de outubro de 2022, no Centro de Capacitação do Centro Paula Souza (CPS), em São Paulo. O objetivo é associar os cursos técnicos ou tecnológicos oferecidos pelo CPS às ações empreendedoras de ex-alunos. Nas entrevistas, eles poderiam contar sobre as práticas escolares e pedagógicas de seus professores, os objetos em uso, as avaliações, o mercado de trabalho, o cotidiano escolar. Os depoimentos seriam concedidos a professores-pesquisadores, envolvidos no projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais à empreendedores”, proposto em 2021, quando a pesquisadora era professora de História e curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual (Etec) Trajano Camargo, em Limeira. Para esse estudo foi utilizada entrevista de Wagner Fróes de Moraes, concedida à autora em 2021. Atualmente, a pesquisadora não exerce mais essas funções, mas entende que a continuidade das pesquisas contribuem para à escrita de certos momentos da história da Trajano Camargo, instituição escolar tradicional e reconhecida em Limeira e região, para fornecer material para comemorações, exposições e divulgação da escola.

Como afirma Costa (2013, p. 23) “[...], na constante tentativa de se preservar a memória de um grupo através de eventos que busquem reviver o passado, passam a ser repletos de valor simbólico ou cultural, e por isso devem ser preservados.”.



Figura 1 – Etec Trajano Camargo – fachada.
Fotografia digital: Maria Fernanda de Moura Barbosa, em 14/06/2022.

Essa pesquisa permitiu conhecer o curso Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos, habilitação profissional parcial¹⁹, iniciada em 1975, e extinta em 1990. A leitura de artigos e de pesquisas online, a consulta aos acervos documentais da Diretoria, da Diretoria de Serviços, da Diretoria Acadêmica, do Centro de Memória escolar e entrevistas de história oral, são as fontes usuais das pesquisas do GEPEMHEP.

HISTÓRIA ORAL E CULTURA ESCOLAR

No Brasil, a metodologia de História Oral foi introduzida na década de 1970, ao ser criado o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC/FGV. A partir dos anos 1990, o movimento em torno da história oral cresceu muito. O site do CPDOC, no link Acervo, apresenta um Programa de História Oral (PHO) com entrevistas “tomadas como fontes para a compreensão do passado”. Com início em 1975, a coleção tem mais de 2.400 entrevistas. São usadas para projetos como “Memória das Ciências Sociais no Brasil”; “Futebol, Memória e Patrimônio”; “1964 e o Regime Militar”; “História do Movimento Negro no Brasil” e muitos outros. No projeto “Trajetória e Pensamento das Elites Empresariais de São Paulo” o site “traz histórias de vida de alguns dos mais importantes empresários paulistas, com atuação na

¹⁹ Habilitação profissional parcial com a duração de três anos, sem estágio supervisionado. O concluinte recebe um certificado de conclusão, apto a prosseguir os estudos. Habilitação profissional plena com a duração de quatro anos e exigência de estágio supervisionado. O concluinte é técnico na sua especialidade.

trajetória política e econômica do país desde os anos 1950.” Foram entrevistados, entre outros, Abílio Diniz, Paulo Cunha, Olavo Setúbal, João Guilherme Ometto, Benjamin Steinbruch, Boris Tabacof. Os testemunhos orais são gravados, com filmadora, celular, aplicativo digital, e, ao serem transcritos, se transformam em fontes documentais significativas ao lado de documentos escritos, cartoriais, imagéticos, sonoros. (CPDOC, 2022)

Quanto às fontes documentais empregadas neste estudo,

Chamaremos de “fontes” todos os vestígios do passado que os homens e o tempo conservaram, voluntariamente ou não – sejam eles originais ou reconstituídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo, daqui para a frente, “virtuais” (contanto, nesse caso, que tenham sido gravados em uma memória) –, e que o historiador, de maneira consciente, deliberada e justificável, decide erigir em elementos comprobatórios da informação a fim de reconstituir uma sequência particular do passado, de analisá-la ou de restituí-la a seus contemporâneos sob a forma de uma narrativa, em suma, de uma escrita dotada de uma coerência interna e refutável, portanto de uma inteligibilidade científica. (ROUSSO,1996, p. 2)

A História Oral tem sido uma das metodologias empregada pelos professores- pesquisadores do GEPEMHEP nos seus estudos e trabalhos para um conhecimento mais esclarecedor e mais profundo do patrimônio histórico-educativo, notadamente das suas próprias escolas (CARVALHO; RIBEIRO, 2013). Tem sido usada como complementação de dados quantitativos obtidos, a partir de documentos textuais, iconográficos e tridimensionais localizados nos arquivos escolares. Apesar de os entrevistados não se lembrarem de tudo, não narrarem tudo que lembram, ajudaram e ajudam a construir a memória coletiva da escola Trajano Camargo, posto que à escola é

[...] o território físico e social na construção ou desconstrução de memórias e identidades [...] a Escola é um espaço onde as lembranças permanecem, os alunos e professores estão enraizados e unidos por essa lembranças ou por essas reminiscências [...] onde essas memórias se perpetuam e se dinamizam tendo em vista a grande rotatividade de pessoas e lembranças que ali são estabelecidas deixadas por aqueles que um dia fizeram parte desse grupo social. (COSTA, 2013, p. 23-24)

As instituições escolares, segundo Bastos e Jacques, (2014, p. 51) “são lugares de memória e de rememoração que buscam evitar o esquecimento”. Têm a sua própria cultura, a cultura escolar que é

Constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, regras, rituais, rotinas, hábitos e práticas [...] que permitem-lhe gerar produtos que lhe dão a configuração de uma cultura independente [...]. O exercício do arquivo tem um espaço importante nesse processo historiográfico de investigação sobre a cultura escolar [...]. (MOGARRO, 2005, p. 105)

Os documentos da cultura escolar podem ser localizados nas salas de aula, nos laboratórios, nos arquivos da Diretoria, da Secretaria, na Diretoria de Serviços, na Biblioteca, no Centro de Memória. Precisam ser salvaguardados e preservados para ajudarem a contar a história da instituição escolar.

ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL DE VIDA COM WAGNER FRÓES DE MORAES

Wagner Fróes de Moraes (Figura 2) foi indicado por José Henrique Heydman Jr., ex-professor do curso Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos, para ser entrevistado para o projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais à empreendedores”, registrado na Plataforma Brasil, CAAE: 48473721.4.0000.8125, e autorizado pelo Comitê de Ética (CEP) da Faculdade Santa Marcelina pelo Parecer nº 4.813.867 (CARVALHO, 2021). Moraes (2021) foi ex-aluno e se tornou empresário. Ao ser convidado, concedeu uma entrevista que foi realizada online, pela plataforma Teams, em 08 de outubro de 2021.



Figura 2 – Wagner Fróes de Moraes, em 2021.
Fonte: MORAES, 2021.

A transcrição foi concluída, em 16 de outubro de 2021, e posteriormente, assinados os termos para autorização de uso de imagem, de cessão dos direitos autorais, e de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Essa entrevista é parte do projeto coletivo, que tem por objetivo

[...] identificar e difundir trajetórias sociais e profissionais de ex-alunos (as) que se tornaram empreendedores, a fim de conhecer a cultura empreendedora em diferentes regiões do estado de São Paulo, associando-a aos diferentes cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no país. (CARVALHO, 2021)

O empreendedorismo é uma atitude, um comportamento enfatizado nos projetos escolares e no trabalho. Há quem afirme que você pode ser empreendedor sem ter empresa, pode ser um intraempreendedor, aquele funcionário que enxerga, vê, age, procura soluções e resolve os problemas dentro da empresa onde trabalha. Wagner Fróes de Moraes (2021) diz que “era intraempreendedor dentro da TRW já há 18-19 anos, aí comecei a visualizar a possibilidade de ter o próprio negócio.”

O vestibulinho do Centro Paula Souza, realizado em 03 de julho de 2022, apresentou um texto sobre empreendedorismo para os candidatos responderem as questões 14, 15 e 16.

Há três tipos de empreendedorismo: o clássico, o social e o serviço social. O empreendedorismo clássico é o projetado para gerar lucro financeiro. [...]. Um segundo tipo de empreendedorismo é o social, que não tem como prioridade criar lucros financeiros substanciais para seus investidores. [...] a proposta [...] é planejada para uma população carente ou altamente desfavorecida, sem recursos ou influência para conseguir transformar sua vida por conta própria. [...] pode gerar renda e pode ser organizado com fins lucrativos. O serviço social é uma resposta a um problema social identificado e acolhido com coragem por alguém. [...] Ações como a visita de estudantes a lar de idosos, arrecadação de ração para animais abandonados, entre outros, são exemplos de práticas de serviço social. (CENTRO PAULA SOUZA, 2022)

O empreendedorismo social tem sido valorizado nessa época de grandes desafios socioambientais brasileiros. Tanto que o jornal Folha de S. Paulo e a Fundação Schwab, na 18a edição do Prêmio Empreendedor Social 2022²⁰, destaca ações em direitos humanos e ambiente. As doze iniciativas finalistas desenvolveram soluções que se enquadram na categoria “Destaques na Pandemia”, como o socorro a microempreendedores; na categoria “Inovação e Meio Ambiente”, a exemplo de uma rede para monitorar o uso da terra e da água nos biomas brasileiros; na categoria “Direitos Humanos”, como o projeto para promoção da igualdade racial por meio da empregabilidade e educa-

20 Prêmio Empreendedor Social anuncia os 12 finalistas. Folha de S. Paulo, 9 de agosto de 2022, p. A20.

ção; na categoria “Soluções Comunitárias”, como o projeto de formação em Gastronomia para alunos de periferia, majoritariamente mães e negras.

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2021), uma “instituição que prepara os micro e pequenos empresários para obterem as condições necessárias para crescer e acompanhar o ritmo de uma economia competitiva”, o otimismo, a coragem, a autoconfiança, a persistência e resiliência são algumas características de um empreendedor.

Milton Marildo Milaré (Figura 3), outro dos entrevistados para o projeto coletivo “História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores”, ao ser indagado se haveria habilidades pessoais para uma pessoa se tornar um empreendedor, afirmou

Eu acredito que sim, eu acredito que tenha aí, em grande porcentagem, o tino da pessoa. A pessoa em si só ela tem esse dom. Esse dom pode florescer ou pode não florescer, esse dom pode ser melhorado, pode ser ensinado, pode ser disciplinado, mas acredito que todo empreendedor, a primórdio, se ele não tem o dom, o primeiro instinto, ele não vira empreendedor. (MILARÉ, 2021)

O dom seria talento? “O talento não surge espontaneamente, mas costuma ser reflexo de uma combinação bem orquestrada entre os esforços e os investimentos corretos realizados pela família e sociedade”, conforme Michael Franca em matéria jornalística²¹, em defesa das cotas nas universidades.



*Figura 3 – Milton Marildo Milaré.
Fonte: MILARÉ, 2021.*

O depoimento de Wagner Fróes de Moraes (2021) versou sobre sua vida escolar, profissional e sociocultural. Ainda bem jovem, com 13 anos estava matriculado em duas escolas diferentes. Fez a 6^a, 7^a e 8^a séries na EEPG

21 Michael Franca, relata na matéria jornalística “Cotas podem ajudar a resgatar o mérito, enquanto excluem os medíocres”. Folha de S. Paulo, 9 de agosto de 2022, p. A26.

Major José Levy Sobrinho, junto à especialidade de Torneiro Mecânico-Ferramenteiro na escola SENAI Luiz Varga, de 1982 a 1984. cursou o Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (DFD), à noite, na EEPSPG Trajano Camargo, em concomitância com o curso de Magistério, na EEPSPG Prof. Ely de Almeida Campos, à tarde, entre 1986 e 1987. E, em algum momento, fez aulas de Inglês. Estudava e/ou trabalhava nos períodos da manhã, tarde e noite. Pouco se lembrou do curso de DFD, dos professores, das práticas pedagógicas, das avaliações, do cotidiano escolar. Também, não guardou fotos, cadernos, livros, convite de formatura ou qualquer outro material desse período. Mas valorizou a aprendizagem, ao afirmar que

[...] O conhecimento que adquiri nesse curso e a dedicação que os professores da época tiveram foi muito influenciadora da gente entrar no mercado de trabalho, ter um conhecimento técnico como o curso de DFD é fantástico. Ele me colocou em contato com a habilidade de fazer projetos, de fazer desenhos e, hoje, depois de quarenta anos, trinta e poucos anos, eu uso conhecimento do curso de DFD até hoje na área de trabalho que estou fazendo hoje. Então, o conhecimento que aprendi lá no colégio técnico foi fundamental para desempenhar a atividade que tenho hoje, para o meu trabalho na minha empresa. (MORAES, 2021)

As habilidades e os conhecimentos aprendidas e adquiridos no curso de Torneiro Mecânico-Ferramenteiro facilitaram sua compreensão e desempenho em alguns componentes do currículo de DFD. E, ambos os cursos, o ajudaram a conseguir um estágio remunerado na empresa Freios Varga S.A., depois convertido em contratação. Nessa empresa permaneceu por 21 anos, nas áreas de engenharia, vendas e marketing. Com o tempo, a Freios Varga se tornou multinacional, fundindo-se ao grupo inglês Lucas Varity, depois, incorporando-se ao grupo americano TRW e, finalmente, ao grupo alemão ZF.

Foi o caminho seguido por muitas empresas brasileiras, como Firkowshi e Sampaio (1992) analisam no artigo intitulado “A industrialização recente do município de Limeira em face do contexto industrial paulista, pós-1960”.

[...] O papel desempenhado e a importância detida pelos investimentos externos na Industrialização recente de Limeira podem ser assim definidos: as indústrias controladas por capitais externos, apesar de serem minoritárias quanto ao número de estabelecimentos, são de grandes dimensões e ocupam elevado contingente de mão de obra. Em 1986, das 17.233 pessoas ocupadas nos 40 maiores estabelecimentos do município, 9.952 pessoas ou 57,7% do total eram empregadas pelas 12 indústrias de capital externo, enquanto os restantes 42,3% se distribuíam pelos 28

estabelecimentos controlados por capitais locais. Tal fato, obviamente, submete grande parcela do emprego industrial limeirense a um poder decisório externo, certamente não comprometido com os interesses locais. (FIRKOWSKI; SAMPAIO, 1992, p. 9)

Enfim, o trabalho na empresa Varga S.A. e, nas estrangeiras que a absorveram, somado ao trabalho de professor no ensino superior, aos estudos de pós-graduação, conduziram Wagner Fróes de Moraes a fazer a mudança da área automotiva para a elétrica. Criou, em 2010, a “Solbr Soluções Sustentáveis”, empresa de soluções energéticas e sustentáveis na área fotovoltaica, que comercializa bicicletas e patinetes elétricos, trazidos da China, que “geram sua própria energia no sistema voltaico na sua casa, no seu comércio para que você possa abastecer seu veículo de locomoção com a própria energia que você gera” (MORAES, 2021). Oferece estações de recarga para carros elétricos e caminhões, vende e comercializa cisternas de água pluvial. Faz trabalho voluntário na sua Igreja, atua na Associação de Ambientes de Inovação da cidade de Limeira – AAIL, cuja razão social é Fábrica de Inovação.

Indagado sobre as qualidades, as características necessárias para um empreendedor, respondeu que

Existe o que se chama formação de competências, aonde você reúne dentro do programa de formação de competências, habilidade técnica, habilidade de fazer as coisas, o conhecimento técnico. Você tem o saber, o saber fazer e agora tem que ter muita força de vontade. Não é só de conhecimento e não é só de habilidade, os três elementos trabalhando junto no CHA – conhecimentos, habilidades e atitudes formam competências para você desenvolver atividades empreendedoras. Atividades empreendedoras elas podem ser atividades que você só melhora algo que existe – o que a gente chama empreendedorismo de inovação natural, uma melhoria de algo que existe, incremental, e existe a inovação disruptiva, que é o empreendedorismo voltado a fazer algo disruptivo, você vai empreender algo que é totalmente novo a ponto de substituir algo que não existe no passado. Essas duas linhas de empreendedorismo, uma é escalável, é muito grande. [...] tem o empreendedorismo do cotidiano que você vai fazendo o melhor. Dentro da formação de competências, conhecimento é apenas o básico hoje, é necessário, não é o diferencial. [...] o que o empreendedorismo precisa são pessoas que estão no ranking no. 1, proativas, aquelas pessoas que fazem aquilo que precisa ser feito, da melhor maneira possível, sem que ninguém mande, sem que ninguém fique cutucando – o quê precisa fazer. Aquelas pessoas que esperam o leite ser derramado. Isso, hoje em dia, não tem es-

paço no mercado de trabalho, muito menos para ser empreendedor. Quem tem empreendedorismo, ele tem visão, tem o incômodo, ele não entra na curva de acomodação. Quem é empreendedor, quando percebe que está na curva de acomodação ele cria um produto novo, abre uma startup, lança novas coisas para inovar para a sociedade, para a sociedade se tornar melhor do que era anteriormente. [...] não é ser empreendedor só para você, é você ser empreendedor para a sociedade em que vive. (MORAES, 2021)

Um paralelo pode ser traçado com a entrevista de Antonio Alexandre Piccinini (2021) (Figura 4), concedida para o projeto coletivo. Piccinini teve igualmente uma vida corrida: frequentou duas escolas, ao mesmo tempo, SENAI de Campinas, onde cursou Ferramentaria e, na Trajano, Desenhista de Ferramentas e Dispositivos, nos anos de 1984, 1985 e 1986. Na 3ª série, estudava, à noite, e trabalhava durante o dia. Depois de passar por diferentes empresas, aprender, poupar, decidiu abrir seu negócio, que era prestação de Serviços de Desenho de Pojetos na área Mecânica. Afirmou que “As fábricas tinham funcionários que faziam isso (desenhos de projetos) e não terceirizavam esse tipo de serviço. Então, eu tinha que fazer um mercado [...] aprender a parte comercial [...]” (PICCININI, 2021). Inovou e não se acomodou. Mais tarde, “além de desenhar, projetar, nós começamos a fabricar os equipamentos que a gente projetava para terceiro [...] a fornecer os moldes” (PICCININI, 2021).

Começou a produzir os moldes das peças plásticas, a empresa mudou de nome, de DPA Engenharia Mecânica para DPA Indústria Mecânica.



Figura 4 – Antonio Alexandre Piccinini.
Fonte: PICCININI, 2021.

As entrevistas com ex-alunos, foram a motivação para esse trabalho sobre a origem do curso de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos na escola Trajano Camargo.

O CURSO TÉCNICO DE DESENHISTA DE FERRAMENTAS E DISPOSITIVOS NA EEPSG TRAJANO CAMARGO (1975-1990)

A consulta ao acervo histórico da Diretoria Acadêmica e ao arquivo da Diretoria (gestão escolar) nos permitiram fazer uma análise do currículo e do desempenho dos alunos entre 1975 e 1990, e montar a linha de tempo do curso Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos.

As grades curriculares do Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, era o amparo legal do sistema educacional brasileiro. Fixava para o ensino de 2º grau, a Educação Geral e a Formação Especial, nos anos 1970, ou a Parte Comum e a Parte Diversificada, nos anos 1980, como são denominados de acordo com as grades curriculares consultadas de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos, entre 1975 e 1990. Na Educação Geral/Parte Comum, o Núcleo Comum com as matérias de Comunicação e Expressão, os conteúdos específicos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Língua Estrangeira Moderna – Inglês, Educação Artística, Educação Física. Em Estudos Sociais, os conteúdos de História, Geografia, Organização Social e Política Brasileira, Educação Moral e Cívica. Em Ciências, os conteúdos de Física, Química, Biologia/Programas de Saúde (BRASIL, 1976).

Na Formação Especial/Parte Diversificada²², o Mínimo Profissionalizante, especificado na Tabela 1, com a carga horária semanal de todos os componentes. A LDB tornava obrigatória nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus a inclusão de Educação Física, Educação Artística, Educação Moral e Cívica e Programas de Saúde (art. 70). As aulas de Educação Física eram desenvolvidas no diurno. Com atestado de trabalho, geralmente,²³ o aluno poderia ser dispensado delas, a aprovação era por frequência, igual ou superior a 75%. O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, para os alunos, era disciplina dos horários normais nos estabelecimentos oficiais, com uma aula semanal.

A Tabela 1, também apresenta a carga horária semanal de cada componente. É uma grade para o turno noturno, de 3 anos, módulo de 36 semanas, 180 dias letivos. O estágio supervisionado não era exigido. Foi a grade cursada pelo entrevistado, Wagner Frões de Moraes. Ele fez a 1ª série do 2º grau na

22 Nas grades curriculares de 1975 a 1984, a Formação Especial é composta pela parte diversificada, disciplinas instrumentais e mínimo profissionalizantes. Os currículos posteriores a 1983, fazem referência apenas a mínimo profissionalizante.

23 Casos de dispensa em Educação Física: por trabalhar mais de 6 horas por dia; por ter mais de 30 anos de idade; por estar na ativa do serviço militar; por motivo de doença; por ser aluna com prole; por ser trabalhador rural (comprovante do sindicato); outros, conforme consta no requerimento de matrícula de Claudimar Luis Eller, 1984.

EEPSG Castello Branco, foi matriculado na 2ª série de DFD²⁴ da EEPSG Trajano Camargo e concluiu a 3ª série em 1987.

Moraes (2021) já era Torneiro Mecânico-Ferramenteiro pelo SENAI, ao entrar no curso Técnico de DFD. Afirmou que a dedicação dos seus professores e o conhecimento adquirido no técnico, foram fundamentais para entrada dos alunos no mercado de trabalho.

Ele me colocou em contato com a habilidade de fazer projetos, de fazer desenhos e, hoje, depois de quarenta anos, trinta e poucos anos, eu uso o conhecimento do curso de DFD até hoje na área de trabalho [...]. Então, o conhecimento que aprendi lá no colégio técnico foi fundamental para desempenhar a atividade que tenho hoje, para o meu trabalho na minha empresa (MORAES, 2021).

A consulta a 12 grades curriculares do curso DFD, dos anos: 1975-76-77; 1976-77-78; 1977-78-79; 1978-79-80; 1981-82-83; 1982-83-84; 1983-84-85; 1984-85-86; 1985-86-87; 1986-87-88; 1987-88; 1989-90 apontam para algumas considerações sobre o funcionamento dessa habilitação profissional de 2º grau:

- As disciplinas com maior carga horária semanal eram Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, com o total de 8, 9 ou 10 aulas semanais, quando acrescida de Técnicas de Redação em Língua Portuguesa (disciplina instrumental);
- Matemática, de 6 a 10 aulas semanais, quando Matemática Aplicada era disciplina instrumental; – História e Geografia, com 5, 3 ou 2 aulas;
- Inglês, com 2, 3, 4, e 7, quando disciplina instrumental; Educação Física, sempre com 3 aulas semanais; Educação Artística, com 2 aulas, apenas na 1ª série;
- Educação Moral e Cívica, na 2ª série e – Organização Social e Política Brasileira (OSPB), na 3ª série, ambas com duas aulas (CENTRO ESTADUAL INTERESCOLAR TRAJANO CAMARGO, 2022; ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO, 2022a).

Em algumas grades aparece a disciplina Programas de Informação Profissional, na 1ª série, para orientação dos alunos sobre os cursos técnicos da Trajano e de outras escolas da cidade. Em mínimo profissionalizante, a carga maior era de Desenho Técnico que, com Projetos de Ferramentas e Dispositivos, de 12 a 19 aulas por semana.

24 A transferência era possível porque eram ministrados os componentes curriculares do núcleo comum na 1ª série nas duas escolas públicas estaduais.

Tabela 1: Grade curricular do Técnico Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (1985-1987)

PARTE COMUM – NÚCLEO COMUM			
COMPONENTES CURRICULARES	1^a	2^a	3^a
Língua Portug. e Literatura Brasileira	4	3	3
Língua estrangeira moderna – Inglês	2	2	
Educação Artística	2		
Educação Física	3	3	3
História	3		
Geografia	3		
Org. Social e Política Brasileira			2
Educação Moral e Cívica		2	
Matemática	4	3	2
Física	3	2	2
Química	3	2	
Biologia e Programas de Saúde	3		
PARTE DIVERSIFICADA – MÍNIMO PROFISSIONALIZANTE			
	1^a	2^a	3^a
Desenho Técnico de Mecânica		4	2
Organização e Normas		2	
Resistência dos Materiais		2	2
Tecnologia dos Materiais		3	2
Projetos de Ferramentas e Dispositivos			6
Produção Mecânica			3
Total de horas – parte comum e parte diversificada			3.096

Fonte: Diretoria da Etec Trajano Camargo, em 2022.

Observou-se pelos dados quantitativos que, quando o total geral do curso era de 84, 85, 90 horas, a porcentagem das aulas do Núcleo Comum era inferior à porcentagem das “disciplinas técnicas”. Com as ampliações para 3.024, 3.096, 3.168 horas, ocorreu o inverso, a porcentagem das aulas das disciplinas do Núcleo Comum se tornou superior a das disciplinas da formação especial. As grades se destinavam às três séries. Com o curso chegando ao fim, a grade de 1987-88 era para a 1ª série (com aulas dos componentes do núcleo comum) e 2ª série (com componentes do núcleo comum e quatro componentes do mínimo profissionalizante).

A grade de 1989-1990, a última, era aplicada à 2ª e 3ª séries. Os alunos da 2ª série, promovidos em 1990, foram remanejados para a Habilitação Parcial de Técnico em Mecânica. Os concluintes recebiam o certificado da Habilitação Profissional Parcial de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos. Nem todos retiraram os certificados. Há casos de aprovados na 3ª série que se matricularam na 4ª série da Habilitação Plena de Mecânica ou de Eletromecânica. Obtiveram o diploma de técnico com o cumprimento do estágio e do relatório. Sem registros e informações, restam as indagações. Porque o curso Técnico de DFD só foi oferecido por 15 anos? Outras habilitações como Mecânica, Nutrição e Dietética e Metalurgia têm mais de 40 anos. Por outro lado, Economia Doméstica com início em 1975, foi extinta em 1981. O curso formava a mulher para ser mãe, esposa e administradora do lar. Não deve ter contemplado os novos papéis femininos, as aspirações de realização pessoal, através dos estudos e do trabalho. O curso de Secretariado foi criado em 1987 e extinto em 1999, acredita-se, que em função do avanço tecnológico. A máquina de escrever foi substituída pelo computador e os softwares, os aplicativos e sites. A antiga Secretária se tornou Assistente ou Assessora. Aprendeu a redigir, a fazer planilhas no excel e apresentações em power point. Passou a executar trabalhos mais importantes para assessorar os executivos. Tanto Economia Doméstica como Secretariado eram cursos frequentados por mulheres, com raros estudantes do sexo masculino, no segundo.

Para o encerramento do curso técnico de DFD podem ser enumeradas algumas possibilidades como a baixa demanda, a dificuldade de colocação no mercado de trabalho, a evolução tecnológica, a crise econômica local/nacional, o despreparo de professores²⁵, a falta de didática e de material pedagógico, a descontinuidade no funcionamento das turmas de 2ª e 3ª séries, a baixa frequência, a complexidade de matérias que exigiam conhecimentos anteriores, a necessidade de trabalhar para ajudar ou manter a família. Mas, tem que ser levada em consideração que a habilidade em Desenho, o “punho leve”, deveria ser condição essencial para o curso. Nem todos os alunos deveriam tê-la.

25 Não é o que afirma Wanderley Roberto Razera – “Os professores eram bem-preparados até porque eles exerciam as profissões nas empresas e passavam todo seu conhecimento de campo para nós”. (RAZERA, 2022)

As atas de “resultados finais” no curso Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (1977-1990)

O Acervo Histórico da Diretoria Acadêmica tem as atas de “resultados finais” desde 1977, geralmente, em pastas e em dois livros. São a fonte para a contagem do número de alunos matriculados por série e por curso, por sexo, as disciplinas, os conceitos bimestrais e o “resultado final individual” (ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO, 2022b; ESCOLA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO, 2022c).

A Habilitação Profissional Parcial de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos foi oferecida entre 1975 e 1990, com descontinuidades. Em 1980 e 1981 não foram formadas classes de 2ª e 3ª séries. Em 1982, foi formada uma classe de 2ª série, mas não havia, evidentemente, a 3ª série. Os promovidos na 2ª série, em 1990, com a extinção de DFD, foram remanejados para a Habilitação Profissional Parcial de Técnico em Mecânica. No total geral, concluíram os estudos, 12 turmas. As três primeiras em 1977, 1978, 1979, com 10, 15 e 14 formandos, respectivamente.

O curso técnico DFD era um curso “masculino” com baixa presença de mulheres, que ou foram retidas ou abandonaram os estudos, com alta taxa de retenção e de desistência e reduzido número de transferidos. Dois exemplos extremos comprovam tal afirmação: – Em 1984, na 2ª série B, turno noturno, com 48 alunos matriculados do sexo masculino, 18 foram promovidos (38%), 7 retidos (15%), 19 evadidos (40%), 3 transferidos e 1 sem identificação, e em 1985, na 2ª série A, turno noturno, com 53 alunos matriculados (52 do sexo masculino e 1 do sexo feminino), 20 promovidos (38%), 8 retidos (15%), 24 evadidos (45%), 1 transferido.

A 1ª série do chamado 2º Grau Básico, nos turnos diurno e noturno, formava algumas classes com mais de 40 matriculados, outras, com mais de 50, com diversas composições: DFD/Economia Doméstica, Metalurgia/ Economia Doméstica, Economia Doméstica/Nutrição e Dietética ou com uma só habilitação – Técnico em DFD, Técnico em Economia Doméstica, Técnico em Metalurgia, Técnico em Eletromecânica, formação de classes em 1977. Eram altas as taxas de evasão e/ou retenção. As classes eram mistas, “masculinas” ou “femininas”. As disciplinas ministradas eram as do Núcleo Comum. Na 2ª série, as classes eram formadas as classes segundo as habilitações escolhidas. Ocorreu uma diminuição do número das turmas do 2º Grau Básico ao longo do período estudado de 12 para seis turmas.

Os conceitos bimestrais e o anual eram auferidos pelas letras A_B_C_D_E. Promoviam os conceitos A_B_C e retinham D_E. Havia a possibilidade de recuperação e de dependência. A promoção ou a retenção, podia ser direta ou após estudos de recuperação, como consta em códigos no Livro de Registro de Conceitos Bimestrais, 5º conc. (conc. final) e 7º conc. (conc. final definitivo) e de resultado final, a partir do ano de 1979: P – promovido sem recupera-

ção: PRC – promovido com recuperação; PD – promovido com dependência; PRGD – promovido com recuperação e com dependência; R – retido; RRC – retido com recuperação; A – abandono; T – transferido.

Desconhecidos o “quando” e o “como” ocorreram as aulas/atividades/provas de recuperação e de dependência, provavelmente, através de mais uma prova, dentro do ano letivo. O “concomitante” era o aproveitamento de estudos, ou seja, a eliminação de componentes já cursados em outras habilitações.

Uma simplificação, ou maior rigor, é evidenciado na Ata de Resultado Final de 1986. Os códigos da avaliação final passaram a ser: P – promovido; R – retido; E – evadido (abandono/desistência); T – transferido.

Uma importante contribuição ao trabalho foi concedida por e-mail, por Wanderley Roberto Razera (2022), diplomando de 1986. Que quanto às avaliações, relatou que

Nas matérias de Cálculos, as avaliações eram baseadas na construção dos cálculos e, conseqüentemente, no seu próprio resultado; em Desenho eram baseadas na execução do desenho, na utilização e identificação das linhas, na utilização da escala, no tempo de execução, no capricho, entre outros critérios; na oficina, mais especificamente no Torno, as avaliações eram baseadas no tempo de execução e no acabamento da peça, na organização e limpeza do ambiente de estudos (RAZERA, 2022).

Em relação aos materiais empregados nas aulas das disciplinas técnicas, Razera (2022) afirmou que cada aluno tinha seu material: compasso; esquadros; transferidor; régua; grafite; penas de números 0, 2, 0,4, 0, 6; tinta nanquim; papel vegetal. A régua T era usada “quando não havia prancheta com tecnígrafo ou o tecnígrafo estava quebrado”²⁶ (Figura 5).



Figura 5 – Tecnígrafo.
Fotografia: Arnold Baccan Filho, em 2022.
Local: Laboratório de Metrologia, em 2022.

26 Tecnígrafo é um instrumento adaptável à prancheta reunindo, num só mecanismo, esquadro, transferidor, régua paralela e escala. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Desenho-T%C3%A9cnico/55196715.html> Acesso em: 26 ago. 2022.

Celestino Mikami (Mecânica), Fernando Dário (Desenho), Luiz Carlos Zacharias (Matemática), Melhem Carlos Simão (Física), Miguel Angelo Janieri (Matemática), Natália Messias Menezes (Inglês), José Henrique Heydman Jr. (Organização e Normas), Paulo César Pires da Silveira (Resistência dos Materiais), Evandro Ap. Fonseca foram os professores identificados por Razera. Este nomeou os colegas que estão na Figura 6, fotografia esta retirada do convite de formatura, cuja capa está estampada na Figura 7. Compareceram 15 dos 25 formandos à sessão solene realizada, em 29 de dezembro de 1986, no auditório da escola, após a missa na Igreja Sta. Terezinha.



Figura 6 – Da esquerda para a direita: Marcelo Ap. Raimundo, Marcelo Rodrigues, Carlos Russo Leal, Luis Marcelo Batista, Antônio Douglas Migoto, Claudionor Barbosa, Gilson R. Dastro, Robson E. Picinin, Célio da Silva, Djalma Caetano dos Santos.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em 2022.



Figura 7 – Capa do convite de formatura do 1º e 2º grau da EEPSP Trajano Camargo.
Fonte: Arquivo pessoal de Wanderley Roberto Razera, em 2022.

Uma observação se faz necessária: as condições de ensino descritas podem não ter ocorrido do mesmo modo em outras turmas, em outros anos, com outros professores. Todavia, é um estudo de caso importante para a recuperação da história e da memória coletiva da Trajano Camargo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar a pesquisa, acreditava-se que por meio de entrevistas e dos documentos do acervo escolar, fosse possível fazer uma narrativa do curso de Técnico de Desenhista de Ferramentas e Dispositivos. Pensou-se até na similaridade desse curso com ferramentaria²⁷. A Escola SENAI Luiz Varga, em Limeira, oferecia a especialidade de Torneiro Mecânico-Ferramenteiro. A função do ferramenteiro é fazer os ajustes finais de uma peça, afiar as ferramentas para o torneiro usar, mas o torneiro também pode fazer esses ajustes. O desenhista de ferramentas fazia o projeto de uma peça e, nas aulas de Mecânica, aprendia como ia sair a peça projetada. Essas e outras informações foram passadas por telephone e por e-mail pelo Sr. Wanderley Roberto Razera, diplomando de DFD de 1986. Ele, mais ex-alunos da Trajano Camargo e o ex-professor Paulo César Pires da Silveira têm um grupo no WhatsApp. Ao saber dessa pesquisa, entrou em contato, respondeu perguntas, identificou pessoas e lembrou que “o bichinho com a régua na mão foi considerado nosso mascote/logo”, o tecnígrafo. Razera prestou várias informações que enriqueceram o texto. Assim, além das entrevistas de história oral, a tecnologia permite outras formas de coleta de dados para uma pesquisa, na atualidade.

As entrevistas realizadas em 2021, com Antonio Alexandre Piccinini e Wagner Fróes de Moraes, ex-alunos de DFD, foram também histórias de vida, narrativas sobre os estudos, empregos, atitudes e desafios de um empreendedor frente às crises econômicas do país e à crise sanitária da Covid-19, entre 2020 e 2021, bem como os acertos e o compromisso com seus funcionários. Pouco se lembraram da metodologia de ensino, das práticas pedagógicas, dos nomes dos seus professores e dos colegas, quase nada do cotidiano escolar. Reconheceram a importância dos cursos do SENAI (Ajustador Mecânico ou Torneiro Mecânico e Ferramenteiro) e do Técnico de DFD. Estudavam e trabalhavam, provavelmente sem muito tempo para a construção de uma memória individual e coletiva.

27 O ferramenteiro realiza a confecção e reparo de ferramentas de corte, dobra, repuxo e outras para estruturar chapas de aço e demais materiais metálicos e desenvolve molde de sopro e injeção plástica, de alumínio ou estampos. Monta e ajusta componentes das peças, de acordo com manuais e instrumentos de medição para atender dimensões e alinhamentos. Os ramos que pagam mais nesse cargo: automotivos, plásticos, metalúrgica/siderúrgica. É o que está escrito no site da Catho, empresa de recolocação. Disponível em: https://catho.com.br/profissoes/ferramenteiro/?gclid=Cj0KCQjwxb2XBhDBARIsAOjDZ37UySUXn-Cpoy97qAlVuF68qF0q1vUar100BdUMMV_AtSN7BEvj3QiYaAunoEALw_wcB/c. Acesso em 07 ago. 2022.

REFERÊNCIAS

100 ANOS DE REPÚBLICA – **Um retrato ilustrado da história do Brasil**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1989, Volume III, p. 21.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni. Liturgia da memória escolar – Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 49–76, jan. /jun. 2014.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 06 set. 2021.

BENEDETTI, Marlene Aparecida Guiselini. Cursos Técnicos da Escola Trajano Camargo e Projetos Empresariais (1981–1986). **Caderno de Resumos e Programação**. Jornada Patrimônio Cultural da Educação Profissional e Tecnológica: Saberes e Práticas, 2021, p. 50–51. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/jornada2021/documentos/CadernodeResumosJPCEPT2021.pdf> Acesso em: 06 set. 2022.

CARDOSO, João Augusto. **Dr. Trajano: cem anos de história dedicada a Limeira**. Limeira: O Jornal, janeiro de 1990. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho (coord.). **Projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais à empreendedores”**. Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. 2021. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoralemp.php> Acesso em: 12 set. 2022.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO DE TRAJANO DE BARROS CAMARGO, AVERBAÇÃO. Cópia da certidão original, em 28 de maio de 2007. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

CERTIDÃO DE ÓBITO DE TRAJANO DE BARROS CAMARGO. Cópia da certidão original, em 25 de agosto de 2005. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo

DR. TRAJANO DE BARROS CAMARGO. **Revista Comemorativa da 1ª Festa da Laranja**. Limeira, 07 maio 1939. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

CENTRO PAULA SOUZA. **Vestibulinho – 2022**. Base Comum Nacional Curricular. Práticas empreendedoras na escola. Disponível em: <https://tinyurl.com/ncuu54zh>. Acesso em: 01 abr. 2022.

CENTRO ESTADUAL INTERESCOLAR TRAJANO CAMARGO. **Atas de resultado final**: 1977, 1978, 1979. Acervo Histórico da Diretoria Acadêmica, em 2022.

COSTA, Bruno Marcelo de Souza. A escola como espaço de memórias e formação de identidade(s). **Revista Movendo Ideias**, v. 18, no. 2, 2013. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/778> Acesso em: 22 ago. 2022.

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. **O que é história oral**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO. Grade curricular da Habilitação Profissional Parcial de Mecânica – Desenhista de Ferramentas e Dispositivos: 1975–1990. Diretoria, em 2022a.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO. **Atas de resultado final**: 1980, 1981, 1982. Acervo Histórico da Diretoria Acadêmica, em 2022b.

ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU TRAJANO CAMARGO. **Atas de resultado final**: 1983 a 1990. Acervo Histórico da Diretoria Acadêmica, em 2022c.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia de F.; SAMPAIO, Silvia Selingardi. A industrialização recente do município de Limeira em face do contexto industrial paulista. **Dialnet**, vol. 17, nº 1, 1992, p. 23–38. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2867153>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GAZETA de LIMEIRA. Suplemento histórico–1826–1980. Limeira: Limeira Artes Gráficas, 15 de setembro de 1980. Acervo pessoal.

LIMEIRA. Câmara Municipal. **Livro de Actas**, 31/01/1907 a 25/04/1925, 2019a; 12/07/1915 a 08/01/1920, 2019b; 15/01/1920 a 16/02/1925, 2019c, 19/02/1925 a 02/01/1936, 2019d, em 2019.

O VAGALUME. **Collegio Santo Antonio” e do “Gymnasio Municipal de Limeira.** Jornal, Anno III, abril de 1930, no. 22. Acervo do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo.

QUEIROZ, Antonio de. Dr. Trajano de Barros Camargo. **Revista do Rotary Clube de Limeira,** Acervo do Museu Major José Levy Sobrinho, Limeira, 1948.

MILARÉ, Milton Marildo. **Entrevista concedida a Marlene A. G. Benedetti, 26 de março de 2021,** em Limeira/SP, em. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=125&vol=101> Acesso em: 12 set. 2022.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. **Revista Pro-Posições.** Campinas: Faculdade de Educação, v. 16, n. 1, p. 103-116, jan. / abr. 2005.

MORAES, Wagner Fróes de. **Entrevista concedida a Marlene A. G. Benedetti, 08 de outubro de 2021,** em Limeira/SP. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=153&vol=105> Acesso em: 12 set. 2022.

PICCININI, Antonio Alexandre. **Entrevista concedida a Marlene A. G. Benedetti, em 02 julho de 2021,** em Limeira/SP. Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=154&vol=105>. Acesso em: 12 set. 2022.

RAZERA, Wanderley Roberto. Relatos por e-mails, 2022.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro,** n. 17, 1996, p. 3-7. Disponível em: <http://www.uel.br/pessoal/jneto/arqtxt/oarquivoJNETO.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

Relatos de história oral: egressos empreendedores da Etec Dr Júlio Cardoso

Joana Célia de Oliveira Borini
Professora pesquisadora

INTRODUÇÃO

Pretende-se com este artigo, por meio de relatos orais de egressos empreendedores da Escola Técnica Estadual (Etec) Dr. Júlio Cardoso e das práticas realizadas na disciplina projeto – OGE (Organização e Gestão Empresarial), no Ensino Médio, entre 2003 e 2014, período em que a autora foi professora dessa escola, ministrando essa disciplina, juntamente com os professores Gustavo Santos Miranda, entre 2009 e 2016, e Maria Cleonice Sampaio, entre 2003 e 2008, evidenciar, a importância do conhecimento em empreendedorismo, que sem dúvida, deu oportunidades para que os alunos se familiarizassem com as finanças e adquirissem facilidades de gerirem seus próprios negócios.

Durante o processo desenvolvido na escola técnica, os alunos perceberam as bases do empreendedorismo enquanto organizavam atividades como: a criação de um plano de ação e de negócio, e com conhecimentos relacionados ao tema. Com isso, foram se sentindo mais seguros para empreenderem, caso houvesse a oportunidade. Foi exatamente assim que os egressos relataram suas experiências durante as entrevistas concedidas em 2021.

A disciplina projeto – OGE (Organização e Gestão Empresarial), fez parte da grade curricular desde 2001, mas foi a partir de 2015 que o Estado de São Paulo deu um passo concreto no sentido de instituir um plano de educação empreendedora em sua rede de ensino. Por meio da Lei nº 15.693/2015, foi criado o Plano Estadual de Educação Empreendedora (PEEE), tendo como objetivo inserir a temática do empreendedorismo nas escolas de Ensino Fundamental, do Ensino Médio e Técnico do Estado de São Paulo. A lei foi fruto tanto de experiências prévias de projetos de ensino empreendedor existentes em alguns municípios do Estado de São Paulo, como também do trabalho da Frente Parlamentar do Empreendedorismo, que se beneficiou do apoio e das atividades de instituições parceiras, como o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e o SEBRAE-SP (SAES e MARCOVITCH, 2020, p.2-3).

A relevância do ensino de empreendedorismo na escola, foi demonstrada por meio de entrevistas de história oral de vida realizadas em 2021, com

três egressos empreendedores: Gustavo Santos Miranda, do Ensino Médio, formado em 2003; Rogério Cristiano de Oliveira e Ledermair de Andrade Cintra (Leo), do Ensino Técnico, em 2006, ambos do curso Técnico de Eletrotécnica, e de relatos de egressos que tiveram a disciplina de OGE entre 2003 e 2014, e análises das práticas escolares realizadas no período em que fui professora dessa disciplina projeto.

Para esta proposta utilizou-se documentação do acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, pesquisados para elaborar este artigo, como: o PTD (Plano de Trabalho Docente) da disciplina (Organização e Gestão Empresarial), matérias publicadas em jornais locais sobre as mostras de empreendedorismo, fotografias e atividades realizadas pelos alunos entre 2003 e 2014, a fim de destacar as práticas escolares e pedagógicas realizadas durante o referido período.

EMPREENDEDORISMO E COOPERATIVISMO: CARACTERÍSTICAS DE UM PROFISSIONAL DO FUTURO

De acordo com o currículo das segundas e terceiras séries do Ensino Médio da Etec Dr. Júlio Cardoso, a disciplina OGE (Organização e Gestão Empresarial), a partir de 2001, aparece na grade curricular como projeto da parte diversificada, com duas aulas semanais por série. A disciplina contempla as seguintes competências: a) Implantação de escritório modelo, empresa jovem, cooperativa escola, gestão de setores (agrícolas, laboratoriais, biblioteca, Centro de Memória). b) Atitude empreendedora que desenvolve não só as competências relacionadas às atividades empresariais, mas forma indivíduos capacitados, reflexivos, defensores de seus ideais, capazes de novas ideias que geram soluções. O projeto aborda aspectos comportamentais (perfil do empreendedor) e empresariais (tipos de empresas, tipos de negócios), estudos de viabilidade, Plano de Negócios.

A disciplina OGE era disponibilizada pela direção aos professores, que elaboravam um plano de acordo com os objetivos propostos. As professoras Maria Cleonice Sampaio Funes e Joana Célia de Oliveira Borini assumiram os projetos em 2003, ano em que foi criada a 1ª Mostra de Organização de Gestão Empresarial (OGE) da Etec Dr. Júlio Cardoso, de Franca, com o propósito de praticar o empreendedorismo e a solidariedade.

A PRÁTICA DE EMPREENDEDORISMO

Teoria e prática nos projetos eram desenvolvidas do seguinte modo: formação de empresas nas segundas séries e cooperativas nas terceiras séries, visavam ainda projetos sociais. Ao analisar o PTD (Plano de Trabalho Do-

cente) da disciplina OGE (Organização e Gestão Empresarial), verificou-se os seguintes objetivos, segundas séries: desenvolver uma ideia e aprender a transformá-la num plano de negócio, promover o treinamento pessoal, a fim de criar e desenvolver uma nova empresa, bem como estimular o espírito empreendedor nos alunos; elaborar duas empresas por sala e desenvolver a criação de: contrato social, logotipos, organogramas, uniformes, planejamentos estratégico, planejamento de custos, EPI, marketing.

Nas terceiras séries, o foco era o cooperativismo, tinha como principais objetivos: desenvolver uma ideia e transformá-la em uma forma de organização democrática que congrega pessoas para a realização de um empreendimento de geração de trabalho e renda; promover capacitação para criar e desenvolver uma cooperativa, e que a simulação esteja dentro do que é exigido nos princípios do cooperativismo; elaborar duas cooperativas por sala e desenvolver a criação de: estatuto social, logotipos, organogramas, uniformes, planejamentos estratégicos, planejamento de custos, EPI (Equipamento de Proteção Individual), marketing merchandising e projetos sociais, um por cooperativa. A parte teórica abrangia: história, filosofia, princípios, pilares, símbolos e ramos do cooperativismo.

Ao assumir o projeto em 2003, firmou-se uma parceria com o SEBRAE e usou-se a apostila de empreendedorismo nas segundas séries. Como o projeto se estendia às terceiras séries, o cooperativismo era o foco, a apostila utilizada foi a de Belezia e Tonet (2000) do Centro Paula e Souza (Figura 1) sobre o Cooperativismo na escola.

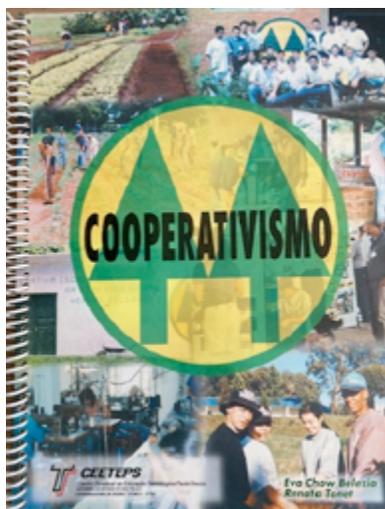


Figura 1 – Cooperativismo, material didático para práticas interdisciplinares, de 2000.

Fonte: Arquivo pessoal de Doroti Q Kanashiro Toyohara, em 2023.

Acervo do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do CPS.

De acordo com o PTD (Plano de Trabalho Docente), além das aulas teóricas que davam todo embasamento para que pudessem colocar em prática os conhecimentos e as habilidades necessárias que embasavam o futuro empreendedor, uma vez por semana ocorriam as aulas práticas para criarem as suas empresas (Figuras 2 e 3), que eram apresentadas nas “Mostras de Gestão Empresarial” que aconteciam no final do ano letivo.

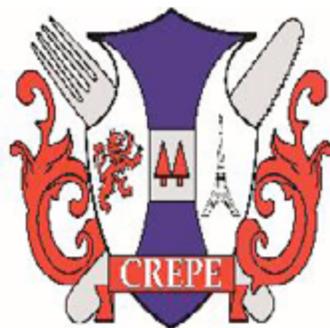


*Figuras 2 e 3 – Alunos reunidos em aulas práticas, em 2010.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.*

Para cada empresa os alunos criavam os seus logotipos, como indicam as Figuras 4 a 9, quando apresentavam as empresas na Mostra de OGE, no teatro da escola.



*Figuras 4 e 5 – COOPERUAI (Cooperativa de Produtos Mineiros) e COOPERTORTA (Cooperativa de Tortas), em 2010.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.*



*Figuras 6 e 7 – Cooper Ativa (Cooperativa de ação e trabalho, interagindo e visando atrações) e CREPE (Cooperativa de Crepe), em 2010.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.*



*Figuras 8 e 9 – Camiseta criada pelos alunos da empresa Território do sabor, 2009.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.*

Além de Contrato Social e Estatuto Social, as empresas e cooperativas tinham que apresentar os organogramas, e os alunos através de uma Assembleia Geral criavam as cooperativas, com tudo que a legislação exigia. Eram duas cooperativas por sala, portanto, 20 alunos em cada uma.

MOSTRAS DE EMPREENDEDORISMO

Em 2003, oito empresas e o mesmo número de cooperativas, participaram da mostra que foi idealizada pelos alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio, com duração de dois dias, nos períodos da manhã, tarde e noite; para a visita da comunidade em geral.

A Rádio Cooperativa de 2004, ficou encarregada da apresentação dos shows, diversos (danças, bandas, peças de teatro) que ocorreram durante a 2ª Mostra de Gestão Empresarial (Figura 10).



Figura 10 – Show apresentado pela Rádio Cooperativa durante a 2ª Mostra de Gestão Empresarial.

Fotografia: Joana Célia de Oliveira Borini, em 2004.

O jornal “Comércio da Franca”, do dia 22 de outubro de 2005, faz referência à 3ª Mostra de OGE (Organização e Gestão Empresarial):

A Etec Dr. Júlio Cardoso, mais conhecida com Escola Industrial se prepara para abrir suas portas e receber visitantes na próxima semana. A instituição realizará a 3ª Mostra de OGE (Organização e Gestão Empresarial). O evento envolve 360 alunos do ensino médio e acontecerá nos dias 26 e 27 de outubro, das 9 às 21 horas, no anfiteatro da escola. Durante a exposição haverá apresentação dos produtos e serviços desenvolvidos por cooperativas e empresas montadas por estudantes dos segundos e terceiros anos do ensino médio. Doces caseiros, chocolates, pizzas, sorvetes, biscuits, flores e cintos, são algum deles. O objetivo é divulgar o trabalho feito em sala de aula. “Queremos mostrar que o ensino médio do Centro Paula Souza, é diferenciado pelo trabalho de formação de jovens empreendedores, valorizando o potencial dos alunos e dar oportunidade de criarem e gerirem seus próprios negócios, capacitando-os para o mercado de trabalho” disse a professora de OGE, Joana Borini. Haverá ainda venda de artesanatos, produtos de limpeza e outros eventos, com shows de bandas musicais, apresentações de danças e teatro. Paralelamente à Mostra de OGE, será realizada a exposição dos Contadores de Histórias, no Centro de Memória e a Feira do Livro, com a venda de exemplares da literatura infantil, brasileira e técnicas. Os interessados em visitar a exposição, inclusive escolas, devem confirmar presença até segunda feira, pelo telefone 3721-8133. (COMÉRCIO DA FRANCA, 2005)

O jornal do Centro Paula Souza, de 29 de novembro de 2006, traz a notícia: Mostra da Etec Franca promove solidariedade, destacando os Contadores de História e a venda dos produtos artesanais produzidos pelas mulheres do assentamento da Fazenda Boa sorte.

Praticar o empreendedorismo e a solidariedade. Estes são os objetivos da Mostra de Organização de Gestão Empresarial (OGE) da Etec Dr. Júlio Cardoso, de Franca. A quarta edição da feira expôs nos estandes a criação de nove empresas e o mesmo número de cooperativas, idealizada pelos alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio, durante os dias 26 e 27 de outubro.

Além de estimular a organização empresarial, o evento contou com apresentações de música e dança. Um dos melhores momentos foi o show dos Contadores de Histórias, quando o grupo divulgou as narrativas documentadas no Centro de Memória da Etec. Outro destaque foram os produtos artesanais, como licores, doces e geleias, comercializados pelos assentados da Fazenda Boa Sorte. “A realização da Mostra envolve de tal forma os alunos que eles se sentem motivados a participar desse acontecimento”, comenta Joana Célia de Oliveira Borini, uma das coordenadoras do evento. (CPS, 2006)

Durante as mostras os alunos faziam rodízios nos horários de permanências nos estandes, apresentavam os produtos criados e, também, explicavam ao público o processo desenvolvido durante o ano. As “Mostras de Empreendedorismo” ocorriam sempre no último bimestre do ano letivo, quando teoria e prática já estavam quase concluídas (Figuras 11 a 14). No início as mostras eram realizadas no teatro da escola, posteriormente foram transferidas para a quadra de esportes (Figuras 15 e 16).



Figuras 11 e 12 – Apresentação das empresas, no teatro da escola, em 2008.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.



Figura 13 – 7ª Mostra de Gestão Empresarial, apresentação da empresa Danger, em 2009.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.



Figura 14 – 7ª Mostra de Gestão Empresarial, produção de pizzas pela empresa Awey, em 2009.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.



Figura 15 – 4ª Mostra de Gestão Empresarial, no teatro da escola, em 2006.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.



Figura 16 – 8ª Mostra de Gestão Empresarial, na quadra da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2010.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.

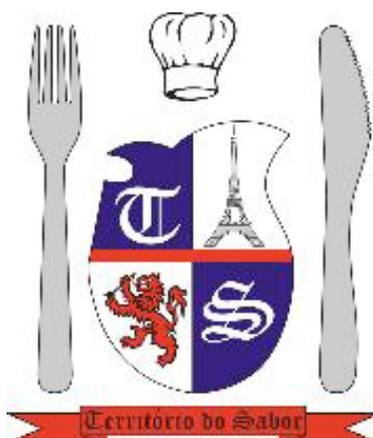
O jornal Comércio da Franca/ Se Liga, edição especial, quarta-feira, 11 de novembro de 2009, com o título: Empresários na escola (Figura 17), destaca as empresas da 7ª Mostra de Gestão Empresarial: Cooper Churras, Território do Sabor (Figuras 18 e 19).



Figura 17 – Matéria Jornalística “Empresários na escola”, em 2009.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

Alunos da Industrial expõem criações

Alunos do 2º e 3º ano do ensino médio da Escola Técnica Estadual “Doutor Júlio Cardoso”, a Industrial, apresentarão, de hoje até sexta-feira, as empresas fictícias criadas por eles para a 7ª Mostra de Gestão Empresarial. A feira acontece no auditório da escola e tem entrada gratuita ao público. A visitação pode ser feita das 11 às 22 horas. A mostra é resultado de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano durante as aulas da disciplina de gestão empresarial. Nela, os estudantes aprenderam a gerir o próprio negócio e puderam trabalhar todos os departamentos de uma empresa, como marketing, comercial, logística e vendas. “No começo do ano os alunos se dividem em grupo de no máximo seis pessoas e começam a trabalhar a parte de divulgação, elaboração de organogramas, criação de logotipo. A feira mostra a conclusão desse trabalho”, disse o diretor da unidade, Mauriel Abib. Na edição de 2009 foram montadas pelos 280 alunos envolvidos um total de 18 empresas de diferentes ramos. Entre os destaques estão uma agência de publicidade e propaganda, uma empresa de refrigerante e uma de pizza. A mostra também reúne apresentações culturais. “É uma forma deles também realizarem uma confraternização e comemorem a conclusão do trabalho”, disse Abib. Ainda segundo o diretor, muitos ex-alunos que participaram da mostra em edições passadas receberam apoio da família e continuaram com a empresa. “Temos histórias de sucesso”. Escolas interessadas em conhecer a mostra devem agendar a visita pelo telefone (16) 3721-8133. (COMÉRCIO DA FRANCA, 2009)



Figuras 18 e 19 – Empresa do Território do Sabor, em 2009.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

O jornal local Comércio da Franca, do dia 12 de novembro de 2009, traz a seguinte reportagem: Empresa explora culinária francesa com o depoimento do aluno Gustavo Stefani Pimenta, 2009.

Com pratos da culinária francesa, uma das empresas da 7ª Mostra de Gestão Empresarial é a Território do Sabor. Formada por um grupo de 13 alunos, do 2º ano do ensino médio, a empresa trabalha focada no preparo de crepes e petit gâteau (bolinho de chocolate e recheio cremoso, acompanhado de sorvete). Presidente da empresa, Gustavo Stephani, 16, disse que a escolha do produto ocorreu por votação. Em seguida, os sócios passaram uma tarde em um restaurante onde aperfeiçoaram as receitas. “Trabalhamos com crepes salgados e doces, além do petit gâteau de chocolate com sorvete de creme”. Para abrir a empresa, cada integrante investiu R\$ 25. A empresa tem a previsão de vender 240 (duzentos e quarenta) crepes e 60 (sessenta) petit gâteau até amanhã. Se as vendas se concretizarem, o lucro de cada um, deduzindo as despesas, será entre R\$ 60 e R\$ 70. Cada crepe custa R\$ 2,50. Com refrigerante: R\$ 3. Um petit gâteau é vendido a R\$ 3,50. Gustavo Stefani Pimenta, dá o seguinte depoimento sobre GE: “As aulas de GE são vistas como superação de limites, são um desafio para nós, alunos, que passamos a desejar o sucesso da empresa, e mergulhamos sério nesta busca. Acaba sendo muito mais do que preparo profissional, envolve acúmulo de experiências e contatos, reaprendemos o valor das relações humanas nas diversas circunstâncias que o trabalho proporciona. No final, o papel de cada um fica claro para o grupo, e nos surpreendemos com o resultado das ideias postas em prática, do que pudemos fazer.”. (COMÉRCIO DA FRANCA, 2009)

A DISCIPLINA ORGANIZAÇÃO E GESTÃO EMPRESARIAL (OGE) E OS PROJETOS SOCIAIS

Vários projetos sociais foram realizados durante o período em que OGE (Organização e Gestão Empresarial) fez parte da grade alternativa do Ensino Médio, entre eles, o Coração Solidário, que é uma marca da escola até os dias atuais, foi criado em 2003. O projeto seguia várias etapas: abertura, concurso de folders, arrecadação dos gêneros alimentícios e produtos de higiene pessoal e limpeza e para finalizar, a entrega dos produtos às entidades filantrópicas (asilos, creches, casas de recuperação de drogas) entre outras.

Em 2004, a doação se estendeu ao Assentamento da Fazenda Boa Sorte, Município de Restinga, que está a 23 km de Franca. Organizou-se uma comitiva

de alunos e professores para entregar a doação, no momento da entrega uma das mulheres, Tereza Soares Coreia, nos convidou para ajudá-las a criar uma associação ou cooperativa que pudesse gerar trabalho e renda. Voltamos para a escola, nos reunimos com a coordenadora do Ensino Médio, Rosângela Parzewski, para que pudessemos discutir a viabilidade da proposta. Escrevemos o projeto de forma que os alunos dos terceiros anos pudessem participar na criação da Associação ou Cooperativa das Mulheres do Assentamento da Fazenda Boa Sorte.

O projeto foi aprovado, começamos o trabalho em 2005, visitou-se o assentamento uma vez por semana, os alunos ajudaram nas aulas de cooperativismo para as futuras cooperadas. No início constituiu-se uma associação com a produção de doces e licores caseiros. O projeto contou com a parceria de terceiros para que produzissem de acordo com a exigência sanitária, os rótulos dos doces e licores foram criados pelos alunos, através de um concurso. As mulheres começaram a produzir e vender seus produtos em diversos lugares, inclusive participaram de algumas Mostras de Gestão Empresarial.

Em 2005, a Etec Dr. Júlio Cardoso se inscreveu na 5ª edição da Escola Voluntária com projeto de empreendedorismo social: Coração Solidário (Empreendedorismo no Assentamento da Fazenda Boa Sorte). Foram 308 escolas inscritas, a Etec Dr. Júlio Cardoso ficou com o primeiro lugar (Figura 20).

O Prêmio Escola Voluntária nasceu em 2001, Ano Internacional do Voluntariado, o objetivo da Rádio Bandeirantes e da Fundação Itaú Social foi incentivar a escola, onde o estudante convive com a diferença, entende a importância do respeito e aprende a exercitar a tolerância. Esse trabalho foi direcionado à comunidade com a participação de alunos regularmente matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental e/ou em qualquer série do Ensino Médio. O prêmio foi uma viagem à Salvador, de sete dias, para conhecer vários projetos sociais, além de computador, assinaturas de revistas e uma enciclopédia Universal. Quatro alunos das terceiras séries do Ensino Médio e uma das coordenadoras do projeto, representaram a escola.



Figura 20 – Placa do 1º lugar da 5ª Escola Voluntária, em 2005.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

Na escola realizava-se um concurso de folders a todos que se interessassem em participar. Os folders das Figuras 21 e 22, que ficavam nos primeiros lugares, eram afixados nos murais da escola, indicando as informações durante a campanha de arrecadação.



Figuras 21 e 22 – Folders do projeto Coração Solidário, em 2010.
Fonte: Arquivo pessoal de Gustavo Santos Miranda, em 2022.

As classes dos segundos e terceiros anos do Ensino Médio, ficavam encarregadas de se organizarem para fazer as visitas que ocorriam no período da manhã. O transporte, brincadeiras, jogos, lanches e mimos, eram preparados pelas empresas do projeto OGE. O jornal Comércio da Franca/Se Liga, de junho de 2010 (Figura 23).



Figura 23 – Empresários na escola, em junho de 2010.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

Trezentos jovens deixaram as salas de aulas ontem para praticar a solidariedade. Divididos em turmas, os estudantes do ensino médio, da Etec Dr. Júlio Cardoso (Industrial), visitaram oito creches de Franca, para doarem alimentos, produtos de higiene e limpeza e confraternizar com os assistidos pelas entidades. Eles compraram quitutes como: bolos e pães de queijo e tomaram café com as crianças e depois dançaram com roupas de festa junina. Muitos foram de camisa xadrez e chapéus. As mulheres pintaram o rosto de blush e pintas pretas. A Iniciativa faz parte do projeto Coração Solidário que teve arrecadação recorde neste ano. Os alunos saíram pedindo doações nas casas e conseguiram nove mil itens para distribuir às pessoas e instituições carentes. A quantidade é o triplo da estipulada na meta desta edição. A professora Joana Borini, uma das coordenadoras do projeto, acredita que deste ano, beneficiará mais de mil pessoas (entre assistidos pelas instituições assistenciais (creches, asilos, casas de dependentes químicos) e mais 30 famílias carentes. A escola precisou de oito ônibus pra levar os estudantes até as instituições. Um deles levou os alunos dos terceiros anos do ensino médio até a creche Joana de Ângelis, no Jardim Tropical I. Na entidade, 80 crianças, de 1 a 5 anos, vestidas a caráter, aguardavam os alunos da Industrial para ter um café da manhã diferente e dançar quadrilha. Os adolescentes estavam animados. Transportaram os donativos até a entidade e serviram pães de queijo, bolo e bebidas às crianças, além de conversarem e fazerem brincadeiras, tiraram fotos com as crianças. Depois do café no refeitório, todos caíram na dança. No pátio da entidade, a criançada, os jovens e professores cantaram, dançaram e bateram palmas. Luís Vinicius Barato, 16, aprovou a iniciativa. Para ele é uma forma de demonstrar afetividade, “Para mim é muito bom ajudar porque sempre são crianças carentes, que precisam de carinho”, disse. Os alunos tiveram dois meses para arrecadar os donativos. A estudante Flávia Alves de Sousa, 17, percorreu casas no Jardim Noêmia para pedir doações e achou gratificante participar da campanha, “É muito gostoso saber que você está ajudando”. A professora Joana fala orgulhosa do empenho e dedicação dos jovens ao projeto Coração Solidário. “É um momento, não apenas para entregar os produtos, mas de confraternização com as crianças. É muito gratificante, é o momento mais alegre e interessante do projeto”. O Coração Solidário é desenvolvido com turmas do ensino médio da Escola Industrial, dentro da disciplina Gestão Empresarial. Neste ano, participaram 16 empresas e cooperativas. A Cooperuai, de produtos mineiros, ganhará uma viagem para a casa da professora Joana em Delfi-

nópolis (MG). Os 20 integrantes terão direito a passeios pelas cachoeiras e almoço. A viagem está prevista para setembro, quando está menos frio. (COMÉRCIO DA FRANCA, 2010)

O jornal Comércio da Franca, de novembro de 2011, destaca a conquista de nove mil produtos arrecadados através do projeto Coração Solidário:

CONQUISTA – Os professores Gustavo Miranda e Joana Borini (ao fundo), coordenadores do projeto Coração Solidário, e alunos mostram parte dos quase nove mil itens que arrecadaram neste ano para doar a entidades assistenciais e famílias carentes. Uma das salas da Escola Técnica Estadual “Doutor Júlio Cardoso”, a Industrial, se transformou num verdadeiro depósito de solidariedade. Quase nove mil itens, entre alimentos e produtos de limpeza e higiene pessoal, estão armazenados no local prestes a serem encaminhados para entidades assistenciais e famílias carentes. Entre abril e maio, 360 alunos do ensino médio arrecadaram os donativos. A mobilização faz parte do projeto Coração Solidário, que é desenvolvido desde 2003 e registrou arrecadação recorde neste ano. A meta dos professores de gestão empresarial e coordenadores do projeto era conseguir 3,2 mil itens. Atingiram quase o triplo. “No ano passado, conseguimos 3,5 mil produtos e o máximo que tínhamos alcançado era pouco mais de cinco mil unidades. Ficamos surpresos com o resultado”, disse a professora Joana Borini. (COMÉRCIO DA FRANCA, 2011)

EGRESSOS EMPREENDEDORES

O primeiro entrevistado foi o egresso, hoje professor Gustavo Santos Miranda (Figura 24), que terminou o Ensino Médio em 2003, e foi meu aluno nas disciplinas de Geografia e Empreendedorismo (projeto que trabalhava com a criação de empresas). Possui graduação em Sistemas de Informação pela Universidade de Franca (2007), especialização em Licenciatura pelo Centro Paula Souza (2012), Gastronomia pela Universidade de Franca (2012), pós-graduação em Gestão em Gastronomia e Hotelaria na Universidade de Franca (2012), Licenciatura em Matemática (2017), pós-graduação em Educação Ambiental (2019) e Pedagogia UNIFV (2020). Participou de vários cursos no exterior na área de Gastronomia. Atualmente é coordenador do Colégio Monteiro Lobato – COC (desde 2008), professor do Ensino Médio/Técnico (desde 2006) no Centro Paula Souza. É sócio fundador (desde 2018) da Primeira Escola Francana de Gastronomia – @escolagastro, e tem 36 anos.



Figura 24 – Microempreendedor Gustavo Santos Miranda, 2021.
Fonte: Gustavo Santos Miranda, em 2021.

Em entrevista concedida ao Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, no dia 1º de abril de 2021, para o projeto coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, relatou como entrou no Ensino Médio da escola:

Estudei o Ensino Fundamental em uma escola apenas, e quando ingressei no Ensino Médio, meu avô que estudou na Júlio Cardoso, na Industrial, pediu para que eu fizesse o Ensino Médio lá, porque era uma escola tradicional na cidade, que grandes personalidades da cidade se formaram lá. Então fui “convidado” pela família a fazer a prova para entrar. A princípio eu não queria para falar a verdade, eu falo muito isso para os alunos, porque você sai de uma escola em que estudou a vida inteira e chega na Industrial, você assusta um pouco. É um estilo de escola bem diferente, quase centenária, mas depois que a gente entra, a gente nunca mais sai. Entre ser aluno e professor estou há quase vinte anos na Etec. Meu avô estudou na Etec, ele fez o curso de Contabilidade e Torneiro Mecânico, ele era bem jovem e não me lembro se os cursos eram integrados. Daí começou a minha ligação com a Escola Industrial. (MIRANDA, 2021)

Quando se perguntou como o Ensino Médio e Técnico contribuíram para adquirir competências profissionais e habilidades gerenciais (gestão administrativa e de pessoal), ele respondeu:

Na minha época de Ensino Médio, havia disciplinas diferenciadas na Industrial, que já eram disciplinas de projetos. Quando esse pessoal surta falando em projeto, para mim não é novidade nenhuma. Primeiro, porque já tive aula projeto. Você, Joana, era uma das professoras, a Nice, a professora Ida. Logo que eu entrei na Etec em 2006, fiz curso de projetos. Então esse Novo Ensino Médio não é novidade porque já trabalhamos dessa forma. Mesmo quando não tinha a disciplina projeto sempre gostamos de realizá-los. Lembro-me quando a professora Nice dizia: – Esses meninos desorientados, correndo para lá e para cá estão aprendendo muito mais do que em sala de aula. E isso é verdade. O aprendizado empírico é muito grande. Eu vejo que a Industrial é uma escola que faz total diferença para isso. O ensino técnico era um pouco mais engessado, com matérias técnicas e não era período integral como hoje. Você já era formado para ser um profissional técnico. Os projetos para abrir a cabeça, para esse perfil o Ensino Médio fez toda a diferença. A minha formação acadêmica é uma coisa, mas a formação de professor foi feita com espelho em alguns professores. Para mim foi marcante a Primeira Feira de Gestão Empresarial que fizemos, foi uma” coisa de louco”. (MIRANDA, 2021)

Ao ser questionado sobre as características ou qualidades pessoais que o levaram a se tornar um microempresário, diz que de modo geral, muitas qualidades são necessárias, como: habilidades humanas, saber resolver problemas, ser comunicativo, ter uma visão diferente de todo contexto. Complementa que a Escola Industrial contribuiu muito com essas habilidades:

Eu acho que a gente tem que ser aquele profissional multi. Se você for aquele profissional engessado que diz: – Eu só faço isso. Não consegue trabalhar no mercado. Você precisa de várias habilidades humanas. Discutindo com os alunos esses dias comentei isso, que hoje você tem que saber lidar com as pessoas, tem que ser comunicativo, resolver problemas. Profissional que fala inglês tem uns trezentos mil, mas o profissional que saiba resolver um problema, que tenha uma visão diferente de todo o contexto. A Industrial nos ensinou muito isso. Não éramos só alunos. Nós tínhamos muitas responsabilidades, muitas coisas para fazer e isso me tornou uma pessoa muito versátil. Eu acho que essa versatilidade é muito difícil de se encontrar nos jovens atuais, mais ainda,

porque eles são muito engessados. Acham que sabem usar o celular e não precisam de mais nada. Acham que sabem tecnologia. E não é bem assim. Tem várias habilidades que precisamos adquirir com o contato, com o relacionamento. Acho que a comunicação é a principal habilidade para ser um empresário hoje. Isso veio um pouco da Industrial sim. Acho que o grande diferencial de uma pessoa de sucesso é ser multitarefa. O grande diferencial é isso. (MIRANDA, 2021)

Ele acrescentou que mesmo trabalhando em duas escolas, foi fazer a quarta faculdade, Gastronomia, sempre gostou de cozinha, influenciado pela avó paterna, que teve buffet a vida inteira, uns dos primeiros buffets da cidade de Franca. Fez Gastronomia por hobby, gostou muito. Descreve como foi a definição do negócio e ressalta a importância da disciplina Organização e Gestão Empresarial, durante os segundos e terceiros anos do Ensino Médio:

A base que tinha de empreendedorismo foi a base que tive no Ensino Médio, numa matéria que fazia toda diferença que era Organização e Gestão Empresarial. Naquela época tínhamos que criar empresas, inclusive você foi a professora, e aprendíamos a lidar com conflitos, como seriam as empresas e tudo mais e foi a base que eu tive e que usei para montar a minha empresa. Eu tenho uma sócia, nós já nos conhecíamos, nossos pais são amigos. A Flávia é formada em Gastronomia também, morou fora do Brasil muito tempo e resolveu voltar para Franca. O estilo da escola seria de cursos livres, cursos de uma noite: noite do risoto, noite da pizza... E não foi o que aconteceu. Tivemos cursos longos, cursos profissionais. Hoje nosso carro chefe é curso profissional: de chefe profissional, auxiliar de cozinha, confeitaria e panificação. (MIRANDA, 2021)

Citou também que o fato de ser uma cidade onde muitas famílias são conhecidas, e o fato de ser professor na Etec Dr. Júlio Cardoso, os próprios alunos contribuem na divulgação da Escola de Gastronomia e conseqüentemente no sucesso do empreendimento, e acrescenta que a empresa tem alguns projetos sociais que foram inspirados nos projetos da escola técnica.

Franca ainda é uma cidade muito bairrista. É uma cidade ainda pequena, então muitas pessoas ainda perguntam quem é você, quem é seu pai, quem é sua mãe, onde você mora, onde sua avó morava? Franca ainda tem muito disso. O pessoal mais velho principalmente. Tenho muitos alunos na Gastronomia que dizem que eu dei aulas para os filhos deles, para os sobrinhos, então a

gente acaba virando patrimônio público. Todo mundo aponta: – Você dá aula na Industrial. Ainda bem que é tudo coisa boa, nada de ruim. Mas eu acho que essa influência da sociedade, do pessoal já saber quem é você, de ter essa credibilidade, influencia muito. E quinze anos de escola dá uma credibilidade muito boa para você abrir uma escola. Tenho alguns projetos sociais na minha escola que são inspirados em nossos projetos da Etec. São projetos em parceria com o Hospital do Câncer, com o Lar de Idosos São Vicente, mas nada que envolva diretamente política não, são mais filantrópicos. (MIRANDA, 2021)

O professor Gustavo Santos Miranda continua como professor da Etec, coordenador do Colégio Monteiro Lobato – COC e microempresário.

O segundo egresso entrevistado em 2021, foi Rogério Cristiano de Oliveira (Figura 25), que terminou o curso Técnico em Eletrotécnica em 2006, curso que foi fundamental para adquirir as competências e habilidades para a criação de uma microempresa. Depois da Etec, realizou outros cursos como: Formação de Empreendedores na Área de Serviços de Eletricidade, promovido pelo SENAI em parceria com o SEBRAE, em 2004. Segurança em Instalações e Serviços em Eletricidade NR 10, promovido pela Escola SENAI “Marcio Bagueira Leal” em Franca/SP, em 2007. Fez atualização de Instalações Elétricas, promovido pela SIEMENS, em 2007, em São Paulo/SP. Também fez treinamento em NR 35, prático e teórico, promovido pelo Centro de Treinamento e Qualificação Profissional (ESCTEQ), e Treinamento de Segurança em Instalações e Serviços em Eletricidade “reciclagem” – Baixa Tensão, prático e teórico, promovido pela empresa Centro de Treinamento e Qualificação Profissional (ESCTEQ), ambos em Franca/SP, em 2019; e mais recentemente, o curso de integrador e Instalador de Energia Solar Fotovoltaica, promovido pelo IBRAEP (Instituto Brasileiro de Ensino Profissional), em 2020.

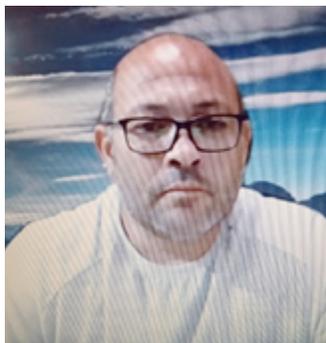


Figura 25 – Microempresendedor, Rogério Cristiano de Oliveira, 2021.
Fonte: Joana Célia de Oliveira Borini, em 2021.

O egresso concedeu uma entrevista no dia 21 de dezembro de 2021, para Centro de Memória, por meio do Projeto coletivo de História Oral na Educação, ele começa se apresentando:

Meu nome é Rogério Cristiano de Oliveira, tenho 47 anos, sou casado, pai de 3 filhos. E sou católico, integrante da igreja, bem fervoroso. Sou um empreendedor agora no setor, através do curso da Etec. Sou empreendedor em um segmento de instalações eletrônicas e manutenção em geradores e automação. E através dessa escola foi nos dado a oportunidade de ingressar na Etec com curso de auxiliar Técnico de Eletricista. Através desse curso, formamos, depois nos foi dado oportunidade de prosseguir com um curso Técnico de Eletricista. Aí a gente se formou em Técnico em Eletrotécnica e depois através desse curso, a gente fez mais alguns de automação e instalação fotovoltaica e energia Brasil. Tudo nesse campo que a gente tinha o segmento da Etec. (OLIVEIRA, 2021)

Segundo ele, o que o levou a empreender foi a paixão pelo curso e pela escola e o incentivo de professores e de sua esposa.

A primeira dificuldade foi emprego que a gente tinha na época, como em Franca, é muito calçado e quando comecei um curso, eu tinha uma frase muito é engraçada e dizia para minha esposa, quando eu ingressei na Etec, eu disse para ela: – não falei? Isso vai ser o nosso futuro! Isso vai ser o futuro da nossa família! E me apaixonei pelo curso de Eletricidade. Me apaixonei pela escola também. Inclusive a gente teve bastante professores que viraram até nossos amigos. Porque foi um ensino muito proveitoso e a gente se tornou não só aluno e professor, a gente acabou se tornando amigos. Através de um dos nossos professores, ele se chama Ismar, que prestava alguns trabalhos para a prefeitura de Franca, como a gente era alunos, tínhamos montado uma empresa durante o próprio curso e ele tinha visto, gostou muito. A gente se adequou bastante. A instalação elétrica aí através desse curso, como nosso professor, ele o convidou para fazer alguns trabalhos para prefeitura de Franca, mediante isso, a gente já pensou em empreender na área de elétrica. (OLIVEIRA, 2021)

Ele contou que a constituição da empresa foi tranquila, fizeram o MEI. O Banco do Povo os auxiliou bastante. Inclusive eles os auxiliam até hoje, tira nota, declara imposto de renda. Relata que como empreendedor, a maior dificuldade, é registrar algumas pessoas, se torna um pouco caro. Terminou dizendo que tudo o que aprendeu na escola leva até hoje no seu empreendi-

mento, desde logística até a parte prática. Diz que até hoje tem contato com muitos professores. E algumas dúvidas que têm liga para eles, esclarece as dúvidas, alguns são seus amigos. A microempresa desenvolvida consiste em manutenção elétrica e instalação de geradores, manutenção de transformadores, manutenção de redes e de transmissão, automação residencial, automação industrial. Disse que começou no ramo de energia fotovoltaica, com manutenção para diversas empresas como: Prefeitura, escolas, inclusive a Etec Dr. Júlio Cardoso, casas de carnes, padarias, entre outras. Ele terminou a entrevista agradecendo a escola.

Gostaria de agradecer o pessoal da Etec que eles continuem fazendo esse trabalho com os alunos para que possam mais para frente, talvez ter mais empreendedores como eu, possam estar fazendo o mesmo que estou fazendo agora, podendo colaborar com todo mundo. (OLIVEIRA, 2021)

O terceiro egresso entrevistado da Etec Dr. Júlio Cardoso, Ledermaid de Andrade Cintra (Figura 26), em 18 de dezembro de 2021, para Centro de Memória, foi também para o projeto coletivo dentro do Programa de História Oral na Educação. O egresso empreendedor Ledermaid de Andrade Cintra, além de ter concluído o Ensino Médio regular, realizou os seguintes cursos de formação profissional: Assistente Técnico em Instalações Elétricas, no Centro Paula Souza, na Etec Dr. Júlio Cardoso de Franca/SP, em 2002. Fez o Técnico em Eletrotécnica na Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2006, e de Formação de Empreendedores na Área de Serviços de Eletricidade, promovido pelo SENAI em parceria com o SEBRAE, em 2004.

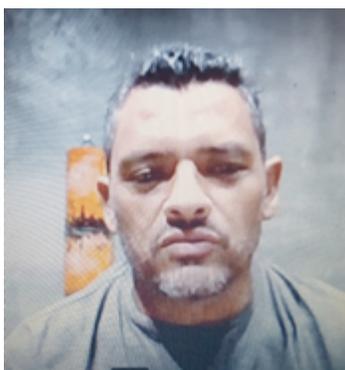


Figura 26 – Egresso microempreendedor Ledermaid de Andrade Cintra.
Fonte: Joana Célia de Oliveira Borini, em 2022.

Nasci na cidadezinha de Claraval, Minas Gerais, cidade vizinha, meu pai tem um sítio lá, ele é sitiante. Vim morar na cidade com 12 anos com minha irmã, sempre estudando e trabalhando, terminei o Ensino Médio e nesse tempo fiquei parado um pouco, sem estudo, depois procurei um curso técnico. (CINTRA, 2021)

Quando se perguntou sobre as motivações e os valores que o levaram a ser um microempresário e se teve estímulo familiar ele respondeu:

A vontade mesmo de crescer, quando fiz a Eletrotécnica, já trabalhava na área, mas não tinha essa formação técnica, e quando fiz essa formação, tive a vontade de crescer e melhorar e as portas foram se abrindo com o curso técnico, nessa área mesmo. O estímulo familiar veio da minha esposa. Quando trabalhava, era empregado, e assim, tinha essa vontade de empreender, depois que terminei o curso técnico, ela me motivava muito e dizia: – porque não trabalha para você, já que fez o curso técnico? Você tem capacidade. Então foi ela, por ser mais próxima, foi ela que me incentivou. (CINTRA, 2021)

Questionado sobre a oportunidade se tornar um microempresário, ele relatou que surgiu depois que terminou o curso técnico, as ideias foram se abrindo, queria melhorar financeiramente ter um ganho melhor. Acrescenta que o Ensino Técnico foi fundamental para adquirir competências profissionais e habilidades gerenciais. Os professores eram bem engajados em ensinar, pode absorver ao máximo e eles incentivavam além de estarem ensinando. Disse também que alguns professores se destacaram, e acrescenta ainda o papel da escola na sua formação:

Tem o professor Wady, que nos levou em uma visita técnica em uma usina de geração de energia, na verdade, foram duas visitas em geração térmica e hidroelétrica. Ele preocupava em passar um conhecimento físico mesmo, não só aquele escrito, gostava de ir no laboratório, levou a gente nessa excursão, foi um conhecimento muito grande. Tem o professor Ismar, também, ele gostava de laboratório. Assim, eles estavam bem-dispostos em doar o conhecimento para a gente e quem aproveitou, como eu, foi muito importante. Acho que a escola ofereceu tudo, os professores se doaram, pelo menos no nosso ano, no nosso grupo de formação, acha gente tem só que agradecer muito a eles e a escola, acho que não faltou nada, o que estava nas circunstâncias deles para poder passar para a gente, foi passado, e no meu modo de dizer, tem passado, a escola não faltou com nada. (CINTRA, 2021)

Sobre a microempresa:

Tenho minha, a minha microempresa, já faz 6 anos. Eu formalizei e tenho um CNPJ. Trabalho com manutenção residencial e industrial. E trabalho com fotovoltaica também. E o ano passado comecei a trabalhar com fotovoltaica. É uma área que gosto muito, trabalho com maior prazer. Se fosse para fazer, faria tudo de novo, faria o curso de novo no mesmo lugar, é uma escola muito boa. A minha empresa ainda está caminhando, mas está tudo certo, graças a Deus. Hoje vivo, sustento a minha família com a minha empresa. Tenho que agradecer muito a escola que me abriu essas portas e foi o conhecimento adquirido lá que consegui alavancar na minha profissão. Então hoje, por incrível que pareça, presto serviço para escola, para Doutor Júlio Cardoso, já faz quase três anos que presto serviço lá, faço manutenção. E trabalho para Via Sol, que só trabalha com energia solar. Tem muitas outras empresas que eu presto serviço. Panificação Pão São Sebastião. São muitas empresas conhecidas em Franca, graças a Deus. (CINTRA, 2021)

No final da entrevista, agradeceu a direção da escola e deixou um recado para os atuais alunos;

Queria dizer para os alunos que vão ingressar, se eles se doarem um pouquinho para os professores, e tentar. Trabalhar em conjunto com os professores, se eles tiveram um pouquinho de dedicação, eles vão se dar bem em qualquer segmento que forem fazer. Se esses alunos se doarem um pouquinho, eles vão chegar no objetivo traçado. (CINTRA, 2021)

Por meio dos relatos dos três egressos empreendedores e alunos do Ensino Médio, pode-se perceber o valor que eles dão à sua formação na Etec Dr. Júlio Cardoso, que teve papel fundamental ao ensinar empreendedorismo, de forma direta através das disciplinas projetos como OGE (Organização e Gestão Empresarial), ou mesmo de forma indireta, através do incentivo de professores que no dia a dia fizeram a diferença para que pudessem empreender e criar suas microempresas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar esse artigo, é importante destacar a relevância do trabalho sobre o empreendedorismo na Etec Dr. Júlio Cardoso, essa habilidade contribui para a formação de um profissional mais capacitado, pronto para lidar com diversas atividades e preparado para encarar os diferentes desafios de futuro empreendedor. É isso que se conquistou ao ensinar empreendedorismo na escola.

Desde 2001, o Ensino Médio da Etec Dr. Júlio Cardoso, já trabalhava empreendedorismo através dos projetos com a disciplina OGE (Organização e Gestão Empresarial), porém, foi a partir de 2015 que o Estado de São Paulo deu um passo concreto no sentido de instituir um plano de educação empreendedora em sua rede de ensino.

Com a disciplina projeto OGE (Organização e Gestão Empresarial), de forma prática mostrou que o Ensino Médio do Centro Paula Souza, apresentou um trabalho diferenciado na formação de jovens empreendedores, procurou valorizar o potencial dos alunos e dar oportunidade de criarem e gerirem seus próprios negócios, capacitando-os para o mercado de trabalho. Esse conhecimento em empreendedorismo deu oportunidade para que os alunos abrissem suas empresas, demonstrando-as de forma concreta nas Mostras de Gestão Empresarial que era o resultado de todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano durante as aulas da disciplina. Nela, os estudantes aprenderam a gerir o próprio negócio e puderam trabalhar todos os departamentos de uma empresa, como marketing, comercial, logística e vendas.

Vários projetos sociais foram realizados durante o período em que OGE (Organização e Gestão Empresarial), fez parte da grade alternativa do Ensino Médio, entre eles, o Coração Solidário, que é uma marca da escola até os dias atuais, através dele a escola se inscreveu no 5º Prêmio Escola da Rádio Bandeirantes e da Fundação Itaú Social, conquistando o primeiro lugar.

Por meio das entrevistas realizadas com os três egressos Gustavo Santos Miranda do Ensino Médio, formado em 2003, Rogério Cristiano de Oliveira e Ledermair de Andrade Cintra (Leo), formados em 2006, ambos do curso de Eletrotécnica, pode-se perceber o valor que eles dão à sua formação na Etec Dr. Júlio Cardoso, nas aulas de empreendedorismo, bem como a importância dos professores, como incentivadores, de forma direta ou indireta, na criação de suas empresas.

REFERÊNCIAS

BELEZIA, Eva Chow; TONET, Renata. **Cooperativismo**. São Paulo: Copidart Editora Ltda. 2000. 55p. Acervo do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, em 2023.

CINTRA, Ledermaid de Andrade. **Entrevista concedida à professora Joana Célia de Oliveira Borini, em 18 de dezembro de 2021**, Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP.

CPS. Jornal do Centro Paula Souza. **Mostra da Etec Franca promove solidariedade**. nov.2006. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

COMÉRCIO DA FRANCA. **3ª Mostra de OGE (Organização e Gestão Empresarial)**. out. 2005. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

COMÉRCIO DA FRANCA. Caderno Se Liga. **Empresa explora culinária francesa**. nov. 2009. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

COMÉRCIO DA FRANCA. Caderno Se Liga. **Empresários na escola**. nov. 2009. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

COMÉRCIO DA FRANCA. Caderno Se Liga. **Alunos da Industrial expõem criações**. nov. 2009. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

COMÉRCIO DA FRANCA. Caderno Se Liga. **Gustavo Stefani Pimenta**, aluno 3º ano Ensino Médio, nov. 2010. Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2022.

MIRANDA, Gustavo Santos. **Entrevista concedida à professora Joana Célia de Oliveira Borini, em 01 de abril de 2021**, Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP.

OLIVEIRA, Rogério Cristiano de. **Entrevista concedida à professora Joana Célia de Oliveira Borini, em 21 de dezembro de 2021**, Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca/SP.

SAES, Alexandre Macchione; MARCOVITCH, Jacques. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.9, n.1, 2020.

SÃO PAULO. **Lei Estadual nº 15693, de 3 de março de 2015**. Cria o Plano Estadual de Educação Empreendedora, para inserção do empreendedorismo nas escolas de ensino médio e escolas técnicas. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/174159>. Acesso em: 3 abr. 2022.

Fatec Dr. Thomaz Novelino: formando empreendedores em Franca

Liene Cunha Viana Bittar
Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de História Oral do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP) do Centro Paula Souza, a respeito de ex-alunos empreendedores. Neste caso, o objeto de estudo são três egressos do curso de Tecnologia em Gestão da Produção Industrial (GPI) da Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novelino (Fatec Franca).

A faculdade de tecnologia de Franca, criada em 1994 e implantada no segundo semestre de 2008, surgiu com a finalidade de fornecer mão de obra qualificada para promover o desenvolvimento regional. Como na época de sua implantação o arranjo produtivo local (APL) estava totalmente ligado à produção coureiro-calçadista, o primeiro curso a ser implantado – GPI, cuja primeira turma se iniciou em outubro daquele ano – trazia em seu nome a palavra “calçados” em referência ao APL, tendo inclusive recebido do Centro Paula Souza um laboratório com máquinas para a produção de produtos de couro.

Com o passar do tempo, a predominância da indústria do calçado na cidade foi diminuindo (e o nome do curso perdeu a referência aos calçados). Enquanto especialmente devido a questões relativas à flutuação do dólar, à concorrência chinesa e à política financeira nacional a indústria calçadista perdeu força, o desenvolvimento da região (da qual Franca é polo industrial, comercial e hospitalar) expandiu-se para outras áreas industriais, assim como ocorreu o crescimento do comércio de bens e serviços. Atualmente, a cidade não tem suas finanças mais tão dependentes do APL coureiro-calçadista quanto em décadas passadas, mas esse ainda é um setor forte na região – dois dos entrevistados empreenderam nesse setor.

Desde sua implantação e início do curso de Gestão da Produção Industrial, a instituição tem recebido, entre seus alunos, muitos profissionais já no mercado em busca de formação adicional, mas também pequenos empreendedores que procuram uma base de conhecimentos para criar ou ampliar seu negócio.

Esse panorama se torna claro nas entrevistas realizadas com três ex-alunos do curso de Gestão da Produção Industrial da Fatec Franca, que atualmente são empreendedores: Juliano Braga Pereira, na área de comércio online de material ligado à indústria coureiro calçadista (couros, ferragens e máquinas, especialmente), Ivan dos Reis Alves em uma metalúrgica que produz ferragens²⁸ principalmente para a indústria de artefatos de couro (cintos, sapatos e bolsas), e Igor Henrique Cruz, que já era comerciante, ampliou seus negócios com a montagem de uma cervejaria artesanal.

As entrevistas consistem em histórias de vida, dentro dos parâmetros da História Oral (CARVALHO; RIBEIRO, 2013). Duas delas (com o proprietário da loja online e o da cervejaria), realizadas durante a pandemia de Covid-19, foram feitas pela plataforma Teams e a terceira foi presencial, no Laboratório de Audiovisual da Fatec Franca, com a gravação do Assistente Técnico Administrativo Guilherme Andrade. Nos três casos, a autora durante as entrevistas fez apenas algumas poucas perguntas aos entrevistados, com a finalidade de estimulá-los a discorrer sobre sua experiência escolar e profissional, até o surgimento da ideia e desenvolvimento de seu empreendimento. Todas as entrevistas buscaram identificar a participação do curso superior realizado na Fatec tanto na concepção quanto no projeto e na gestão de seus negócios.

Os três entrevistados se formaram em Gestão da Produção Industrial, curso que possui uma disciplina específica para Empreendedorismo, ministrada pelo professor Daltro Carvalho. Os três estudaram em escolas públicas e apenas um deles já tinha outro curso superior (também tecnológico). Mesmo aqueles que realizaram sua primeira graduação na Fatec não iniciaram a faculdade logo após o término do colegial.

JULIANO BRAGA PEREIRA

Juliano Braga Pereira (Figura 1), 35 anos²⁹, foi entrevistado pelo Teams no dia 9 de abril de 2021 às 12h10, horário de almoço no trabalho, alguns meses antes de acabar o curso de GPI (o que ocorreu em julho daquele mesmo ano).

Juliano fez escola pública e começou a trabalhar muito cedo, em uma fábrica de calçados de seu tio. Quando a fábrica fechou, foi chamado por uma empresa da área de informática (ensinando os clientes a utilizar os sistemas produzidos pela empresa). Iniciou o curso de tecnologia em GPI, mas teve que interrompê-lo por excesso de trabalho. Prestou vestibular novamente alguns anos mais tarde e, ao voltar para a Fatec, teve a ideia do empreendimento e o desenvolveu com dois sócios, a noiva e um amigo – Maiara e Roberto, ambos

28 A palavra “ferragens” é utilizada na produção coureiro-calçadista para designar qualquer peça de metal utilizada no seguimento – como fivelas, broches e outros.

29 A idade dos entrevistados é a do momento da entrevista.

ligados à indústria calçadista. Os sócios perceberam que, no APL do couro, algumas indústrias tinham estoques repletos de produtos que não usariam mais, enquanto outros buscavam pequenas quantidades de matérias-primas, mas não eram atendidos pelas empresas atacadistas.



Figura 1 – Juliano Braga Pereira.
Fonte: PEREIRA, 2021.

Os sócios abriram então o Mercado do Fabricante, uma empresa online voltada para a venda de pontas de estoque e outros materiais que as indústrias do couro não utilizam mais. Os sócios acreditaram que poderiam fazer uma ponte entre estas e produtores pequenos ou iniciantes, que precisavam comprar em quantidades pequenas, especialmente para realizar o desenvolvimento de produtos. Logo as indústrias lhes ofereceram também máquinas para a venda, as quais tiveram imediata aceitação no site e “desocuparam” espaço de empresas que não as utilizavam mais, gerando ainda renda extra.



Figuras 2 e 3 – Imagens do Mercado do Fabricante difundidas no Facebook.
Fonte: PEREIRA, 2021.

O Mercado do Fabricante tem um componente de sustentabilidade na medida em que, além de auxiliar pequenos produtores, promove a utilização de materiais que, de outra forma, seriam tratados como resíduo industrial e seriam descartados. As máquinas, igualmente, ao passar das grandes indústrias para as pequenas, ganham anos a mais de utilização antes de seguirem para o descarte.

Aberta durante o isolamento devido à pandemia de Covid-19, a empresa cresceu e aumentou seu faturamento mês a mês no ano em que funcionou entre a inauguração e a entrevista. De acordo com Juliano Braga Pereira, “Eu não sabia que empreender era tão bom! É desafiador”. (PEREIRA, 2021)

Inicialmente definiram seu público-alvo dentro da cidade de Franca. Entretanto, ao colocar o site no ar, passaram a receber encomendas também de outros polos coureiro-calçadistas, inclusive em outros estados³⁰.

Assim, passaram a ter problemas que não tinham identificado durante o processo de concepção do negócio, realizado intuitivamente – como por exemplo o alto custo de frete para enviar uma máquina para outros estados, questão que poderia inviabilizar a venda. Procuraram, então, uma empresa que os auxiliou a desenvolver um Canvas para buscar soluções para a continuação do negócio. Assim, puderam enxergar questões em que precisavam se focar para que o site continuasse crescendo sem maiores intercorrências.



Figura 4 – Canvas do Mercado do Fabricante.
Fonte: PEREIRA, 2021.

30 A associação que reúne os produtores de calçados da cidade de Birigui (estado de São Paulo), por exemplo, até mesmo procurou o empreendedor para auxiliá-lo com espaço para estoque na cidade, diante da importância que viram na loja.

O próximo passo a ser realizado, identificado no momento da consultoria, seria abrir uma loja física. Entretanto, apesar do sucesso inicial da empresa, atualmente o site está desativado porque perderam o nome “Mercadão”, já registrado por outra pessoa – mais um aspecto que deveria ter sido observado já no momento de prospecção para a abertura do negócio.

Apesar da frustração inicial no desenvolvimento do negócio, Juliano Braga Pereira prepara a reabertura da loja virtual e afirma: “Então por que não, vamos abrir o negócio, vamos que chega outra pessoa que pega essa ideia e traz ela melhorada. Acho que a gente não tem que ter medo. Tem espaço pra todo o mundo”. (PEREIRA, 2021)

IGOR SANTOS CRUZ

Igor Henrique Cruz (Figura 5), 40 anos, terminou em 2017 o curso de tecnologia em GPI e foi entrevistado dia 13 de abril de 2021 às 14h. O Igor Henrique Cruz é natural de Franca, onde realizou todo seu percurso educacional em escolas públicas. Ao término do colegial, pretendia fazer faculdade de medicina. Para isso, fez cursinho pré-vestibular por dois anos, mas não passou. Decidiu parar de estudar e ir trabalhar com o pai, que já possuía um comércio varejista de salgados.



*Figura 5 – Igor Henrique Cruz à frente da produção da Cervejaria Rural.
Fonte: CRUZ, 2022.*

Igor Henrique Cruz montou então a Portubeer, seu primeiro negócio. Junto com o irmão, Luiz Henrique, que estudou Gastronomia, abriu uma filial que, depois com alguns cursos na área de cerveja, acabou se transformando em uma cervejaria. De início, era um bar que vendia cervejas artesanais e depois se tornou um home brew – produtor de cervejas artesanais. Essa produção era feita em casa com panelões, mas com o sucesso da cerveja os sócios compraram equipamento e começaram a produzir industrialmente.

Depois mudaram a fábrica de lugar, porque o barracão inicial ficou pequeno. Em 2020, montaram uma produção de churrasco americano, a BBQ Rural, inicialmente como delivery de carne smoker no padrão americano. No ano seguinte, ainda durante o isolamento devido à pandemia do Covid-19, inauguraram uma filial em Ribeirão Preto, que atende também em sistema de delivery, vendendo as cervejas e o churrasco americano. Essa filial é operada por um parceiro que é sócio dos dois irmãos, mas a ideia é em breve, franquiar a marca. No esquema já implantado, a cerveja e as carnes são mandados por volta de duas vezes por semana para a cidade vizinha.

A Fatec entrou na vida do Igor Henrique Cruz no período inicial da profissionalização da produção da cervejaria, em 2015, quando, desejando obter mais conhecimento para administrar sua empresa, prestou vestibular para o curso de Gestão da Produção Industrial na Fatec Franca. De acordo com o empresário, a faculdade “ajudou clareando algumas ideias, na parte de organização, de estrutura, na parte de logística...”

Foi um período muito difícil, pois estavam no processo de montar a estrutura profissional da cervejaria – sem o auxílio de especialistas, que não existiam na cidade – e estudar. Entretanto, a turma na faculdade era muito unida, e praticamente todos os projetos integradores foram feitos na fábrica de cerveja. Igor resume essa experiência como “uma consultoria grátis”.

No primeiro ciclo, fizeram o estudo da gestão e dos processos de produção da empresa; depois, desenvolveram um pão com o malte de cerveja (resíduo da produção) que até hoje está no cardápio da BBQ Rural (trata-se de uma massa que pode ser usada em salgado, substituindo até mesmo a farinha branca). Na cervejaria estudaram também projeto de fábrica, gestão ambiental e Igor Henrique Cruz fez seu Trabalho de Graduação implantando ferramentas de qualidade na produção. O grupo de estudantes fez também uma chopeira a partir de uma geladeira velha, que até hoje é utilizada pela empresa, em alguns pontos de venda da cerveja artesanal (Figuras 6 e 7).



*Figura 6 – BBQ Rural no Facebook.
Fonte: CRUZ, 2022.*



*Figura 7 – Cervejeira criada a pelos alunos da Fatec.
Fonte: CRUZ, 2022.*

Pode-se afirmar que o empreendedorismo esteja no sangue do entrevistado, uma vez que seu pai e sua mãe sempre o foram, com lanchonete. Assim, surgiu a ideia de empreender: “Fui ganhar dinheiro em vez de ter estudado”. Essa primeira empresa foi fechada no final de 2020, como decorrência do isolamento – não estavam conseguindo pagar nem o aluguel do ponto, mas tinham em mente que a reabririam finda a pandemia.

Os novos projetos passam pela abertura de um empório na cervejaria, com açougue para vender as carnes resfriadas seladas a vácuo, além de insumos para cervejas caseiras. Para isso, já alteraram o CNPJ da empresa.

Com relação ao papel da Fatec na sua vida profissional, Igor afirma que “Abre a mente, [...] aumenta o conhecimento, com certeza ajudou! A parte de organização, principalmente, você perde um pouco daquele medo de fazer as coisas sem saber. Te dá uma base, né? Você aprende a fazer uma programação lá dentro da empresa e tal [...]”

Aos estudantes e candidatos a empreendedores, revela: “eu pensei em desistir algumas vezes, mas ainda bem que não desisti, porque eu aproveitei muito a faculdade, fiz muita amizade, principalmente, um pessoal que até hoje é parceiro. Mas faz parte. No começo dá uma desanimada, é puxado, mas dá tudo certo”.

IVAN DOS REIS ALVES

Ivan dos Reis Alves (Figura 8), 54 anos, que teve sua entrevista realizada em 30 de agosto de 2022, terminou o curso de tecnologia em GPI na Fatec Franca em 2015.



*Figura 8 – Ivan dos Reis Alves.
Fonte: ALVES, 2022.*

O terceiro entrevistado é natural de Passos/MG, mas vive em Franca há muitas décadas, desde 1991 ou 1992. Na cidade fez curso Técnico de Contabilidade, depois dois anos de Tecnologia Química na Universidade de Franca, e dois anos de Processamento de Dados na mesma universidade. Chegou a trabalhar como químico, no laboratório da Sabesp.

Quando entrou na Fatec, trabalhava em um posto de chefia (encarregado de produção) em uma indústria de calçados, com uma renda compatível com o cargo, considerada muito boa no mercado, mas sempre teve a vontade de montar uma empresa. Percebeu a necessidade do fornecimento de ferragens no polo industrial coureiro-calçadista – as encomendas demoravam a chegar, provocando danos à produção e poucas marcas possuíam a qualidade e o custo necessários.

A ideia de montar sua própria fábrica para a produção desses metais foi amadurecendo, até que a colocou no papel. Fez uma pesquisa para identificar quantas empresas no ramo havia na cidade de Franca e o porquê da deficiência na entrega de produtos.

Já pensando na possibilidade de empreender, iniciou o curso de tecnologia em GPI, em 2013, com a finalidade de adquirir conhecimentos na área administrativa, pois tinha conhecimentos apenas a respeito de produção. Naquele momento, estava terminando a construção de sua casa e quando finalizou abriu a indústria de produção de metais para calçados, cintos e bolsas junto com o início do curso na Fatec Franca.

Começou trabalhando apenas com sua esposa no quintal de casa. Por alguns poucos anos, sua retirada mensal foi um quinto do que ganhava na

indústria, levando sua esposa a pressioná-lo para abandonar o sonho do empreendimento. Entretanto, persistiu e em pouco tempo a metalúrgica começou a crescer.

Ao longo do curso, foi unindo a teoria que aprendia no curso de GPI à prática que vivia no dia a dia da empresa. Com a ajuda da Fatec, montou leiaute, custos, contabilidade, fluxo de caixa, processos de produção, padronizou processos, implantou ferramentas de qualidade, entre outros aspectos relativos à gestão e à produção.

O curso de Gestão da Produção Industrial foi um divisor de águas na minha vida profissional. O curso aqui é excelente e fazíamos estudos de caso na minha empresa, durante os Projetos Integradores. O que nós aprendíamos em sala de aula, colocávamos em prática na minha empresa, o que ajudou muito. Enfim, eu comecei com uma empresa profissional mesmo. (ALVES, 2022)

Foi muito difícil nos dois primeiros anos por ser uma empresa ainda desconhecida. O empreendedor, entretanto, persistiu pensando que “com as técnicas, qualidade, prazo de entrega e custo eu consigo me sobressair”. Dessa forma, nesse tempo conseguiu crescer e alugou o primeiro barracão (no Bairro Aeroporto), trabalhando ainda com a esposa, mas agora já com dois funcionários.

Logo a fábrica mudou novamente, desta vez para um grande barracão onde atualmente trabalham 20 funcionários; diversificou o seguimento (Figuras 9 a 12), criou mais uma marca (hoje são duas marcas), abriu o e-commerce e realiza estudos para abrir uma loja física fora da fábrica, em uma das avenidas mais importantes da cidade.

A fábrica acabou por tornar-se uma das mais importantes do seguimento na cidade.

Entre seus clientes, estão as maiores fábricas de artefatos de couro.



Figuras 9 a 12 – Peças de metal produzidas pela Metal Light.
Fonte: ALVES, 2022.

Entre os planos futuros da empresa, que ainda está em barracão alugado, mas em ponto chave, não está a construção de barracão próprio, o que poderia descapitalizar a empresa. O empreendedor pretende fazer barracões menores para alugar e assim custear o aluguel do barracão da fábrica sem ter que mudar de local, além de implantar a energia fotovoltaica (a ideia é mudar a conta mensal de energia de 10 mil reais para cerca de 500 reais). Para Ivan dos Reis Alves “É preciso inovar sempre e buscar novas tecnologias, sempre aprimorando a produção e buscando custo e qualidade melhores”.

Atualmente, Ivan está à frente da metalúrgica (juntamente com sua esposa, que cuida da parte financeira da empresa), tendo diversificado seus negócios – constrói casas para vender e aplica o que aprendeu no curso de gestão da produção também a esses projetos. Não parou de estudar, tendo realizado uma Pós-Graduação em Auditoria e Controladoria em Gestão Financeira.

Na entrevista, Ivan dos Reis Alves deu muita ênfase à necessidade de profissionalização da gestão e dos processos de produção de qualquer empresa:

Hoje se você fizer esse curso de GPI você consegue empreender em qualquer seguimento, porque você tem padrões. E quando você tem padrões, você consegue montar uma padaria, você vai ter o padrão de fazer determinado produto, você monta uma metalúrgica, você tem padrão de qualidade [...] (ALVES, 2022)

Assim, é necessário estudar (especialmente em relação ao curso de Tecnologia em GPI, cujos corpo docente é “muito profissional”), o que pode abrir as portas para montar uma empresa, prestar concursos, ser professor.

E ainda de acordo com o entrevistado, mesmo um “carrinho de pipoca” pode ser muito lucrativo se se aplicarem as teorias e metodologias aprendidas no curso da Fatec à prática da empresa. O empreendedor precisa ter a ousadia, mas também o conhecimento técnico, portanto é preciso estudar sempre. “Os 25% das empresas que não fecham nos dois primeiros anos é porque buscaram conhecimentos”. (ALVES, 2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, como parte do Projeto Coletivo “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, entrevistou três ex-alunos da Fatec Franca que abriram ou ampliaram negócios ao longo do curso ou logo em seguida.

De acordo com o dicionário, “empreendedor” significa:

adj., 1. Que empreende, 2. Que se lança à realização de coisas difíceis ou fora do comum; ativo, arrojado, dinâmico. sm. 1. Aquele que empreende, 2. Aquele que toma a seu cargo uma empresa. ETIMOLOGIAder de empreender+d+or, como esp empreendedor (MICHAELIS, online).

Se, como adjetivo, empreendedor significa “aquele que toma a cargo uma empresa”, o adjetivo se refere às suas qualidades de arrojo, dinamismo, coragem. De acordo com o Portal do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), “o termo ‘empreendedorismo’ deriva de uma palavra francesa que significa identificar uma oportunidade e assumir os riscos de implantar essa oportunidade” (SEBRAE, online).

Dessa forma, a proposta de entrevistar alunos empreendedores implica em buscar estudantes que deixaram a sala de aula para ousar no mercado por meio da abertura de uma empresa. Esses empreendedores tiveram que ter ideias (ou percepção de necessidades do mercado), habilidade técnica para implantá-las, mas também ousadia, coragem – em um caso, até mesmo de abandonar uma carreira profissional de sucesso.

As três empresas cresceram exponencialmente logo após sua criação e seus empreendedores-gestores utilizam recursos aprendidos na faculdade em todas as fases do negócio, como planejamento, logística, desenvolvimento de produto, qualidade, gestão, entre outros.

Todos os entrevistados revelaram a necessidade de planejamento e de profissionalização da gestão do empreendimento, assim como da inserção de ferramentas de qualidade e de controle da produção, temas sobre os quais estudaram na Fatec Franca. O empreendedor cervejeiro também notou a necessidade de utilização de ferramentas de marketing para a expansão do negócio e afirmou que sempre relacionava as aulas na Fatec com seu próprio negócio.

No momento em que Juliano fez a disciplina de Empreendedorismo, no início do curso de GPI, estava envolvido com seu trabalho assalariado e não aplicou os conhecimentos adquiridos no curso para a montagem de seu negócio – apenas alguns anos mais tarde, quando prestou vestibular novamente para terminar o curso, teve a ideia do empreendimento. Por isso, apesar do crescimento da empresa, acabou precisando contratar a empresa de consultoria com a qual pôde decidir os rumos de seu empreendimento.

Assim, observa-se que o mercado atual, apesar da grande concorrência, comporta iniciativas de indivíduos visionários, ousados e ativos, mas que também necessitam de uma base de conhecimentos que dará sustentação ao empreendimento. Nesse sentido, a Faculdade de Tecnologia Dr. Thomaz Novellino (e especialmente o curso de Tecnologia em Gestão da Produção Industrial) cumpre seu papel de não apenas formar mão de obra para o mercado, mas também formar empreendedores que ampliarão esse mercado e abrirão novos postos de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ivan dos Reis. **Entrevista concedida à Liene Cunha Viana Bittar, em 22 de agosto de 2022.** Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=214&vol=115>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana L. S. **História Oral na Educação: memórias e identidades.** São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Temas Transversais. 89p. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CRUZ, Igor Henrique. **Entrevista concedida à Liene Cunha Viana Bittar, em 13 de abril de 2021.** Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=191&vol=115>. Acesso em: 07 set. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.** Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/empreendedor>. Acesso em: 05 set. 2022.

PEREIRA, Juliano Braga. **Entrevista concedida à Liene Cunha Viana Bittar, em 9 de abril de 2021.** Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=220&vol=115>. Acesso em: 28 mar. 2023.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas Quem somos. Online. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos. Acesso em: 05 set. 2022.

A importância do docente em Construção Civil na identificação profissional dos tecnólogos empreendedores

Maria Alice Pius
Faculdade de Tecnologia de São Paulo

INTRODUÇÃO

Os cursos de Tecnologia em Construção Civil oferecidos pela Fatec-SP configuram-se numa oportunidade para que estudantes egressos do Ensino Médio possam ingressar num curso de graduação reconhecido no mercado e que permita a sua rápida inserção no mercado de trabalho. A gratuidade dos cursos é outro fator que permite a continuidade dos estudos independentemente da disponibilidade de recursos financeiros para tal finalidade.

Muitos alunos são egressos de instituições públicas, necessitam ingressar no mercado de trabalho e a participação no ensino de graduação representa a abertura de oportunidades no momento do ingresso e futuramente.

As atividades desenvolvidas durante a graduação, com o incentivo dos docentes, e a participação em programas de estágio permite a esses alunos vislumbrar áreas de atuação profissional que poderão configurar-se em futuros postos de trabalho.

O despertar para novas áreas de atuação e oportunidades pode ser incentivada pelos docentes que representam para esses alunos exemplos de atuação e de formação profissional. Nesse sentido, a introdução de situações que integrem a participação de docentes, discentes e profissionais renomados no mercado de trabalho geram a inserção dos alunos em situações práticas determinando a necessidade da solução de problemas.

Desta forma, os alunos sendo estimulados a atuar de forma colaborativa para solucionar os problemas apresentados, são orientados a manter a persistência, pesquisar alternativas e definir soluções. Atitudes como essas são primordiais para sua atuação enquanto profissionais, enquanto alunos, também, pois perceberão que os obstáculos apresentados devem ser transpostos, além disso, poderão direcionar alguns discentes para atividades com iniciativa empreendedora.

A participação do docente no processo de ensino aprendizagem é fundamental, o artigo expressa iniciativas docentes que podem intensificar as

habilidades de seus discentes integrando-os entre si e fomentando novas alternativas profissionais. Tecnólogos egressos dos cursos de Tecnologia em Construção Civil da Fatec-SP apresentam seus relatos: três tecnólogos empreendedores, suas perspectivas enquanto alunos, estagiários, a relevância de alguns docentes em seus processos de aprendizagem, suas escolhas e suas iniciativas empreendedoras.

A GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA EM CONTRUÇÃO CIVIL

O surgimento da graduação tecnológica no estado de São Paulo teve origem na falta de profissionais habilitados a atuar nas mais diversas áreas produtivas. Essa necessidade impulsionou o surgimento de cursos com carga horária direcionada a atuação prática, com extensa carga horária diária reduzindo o período para a conclusão dos cursos.

Os cursos Superiores de Tecnologia em Construção Civil, modalidades Edifícios, Hidráulica e Movimento de Terra e Pavimentação, foram oferecidos na Faculdade de Tecnologia de São Paulo – Fatec-SP desde o início de seu funcionamento.

O curso de Edifícios, segundo o Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Construção Civil – modalidade Edifícios (SÃO PAULO, 2018, p. 1), teve início em 1970, sua autorização de funcionamento foi oficializada pelo Parecer CCC no 278/70 de 09 de abril de 1970 e o primeiro Reconhecimento do Curso pela Portaria CEE/GP nº 1104/74 de 23 de maio de 1974. Sofreu diversas reformulações, de forma que os novos procedimentos, ferramentas e processos produtivos implantados no mercado de trabalho puderam ser incorporados ao curso garantindo aos alunos atualização constante.

[...] A carga horária de 2.880 aulas corresponde a um total de 2.400 horas de atividades, contemplando assim o disposto na legislação e nas diretrizes de cursos de Tecnologia aprovadas pelo Conselho Deliberativo do Centro Paula Souza. (SÃO PAULO, 2018, p. 4)

Além da aprovação no Conselho Deliberativo do CPS, contou com a Renovação de Reconhecimento do Curso periodicamente, obteve notas máximas no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE quando seus alunos foram submetidos a essa avaliação. Primou e mantém os princípios básicos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação, em 2021, referentes a indissociabilidade entre educação e prática social, valorização dos sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, utilização de metodologias ativas de aprendizagem, práticas pedagógicas interdisciplinares.

A gratuidade dos cursos de graduação tecnológica ofertados pelas Fatecs, bem como os conteúdos programáticos agrupados de forma a permitir a sua conclusão num prazo mínimo de três anos tornou-se um atrativo. Assim

como foi idealizado, o curso possibilita a formação de profissionais altamente qualificados nas especificidades abrangidas na área de atuação em estudo. Desta forma, os egressos dos cursos possuem formação prática, um facilitador para a sua inserção no mercado de trabalho.

Essas características dos cursos de graduação tecnológica da Fatec geraram oportunidades para diversos alunos oriundos ou não de escolas públicas, entretanto, vários deles garantiram a continuidade de seus estudos graças a gratuidade dos cursos e a possibilidade de realizarem atividades profissionais mesmo como estudantes, por intermédio de programas de estágio. Relatam os estudantes entrevistados que em suas famílias, assim como em diversas outras, tornaram-se um dos poucos, quando não o único, familiar a ingressar num curso de graduação dando continuidade aos estudos.

Todos os tecnólogos empreendedores que foram entrevistados nesse projeto indicaram sua satisfação em concluir o curso, relataram que passaram a ser “divulgadores” dos cursos realizados uma vez que galgaram o respeito e a confiança para realização de atividades profissionais nas empresas pelas quais passaram, além disso, conquistaram a admiração dos familiares e amigos que juntos vivenciaram a superação de cada obstáculo que se colocou em seus caminhos.

ESTÁGIO COMO FERRAMENTA DE INCENTIVO AO ENGAJAMENTO PROFISSIONAL

Nos cursos de graduação tecnológica da Fatec-SP, Construção Civil, inexistente a obrigatoriedade de realização de estágio supervisionado para a conclusão do curso. Tal situação ocorre por dois motivos: diversos alunos, desde a implantação desses cursos, já atuavam em atividades direcionadas à construção civil ou atuavam / atuam em empresas nessa área, porém, em atividades administrativas ou outras faltando-lhes conhecimentos para assumir melhores posições de trabalho. Outro motivo é o fato de os próprios alunos observarem que as atividades realizadas durante os programas de estágios corroboram para o seu envolvimento com profissionais atuantes na futura área de formação e, além disso, contribuem para agregar conhecimentos e habilidades, portanto, tornam-se facilitadores no processo de ensino aprendizagem.

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, p. 1)

A citação refere-se a Lei de Estágios vigente no país, o objetivo de preparar os alunos para o trabalho produtivo evidenciado nessa legislação, é facilmente percebido pelos alunos por intermédio da orientação que recebem de seus professores, pelo convívio com discentes estagiários sendo constantemente estimulados para essa prática. Sendo assim, apesar da inexistência de obrigatoriedade tornou-se uma prática constante entre os alunos, estimulados no âmbito escolar.

Como citado nas entrevistas realizadas com os tecnólogos empreendedores, o convívio nos ambientes onde realizaram estágios, possibilitou a realização de diversas atividades de âmbito profissional, além de contato com diversos profissionais atuantes no mercado de trabalho que, por vezes, despertaram o interesse por novas áreas de trabalho e/ou para a possibilidade de atuação como empreendedores.

A própria instituição, Fatec-SP, incentiva seus alunos a participarem de programas de estágio disponibilizando orientações referentes a legislação vigente, professores orientadores de estágio nos diversos cursos, vagas disponibilizadas com as atividades solicitadas e empresas ofertantes. O departamento responsável pela formalização dos estágios providencia que as informações estejam disponíveis aos alunos na página da instituição³¹, bem como em área específica de acesso aos alunos.

De forma semelhante o Centro Paula Souza (CPS) manifestou atitudes para o engajamento de seus estudantes em atividades de estágio realizadas em suas unidades de ensino, contando para isso com a participação de docentes dos cursos de Construção Civil.

Em 1988, o professor Celso Couto Junior, professor da disciplina de Materiais de Construção Civil do Curso de Tecnologia em Construção Civil – modalidade Edifícios da FATEC-SP, foi designado para ser o coordenador-responsável pelo Escritório Piloto de Construção Civil do CEETEPS³². (SÃO PAULO, 1988)

Esse escritório centralizava as necessidades de obras e reformas nas unidades de ensino vinculadas aos Ceeteps respondendo pelos procedimentos necessários para garantir a sua viabilização. Para Couto Jr. (2018) o escritório foi criado “com a finalidade de propiciar aos alunos das unidades da instituição a oportunidade de realizarem estágios na sua área de interesse e atender a demanda de obras e serviços da instituição”.

Assim como descreve Couto Jr., também relata o professor Wladimir Anversa: “Nessas condições, configura-se o escritório-piloto como uma perfeita extensão dos cursos do CEETEPS, constituindo-se em um completo laboratório de construção civil.” (MOTOYAMA, 1995, p. 388)

O envolvimento dos professores de Construção Civil da Fatec-SP em atividades extracurriculares, com o objetivo de envolver seus alunos em ati-

31 Consultar: <https://sites.google.com/view/fatecsp-estagios/>

32 Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), assim era denominado o Centro Paula Souza (CPS) nessa época.

vidades práticas oferecendo oportunidades para sua inserção no mercado de trabalho serão descritas a seguir.

ATIVIDADES EXTRACURRICULARES: INTERAÇÃO COM PROFISSIONAIS RENOMADOS, DOCENTES E DISCENTES

O Professor Wladimir Anversa teve graduação em Arquitetura e foi professor da disciplina “Práticas de Construções Civas” no curso de Tecnologia em Construção Civil – modalidade Edifícios da Fatec-SP. Sua atuação foi muito além das aulas, sendo que o auditório da Fatec-SP recebeu seu nome em homenagem aos seus feitos. Envolveu-se nas atividades realizadas pelo Escritório Piloto desenvolvendo projetos para a construção das edificações da Fatec-SP e de diversas outras unidades do Centro Paula Souza, o que descreve em entrevista concedida a Motoyama (1995):

[...] Vários projetos foram e estão sendo realizados, destacando-se entre eles os novos edifícios da Fatec no campus da Avenida Tiradentes, cujas obras já foram em parte concluídas, e os projetos das escolas de Ourinhos, Taquaritinga, Jaú, Guaratinguetá, Franca, Sorocaba, Indaiatuba, entre outros. Além disso, os alunos estagiários realizam, periodicamente, visitas às escolas já existentes, levantando necessidades de eventuais reformas ou ampliações. [...]. (MOTOYAMA, 1995, p. 388)

Os projetos realizados e em andamento citados pelo professor Anversa correspondem as construções e unidades de ensino envolvidas para reformas e ampliação na década de 1990, ele indica também, a presença e participação dos alunos estagiários e, em outro trecho da entrevista, expressa a dinâmica dessa participação.

[...] O escritório-piloto foi organizado no Centro por volta de 1987, embora sua idealização tenha ocorrido anteriormente. O objetivo era reunir um grupo de professores, arquitetos e engenheiros que, juntamente com alunos contratados como estagiários, desenvolvesse projetos e supervisionasse as obras que se apresentassem necessárias, tanto no que diz respeito a novos projetos quanto à manutenção dos prédios em que se localizavam as escolas do CEETEPS. Esse objetivo foi desenvolvido e, felizmente, continua a se desenvolver de forma dinâmica, com a participação de todos seus elementos. [...]. (MOTOYAMA, 1995, p. 387)³³

33 O Professor menciona “Centro” como referência ao CEETEPS

O envolvimento dos alunos, como descreve o professor, correspondia a atividades de acompanhamento de obras, participação em projetos, levantamento de necessidades para manutenção nas unidades de ensino, todas elas supervisionadas pelos professores envolvidos nas atividades desenvolvidas nesse escritório.

Vários outros professores participaram das atividades desenvolvidas no Escritório Piloto, alguns deles estão indicados na Figura 1 que segue.

Fiscalização das Obras do Bloco A	
Escritório Piloto de Construção Civil	
Coordenador	Eng. Rubens Goldman
Comissão Técnica de Obras	Prof. Breno Fabiani
	Prof. Rufino R. Soares
	Prof. Wladimir Anversa
Equipe Técnica Auxiliar	Profa. Elisa N. Takahashi
	Profa. Maria A. Pius
	Tecga. Sonia G. Sugahara
Projeto	Prof. Wladimir Anversa
Construção	SIMÉTRICA Engenharia S/A

Figura 1 – Divulgação da entrega do Bloco A: Equipe envolvida, em 1991.

Fonte: Departamento de Edifícios da Fatec-SP, em 2019.

A Figura 1 apresenta a equipe do Escritório Piloto de Construção Civil envolvida nas obras de construção do Bloco A da Fatec-SP. Além do Professor Anversa, houve o envolvimento do engenheiro Rubens Goldman, da tecnóloga Sonia G. Sugahara e dos professores Breno Fabiani, Rufino R. Soares, Elisa N. Takahashi e Maria A. Pius, todos professores do Departamento de Edifícios da Fatec-SP.

A “divulgação da entrega do prédio” contou com a ilustração do professor Anversa, apresentado no formato de um convite, as Figuras 2 e 3 complementam essa divulgação.

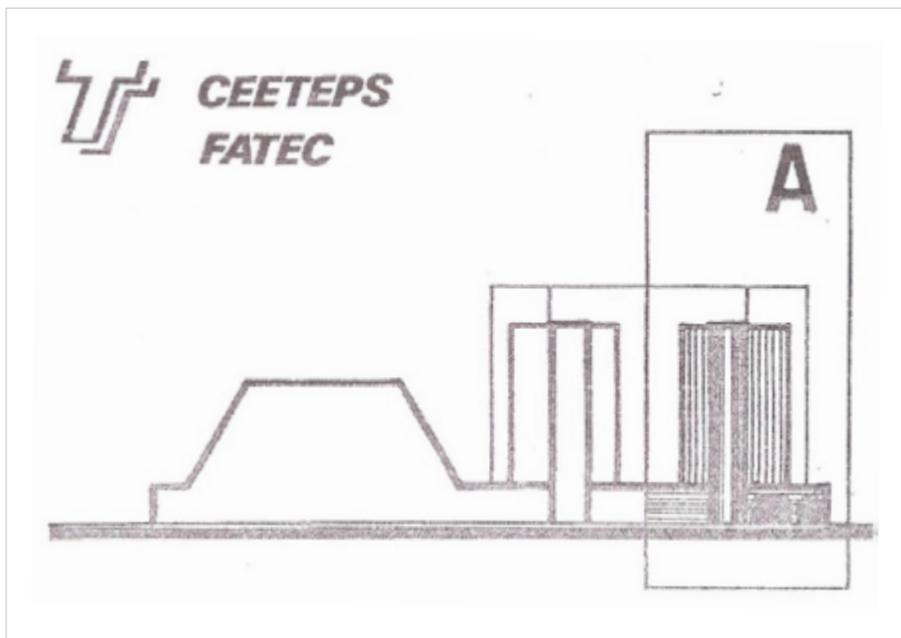


Figura 2 – Divulgação da entrega do Bloco A: Croqui do Projeto Completo e indicação do prédio concluído, em 1991.

Fonte: Departamento de Edifícios da Fatec-SP, em 2019.

<p>GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO Governador ORESTES BUARCA</p> <p>SECRETARIA DE ESTADO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA Secretário LUIZ GONZAGA DE NELLO BELLUZZO</p> <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA Reitor PAULO HILTON BARBOSA LANDIN</p> <p>CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA "PAULA SOUZA" Diretor Superintendente OSWALDO VENDRAMETO</p> <p>FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO Diretor JOSÉ MANOEL SOUZA DAS NEVES</p>	<p>A construção do Bloco A constitui a primeira etapa da implantação do plano diretor do novo Campus da FATEC-SP, tendo 7650 m² de área construída compreendendo:</p> <table border="1"> <tr> <td>Recepção e Portaria</td> <td>03 Salas de Reuniões</td> </tr> <tr> <td>Sala de Exposições</td> <td>21 Salas de Professores</td> </tr> <tr> <td>Sala de Conferências</td> <td>06 Salas de Serviços</td> </tr> <tr> <td>21 Salas de Aula</td> <td>Vestiários Masc. e Fem.</td> </tr> <tr> <td>11 Laboratórios</td> <td>02 Elevadores</td> </tr> <tr> <td>05 Auditórios</td> <td>Copa</td> </tr> <tr> <td>Oficinas e Laboratórios de Mecânica e Soldagem</td> <td>Sanitários Professores e Alunos</td> </tr> <tr> <td>06 Salas de Departamento</td> <td>Área de Estacionamento</td> </tr> </table>	Recepção e Portaria	03 Salas de Reuniões	Sala de Exposições	21 Salas de Professores	Sala de Conferências	06 Salas de Serviços	21 Salas de Aula	Vestiários Masc. e Fem.	11 Laboratórios	02 Elevadores	05 Auditórios	Copa	Oficinas e Laboratórios de Mecânica e Soldagem	Sanitários Professores e Alunos	06 Salas de Departamento	Área de Estacionamento
Recepção e Portaria	03 Salas de Reuniões																
Sala de Exposições	21 Salas de Professores																
Sala de Conferências	06 Salas de Serviços																
21 Salas de Aula	Vestiários Masc. e Fem.																
11 Laboratórios	02 Elevadores																
05 Auditórios	Copa																
Oficinas e Laboratórios de Mecânica e Soldagem	Sanitários Professores e Alunos																
06 Salas de Departamento	Área de Estacionamento																

Figura 3 – Divulgação da entrega do Bloco A: Componentes da Edificação, em 1991.

Fonte: Departamento de Edifícios da Fatec-SP, em 2019.

Vários outros professores dos cursos de Construção Civil estiveram envolvidos para a viabilização das obras e reformas das escolas do CPS, todos eles colaboraram também no envolvimento e orientação dos alunos estagiários. Entretanto, esse procedimento deixou de ser adotado.

[...] Embora a oferta de estágios aos estudantes da instituição de ensino tenha sido o motivo primeiro da criação do escritório piloto, hoje não é mais assim. A sucessora do escritório piloto foi a Assessoria de Programação e Controle de Obras – APCO, hoje sucedida pela Unidade de Infraestrutura – UIE que tem atuado, quanto aos estágios, com restrições inerentes e características de uma instituição pública. [...] (COUTO JR., 2018, p. 51)

Couto Jr. (2018) descreve os departamentos que sucederam o Escritório Piloto, o crescimento institucional passou a ser abrangido por esses novos departamentos com as alterações inerentes as funções por eles assumidas. Porém, a participação docente não se limitou a essa atuação.

A realização de eventos promovidos e/ou com a participação do Departamento de Edifícios da Fatec-SP contaram com seus docentes, envolvimento dos funcionários, estagiários, monitores, alunos e empresas do setor.

As EXPO EDIFs, semanas dedicadas para a interação entre os alunos, empresas do setor de construção civil e profissionais renomados, foram realizadas anualmente, a partir de 1992. Sob a coordenação do Professor Simão Priskulnik, durante essas semanas, foram realizadas palestras, workshops, oficinas, exposições técnicas – ofertadas pelas empresas participantes, onde eram apresentados materiais e equipamentos destinados à construção civil, demonstrações técnicas, orientações aos alunos -, além de outras atividades culturais que permitiram o envolvimento do corpo docente, discente e de seus funcionários.

A EXPO EDIF, iniciada e coordenada pelo professor Priskulnik perdurou por nove anos³⁴. Durante esse período, anualmente, uma semana foi dedicada ao evento que se remetia a fatos relevantes da atualidade bem como ocorrências e realizações dos docentes e da instituição. A participação e o envolvimento dos alunos, demonstrados nas palestras e apresentações realizadas pelas empresas, resultava positivamente na oferta de vagas de estágio e emprego onde os próprios alunos tornaram-se beneficiados.

Entretanto, vários outros eventos começaram a ser realizados pelos diversos cursos da Fatec-SP, em seguida iniciou-se a realização do Congresso de Tecnologia e do Simpósio de Iniciação Científica e Tecnológica da Fatec-SP tendo uma semana no mês de outubro dedicada ao evento.

³⁴ Consultar: programação das EXPO EDIFs em <https://gepedifícios.wixsite.com/gepedifícios/memo-expoedif>

A partir de então, houve uma orientação para que os cursos e departamentos agrupassem seus eventos colaborando na realização do Congresso de Tecnologia. Assim foi feito e, em 2022, haverá a 23ª edição do Congresso de Tecnologia da Fatec-SP e o 24º Simpósio de Iniciação Científica e Tecnológica da Fatec-SP.

Todos os eventos realizados primam pelo aperfeiçoamento e envolvimento docente, discente, profissionais atuantes na área de formação de nossos alunos, desta forma, é possível envolver tecnólogos, ex-alunos, nessas atividades, retornando-os para a instituição responsável pela sua graduação e apresentando aos alunos suas experiências e conhecimentos adquiridos.

O relacionamento entre os alunos, professores, profissionais renomados, empresas do setor produtivo, além de aprimorar o conhecimento dos alunos desperta, em alguns, necessidades e/ou deficiências presentes na sua futura área de atuação, esse fato direciona alguns dos alunos para o campo da pesquisa, outros para a implantação de novos procedimentos incentivando-os ao empreendedorismo.

TECNÓLOGO EMPREENDEDORES

Participando das atividades do Programa de História Oral na Educação, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza, foi desenvolvido um projeto coletivo denominado “História oral na educação: de profissionais a empreendedores”, inscrito na Plataforma Brasil CAAE 4847321.4.0000.8125 com aprovação do Comitê de Ética da Faculdade Santa Marcelina de São Paulo, Parecer nº 4.813.867/21, e direcionado à Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica.

A conclusão do trabalho resultou na realização de três entrevistas com ex-alunos: tecnólogos empreendedores. As entrevistas estão disponíveis no site de memórias (CENTRO PAULA SOUZA, 2022) e os links estão divulgados nas referências deste artigo. Algumas manifestações desses tecnólogos empreendedores relativas à sua própria atuação e à participação dos docentes nessa empreitada enquanto empreendedores está sintetizada neste item.

PEDRO BELTRAME PAULO ROBERTO

O primeiro entrevistado foi Pedro Paulo Beltrame Roberto (Figura 4), é Tecnólogo em Construção Civil – modalidade Edifícios formado pela Fatec-SP. Informou que sempre estudou em escolas públicas, ingressou na faculdade, Fatec-SP, por indicação familiar.



Figura 4 – Pedro Paulo Beltrame Roberto.
Fonte: ROBERTO, 2021.

No início do curso sentiu muita dificuldade pois percebeu que houve deficiências anteriores. Ficou indeciso quanto a permanência no curso, porém, passando a atuar na área percebeu a importância de retornar seus estudos. Manifestou que não foi fácil, que o curso exige o empenho do aluno e enfatizou que foi dessa forma que obteve a bagagem de conhecimento que tanto colaborou para o seu desempenho futuro.

Elogiou seus professores, pelo conhecimento e pela abrangência de informações que adquiriu durante essa graduação. A atuação em atividades profissionais, enquanto estagiário, associada a carga de conteúdos direcionados as atividades práticas de construção propiciaram seu constante engajamento e satisfação em atuar na área da construção civil.

Esclareceu que não tinha intenção em atuar como empreendedor, que possuía um bom emprego, entretanto, uma crise no mercado fez com que perdesse o emprego; a crise levou-o a refletir sobre ser empreendedor, mesmo assim, encontrou preconceito da própria família para empreender.

Analisando sua trajetória evidenciou que apresentar trabalhos na faculdade ajudou a entender que é necessário se expressar perante os outros, apresentar propostas, falar, ter desenvoltura, defender sua proposta e opinião. Essa atividade desenvolvida durante as aulas da graduação colabora, também, segundo o tecnólogo, para que o discente possa se expressar, trabalhar positivamente a comunicação.

Definiu a atitude empreendedora como um desafio, um aprendizado, uma superação diária e sugeriu transparência e honestidade na vida profissional e pessoal aliada ao respeito a todos os envolvidos no processo: funcionários, prestadores de serviço, clientes, concorrentes.

Manifestou o mesmo com relação a faculdade demonstrando profundo respeito a todos que colaboraram com a sua formação.

LEANDRO MACEDO DE MESQUITA

O próximo entrevistado foi Leandro Macedo de Mesquita (Figura 5), é Tecnólogo em Construção Civil – modalidade Edifícios formado pela Fatec-SP. Informou que recebeu indicação a respeito da Fatec-SP por intermédio de familiares, sintetizando assim: “excelente aprendizado, formação rápida e uma boa colocação no mercado”. (MESQUITA, 3032)



*Figura 5 – Leandro Macedo de Mesquita.
Fonte: MESQUITA, 2021*

Desenvolveu atividades em programas de estágio e começou a sentir interesse em empreender. Sentiu medo no início, além disso era muito jovem, mas demonstrou persistência. Confiou na bagagem teórica que recebeu na faculdade, que definiu como ótima, e contou com o apoio das pessoas com quem convivia na faculdade.

Inicialmente atuou em empresas com metade da jornada de trabalho, comparativamente aos outros que atuavam ali, então, descreveu sentir a necessidade de desenvolver um ótimo trabalho para assim se sobressair em relação aos demais. As experiências profissionais trocadas em aulas ou extra aula colaboraram muito, segundo o tecnólogo.

Relatou que, além da coragem que foi determinante durante o processo para empreender, foi necessário ter consciência que o processo exige aprendizado constante, citou a professora Elisa Takahashi que sempre orientou seus alunos a serem persistentes e constantes estudiosos, querendo aprender sempre mais. Ressaltou a necessidade de ser resiliente. Emocionado, justificou que por intermédio das iniciativas dele, conseguiu fomentar novos empregos, e que ouviu isso na graduação: “era uma obrigação dos alunos quando formados colaborar com o país gerando novos empregos”. (MESQUITA, 2021)

Citou diversos professores que colaboraram com seus ensinamentos e orientações: Celso Couto Jr, Bragança, Elizabeth Neves Cardoso, José Mário

Viégas. Ressaltou, novamente, que entende que estudar será uma constante e mencionou colegas tecnólogos bem-sucedidos que se mantem assim.

JOSÉ EDUARDO RADAELLI

A terceira entrevista foi concedida por José Eduardo Radaelli (Figura 6), é Tecnólogo em Construção Civil – modalidade Obras Hidráulicas formado pela Fatec-SP. Antes de ingressar na Fatec-SP concluiu seu ensino em escolas públicas, concluiu o curso técnico, Técnico em Edificações, na Escola Técnica Estadual Guaracy Silveira. Nessa época, realizou estágios na área de construção civil e conheceu a Fatec-SP por intermédio de seu chefe.



*Figura 6 – José Eduardo Radaelli.
Fonte: RADAELLI, 2021.*

Estagiou em diversas empresas direcionadas a área de instalações prediais o que serviu de incentivo a se especializar em instalações hidráulicas e a empreender nesse setor.

A iniciativa por empreender foi motivada pela dificuldade das empresas em manterem sua equipe de forma permanente. Salientou que existem dificuldades para os empreendedores, porém, a profissão deve ser levada a sério e os clientes sempre devem ser respeitados; o trabalho bem executado e os clientes bem atendidos sempre geraram resultados positivos e novas indicações de trabalho, ressalta o tecnólogo.

Ele procurou empreender numa área que apresentava deficiência de profissionais no mercado e, essa mesma área, foi a que obteve grande conhecimento na Fatec-SP. Aprendeu muito em todas as atividades que desenvolveu, desde que ingressou como estagiário, e contou com o incentivo do chefe na época, que além da graduação que já possuía também ingressou no mesmo curso para obter mais conhecimento na área específica de hidráulica.

Enfatizou a necessidade de dedicação ao trabalho e ao estudo contínuo, as mudanças são constantes, dessa forma estudar passou a ser uma necessidade para exercer atividades profissionais atualmente. Também definiu como características necessárias ao futuro empreendedor: perseverança, coerência nas atitudes, autocontrole, admitir seus erros e corrigi-los, ser resiliente; ter conhecimento técnico da área que pretende atuar e adquirir experiência, foram indicadas como características primordiais para o sucesso do profissional.

Sugeriu que os alunos busquem o máximo de informação e conhecimento junto aos seus professores e, que procurem trabalhar em conjunto, colaborativamente, com os demais profissionais que se apresentarem em seu caminho, assim, relatou, é possível crescer sempre mais. Indicou que sempre obteve aceitação como profissional egresso da instituição e buscou realizar outros cursos nela, dentre eles o curso de especialização em Tecnologias Ambientais.

Enalteceu os conhecimentos que obteve durante a realização do curso e a capacitação do corpo de professores que participaram durante a sua graduação. Enfatiza a capacidade técnica dos egressos da Fatec-SP e, acrescenta que passou a ministrar a disciplina de “Projeto de Instalações Hidráulicas Prediais” no curso de Hidráulica e Saneamento Ambiental da Fatec-SP, desde o ano de 2016.

Todas as entrevistas foram realizadas no formato online, respeitando as restrições impostas pela pandemia e respeitando, também, os tecnólogos entrevistados, todos manifestaram-se respeitosos aos procedimentos sendo unânime a vontade de realizá-las presencialmente em ocasião oportuna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas realizadas confirmam que a graduação tecnológica é uma oportunidade para diversos alunos oriundos de escolas públicas. Diversos deles, encontram dificuldades para o acompanhamento do curso em virtude de deficiências encontradas na sua formação anterior. Mesmo assim, demonstraram persistência e resiliência, entretanto, demonstraram que a proximidade às áreas de atuação configurou como um fator motivador para a continuidade dos estudos.

Nesse sentido as atividades desenvolvidas em programas de estágio, sob a orientação de docentes, além de um fator motivador, configuram-se como um fator de inserção no mercado de trabalho e gerador de renda.

A participação dos discentes em atividades práticas, com o envolvimento de profissionais atuantes no mercado de trabalho, egressos de seu curso de graduação e com docentes são atividades que estimulam o aluno no desenvolvimento de soluções e na percepção de problemas ainda não solucionados.

Atividades empreendedoras e/ou inovadoras podem ter seu início durante a graduação, isso quando bem trabalhadas por todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Os tecnólogos empreendedores entrevistados manifestaram-se respeitosos e gratos pela instituição que possibilitou suas graduações e enaltecem as posturas de alguns docentes que valorizaram, respeitaram e incentivaram suas iniciativas enquanto alunos e futuros empreendedores.

Ressaltaram, ainda, que as práticas que envolvem respeito, atitudes colaborativas e ética, assim como foram orientados na graduação, estão configurando um diferencial, promovendo o respeito enquanto profissionais e crescimento na atividade empreendedora.

Foram unânimes em expressar e orientar os futuros egressos que a busca por conhecimento deve ser uma atitude contínua, procedimentos estão sendo atualizados e inovados e cabe aos profissionais manterem-se informados e atualizados em suas áreas de atuação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe Sobre O Estágio de Estudantes: altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT... Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm . Acesso em: 09 set. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO / CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº CNE/CP Nº 1, de 5 de janeiro de 2021.** Define As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais Para A Educação Profissional e Tecnológica: 3. ed. Diário Oficial da União, BRASÍLIA: Imprensa Oficial, 06 jan. 2021. Seção 1, p. 19-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em: 09 ago. 2022.

CENTRO PAULA SOUZA. Memórias e história da educação profissional e tecnológica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2022. **1 sítio eletrônico.** Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/>. Acesso em: 09 set. 2022.

COUTO JR., Celso. **Gestão de projetos no escritório piloto de engenharia civil, no âmbito de uma instituição pública estadual de ensino.** Monografia apresentada para conclusão do curso de Pós-Graduação MBA em Gestão de Projetos e Processos Organizacionais do curso do Centro Estadual de Educação Tecnológica do Centro Paula Souza. 2018. 107 p.

MESQUITA, Leandro Macedo de. **Entrevista concedida à professora Maria Alice Pius, em 4 de novembro de 2021**, da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=158&vol=106>. Acesso em: 9 set. 2022.

MOTOYAMA. Shozo (org). **Educação Técnica e Tecnológica em Questão**. 25 anos do CEETEPS – Uma História Viva. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

RADAELLI. José Eduardo. **Entrevista concedida à professora Maria Alice Pius, em 1 de dezembro de 2021**, da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=177&vol=106>. Acesso em: 9 set. 2022.

ROBERTO. Pedro Paulo Beltrame. **Entrevista concedida à professora Maria Alice Pius, em 2 de abril de 2021**, da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVerN.php?cma=122&vol=101>. Acesso em: 9 set. 2022.

SÃO PAULO. Faculdade de Tecnologia de São Paulo. **Informativo Fatec SP**. São Paulo, ano VI, n.1, ago. 1988. 4 p.

SÃO PAULO. Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Fatec-SP (org.). **Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Construção Civil** – modalidade Edifícios. São Paulo: Fatec-SP, 2018. 40 p. Disponível em: http://www.fatecsp.br/paginas/proj_ped_edificios.pdf. Acesso em: 08 set. 2022.

História oral dos professores Luiz Antônio Koritiake e Bruno Vergílio na Etec Fernando Prestes

Daniele Torres Loureiro
Escola Técnica Estadual Fernando Prestes

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970, pesquisadores brasileiros vêm utilizando a História Oral (HO) como metodologia de pesquisa, associada à noção de memória, possibilitando assim a manifestação de fontes não inclusas nos relatos oficiais. Entrevistas de História Oral são consideradas fontes para a compreensão do passado, contiguamente aos documentos escritos e imagens. Por meio da HO os sujeitos colaboram contando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades as quais se tornam fio condutor para a produção de conhecimento, baseado nas experiências de pessoas e grupos.

É relevante destacar que os relatos de personalidades colaboram para recuperar dados e informações sobre episódios importantes para a história institucional, assim como auxiliam na construção de um acervo que sirva à consulta, pesquisa e produção de conhecimento. Atuando como docente curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual (Etec) Fernando Prestes, desde 2018, e desenvolvido diversos trabalhos visando conhecer e preservar a história da referida unidade escolar. Entre eles, entrevistas de História Oral com professores, diretores, funcionários, alunos e ex-alunos. Os relatos registrados nos permitem compreender a história desses sujeitos, suas vivências na escola, identificar transformações no contexto físico e social do espaço escolar, assim como práticas escolares em diferentes épocas.

Destarte, o presente estudo visa disseminar os conhecimentos adquiridos junto às entrevistas realizadas com os professores Luiz Antônio Koritiake, em 2017, e Bruno Vergílio, em 2018.

A entrevista com o professor Koritiake foi realizada pelos professores Ivani Torres Braghetti e José Francisco da Rocha, em 8 de outubro de 2017, e transcrita por mim. Por meio dela foi possível conhecer sua trajetória de vida pessoal, sua formação, sua atuação profissional, sua relação com a unidade escolar e com a instituição Centro Paula Souza (CPS), nos papéis de aluno, docente e diretor de escolas técnicas estaduais. Em seu relato pode-se, ainda, de-

tectar dados sobre o desenvolvimento da cidade de Sorocaba, bem como sobre cursos oferecidos pela unidade escolar, entre as décadas de 1980 e 2010, e sobre a história do próprio Centro de Memória, do qual foi um grande incentivador.

A conversa com o professor Bruno Vergílio foi conduzida por mim, Daniele Torres Loureiro, e pela professora Ivani Torres Bragheti, em 18 de abril de 2018, com o intuito inicial de conhecer a história do curso Técnico de Processamento de Dados, ofertado na escola a partir de 1988. Contudo, no relato desse docente foi possível conhecer sua trajetória de vida pessoal e profissional, as lutas para implantar o referido curso, desafios para montar laboratórios, assim como identificar diretores da época, equipe de docentes, distribuição de aulas, perfil de alunos, mudanças na legislação de ensino e alterações no espaço escolar.

HISTÓRIA ORAL DO PROFESSOR LUIZ ANTÔNIO KORITIAKE

O professor Luiz Antônio Koritiake (Figura 1) nasceu em 1955, no estado do Paraná, na cidade de Cornélio Procópio. Veio com a família para Sorocaba, aos seis anos, visando uma vida com mais oportunidades na nova cidade.

Koritiake era filho do Sr. Pedro, um pedreiro, da Sra. Helena, dona de casa e irmão mais velho do Sr. Marcos. Em Sorocaba, morou grande parte de sua vida nas imediações do Jardim São Paulo, próximo a comunidade do Largo do Divino.



Figura 1 – Entrevista com o Prof. Luiz Antônio Koritiake, entre a Profa. Ivani Torres Bragheti, primeira a esquerda, e ao lado do Prof. José Francisco Rocha, primeiro a direita.
Fotografia: Vanderlei Pereira, em 08/10/2017.

Estudou na Escola Estadual Professor Odim de Arruda, que na década de 1960, localizava-se atrás da Igreja do Largo do Divino, antes de ser transferida para a Rua Salvador Milego. Luiz Koritiake cursou Mecânica no Ginásio

Industrial Fernando Prestes, onde hoje é a Etec Rubens de Farias e Souza, e fez o colegial no Estadão (EE Dr. Júlio Prestes de Albuquerque), local em que conheceu a Sra. Catarina, na década de 1970.

Em 1978, casou-se com a Sra. Catarina e, em 1980, nasceu sua primeira filha, Adele Buglia Koritiake, que, atualmente, vive nos Estados Unidos e trabalha na embaixada brasileira. Seu segundo filho, Daniel Buglia Koritiake, nasceu dois anos após a irmã. Hoje é concursado no Banco do Brasil, casado e pai dos gêmeos: Beatriz e Gustavo.

O professor Koritiake relatou que teve infância e juventude bastante humildes, a família passou por muitas dificuldades, entretanto, os estudos, a religiosidade e a união familiar sempre estiveram presentes em sua vida, direcionando sua trajetória e desenvolvimento.

Após terminar o antigo colegial, atual Ensino Médio, o entrevistado comenta que tentou entrar na Faculdade de Tecnologia de Sorocaba (FATEC), todavia disse:

Fiz vestibular na Fatec [...] não passei [...] eu achava que era bom pra chuchu [...] Levei uma “piovada” (Risos). Daí comecei a estudar sozinho em casa [...] não tinha dinheiro para pagar cursinho e essas coisas, e estudava mesmo. Pegava da uma hora até as seis da tarde e batia firme mesmo nas disciplinas, foi quando, no meio do ano, fiz o vestibular na Fatec novamente. Passei em sexto lugar. (KORITIAKE, 2017)

Em 1977, formou-se no curso de Tecnologia em Mecânica. Citou que durante a faculdade teve muita facilidade para desempenhar as atividades técnicas, pois já havia recebido a base no Ginásio Industrial. Na faculdade teve aula de Desenho com o Professor José Alberto Deluno.

Como Tecnólogo começou a trabalhar em uma empresa de São Roque, na qual, ganhava muito bem, proporcionando inclusive a compra do seu primeiro carro, em seis meses. Trabalhou em outras empresas da região de Sorocaba, sempre pequenas e por pouco tempo, até entrar na Ecil, na cidade de Piedade, em 1983. Nessa época, fez sua primeira pós-graduação em Administração.

Após cinco ou seis anos trabalhando na Ecil, Koritiake comentou que foi dispensado, entretanto continuou prestando serviços na área de treinamento. Era instrutor em um projeto para menor aprendiz (alunos de sétima e oitavas séries), desenvolvido entre a empresa e o Senai. Antes de entrar nessa empresa, em 1982, ele trabalhou na cidade de Capão Bonito, na qual ministrou aulas de Matemática, Sociologia e até mesmo Educação Artística para o Magistério. Esse momento marca o início de sua história com a educação.

Ao sair da Ecil, o professor prestou concurso para Auxiliar Docente na Fatec, visando uma bolsa de estudos para a Alemanha que era oferecida na época. Contudo, comenta ele:

Essa é a minha chance [...] e começamos a fazer uma capacitação lá em São Paulo. Eu ia todo dia para São Paulo e essa capacitação era, foi muito importante porque nos deu uma visão muito grande [...] porque meu temperamento [...] eu briguei lá, muitas vezes e eles me tiraram da Alemanha e me deixaram meio na mão. É [...] e até mandaram embora, na verdade. Helena Pererossi me mandou embora, né. Mas eu falei para ela que um dia eu ainda ia voltar, né (risos) e voltei mesmo. (KORITIAKE, 2017)

No ano de 1989, por meio de um processo seletivo, o professor regressou no Centro Paula Souza ministrando aulas na Fernando Prestes de “Oficina pré-profissionalizante”, no curso de Auxiliar de Desenho Mecânico. Naquela época, os cursos eram todos de auxiliar, não eram nem profissionalizantes, comentou ele.

Devido a um problema na coordenação do curso de Mecânica e de desentendimentos entre professores, que exigiu até a presença do professor Almério Melquíades de Araújo, na escola, o coordenador do Ensino Médio e Técnico decidiu que quando entrasse um novo professor, este seria o novo coordenador do curso. Dessa forma, como novo professor, e após uma entrevista com o professor Almério, Koritiake torna-se coordenador do curso de Mecânica. Nessa época, o diretor da atual Etec Fernando Prestes era o professor Francisco Grando, o qual, pouco tempo depois, foi substituído pelo professor Luís Alberto Agasi.

Koritiakerelata que o professor Agasi e sua equipe movimentaram a escola. Transformaram os cursos de auxiliar em cursos técnicos, implantaram o curso Técnico de Processamento de Dados, ampliaram o número de salas de aula, dividindo o espaço vago que havia próximo à biblioteca da escola. Nessa época, o curso de Desenho Mecânico recebeu a nomenclatura de Desenho de Projetos de Mecânica e a escola também ofereceu os cursos técnicos de Secretariado, Contabilidade, Processamento de Dados e Desenho de Construção Civil.

É também nesse período que nasce a grande amizade entre os professores Luiz Koritiake e Luís Agasi, a qual perdura por toda a vida.

O entrevistado comenta que a implantação do curso de Desenho de Projeto de Mecânica acontece após uma visita à Etec Lauro Gomes, em São Bernardo do Campo. Diz que a chegada deste curso foi muito importante para a escola e inclusive o Sr. Bacci, funcionário responsável pelas oficinas e atualmente aposentado, foi contratado. Relata ainda que nesse período as dificuldades para se conseguir materiais, como um paquímetro, eram grandes. Por muitas vezes ele e o professor Agasi foram a São Paulo para solicitar verbas, junto ao chefe de gabinete, mas sem sucesso. Contudo, essa dificuldade gerou uma reorganização na Associação de Pais e Mestres (APM).

Todos os cursos das décadas de 1980 e 1990 eram integrados, entretanto em 1996, com o surgimento da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB),

os cursos transformaram-se em modulares. Período este marcado também pelo ingresso da professora Leila Tereza Rolim de Oliveira Almeida, como Diretora.

Ao ser questionado pelos entrevistadores, professores Ivani Torres Braghetti e José Francisco Rocha, sobre sua juventude, Koritiake conta que integrava o grupo de jovens da igreja do Largo do Divino, no auge dos anos de 1970. Os integrantes do grupo eram pessoas muito conscientes e bem políticas, por isso houve até pessoas ligadas a ditadura militar infiltradas no grupo, comentou ele. Foi nessa igreja, junto ao grupo de jovens que o professor Koritiake desenvolveu suas habilidades para o canto e para liderança. Ele cita que sempre sonhou em tocar violão, mas nunca conseguiu aprender, contudo tinha parceiros muito bons que tocavam e ele cantava.

Ele conta, com certa melancolia, que só faltou aos encontros da igreja, por motivo de doença. Durante a entrevista, retoma à época em que ingressou na Etec Fenando Prestes e comenta que o professor Agasi foi muito perspicaz, tendo em sua equipe, além do próprio Koritiake, também os professores Bruno Vergílio e Renato De Luna Bastos, pessoas que o ajudaram muito na condução da escola.

Como tinha bastante disponibilidade, o entrevistado foi muitas vezes a São Paulo, junto com o professor Agasi, oportunidades em que pode conhecer muitas pessoas ligadas a administração do Centro Paula Souza e desenvolver diversos trabalhos lá.

Depois que o professor Agasi deixou a direção da escola e ingressou na supervisão de ensino, a professora Leila Rolim assume o cargo, e Koritiake continua na coordenação do curso de Mecânica, todavia sempre dando suporte à nova diretora, nas questões que precisavam ser resolvidas junto ao Centro Paula Souza. Nesse ínterim, o professor Koritiake assume a direção da Etec Martim Luther King.

Passado algum tempo, ele participa de novo processo seletivo para diretor, ganha a reeleição na Martim Luther King e, também, na Fernando Prestes e, no ano 2000, ao ser questionado pela professora Laura Laganá, chefe de gabinete à época, opta por ficar na unidade da cidade de Sorocaba, para estar mais próximo de sua família.

Nesse mesmo ano, o professor Luís Agasi assume a direção da então ETE Rubens de Farias e Souza e os dois amigos conduzem as escolas, muitas vezes, com decisões conjuntas. No meio de seu mandato, Agasi retorna para atividades em São Paulo e a professora Sônia Valter assume a direção da Rubens de Farias.

No final de seu segundo mandato como diretor da Fernando Prestes, Koritiake trabalha no projeto de Educação à Distância (EAD) do Centro Paula Souza, até que houve uma reestruturação do projeto e ele termina sua jornada lá.

Ao deixar a EAD, ele procura a professora Laura e oferece para trabalhar junto ao professor Adhemar Batista Heméritas, no Programa Especial de Formação de Professores. Luís Agasi também ingressa nesse projeto e os dois assumem a coordenação para atender a região de Sorocaba a Ourinhos.

Em 2012, o Programa Especial de Formação Pedagógica termina. Nesse momento nasce a Etec de Sorocaba, atual Etec Armando Pannunzio, e os dois professores trabalham juntos novamente, frente a direção da nova unidade escolar.

Luiz Koritiake comenta sobre a parceria de trabalho com o professor Agasi: [...] a cabeça nossa complementa um ao outro. Ele é muito bom. E a gente tem muito respeito um pelo outro e isso facilita também a caminhada. [...]. (KORITIAKE, 2017)

Ao ser questionado pelos professores que o entrevistaram, sobre suas realizações frente a direção da Fernando Prestes, ele responde: “o Teatrinho”, referindo-se ao Anfiteatro construído na escola, em sua gestão.

A gente arranjou dinheiro, a gente pagou a construtora, fez de tudo para sair aquilo ali. É um negócio bonito para a escola, né, e tudo mais... Era uma coisa importante para a escola, a escola precisava. Todas as escolas precisam ter um teatro, um salão onde possam reunir um número relativamente bom de pessoas, pela beleza que foi da época e hoje também, é um espaço gostoso. Era um sonho meu construir isso daí quando eu estava aqui. (KORITIAKE, 2017)

Outro ponto destacado por ele, foi a luta para manter os cursos da escola e sobre isto ele expõe que:

Eu chegava a ir em São Paulo e esperar a professora Laura descer na escada do prédio velho lá, e eu ficava lá embaixo na escada esperando na hora do almoço e ela descia e ia almoçar e eu falava: Posso ir almoçar com você? (risos) e no caminho eu chegava e falava: professora estou precisando de vinte computadores lá e tudo mais, será que a senhora não poderia liberar. Ah! não dá, não tem jeito de liberar e tal e eu falava: então a senhora me libera dez esse mês e dez no outro mês e, foi assim que a gente trouxe muita coisa para cá. (KORITIAKE, 2017)

Além da luta para manter a qualidade dos cursos, o outro fato que o entrevistado considerava como realização era saber que os alunos que deixavam os cursos técnicos da Fernando Prestes e ingressavam na Fatec, conseguiam estágios rapidamente, dado o bom curso técnico que tinham feito.

Sobre o Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, Koritiake relata que foi implantado na gestão da professora Leila Rolim, juntamente com as professoras Stela Maris Cano Ronzani e Rosemari de Paula Santos, e que quando esteve à frente da direção lutou por manter as horas de projeto, contudo ao final de seu mandato o projeto Historiografia ficou parado, e acreditava que havia sido retomado naquele momento da entrevista, em 2017.

Ao relatar sobre sua trajetória profissional, ele demonstrou que sempre buscou se aperfeiçoar para crescer na profissão e para atingir esse propósito cursou Pedagogia, fez mestrado e doutorado na área de educação.

Sua dissertação de mestrado foi baseada na experiência que teve na Etec Fernando Prestes, sob o tema “Qualidade Total da Empresa a Escola”.

Na época em que cursou o mestrado, também trabalhou como consultor de qualidade em algumas empresas, junto com o professor Osni da Fatec, o qual, também foi seu colega na empresa Ecil.

Em 1999, começou trabalhar em faculdades, atuando na FAC São Roque, Universidade de Sorocaba (UNISO) e Universidade Paulista (UNIP) e ministrando aulas nas áreas de Produção, Administração e Pedagogia.

Quando cursou o doutorado, conta que foi uma fase espetacular em sua vida. Defendeu a Tese “Reestruturação Produtiva e a Educação”, baseada nas mudanças do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Para desenvolver o trabalho usou matrizes curriculares e textos com as alterações na legislação. Desenvolver a tese lhe proporcionou muitas viagens e participações em congressos, inclusive na Europa, fato esses que ele comenta com muito orgulho.

O mestrado foi bom, mas o doutorado foi melhor. O doutorado abriu mesmo a cabeça, para uma visão melhor de mundo e sobre a educação. E eu sempre me envolvi com as políticas educacionais, fazia parte da ANPAE, e essas coisas aí. Fiz muito, viajei muito, fui apresentar muito trabalho por aí em função dessa tese. (KORITIAKE, 2017)

Apesar dessa fase ter sido espetacular como ele mesmo diz, faltando seis meses para concluir seu doutorado, o professor Koritiae é diagnosticado com um tumor, e precisa retirar um rim.

Nesse íterim da entrevista, os professores José Francisco e Ivani, perguntam sobre os desafios que enfrentou em relação ao curso de Mecânica e o entrevistado responde que quando o curso se transformou de Auxiliar de Desenho de Mecânica para Técnico em Desenho de Projetos de Mecânica, após uma visita à ETE Lauro Gomes para conhecer como o curso funcionava lá, foi tudo muito positivo, professores novos foram contratados, o número de candidatos por vaga era expressivo, contudo, o número de concluintes era baixo.

Dado a esse fato, chegou um momento que o Centro Paula Souza determinou que o curso seria encerrado. Junto ao professor Vitor, que era coordenador do curso nessa época, foram conversar em São Paulo e conseguiram negociar. O curso permaneceu sendo oferecido, entretanto surge novo boato de que seria integrado à Etec Rubens de Farias e Souza e que a Etec Fernando Prestes ficaria apenas com cursos da área de Gestão e Negócios, fato esse que desgastou a relação entre os envolvidos com o curso.

Novamente, Koritiake se dirige a São Paulo e vai conversar com o professor Almério Melquíades de Araújo, explica a situação de conflito entre professores da Etec Fernando Prestes e da Etec Rubens de Farias e Souza em função do curso Técnico de Mecânica e com isso consegue mantê-lo por mais algum tempo.

Só que esse curso, ele não era assim um curso, pelo MEC autorizado mesmo, ele estava com uma autorização especial, como experiência, e na hora do vamos ver o Paula Souza dormiu no ponto, vou falar isso aqui, é para gravar mesmo, dormiu no ponto e não atualizou as informações necessárias desse curso e esse curso saiu do caderno de habilitações do MEC e daí não tinha jeito mais de colocar. Foi quando foi obrigado a encerrar o curso por causa disso. (KORITIAKE, 2017)

A escola também teve dificuldade em formular um outro curso para substituir o de Mecânica e com isso, apesar da demanda, encerrou.

Ele lembra que na Etec Armando Pannunzio, anos depois, ocorreu situação parecida, porém antes do término do curso de Instrumentação, foi possível implantar o curso Técnico de Eletroeletrônica, os quais tinham afinidades em seu contexto.

Antes de concluir a entrevista o professor Koritiake relata, em detalhes, sobre sua doença, o agravamento e as dificuldades do tratamento. Dessa fala, destaca-se o seu empenho em continuar trabalhando na Etec Armando Pannunzio, como observado neste trecho:

[...] tento desenvolver o meu trabalho lá que é mais de orientação ao pessoal, ajudar nas decisões e tudo mais, porque eu não tenho função lá, eu sou professor designado para ajudar lá na Etec. Não tenho projeto, não tenho função, não tenho nada, eu sou o professor lá, e isso então facilitou também. Uma, com o Luiz lá, muito amigo, então facilita as coisas. Se eu estou com problema, ligo para ele e digo que estou assim, assim e ele: não tem problema nenhum, fique tranquilo, a gente se vira aqui e tal. (KORITIAKE, 2017)

Além de explicar sobre a compreensão e a amizade do professor Luís Agasi, comentou sobre o sofrimento ao ter de parar de ministrar aulas na UNISO em função do agravamento da doença, o qual foi grande.

[...] mas isso tudo me interrompeu, toda aquela coisa, aquele entusiasmo que eu tinha de escrever, e fazer apresentações em congressos, porque eu gostava muito, ia passear, era uma maravilha. Você vai, assiste as palestras que você quer e o restante você vai

passar. Então isso fez com que eu deixasse de fazer e isso é uma situação que eu também sinto muito, como senti muito, muito mesmo, quando eu pedi a demissão na UNISO, é um vazio muito grande. (KORITIAKE, 2017)

Os professores Ivani Torres e José Francisco Rocha perguntaram sobre algo que ainda gostaria de realizar e qual mensagem deixaria para professores funcionários e alunos. As respostas foram:

[...] eu gostaria de estar escrevendo, eu tinha muito conhecimento de legislação profissional, que eu deixei, estou parado em 2011. Então, essa era a minha vontade se eu me recuperar, de estar escrevendo algumas coisas, participar de congressos, seminários, essa é a minha vontade, que eu acho que eu tenho ainda coisas para desenvolver e até acho que o Paula Souza está desperdiçando o meu conhecimento, eu não queria dizer, eu estou dando muito pouco para o Paula Souza, porque não estou sendo exigido nada. Procuramos fazer lá na Amando Pannunzio o melhor possível, mas eu acho que poderia estar bem melhor se o próprio Centro Paula Souza estivesse exigindo de mim mais coisas, e fazendo com que eu pudesse produzir, na verdade, mais textos escritos e talvez mais um outro livro, esse é um sonho que eu ainda quero estar realizando. (KORITIAKE, 2017)

Para os alunos: “Liberdade com responsabilidade”, que era o lema da minha gestão como diretor, que surgiu naturalmente em uma reunião de pais. Para os professores, que desenvolvam nas suas aulas, realmente a realidade, que façam com que o aluno reflita sobre a realidade que vivemos hoje e possam transformar a sociedade. Para os funcionários: eles são o alicerce da escola, estão escondidos, mas são os motores da escola, pois sem o suporte do trabalho deles a escola não funciona.

Ao final da entrevista, o professor Luiz Koritiake deixa para o acervo do Centro de Memória, uma cópia autografada da sua dissertação e um exemplar de seu livro: “Formação Profissional: Escola Técnica Estadual Fernando Prestes Ontem e Hoje”.

No dia 15 de setembro de 2018 o professor Luiz Antônio Koritiake descansou eternamente.

HISTÓRIA ORAL DO PROFESSOR BRUNO VERGÍLIO

O professor Bruno Vergílio (Figura 2) nos contou que é natural de Pilar do Sul e veio para Sorocaba no ano de 1965 com o propósito de continuar

seus estudos. Vergílio cursou Contabilidade na Organização Sorocabana de Ensino (OSE) e Administração na antiga FACAS, atual UNISO. Na sequência, fez pós-graduação em Análise de Sistemas pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e, ainda, mais duas especializações em Administração pela UNIPEG. Trabalhou por trinta anos na FAÇO – Fábrica de Aço Paulista e atual METSO.



Figura 2 – Entrevista com o Prof. Bruno Vergílio entre as Profas. Ivani Torres Bragheti e Daniele Torres Loureiro, no Centro de Memória da Etec Fernando Prestes.
Fotografia: Vanderlei Pereira, em 08/04/2018.

Na década de 1980 prestou concurso para ingressar como professor na Fatec de Sorocaba, entretanto, como ele mesmo comenta, a displicência não permitiu. Em 1988, trabalhando na FAÇO, recebe, por meio de ligação telefônica, um convite para ir até a escola técnica, pois estavam montando um curso Técnico de Processamento de Dados.

O encontro foi marcado e, numa noite reuniram-se o professor Francisco Grando, diretor da escola à época; o professor Bruno que era analista de sistemas na FAÇO, e outros profissionais da área, que atuavam na região. Eram eles: Cesar, analista de suporte da Cianê; Edelson Medeiros, analista de sistemas da FAÇO e Luís Antônio Bordieri, analista de sistemas da Vilares. Ele cita que o professor Grando olhou para eles e disse:

[...] é o seguinte: nós queremos implantar um curso de Processamento de Dados e não sabemos nem o que é isto, e então ele nos mostra uma grade com os nomes das disciplinas e falou que recebeu 20 computadores “COBRA 210”, disquete de 8 polegadas [...] também veio uma rede com um servidor chamado “COBRA 220”. O servidor e mais 10 computadores para montar a rede. (VERGÍLIO, 2018)

Naquela mesma noite, os profissionais ali reunidos, conversaram sobre a estrutura curricular do curso, suas afinidades com a matéria e formaram o corpo docente.

Nesse início de curso, o professor Bruno Vergílio expõe que tudo o que tinham era: “Fé, coragem e mais nada” e, complementa:

Bem e aí então as aulas começam... tantas dificuldades, tantos atropelos, Fé, coragem e mais nada. Falta de recursos principalmente, dinheiro, nada [...] a inexperiência dos próprios professores com os conteúdos das disciplinas, bem como a inexperiência como docente, como professor em sala de aula e os problemas com os poucos e antigos computadores, que nós nem imaginávamos como era, nem como funcionaria. (VERGÍLIO, 2018)

Ao ser questionado se naquela época o Centro Paula Souza oferecia capacitação aos professores como atualmente, ele responde que não, e complementa que a área de Processamento de Dados estava iniciando e a Etec Fernando Prestes foi uma das primeiras escolas a implantá-lo.

Naqueles tempos, a escola oferecia cursos integrados, entre Ensino Médio e Técnico, contudo o curso Técnico de Processamento de Dados, como era chamado, foi o primeiro a oferecer o PQ IV, curso de um ano e meio, nos moldes dos cursos técnicos modulares atuais.

Logo após o ingresso do professor Luís Agasi como diretor, ele pede ao professor Bruno Vergílio que o auxilie na coordenação das atividades do curso, e posteriormente, em 1989, o entrevistado é nomeado oficialmente coordenador.

O curso de Processamento de Dados era oferecido nos dois períodos, sendo o técnico integrado de manhã e à noite e o PQ IV, somente a noite.

O envolvimento com o curso era muito grande e o professor Bruno Vergílio lembra que num sábado foi a cidade, comprou plástico e fez capas para cobrir os computadores, que naquela época eram muito mais sensíveis ao pó.

Em sua fala ele também menciona e reverencia outros profissionais que contribuíram para o desenvolvimento do curso: “[...] além de nós, os professores, profissionais da área, também devemos referenciar e enaltecer o Jefferson da Fatec, que foi um rapaz que nos deu um apoio impressionante.” (VERGÍLIO, 2018)

Além do Jefferson, o entrevistado conta que:

[...] vieram dois estagiários da Fatec para montar o laboratório. Um é o Edelson que está aqui hoje e o Estevaux, eles vieram, resolveram como colocar os computadores, fizeram a salinha lá, fizeram uma portinha para ninguém entrar, enfim [...] liberdade total a eles, mérito, porque a parte de laboratório eles que organizaram. (VERGÍLIO, 2018)

O pai do professor Koritiake, Sr. Pedro, que era pedreiro, colaborou com a montagem da alvenaria dos laboratórios, chamados de 1 e 2 atualmente, os quais eram a única estrutura para o curso que a escola contava. Professor Bruno Vergílio ressalta que o Edelson e o Estevaux foram os primeiros a estruturar, administrar, controlar e expandir os laboratórios.

A generosidade do professor Bruno Vergílio é sempre demonstrada em sua fala, uma vez que, ao relatar a história do curso Técnico de Processamento de Dados ele salienta a relevância de todos que contribuíram com o curso.

[...] eu queria agradecer a um senhor chamado Guerreiro, ele era o técnico que consertava os computadores Cobra. De vez em sempre os computadores davam problema, aí o Jefferson nos indicou e a gente ligava para ele. Ele vinha aqui e eu dizia tá aqui, tá com problema, por favor, veja o que você pode fazer. Nós não temos dinheiro para pagá-lo. Com boa vontade ele vinha, apertava, o computador não está lendo o “disquete” ele ajustava...é impressionante como foi participativo. (VERGÍLIO, 2018)

O curso Técnico de Processamento de Dados da Etec Fernando Prestes iniciou suas atividades, em março de 1988, e na ocasião da entrevista com o professor Bruno Vergílio, estava completando 30 anos.

Outro fato importante reportado pelo entrevistado diz respeito ao concurso para ingresso dos primeiros professores, no qual foram contratados os senhores Anderson Roque do Amaral, coordenador do curso na ocasião da entrevista, e Paulo Sérgio Germano, que além de professor da área também foi coordenador, coordenador pedagógico da escola na gestão do professor Luiz Koritiake e diretor que o sucedeu, em 2008.

Nos tempos em que a escola contava com os computadores Cobra 210 e 220, já havia no mercado os computadores XT e AT 286, retratando a carência de recursos tecnológicos da unidade de ensino.

Os professores, Bruno Vergílio e Luís Agasi foram para São Paulo conversar sobre a situação com o professor Oduvaldo Vendrametto, que era o superintendente do Centro Paula Souza na época, e os atendeu muito bem, dado à representatividade do professor Luís Agasi, junto ao Centro Paula Souza.

O Luís Agasi tem um acesso muito fácil lá em São Paulo e fomos “chorar as pitangas” para que ele pudesse arrumar pelo menos, dois ou três XTs, que já era uma máquina mais atualizada, para os alunos conhecerem, ele olhou prá nós e falou, ” poxa vida”, olha a frase que ele falou: antes vocês vinham aqui pedir material de limpeza e cortador de grama, agora vocês estão pedindo computadores!?! Parabéns, hein! (VERGÍLIO, 2018)

Todavia, a visita não gerou o resultado esperado. Bruno Vergílio (2018) explica:

Nos encheu de orgulho, ficamos lisonjeados, felizes, porém voltamos de mãos vazias. O Centro Paula Souza não tinha dinheiro nenhum para investir. Aí então começam as coisas... Por coincidência eu estava em casa e assisti na televisão, mostrando lá nos Estados Unidos um cemitério de computadores, jogados, computadores ATs, 286, com monitores coloridos... Meu Deus do Céu, que vontade de alugar um avião para ir buscá-los, Utopia! Sonhei! (VERGÍLIO, 2018)

Em busca de alternativas para resolver a situação, começaram a fazer rifas e com o valor arrecadado, conseguiram comprar, inicialmente dois computadores XT, a um custo de setecentos dólares cada um, adquiridos na Informage, empresa que o professor Anderson Amaral, trabalhava na ocasião.

Professor Bruno Vergílio comenta que os alunos estavam desistindo do curso devido aos equipamentos que tinham disponível. Para reverter essa situação, fizeram outras rifas e contaram com os alunos, entre eles: Edelio Buganza, Paulo de Oliveira e alunos do curso Técnico de Secretariado que abraçaram a causa. Contudo, também cita que houve alunos e professores que não colaboraram.

Nesse íterim a professora Leila Rolim assume a direção da escola e, em 1993, o professor Bruno Vergílio torna-se presidente da Associação de Pais e Mestres (APM). Nesse período cerca de 90% dos alunos do curso Técnico de Informática (Processamento de Dados na época) colaboravam com a APM e dos outros cursos em torno de 50%.

Durante o período de matrículas nós conversávamos com os pais e tínhamos uma forte colaboração. “A APM tinha uma situação interessante!” expressou o entrevistado.

Os cursos de Desenho de Projetos de Mecânica e Desenho de Construção Civil foram se desenvolvendo também e precisavam de computadores, para usar Autocad, e dessa necessidade é criada a Sala de Tecnologia Multidisciplinar (STM) e equipada com computadores comprados pela APM. Ainda sobre este fato, Bruno Vergílio relata que:

Nós tínhamos dinheiro na APM. Eu presidente e a Leila diretora, fomos comprar lá no Carrefour... vimos lá bons preços de computadores e... nós tínhamos dinheiro para comprar, compramos 12 computadores no Carrefour, à vista e tínhamos mais dinheiro para comprar outros 12, só que eu como presidente, eu não deixava, ele parado, eu fazia uma aplicação financeira, então depois de uns 10 dias essa aplicação financeira foi resgatada. Nós voltamos

ao Carrefour e compramos mais 12 computadores. Isso foi até comentado na cidade, acharam que era alguma escola particular que estava comprando computadores. Acabou com o estoque de PCs... do Carrefour (Risos), né! (VERGÍLIO, 2018)

Na década de 1990, o número de candidatos por vaga, interessados em cursar Técnico de Processamento de Dados era considerado alto, cerca de 1200 inscritos para um único curso e em torno de 12 candidatos por vaga, comenta o entrevistado.

Em 1993, o professor Bruno Vergílio foi convidado para assumir um cargo como responsável pela área de Processamento de Dados no Centro Paula Souza, foi incentivado a ir pelo professor Luís Agasi, entretanto, devido as dificuldades e estrutura, optou por deixar o projeto. Pouco tempo depois o Centro Paula Souza se desenvolve e contrata, por concurso Auxiliares Docente, entre eles, o Sr. José Carlos, esposo da Diretora de Serviços, aposentada, Sra. Sônia Gonelli, além do Edelson e da Elizabete que era uma analista de sistemas da “Bitnele” em Votorantim.

Nesse período, também explica, ocorre um grande desenvolvimento e as salas de aulas são equipadas com televisões de 29 polegadas e computador para os professores. Ao ser questionado sobre se essa tecnologia influenciava no índice de evasão de alunos, o entrevistado comenta que como os cursos eram integrados ao Ensino Médio, a evasão era mínima e ainda contava-se com outros fatos que favoreciam como: o curso Técnico de Processamento de Dados estava emergindo e todos os jovens queriam cursá-lo; a estrutura tecnológica da escola era muito boa para a época e para uma escola pública, além disso, os profissionais que ministravam aulas eram pessoas que atuavam no mercado e traziam esses conhecimentos para a sala de aula.

Bruno Vergílio faz uma ressalva: “Ah! Nesse caso da TV 29” a TV foi um paliativo, mas o sonho era o Datashow, mas o Datashow na época custava, mais ou menos, quase três mil dólares. Comprar isso como? Não tinha! Então vai pela televisão mesmo.” (VERGÍLIO, 2018)

Um outro fato que o professor relembra durante a entrevista é:

[...] no último ano do curso integrado que aconteceu em 1996, os alunos, os formandos, do período da manhã, PD1 e PD2, eles fizeram rifa e compraram e doaram softwares oficiais para a Fernando Prestes. Inclusive foi feito até um banner alusivo a essa atitude dos alunos. (VERGÍLIO, 2018)

Em 1996, ele ressalta que a escola possuía 5 laboratórios, 100 computadores e um investimento em torno de R\$120.000,00. Desse acervo tecnológico, 85% foram adquiridos com recursos da APM e rifas da Amizade e apenas 15% doado pelo Centro Paula Souza.

Fato curioso sobre os laboratórios, sobre a estrutura da escola, diz respeito ao ambiente 3, que era um banheiro e tornou-se um laboratório, ação essa que demandou muita explicação, por parte dos professores Leila Rolim e Bruno Vergílio, para convencer a administração central, de que tinha sido uma atitude apropriada.

Queríamos mais para a área de informática, disse ele: “nós tínhamos um sonho de montar salas de aulas para a área de informática, mas salas específicas, contanto com a parte de computador, TV, lousa digital, coisas mesmo para aulas de informática, mas aí a coisa não foi possível.” (VERGÍLIO, 2018)

Muitas são as memórias do professor Bruno Vergílio sobre o curso, entre elas, citou diversos professores da área técnica: “Bruno, Cesar, Elielson, Bordieri, Anderson, Paulo Sérgio, Zé Roberto, Vitório, Castelan, “Dieb”, Vargas, Cida, Eduardo, Valdir e Odair Buganza. Relembrou que Anderson (hoje auxiliar docente), José e Bete revezavam os cuidados com os laboratórios e que João Gordo, funcionário da escola que faleceu, era responsável pela manutenção dos computadores.

Sobre os alunos destacou que, muitos deles, voltavam à escola para agradecer a formação que tiveram, pois estavam ocupando cargos de confiança nas empresas, conseguiam emprego rápido e se desenvolviam bem tecnicamente.

As entrevistas com os professores Luiz Koritiake e Bruno Vergílio foram realizadas em momentos bem diferentes, contudo as falas se convergem, como neste trecho:

Houve um momento em que a Fernando Prestes passou a ser referenciada como uma escola em que na área de informática, processamento de dados, ela cresceu muito, né! Ela era referenciada pelo superintendente do Centro Paula Souza como modelo de instituição que cresceu com as próprias pernas. Foi contemplada, nesse meio tempo, em 2001, na gestão de Koritiake, ela recebe do Centro Paula Souza, onde é o atual STM, veio um laboratório completo, doado pelo Centro Paula Souza, com mesas, computadores, lousa digital, aliás, veio a lousa digital, mas era para a gente comprar, nós não pudemos ficar com a lousa porque ela custava quinze mil reais, mas o Centro nos deu um laboratório completo, coisa que nunca tinha feito para ninguém. Acho que a partir dali começou a atrair recursos, mas fala-se em premiação a tudo que aconteceu, porém creio que eles fizeram isso e, acho que também pela capacidade do diretor Luiz Koritiake de ter ido a São Paulo e conseguir. (VERGÍLIO, 2018)

O entrevistado comenta com orgulho, a participação em uma reunião, com diretores e coordenadores de cursos da época, ocorrida na Etec Rubens de Farias e Souza e conduzida pela professora Laura Laganá, na qual ela elo-

giou a ação da escola e pediu para que o professor Bruno Vergílio comentasse com os participantes como haviam conseguido os laboratórios.

Ao perguntarmos sobre suas lembranças acerca da estrutura hierárquica da escola no período em que foi coordenador ele cita a Sra. Sônica Gonelli como diretora de serviços, e os coordenadores de cursos, sendo: Bruno de informática, Renato no curso de Construção Civil, Rosemari no Ensino Médio e Reche em Contabilidade e Secretariado. Também comenta que a professora Benedita Maria Faria (Bene) assumiu a coordenação do curso de Contabilidade.

Pouco antes de terminar a entrevista, ele fala que em 2002 foi convidado a deixar a coordenação do curso, pois sua formação não era na área de informática, apesar de ter especialização em Análise de Sistemas, assim passou a coordenar a área de gestão, compatível com sua graduação. Em 2006, ele se aposenta, mas retoma suas atividades na escola em 2009, ocasião em que monta o curso Técnico de Logística, o qual, já estava prestes a completar dez anos.

Ao final da entrevista o professor Bruno Vergílio, muito emocionado, deixa a seguinte mensagem:

O impossível aconteceu, tá [...] o sonho se realizou e eu tenho aqui como a minha segunda casa, trinta anos, também trabalhei trinta anos na multinacional, e agora completei trinta anos aqui, eu chego na Fernando, olho e penso, eu fui útil, eu fiz alguma coisa de bom. (VERGÍLIO, 2018)

E complementa: “[...] acreditem – tudo é possível, seja honesto, seja profissional, seja amigo, tenha vontade, mostre força e caráter que as pessoas te acompanharão e em grupo com certeza se faz muita coisa nessa vida.” (VERGÍLIO, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi apresentar as memórias dos professores Luiz Antônio Koritiak e Bruno Vergílio acerca de sua atuação na Etec Fernando Prestes. Assim como produzir conhecimento sobre um dado momento dessa quase centenária unidade escolar. Acredita-se ter cumprido o objetivo, inclusive, destacando-se na escrita desse trabalho episódios importantes da história pessoal e institucional.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. L. M. de; RIBEIRO, S. L. S. **História oral na educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Disponível em: Acesso em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CASTELO BRANCO, S. História Oral: Reflexões sobre Aplicações e Implicações. **Novos Rumos Sociológicos**, vol. 8, nº 13, p. 8 a 27, jan. - jul./2020.

KORITIAKE, Luiz Antônio. **Entrevista concedida aos professores Ivani Torres Bragheti e José Francisco Rocha, em 8 de outubro de 2017**, no Centro de Memória da Etec Fernando Prestes. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEmtd_DocRE_LAK2017.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

VERGÍLIO, Bruno. **Entrevista concedida as professoras Daniele Torres Loureiro e Ivani Torres Bragheti, em 8 de abril de 2018**, no Centro de Memória da Etec Fernando Prestes. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/percurso/HOEmtd_DocRE_BV2018.pdf. Acesso em: 28 mar. 2023.

De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004

Kelen Gracielle Magri Ferreira
Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

INTRODUÇÃO

Um ano após a comemoração dos 110 anos da Escola Técnica Estadual (Etec) Carlos de Campos, a primeira Escola Profissional Feminina de São Paulo, a busca por mais detalhes sobre as personagens que fizeram parte da história dessa instituição continua. Analisar o percurso de seus diretores e diretoras a partir da História Oral tem se mostrado uma fonte importante para o registro de eventos levando em conta a grande dificuldade apresentada quando se busca encontrar informações de alguns períodos de sua existência.

Em ocasião da comemoração dos 110 anos foi realizado um trabalho com o levantamento de uma lista que pesquisou a linha sucessória de diretores e desenvolveu um panorama geral de cada um deles, desde sua inauguração, no ano de 1911 até 2021, e no qual foram detalhados os trabalhos dos 3 diretores mais recentes. O trabalho partiu de uma lista prévia elaborada e cedida pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho, e buscou referências documentais que comprovassem as datas que delimitaram os períodos em que cada diretor esteve nessa função na Etec Carlos de Campos. Este artigo irá detalhar um período anterior aos três últimos diretores e será dedicado especialmente às mulheres, que atuaram como diretoras dessa escola, no período entre 1993 e 2004, mais 3 diretoras que antecederam o período detalhado no trabalho anterior. (FERREIRA, 2021)

Essas mulheres foram contactadas e gentilmente cederam entrevistas nas quais falaram sobre suas trajetórias, desafios e momentos marcantes no período de dedicação à função de diretoras. Trata-se de um recorte temporal de profundas transformações no ensino profissional, quando ocorreram diversas alterações na estrutura de cursos e da própria Escola Técnica que passou a fazer parte do Centro Paula Souza. Elas reportaram situações com alunos, professores, funcionários, instituição e como era o desafio de alinhar suas vidas pessoais ao cuidado com uma escola com grandes proporções. Será possível observar ocasiões em que a atuaram com profissionalismo aliado a um olhar semelhante ao maternal sobre alunos em suas gestões.

Conforme levantado em lista sucessória e confirmado com essas professoras, foram entrevistadas Eliane Aparecida Andreoli, cuja atuação se deu entre 1993 e 1995; Maria Margareth Campos Nogueira, diretora entre 1996 e 1998, e Maria Lúcia de Carvalho Pereira, entre 1998 e 2004.

É importante indicar que segundo o atual Regimento do Centro Paula Souza, artigo 18, parágrafo 1º “O emprego público em confiança de Diretor de Escola Técnica é privativo dos integrantes das carreiras docentes do CEE-TEPS”³⁵. Sendo assim, apenas professores podem se candidatar à função de Diretor das escolas e esses precisam estar habilitados e qualificados para que possam ser avaliados por uma Comissão que é designada pelo Diretor Superintendente. A gestão de um diretor dura quatro anos e pode ser estendida através do processo de reeleição.

O período desse trabalho se estendeu a um momento de transição em que as escolas técnicas passaram da administração da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e para o Centro Paula Souza, que hoje é vinculado à chamada Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação³⁶. As professoras que foram entrevistadas trouxeram olhares sobre como aconteceu essa transição e sobre como foram suas trajetórias até chegarem à direção da Etec Carlos de Campos, seus desafios na administração de mudanças e como conduziram frente às expectativas de alunos, professores e funcionários.

Em um primeiro momento será exposto um resumo da trajetória dos diretores da Etec Carlos de Campos, desde Miguel Carneiro Júnior, que participou da inauguração da Escola Profissional Feminina até o atual diretor Silas Junio Azor Puerta. No segundo momento, serão trazidas as informações expostas através de entrevistas em que terão um espaço maior nesse trabalho as três mulheres que passaram pela direção dessa escola. O objetivo é o de que pelo olhar de ex-diretores seja possível aumentar as informações a respeito da história dessa instituição que ainda apresenta uma trajetória com lacunas no que diz respeito a alguns períodos em que pouco material está disponível.

METODOLOGIA

A organização do material se deu a partir de dados uma linha sucessória de diretores existente e que foi refinada na ocasião dos 110 anos da escola. A entrevista com os três últimos diretores foi realizada, compilada e disponibilizada para essa comemoração e verificou-se a possibilidade de aprofundar os registros e dados da linha sucessória a partir do contato realizado com as

35 Deliberação CEETEPS 03, de 18/07/2013 – Aprova o Regimento Comum das Escolas Técnicas Estaduais do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, publicado no DOE em 28/08/2013 – Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/regimento-comum-etec/> Acesso em: 29 ago. 2021

36 Consultar: <https://www.cps.sp.gov.br/centro-paula-souza/>

três diretoras anteriores, que atuaram entre 1993 e 2004. Dessa forma a contribuição se estenderia a mais 11 anos de história levantada a partir da história oral, pela visão das diretoras que atuaram nesse período.

O primeiro contato com as três ex-diretoras já havia acontecido no ano anterior a esse trabalho, quando se buscou confirmação para o material do site de diretores. Uma delas, a professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira, questionou se também seria entrevistada ao verificar o material detalhado e gerado a partir da história oral dos últimos diretores. Dessa forma elas foram contactadas. Todas elas encontradas a partir da rede social Facebook, onde havia sido estabelecido o primeiro contato e posteriormente as interações prosseguiram através do aplicativo de mensagens Whatsapp.

Foi enviado um e-mail formalizando a solicitação para a entrevista já com data pré acordada por conversas no aplicativo e, juntamente com os documentos a serem assinados – Termo de Cessão dos Direitos Autorais e o Termo de Autorização de Imagens – e direcionados para o Centro Paula Souza.

Diferentemente das entrevistas com os três últimos diretores, todos atuantes como professores no Centro Paula Souza e na Etec Carlos de Campos. Duas dessas ex-diretoras não trabalhavam mais no Centro, impossibilitando o uso do software utilizado durante a pandemia, o Microsoft Teams. Houve dificuldade no sentido de uso da tecnologia mesmo com a professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira, professora que possuía acesso ao software, mas verificamos indisponibilidade de gravação da entrevista no momento da interação. Dessa forma foi utilizado um programa gratuito de gravação de tela.

Com as professoras Eliane Aparecida Andreoli e Maria Margareth Campos Nogueira a dificuldade de gravação e uso da tecnologia também ocorreu. Com a professora Eliane Aparecida Andreoli foi utilizado o site Zoom para reuniões, que permite a gravação, porém pelo modo gratuito o acesso finaliza 1h após o início da reunião. Foi necessário portanto uma pequena edição para unificar as duas partes da entrevista. A entrevista com a professora Maria Margareth Campos Nogueira precisou ser regravada duas vezes por problemas com áudio não gravado ou dificuldade em conectá-lo. A professora foi muito paciente e gentilmente cedeu a terceira entrevista, essa sim com sucesso no áudio e na gravação, no entanto perdemos um pouco de qualidade tanto na conexão da internet e porque já não se lembrava ao certo o que havia sido falado nas gravações anteriores.

As questões foram formuladas previamente com base no que se sabia de cada diretora, mas dessa vez ocorreu apenas um direcionamento da entrevista, permitindo que as entrevistadas tivessem a maior parte do espaço. Aconteceu que as professoras falaram sobre a vida pessoal e no discurso discorriam sobre a vida profissional e como ingressaram na Etec Carlos de Campos. Poucas intervenções foram feitas porque além dos desafios, dificuldades, marcas que enxergaram deixar na escola, elas ainda contaram emocionantes histórias e citaram outros personagens, como o Sr. José, que foi

zelador da escola e Geane Pereira da Silva, diretora de serviços. Eram nomes que se repetiam nos discursos, demonstrando terem desses profissionais que de fato prestaram grande auxílio à gestão durante esse período. Se faz necessário ressaltar que todo o material foi desenvolvido pelo conceito da História Oral de que os acontecimentos foram transcritos, compilados a partir da visão de cada uma das entrevistadas.

Na etapa atual desse trabalho as três entrevistas foram resumidas para este artigo a ser apresentado no Encontro de História Oral na Educação Profissional e Tecnológica. As entrevistas transcritas e os vídeos editados estão difundidos no link percurso histórico do site de memórias, no programa “História Oral na Educação” – projeto “Memórias do Trabalho Docente”, volume do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em São Paulo (CENTRO PAULA SOUZA, 2022), bem como no site: <https://kelenmagri.wixsite.com/diretorescaca>

DIRETORES EM SEUS TEMPOS

O primeiro nome da Etec Carlos de Campos foi Escola Profissional Feminina e seu primeiro diretor foi o professor Miguel Carneiro Júnior, um normalista que atuou na Inspeção Geral do Ensino e foi convidado a realizar uma viagem à Argentina, que já dispunha desse modelo de escola para juntamente com Aprígio Gonzaga realizar a implantação das Escolas Profissionais Feminina e Masculina. (OLIVEIRA, 1992, p. 27)

Seu sucessor foi José Carneiro da Silva, cuja administração se deu entre 1915 e 1920 com uma interrupção assumida por Alfredo Bresser da Silva. Entre os anos de 1920 e 1923, atuou um diretor que teria sido muito carismático entre toda a comunidade escolar, foi o professor João Lourenço Filho, que segundo relatos teria muita nobreza e caráter. (FERREIRA, 2021)

Na sequência a direção foi assumida por Horácio Augusto da Silveira, um diretor que empreendeu diversas mudanças, tanto na estrutura física da escola, já que essa era alocada em uma edificação simples, que não comportava a quantidade de meninas que procuravam por vagas, quanto na abertura de novos cursos. Ele atuou na função entre 1923 e 1938, um longo período que levou a escola a oferecer um novo prédio (1930) e o primeiro Dispensário de Puericultura criado no interior de uma escola para prestar serviço médico, oferecer o leite e orientação às mães da comunidade. (CARVALHO, 2013, p. 86) Ofereceu a cozinha da escola para atender demandas para refeições de soldados da Revolução de 1932 e buscou levar aos cursos conceitos de alimentação racional e eficiente incentivada pelo governo Vargas. Além disso, foi responsável por reestruturar o ensino profissional que era direcionado às mulheres, separando o curso em vocacional, educação profissional e doméstica além de cursos de aperfeiçoamento oferecido para a formação de mes-
tras. (SILVEIRA, 1935, p. 17 e 37).

A seguinte direção foi da primeira mulher a ocupar a função nessa escola, a professora Laia Pereira Bueno. Era vice-diretora de Horácio Augusto da Silveira e deu andamento a uma série de mudanças nos cursos mostrando a possibilidade de uma atuação feminina nessa função. Segundo registros de Laia Pereira Bueno de forma inovadora, abriu as portas brilhantemente a outras mulheres que a sucederam na direção da Etec Carlos de Campos com sua elegância e autoridade. Sob sua gestão foi criado o primeiro curso de Auxiliares de Alimentação, também abria as portas da escola para exposições dos trabalhos de alunas e tardes de chá e até um “Museu de Artes e Ofícios Femininos” como noticiado pelo Jornal. (BUENO, 1951, p.76) Ao final de sua gestão entregou à escola um livro de recortes que possibilitou a investigação de muitos fatos que ocorreram no período. Foi diretora entre os anos de 1938 e 1952 e partir desse momento, inicia-se um período de poucos dados sobre a escola e atuação de diretores, o que traz relevância a estudos de História Oral o presente desenvolvido com os ex-diretores vivos.

A sucessora de Laia Pereira Bueno foi Anísia de Almeida Levy, que atuou por 10 anos como diretora da escola, até o ano de 1962, quando um registro no Diário Oficial trouxe a nomeação de Maria José Barbosa de Carvalho, até o momento sem registros de data de sua saída. Na sequência foram encontrados alguns nomes e pouco histórico sobre a atuação como o de Wilson Moreira da Silva (1970-?), seguido de João Baptista Baba, que assumiu em 1977 e permaneceu até 1988. Até o momento dessa pesquisa não foi possível descobrir se ocorreu algum intervalo de sua substituição na direção. Eram anos de ditadura e pós ditadura e foi o período em que a escola também deixou de ser somente feminina para tornar-se mista. Ao prédio da escola finalizado em 1930 foi anexada uma edificação nova com características dos grupos escolares construídos no período, sem ornamentos e o antigo casarão ao centro do lote foi demolido. Novos cursos foram criados e pouco material que relate as mudanças desse período foi encontrado.

Entre 1988 e 1993 a Escola passou por um momento difícil e de curta permanência de diretores. Haydee Hernandez atuou na direção entre 1988 e 1990, seguida de Luiz Hipólito Fernandes (1990-1991), Maria Estela Gianasi de Mello (1991-?), Thelma Passareli (1993), Roger Beurklian Barifaldi (1993). O episódio de uma grande fogueira que queimou diversos artefatos e documentos históricos preservados que ocorre nesse período é o retrato de uma crise administrativa pela qual a escola passava. (OLIVEIRA, 1992, p.4)

As três diretoras que sucederam essa lista foram entrevistadas e suas atuações são detalhadas neste artigo. Foram Eliane Aparecida Andreoli, diretora entre 1993 e 1995, momento da transição da gestão da escola para o Centro Paula Souza, Maria Margareth Campos Nogueira, entre 1996 e 1998 e Maria Lúcia de Carvalho Pereira, de 1998 a 2004.

O professor Nilton Cesar Alves assumiu a direção da escola a partir de 2004, foi reeleito e permaneceu até 2011, ano em que a escola completou 100

anos. Ex-aluno do curso de Técnico em Desenho de Comunicação, ele promoveu mudanças físicas no espaço da escola como a reforma para adequação à acessibilidade e a interligação através de escada entre o último pavimento do prédio mais antigo (inaugurado em 1930) e o prédio mais novo (de 1976) em uma atuação próxima à UIE – Unidade de Infraestrutura. Com a saída da zeladoria, em 2007, ele deslocou o Centro de Memória para o local onde existiu o Dispensário de Puericultura, desativado em 1976. Também implantou cursos como o Técnico em Órteses e Próteses e o Técnico de Modelagem e Vestuário. (ALVES, 2021) O professor Nilton é conhecido na escola por seu grande conhecimento acerca de sua história, tem uma relação forte com a Etec Carlos de Campos e trabalha até os dias de hoje na instituição.

Denise Carrega assumiu o cargo na direção pro tempore após a saída de Nilton Cesar Alves e até a eleição de Lucimeire Gonzaga de Oliveira.

Lucimeire Gonzaga de Oliveira também foi ex-aluna do curso de Técnico em Decoração, coordenadora na mesma área e coordenadora pedagógica na escola em questão. (OLIVEIRA, 2021) Como diretora ela atuou entre 2012 e 2020, sendo que passou por uma reeleição e sua gestão foi marcada pela organização de departamentos conforme declarou em entrevista. A professora Lucimeire Gonzaga ainda precisou administrar o início da pandemia da Covid 19 com o desafio de manter professores e alunos ativos com a necessidade de distanciamento. Atualmente ela retornou para a sala de aula como professora no curso Técnico de Design de Interiores.

A atual função de diretor da Etec Carlos de Campos está sendo exercida pelo professor Silas Junio Azor Puerta. Ele teve formação na área de Ciências Contábeis e passou por algumas empresas do setor privado onde pode se aperfeiçoar na área de gestão de negócios. Trabalhou como Ata na gestão da falecida professora Marília Olhero Sclavo, que era professora da Etec Carlos de Campos no curso Técnico de Design de Interiores e foi diretora da Etec Itaquera. Trata-se de um jovem diretor cuja trajetória se configurou do mercado de trabalho em direção à educação e que assumiu a função em 2021 em meio à pandemia de Covid 19 demonstrando muito conhecimento e interesse pelo cenário da escola. Atualmente com pouco mais de um ano e meio como diretor ele precisou administrar o retorno ao modelo presencial, lidar com dificuldades de evasão de alunos, buscar segurança e higiene para evitar que doença não estivesse presente na escola, dentre outros tantos desafios que a escola apresenta. Tem conseguido, juntamente com sua equipe, melhorias para a escola na área de infraestrutura, regularizações frente ao Corpo de Bombeiros e equipamentos para os laboratórios.

Após um breve cenário sobre os perfis de diretores que passaram pela Etec Carlos de Campos, desde sua inauguração, a seguir será detalhada a trajetória das três ex-diretoras que foram entrevistadas a partir do programa de História Oral na Educação do Centro Paula Souza. A partir dessas entrevistas é possível conhecer um pouco melhor os desafios, histórias e as marcas que

esses diretores deixaram na Escola e compreender também eventos externos, políticos, econômicos que influenciam diretamente a condução de suas atividades enquanto administradores de uma grande e centenária escola.

A HISTÓRIA CONTADA A PARTIR DAS DIRETORAS ENTRE 1993 E 2004

A partir de três entrevistas realizadas de maneira *online* para o Programa “História Oral na Educação” e para o Centro de Memória da Etec Carlos de Campos em São Paulo, as ex-diretoras Eliane Aparecida Andreoli, Maria Margareth Campos Nogueira e Maria Lúcia de Carvalho Pereira foi possível um melhor entendimento sobre suas gestões, que ocorreram nos anos 1990 e início dos anos 2000. Essas três mulheres ainda estão atuando como professoras e falaram sobre suas vidas pessoais, profissionais, lugares onde trabalharam como professoras ou em cargos relacionados ou não à educação. Além dos desafios e dificuldades apresentadas também comentaram sobre suas contribuições e marcas, momentos de transição institucional e situações impressionantes que deixaram marcas em suas vidas.

A seguir será apresentado em ordem cronológica de atuação na direção da Etec um resumo do que foi reportado pelas três professoras nas entrevistas que ocorreram entre junho e julho de 2022.

ELIANE APARECIDA ANDREOLI

A professora Eliane Aparecida Andreoli (Figura 1) é nascida em São Paulo, descendente de italianos. Trata-se de uma família de cinco irmãos professores em que os três últimos de fato exerceram a profissão – além da professora Eliane também Carlos e Eduardo, que também lecionara na Etec Carlos de Campos. No início de carreira ela havia pensado em educação física e psicologia, mas ingressou na Faculdade de Belas Artes, licenciatura em Artes Visuais e nunca se arrependeu da escolha. Eliane Andreoli fala de dois momentos marco em sua vida: a faculdade e o filho, duas experiências muito significativas. Em estágios ela já verificou sua disposição para lecionar, desde 1982 sua primeira turma até o momento passando por redes pública e privada.



*Figura 3- Eliane Aparecida Andreoli.
Fonte: ANDREOLI, 2022.*

Iniciou na Etec Carlos de Campos, em 1989, na disciplina de História da Arte dos cursos Técnicos de Desenho de Comunicação e de Decoração. Em 1992, o ensino profissional passava por algumas modificações e Eliane Andreoli prestou serviços auxiliando a diretora Telma Passareli e o professor Roger Barifaldi. Ao findarem as aulas, ela foi viajar e no retorno recebeu a notícia de que era a nova diretora da Escola. Na entrevista ela informou que pode se dedicar totalmente graças a um momento propício de vida: chegava a abrir e fechar a escola porque naquele momento não tinham zelador. Ainda não havia sido contratado o Sr. José – zelador de tantos anos da Etec Carlos de Campos.

O período que esteve como diretora envolveu a transição de gestão das escolas técnicas entre as Secretarias do Estado da Educação e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico para o Centro Paula Souza. Ela informou ter sido uma grande transição com enfoque em questões administrativas. Por exemplo, os professores passaram a ter carteira profissional assinada, antes as atribuições eram feitas na escola e direcionadas à Delegacia de Ensino e depois encaminhada para a Secretaria da Educação. Havia um receio sobre mudanças de metodologia, mas ela informa não ter ocorrido e encara essa transição de forma positiva. Outro exemplo, que ela cita é que a secretaria cuidava tanto de processos de alunos como de professores, mas que foi aberto um departamento apartado apenas para os professores, a Diretoria de Serviços. Nesse momento Eliane Leite e Geane Pereira da Silva assumem posições nesse departamento e algumas alterações no espaço físico da secretaria foram feitas ano de 1994. Ocorriam reuniões com diretores de outras escolas técnicas e que interagiam em grupo nas trocas de informações, necessidades das demandas entre as escolas (ANDREOLI, 2022).

Assim que a professora Eliane Andreoli assumiu a direção, ela implantou reuniões periódicas com os coordenadores de curso, com os professores e com os representantes de cada sala, uma gestão democrática. Ela acredita que o que facilitou nesse processo teria sido o fato de ela ter vindo da sala dos pro-

fessores e eles que a escolheram. A professora também buscou na Semana da Etec Carlos de Campos parcerias para arrecadação para a comunidade, o curso Técnico em Nutrição e Dietética fabricava farinhas de beterraba e cenoura em sua lembrança. A semana era uma vitrine para os cursos, segundo ela.

Em um momento de transformações o Centro Paula Souza não alterou a questão pedagógica dos cursos e ainda parece ter previsto um pouco mais de recursos. Os Conselhos de Escola e APMs funcionavam em alguma parceria com a Secretaria da Educação, que ela recorda da participação de um supervisor dessa secretaria em uma situação delicada. O Sr. José quando assumiu como zelador também gerou uma série de melhorias, no jardim, manutenção, materiais como carteira danificadas pelo uso, segundo ela.

Eliane Andreoli informa que foi habilitada pela instituição Carlos Pascoal através de um curso de complementação pedagógica para possibilitar o desenvolvimento de gestores. O fato em si, de assumir como diretora, foi o maior desafio apontado pela professora. De estatura baixa, ela coloca situações de reuniões nas quais precisou falar firme e que ao ser eleita pelos professores poderia ter passado uma imagem de fragilidade, mas quando assumiu ela passou de fato a atuar como uma diretora. Lidar com vontades de alguns cursos e saber ouvir cada um faz parte dos desafios da direção, lidar com disciplina de alunos e ela contava com a ajuda do Sr. José para alguns pontos.

[...] A Carlos de Campos naquela ocasião as coisas eram muito viscerais ainda, as pessoas estavam muito comprometidas. Tinha esse senso de pertencimento que hoje parece que não tem mais, não sei [...]. Naquela época tinha uma cumplicidade entre todos professores e alunos. Então podia divergir na opinião, mas estava lá para o bem da Escola. [...]. (ANDREOLI, 2022)

A professora Eliane Andreoli, portanto, entrou na Escola em 1989, assumiu a direção entre 1993 e 1995, quando seu filho nasceu. Ela também lecionava na Belas Artes, então priorizou cuidar de seu filho, e pediu demissão da escola. Segundo as palavras de Eliane, a Carlos de Campos a testou como pessoa e como mulher, porque via a desconfiança de homens, que se viam ameaçados pela autoridade de uma mulher em que enxergavam com a imagem de fragilidade. Ela foi firme em seu compromisso, não se deixando intimidar por algumas situações e como pessoa e mulher esse teria sido um desafio e uma aprendizagem, que leva até os dias atuais. Algumas situações que permitiam à professora certa fragilidade, na atuação enquanto diretora não seria possível e ela lidou com diversas situações difíceis, como até o furto de itens simples da escola, que foi necessário denunciar e lidar de maneira firme.

Outro ponto abordado pela professora é a respeito da motivação de alunos: enquanto professora de Artes ela fala da diferença de alunos entre as instituições e que na Carlos de Campos a força de vontade era diferencial. Era outro

momento com relação aos recursos didáticos e tecnológicos e Eliane Andreoli reportou que carregava os livros do metrô até a escola para que fosse possível trabalhar as imagens com os alunos, que eram muito interessados. Passou a gestação na escola e teve apoio de colegas dos cursos Técnicos em Nutrição e Dietética e de Enfermagem, com apoio de todos. Informa que tinha muito carinho pela cozinha do curso de Nutrição onde muitas coisas foram desenvolvidas.

Ao ser questionada sobre o que existia anteriormente na área do Sr. José, antigo Dispensário de Puericultura, Eliane informa com um pouco de dúvida, que teria sido uma área de Arquivo, que era cuidado por um senhor. A vaga de zelador veio pelo Centro Paula Souza, com entrevista e contratação. Esse arquivo foi organizado e remanejado e o Sr. José ocupou a área com a família – Fernanda e Patrícia, suas filhas, Helena. A Patrícia chegou a secretariar Eliane na direção.

[...] Eu estive professora, eu estive diretora, mas eu sou educadora. Eu gosto muito da Educação, acredito na Educação, lastimo o momento que a Educação está e na medida das minhas possibilidades eu oriento, procuro palpitar e mostrar que há outros caminhos que não é esse que está em vigor. [...] A educação é fundamental para um país ser desenvolvido. [...] Inclusive quando o povo é educado, é possível de diminuir preconceitos, é possível administrar o preconceito, as divergências. E como hoje a gente percebe que o maior problema do relacionamento está vinculado juntamente à falta de educação no sentido de conhecimento. [...] Quando se é educado e se possui um senso crítico mais desenvolvido, você consegue administrar melhor todas as problemáticas de saúde pública, de economia. [...] Curiosamente nesses países mais desenvolvidos economicamente, com melhores resultados no seu PIB, você vai ver que a educação é a mesma do pobre e do rico. [...]. (ANDREOLI, 2022)

Eliane Andreoli finaliza sua entrevista falando sobre a importância da Educação e da responsabilidade de todos sobre ela. Sobre a necessidade de uma união para que as escolas voltem a ter o respeito e compromisso que tiveram décadas atrás. Toda a comunidade deve estar comprometida com a questão da educação porque todas das profissões se desenvolvem a partir dela. Deixa uma mensagem para a comunidade escolar da Etec Carlos de Campos para que se sintam agraciados ao fazerem parte de uma escola com tanta história e possibilidades de aprendizado.

MARIA MARGARETH CAMPOS NOGUEIRA

A professora Maria Margareth Campos Nogueira (Figura 2) é de origem humilde, pai e mãe operários, ele do Nordeste e sua mãe de Minas Gerais, fi-

lha de europeus. Sua mãe trabalhou na lavoura e depois na Fábrica Matarazzo e seu pai, vindo de trem e demorou sete dias para chegar a São Paulo. Ela é nascida no Hospital do Brás e morava no Jardim Brasil, que ela informou ter poucas casas na época e uma vacaria.



Figura 4 – Foto Maria Margareth Campos Nogueira.
Fonte: NOGUEIRA, 2022.

Apesar de não terem a oportunidade de prosseguirem na escola, seus pais a incentivaram nos estudos. Sua mãe estudou até o terceiro ano, mas foi ela quem a alfabetizou. Seu pai era alfabetizado e fez alguns cursos, trabalhou na Filizola, iniciando como Ajudante Geral e saiu dessa empresa como Encarregado da Cromeação. A professora Maria Margareth Nogueira informa que sua mãe, enquanto costureira, fazia seus cadernos com sobras de papel fornecidas por um vizinho, folhas pautadas e as desenhadas costuradas em máquina.

Para que ela pudesse continuar a partir do 5º ano, era necessária uma admissão, na qual quem não passasse não poderia permanecer na escola pública. Ao terminar o 8º ano, sua mãe gostaria que ela fizesse o magistério, porque pensava que ela deveria ser professora. Ela por sua vez não gostava dessa ideia por achar que não ter paciência com alunos. Decide prestar vestibulinho para o curso Técnico de Decoração da Escola Horácio Augusto da Silveira, visando trabalhar em uma área que pudesse lhe dar retorno financeiro para comprar livros e fazer medicina. Ela relata que era uma escola em que havia discriminação social tanto por parte de professores, quanto de alunos, e depois de muito estudar ela e uma colega pediram transferência para a Etec Carlos de Campos, onde começa a estudar pela noite e trabalhar durante o dia.

[...] Quando eu cheguei no Carlos de Campos eu me senti com a alma renovada porque o tratamento era diferente com os alunos, existia um acolhimento, incentivo por parte dos professores. Existiam muitos cursos, então era uma diversidade de pessoas, de personalidades, você via a sociedade ali. Eu acho que a Carlos de Campos,

eu acho não, tenho certeza, ele abriu as portas do mundo para uma menina de periferia, que não tinha acesso a nada e ali eu tive acesso a um mundo diferente, a oportunidades, a poder me abrir. Eu era muito tímida e ali eu consegui me abrir para a vida. (NOGUEIRA, 2022)

A professora Maria Margareth Nogueira comenta sobre a diferença no acolhimento que sentiu entre a Etec Carlos de Campos e a Horário Augusto da Silveira. Fala da oportunidade de vivenciar esse espaço físico, que possui história por todos os lugares, o histórico da mulher que começou a estudar pelo interesse do capitalismo, mas de tanta relevância (NOGUEIRA, 2022).

Quando estudava já no terceiro ano, sua coordenadora Ana Gleci lhe solicitou que desse aulas e Margareth Nogueira informou que não gostaria de seguir como professora, e ainda mantinha o sonho de estudar para tornar-se médica. Em estágios encaminhados também por essa coordenadora, trabalhou nas lojas de decoração Oca e Objeto onde teve um entendimento de que aquela era uma profissão para poucas pessoas. Ela informa que Ana Gleci insistiu e ainda a incentivou a permanecer na área e seguir com o nível superior. Dessa forma, a professora Maria Margareth continuou seus estudos na Belas Artes. Por ser menor de idade e sem ensino superior, essa coordenadora juntamente com o então diretor, o professor Baba, precisaram solicitar autorização à Delegacia de Ensino para que ela pudesse lecionar. Em uma comparação com o momento atual, a professora comenta que com a falta de professores, alunos que saem do Ensino Técnico estão sendo levados a dar aula em um Novo Ensino Médio.

A professora Maria Margareth Nogueira é professora da Rede Municipal de Ensino, do 1º ao 9º ano na área de Artes. Na Etec Carlos de Campos ela trabalhou por um tempo e depois em escolas da Prefeitura e particulares. Pres- tou concurso no Estado, mas após uma greve de três meses não remunerada na gestão Mário Covas, ela cumpriu as reposições e solicitou exoneração. Ela permaneceu então na prefeitura como comissionada (alguém que não possui concurso – não existia para Artes) e trabalhou em particulares como o Sion e chegou a trabalhar no Banco Mercantil de São Paulo. Na gestão Erundina ela informa ter sido a primeira vez que ocorreu um concurso na área de Artes.

Após um concurso ela assume dois cargos em uma mesma escola, a EMEF Comandante Gastão Moutinho, no Conjunto dos Bancários. Nessa instituição ela participou da criação de projetos interdisciplinares com outros professores, um trabalho interativo e de contato com a comunidade e cultura. Era um ambiente que ela nomeia como a “escola livre e feliz” citada por Paulo Freire, na direção de Sonia Conte Lopes, esposa de Conte Lopes, político. Margareth Nogueira comenta que essa diretora é a pessoa mais democrática que já conheceu. A diretora fornecia espaço e materiais como cavaletes para os alunos na aula de artes e administrava a contribuição de 1 real dada pelos alunos. O espaço dessa aula era fluido e livre tendo até mesmo a rua como

extensão. Também realizava viagens de acampamento com alunos do último ano e realizavam arrecadação para a formatura.

Trabalhou na Diretoria de Ensino Jaçanã / Tremembé, na gestão Erundina. Onde realizou um trabalho de gestão democrática em que teve um processo de doutorado nesse momento pela experiência adquirida e pelo sofrimento. Teve de trabalhar com alguns diretores autoritários e inseri-los em um processo de tentativa de democracia dentro da escola onde todos teria o direito de se expressar. O objetivo, segundo ela, era o de efetivar um Conselho de Escola forte com grupos de formação de pais, em que eram explicados tópicos como orçamento, como priorizar o orçamento ou a verba distribuída de acordo com as necessidades de cada escola. Foi um momento de transição nessa gestão Erundina, a professora Margareth Nogueira informou que teria sido a primeira vez que se conseguir incluir uma carreira dentro do magistério em que uma parte da carga horária do professor tinha a destinação para o estudo.

Ela já estava consciente de que estava trabalhando no poder público, fazia sua parte e ficou feliz com sua contribuição mesmo não sendo na área da medicina. É realizada com seu percurso dentro da educação.

Um dia na sala dos professores Maria Margareth Campos Nogueira verificou que havia um concurso para direções no Centro Paula Souza e que a Etec Carlos de Campos constava na lista. Dez anos após ter saído, ela retornava àquela escola na qual tinha sido aluna e professora. No concurso fez a prova objetiva e escrita, e escolheu apenas essa Etec. Ela informou que eram 23 concorrentes e que ao chegar na escola reencontrou o professor Jaime, professor de Física e responsável pelo processo seletivo. De maneira muito séria ele não conversou muito com Maria Margareth Campos Nogueira para evitar qualquer problema. Houve um debate entre os concorrentes com o auditório lotado e representantes de todos os cursos, professores e pais. Sua campanha tinha como título “Gestão Democrática, ex-aluna do KK”, formatou uma propaganda em folha de sulfite, tirou cópias e distribuiu na escola.

Maria Margareth ingressa então como Diretora da Etec Carlos de Campos após a gestão de Eliane Aparecida Andreoli. Assumiu a partir de janeiro e enviou um comunicado aos envolvidos e contou com o auxílio de Eliane Leite e da Diretora de Serviços Geane Pereira, em quem ela confiava muito. Manteve todos os coordenadores existentes e que haviam sido eleitos dentro de gestão democrática.

Ela trouxe a visão de ex-aluna como escola aberta e de bom relacionamento entre todos e quando professora ela percebeu que cada um ficava na salinha de seu curso, separada e sem muita interação. Nesse momento havia uma experiência de escola pública em que todos ficavam juntos na sala dos professores e ela decide romper algumas paredes para unificar o espaço dos professores. A ideia era unificar os cursos e retirá-los de uma espécie de segregação que ocorria nas oficinas. Conforme relato, a sala ficou lotada e teve a impressão de que alguns professores até se conheceram naquele momento. Teve também discussões e brigas porque além de professores cada um ali tinha outra formação.

Houve momentos que necessitavam de tomada de decisão urgente, em que Maria Margareth subiu na mesa para despertar a atenção em meio ao fatorialório que se estabelecia no ambiente. Mesmo com as divergências, ela foi direcionando a escola de maneira democrática. “Ninguém consegue administrar uma escola sozinho, tem que ser junto, tem que ser uma construção coletiva.” (NOGUEIRA, 2022) Colocou em entrevista que sua atuação na escola foi sempre visando a participação de todos, pais, professores e alunos e mesmo ela, enquanto diretora, aceitava as decisões tomadas pela maioria, mesmo quando era voto vencido. Contou de momentos em que saíam da escola e se dirigiam a uma esfiaria na região do largo do Pari.

Quando questionada sobre seu maior desafio, Maria Margareth disse que pedia por sabedoria diariamente para tomar qualquer atitude. Falou que os alunos a colocaram em xeque algumas vezes, orientados pelo desejo de professores. Se ela não desse atenção, eles organizavam passeatas pela escola, colocavam nariz de palhaço com plaquinhas de dizeres “gestão participativa”. Eram reuniões semanais nas quais os coordenadores defendiam muito os cursos e buscava-se um consenso sobre as prioridades. As discussões iam desde verba até estágio. Citou como exemplo a professora Tuca do curso Técnico em Nutrição e Dietética, que lutava para que o refeitório desse algum retorno financeiro ao mesmo tempo que oferecesse um almoço digno aos alunos.

Trouxe na entrevista a importância da frequência das reuniões e que aprendeu no Núcleo de Ação Educativa em que participou na gestão Erundina, que aquelas reuniões semanais que duravam o dia inteiro, era onde os setores traziam os problemas e onde era possível se discutir o que fazer. Era segundo ela, uma tentativa de gestão participativa que nunca ocorreu.

Como marca de sua gestão ela indica que conseguiu transformar os vários grupos em um grupo forte. Pessoas da coordenação se preocuparam em cursar Pedagogia para que quando ela saísse pudessem prestar o concurso e dar continuidade ao processo de gestão democrática. O professor Nilton César Alves, um dos ex-diretores, seria um desses professores que preocupado em manter esse alinhamento foi fazer o curso e tinha como interesse manter professores que pensavam a administração da escola dessa forma.

Relatou sobre algumas festas aos sábados em que alguns alunos já chegavam alcoolizados e que ela teve que levar ao hospital e chamava os pais para conversar na segunda-feira. Enfrentou situações de alunos envolvidos com drogas, dentre tantas situações de dificuldades. A professora Maria Margareth prestou homenagem ao Sr. José, D. Helena, Patrícia, uma família que também muito contribuiu em sua gestão e para a escola. Considerava ele seu assistente de direção, porque ele sabia tudo o que ocorria na escola e ainda ajudava com direcionamentos.

Para finalizar a professora Maria Margareth descreve alguns problemas atuais que enxerga no Centro Paula Souza pela visão atual de ter filho e familiares nas Etec. Fala de valorização de gestores e professores, que muitas vezes têm outro emprego e “que por amor continuam lecionando nas escolas

técnicas para formar profissionais dignos de merecimento, tanto que atende a todas as classes sociais.” (NOGUEIRA, 2022) Informou que em sua gestão não era tratada como a diretora pelos alunos, mas como Margareth, ex-aluna como eles. Ela sentiu a união do grupo quando citou Paulo Renato, quando foram para a porta do Centro Paula Souza entregaram um documento solicitando que o ensino integrado não acabasse. Teve receio, mas não foi punida por sua atitude e ainda recebeu uma declaração de bons trabalhos quando saiu.

Foi chamada para ser diretora em prefeitura, mas não aceitou por achar que não conseguiria atuar na prefeitura, após ter atuado em uma escola como a Carlos de Campos. Como faziam tudo junto, prova em conjunto, a Escola que promovia licitação via uma grande vantagem e elogia o Centro Paula Souza nesse sentido. Depois foi chamada e aceitou atuar como coordenadora pedagógica. Quando saiu da Etec Carlos de Campos ela escreveu uma carta (Figura 3) que preserva até hoje e compartilhou com esse trabalho após a entrevista.

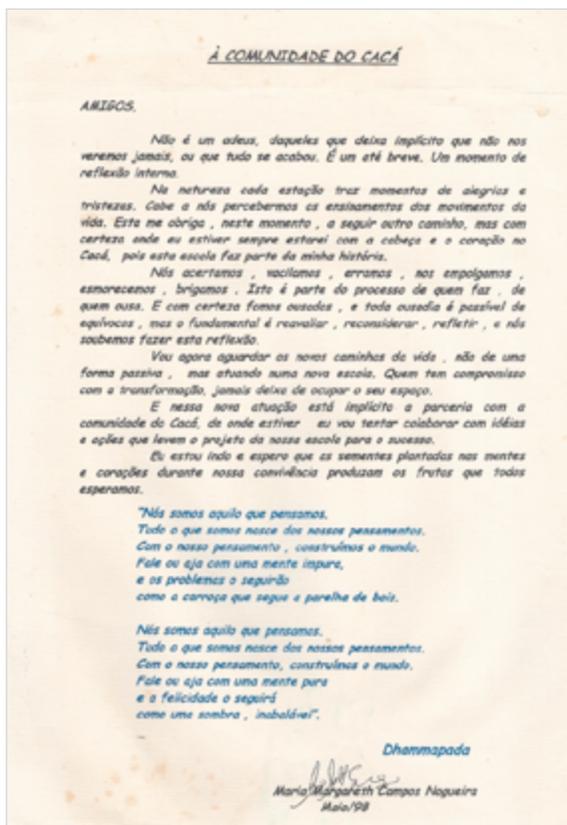


Figura 5 – Carta de despedida da professora Maria Margareth Campos Nogueira.

Fonte: NOGUEIRA, 2022.

Encerra com essa mensagem a importância de manter o pensamento sempre no coletivo, ajudando cada um na sua função, independentemente de estar fisicamente ou não.

MARIA LÚCIA DE CARVALHO PEREIRA

Paulistana do Bixiga, a professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira (Figura 4) iniciou a entrevista falando sobre sua vida pessoal. Ela é filha de portugueses e casada há cinquenta e um anos, tem três filhos e seis netos e sempre morou na cidade de São Paulo. Dedicou sua vida profissional ao trabalho como professora e continua trabalhando na educação. A sede atual da professora Maria Lúcia é na ETESP (Escola Técnica Estadual São Paulo).



*Figura 6 – Foto Maria Lúcia de Carvalho Pereira.
Fonte: PEREIRA, 2022.*

Maria Lúcia de Carvalho Pereira chegou a dar aula por muitos anos em uma faculdade chamada Europan em Cotia, no curso de Pedagogia. Foi quando trabalhava na Secretaria da Educação que prestou um concurso no Centro Paula Souza para a Direção da Etec Carlos de Campos. A princípio foi chamada para assumir a direção, em uma escola em Santo Amaro da Secretaria da Educação, porém ela se dirigiu ao Centro Paula Souza, e conversou com a professora Elenice Belmonte R. de Castro, secretária da professora Laura Laganá, como chefe de gabinete, e professor Marcos Monteiro como Superintendente. Foi solicitado que ela aguardasse, e posteriormente, lhe foi ofertado assumir o compromisso em uma “escola muito antiga, que foi da Secretaria da Educação, um momento em que ninguém ficava na direção”. (PEREIRA, 2022) Ela complementa com mais algumas características da Etec Carlos de Campos naquele momento – ninguém queria regras, os professores não queriam regras, uma Escola com muita dificuldade nesse sentido de relacionamento, mesmo com o belo trabalho realizado pela diretora anterior, a professora Margareth.

A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira celebrou a festa de 90 anos dessa que foi a primeira Escola Profissional Feminina de São Paulo, tombada pelo Condephaat. Enfrentou a dificuldade de ter que gerenciar os recursos fornecidos pelo Estado para a manutenção de uma escola com essa idade.

Maria Lúcia de Carvalho Pereira relatou graves problemas com cupins, informa que era um momento em que os alunos mal conseguiam assistir aula pela manhã de tanto pó de cupim que caía nas carteiras durante a noite. Esse problema se estendia também às portas da escola que estavam ocas e à estrutura do telhado e ela relata algumas visitas ao Condephaat em busca de resolver o problema. Após conseguir a verba junto ao Centro Paula Souza com a ajuda do Gabinete, o Condephaat solicitou que essas partes fossem repostas de maneira idêntica ao original.

O forro da escola foi substituído por um forro similar ao encaixe “saia e camisa”, porém em PVC e o telhado foi todo substituído, toda a obra ocorreu sem interrupção do período normal de aulas, aproveitando também período de férias. Segundo informação da professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira, as portas foram substituídas por modelos de acordo com as originais e pintadas conforme a última cor, mas eram diversas camadas de tinta e ela não pôde informar se seguiram a cor original.

A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira foi diretora da Etec Carlos de Campos por sete anos, entre os anos de 1998 e 2004, com reeleição. Informou outros fatos que aconteceram nesse período como os cursos de profissionalização da Secretaria do Trabalho. Citou cursos coordenados pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), como um de “dogueiro”, um lindo trabalho envolvendo alunos do curso Técnico em Nutrição e Dietética para orientar sobre a higiene, manutenção de alimentos e sua deterioração. Tinha um convênio da Secretaria com o Centro Paula Souza para profissões elementares que além desse disponibilizava outros como os de manicure, cabelereiro, pintor, eletricista, pedreiro, assentador de azulejo. Esses cursos eram de menor duração do que os do Senai, cerca de dois ou três meses, e a escola fornecia comida aos alunos. Ela comenta de uma situação em que ela e a Geane Pereira da Silva, atual diretora de Serviços, foram até Guaianazes buscar alunos para ensiná-los o percurso até a Escola.

Ainda esses cursos foram muito proveitosos para a Escola porque a verba recebida para material era revertida itens de construção utilizados pelos alunos e aproveitados para dar manutenção em seu espaço. A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira comenta também da instalação de equipamentos, sistema de som, mesa de som no Anfiteatro, aproveitando a turma de elétrica. Essa ação trouxe muita satisfação à professora, que reporta que não teria verba para essa melhoria, e com sua atuação conseguiu reverter os subsídios dos cursos para o benefício da própria escola. Além disso, as portas de hidrantes foram pintadas, a quadra existente hoje na escola foi redese-

nhada por um professor de educação física e pintada. Outro ponto sobre esses cursos eram os professores já que aqueles que trabalhavam na escola não possuíam a habilidade necessária para ministrar esses cursos, então buscou contratar fora como manicures, assentadores de azulejo, que possuíam a prática naquelas profissões.

No curso de quatro anos, os cursos faziam almoços e eram vendidos por uma quantia simbólica. Os alunos e professores comiam no refeitório. Quando o curso passa a ser de três anos, a cozinha teve uma redução no uso, sendo utilizada pelo curso Técnico em Nutrição e Dietética.

Um projeto do Governo Federal – PROFAE, cuja intenção era a de qualificar maqueiros, gesseiros em Auxiliar de Enfermagem, buscou escolas que disponibilizavam esse curso e a professora inscreveu a Escola. Foram cerca de 3000 pessoas de diversas regiões, mas a escola não dispunha de tanto espaço, nem professores para toda essa demanda. Foram alugadas áreas para possibilitar o andamento desse curso e a escola se associou a outras três do interior de São Paulo. Houve um grande impasse, porque a verba só era liberada pelo governo, depois que o curso estava mais estabelecido e os professores precisavam receber. A então diretora Maria Lúcia de Carvalho Pereira precisou se deslocar algumas vezes para Brasília para reuniões e a liberação apenas ocorreu três meses após o início de um curso, que durava seis meses. Ela informou ter sido um grande desafio administrar a situação junto aos professores, considerando a grandiosidade de um curso que qualificou tantas pessoas. Citou ajuda da professora Mercedes (Maria Mercedes Pereira do Vale Cofiel), Laura Laganá, Eliane Leite, Geane Pereira da Silva nessa empreitada.

Muitas festas foram também realizadas no período de sua atuação enquanto diretora. Ela citou que as festas para professores teriam sido sua marca na gestão. Uma delas foi a comemoração dos 90 anos da Escola. A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira comentou de um trabalho existente ainda hoje em uma parede próxima à entrada da Escola, elaborada pela professora Fátima Cardoso de Almeida Ribeiro juntamente com seus alunos: “A Arte se manifesta através do tempo...”, uma peça elaborada para celebrar o aniversário da escola. Essa professora ajudou muito nas decorações com poucos recursos para essa festa.

A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira informou que existiam as festas dos alunos, festas de cunho político em que eram impostos horários de início e término desses eventos – das 21h até as 5h da manhã quando retornava à circulação de ônibus. Ela e seu marido acompanharam cada uma dessas festas dentro da escola, zelando por ela, e pelos participantes e alunos. Alguns professores como o Nilton César Alves e professor Pedro, ainda atuantes na escola também permaneciam na instituição ajudando. O receio da professora Maria Lúcia estava nas bebidas alcoólicas que eram vendidas externamente e os alunos entravam com elas através de mochilas. Ainda que não fossem permitidas bebidas alcoólicas, em uma dessas festas um aluno ficou embriagado e foi necessário chamar uma ambulância (SAMU). Diante dessa situação,

ela precisou convocar o Conselho de Escola pela responsabilidade envolvida, porque os pais julgavam que seus filhos, estando na escola estariam seguros e ficou resolvido que as festas durariam até as 22h.

[...] Foi um desafio que em outras escolas eu não passei. Eu sempre fui muito negociante, sempre fui de negociar uma alternativa. Eu nunca fui rígida, eu nunca fui diretora impostora, pelo contrário eu nunca impus a minha vontade, sempre maleável. [...] Eu fazia por responsabilidade minha, por arcar com a responsabilidade de ser diretora, afinal de contas, ninguém veio me buscar na minha casa para eu ser diretora, eu fui porque eu quis. Eu aceitei o desafio e me falara – é um desafio – e foi mesmo. O que eu tenho hoje é imenso carinho por tudo isso que eu fiz. Eu sinto assim, pode ser até um pouco lisonjeiro, mas eu fiz parte da história de São Paulo. [...]. (PEREIRA, 2022)

Um dos momentos mais tristes da vida da professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira foi a morte de um dos alunos no dia do aniversário dele. Esse rapaz fazia 18 anos naquele dia, entrou na escola para encontrar com amigos e passou em um local onde os alunos compravam vinho por um preço barato. Estavam em um grupo de seis ou sete rapazes que foram para o trem e decidiram pular uma passarela por brincadeira. Quando o rapaz foi pular a linha o trem colidiu com ele. Os demais colegas sumiram. Maria Lúcia já estava em sua residência quando o Sr. José, zelador já citado anteriormente, entra em contato com ela, pedindo que retornasse por conta da tragédia ocorrida. Ela se dirigiu até esse local – uma ponte de ferro – e pediu ao Sr. José que buscasse alguns lençóis na enfermagem porque os trens continuaram passando sobre o corpo do rapaz. Um guarda ferroviário ainda refutou dizendo que não adiantaria colocar os lençóis porque o trem levaria, mas ainda assim ela insistiu.

Esse foi o momento mais emocionante da entrevista: enquanto diretora, Maria Lúcia de Carvalho Pereira teve que dar a notícia do falecimento do rapaz para a mãe, que agarrou seus braços e implorou para que ela dissesse que a notícia era mentira, que a festa de aniversário estava pronta para sábado. A mãe ainda dizia que a escola só teria trazido infelicidade a ela porque a filha dela também havia estudado lá e engravidou naquele período, posteriormente o garoto faleceu tragicamente. Ela informa ter sido um dos piores momentos de sua vida. Muitos professores, como o Moacyr foram solidários e permaneceram até de madrugada ajudando-a nesse momento. Era necessária a medicina legal para a liberação do corpo que permaneceu na via até cerca de 11h da manhã seguinte. Posteriormente foi à delegacia e ajudou no processo e preocupou-se com os registros de presença nas aulas do dia.

A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira informou ter muitos parceiros em sua trajetória, tanto funcionários quanto professores. Falou da

importância do curso técnico e de exemplos práticos de muitos alunos que saíram da escola para trabalhar por exemplo na indústria do carnaval. Na última eleição ela buscou se reeleger, tinha muito apoio da Enfermagem e Nutrição, mas não foi possível retornar à direção. Após atuar como diretora na Etec Carlos de Campos, ela continuou sendo diretora em outras escolas e informa não ter sido tão difícil quanto na Etec Carlos de Campos e antes já havia sido diretor na Secretaria da Educação.

Para finalizar ela ainda informou ter administrado um câncer dentro de seu mandato. Fazendo a quimioterapia ela foi reconhecida por uma ex-aluna que a injetava o remédio. Em outra situação de queda do cabelo, precisou presidir a mesa de uma formatura e pela primeira vez fez o uso de peruca, contou da situação e de seu desconforto quando a abraçavam e a peruca parecia cair. Ela poderia tirar licença, porém ela continuou firme no seu trabalho na direção da Etec Carlos de Campos, o trabalho a ajudou a superar a doença.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A ordem de sucessão de diretores e diretoras da Etec Carlos de Campos continua com algumas lacunas, mas através de entrevistas realizadas foi possível confirmar as datas de entrada e saída da função das três ex-diretoras que prestaram seus serviços entre 1993 e 2004. A Tabela I foi elaborada a partir de uma organização prévia e muitas datas foram confirmadas através do Diário Oficial, de jornais e outras documentações pela autora. Muito além das datas a riqueza trazida pelas entrevistas está no registro do que aconteceu entre o dia de entrada e o dia de saída da direção de cada uma dessas mulheres.

Números do último censo realizado para a Educação Básica realizado pelo Inep, no Estado de São Paulo informam que 85% dos diretores são do sexo feminino distribuídos entre redes federal (21,6%), estadual (70,5%), municipal (88,3%) e privada (89,3%), indicados na Figura 5. (INEP, 2022) A antiga Escola Profissional Feminina iniciou com uma gestão predominantemente masculina, que após a atuação da ex-diretora Laia Pereira Bueno, em 1938, tantas mulheres tiveram a oportunidade contribuir atuando nessa posição.

Desde sua inauguração a Etec Carlos de Campos teve 48% dos diretores do sexo feminino, e 52% do sexo masculino (Figura 6). Atualmente a estatística das escolas apresenta gestões predominantemente femininas. Ainda que considerando uma distribuição ao longo do tempo, com tantas mudanças de mentalidade, em uma escola conhecida pela diversidade é significativo verificar uma distribuição mais próxima de uma equidade entre os gêneros, não tendendo apenas para diretores do sexo feminino ou masculino.

Tabela 1 – Linha de sucessão de professores da Etec Carlos de Campos

Ano	Nome	Nomeado em	Fonte (nomeação)	Saída em	Fonte (saída)
1911 - 1914	Miguel Carneiro Júnior	31/10/1911	Livro records Lata - 17/09/1912 Diário Oficial 4/11/1911	?	
1915	José Carneiro da Silva	?	Atauro de Ensino 1915	?	
1916	Alfredo Bresser da Silveira	?		16/04/1916	Morte - O Estado do SP de 16/04/1916
1916 - 1920	José Carneiro da Silva	29/04/1916	Diário Oficial - 26/04/1916	01/05/1920	Diário Oficial - 1/5/1920
1920- 1923	João Lourenço Rodrigues	17/07/1920	Livro de recortes - O Estado de São Paulo	21/12/1923	Diário Oficial - 21/12/1923 - aposentadoria
1923 - 1938	Horácio Augusto da Silveira	21/12/1923	Diário Oficial - 21/12/1923		
1938 - 1952	Laila Pereira Bueno	01/02/1938	Livro de recortes - O Estado de São Paulo, p.34 O Estado de S Paulo - 15/02/1938	20/06/1952	Diário Oficial - 15/01/1938 - já era diretora 25/09/1952 - Laila requer sua aposentadoria
1952 - 1962	Anisa de Almeida Levy	28/05/1952	Diário oficial de 28/05/1952 aponta a vice-diretora Anisa e solicitação de aposentadoria de	16/06/1962	Diário Oficial de 16/06/1962 - Maria José Barboza de Carvalho substitui Anisa em seu
1962 - ?	Maria José Barboza de Carvalho	01/11/1962	Diário Oficial - 19/11/1962	?	
1970 - ?	Wilson Moreira da Silva	?	Diário Oficial - 19/09/1970 - já era diretor Diário Oficial - 11/09/1978 era diretor. Iniciais	?	
1977 - 1988	João Baptista Buba	24/09/1977	Diário Oficial - 24/09/1977	01/11/1988	Diário Oficial - 29/12/1988 - Aposentadoria
1988 - 1990	Haydee Hernandez	01/11/1988	Diário Oficial - 21/12/1988	22/06/1990	Diário Oficial 22/06/1990 - Exonerada do cargo
1990 - 1991	Lutz Hipólito Fernandes	22/09/1990	Diário Oficial - 22/09/1990	01/05/1991	diário Oficial - 01/05/1991
1991	Maria Estela Giannasi do Mello	01/05/1991	Diário Oficial - 31/05/1991	?	
1992	Thelma Passarelli	?	Protocolo de Escola - Entrevista professor Nilton	?	
1993	Roger Beurkhan Estrada	01/02/1993	Diário Oficial 11/02/1993	?	
1993 - 1995	Elisane Aparecida Andreoli	1993	Diário Oficial - 31/7/1995 era diretora em férias substitua por Carlos Alberto Andreoli	1995	Entrevista em 18/06/2022
1995 - 1998	Maria Margaret Campos Nogueira	1996	Diário Oficial - 20/01/1996 - era diretora	(Abril/1998)	Entrevista em 30/01/2022 Carta de despedida
1998 - 2004	Maria Lucia de Carvalho Pereira	21/05/1998	Diário Oficial de 10/06/1998 Entrevista em 23/06/2022 Fonte Nilton Cesar Alves	16/07/2004	11/08/1998 - Maria Lucia era diretora Entrevista em 23/06/2022 Fonte Nilton Cesar Alves
2004 - 2011	Nilton Cesar Alves	16/07/2004		16/12/2011	
2012	Denise Carrega Leite	19/05/2012	Diário Oficial - 19/05/2012 - (Fó-Tempore seis meses)		
2012 - 2020	Lucimere Gonzaga de Oliveira	(Julho/2012)		31/12/2020	
2021 - atual	Silas Junio Azor Fuertes	01/01/2021	Atual		Em andamento

Fonte: Elaborada pela autora com atualizações.

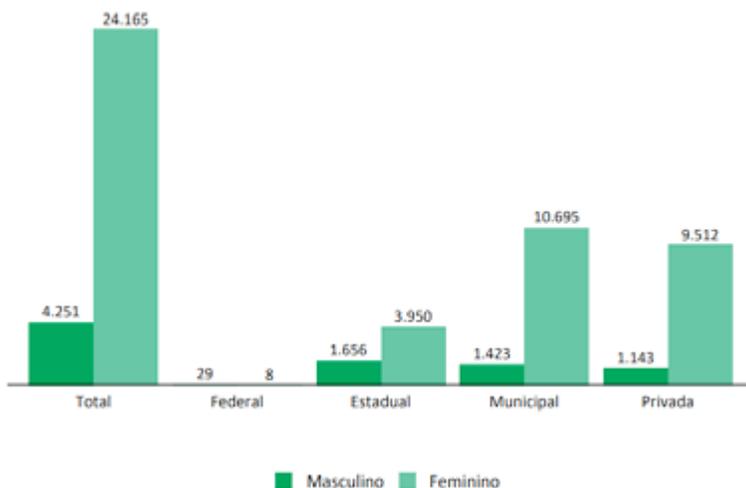
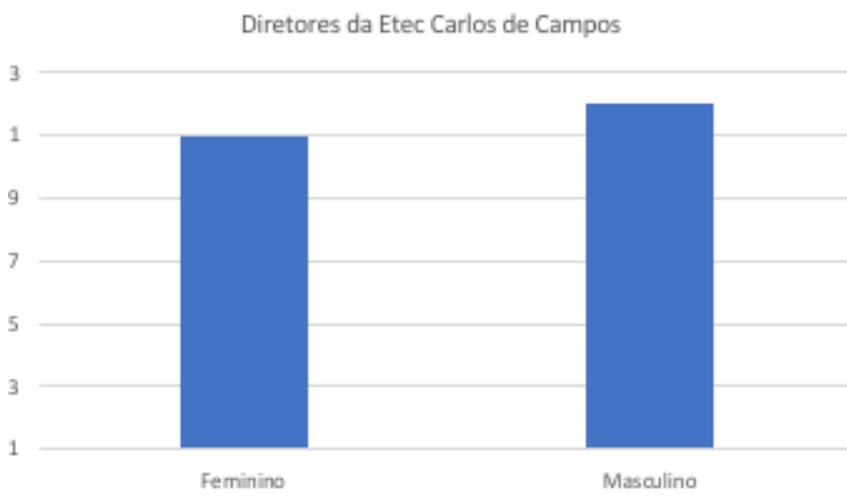


Figura 7 – Número de diretores na Educação Básica, segundo o sexo e a dependência.
Fonte: Elaborado pela autora (INEP, 2022).



*Figura 8 – Diretores que passaram pela Etec Carlos de Campos.
Fonte: Elaborado pela autora, em 2022.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão a que se chega após a realização de mais três entrevistas com ex-diretoras da Etec Carlos de Campos é a de que não é uma tarefa simples administrar uma escola com tamanha dimensão e tão longa trajetória. As três diretoras entrevistadas atuaram entre 1993 e 2004, trouxeram muitas histórias, dificuldades e desafios que foram vivenciados durante cada gestão. Lidar com as expectativas de tantas pessoas, sejam elas funcionários, administração, professores e alunos de tantos cursos demanda uma responsabilidade e cuidado muito grandes.

São três mulheres fortes e com perfis diferentes e através das entrevistas foi possível verificar que buscaram desenvolver um bom trabalho ao assumir o cargo. A professora Eliane Aparecida Andreoli que foi responsável por passar pela transição da administração da escola para o Centro Paula Souza, gerenciando as expectativas. A professora Maria Margareth Campos Nogueira que trouxe para a escola um conceito forte de Gestão Democrática, busca da unificação de cursos pelos professores. A professora Maria Lúcia de Carvalho Pereira que passou por uma reforma de conservação do imóvel, cuidou de alunos e festas com muito zelo e ainda administrou um câncer sem parar de trabalhar. São exemplos de toda a capacidade feminina em seus diferentes perfis em administrar uma instituição com essas porções.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilton Cesar. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri Ferreira, em 19 de junho de 2021.** Disponível em: <http://memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=171&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

ANDREOLI, Eliane Aparecida. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri Ferreira, em 18 de junho de 2022.** Disponível em: <http://memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=205&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BUENO, Laia Pereira. **Álbum de Recortes da Escola Profissional Feminina.** 1951. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/memorias/livros/carloscampos/albumderecortes.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2021

CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de. **Desvendando raízes e retratos no campo da alimentação e nutrição no Brasil: de Francisco Pompêo do Amaral ao Centro Paula Souza.** 2013. 485 f. Tese (Doutorado). Curso de Engenharia Agrícola, Unicamp, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/256781>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. **Patrimônio Cultural da química e da dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP):** catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017. 144 p. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/arquivos/CatalogoPCQDCMCA.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2021.

CENTRO PAULA SOUZA. **Memórias e história da educação profissional e tecnológica.** São Paulo: Centro Paula Souza, 2022. **1 sítio eletrônico.** Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/>. Acesso em: 29 fev. 2023.

FERREIRA, Kelen Gracielle Magri. De Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: seus diretores em 110 anos de existência. **Anais.** Jornada Patrimônio Cultural da Educação Profissional e Tecnológica: saberes e práticas. 2021. p. 23-4.

NOGUEIRA, Maria Margareth de Campos. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri Ferreira, em 30 de julho de 2022.** Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=207&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

OLIVEIRA, Sueli Teresa de. **Uma colmeia gigantesca: Escola Profissional Feminina de São Paulo – 1910/20/30.** São Paulo, PUC, Dissertação de Mestrado, História, 1992.

OLIVEIRA, Lucimeira Gonzaga de. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri Ferreira, em 19 de junho de 2021.** Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=170&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PEREIRA, Maria Lúcia de Carvalho. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri Ferreira, em 23 de junho de 2022.** Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=206&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PUERTA, Silas Junio Azor. **Entrevista concedida à professora Kelen Gracielle Magri, em 25 de junho de 2021.** Disponível em: <http://memorias.cpsctec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=197&vol=14>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SILVEIRA, Horácio Augusto da. **O ensino Técnico-Profissional e Doméstico em São Paulo.** São Paulo: Empresa Gráfica da Revista Tribunais, 1935. Acervo do Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2022.

INEP. **Resumo Técnico do Estado de São Paulo – Censo da Educação Básica 2021, 2022.**

Etec Professor Camargo Aranha: minha escola do coração

Sibele Biondi Foltran
Escola Técnica Estadual Professor Camargo Aranha

INTRODUÇÃO

No dia 24 de novembro de 2019, na sala do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual (Etec) Prof. Camargo Aranha, num ambiente descontraído, entrevistei a Profa. Maíza Telles de Menezes Medina Corrêa (Figura 1). Nascida na capital de São Paulo, em 07 de setembro de 1957, concluiu a Educação Básica, em 1968, nas Escolas Reunidas da Água Rasa, e em 1972, e 1975, respectivamente, finalizou o Ensino Fundamental e o Médio no Colégio Estadual Prof. Wolny Carvalho Ramos. Professora Licenciada em Letras, em 1979, pós-graduada em Língua Portuguesa, em 1988, e em Programação Neurolinguística, em 1996, todas pela Faculdade São Judas. Possui vários cursos de atualização, 2016, 2018, 2019 e ingressou no CEI Prof. Camargo Aranha, em 11 de abril de 1980.



Figura 1 – Professora Maíza T.M.M. Corrêa.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Em 05 de fevereiro de 1982, através do Decreto Estadual nº 18.421, a Profa. Maíza vivenciou quando o Governador do Estado, Dr. Paulo Salim Maluf, integrou seis escolas técnicas da rede de ensino da Secretaria de Educação de São Paulo com maior potencial em termos de resultados e condições materiais, entre elas, a CEI Prof. Camargo Aranha, a uma autarquia que já abrigava o ensino tecnológico, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Essa integração, sob a direção do Prof. Miguel Henrique Russo (Figura 2), imprimiu

uma nova organização administrativa, aprimorando e remodelando o corpo docente em um regime de contratação pelas regras da CLT e com uma carreira de base salarial diversa e, a partir daí, passou a se chamar Etec Professor Camargo Aranha. Nesse período houve um plebiscito em que a comunidade referendou a permanência da escola vinculada junto ao Centro Paula Souza e não mais à Secretária Estadual de Educação do Governo do Estado de São Paulo.



Figura 2 – Prof. Miguel Henrique Russo.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Na gestão do Prof. Miguel Henrique Russo, a Profa. Maíza relata que foi uma gestão bem dura. Que não era permitido sequer sentar-se durante o período de aula, nem recostar e encostar na mesa. Tinha que ficar em pé, sem poder sentar o tempo inteiro, em todas as aulas. Rígido, extremamente rígido. Não era permitido que os alunos fossem ao banheiro, nem que fossem tomar água, nem cantasse parabéns se algum colega fizesse aniversário. As reuniões pedagógicas iniciavam-se às 9h00 da manhã, no sábado, transcorriam até as 15h00, 15h30 da tarde, sem almoço e sem lanche, direto. Fora isso, o restante transcorria normalmente, trabalhávamos como sempre trabalhamos. E esse ano letivo, devido a Copa do Mundo, os alunos do noturno não vinham, mesmo porque não dava para chegar, o Brasil estava ganhando, então ia todo mundo para a rua. Aí, nós vínhamos e ficávamos todos numa sala de aula, fechados com o diretor tendo reunião todos os dias dos jogos. Lembro que o ano letivo, as reposições, foi terminar em 7 de janeiro de 1983.

Por outro lado, a partir de 1982, a Camargo Aranha já tinha a tradição de ser a melhor escola técnica no setor terciário. Tinha toda a formação geral do Ensino Médio e mais a formação técnica. Os professores tinham a liberdade de construir os planos, assim como de elaborarem as próprias apostilas. Os professores eram comprometidos com o Ensino Técnico.

Quanto aos vestibulinhos para os cursos Técnico em Administração, Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado, além de serem muito concorridos, eram compostos de provas dissertativas mais a prova de Redação, que

era obrigatória e, os professores de Língua Portuguesa eram bem remunerados para fazerem as correções dessas provas, e a Profa. Maíza recorda que contava quantas provas tinha que corrigir para trocar de carro, além do salário que havia triplicado quando passou da Rede Estadual para o Centro Paula Souza (CPS).

Segundo uma linha do tempo, no período 1983 a 1986, coube a Profa. Vilma Aparecida de Moraes Lúcio (Figura 3) dirigir a ETE Prof. Camargo Aranha. Extremamente inteligente, segundo a Profa. Maíza: a Profa. Vilma, dizia que esse pensamento retrógrado com que a área terciária sempre foi vista, como a que era necessário utilizar basicamente saliva e giz para dar aula, sem a necessidade de equipamentos ou práticas. Ela provou o contrário, quando solicitou a realização de uma experiência com os alunos, de uma única turma do curso de Técnico em Administração, a desenvolver um produto que abrangia desde a análise de custos, marketing, até a estratégia de venda. Esse trabalho foi o resultado de uma transformação de conceitos teóricos para a solução de problemas e a Profa. Maíza, lembrando, enaltece os projetos de Técnico em Administração que eram lançamentos de produtos para o mercado de trabalho, apresentados no final de cada curso, e que hoje chamamos de TCC, além dos extraordinários eventos realizados pelo curso de Técnico em Secretariado.

Relatou, também, que a grande maioria dos nossos alunos, antes de concluírem os cursos, já eram efetivados em seus estágios por multinacionais como: Philips, IBM, Volkswagen... Assim como, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e outros. E afirma, que a nossa escola era muito bem equipada, era modelo e pioneira no Estado de São Paulo, no setor terciário. Nós tínhamos muito orgulho em dizer que pertencíamos ao CPS e os colegas da Rede Estadual diziam que éramos elitizados. Pensando bem, hoje eu diria que sim, éramos privilegiados em relação ao salário e em relação a infraestrutura escolar!



Figura 3 – Professora Vilma Aparecida Moraes Lúcio.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Nessa época, também, além do Diário de Classe do professor, havia um “Diário Coletivo da Classe” onde ficava registrado a ausência dos alunos, ati-

tudes ou comportamentos indevidos. As informações ali contidas ajudavam muito o trabalho dos coordenadores, principalmente se os alunos cabulavam alguma aula. Havia também o jubilamento, ou seja, o aluno não poderia repetir a mesma série duas vezes. Eu era a favor do jubilamento, relata, a vaga não era desperdiçada com alunos descomprometidos.

Na Direção do Professor João Edison Tamellini Martins (Figura 4), no quadriênio 1987 a 1990, o vestibulinho que era sempre muito concorrido, passou a ficar mais ainda. Com a introdução do curso Técnico em Processamento de Dados, em 1988, o que possibilitou o nascimento da ETE “São Paulo”, a escola passou a ter vinte primeiros anos. Eram seis no período da manhã, oito à tarde e seis à noite. A escola estava sempre lotada, as salas com quarenta alunos, nós fazíamos quase o alfabeto inteiro, ou seja, tínhamos de manhã os 1ºs A e B em Administração, 1ºs C e D em Contabilidade e 1ºs E e F em Secretariado, no período da tarde eram os 1ºs G e H em Administração, 1ºs I e J em Contabilidade, 1ºs K e L em Secretariado e os 1ºs M e N em Processamento de Dados, e no noturno, 1ºs O e P em Administração, 1ºs Q e R em Contabilidade e os 1ºs S e T em Secretariado. Nós tínhamos trabalhos maravilhosos com os projetos dos alunos de finalização de curso (TCC).



Figura 4 – Prof. João Edison T. Martins.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Lembro, também, que todo o layout da escola foi mudado pelo Prof. João Edison para aumentar o número de salas. Em 1988, a biblioteca que funcionava num pequeno espaço foi deslocada para o hall no pavimento térreo e no último pavimento foi adaptado um auditório com palco para apresentações dos alunos e reuniões. Além da Biblioteca e do Anfiteatro, foram transformadas todas as salas em ambientes especiais, dando início à remodelação dos espaços de modo a permitir a multiplicidade de técnicas e possibilidades de organização das aulas. Foram também instalados os dois primeiros Laboratórios de Informática, colocando essa ferramenta tecnológica indispensável a qualquer profissional e à disposição de todos os alunos dos diversos cursos.

Também havia os Laboratórios de Comunicação e Expressão e o de Inglês, ambos com recursos audiovisuais.

A Sala dos Professores (Figura 5) também passou por um processo de modernização. Os móveis pesados, como mesas, cadeiras, armários, foram substituídos por alvenaria e, foi o suficiente para suavizar e dar a sensação de espaço ampliado.



Figura 5 – Sala dos Professores, em 1988.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

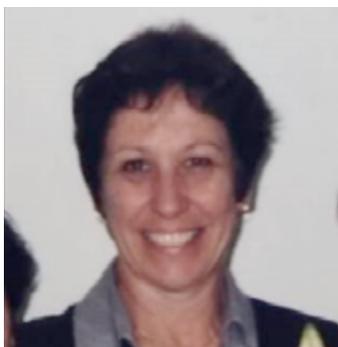
Quando do 2º mandato do Prof. João Edson, a Profa. Maíza conta que estava grávida, e que no dia da eleição, ela levou um tombo e quebrou o tornozelo, mas antes de pedir ajuda médica, e, mesmo com a perna inchada, ela foi até a escola para votar no Prof. João Edison, porque queria a continuação de sua gestão que havia sido maravilhosa. Mas, quando saiu o resultado da eleição no final do ano de 1990, ficou sabendo que ele não foi aceito, apesar de mais de 95% dos votos, e que o 3º colocado havia sido o escolhido, porque a 2ª colocada, Profa. Laura Mazzei, não aceitou. O sentimento foi de indignação, de decepção, de mágoa e de revolta. O processo poderia ser legal, mas não respeitar o resultado com tamanha discrepância, foi imoral. Um candidato com menos de 1% dos votos seria o diretor indicado pelo superintendente do CPS, na época, o Prof. Oduvaldo Vendrameto. Então, passou a dirigir a escola um diretor desconhecido por todos os professores da casa.

Portanto, quem assume a Direção da escola em 1991 foi o Prof. Mario Bombassei Filho (Figura 6) que veio a falecer em 1993. Com o falecimento do Prof. Mário, assume a direção, como pró-tempore da escola, a Profa. de Matemática e de Estatística, Terezinha de Jesus Souza Telles (Figura 7) que permaneceu no cargo até 1996.



Figuras 6 e 7 – Professores Mário Bombassei Filho e Teresinha de J.S. Telles.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Com a mesma indignação durante a eleição do Prof. João Edison, a cena viria a se repetir em 1996 com a vitória da Prof.^a Marilda Aparecida Simone Brito (Figura 8), 1^a colocada da lista tríplice mas, essa eleição acaba sendo impugnada e, novamente, o CPS interfere e assume a direção da escola, sem eleição, a Prof.^a Elna Minhoto Belotto Gonçalves (Figura 9) que permaneceu no cargo até meados do ano 2002, porque em 29 de julho desse mesmo ano, a Prof.^a Marilda, novamente ganha a eleição, mas dessa vez o seu nome é homologado e ela se manteve no cargo por dois mandatos consecutivos, saindo somente em 15 de julho de 2008.



Figuras 8 e 9 – Professoras Marilda Aparecida Simone Brito e Elna Minhoto Belotto Gonçalves.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Quanto a direção do Prof. Mário Bombassei Filho, a Profa. Maíza não teceu nenhum comentário, a não ser que ele deveria ser um bom gestor, mas chegou na escola num momento inadequado. Em relação a Profa. Elna, quando indagada por mim em qual diretor não votaria para a Camargo Aranha, de

imediatamente respondeu: – o Prof. Russo e a Profa. Elna e, acrescentou que talvez na época do Prof. Russo, por ter sido um momento de transição e adaptação por parte de todos, talvez por insegurança, ele agiu com tamanha rigidez. Mas, em relação a Profa. Elna nem pensar. Era uma pessoa intransigente, sem empatia entre direção e professores, não era aberta ao diálogo, e foi um período que ela prefere esquecer. Passado esse turbilhão que foi a década de 90, após dez anos, finalmente assume a direção da escola em 29 de julho de 2020 a Profa. Marilda Aparecida Simone Brito, eleita pelos professores, funcionários e alunos.

A Profa. Maíza enaltece a nova direção e a compara com a brilhante gestão do Prof. João Edison e relembra as benfeitorias que a Profa. Marilda fez na escola, como a construção dos anexos para aumentar os cursos oferecidos pelo Extra Curricular e a implementação de novas habilitações que foram o ensino Técnico em Nutrição e Dietética, com três laboratórios para o desenvolvimento das aulas práticas previstas no currículo dessa habilitação; o Técnico em Gestão de Pequenos Negócios; o Técnico em Seguros, o Técnico em Informática no lugar do Técnico em Processamento de Dados, além da continuação do Ensino Médio – EJA.

Com a implantação do Ensino Médio, que se iniciou na escola em 1999, na gestão da Profa. Elna, no governo federal do presidente Fernando Henrique Cardoso, acompanhadas das reformas que aconteceram em 2006, a direção da Profa. Marilda, segundo a Profa. Maíza (Figura 10), sabia que não daria certo e justificou dizendo que:

[...] o brasileiro não está preparado para ficar o dia inteiro estudando e não trabalhando e, quando o aluno estuda meio período, o outro meio período ele vai fazer um estágio, um outro curso diferente, principalmente estágio, ele amadurece e melhora em sala de aula. Se ele fica o dia inteiro ele não absorve, não deu certo. Então nós tínhamos os técnicos modulares que se esvaziaram, porque a pessoa ia trabalhar, a pessoa ia fazer outro curso, quem já era formado no Médio ia fazer faculdade, você acabava com salas com pouquíssimos alunos. É bom né? Trabalhar com poucos alunos, mas é triste você saber que as pessoas perderam oportunidade de continuar o estudo. [...]

E completou:

[...] a escola fica vazia, isso é triste, como esse integrado, o ETIM, o aluno fica, três, três e meia ele vai embora e depois a escola fica vazia até o noturno. E o aluno estudando meio período e procurando estágio, nossa, isso é fabuloso, era muito bom. O aluno amadurecia, estudava, ele aprendia, ele tinha responsabilidade porque ele aprendia a ter responsabilidade.



Figura 10 – *Prof. Maíza Telles de Menezes Medina Corrêa, em 12/09/2022.*

Com a introdução do Ensino Médio e do Etim muitas mudanças, positivas e, também negativas, ocorreram. Dentre elas: o remanejamento de horário e de período para alguns professores, alteração da carga horária, diminuição de turmas em alguns cursos técnicos, redução de carga horária involuntária, entre outros. Talvez para amenizar as perdas de aulas que os professores sofreram ou para atualizar a escola dentro do mercado de trabalho, novas habilitações foram implantadas na direção da Profa. Eliana Martins Fraga (Figura 11), que dirigiu a escola de 2008 até junho de 2016, tais como Técnico em Cozinha, Técnico em Eventos, Técnico em Finanças, Técnico em Informática para Internet, Técnico em Marketing e a extinção do Técnico em Seguros, em 2014.



Figura 11 – *Eliana Martins Fraga.*

Fonte: *Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.*

Diante desse leque de opções, natural que houvesse uma diminuição nas turmas de Técnico em Secretariado (junto ao Técnico de Contabilidade foram os dois cursos pioneiros da escola, em 1968), e a falta de procura pelo curso começou a se agravar em 2013, devido à baixa demanda no Vestibulinho, e a última turma de formandos ocorreu no final do 1º semestre de 2017, data que marcou, depois de quase 49 anos de existência, a despedida do curso Técnico em Secretariado na Etec “Prof. Camargo Aranha”. E os demais cursos sofreram alteração na denominação como: Etim em Administração, Etim em Contabilidade, Etim em Informática, Etim em Marketing e Etim em Nutrição e Dietética.

Em 15 de julho de 2016, foi eleita diretora da Etec Professor Camargo Aranha, a Profa. Márcia Dias (Figura 12), posteriormente reeleita para um 2º mandato, em 01 de janeiro de 2021 e, deverá permanecer no cargo até dezembro de 2024. A Profa. Maíza comenta que, infelizmente, na direção da Profa. Márcia, excelente gestão, a escola que sempre foi muito bem equipada e estruturada não pode contar com a verba que entrava dos cursos extras curriculares e nem com dinheiro de APM, porque os pais dos alunos não contribuem, e alegam que não é obrigação deles, e sim do Estado. Mas, mesmo com essas dificuldades, a direção tem priorizado o que deve ser feito e a escola ainda continua com sua tradição de ensino de qualidade. E novas mudanças ocorrem com a chegada do Mtec e do Novotec a partir de 2019.



Figura 12 – Márcia Dias.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

Passados 42 anos, e depois de tantas nomenclaturas, é interessante perceber que a escola volta ao mesmo Ensino Técnico de 1980, comenta a Profa. Maíza. Ela acredita que será bem melhor daqui para a frente, porque o aluno fica menos tempo na escola e poderá absorver mais esse tempo. Então ela crê que voltando, se houver estágio, os alunos irão se envolver mais, irão amadurecer, porque hoje eles são muito infantis, não aprendem, eles brincam,

são crianças. Ela entende que são adolescentes, mas eles têm que saber que o estudo é o futuro que ele vai ter para a vida dele, é o que ele está aprendendo, é o conhecimento, é a sabedoria, é o que ele vai levar para a vida. Com o Etim, o aluno chegava na escola de manhã, ia almoçar, saía para a rua, muitos não voltavam para as aulas da tarde e a escola ficava vazia das 15h30 até às 19h, é triste ver uma escola vazia, sem vida.

Em relação aos professores,

[...] infelizmente, alguns vão para a ideologia, e a sala de aula não é o espaço para se pregar ideologia, e sim, para ensinar conteúdo, ensinar leitura, ensinar interpretação de textos, ensinar crítica. É para aumentar a visão, o leque, é para o aluno ler de tudo, é para ele chegar as suas conclusões, ao seu modo de vida, a sua visão de mundo, para ele ter discernimento e poder caminhar com as próprias pernas, e não o aluno ouvir uma visão de mundo pronta, com a imposição de que aquela é a correta, é a que tem que ser.

Ela acha errado a postura de alguns professores. Como já dito anteriormente, a Profa. Maíza, contratada em 1980, começou a lecionar no atual endereço da Etec Prof. Camargo Aranha, Rua Marcial, nº 25. O prédio havia sido inaugurado no final de 1979, então ela iniciou suas atividades numa construção recém-inaugurada. Ela relata, com risos, que para não se perder ela escrevia “suba duas rampas [...] desça uma rampa [...]” E os cursos Técnicos que a escola oferecia eram o Técnico em Administração, Técnico em Contabilidade e Técnico em Secretariado, e hoje, depois de tantas mudanças e reformas ela se perde no leque de cursos que a escola oferece.

No ano de 2018, a Profa. Márcia Dias me incentivou a fazer parte do projeto Memórias do CPS, uma vez aceita para esse projeto, iniciei a minha pesquisa com o apoio de vários colegas da escola, inclusive com o apoio da Profa. Maíza, que sempre contribuiu e continua contribuindo com suas ricas informações. Apesar dessa entrevista ter sido realizada em 24 de novembro de 2019, pude continuar, não chamaria de entrevista, mas sim de bate papo, a obter informações, que eu não havia questionado antes para o término desse trabalho e, quando perguntei para a Prof.^a Maíza se ela indicaria a Camargo Aranha, ela antecipou a resposta e disse: – “Familiares, com certeza. Meu filho, meus sobrinhos [...]. Eu amo a Camargo. Eu amo a Camargo. Digamos que 80% da minha vida, praticamente [...]. Tá no sangue, tá no coração. Óbvio que eu indicaria, e indicaria porque é uma escola boa.”

Em 8 de novembro de 2019, a Profa. Márcia Dias, diretora da escola e eu, Profa. Sibebe Biondi Foltran, curadora a partir de então, tivemos o privilégio de inaugurar o Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha com a presença de professores e alunos. A Profa. Márcia Dias reabre o Livro de Visitas e algumas imagens que registraram esse momento: “É com entusiasmo e

alegria que reabro nosso Livro de ‘Visitas de Autoridades’, iniciado em 1º de agosto de 1970, pelo Prof. Erasmo de Freitas Nuzzi, o primeiro diretor de nossa Unidade Escolar.”. Com registros em poucas páginas, esse livro mostra a importância que foi a criação da primeira Escola Estadual Profissional do setor terciário para a cidade de São Paulo, em um momento que o ramo de atividades de serviços começou a disparar como natureza vocacional da grande metrópole.

Após 49 anos do início de seus registros, estou certa de que este livro receberá escritas de muitas visitas que serão recebidas em nossa casa e, estas, serão tão importantes como alguns ilustres que aqui deixaram o seu júbilo pelo espaço escolar que já nasceu iluminado para o futuro. A história é e sempre será construída e valorizada pelos que aqui estão e, também, pelos que virão. Portanto, ao deixarmos os nossos registros, deixaremos um pouco de nós. Em 4 de dezembro de 2019, recebemos a visita da Profa. Maria Lucia Mendes de Carvalho, coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (Figura 13), no nosso Centro de Memória.



Figura 13 – Professoras Sibele B. Foltran, Maria Lucia M. de Carvalho e a Diretora Márcia Dias, da esquerda para a direita, em 4/12/2019.

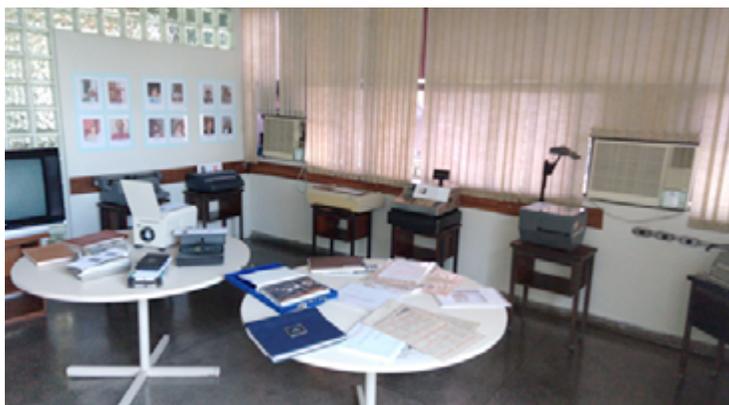
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

No dia 10 de fevereiro de 2022, recebemos a visita da Profa. Júlia Naomi Kanazawa (Figura 14), coordenadora de projetos do CPS, no Centro de Memória (Figuras 15, 16, 17 e 18).



Figura 14 – Julia Naomi Kanazawa, em 10/2/2022.

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.



Figuras 15 e 16 – Centro de Memória da Etec Professor Camargo Aranha – salas A e B.
Fotografia: da autora, em 2022.



Figura 17 – Prof. David Afonso e Profa. Silvia de Abreu no Centro de Memória.
Fotografia: da autora, em 2022.



Figura 18 – Profa. Márcia Dias e Profa. Sibebe B. Foltran,
curadora do Centro de Memória da Etec Professor Camargo Aranha.
Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em 2022.

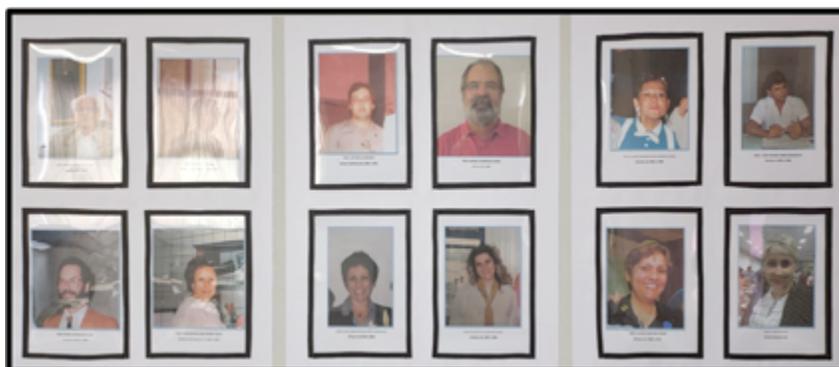


Figura 21 – Quadro de diretores da Etec “Professor Camargo Aranha” desde 1968 a 2022.

Fotografia: a autora, em 2022.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Maíza Telles de Menezes Medina. **Entrevista concedida à professora Sibe Biondi Foltran, em 21 de setembro de 2019**, curadora do Centro de Memória da Etec Prof. Camargo Aranha, em São Paulo/SP.

Protagonismo discente e extensão: a trajetória de um aluno do IFSP

Fernanda Ferreira Boschini
Instituto Federal de São Paulo

INTRODUÇÃO

A História do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) como instituição de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) inicia-se em 1909, com a criação da Escola de Aprendizizes Artífices de São Paulo. Ao longo dos anos, a instituição se transformou e se adaptou às diversas mudanças e reformas educacionais que ocorreram no Brasil. Escola Técnica de São Paulo, Escola Técnica Federal de São Paulo (ETFSP) e Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo (CEFET- SP) foram algumas das institucionalidades presentes na trajetória histórica do IFSP.

Em 29 de dezembro de 2008, a partir da Lei nº 11.892, ocorre a criação dos Institutos Federais trazendo o ensino verticalizado baseado no tripé ensino, pesquisa e extensão. A proposta pedagógica dos institutos federais apresenta a formação integral a partir da oferta de Ensino Técnico Integrado ao Médio, Ensino Técnico Concomitante ou Subsequente, Ensino Superior (Tecnologias, Licenciaturas e Bacharelados), além de cursos de pós-graduação *Latu e Strictu Sensu*. No Estado de São Paulo o IFSP possui uma Reitoria, mais 37 campi distribuídos em 37 unidades por todo o estado de São Paulo, em 2022.

A partir de sua criação, o IFSP apresenta como desafio institucional construir uma política que promova a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (IFSP, 2008). Com base neste princípio, as ações de extensão, além de se constituírem pela dialogicidade com a comunidade externa, preveem uma participação discente baseada no protagonismo estudantil, objetivo disposto de forma clara e objetiva em seus documentos institucionais. Segundo o Projeto de Desenvolvimento Institucional vigente do IFSP (PDI 2019–2023), o protagonismo discente somado à relação dialógica com a comunidade externa é uma característica intrínseca à extensão (IFSP, 2019).

No campus São Paulo do IFSP, entre as ações extensionistas já realizadas encontra-se a Semana de Educação, Ciência e Tecnologia, a SEDCITEC. De acordo com o seu sítio eletrônico, de 2022, a SEDCITEC tem como objetivo geral promover a difusão dos conhecimentos em ciência, tecnologia e educação produzidos por docentes, servidores técnicos – administrativos e discentes de dentro e fora da instituição.

Silva, Boschini, Oliveira e Ferreira (2018), apresentam a SEDCITEC como um evento anual que tem como característica divulgar a instituição como referência para a formação de profissionais provenientes dos cursos e áreas de pesquisa do campus, além de outros aspectos abrangidos como ações de formações culturais, artísticas e desportivas promovendo uma relação dialógica entre o IFSP e a comunidade externa.

Concomitantemente ao desenvolvimento da SEDCITEC como ação extensionista e principalmente como projeto de extensão, acredita-se que os percursos educacionais dos alunos do IFSP caminharam juntamente com o projeto. O objetivo desta pesquisa é buscar apresentar o protagonismo discente a partir da trajetória do ex-aluno do campus São Paulo do IFSP, Thiago Luan da Silva Ferreira. A metodologia utilizada é a análise documental e a História Oral.

O INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO E A EXTENSÃO

A partir da criação dos Institutos Federais, foram regulamentadas políticas de extensão de forma autônoma por cada instituição. De acordo com a Portaria nº 2.968 de 24 de agosto de 2015, que aprova o regulamento das ações de extensão do IFSP:

Art.1º Em consonância com a Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), desenvolve atividades de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e segmentos sociais com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos.

§ 1º As ações de extensão são uma via de mão dupla com a sociedade, que proporciona um diálogo entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos tradicionais, enriquecendo o processo educativo e possibilitando a formação de consciência crítica da comunidade interna do IFSP (docentes, discentes e técnico-administrativos), quantos os diversos atores sociais envolvidos.

§ 2º A extensão compreende todas as ações formativas, culturais, artísticas, desportivas, científicas e tecnológicas que promovam uma relação dialógica entre o IFSP e a comunidade externa

§ 3º As ações de extensão devem promover o desenvolvimento sociocultural e regional sustentável como tarefas centrais a serem cumpridas, fundamentadas na diversidade cultural e defesa do meio ambiente e dos direitos humanos.

§ 4º As ações de extensão devem se basear na análise do interesse e no arranjo produtivo local da comunidade na qual cada campus se encontra e serem articuladas com a vocação e qualificação acadêmicas dos docentes, discentes e técnico-administrativos envolvidos (IFSP, 2015).

O IFSP publica anualmente editais específicos para receber propostas de projetos de extensão mediados por servidores docentes ou técnico-administrativos. Além disso, acredita-se que uma das diretrizes principais destes projetos deve ser provocar um impacto significativo na formação do estudante. Ainda de acordo com o PDI de 2019-2023 (IFSP, 2022):

A extensão se materializa por meio de atividades que dialogam com o mundo do trabalho, como o estágio e o acompanhamento de egressos, bem como pela realização de ações de extensão que podem ser classificadas como programas, projetos, cursos de extensão, eventos e prestações de serviço, que incorporem as diretrizes dessa dimensão educativa, destacando o envolvimento da comunidade externa e a participação protagonista de estudantes. (IFSP, 2022)

No IFSP, os projetos de extensão podem ser descritos como atividades interdisciplinares com objetivos, metas e prazos determinados para sua execução, e que podem ocorrer com no mínimo três e no máximo dez meses de execução. Esses projetos devem obrigatoriamente estar articulados entre servidores, docentes e membros da comunidade externa. (IFSP, 2022) Propostos via editais específicos, de fluxo determinado ou contínuo, passam por uma análise da comissão de projetos de extensão da Reitoria ou de cada campus em específico e, caso aprovados, podem ser com fomento (com aplicação de recursos para distribuição de bolsas discentes) ou voluntários (sem remuneração específica).

Anteriormente, ao estabelecimento das políticas de extensão no IFSP, foi regulamentado o Programa Institucional de Bolsas de Extensão em 2013, pela Portaria nº 3639 de 25 de julho. São objetivos do Programa de Bolsas de Extensão:

- I. Viabilizar a participação de discentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, regularmente matriculados nas modalidades de ensino presencial e a distância, dos diferentes níveis, em projetos de extensão, sob a orientação de um servidor (docente ou técnico-administrativo) do quadro do IFSP, com titulação mínima de graduação;
- II. Propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades nas áreas temáticas de extensão, viabilizando a participação em projetos institucionais que estimulem o desenvolvimento

- de ações extensionistas que contribuam para sua formação profissional;
- III. Possibilitar a elaboração de conhecimentos, a partir da articulação entre teoria e prática, na interação com a sociedade, propiciando o desenvolvimento local;
 - IV. Apoiar processos educativos que estimulem a geração de trabalho, renda e emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional. (IFSP, 2013)

O Programa de Bolsas de Extensão visa determinar um valor financeiro para recebimento e uma carga horária específica para os discentes, e surgiu com o objetivo de viabilizar a participação discente em projetos extensionistas, que possam não só contribuir para a formação profissional, mas também “possibilitar a articulação de conhecimentos a partir da articulação entre teoria e prática”. (IFSP, 2013)

O PROJETO DE EXTENSÃO SEMANA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA-SEDCITEC

Entre os anos de 2016 e 2018, foi apresentado no campus São Paulo o projeto de extensão da Semana de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, a SEDCITEC. O projeto SEDCITEC se caracteriza como um evento realizado em formato de feira científica, porém com uma extensa programação extensionista, contendo atividades artísticas, culturais, científicas e tecnológicas. Entre os objetivos do projeto estavam o planejamento, a organização, o desenvolvimento e a realização do evento em uma perspectiva de autonomia e emancipação. (SILVA; BOSCHINI; ARRUDA, 2018) Acredita-se que durante os anos analisados do projeto, a participação discente se deu de forma expressiva, permanecendo presente no cotidiano institucional dos discentes da instituição, pois entende-se que projeto de extensão SEDCITEC atuou de forma contínua e interdisciplinar com os departamentos de ensino e pesquisa do campus São Paulo do IFSP.

Dentro da comunidade escolar, sabe-se que há registros sobre o acontecimento de feiras de ciência na instituição há muito tempo. Falcão Sobrinho et al (2014) diz que:

Percebe-se, ainda, que as feiras de ciências e mostras científicas, por meio das pesquisas desenvolvidas e da prática da extensão, na apresentação de seus trabalhos, envolvendo alunos de graduação e da educação básica, despertam neles a vocação científica, mediante participação em pesquisa, e sob a orientação de profissional qualificado. A iniciação científica é um instrumento que

permite introduzir os alunos na pesquisa científica. É pautada em bases teóricas e metodológicas para a realização de um projeto de iniciativa pessoal ou coletiva (FALCÃO SOBRINHO et al, 2014).

Falcão Sobrinho e Falcão (2015) ainda dizem que: “As feiras de ciências utilizam instrumentos que despertam a curiosidade e o interesse dos alunos, permitindo a troca e à amplificação da aprendizagem” (p.75-76). No campus São Paulo do IFSP, a SEDCITEC por muitos anos se fez conhecida como um projeto “guarda-chuva”, principalmente por sua especificidade em abarcar diversas propostas formativas.

Dentro da estrutura do projeto de extensão SEDCITEC, considera-se que fica clara a proposta de uma feira de ciência e tecnologia estruturada e organizada por alunos, com vistas a promover e disseminar o protagonismo discente, ao intentar que eles possam verificar, a partir das atividades executadas, uma significativa autonomia no processo de ensino e aprendizagem. De fato, entende-se que objetivo da SEDCITEC está não só de acordo com a proposta político pedagógica dos Institutos Federais, mas também com as políticas e regulamentações extensionistas do IFSP.

Para esta pesquisa, determinamos o recorte temporal de 2014 a 2018. Em parte deste período, ocorreu o Projeto de Extensão SEDCITEC, com duração aproximada de 10 (dez) meses e com a média de 10 (dez) bolsistas de extensão e 10 (dez) voluntários a cada ano, provenientes dos cursos técnicos e superiores do campus São Paulo do IFSP. Dentro deste recorte temporal, está a participação do ex-aluno Thiago Luan da Silva Ferreira.

ENTREVISTA COM O EX-ALUNO THIAGO LUAN DA SILVA FERREIRA

O presente artigo tem como objetivo relatar a trajetória do ex-aluno do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas, Thiago Luan da Silva Ferreira, que foi bolsista de extensão do projeto SEDCITEC no recorte temporal aqui apresentado de 2016 a 2018. Intenta-se, a partir da metodologia da história oral apresentada por Carvalho e Ribeiro (2013), entender de que forma se desenvolveu o protagonismo discente nas atividades desenvolvidas durante sua participação no projeto de extensão. Foi realizada uma entrevista de forma remota no campus São Paulo do IFSP, em que o ex-aluno relatou suas vivências e saberes construídos a partir do resgate de suas memórias e de materiais gráficos produzidos por ele e preservados em seu acervo pessoal. Além disso, buscou-se verificar quais os desdobramentos que a participação do projeto ocasionou em sua vida pessoal e profissional.

A entrevista com Thiago Luan da Silva Ferreira (Figura 1) foi realizada no dia 28 de agosto de 2022. No início, foi solicitado ao entrevistado que relatasse sua trajetória de vida.



Figura 1 – Thiago Luan da Silva Ferreira, ex-aluno do IFSP, campus São Paulo.
Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.

Thiago Luan diz que atualmente tem 30 anos e é natural de Presidente Prudente, no estado de São Paulo. Se mudou para São Paulo aos 08 anos e diz que realizou toda a sua formação acadêmica em escolas públicas. Ele relata que chegou a prestar e passar no vestibular de Medicina na Escola de Medicina de Ribeirão Preto, mas que não fez a matrícula, pois teve uma breve passagem pelo serviço militar obrigatório. Diz também que já tinha feito outros cursos técnicos, inclusive no Centro Paula Souza. Após este período, chega ao IFSP em 2012 para realizar o curso Técnico em Edificações. Após este período, praticamente ao final do curso técnico, ingressa no curso Superior de Licenciatura em Ciências Biológicas, onde permanece até a conclusão do seu curso.

Entre 2012 e 2019, Thiago Luan afirma que permaneceu no campus São Paulo do IFSP e, neste período, desenvolveu uma trajetória institucional que ele considera intensa:

[...] Minha relação com o IF foi sempre uma coisa muito próxima [...]. Eu tive todas as experiências que alguém pode ter [...]. Quer dizer, só não fui atleta [...] Todas as oportunidades que eu pude participar no instituto eu aproveitei.”

(FERREIRA, 2022)

Thiago Luan relata que foi presidente do Centro Acadêmico de Ciências Biológicas, participou como membro discente do Colegiado do Curso de Ciências Biológicas, foi membro discente do Conselho Superior, o CONSUP – órgão colegiado que tem por “finalidade analisar e regular as diretrizes de atuação do Instituto Federal de São Paulo” (IFSP, 2022), participou da

comissão do PDI de 2014-2018, e da comissão organizadora da SEDCITEC. Durante o mesmo período, foi bolsista de extensão e voluntário de alguns projetos, incluindo o projeto de extensão SEDCITEC.

Durante sua participação no projeto, ele diz que gostava muito de utilizar programas com funções de design gráfico e já realizava trabalhos nesta área, incluindo outras atividades:

No evento geral eu trabalhei fazendo a parte de organização, divulgação, preparação dos voluntários, criação de documentos, criação de artes, parcerias, cuidando das redes sociais, fiz de tudo um pouco. Cheguei a dar um curso junto com a extensão... Desenvolvimento de Projetos Científicos, um viés da SEDCITEC, para ensinar pessoas a realizarem estes eventos em escolas... Acho que é isso... fiz bastante coisa... Então eu tive a oportunidade de experimentar todos os vieses [...]. Tinha contato desde o aluno até o Reitor...então foi uma relação muito enriquecedora. Inclusive meu TCC foi sobre a SEDCITEC...Sobre a importância da SEDCITEC para a formação dos alunos de Ciências Biológicas” (FERREIRA, 2022)

Na entrevista, pode-se perguntar ao ex-aluno sobre o acervo de materiais gráficos e de divulgação que foram produzidos por ele durante sua permanência na instituição.

Eu fiz logomarcas para o centro Acadêmico, para a Comunicação Social, eu fiz logo para a Diretoria de Pesquisa e Extensão, para a Semana de Tecnologia Júnior, para o Hotel de Projetos, para eventos específicos, fiz artes para serem divulgadas dentro e fora do instituto, fiz artes para sites [...] Eu tive a oportunidade de demonstrar o meu trabalho e aprender um pouco mais fazendo estas coisas... Porque quando eu comecei a fazer meus primeiros desenhos eu era muito inseguro... Me perguntava: Será que está bom? Mas depois de um tempo você consegue até direcionar outras pessoas [...]. (FERREIRA, 2022)

Em 2022, diversas criações gráficas ainda estão sendo utilizadas e podem ser vistas no campus São Paulo do IFSP, assim como outras que estão guardadas em seu acervo institucional. Concomitantemente à entrevista, o ex-aluno Thiago Luan enviou algumas fotografias de seu acervo pessoal que foram produzidas por ele entre 2014 e 2019. Entre elas, algumas estão apresentadas neste trabalho. (Figuras 2 a 12)



Figuras 2, 3 e 4 – Material gráfico de divulgação produzido para a SEDCITEC entre 2014 e 2018.

Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.

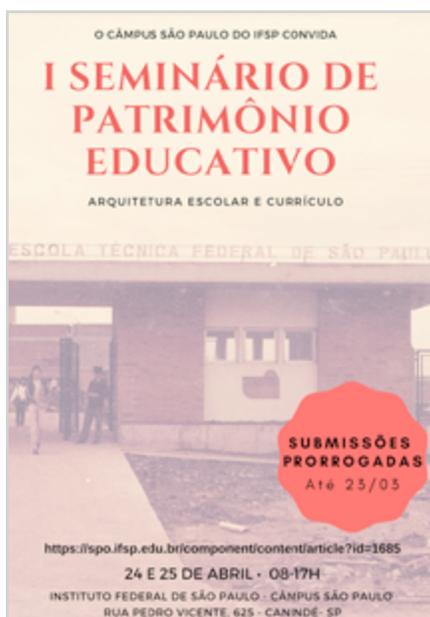


Figuras 5 e 6 – Material gráfico de divulgação para a o projeto de extensão SEDCITEC, em 2018.

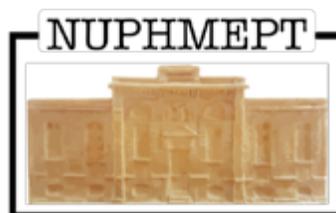
Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.



*Figuras 7 e 8 – Material gráfico de divulgação para eventos diversos no IFSP, entre 2014 e 2018.
Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.*



*Figuras 9 e 10 – Material gráfico de divulgação para eventos de História e Memória da Educação Profissional no IFSP, câmpus São Paulo.
Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.*



NÚCLEO DE PESQUISA DA HISTÓRIA E MEMÓRIA
DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Figuras 11 e 12 – Logomarca do Centro de memória do IFSP e do Grupo de Pesquisa em História e Memória da EPT do IFSP, câmpus São Paulo.

Fonte: Arquivo pessoal de Thiago Luan da Silva Ferreira, em 2022.

O entrevistado Thiago Luan fez questão de explicar quais foram os desdobramentos que as atividades extensionistas trouxeram para sua trajetória acadêmica e pessoal:

[...] Acredito que estas experiências foram algo que me fizeram chegar hoje...na minha segunda formação. Então hoje eu faço marketing, eu tive a oportunidade de conhecer e desenvolver este meu viés para o marketing dentro das experiências que eu tive no Instituto Federal. Foi a partir daí que eu vi que gostava disso, de desenvolver artes, eu gosto de fazer produtos gráficos, gerir equipes, fazer eventos. Então eu descobri isso através de coisas que eu experienciava dentro da “Federal”. (FERREIRA, 2022)

Thiago Luan finaliza sua fala dizendo que, após a conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, continuou realizando projetos gráficos e trabalhos de marketing, sendo alguns de divulgação internacional. Diz também que pretende continuar atuando nas duas áreas. A partir de suas considerações, pode-se verificar a afirmação do entrevistado de que foi a partir da participação nas ações de extensão no IFSP, que ele teve a oportunidade de desenvolver um trabalho, que sempre gostou de fazer, como o desenvolvimento de artes gráficas. Além disso, verificou que gostava muito de realizar eventos, gerenciar equipes e que descobriu isso durante experimentações no decorrer da sua trajetória na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrevistado Thiago Luan se formou no curso Superior de Licenciatura em Ciências Biológicas no final de 2019 e, no semestre seguinte, iniciou o curso Superior de Tecnologia em Marketing na Faculdade de Tecnologia SEBRAE (Fatec SEBRAE), do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps), outra importante instituição de EPT.

Em 2021, se torna professor na Rede Estadual de Educação Paulista, na Escola Estadual (E. E.) Leônidas Paiva, localizada na Zona Norte de São Paulo, e que faz parte do Programa de Ensino Integral (PEI) e oferta Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Em 2022, propõe na sua escola um projeto de feira de ciência e tecnologia intitulado “o que tem na minha PEI?”, inspirado nos conhecimentos e saberes adquiridos em suas vivências extensionistas obtidas no IFSP. Em sua fala, Thiago Luan deixa claro a importância da instituição tem na sua história de vida:

Eu tenho um sentimento de gratidão [...]. Sou muito grato ao Instituto Federal [...] Eu acho que tenho a “Federal” como a minha família né, foi um tempo muito grande em que eu passei aí [...] Eu até demorei bastante tempo para me formar na graduação porque neste meio tempo eu tive dúvidas se era isso mesmo que eu queria [...] Mas eu sempre tenho a Federal como um momento muito bom da minha vida, porque foi um momento q eu tive oportunidade de experimentar [...] Não fui só eu que passei pela “ Federal”, a “ Federal” também passou por mim, pois ela fez parte de alguns momentos muito importantes da minha vida, né quando a minha mãe morreu, eu tive as pessoas da Federal, os projetos, as coisas que eu tocava, e o curso, os projetos, as comissões, tudo isso esteve vinculado a momentos importantes da minha vida [...] tenho a “Federal” na minha maior estima, pois é parte da minha vida [...]. (FERREIRA, 2022)

Para ele, ingressar no curso de Tecnologia em Marketing o permite oficializar e se especializar em um tipo de trabalho, que ele já desenvolvia antes, em uma perspectiva extraclasse. Hoje, em sua inserção na Rede Estadual de Educação, Thiago Luan acredita que consegue aplicar muitos dos aprendizados que desenvolveu nas atividades extensionistas, segundo ele “casando” os conhecimentos de marketing no desenvolvimento de projetos dentro da escola em que atua. Em uma de suas falas mais importantes ele mostra que busca valorizar o protagonismo discente, assim como aconteceu com ele no IFSP, fato que o permitiu desenvolver habilidades diversas. Sendo assim, é possível afirmar que:

O protagonismo discente possibilita o desenvolvimento da autonomia do pensar e agir, estimulando a busca de conhecimentos de forma independente e a realização de práticas inovadoras, cabendo ao professor fazer a mediação do processo de ensino e aprendizagem. Da mesma forma, o protagonismo estudantil contribui para aulas dinâmicas e divertidas, ampliando a participação e o espaço da criatividade, favorecendo a formação de um sujeito crítico e inovador. (OLIVEIRA, 2020)

Ele diz que hoje, em uma perspectiva pandêmica e no dia a dia da escola pública, estes conhecimentos adquiridos foram muito importantes (educação, marketing, tecnologia e empreendedorismo) e ele os utiliza na busca de uma educação que possa transformar a realidade de seus alunos. Está cursando também, em 2022, um Programa de Pós-Graduação em Educação e Gestão Digital.

A partir os relatos do Thiago Luan sobre sua trajetória acadêmica e profissional e a análise dos documentos institucionais, pode-se verificar o cumprimento do papel das políticas de extensão do IFSP, incluindo suas regulamentações de projetos e bolsas de extensão. Ao longo da narrativa presente na entrevista, pode-se afirmar que fica visível o impacto significativo que a participação do ex-aluno nas ações institucionais e extensionistas trouxe para o seu percurso formativo e sua trajetória de vida.

Eu acho que uma das coisas que eu aprendi bastante com a “Federal” foi estar todo momento no tripé ensino, pesquisa e extensão e que uma coisa não funciona sem a outra. O Ensino não funciona sem pesquisa, porque senão ficamos obsoletos. E a extensão, ela tem que acontecer porque senão ficamos somente no nosso mundo. A gente faz pesquisa, só que não divulga [...] a “Federal” acho que abriu muito a minha mente para isso... para que a gente consiga atender a todos e que todo mundo tenha a possibilidade de fazer isso [...] eu sou prova disso [...] e para mim a extensão tem um papel social [...] levar o conhecimento para quem precisa e vai se beneficiar com isso. (FERREIRA, 2022)

O IFSP, ao estimular o protagonismo discente, permitiu ao aluno desenvolver práticas que lhe proporcionaram desenvolver projetos institucionais, que propiciaram uma articulação com o mundo do trabalho e que estão diretamente ligadas as atividades laborais que o ex-aluno exerce atualmente.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2013. Disponível em: http://www.memorias.cpsctec.com.br/pub_livros.php Acesso em: 24 nov. 2022.

FALCAO SOBRINHO, J.; COSTA FALCAO, C. L.; ALMEIDA, E. F. Feira de ciências e mostras científicas: uma iniciação à pesquisa científica. **Revista Essentia**, Sobral, v. 15, n. 2, 2014.

FALCAO SOBRINHO, J. FALCAO, C.L.C. Feira de Ciências: Diálogos entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista Em Extensão, Uberlândia**, v.14, n.2, p.74-103, jul/dez, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/30363/pdf> Acesso em: 24 nov. 2022.

FERREIRA, Thiago Luan da Silva. **Entrevista de História Oral concedida a Fernanda Ferreira Boschini, em 28 de agosto de 2022**. São Paulo/SP.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2023)**. Disponível em: https://www.ifsp.edu.br/images/pdf/PDI1923/PDI-2019-2023_Aprovado-CONSUP-12.03.2019-valendo.pdf. Acesso em: 24 nov. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Portaria nº 2.968 de 24 de agosto de 2015**. Aprova o regulamento das ações de extensão no IFSP. Disponível em: https://www.ifsp.edu.br/images/prx/NormasManuais/2015_Portaria_2968_Regulamenta_as_aes_de_extenso.pdf Acesso em: 24 nov. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Portaria nº 3.639 de 25 de julho de 2013**. Regulamento do programa de Bolsas de Extensão para Alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Disponível em: https://ifsp.edu.br/images/prx/NormasManuais/Portaria_3639_2013_-_Bolsa_Extensao.pdf Acesso em: 24 nov. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Sítio eletrônico institucional**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://spo.ifsp.edu.br/> Acesso em: 24 nov. 2022.

OLIVEIRA, S.S.A. Protagonismo Discente: uma prática desafiadora e inovadora na educação básica de um colégio no recôncavo baiano. **Anais do XXV EPEN- Reunião Científica Regional do Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação** na Faculdade de Educação da UFBA entre 4 e 7 de novembro de 2020. Disponível em: http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/20/7007-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf Acesso em: 24 nov. 2022.

SILVA, C.G.M.; BOSCHINI, F.F.; OLIVEIRA, J.G.; FERREIRA; T.L.S. O projeto SEDCITEC 2017 como difusor de ações de ciência e tecnologia no Instituto Federal de São Paulo- campus São Paulo. **Anais do 8º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, realizado em Natal/RN, entre 28 e 30 de junho de 2018. Disponível em: <https://sigeventos.ufrn.br/evento/CBEU2018/documentos/view> Acesso em: 24 nov. 2022.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Memória institucional: o trabalho como elo de identidade e pertencimento. **RETC- Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura**. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí. 13 ed.out.2013. p.16-23. Disponível em: <https://retc.fatecjd.edu.br/edicoesretc/13ed.pdf> Acesso em: 24 nov. 2022.

SILVA, C.G.M.; BOSCHINI, F.F.; ARRUDA, T.C.E. A SEDCITEC 2016 como ação de extensão e cultura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo- campus São Paulo. In: FREIRE, E.; VERONA, J.A.; BATISTA, S.S.S. **Educação Profissional e Tecnológica: extensão e cultura**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2018.

As narrativas como possibilidade de apropriações de um contexto histórico e de práticas educacionais

**Rosemeiry de Castro Prado.
Eunice Corrêa Sanches Belloti.
Elaine Pasqualini
Faculdade de Tecnologia de Ourinhos**

INTRODUÇÃO

A palavra técnica vem do grego *techné*, que significa “arte ou ciência” ou, muitas vezes, designa a técnica do fazer, muito presente na Grécia antiga, Roma e Idade Média, atribuída aos mestres que conheciam a totalidade de um determinado processo e o transmitiam a seus aprendizes. (BATISTA; FREIRE, 2015)

Contudo, nem sempre o ensino técnico e tecnológico foi pensado como uma educação que contempla ao mesmo tempo princípios científicos e tecnológicos. O ensino técnico seria destinado a uma educação relacionada a uma profissionalização que formava trabalhadores ligados ao “saber-fazer”, a trabalhadores que apenas executavam tarefas, enquanto a formação tecnológica, de forma mais ampla, envolveria uma formação intelectual, cultural, científica e técnica, ligada a uma compreensão histórica do desenvolvimento tecnológico e, em oposição à técnica, vinculada ao treinamento. (DURÃES, 2009)

No que se refere, atualmente, às terminologias entre cursos técnicos e tecnológicos, os primeiros são considerados programas de nível médio com o propósito de capacitar o aluno proporcionando conhecimentos teóricos e práticos nas diversas atividades do setor produtivo; quanto aos cursos tecnológicos, classificam-se como de nível superior e, em ambos, percebe-se um discurso oficial da legislação e das regulamentações que organizam os Cursos de Tecnologia de modo a direcioná-los não só para o desenvolvimento de habilidades, de capacitação e de formação do egresso para uma área específica do mercado de trabalho, mas trata-os como uma possibilidade de visão ampla das consequências que o processo produtivo e a utilização de tecnologias podem provocar no meio ambiente, no meio social, no planeta, proporcionando um discurso que se distancia das reais condições de implantação e funcionamento dos cursos mencionados, como, por exemplo, a formação dos professores que atuam em tais instituições. (FERREIRA, 2013)

Logo, a educação tecnológica estaria preocupada com a formação global do estudante, possibilitando que ele desenvolva habilidades, tomada de decisão, uso de raciocínio crítico diante das situações políticas, sociais e humanas (DURÃES, 2009). Ainda em relação às diferenças entre “ensino técnico” e “educação tecnológica”, Coelho (1997) destaca que:

O conceito de educação tecnológica possui uma abrangência maior, implicando uma formação que prevê o desenvolvimento integral do trabalhador, de suas amplas habilidades cognitivas – que incluem, mas ultrapassam a assimilação de informações técnicas, enfatizando o domínio dos fundamentos científicos subjacentes ao saber fazer, de suas habilidades sócio-afetivas, de sua ética e de uma reflexão sobre valores que incluam o estudo crítico do contexto sócio-político e econômico em que a ciência e a tecnologia são produzidas, disseminadas e aplicadas. (COELHO, 1997, p.52)

O debate relativo ao uso dessas expressões chama à cena diferentes concepções, de ordem pedagógica e/ou legal, atribuindo-lhes uma multiplicidade de significados, como o de um modelo formativo necessário para a transformação da atual sociedade. Neste sentido, para Araújo (2004):

[...] a educação técnica e tecnológica deve garantir a aquisição dos princípios científicos subjacentes a cada tecnologia aplicada nos diferentes processos produtivos, o uso e a introdução das inovações tecnológicas na gestão da produção de bens e serviços e a compreensão das relações sociais no campo do trabalho e na sociedade. Nessa perspectiva, torna-se imperativa uma fina sintonia da educação profissional com o mundo do trabalho, não só para a atualização de conteúdos, mas, principalmente, para a detecção de problemas nos processos produtivos e no planejamento de soluções, ponto central na construção da capacidade empreendedora do profissional. As Escolas Técnicas não podem se restringir ao ensino de disciplinas isoladas entre si e do contexto de aplicação de seus conceitos. Esse modelo de formação não mais atende às expectativas de seus alunos nem às novas formas de trabalho. É necessário conjugar a teoria com a prática e integrar, ao longo do curso, ciência, tecnologia e trabalho. (ARAÚJO, 2004, p.1)

Percebe-se que muitos ainda são os desafios da educação profissional no Brasil como, por exemplo, a questão do dualismo entre as modalidades de ensino existentes, que de certo modo perpetuam e cristalizam diferenças sociais arraigadas nos diferentes tipos de formação educacional.

Nesse sentido, compartilhamos do pensamento de Gramsci (2000) que afirma que “não deveríamos hierarquizar os tipos de escolas profissional, mas, sim, criar um tipo único de escola preparatória que proporcione uma formação profissional de sujeitos capazes de pensar, de estudar, de dirigir, ou de controlar quem dirige”. (GRAMSCI, 1979, p. 49)

Para além do debate entre as concepções e percepções acerca das diferentes modalidades de ensino, este trabalho traz à luz duas narrativas de professores de Matemática da Fatec Ourinhos, que iniciaram na docência desde a criação da instituição, ainda como extensão de campus da Fatec São Paulo, ainda permanecendo em sala de aula. Mas o que esperar dessas narrativas? Elas aparecem como pontas de icebergs para uma análise que dialoga com outras fontes e que podem constituir uma história plausível, colaborando com a história da instituição escolar.

AS NARRATIVAS E SUAS INTENÇÕES

As narrativas, como as compreendemos, são modos de apreendermos aspectos do mundo considerando diferentes atores sociais com os quais, de algum modo, interagimos. Trata-se de compreender algo num esforço de olhar com os olhos do outro. Ainda que, no limite, seja impossível “olhar com os olhos do outro” ou “compreender plenamente o que o outro diz” ou, ainda, “que o relato de experiências vividas transmita ao outro as experiências como elas foram vividas”, esse esforço de considerar que o outro, que vive certa experiência, nos relata sobre o que viveu e como aquilo foi vivido, frutifica em compreensões que nos são vitais.

Nosso pano de fundo para a criação de uma breve história da Fatec Ourinhos e de algumas práticas de ensino de Matemática nessa faculdade, aconteceram mediante os depoimentos dos Professores Paulo Henrique Chixaro e Sidney Ferrari.

Uma sistematização dessas informações com os nomes, datas e lugares das entrevistas está registrada no Quadro 1.

Os professores fazem parte do quadro docente da mesma faculdade a qual pertencem as autoras desta pesquisa e puderam contribuir com os objetivos propostos.

Quadro 1 – Relação das entrevistas realizadas com professores de ensino de Matemática.

ENTREVISTADO	DATA	DURAÇÃO	LOCAL
Paulo Henriques Chixaro Mestre em Engenharia Naval e Oceânica pela USP, no ano de 2003. Atualmente é professor da Fatec Ourinhos, SP.	16/03/2016	57min13s	Ourinhos
Sidney Carlos Ferrari Doutor em Engenharia de Produção, pela UFScar, em São Carlos, interior de São Paulo (2016).	16/09/2016	33min36s	Ourinhos

Fonte: autoras, em 2022.

PAULO HENRIQUES CHIXARO, UM PROFESSOR MANAUARA

A seguir, um excerto da entrevista do professor Chixaro:

Nasci em Manaus, Amazonas, em 29 de janeiro de 1951. De lá, vim para São Paulo, com oito anos de idade. Na época, era difícil e raro frequentar um curso de graduação. O máximo que tínhamos era um curso de Direito e as famílias migravam muito por conta do estudo de seus filhos. Nós viemos para São Paulo e nunca mais voltei. Fiquei na capital durante 27 anos, morei em Bauru durante quatro anos e, em Ourinhos, estou há aproximadamente 25 anos. Prestei vestibular na época, em 1969, para Engenharia Eletrônica e para Matemática. A engenharia, eu fazia na FEI³⁷, que na época acho que era da PUC e estava começando em São Bernardo. Na realidade, ela ainda não estava, pois não tinha se mudado totalmente para São Bernardo, mas de qualquer forma, como calouro em 1969, já ia até São Bernardo. Isso era um desgaste porque era uma longa viagem de ônibus. A Matemática, eu fazia na faculdade Oswaldo Cruz³⁸. Mas, eu não aguentei. Tive que abandonar uma das faculdades, optando por Matemática, uma vez que percebi que o curso de engenharia não era exatamente o que eu pensava e esperava, já que tinha outra ideia de engenha-

37 Fundação Educacional Inaciana, de São Bernardo do Campo, São Paulo.

38 Faculdade Oswaldo Cruz, São Paulo..

ria: minha expectativa era que fosse mais prática e menos teórica. Estava frequentando o segundo ano da faculdade de Matemática, quando prestei concurso para uma vaga de professor num cursinho. Paralelamente, eu sempre tinha outras atividades, como trabalhar com informática, que foi se concretizando na minha vida, foi se tornando prioritária, mais importante. Eu abandonei o cursinho numa época em que eu tinha mais responsabilidades, mas o abandonar era sinônimo de diminuir a carga horária, já que eu tinha uma aula, por exemplo, de final de semana, ou então eu dava um cursinho de férias. Assim, eu nunca parei de dar aulas. Quando eu abandonei a informática, quer dizer, eu me cansei porque era muito desgastante e despendia de muita responsabilidade gerenciar a área de tecnologia, eu resolvi prestar um concurso na Fatec, para me firmar definitivamente como professor. Fui aprovado nesse concurso. Isso foi em 1986, mas não foi esta data que marcou o meu contato com a instituição. O concurso que eu prestei, na realidade, foi para a área de informática. Não foi para a Matemática. E foi para a área de informática, por quê? Porque a demanda por informática era muito grande na época e eram poucos os profissionais que atuavam no mercado, não havendo a necessidade de ser formado em informática, ou seja, ter um diploma na área. Futuramente, como a disciplina Entrada de Dados veio a se extinguir, fui migrando e numa das migrações fui para a Matemática. Isso foi na Fatec São Paulo, porque, quando eu vim para Ourinhos, eu já dava aula de Informática e de Matemática, as duas disciplinas. Eu cheguei à Fatec em 1986 e o meu regime de contratação foi por concurso e tempo indeterminado. É o contrato que eu tenho até hoje. Como eu já disse, em 1986 eu comecei na Fatec São Paulo como professor, depois, em 1988, tomei conhecimento, por meio de um informativo, sobre a possibilidade de uma bolsa para passar um ano na Alemanha, numa Fachhochschule³⁹ alemã. Nós ficamos lá um ano... E quando eu voltei, o superintendente da época, o professor Oduvaldo⁴⁰, me falou que estava criando o campus de Ourinhos e ninguém estava querendo ir para a cidade como diretor, porque era distante uns 400 km de São Paulo, a Fatec mais próxima de Ourinhos era em Jaú, também no início, uma Fatec recém-criada e o pessoal achava muito distante, muito... Aliás, teve até muita pressão para que não se abrisse a

39 As Fachhochschulen (FHs) alemãs representam uma das modalidades de ensino superior na Alemanha. O ensino nas FHs costuma ser mais direcionado à prática e menos teórico, sendo que o estudo dos fundamentos matemáticos ou científicos contemplados representam uma proposta diferenciada e mais restrito em relação aos outros currículos, valorizando-se as práticas em laboratório (CAPDEVILLE, 1994).

40 Oduvaldo Vendrameto, diretor superintendente do CEETEPS (1987-1990).

Fatec Ourinhos, porque diziam que seria uma loucura, seria melhor fazer uma segunda Fatec em São Paulo. Ele me acompanhou até a cidade e me apresentou ao prefeito. Isso foi em 1991 e, no mesmo ano, mudei-me para Ourinhos, em agosto. Fiquei com a minha esposa e com meu filho que tinha quase oito anos de idade, morando num hotel, porque ainda não tínhamos muita certeza se iríamos nos acostumar. Ficamos aquele semestre inteiro e quando o ano terminou, o prédio da Fatec estava bem avançado, com 70% da construção pronta, e decidimos que ficaríamos na cidade. Alugamos uma casa e, em 1992, estabelecemo-nos ali. As aulas na Fatec Ourinhos começaram em 1992. Não começaram aqui na Fatec porque o prédio não ficou pronto. Nós tivemos que começar as aulas porque o vestibular já havia sido realizado. Foram 880 candidatos para 40 vagas. Olha a quantidade de alunos! Era extremamente concorrido. Mas, o curso começou, aliás, desculpa, foi para 80 vagas, tinha 40 vagas de manhã e 40 vagas à noite e eram 10 candidatos para uma vaga. Tivemos que começar a Fatec na cidade, numa escola pública, uma escola que era da prefeitura, uma vez que eles nos cederam algumas salas. Mas, como os alunos tinham informática desde o primeiro ano, desde a entrada, tivemos que preparar um laboratório. Quanto ao ingresso do professor na Fatec, se for para uma determinada especificidade, para uma disciplina técnica, ainda é aceitável uma boa experiência na área, sem precisar o candidato ser mestre ou doutor, já que para as disciplinas chamadas técnicas/tecnológicas, por exemplo, pode ser muito difícil ter professoras e professores com qualificação. No entanto, para a área de Matemática passou a ser exigido no mínimo mestrado. Veja, a Matemática deveria ser uma ferramenta dos cursos de tecnologia... Ela é uma ferramenta. Só que o que aconteceu com essa ferramenta? Antigamente, quando eu comecei a dar aula na Fatec, havia uma caixa de ferramentas que o aluno recebia e nessa caixa de ferramenta tinha 40 modelos de alicates, 50 modelos de chave de fenda. Hoje, a caixa de ferramenta que ele recebe tem uma chave de fenda e se mudar o tamanho do parafuso ele já não pode mais usar aquela chave, tem um alicate que é capaz de quebrar se apertá-lo muito forte.

Fonte: autoras, em 2022.

Na decisão por desistir da Engenharia e optar pela Matemática, segundo o professor, além de ter que trabalhar para se sustentar, pesou também o fato de ter se decepcionado com a estrutura do curso de Engenharia, pois almejava um curso que fosse mais prático e menos teórico. Esses aponta-

mentos sobre teoria e prática, sobre pesquisa científica e tecnológica, sobre ciência e técnica parecem estar relacionados à já conhecida dicotomia entre reflexão e ação. No caso do conjunto dos depoimentos que temos como ponto de partida, é notável como o pensamento pragmático – segundo nosso olhar – marca as práticas das faculdades.

Narra o professor Chixaro que sua chegada à Fatec São Paulo se deu num momento em que decidira abandonar a área de Informática por ser muito desgastante.

Dentre outros elementos, a narrativa do professor Paulo Chixaro nos ajuda a compreender, reiterando outros discursos e fontes, que o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza nasceu num momento em que se exigia uma ampla “tecnificação” do ensino superior, apoiada na valorização entre ciência, tecnologia, instrumentalidade empresarial e estado tecnocrático e, portanto, acabou por justificar a contratação dos docentes por meio da prática e técnica do professor.

Vale destacar que, além disso, o panorama político-institucional que permeou a criação e instalação do Centro e, conseqüentemente, das Faculdades de Tecnologia do país se revela a partir de três eixos principais: a ditadura implantada em 1964, declarada de forma evidente pela publicação do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, no governo do general Costa e Silva, comprometendo durante dez anos a liberdade do povo brasileiro; a Teoria do Capital Humano⁴¹, como agente racionalizador de todas as formas de organização social e a reforma universitária de 1968.

PROFESSOR SIDNEY FERRARI, O PIONEIRO

A seguir, um excerto da entrevista do professor Sidney:

O interessante é que quando eu fui chamado para fazer a escolha em São Paulo eu precisei abrir o mapa para poder descobrir que não tinha mais vaga em lugar nenhum conhecido, só aparecia Ipaussu ou Ocaçu e eu não sabia nem onde era o local das cidades e então, pela legenda, pelas bolinhas do mapa, eu vi e comecei a compará-las pelo tamanho e escolhi a maior. Fui para Ipaussu porque Ourinhos não tinha mais. Assim, comecei na escola estadual de segundo grau na época, Pedro Leme Brisolla Sobrinho, em Ipaussu, ficando por lá de 1980 até 1988. Dei aula em outras escolas da cidade, até outras escolas do estado, e depois tive a chance de vir para Ourinhos por meio de uma remoção e fui me

41 Sob a predominância desta visão tecnicista, passou-se a disseminar a ideia de que a educação é o pressuposto do desenvolvimento econômico, bem como do desenvolvimento do indivíduo, que, ao educar-se, estaria “valorizando” a si próprio, na mesma lógica em que se valoriza o capital. (MINTO, 2006).

agrupando com os outros níveis de ensino pelos quais passei, surgindo logo a oportunidade para trabalhar na FIO⁴². Vieram também os cursinhos, era a época do boom dos cursinhos, e veio para cá o cursinho Anglo⁴³ e eu comecei com eles, aliás, eles começaram comigo. Fiquei muito tempo no Anglo, na FIO e, em 1992, deu certo da Fatec se instalar no município. Prestei o concurso na faculdade, passei, fui o primeiro professor contratado, tendo a chance de ser o primeiro professor a pisar na sala de aula, também, na Fatec Ourinhos. Dei a primeira aula, mas não era aula inaugural, era a primeira aula de verdade, para valer. Foi numa segunda-feira, às 13h30 da tarde. A disciplina era a Matemática 1, que hoje é o nosso Cálculo Diferencial e Integral. Tinha Matemática 1, Matemática 2, que correspondem aos atuais Cálculo Diferencial 1 e Cálculo Diferencial 2. Depois tinha outro cálculo, o Numérico, além da Pesquisa Operacional e da Estatística, mais adiante do curso. O concurso para professor naquela época já era obrigatório. Tinha a figura do professor contratado por meio de concurso, mas no mesmo estilo de hoje, pela CLT, por hora aula, e não existiam as jornadas de dedicação exclusiva. Mas não tínhamos uma quantidade suficiente de aula para poder entrar em jornada e tínhamos que esperar. Fui contratado dessa forma, sendo o regime em que estou até hoje na Fatec Ourinhos. Comecei a dar aula na Fatec em duas turmas. Uma turma à tarde e uma turma à noite, no antigo PD, curso de Processamento de Dados, no primeiro ano e com a disciplina de Cálculo. Existia na época também outra disciplina, a de Fundamentos de Matemática, que era uma revisão do ensino médio. Não me lembro se eu dava aula sobre isso também. Acho que sim. Acho que sim porque o outro professor, o que entrou no segundo semestre, dava a Matemática 2, com seis aulas por semana, não com o máximo de quatro aulas como é hoje, eram seis aulas semanais. E ao longo desse período na Fatec já são vinte e quatro anos que estou lecionando, pois entrei em 1992. A Fatec Ourinhos foi fundada em 1991, mas as aulas começaram em 1992. Fiz meu mestrado, terminando-o em 2002, na USP, de São Carlos. Eu já estava na Fatec quando comecei e terminei o mestrado. Também terminei agora o meu doutorado, na UFSCar⁴⁴, de São Carlos. O meu mestrado foi no Instituto de Ciências Matemáticas da Computação, o foco foi na Matemática Aplicada à Computação, a Matemática

42 As Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO), fazem parte da Instituição de Ensino Superior mantida pela Fundação Educacional "Miguel Mofarrej" no interior do estado de São Paulo.

43 Sistema Anglo de Ensino.

44 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), fundada em 1968.

Computacional, em Teoria de Filas⁴⁵. Eu trabalhei com essa teoria. No doutorado continuei trabalhando com a teoria de filas, mas dentro da engenharia de produção. Eu escolhi a Matemática direcionada envolvendo a computação justamente para que eu pudesse ter mais proximidade com o meu trabalho dentro da faculdade de tecnologia. Desde o mestrado, sempre que trabalhamos com a teoria de filas precisamos ter a computação aliada a nosso favor, desenvolvendo os modelos, fazendo os cálculos e isso acabou me prendendo também. A associação com a computação foi me atrelando porque eu estava na Fatec e ouvia falar bastante sobre a computação, embora, na época, não tivesse nenhuma formação computacional, mas aqui com os colegas eu sabia um pouco de cada coisa da área e dos tipos de programação de linguagem. Foi submerso num ambiente de ensino e aprendizagem da computação, tanto no âmbito de trabalho como no da pesquisa, que me identifiquei e me encantei. Acho que foi o casamento perfeito. O Centro não incentivava de nenhuma maneira os seus professores a fazerem cursos de especialização, de mestrado e de doutorado. Foi meramente interesse meu partir para as especializações. O retorno que se tinha era o pessoal, mas, lógico, a titulação ajudou na minha carreira aqui dentro: eu mudei de posição, de nível, de salário, daquela classificação que se tinha antigamente, ajudando-me nesse sentido, mas não existe nenhum incentivo à pesquisa. Não existe. Não há o incentivo que é dado nas universidades para a pesquisa científica, como o afastamento para os professores que optam por fazer um curso de mestrado e de doutorado. Tive muitos colegas em universidades que se afastaram para fazer curso de pós-graduação. Aqui nós não tivemos. Não tem. Não tive e sei que não tem até hoje. Eu não sei se existe algum motivo para essa falta de incentivo. Eu penso que isso acontece por se tratar de uma faculdade de tecnologia, mais voltada para o mercado de trabalho. Bom, depois dessa Matemática 1 e a Matemática 2 que se perderam por aí e até se extinguiram, não teve mais o curso de PD, vieram outros, na vertente da análise de sistemas. Durante muito tempo trabalhei com a Estatística na época em que existia um curso mais abrangente chamado ASTI – Análise de

45 Com o desenvolvimento industrial, o crescimento das empresas e a necessidade de racionalização há uma tendência à procura dos conceitos e métodos da teoria das filas de espera nos setores de fabricação, manutenção, transporte, tráfego, comunicações, vendas e serviços em geral. A teoria das filas de espera é um método estatístico que permite estimar as demoras que ocorrem quando um serviço tem de ser proporcionado a clientes e possibilita vários modelos para se explicar e otimizar as situações da vida real. (FERRARI), 2002

Sistemas de Tecnologia da Informação. Havia outras disciplinas além do Cálculo e da Estatística, havia uma disciplina que usava muito a Matemática, inclusive a teoria de filas na computação de modo direto, que era a disciplina de análise de sistemas, ou melhor, era a disciplina de avaliação de desempenho de sistemas computacionais. Tratava-se de utilizar a Matemática para avaliar sistemas de um modo geral, o funcionamento de redes e o desempenho de algoritmos, disciplina com que eu trabalhei durante o tempo em que ela existiu. Fora esta, tem a Matemática Financeira que, pela segunda vez, estou trabalhando, pois ela já existia em outro curso. Com a Pesquisa Operacional, acho que trabalhei seis ou oito anos com ela. Também lecionei Cálculo Numérico. Acho que passei na Fatec Ourinhos por todas as disciplinas que envolvem a Matemática até o momento. Naquela época o conteúdo era bem mais aprofundado. O cálculo que víamos na Matemática 1 e na Matemática 2 contemplava mais as teorias, e hoje, parece-me que está bem resumido e voltado apenas para as noções e pronto. Os outros professores que trabalharam juntos comigo, na mesma época, na década de 1990, tinham a formação de Matemática, ou seja, em Matemática. Eram formados em Matemática mesmo. Não me lembro de ter nenhum engenheiro trabalhando aqui na área de Matemática. Todos eram matemáticos formados em faculdades que tinham cursos de licenciaturas ou bacharelados. Eu acho que na época da criação da Fatec Ourinhos não foi feita uma pesquisa regional para se saber qual curso iria atender melhor às necessidades da região. Eu acho que o curso de Processamento de Dados era o carro-chefe. Na época, na década de 1990, houve o boom da computação, a necessidade de formação desse profissional. Não vejo nenhuma vertente que aponte a abertura do curso de Processamento de Dados em Ourinhos devido à necessidade local de formação dessa mão de obra. Acho que simplesmente ele foi criado.

Fonte: autoras, em 2022.

Por meio da narrativa do professor Sidney é possível conhecermos um pouco da sua formação profissional: após passar pela graduação, ele fez seu mestrado na USP de São Carlos, terminando-o em 2002. Quanto ao seu doutorado, recentemente o concluiu na UFSCar, de São Carlos. Seu mestrado foi no Instituto de Ciências Matemáticas da Computação, na Matemática aplicada à Computação, em teoria de filas. No doutorado continuou com o tema, mas vinculado à engenharia de produção. De acordo com o professor, em ambas as escolhas, houve a preocupação e a tendência de direcionar a Matemá-

tica em seus estudos para que pudesse envolver o seu relacionamento com a computação e o seu trabalho dentro da faculdade de tecnologia. O professor relata que trabalhar em cursos de tecnologia voltados à informática e o contato com os professores da área fizeram com que ele se sentisse envolvido pelo ambiente computacional e que o “casamento” entre seus cursos de pós-graduação e seu trabalho docente foi perfeito.

Em relação ao corpo docente de Matemática da Fatec em que lecionava (e ainda leciona), o professor relata que eram/são, todos, graduados em Matemática, e não oriundos de faculdades de engenharia. Neste cenário, percebemos que, pelo menos mais recentemente e em algumas unidades, não mais domina a influência dos professores de Matemática formados nas escolas de engenharias (as politécnicas), uma vez que, segundo Valente (2002, p.88), concordando com outras fontes que temos à mão, esses eram os professores de Matemática que circularam em nossas instituições de ensino até o início da década de 1920.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para pensarmos uma história da Fatec Ourinhos, guiamo-nos por elementos que podem dar indícios da cultura produzida, apoiando-nos nas entrevistas realizadas com dois professores de Matemática. Por meio dessas narrativas, é possível construir, exclusivamente, uma breve história que captura aspectos do cotidiano escolar e traz à cena seus atores, bem como a multiplicidade de experiências, de significados, de sentidos próprios, em oposição à unicidade e à homogeneidade existente nos ordenamentos oficiais e caracteriza muitos estudos sobre instituições de ensino (GASPAR, 2010). Os dois professores de Matemática foram incluídos entre nossos depoentes, por atenderem aos critérios que havíamos adotado no percurso entre a elaboração da pesquisa e as entrevistas realizadas: pretendíamos entrevistar professores com expressiva experiência docente da Fatec Ourinhos, priorizando (a) professores de Matemática, (b) a atuação nas décadas de 1980 e 1990, e (c) um espaço (Ourinhos).

De outro modo, buscamos abordar uma das dimensões fundamentais dos estudos sobre as culturas escolares praticadas no interior das escolas: os professores. Ao estabelecermos uma relação dinâmica entre o passado e o presente, cria-se a possibilidade de uma nova e breve história das instituições escolares e a pretensão de se produzir uma história do cotidiano escolar. (FARIA FILHO; VIDAL, 2004, p. 155)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. **A Construção e o Desenvolvimento de Currículo em Parceria**. VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, em Coimbra/Portugal, setembro, 2005. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel20/almerioaraujo.pdf>. Acesso em: 08.08.2022.

BATISTA, S. S. S; FREIRE, E. (org.). **Educação Profissional e Tecnológica: Perspectivas e experiências**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CAPDEVILLE, G. Os sistemas escolares alemão, inglês e francês e a formação de seus professores. **Em Aberto**, Brasília, n. 64, p. 43-60, out./dez. 1994.

COELHO, S. L. B. Repensando um Projeto de Educação Tecnológica Referenciado na Formação do cidadão-técnico: algumas reflexões para a formulação de novas propostas educativas. **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, n. 2, p. 52-56, jul./dez. 1997.

DURÃES, Marina Nunes. Educação Técnica e Educação Tecnológica Múltiplos Significados no Contexto da Educação Profissional. **Revista Educação e Realidade**, v.34, n.3, p.159-175, 2009.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FERREIRA, C de M. L. **A educação tecnológica no Terceiro Milênio: implicações do Pensamento Complexo de Edgar Morin**. 2013. 322f. Tese (Doutorado em Educação – Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.

GASPAR, V. História, Educação e Cultura Escolar. **Revista Pedagógica – UNOCHAPECÓ** – Ano 13 – n. 25, vol. 02 – jul./dez. 2010.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 3. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MINTO, L. W. **As Reformas do Ensino Superior no Brasil: o público e o privado em questão**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

VALENTE, W. R. “História da Matemática na Licenciatura: uma contribuição para o debate”. **Educação Matemática em Revista**. Ano 9, 11ª – Edição Especial. São Paulo: SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2002.

Políticas institucionais de internacionalização da educação profissional e tecnológica: um estudo a partir da história oral

Guilherme Antonio Bim Copiano. Sueli Soares dos Santos Batista.
Escola Técnica Estadual João Belarmino.
Unidade de Pós-graduação, Extensão e Pesquisa

INTRODUÇÃO

As propostas e diretrizes das organizações internacionais têm uma atuação fundamental no processo de internacionalização e descentralização das políticas educacionais direcionadas pelas atividades econômicas, pressionando as reformas na educação em escala mundial para a padronização dos métodos, dos conteúdos, novo gerenciamento das escolas e profissionalização dos professores.

Essas propostas têm impactos importantes para a internacionalização na formação profissional e tecnológica. Os estudos que versam a internacionalização da educação, no âmbito da educação profissional e tecnológica (EPT) de ensino técnico de nível médio, avançam de forma tímida e necessitando de políticas educacionais e institucionais mais claras e definidas. Desenvolver uma instituição internacionalizada não é pensar apenas na mobilidade acadêmica, mas desenvolver sua vocação institucional, criar o seu próprio caminho através de políticas institucionais, entender a sua realidade no cenário educacional e captar recursos para iniciar o processo de internacionalização.

O presente estudo parte da questão de como é possível compreender, nesse cenário, o processo de internacionalização das instituições de EPT. Devido à centralidade do Ceeteps no contexto paulista de oferta pública de EPT, a delimitação desse estudo se deu a partir da implementação da Escola Técnica Estadual (Etec) Santa Ifigênia que, a partir de uma parceria com instituição italiana de gastronomia, foi concebida como um espaço de excelência na formação de profissionais para o eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

A metodologia da pesquisa foi bibliográfica, documental e de campo. Quanto à pesquisa de campo o destaque foi para as entrevistas de história oral que, nos limites desse estudo se refere à adoção de um conjunto de procedimentos que resulte na elaboração de um projeto com seleção das pessoas a serem entrevistadas e a criação da relação entre o entrevistador e o entrevistado.

Além disso, parte-se da explicação do projeto de pesquisa, da seleção das perguntas, na realização da entrevista (áudio ou vídeo) e do tratamento da entrevista que pode prever transcrições e edições de textos (CARVALHO; RIBEIRO, 2013; RIBEIRO, BATISTA, 2017).

A ideia de coletar entrevistas surgiu com base nos estudos do acordo de cooperação técnico educacional entre o Ceeteps e L'italian Culinary Institute for Foreigners (ICIF). Trata-se de investigações através das narrativas dos atores que possibilitaram o resgate e a reconstrução da história da parceria entre o Ceeteps e essa instituição italiana para a implementação da Etec Santa Ifigênia, na cidade de São Paulo, em 2019.

Na primeira seção do texto são apresentados os resultados de pesquisa bibliográfica e documental sobre a internacionalização da educação e os desafios para a formação técnica e tecnológica. Nessa seção ainda é apresentada a delimitação do estudo quanto às estratégias institucionais de internacionalização com enfoque nas parcerias, especificamente a parceria entre o Ceeteps e o ICIF.

Na segunda seção do texto são apresentados os pressupostos que nortearam a escolha da história oral e os desdobramentos dessa escolha. Na terceira seção são apresentadas as análises das entrevistas.

GLOBALIZAÇÃO E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO TÉCNICA E TECNOLÓGICA

A globalização é um fenômeno que modificou as relações entre as nações e permitiu uma maior velocidade das trocas de informações mundiais, transmitidas pelos sofisticados aparatos tecnológicos, afetando as relações políticas e econômicas e consequentemente o mundo do trabalho e da educação. (AKKARI, 2011; SUDBRAK, NOGARO, 2016; MIURA, 2006; AZEVEDO, 2015)

A internacionalização da educação mais recentemente faz parte das relações acadêmicas entre as universidades num mundo globalizado. A universidade é produtora de conhecimento e apoiadora da pesquisa, sendo essa, muitas vezes, a normalizadora do fomento e do desenvolvimento do processo de internacionalização da educação. (PESSONI, 2017; LIMA, CONTEL, 2011)

Os principais autores que se dedicam ao estudo da internacionalização da educação e das políticas educacionais concentram-se no ensino superior, ficando em segundo plano os estudos que se dedicam a outras modalidades de ensino ou mesmo em instituições que não sejam necessariamente universitárias. (STALLIVIERI, 2001; AZEVEDO, 2015)

O mundo do trabalho e a educação profissional e tecnológica sofreram transformações e se adaptaram às novas realidades, às necessidades e às demandas advindas das estruturas das atividades econômicas, dos meios e processos de fabricação, das novas tecnologias e da competitividade em cenários

globais. O presente estudo se debruça sobre um universo pouco explorado; a internacionalização da educação no contexto da formação profissional técnica e tecnológica, especialmente a de nível médio, contribuindo com a ampliação desse campo. Assim, a proposta se insere no esforço de compreender esse processo, dando continuidade às pesquisas anteriormente realizadas no contexto do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional oferecido pelo Ceeteps. (REDE, 2019; VICARI, 2019; MENDES, 2020; MORAES, 2020, COPIANO, 2021; BATISTA, AGUILAR, FREIRE, 2022)

Ao longo dos nossos estudos foi verificado que o fenômeno de internacionalização da educação, no contexto da globalização, está marcado por movimentos de descentralização/descentralização das políticas educacionais, da participação das organizações internacionais nas políticas nacionais e dos investimentos realizados na educação de ensino superior, apresentam também um cenário desafiador para a educação profissional e tecnológica. (SCHWARTZMAN, 2016)

Destaca-se que a cooperação internacional se manifesta pelo interesse institucional mútuo de produzir projetos, promover a mobilidade acadêmica entre professores, alunos e técnicos e desenvolver outras atividades para proveito das instituições educacionais. (WESTPHAL; GISI, 2019) Dessa forma, o estudo ora apresentado se refere à cooperação internacional em duas instituições, o Ceeteps e o Icif, dentro de um recorte específico, ou seja, a formação e a inserção profissional no Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Antes mesmo da inauguração da Etec Nova Luz (atual Etec Santa Ifigênia), em agosto de 2009, foi assinado o “Accordo di Cooperazione Técnico- Educazionale che fimmano il Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e L’italian Culinary Institute for Foreigners (ICIF)” com o objetivo comum em manter, aprofundar e desenvolver, em conjunto, atividades pedagógicas, técnicas, gerenciais e de desenvolvimento institucional. (SÃO PAULO, 2009) Ainda que de forma embrionária, o primeiro contato entre as instituições foi formalizado através do Diário Oficial do Estado de São Paulo, publicado em 26 de novembro de 2009.

No Brasil, o Icif inicia suas atividades a partir do ano de 1999 através do financiamento do governo italiano, com o objetivo de divulgar o instituto e de promover ações – como o curso de cozinha italiana para cidadãos italianos e para qualificação de profissionais da área. O primeiro curso foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, nas instalações da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). No ano de 2002, o Icif repete o mesmo tipo de ação nas cidades de Porto Alegre e Bento Gonçalves. Em 2002, a Universidade de Caxias do Sul (UCS) entra em contato com Icif para desenvolverem uma parceria a fim de montar uma escola de gastronomia.

No ano de 2009, o projeto do Ceeteps da construção do novo prédio da administração e da Etec Nova Luz estava em andamento, quando o Icif foi contactado para estudar a possibilidade de uma parceria educacional. O docu-

mento intitulado como “Proposta de Acordo e Colaboração Icif – Centro Paula Souza”, emitido pelo Icif e datado em 13 de julho de 2010, aponta que em 2009, após o encontro entre as instituições, foi assinado o primeiro acordo de forma incipiente e genérica. Neste documento é relatado que no dia 07 de julho de 2010 acontece o encontro entre a Profa. Laura Laganá, Diretora Superintendente do Ceeteps, junto ao Icif, representado pelo Diretor Didático, Bruno Libralon, e pela responsável do Icif/Brasil, Paola Tedeschi. Deste encontro, uma carta de intenção foi formalizada relatando o pedido de colaboração na execução de um projeto com o know-how Icif, em relação a abertura (estrutura física) de uma Escola Profissional Hoteleira, oferecendo o conceito de um hotel e com um Centro de Cozimento Centralizado para treinamento dos alunos-cozinheiros, além da expertise Icif na produção didático-formativa.

A parceria que se desenhava entre as instituições foi embrionária, inovadora e moderna, que resultaria na construção de um Centro de Hospitalidade, na transferência do conhecimento do Icif, além da montagem dos laboratórios de cozinha e das doações de equipamentos de ponta e a mobilidade acadêmica entre as instituições.

No Diário Oficial de 04 de outubro de 2011, a matéria intitulada como “A boa mesa na escola”, anuncia de forma definitiva o acordo de cooperação entre o Ceeteps e o Icif, considerando a instalação de um Centro de Hospitalidade na futura Etec NovaLuz e a qualificação profissional de mão de obra para atender às necessidades de dois grandes eventos que o Brasil estaria sediando: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

O Ceeteps assinou convênio com a Italian Culinary Institute for Foreigners (Icif), tradicional escola de enogastronomia italiana, para a instalação de um Centro de Hospitalidade numa futura Escola Técnica Estadual (Etec), prevista para iniciar em 2012. Aliado aos interesses do Projeto Luz, da construção da nova Sede do Ceeteps e uma nova escola técnica, o “Acordo de Cooperação Técnico-Estudantil” entre Ceeteps e Icif é assinado em 28 de setembro de 2011 e publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo de 19 de outubro de 2011. A constituição do acordo baseou-se em duas propostas fundamentais: a) implantação de uma Escola Profissional de Hotelaria especializada em Cozinha Italiana, nas dependências indicadas pelo Ceeteps, e; b) o know how do Icif para a implantação dos ambientes da escola (laboratórios), na programação de cursos e dos recursos humanos.

No que se refere ao comprometimento do Ceeteps frente ao acordo e a parceria estabelecida, observa-se a responsabilidade da indicação da escola técnica que abrigaria o Centro de Hospitalidade e a divulgação para entidades públicas e privadas, resultado do acordo de cooperação entre as entidades.

A Etec Nova Luz, depois designada por Etec Santa Ifigênia, foi criada oficialmente através do Decreto Estadual nº 58.060 de 21 de maio de 2012. Porém, antes disso, uma Gestão Técnica composta pela arquiteta Elisabete Milani (Ceeteps), pela Profa. Ms. Esmeralda Macedo Serpa (Ceeteps – Coor-

denadora do Laboratório de Currículo do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer) e diretora do Icif Brasil Paola Tedeschi estavam à frente do projeto de implantação do Centro de Hospitalidade na Etec Nova Luz. Esse grupo de Gestão Técnica, previsto no acordo de parceria, teve como responsabilidade a concepção da infraestrutura dos laboratórios.

ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA CRIAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA ETEC NOVA LUZ/SANTA IFIGÊNIA

A ideia de realizar uma coleta de dados baseada em entrevistas com as componentes dessa gestão técnica surgiu com base nos estudos do acordo de cooperação técnico educacional entre o Ceeteps e o Icif. Trata-se de investigações através das narrativas dos atores que possibilitaram o resgate e a reconstrução da história dessa parceria internacional.

Por meio da história oral, as entrevistas enquanto construção de documentos, trouxeram a possibilidade de interpretações, discussões e questionamentos acerca do objeto de estudo. O uso da narrativa oral na pesquisa sobre a parceria de cooperação entre Ceeteps e o Icif propiciou a problematização do passado, permitindo uma análise das influências das políticas educacionais da instituição e da possibilidade de diálogos acerca da realidade atual.

As narrativas remetem à construção do conhecimento através de uma estrutura composta por personagens, início – meio – fim e uma sequência organizada de acontecimentos. As narrativas, que resultaram das entrevistas realizadas com gestores e professores das instituições Ceeteps e Icif, são histórias que relatam suas vivências e experiências, durante o processo de construção da parceria de cooperação técnico educacional e que poderão servir de modelo para uma reflexão sobre o impacto da internacionalização na educação de nível médio e técnico.

As entrevistas foram organizadas previamente a partir de eixos de análise. As questões, a seleção das entrevistadas e a análise dessas entrevistas foram momentos da pesquisa norteados por esses eixos temáticos, elaborados a partir do conjunto de leituras e documentos, aos quais teve-se acesso na fundamentação teórico metodológica.

Na elaboração das questões foi considerado o envolvimento dos atores-chaves com o objeto de estudo e elaborados eixos de análise. Com base nos estudos de Lotta, Pires e Oliveira (2014), que se referem aos burocratas de médio escalão, como os gestores (gerentes, dirigentes, supervisores e agentes) encarregados de operacionalizar as estratégias determinadas pelo alto escalão. Na continuidade dos estudos, os autores conceituam outro nível de burocratas, determinados como gestores de rua.

Esses gestores são, na hierarquia, os implementadores de ações provenientes dos processos das políticas públicas. Gestores de rua são os funcio-

nários do serviço público (policiais, professores, profissionais da saúde entre outros), que atuam diariamente com os usuários e interferindo diretamente no desempenho, na qualidade e no acesso aos bens e serviços aparelhados pelo governo. (LOTTA; PIRES; OLIVEIRA, 2014)

Analisando os estudos de Lotta, Pires e Oliveira (2014) e o escopo hierárquico criado para gerir inicialmente a parceria, optou-se em alinhar o conceito de burocratas de médio escalão ao eixo de análise que aqui denomina-se como Gestão Estratégica, por estarem no nível intermediário do processo, sendo responsáveis pelo elo entre formuladores e os implementadores das políticas públicas educacionais. Os eixos de análise Gestão Operacional e Técnico foram desenvolvidos para o enquadramento dos implementadores de processos, os burocratas de rua, que têm a responsabilidade da interação com outros atores institucionais, disseminando informações e construindo entendimentos relacionados às políticas públicas.

APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL NO PROCESSO DE PARCERIA INTERNACIONAL ENTRE O CEETEPS E O ICIF

Desenvolveu-se, assim, um método de investigação por meio das narrativas, possibilitando que os investigados pudessem compartilhar suas vivências, experiências e expectativas. Para isso, foi elaborado um roteiro de entrevista estruturado com perguntas orais gravadas e com o tratamento da pesquisa por meio de transcrição e edição de texto. Optou-se por escolher duas representantes da equipe de Gestão Técnica, responsável pela implantação do Centro de Hospitalidade na Etec Santa Ifigênia – a Entrevistada 01 e a Entrevistada 02; a diretora da Etec Santa Ifigênia – a Entrevistada 03 e uma docente do Ceeteps – Entrevistada 04. As entrevistas foram realizadas no período de julho a dezembro de 2020, por meio de video conferência da plataforma Microsoft Teams.

As entrevistas foram organizadas em dois momentos distintos. A primeira parte da entrevista, apresentada no Quadro 1, foi fundamentada em questões com informações gerais, com o objetivo de caracterizar as entrevistadas através da sua formação acadêmica e de sua trajetória institucional e/ou profissional, e; na segunda seção, representada através do Quadro 2, as perguntas foram desenvolvidas de acordo com o envolvimento dos atores dentro do processo.

Tomando como base a pesquisa de Lotta, Pires e Oliveira (2014), os eixos sugeridos para análise foram determinados pelo papel que esses atores-chaves desempenham na organização, sendo classificados como: técnico-político, aqueles gestores envolvidos diretamente com o alto escalão e são responsáveis pelas negociações e barganhas relacionadas ao processo, e; ao técnico-

gerencial, que são os gestores implementadores que traduzem as estratégias em ações cotidianas da organização, construindo padrões de procedimentos e gerenciando os serviços, conforme demonstrado no Quadro 2, para delimitar o recorte e uma melhor análise, considerando o referencial bibliográfico e a pesquisa documental desenvolvidos como suportes teórico-metodológicos na elaboração da pesquisa.

Quadro 1 – Caracterização das entrevistadas

IDENTIFICAÇÃO DAS ENTREVISTADAS/ FORMAÇÃO ACADÊMICA	TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL / PROFISSIONAL
<p>Entrevistada 01 – Formada em Química pela Universidade de São Paulo (USP) e especialização em Análise Sensorial pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)</p>	<p>Diretora internacional para as Relações Internacionais da Asociación de Restauradores Gastronomicos de las Américas (Aregala); Sommelie internacional; Membro e Conselheira da Academia Brasileira de Gastronomia (ABG); Membro da Accademia della Gastronomia Storica da Itália; Diretoria e proprietária da Cuochi Ltda; Diretora e representante exclusiva no Brasil do Icif (Italian Culinary Institute for Foreigners) desde 1998.</p>
<p>Entrevistada 02 – Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Ibero Americano (Unibero), especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestrado em Educação pela Universidade de Sorocaba (Uniso)</p>	<p>Está no Ceeteps desde 1999, iniciando sua trajetória como professora na Etec Martinho Di Ciero (Itu/SP). Atualmente, além de professora da Etec Martinho Di Ciero, desde 2009 é docente da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) do curso de Gestão em Turismo. Sua experiência na educação transpassou pelas instituições Universidade Nove de Julho (Uninove) e pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (Ceunsp) e desde 2008 como Coordenadora de Área do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer junto a Unidade do Ensino Médio e Técnico (Cetec).</p>

IDENTIFICAÇÃO DAS ENTREVISTADAS/ FORMAÇÃO ACADÊMICA	TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL / PROFISSIONAL
<p>Entrevistada 03 – Técnica em Química(Escola Técnica Walter Belian); Técnica em Nutrição e Dietética(Etec Benedito Storani); Licenciada em Ciências com Habilitação em Química (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Professor Carlos Pasquale”); Licenciada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar (Centro Universitário Nove de Julho);Graduada em Engenharia Habilitação Química (Universidade Mogi das Cruzes);</p>	<p>Ingressou na instituição Ceeteps em 1988 como professora da Etec Camargo Aranha (SP). Coordenou o Projeto Escola do Futuro que teve início em 1994 na Etec Professor Camargo Aranha. No ano de 1996, foi designada como responsável pelo Projeto Escola do Futuro, na Administração Central do Ceeteps. Em janeiro de 2012 foi designada como Diretora Pró Tempore na Etec Zona Leste e em julho de 2012 iniciou a implantação da Etec Nova Luz, depois denominada de Etec Santa Ifigênia.</p>
<p>Entrevistada 04 – Técnica em Nutrição pela Etec Carlos de Campos (SP); Graduada em Nutrição pela Universidade Mogi das Cruzes (UMC); Especialização em Gestão da Qualidade Alimentos Indústria e Serviços pela Universidade São Judas Tadeu (USJT); Especialização em Licenciatura em Nutrição e Saúde pelo Ceeteps</p>	<p>Integrou o corpo docente do Ceeteps em 1994, da Etec Carlos de Campos no curso de Nutrição. Atualmente ministra aulas nas Etecs: Carlos de Campos – nos cursos de Nutrição (técnico modular) e Cozinha (ensino médio com habilitação profissional técnica); Santa Ifigênia – (no EJA Cozinha) e na Prof.^a Dr^a Doroti Quiomi Kanashiro Toyohara – Ensino Médio com Habilitação Profissional de Técnico em Eventos (como coordenadora de cursos e professora)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2020.

ANÁLISE DAS NARRATIVAS

A divisão em eixos temáticos permitiu a análise das entrevistas conforme as vivências, experiências e o envolvimento dos atores durante o processo de implantação do Centro de Hospitalidade e parceria entre as instituições. A investigação, através das narrativas orais, valoriza e explora as dimensões do objeto de estudo, permitindo a construção de dados e a interpretação dos acontecimentos passados. A transcrição das entrevistas gravadas possibilitou a leitura, a interpretação e a edição de trechos que serviram de pontos de reflexão desta pesquisa.

Quadro 2 – Eixos e temas norteadores das entrevistas

EIXOS	TEMAS CENTRAIS DA PESQUISA
Gestão Estratégica (Entrevistadas 01 e 02)	Acordo de cooperação internacional entre Ceeteps e o Icif: história e a concepção da parceria entre as instituições, a escolha da Etec Santa Ifigênia (antiga Etec Nova Luz) para abrigar o Centro de Hospitalidade, as experiências (positivas e negativas) do processo da parceria e a avaliação da importância da internacionalização de nível médio e Técnico
Gestão Operacional (Entrevistada 03)	Importância da Etec Santa Ifigênia para o Ceeteps, a relação da Etec com o entorno do bairro Santa Ifigênia e Luz, da percepção da internacionalização da educação de nível médio e técnico, a parceria entre o Ceeteps e o Icif e das vivências e experiências na direção da escola.
Técnico (Entrevistada 04)	A percepção da importância da parceria para a instituição, o envolvimento dos professores na parceria Ceeteps e Icif devido à mobilidade acadêmica e ao entendimento sobre internacionalização da educação.

Fonte: Elaborado pelos autores, em 2020.

Eixo Temático: Gestão Estratégica

A Entrevistada 01, diretora e representante do Icif/Brasil e, a Entrevistada 02, professora e coordenadora do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Ceeteps, integraram a equipe de Gestão Técnica responsável pelo desenvolvimento e implantação do Centro de Hospitalidade na Etec Santa Ifigênia (antiga Etec Nova Luz).

A narrativa inicial da Entrevistada 01 foi importante para conhecer o Icif e seus objetivos sobre o cenário da educação profissional. A Entrevistada 01 faz um relato importante sobre a comparação dos cursos de Gastronomia entre o Brasil e a Europa, no qual refere-se à estrutura e à educação de nível médio e técnico praticados na Etec Santa Ifigênia como ideais. A entrevistada faz uma crítica ao dizer que para formação em gastronomia não precisaria de universidades. Na Europa, os cursos são de nível médio e que o Icif se especializou para atender as necessidades desse público.

Fica evidente nas narrativas das Entrevistadas 01 e 02 que o marco introdutório de aproximação entre as instituições acontece através da Etec Bene-

dito Storani. A partir desse momento, conforme relato da Entrevistada 02, a direção do Icif/Brasil apresenta interesse em realizar possíveis projetos e parcerias com o Ceeteps. Uma dessas ideias surge com a possibilidade de construir uma parceria com a Etec Benedito Storani (propriedade rural) do curso de Viticultura e Enologia, projeto que atualmente encontra-se em estudo de viabilidade. O fato é que o trabalho de consultoria desenvolvido pela Entrevistada 01, na Etec Benedito Storani, possibilitou a aproximação do Icif com o Ceeteps.

Conforme a Entrevistada 2 relata e confirma, o estreitamento entre as instituições acontece na visita do diretor Bruno Libralon (Icif/Itália) ao Brasil e que será apresentado ao Ceeteps. O encontro seria fundamental para a alteração do projeto de construção do novo prédio da Administração Central e da Etec Nova Luz e que abrigaria, futuramente, o espaço do Centro de Hospitalidade.

Outro ponto de análise observado na entrevista foi a possibilidade de mobilidade acadêmica entre os professores do Ceeteps e do Icif. Na cláusula segunda, do acordo de parceria que se refere aos compromissos entre as instituições, ficou determinado o oferecimento do curso de Cozinha Mediterrânea e instrução em sala restaurante-bar, vinhos e azeites da Escola de Costigliole d’Asti (Itália) para 4 (quatro) docentes indicados pelo Ceeteps, durante o período de 6 (seis) meses.

Ainda sobre a mobilidade acadêmica, observa-se no depoimento da Entrevistada 02 como foi o processo para a escolha dos professores que seriam selecionados para realizar a capacitação no Icif/Itália. Para a Entrevistada 01, os cursos profissionalizantes ministrados pelo Icif nas instalações da escola têm como objetivo divulgar a parceria internacional entre as instituições, multiplicar o conhecimento através da culinária italiana, propiciar a mobilidade acadêmica de forma nacional e internacional e incentivar a participação dos docentes do Ceeteps (a cada curso são ofertadas duas bolsas para docentes da instituição). Além disso, a entrevistada citou a importância da organização dos eventos que ocorrem em colaboração entre Icif e a Etec Santa Ifigênia e que contribui para o fortalecimento da parceria.

Na última parte da entrevista, foi perguntado às Entrevistadas 01 e 02 sobre a importância da parceria entre o Icif e o Ceeteps, como forma de desenvolvimento da internacionalização da educação de nível médio e técnico. Para a Entrevistada 02, a parceria para o Ceeteps era “algo novo e grandioso dentro da Instituição” e faz uma narrativa importante sobre a importância do acordo. A Entrevistada 02 aponta que parceria para o Ceeteps, e principalmente para o desenvolvimento e crescimento dos cursos do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, foi um marco, porém faz uma ressalva sobre a importância do Centro de Hospitalidade se tornar uma referência para instituição e de no futuro ser administrado por uma gestão independente da Etec.

A Entrevistada 01, concorda com a Entrevista 02 sobre a importância dessa parceria e vislumbra que o futuro da parceria dependerá das políticas institucionais do Ceeteps para continuar crescendo e se estender para outras Etecs.

Eixo Temático: Técnico-Gerencial

Como o objetivo desta pesquisa é coletar informações através das narrativas dos atores envolvidos, as experiências e vivências no processo de parceria, a escolha pela representante da direção da escola teve como contribuição a visão da gestão operacional escolar. A primeira parte da entrevista foi centrada na percepção da Entrevistada 03 em relação à importância da então Etec Santa Ifigênia para o Ceeteps e da relação da escola com a comunidade escolar (entorno do bairro Santa Ifigênia e Luz).

Com a alteração no projeto inicial da Etec Santa Ifigênia, antes de assumir o cargo de direção da escola, a comunidade escolar estava incomodada com o fato da escola ofertar cursos vocacionados para a Gastronomia. Porém, a participação da comunidade escolar foi importante em alguns momentos. No relato a seguir, a Entrevistada 03 conta como foi o início da escola e como a comunidade escolar vem contribuindo e se envolvendo com a sua história.

Referente ao acordo de cooperação internacional entre o Ceeteps e o Icif e das políticas institucionais que envolvem a internacionalização da educação e em especial os alunos e professores da Etec Santa Ifigênia, a Entrevistada 03 relata que não participou das tratativas e não estava envolvida no processo, que apenas teve ciência da importância da parceria no evento em que representantes do Ceeteps e do Icif firmaram o compromisso. Do ponto de vista da gestão e operacionalização escolar, a Entrevista 03 enfatizou a contribuição da escola nos eventos internos e externos. Um exemplo é o Semana Mesa SP, evento realizado por iniciativa da Revista Prazeres da Mesa, que promove o encontro de chefs de cozinha, estudiosos, empresários do setor e foi realizado na Etec Santa Ifigênia entre os anos de 2015 e 2016. A experiência adquirida no evento Semana Mesa SP proporcionou à Etec Santa Ifigênia, em conjunto com seus professores, alunos e apoio do Icif, a criação e o desenvolvimento do evento gastronômico “GastroEtec”.

A Entrevistada 04 é docente do Ceeteps e participou do programa de mobilidade acadêmica, propiciada pela parceria com o Icif. Entrevistar uma docente corrobora o objetivo da pesquisa em coletar narrativas de diferentes atores que estiveram envolvidos com a parceria de cooperação internacional. Neste eixo temático, a perspectiva sobre as informações coletadas era de que o ator contribuisse com as suas percepções sobre: a parceria de cooperação internacional; o processo de mobilidade acadêmica entre o Ceeteps e o Icif, e, o entendimento do ponto de vista docente sobre a internacionalização da educação. A Entrevistada 04 ressalta sobre sua chegada à Etec Santa Ifigênia, a importância e o diferencial da escola em comparação a outras. A Entrevistada 04 era docente de outras Etecs e que, em decorrência da sua capacitação no Icif/Itália, assume o cargo de docente na Etec Santa Ifigênia. A Entrevistada 04 comenta sobre a construção da Etec Santa Ifigênia. Refere-se a ela como uma escola moderna do ponto de vista arquitetônico e estrutural (sala de aula,

laboratórios, bibliotecas entre outros). Comparando com outras escolas, que são centenárias, a Etec Santa Ifigênia tem arquitetura totalmente oposta.

Do ponto de vista da parceria entre as instituições, a Entrevistada 04 comenta como foi o processo de seleção dos docentes que estariam participando da capacitação no Icif/Itália. A Entrevistada 04 cita em diversos momentos sobre a quantidade de professores que se inscreveram no processo de seleção para a capacitação no Icif/Itália e que a oportunidade de fazer parte de um processo de mobilidade acadêmica foi uma aprendizagem intensa e única.

Os professores que participaram da capacitação no Icif/Itália tiveram a oportunidade de conhecer a cultura italiana, além de vivenciar e trocar experiências com outros alunos e professores. Essa capacitação foi fundamental para a operacionalização dos novos equipamentos que haviam sido instalados na Etec Santa Ifigênia. De acordo com a Entrevistada 04, não houve um curso ou treinamento específico com os demais professores do Ceeteps, mas uma troca de vivências e experiências no cotidiano, possibilitando novos conhecimentos e didáticas diferenciadas para os cursos da Etec Santa Ifigênia. No que tange ao entendimento da internacionalização da educação no ensino médio e técnico, a entrevistada acredita ser um processo embrionário e sugere que novas oportunidades sejam criadas para docentes e discentes da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização em eixos de análise das narrativas em Gestão Estratégica, Gestão Operacional e Técnico possibilitou o entendimento dos atores envolvidos no processo, conforme o papel desempenhado na estrutura organizacional. Analisar essa triangulação de eixos temáticos viabilizou o olhar da parceria por diferentes atores, os resultados obtidos até o momento e os desafios para sua continuidade.

Essas análises, não obstante, tiveram como primícia, o confronto de ideias ou pensamentos, mas, sobretudo, a percepção de diferentes visões. Um elemento comum entre os atores da pesquisa é o entendimento de que o Icif é uma instituição de relevância internacional e de expertise na área da Gastronomia, com cursos profissionalizantes, e que, o sucesso dessa parceria se deu em virtude da escolha de uma instituição com atuação educacional globalizada.

O Icif, ao longo da parceria com o Ceeteps, compartilhou não apenas o conhecimento na montagem de laboratórios, mas também, propiciou a modernização estrutural para os cursos do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Ademais, possibilitou através da mobilidade acadêmica, a modernização nos conteúdos didáticos, fortaleceu a importância da qualificação do profissional por meio da educação profissional e contribuiu para a elevação do conhecimento profissional e tecnológico dos alunos, de forma a

garantir uma pluralidade educacional. Dentro dessa perspectiva dos resultados da parceria, o eixo de Gestão Estratégica compreende que o Icif tem uma importância significativa nas políticas educacionais institucionais e percebe que essa experiência é uma oportunidade para que o Ceeteps fortaleça e intensifique suas ações na internacionalização da educação.

O segundo eixo de análise, o de Gestão Operacional, compreende que o Icif tem uma importância nas ações das políticas educacionais institucionais, porém por tratar-se de uma visão operacional escolar, os benefícios ficam restrito à Etec Santa Ifigênia. Nesse caso, o acordo de parceria perde uma visão mais ampla, ficando reduzido à operacionalização do uso dos laboratórios, compras de insumos, manutenções de equipamentos, entre outras atividades. Cabe ressaltar que o eixo de Gestão Operacional considera importante a parceria com o Icif, principalmente nos eventos que a escola organiza, aproximando os professores e alunos com o mundo do trabalho.

O gerencialismo empregado nesse nível hierárquico acaba, por muitas vezes, desviando o foco do Centro de Hospitalidade e a oportunidade de a Etec Santa Ifigênia ser a catalisadora do processo de internacionalização. Cabe nessa análise os seguintes questionamentos: A parceria entre Ceeteps e Icif é compreendida por todos do Ceeteps? O Centro de Hospitalidade é de fato um centro de referência?

No terceiro eixo de análise, o Técnico, coube a responsabilidade de compreender o seu papel enquanto o gestor de rua (LOTTA; PIRES; OLIVEIRA, 2014) e a sua percepção enquanto usuário da estrutura organizacional. Neste ponto, a narrativa docente demonstrou claramente a importância da parceria que resultou em conhecimento, vivências e novas práticas entre professores e alunos. Os eixos de análises resultaram nesse importante estudo sobre o entendimento da parceria e nas relações cotidianas institucionais. O fato do entendimento ou não da totalidade da parceria, abre a possibilidade de um desafio à frente- de se entender sobre a escolha da Etec Santa Ifigênia para abrigar o Centro de Hospitalidade. O termo “Centro de Hospitalidade”, que foi concebido desde as primeiras reuniões entre o Ceeteps e o Icif, é um ponto conflitante do seu entendimento e operacionalização. Nas narrativas do primeiro eixo de análise, que fizeram parte da Gestão Técnica do processo, o Centro de Hospitalidade foi idealizado para ser um centro de referência não apenas na gastronomia, mas para o Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Ceeteps. O eixo de Gestão Estratégica ressalta que a ideia inicial do projeto foi se perdendo e que para o Centro de Hospitalidade ser uma referência sugere uma gestão autônoma e independente da escola.

Ainda na análise desse eixo, o Centro de Hospitalidade é hoje uma escola de gastronomia usada com mais frequência por professores e alunos da Etec Santa Ifigênia. Os laboratórios são utilizados em alguns momentos para cursos ministrados pelo Icif e que, de certa maneira, contribuem para a proposta inicial de ser um local de disseminação de vivências e práticas. Mas existe a

percepção da subutilização do potencial do Centro de Hospitalidade e do Icif em que poderiam oferecer maiores resultados.

No que concerne ao entendimento do Centro de Hospitalidade para os eixos de análises de Gestão Operacional e Técnico é que o referido espaço é o local em que se encontram os laboratórios didáticos de gastronomia e hospedagem, sendo utilizado para as aulas práticas e vivências entre professores e alunos.

Neste ponto da pesquisa, abrem-se novas oportunidades para melhoria da parceria, que é a da disseminação do contexto e dos objetivos do Centro de Hospitalidade. Torna-se oportuno o envolvimento de outros setores do Ceeteps, como a Assessoria de Relações Internacionais (ARInter), para fomentar o conhecimento da referida parceria e contribuir na construção de políticas educacionais institucionais, visando a internacionalização da educação de nível médio e técnico.

Sobre a internacionalização da educação, resultantes do acordo de cooperação internacional, o entendimento sobre o tema é divergente. Para o eixo de Gestão Estratégica, fica claro que se trata de uma política institucional que beneficia o Ceeteps e o Icif, chegando a ser avaliada como positiva, uma vez que o investimento realizado na parceria para atender a educação de nível médio e técnico é muito parecido com o que ocorre na Europa. Na análise do primeiro eixo, a parceria resultou na democratização do ensino público, possibilitando professores e alunos de terem acesso a equipamentos de ponta, laboratórios de cozinha e meios de hospedagem completos, metodologias diferenciadas e a oportunidade de intercâmbios internacionais. Na compreensão dos eixos de Gestão Operacional e Técnico, ainda que não exista um entendimento claro sobre o significado do termo “internacionalização da educação”, é evidente que esse acordo trouxe uma possibilidade diferenciada de aprendizado e profissionalização para professores e alunos. A Etec Santa Ifigênia oferece uma estrutura de equipamentos, salas de aula, laboratórios, eventos e corpo docente diferenciados das demais escolas da instituição. Na análise das narrativas do eixo Técnico, a possibilidade da mobilidade acadêmica, que é uma das estratégias no processo de internacionalização da educação, proporcionou a troca de experiências, o enriquecimento curricular, o aprendizado de novas metodologias e as vivências culturais.

Foi interessante notar que durante as entrevistas com os atores-chave, embora a compreensão do termo internacionalização não fosse clara, as participantes entendem que tal processo é fundamental para a melhoria dos cursos técnicos e no avanço do conhecimento através de vivências e práticas pedagógicas.

Com base nas análises das entrevistas, no que tange ao entendimento do acordo de parceria internacional entre as instituições, pode-se notar algumas perspectivas, tais como: a) do ponto de vista das atividades: o programa de mobilidade acadêmica é importante para professores e alunos e deveria ser ampliado; b) do ponto de vista dos processos institucionais: a

comunidade escolar não tem um entendimento amplo sobre a sua dimensão (missão, objetivos, estratégias); c) do ponto de vista interno: a parceria é vista de acordo com a posição hierárquica que os atores ocupam na instituição, variando dessa forma os interesses e a gestão do processo; d) do ponto de vista dos resultados – os atores-chave entendem que a parceria possibilitou a troca de conhecimento, a capacitação de recursos humanos por meio do intercâmbio e do uso do Centro de Hospitalidade, o reconhecimento do Ceeteps na formação e qualificação profissional e a busca de nível mais elevado de desenvolvimento educacional através da tecnologia (equipamentos e laboratórios).

Esse trabalho não encerra a discussão sobre o tema, que requer a necessidade de novas pesquisas sobre a internacionalização da educação profissional de nível médio e técnico. Recomenda-se no âmbito institucional a continuidade de pesquisas futuras que tenha como abordagem:

- Como a parceria contribui para a visibilidade do Ceeteps no cenário da internacionalização da educação?
- De que maneira parcerias internacionais viabilizam a melhoria na qualidade de ensino e qualificação dos alunos?
- Como os acordos internacionais poderão cooperar na internacionalização curricular, possibilitando práticas e qualificação profissional de reconhecimento internacional?
- De que forma a mobilidade acadêmica (professores e alunos) propiciada pela parceria resulta em mudança de comportamento e interesses?
- Como desenvolver a habilidade do pensamento global e a importância da multiculturalidade para a prática profissional?
- Como construir um contexto institucional internacional e globalizado?

A principal contribuição desse trabalho foi analisar e descrever como ocorre o processo e as dinâmicas de internacionalização da educação profissional no Ceeteps, em decorrência da parceria com o Icif. O tema desenvolvido procurou responder à pergunta central sobre os benefícios do acordo de cooperação internacional entre as instituições Ceeteps e Icif, no que tange o desenvolvimento da internacionalização da educação profissional de nível médio e técnico, e ainda, estudar os efeitos da parceria e da importância para a formação profissional e técnica do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Espera-se que o presente trabalho possa colaborar para futuros estudos sobre a internacionalização da educação profissional de nível médio e técnico.

REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios**. Petrópolis: Vozes, 2011.

AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. Internacionalização ou transnacionalização da educação superior: entre a formação de um campo social global e um mercado de ensino mundializado. **Crítica Educativa**. Universidade Federal de São Carlos, v. 1, n.1, p. 56-79, jan./jun. 2015.

BATISTA, Sueli S. S.; AGUILAR, Luis E.; FREIRE, Emerson. **Políticas de internacionalização da educação profissional e tecnológica**. São Carlos, Edufscar, 2022

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. Centro Paula Souza: São Paulo, 2013.

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA(Ceeteps). **sítio institucional**. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/cursos-oferecidos-nas-etecs/>. Acesso em:16 de jul. 2022.

COPIANO, G. A. B. **Internacionalização na educação profissional: o estudo de cooperação internacional entre o Ceeteps e o Icif**. 167f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2021.

ITALIAN CULINARY INSTITUTE FOR FOREIGNERS. **sítio institucional**. Disponível em:<https://www.icifbrasil.com.br/>. Acesso em: 02 jul. 2022.

KNIGHT, Jane. **Cinco verdades a respeito da internacionalização**. International Higher Education, 2012. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fábio Bertoli. **Internacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e geopolítica do conhecimento**. São Paulo:Alameda, 2011.

LOTTA, G. S.; PIRES, R. R. C.; OLIVEIRA, V. E. Burocratas de Médio Escalão: novosolhares sobre velhos atores da produção de políticas públicas. **Revista do Serviço Público**, [S. l.], v. 65, n. 4, p. p. 463-492, 2014

MENDES, Marcela. **As políticas de internacionalização da educação profissional e tecnológica**: um estudo de caso na perspectiva da gestão participativa entre Ceeteps e Senati. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo – SP, 2019.

MIURA, Irene Kazumi. **O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo**: um estudo de três áreas do conhecimento. 381 f. Tese (Livre docência). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto – SP, 2006.

MORAES, Evandro. **Mobilidade Acadêmica Discente Na Educação Profissional e Tecnológica**. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educ. rev. (online)**. n. 28, p. 107- 127. 2006.

PESSONI, Lucineide Maria de Lima. **Internacionalização das políticas educacionais, finalidades educativas escolares e qualidade de ensino**: a Reforma Educativa no Estado de Goiás. 211 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO, 2017.

REDE, Gilson. **Políticas de internacionalização de currículos dos cursos técnicos do Centro Paula Souza e do Senati**: desafios e limites. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

RIBEIRO, T. M. M.; BATISTA, S. S. dos S. Construção da memória e da história da formação docente para a educação profissional e tecnológica a partir das narrativas sobre o cotidiano escolar. **RIDPHE_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 3, n. 2, p. 369–384, 2017.

SANTOS, Alessandra Xavier. **Educação profissional e mobilidade internacional: um estudo de caso**. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2018.

SANTOS, Margarete. **O processo de internacionalização no ensino técnico de nível médio**: o estudo de caso do Centro Paula Souza e do Senai-SP. 145 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2015.

SÃO PAULO. **Resolução nº 151/CADES/2012, de 01 de agosto de 2012.** Dispõe sobre Projeto Nova Luz. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2 ago. 2012. p.23-25.

SÃO PAULO. Assessoria de Planejamento e Desenvolvimento. **Extrato de Convênio.** Diário Oficial do Estado de São Paulo. Poder Executivo – Seção I. São Paulo, 26 nov. 2009. p.53.

SCHWARTZMAN, Simon. **Educação média profissional: situação e caminhos.** São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

STALLIVIERI, Luciane. Internacionalização da Educação Superior em Contextos (Des)Favoráveis. **VIII Jornadas Binacionais de Educación.** Uruguai, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340634591>

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras,** Brasília, v. 24, n. 48, p. 35-37, 2001.

SOGAYAR, Roberta Leme; REJOWSK, Mirian. Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. **Turismo: Visão e Ação,** Balneário Camboriú, SC, v. 13, n. 3, p. 282-298, set. 2011. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/2501>. Acesso em: 01 de mar. 2021.

SUDBRACK, Edite Maria; NOGARO, Arnaldo. Internacionalização e Educação: impactos nas políticas educacionais. **RP3 – Revista de Pesquisa em Políticas Públicas,** n. 1, p. 44-57, 23 jun. 2016.

VICARI, Ana Paula Ferreira. **O Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional do Centro Paula Souza:** percepção do aluno participante. 107 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional). Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 2019.

WESTPHAL, Angela Mara Sugamostode; GISI, Maria Lourdes. A educação superior no contexto da cooperação acadêmica internacional. **Interações,** Campo Grande, n. 2, p. 369-382, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.voio.1822>. Acesso em: 16 de fev. 2021.

Sobre os autores

Américo Baptista Villela – é Mestre em História da Educação pela Faculdade de Educação (2011). Graduado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (1991) e ambos na Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é historiador lotado no Museu da Cidade, órgão da Prefeitura Municipal de Campinas e Professor da Etec Bento Quirino, atuando principalmente nos seguintes temas: museus, educação, história e Campinas. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza desde 2008.

Almério Melquíades de Araújo – possui graduação em Física pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências e Letras Professor Carlos Pasquale (1991) e Mestrado em Educação (Supervisão e Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995). É pesquisador da área de Currículo em Educação Profissional e Tecnológica, participando e organizando congressos, seminários, feiras e comissões que tratam do assunto. Membro da Comissão Executiva do Fórum da Educação Profissional do Estado de São Paulo; Presidente das Comissões de Qualificação de Diretores e de Coordenadores de Área Acadêmica e Pedagógica e do Comitê de Diretores das Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo. Atualmente é Coordenador da Unidade do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, respondendo pelos grupos de elaboração e reformulação curricular, capacitação continuada de docentes, educação a distância e supervisão educacional.

Daniele Torres Loureiro – graduada em Administração Pública pela Universidade Federal de São João Del Rei (2019) e em Automação de Escritórios e Secretariado pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). É pós-graduada em Planejamento e Implementação de Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (2015) e em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Faculdade de Educação São Luís (2010). Em 2016 e 2017 foi aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da UFSCar Sorocaba, nas disciplinas de “Sociologia da Educação e Juventude” e “História da Educação”. Possui 8 anos de experiência como secretária, tendo atuado no terceiro setor e área administrativa da saúde. Desde 2003 é professora nas Etecs do Centro Paula Souza, atuando no eixo de gestão e negócios. Atualmente também é curadora do Centro de Memória da Etec

Fernando Prestes e professora responsável por elaborar avaliações no Grupo de Estudo de Educação a Distância–GEEAD. Em 2012 e 2013 ministrou aulas no curso de pós-graduação em Administração e Organização de Eventos no Senac Sorocaba e foi professora auxiliar no curso de Secretariado da Universidade Paulista/ Unip. Em 2014 e 2015 foi membro do projeto Biblioteca Ativa na ETEC Armando Pannunzio responsável por desenvolver atividades de incentivo à leitura; Em 2012 coordenou o Projeto “Oficina de Cidadania Secretariado em Ação” focado no desenvolvimento e incentivo de ações de cidadania junto aos alunos do curso de Secretariado da ETEC Fernando Prestes, também coordenou este último curso em 2006 e o Centro de Memória (2005/2006), tendo sido responsável pelo desenvolvimento de projetos, atividades de planejamento, controle e avaliação dos trabalhos pedagógicos e administrativos vinculados ao curso, bem como organização e preservação do acervo, elaboração de exposições e atendimento à pesquisadores. Enquanto coordenadora do Centro de Memória foi uma das idealizadoras da exposição ETEC Fernando Prestes na História desde 1929. Apresentou o Trabalho 76 anos de Educação Feminina na ETEC Fernando Prestes Retratados por Fontes Iconográficas, no VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação (2006). Publicou os artigos Ensino Profissional no Estado de São Paulo e Vamos Preservar a Memória Institucional, em 2005, no Jornal Cruzeiro do Sul. Em 2013 apresentou o estudo Fóruns instrumento de avaliação e fatores de sucesso no II Simpósio de Ensino Médio e Técnico e o trabalho de final de curso: Fóruns de Discussão no Ambiente Virtual como Instrumento de Aprendizagem: Um estudo de caso em um curso de graduação a distância, em 2015, na Universidade Federal Fluminense. Em 2009 participou do Programa de Intercâmbio de Grupo de Estudos promovido pela Fundação Rotária entre Brasil e Argentina, no período de 01/04/2009 a 30/04/2009. Em 2018, apresentou o artigo “O Espaço da Memória entra para a História: Retratos da Trajetória do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes” e o poster “Centro de Memória da Etec Fernando Prestes: a história contada pelos seus documentos do acervo” no VI Encontro de Memórias e História da Educação Profissional. Em 2021, desenvolveu o artigo “Trinta e Seis (36) Anos de História de Três Cursos Concebidos na Década de 1980 na Etec Fernando Prestes de Sorocaba” para o VII Encontro de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica: Cursos, Currículos e Inovação e em 2022, apresentou o poster. Um estudo sobre a educação física escolar entre as décadas de 1930 e 1950 a partir de fontes iconográficas no II Encontro sobre Documentação e Memória – EDOME.

Elaine Pasqualini – possui graduação em Processamento de Dados pela Universidade de Bauru, mestrado em Engenharia Naval e Oceânica pela Universidade de São Paulo, doutorado e pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é pro-

fessora titular no curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Faculdade de Tecnologia de Ourinhos. Tem experiência na área de Ciência da Computação e atua principalmente em engenharia de software, software educativo, aprendizagem, ensino, sistemas de informação e gestão de cursos na área de informática.

Érika da Silva Bronze Moura – possui graduação em Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto (2002), mestre em Saúde na Comunidade pelo Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP (2005), doutora em Nutrição pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas – UNESP – Araraquara-SP (2013) e Licenciatura Plena em Biologia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (2006). Atualmente é professora do curso de Bacharelado em Nutrição do Claretiano Centro Universitário de Batatais-SP, professora do Curso Técnico em Nutrição e Dietética da Escola Técnica Estadual José Martimiano da Silva. Estudando no curso de Gastronomia da Universidade de Franca (Unifran). Tem experiência na área de Nutrição, com ênfase em Análise Nutricional de População, atuando principalmente nos seguintes temas: avaliação nutricional, educação nutricional, adolescência, pré-escolar, escolar, obesos e hipertensos.

Eunice Corrêa Sanches Belloti – possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1986), graduação em Formação de Psicólogos pela Universidade Metodista de Piracicaba (1982), graduação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (1982), Mestrado em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (2002) e Mestrado em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente presta serviço técnico especializado em Psicologia – Consultório de Psicologia. Professor da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo a partir de 26 de julho de 1994. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: Memória, História Oral, Informática, Psicanálise, Sociedade, Novas Tecnologias na Educação. Foi vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Ourinhos. Palestrante com temas voltados a Psicologia, Psicanálise e Memória. Membro do Grupo de Pesquisa em Memória e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza (GEPHMHEP) e do Grupo de Psicanálise de Ourinhos (GEPO). Psicóloga Colaboradora Voluntária – Projeto Apoiar on-line, 2020 e 2021.

Fábia Dovigo Pais – possui graduação em Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Amparense (1994). Atualmente é Professora

de Ensino Médio e Técnico da Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves. Tem experiência na área de História, com ênfase em Memória e História da Educação Profissional do Estado de São Paulo.

Fernanda Ferreira Boschini – é Mestra em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional pelo Centro Paula Souza. Servidora Técnica administrativa da Educação no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – campus São Paulo. Atua na Coordenadoria de Documentação e Memória e no Centro de Memória «Professor Benedito Ananias da Silva», ambos do IFSP. Atualmente é líder do grupo de pesquisa NUPHMEPT- Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica. Atua em Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação. Experiência na área de Educação, com ênfase nas relações entre Educação e Trabalho na Educação Profissional. Tem pesquisas na área de Formação Docente para a Educação Profissional e Tecnológica e História e Memória da Educação Profissional.

Gilson Rede – é Mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, na linha de pesquisa “Gestão e Avaliação da Educação Profissional”. Possui MBA em Gestão Empresarial pela FGV (2004) e Especialização em Gestão de Negócios pelo IPEP (2001). Graduado em Administração de Empresas, com Habilitação em Comércio Exterior pela UNIP (1999). No Segmento Corporativo, durante quase 25 anos foi colaborador do Banco Bradesco S/A. Como última função, liderou a área de apuração de produtos de crédito do Banco Bradesco S/A – Dep. de Empréstimos e Financiamentos (matriz da instituição), com larga experiência na área econômica e de crédito. É Diretor de Departamento – Grupo de Formulação e Análises Curriculares no Centro Paula Souza e Professor na Etec Professor Camargo Aranha. Professor Especialista de disciplinas do curso de Administração de Empresas.

Guilherme Antonio Bim Copiano – é Professor de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza (desde 2016). Experiência na coordenação de cursos de História, Geografia e Turismo (2012-2016). Tem experiência na coordenação de Curso Técnico em Eventos (2016-2018). Possui Mestrado em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Ceeteps (2021), especialização em Gestão e Organização da Escola com ênfase em Coordenação e Orientação Escolar pela Universidade Anhanguera – Uniderp (2021), especialização em Formação Pedagógica para Graduados e Não Graduados pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Ceeteps (2018), especialização em Gestão

Empresarial pela Universidade Nove de Julho – Uninove (2010), licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Cidade de São Paulo – Unicid (2020), licenciatura em História pela Universidade Anhanguera – Uniderp (2016) e bacharelado em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM (2000).

Janice Zilio Martins Pedroso – mestranda em Educação (UENP), Especialização em Metodologia do Ensino de Matemática (2020), Docência e Pesquisa no Ensino Superior (2018) e Informática em Educação (2000). Licenciatura Plena em Pedagogia (2011), Matemática (2000) e Processamento de Dados (2000). Graduação em Análise de Sistemas (1996). Docente no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (desde 1997). Atuou como coordenadora de curso e coordenadora pedagógica nas Etecs Etec Orlando Quagliato e Prof. Pedro Leme Brisolla Sobrinho. Participante do Projeto de Pesquisa Coletivo: HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: de profissionais a empreendedores- Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza-CAAE: 48473721.4.0000.8125 (Plataforma Brasil) Pesquisadora do Grupo de Pesquisa – Preservação dos Bens Culturais: História, Memória, Identidade e Educação Patrimonial Universidade Estadual do Norte Pioneiro, desde 2021. Membro do Grupo de Pesquisa- História, Sociedade e Educação no Brasil – GT HISTEDBR Norte Pioneiro/PR, desde 2022.

Joana Célia de Oliveira Borini – é Licenciada em Geografia pela Unesp/Franca (1979) e Pedagoga pela Faculdade Soares de Oliveira de Barretos/SP. Tem Pós-Graduação “Lato Sensu” em Metodologia do Ensino Superior (1993), Pós-Graduação “Lato Sensu” em Análise de Texto e a Interdisciplinaridade (1995). Coordenou oficinas pedagógicas como a Semana da Educação em diversas instituições educacionais (1991/1998), proferiu comunicações em Universidades: Unesp, Unifran e Centro Paula Souza (1991/2018). Escreve artigos sobre a Educação Profissional participando de congressos nacionais e internacionais. Foi professora de Geografia na Etec Dr. Júlio Cardoso, de 1994 a 2022, desenvolvendo projetos no Centro de Memória da escola técnica, desde 2002. Membro Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP/Centro Paula Souza) desde 2008.

Júlia Naomi Kanazawa – é Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (1990). Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2008). Doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas. Docente da Etec Cônego José Bento / CeetepsSP. Professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP)

desde 2008. Integrante, como estudante de doutorado, do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação – MEMÓRIA, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: história e memória da educação profissional, cultura material escolar e imigração japonesa.

Jurema Rodrigues – tem Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade Riopretense de Filosofia Ciências e Letras – FARFI (1984) e Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação Antonio Augusto Reis Neves – Barretos/SP (1986). Tem Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela Faculdade de Educação Antonio Augusto Reis Neves – Barretos/SP (1992). Tem Pós-Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia e Aprendizagem pela Associação Cultural e Educacional de Barretos (2002). Fez o curso de Aperfeiçoamento em Ferramentas e Estratégias na Educação Básica (2010) e Pós-Graduação Lato Sensu Modalidade Especialização em Educação Especial Inclusiva (2011), ambos pelo Instituto Superior de Educação de Barretos.

Kelen Gracielle Magri Ferreira – cursa doutorado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade pela Universidade Estadual de Campinas e é mestra pela mesma área e instituição (2022). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Profissional do Centro Paula Souza (2022). Tem graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie (2004) e graduação em História Pela Universidade Nove de Julho (2020), graduação em Edifícios pela FATEC-SP (2003), especialização em Design de Interiores no SENAC-SP (2015), Curso técnico no Instituto Federal de SP – Edificações (1998) e ETEC Carlos de Campos – Design de Interiores (2005). Atualmente é professora de projeto na ETEC Carlos de Campos (desde 2009) e arquiteta no Banco Itaú-Unibanco (2015). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase nas linhas de educação, com formação pedagógica pelo Centro Paula Souza (2016) e em gestão de projetos, com certificação PMI.

Liene Cunha Viana Bittar – possui Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Professora da Fatec Franca, tem experiência na área de Letras (Literatura) e Comunicação Social, com ênfase em Comunicação Empresarial. Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação empresarial, comunicação e expressão, literatura portuguesa, literatura e história, estudos culturais, análise literária, educação a distância e metodologia da pesquisa.

Lucília dos Anjos Felgueiras Guerra – tem Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música pela Universidade São Judas Tadeu (1989). Foi diretora da Escola Técnica Estadual de Artes no período de 2010-2014, coordenou projetos de capacitação para docentes das disciplinas da Área de Produção Cultural e Design e para o Ensino Médio. É professora de Artes do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos, professora de Teoria da Comunicação e História da Arte para cursos das áreas de Arte e Design. Organizou e elaborou 23 planos de curso para o Eixo Tecnológico Produção Cultural e Design, para o Centro Paula Souza e é responsável e colaboradora em vários projetos da área de Artes dentro da Instituição. Desde 2014 é diretora do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão do Centro Paula Souza, que promove a Formação Continuada de 17 mil docentes que atuam nas Escolas Técnicas e nas Faculdades de Tecnologia, além das equipes pedagógicas e administrativas. Tem Pós-graduação Lato Sensu pela Unesp no curso: Fundamentos da Cultura e das Artes e apresentou como tema de Conclusão de Curso: A Arte na Educação Profissional (2010). Kursou MBA em História da Arte e da Cultura Visual pela Unincor e apresentou como tema de Conclusão de Curso: A Educação da Sensibilidade – Construção do Conhecimento a Partir da Experiência Estética (2020). Cursa Pós-Graduação “Lato Sensu” na PUCSP- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o curso Arte, Crítica e Curadoria.

Marcia Cirino dos Santos – pós-graduanda em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (LANTE/UFF). Pós-graduada em Gestão de Negócios em Alimentação e Nutrição pelo SENAC/CEATEL (1996). Graduada em Nutrição pela Universidade Metodista de Piracicaba (1985) e em Pedagogia pela Universidade Paulista (2014). Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Metropolitana de Santos (2007) e em Saúde pela Fatec Baixada Santista/Centro Paula Souza (2007). Atua como consultora em restaurantes industriais e comerciais na área de higiene e segurança alimentar. Atuou no ramo de alimentação coletivas em diversas empresas, atualmente é professora titular do Curso Técnico em Nutrição e Dietética do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GPEMHEP).

Maria Alice Pius – possui graduação em Tecnologia em Construção Civil modalidade Edifícios pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1988), mestrado em Engenharia de Produção pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1999). Docente em Regime de Jornada na Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC-SP), categoria Professor de Ensino Superior III.

Maria Lucia Mendes de Carvalho – é Pós-doutora em Museologia e Patrimônio pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), é líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) no CNPq. Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros *Cultura, Saberes e Práticas* (2011), *Patrimônio, Currículos e Processos Formativos* (2013), *Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional* (2015), *Coleções, Acervos e Centros de Memória* (2017), *Espaços, Objetos e Práticas* (2018), *Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos* (2020), *Concepções, Rupturas e Permanências* (2021), *Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar* (2022) e os e-books *História Oral na Educação: memórias e identidades* (2014) e *Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização* (2017).

Maria Teresa Garbin Machado – possui graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pelo Centro Universitário Barão de Mauá (1974) e graduação em Pedagogia (Licenciatura Plena) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava/SP (1979). Concluiu Mestrado em Educação no Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto/SP (2007). Doutora em Educação Escolar, na área de História da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR), da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp (2014). Professora aposentada da Secretaria da Educação do estado de São Paulo (educação básica II), e do Centro Paula Souza, em 2022. Lecionou Biologia na Escola Técnica Estadual Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlandia/SP, na qual foi diretora, de julho de 2004 a julho de 2012. Tem experiência como docente em Biologia Geral e Pedagogia, e atua como pesquisadora em história da educação brasileira, ensino

profissional e currículo por competências. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza- GEPEMHEP, desde 2008.

Marlene Aparecida G. Benedetti – fez Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual Unesp). Fez História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG) e Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Foi professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Foi Professora na Etec Trajano Camargo, em Limeira/SP, de 1995 a 2022. Pesquisadora sobre a história da escola Trajano Camargo, no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP/Centro Paula Souza), desde 2008.

Rosemeiry de Castro Prado – licenciaturas em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp Bauru (1989), Pedagogia pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho (1992). Habilitações em Orientação Educacional (1992), Administração Escolar (1992) e Supervisão Escolar (1993) pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Jacarezinho. Mestrado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC (2003). Doutora em Educação para a Ciência – Unesp/Bauru (2018). Pesquisadora do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Professora de Matemática do Ensino Médio da Organização Aparecido Pimental de Educação e Cultura, desde 1995 (Sistema Anglo de Ensino) e de Cálculo Diferencial e Integral da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec Ourinhos), desde 2008. Atuou como mediador(a) online do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Docente do Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes – BASis). Coordenadora do Curso Ciência de Dados da Fatec Ourinhos/SP.

Sibele Biondi Foltran – licenciada em Educação Artística com Habilitação em Desenho pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1978). Pós-Graduada em Psicopedagogia e Didática do Ensino Superior (2002) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Iniciou na rede estadual em 1979 e ministrou aulas de Educação Artística, Música, Desenho Geométrico e Técnico. Ingressou no Centro Paula Souza, através de concurso público em 1986, pela Escola Técnica Estadual “Professor Camargo Aranha” onde permanece como docente de Artes para o Ensino Médio e o Técnico Integrado ao Médio.

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva – possui graduação em Educação Artística pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1989). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes. Licenciada em Pedagogia Universidade de Uberaba (2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes “Lato Sensu” pela Barão de Mauá (2013). É professora da Etec Professor Mathheus Leite Abreu e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP) desde 2014.

Sueli Soares dos Santos Batista – realizou pós-doutorado no Departamento de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Unicamp (2012). Possui mestrado (1997) e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2002). É graduada em História pela USP (1992) e Filosofia pela Unicamp (2007). Coordena o Núcleo de Estudos em Tecnologia e Sociedade (NETS). Atualmente é professora e pesquisadora do Mestrado Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (Ceeteps). Leciona nas Fatecs Tatuapé e São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação, atuando principalmente nas seguintes linhas de pesquisa: Avaliação de Políticas Educacionais, Conceitos e contextos socioculturais do trabalho e da tecnologia na interface com a educação, Educação Comparada, Memória e História da educação profissional e tecnológica, Concepções e Políticas de Educação Profissional e Tecnológica. Faz parte do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude da ANPUH-SP pesquisando as relações entre juventude, educação e trabalho. É professora pesquisadora do Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional (Unicamp) e do Coletivo de Pesquisadores em Políticas Educacionais – COPPE (Unesp) e do Grupo Teoria Crítica e Formação Ético-Política (Ufscar). Coordenou projeto de pesquisa sobre internacionalização da educação profissional e tecnológica financiado pela Fapesp (Processo 2018/03106-8).



**HISTÓRIA
ORAL NA
EDUCAÇÃO**

DE
PROFISSIONAIS A
EMPREENDEDORES

CENTRO PAULA SOUZA

Unidade do Ensino Médio e Técnico

Rua dos Andradas, 140 – Santa Ifigênia
01208-000 – São Paulo – Tel.: (11) 3324-3300

www.cps.sp.gov.br



**SÃO
PAULO**

**GOVERNO
DO ESTADO**